

LILIANE BORGES

A romantic couple is shown in a doorway. The man, wearing a grey t-shirt and dark jeans, is lifting the woman. The woman, with long brown hair, is wearing a white sweater and is smiling at him. They are in a doorway with white doors. In the background, a white bicycle is visible. The floor is made of light-colored wood.

Na Porta Da FRENTE

LIVRO 2 - SÉRIE PRIMOS BASTOS



NA PORTA DA FRENTE

Livro Dois
Série Primos Bastos

Liliane Borges
2017

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2017 Liliane Borges

Capa: Liliane Borges
Revisão: Margareth Antequera
Diagramação Digital : Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Na Porta da Frente
Livro 2 – Série Primos Bastos

Liliane Borges
1ª Edição

Dezembro - 2017
Rio de Janeiro / Brasil

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Informações Adicionais

A Série Primos Bastos é independente, cada livro conta a história de um personagem, porém é recomendado ler na sequência por conter spoilers.

Sequência dos três primeiros livros da Série

Livro 1 — No Quarto ao Lado Livro 2 — Na Porta da Frente Livro 3 — Diante dos Meus Olhos Livro 4 — Não Resisto a Você

Boa Leitura!!!

Sumário [Dedicatória](#)

[Sinopse.](#)

[Capítulo 1 – Conhecendo a Vizinhança.](#)

[Capítulo 2 – Oh, Tô Chegando Hein?](#)

[Capítulo 3 – Pequenos Detalhes.](#)

[Capítulo 4 – Não é Meu.](#)

[Capítulo 5 – A Garota no Espelho.](#)

[Capítulo 6 – Como Não Te Notei Antes?](#)

[Capítulo 7 – Hormônios Aflorados.](#)

[Capítulo 8 – Só Vou Fazer a Cama.](#)

[Capítulo 9 – O Que é Que Tem?](#)

[Capítulo 10 – Louca Varrida.](#)

[Capítulo 11 – Trégua?](#)

[Capítulo 12 – Em sua Homenagem.](#)

[Capítulo 13 – O que é Crush?](#)

[Capítulo 14 – Cadê essa Menina que não Aparece?](#)

[Capítulo 15 – Detesto Gente Intrusiva.](#)

[Capítulo 16 – Não estou Dispensando.](#)

[Capítulo 17 – Ele Já tem até Nome.](#)

[Capítulo 18 – Você Agora é Minha Cúmplice.](#)

[Capítulo 19 – Não Dispara Coração. É Só o Vizinho Sem Noção.](#)

[Capítulo 20 – Me Pede um Beijo?](#)

[Capítulo 21 – O Humano, Não o Felino.](#)

[Capítulo 22 – Bônus Angelina](#)

[Capítulo 23 – Não Esquece da camisinha.](#)

[Capítulo 24 – Vem Me Buscar?](#)

[Capítulo 25 – Inconfundíveis Olhos](#)

[Capítulo 26 – Por Enquanto.](#)

[Capítulo 27 – Só Quero Ficar Abraçadinho](#)

[Capítulo 28 – Molinha. Molinha.](#)

[Capítulo 29 – Se Enrolando na Própria Teia.](#)

[Capítulo 30 – Aqui Jaz Rafael Bastos.](#)

[Capítulo 31 – O Grande Dia \(Parte 1\)](#)

[Capítulo 32 – O Grande Dia \(Parte 2\)](#)

[Capítulo 33 – Bônus Kaiary](#)

[Capítulo 34 – Eu Quero Você.](#)

[Capítulo 35 – Nunca?](#)

[Capítulo 36 – O Que Eu Não Quero.](#)

[Capítulo 37 – Conversa Comigo.](#)

[Capítulo 38 – Briga de Namorados.](#)

[Capítulo 39 – Quer Que Eu Vá Embora?](#)

[Capítulo 40 – Temo Não saber Como fazer.](#)

[Capítulo 41 – Perfeito Em Suas Imperfeições.](#)

[Capítulo 42 – Dois Meses.](#)

[Capítulo 43 – Irrevogavelmente.](#)

[Capítulo 44 – De Todos os Jeitos e Formas Possíveis.](#)

[Capítulo 45 – Bônus Gabriel.](#)

[Capítulo 46 – Missão?](#)

[Capítulo 47 – Eu Vejo Você.](#)

[Capítulo 48 – Oitava Maravilha do Mundo.](#)

[Capítulo 49 – Vou Cuidar.](#)

[Capítulo 50 – Vamos Fugir.](#)

[Capítulo 51 – Mais Linda Que A Paisagem.](#)

[Capítulo 52 – Deixa Eu Ser Sua Prioridade?](#)

[Capítulo 53 – Amar É...](#)

[Capítulo 54 – Para As Colinas Mais Distantes.](#)

[Capítulo 55 – Não Vou Ter Pena De Você.](#)

[Capítulo 56 – É Isso O Que Eu Quero Fazer](#)

[Capítulo 57 – Impossível Não Cair De Amores.](#)

[Capítulo 58 – Não Sou Ciumenta.](#)

[Capítulo 59 – Em Um Relacionamento Sério.](#)

[Capítulo 60 – As Melhores Possíveis.](#)

[Capítulo 61 – Definitivamente... Manicômio.](#)

[Capítulo 62 – Pode Fazer O Que Quiser.](#)

[Capítulo 63 – Me Desculpe.](#)

[Capítulo 64 – Em Uma Sinuca De Bico.](#)

[Capítulo 65 – Oficialmente.](#)

[Capítulo 66 – Pacto De Sangue.](#)

[Capítulo 67 – Eu Te Amo Pra Vida Toda.](#)

[Capítulo 68 – A Pior Pessoa Do Mundo.](#)

[Capítulo 69 – Fica Frio, Primo.](#)

[Capítulo 70 – Ela Me Abandonou!](#)

[Capítulo 71 – Eu Vou Sempre Estar Ao Seu Lado.](#)

[Capítulo 72 \(Final\) – Você É Minha Prioridade Rafael Bastos.](#)

[Epílogo.](#)

[Capítulo Extra – Bônus Bia.](#)

PERIGOSAS

[Próxima Publicação](#)

NACIONAIS-ACHERON

Dedicatória

Dedico estas páginas às queridas Adna Barreto, Aline Andrade, Ana Carolina, Andréia Fernandes, Denilia Carneiro, Fabíola Cieto, Genilda Rodrigues, Gislane Moreno, Jéssika Pereira, Júlia Goes, Layane Prado, Lígia Paula, Maria das Graças, Michelly Damasceno, Nicolle Stefany e Ully Botelho por amarem Rafael Bastos o tanto quanto eu.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Sinopse.

—Você tem o controle. Estou sem saída, estou em suas mãos...

Rafael Bastos sempre teve a mulher que desejou sem fazer nenhum esforço, até aquela garota de olhos bicolores e lábios carnudos cruzar seu caminho.

Ao contrário das outras mulheres que já passaram nas mãos deste irresistível sedutor, Maria Júlia parecia imune aos seus encantos, o levando fazer disso seu principal objetivo: Levar sua nova e bela vizinha da porta da frente para a cama.

Maria Júlia mal se mudou para seu novo apartamento e já teve o “*desprazer*” de conhecer seu novo e atraente vizinho.

Ela até que tentou, e muito, manter uma distância segura daquela intensidade toda em forma de homem, mas aos poucos se viu perdida em uma paixão perigosa e avassaladora capaz de destruir seu coração de menina.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 1 – Conhecendo a Vizinhança.



Maju

— Falta apenas as caixas com seus objetos pessoais, você pode pegar lá no carro, filha? — meu pai perguntou entrando no meu quarto. Sorri para ele e concordei com a cabeça.

— Gostou da cor? — perguntou se referindo a cor das paredes. Ele mandou pintá-las em tom de lilás, o mesmo tom das paredes do meu quarto em Petrópolis.

— Eu adorei, pai — o abracei.

Eu já estava com dezoito anos e meu pai ainda me tratava como se eu fosse uma garotinha, tanto que havia decorado meu quarto como se eu tivesse cinco anos de idade, mas eu o amava tanto que não me importava de ele não notar que eu havia crescido. Amava incondicionalmente aos dois.

Meus pais me adotaram quando eu tinha seis anos de idade. Nessa idade é um pouco difícil de uma criança ser adotada, os casais geralmente preferem os bebês, mas eu tive a sorte grande deles cruzarem meu caminho.

Não me lembro dos meus verdadeiros pais, nem mesmo do rosto da minha mãe, só sei que ela sumiu no mundo me deixando com a minha avó Helena. Depois que ela morreu fui parar em um orfanato.

— Vou ajudar sua mãe a desempacotar as louças — papai disse me desviando de tais pensamentos, me deu um beijo na testa e saiu.

Aproximei-me da janela e encarei minha nova cidade, admirada. Apesar de ter morado a minha vida inteira em Petrópolis, foram poucas as vezes que visitei o Rio de Janeiro. Fiz apenas aqueles passeios de turistas, visitei o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, a praia de Copacabana e o Teatro Municipal.

Apenas quando vim prestar vestibular foi que aproveitei para conhecer a noite carioca com a minha amiga Evelyn. Fomos a um bar na Lapa, bairro boêmio da cidade, mas agora eu estava ali, pronta para morar.

Meus pais iriam trabalhar na clínica de um amigo nas quintas e sextas-feiras, assim eles poderiam ficar comigo nesses dois dias, nos demais eu estaria sozinha, pois eles ainda continuariam com a clínica em Petrópolis. Os dois se dividiriam entre Rio e Petrópolis só para estarem alguns dias comigo.

Respirei fundo e saí para ir ao estacionamento pegar as caixas com meus objetos pessoais. Quando saí do apartamento dei de cara com uma placa presa na porta da frente, nela estava escrito *República Amor&Soca*.

República? Meu pai tinha comprado um apartamento de frente para uma república? Logo ele que detestava bagunça?

Que estranho. Bom eu só esperava poder me dedicar em paz ao meu tempo de estudos sem ter que ficar batendo na porta da vizinhança pedindo para baixarem o volume do som. Eu sabia ser bem chata quando queria.

Meu telefone tocou no momento que apertei o botão do elevador.

— Fala abusada! — era minha amiga Evelyn.

— E aí? Já conheceu quantos surfistas gatos?

— Nenhum sua louca, acabei de chegar, estava indo agora mesmo buscar o restante das minhas coisas no carro. Estou entrando no elevador, te ligo lá da garagem.

Desci até o estacionamento e destravei o porta-malas do carro de papai. Tirei as duas caixas que faltavam e fechei novamente. Encostei-me à parte traseira do carro para poder ligar para minha amiga.

Conversamos um tempo sobre a faculdade, sobre o clima, sobre ela vir me visitar no próximo feriado até que ela tocou no *assunto proibido*.

— Evelyn nós não falamos sobre *ele* lembra? — tentei mudar de assunto.

— Eu sei Maju, mas ele veio na minha porta procurar por você.

— Problema dele. Pelo menos não vai ter que me procurar no meio das pernas de algum cara como eu o encontrei entre as pernas da Darlene.

Darlene. Ele me traiu com a Darlene, meu Deus!

O assunto proibido em questão chamava-se Brady. É o nome era americanizado, mas o imbecil só não era mais capixaba^[1] porque era um só.

Eu e Brady nos conhecemos no segundo ano do ensino médio e apesar de tê-lo achado um gato, não pensei que fosse rolar algo entre a gente. Na verdade, eu não era muito sociável, sempre fui muito reservada e estudiosa, então consequentemente, era taxada de chata, o que não deixava de ser verdade. Ninguém queria se enturmar com uma pessoa que gostava de falar sobre disciplinas e notas em assuntos informais.

Mas absurdamente o Brady me notou. Bom não tão absurdamente assim, a verdade é que as pessoas sempre se aproximaram de mim por curiosidade. Mesmo sem querer sempre acabava chamando a atenção, desde que me entendo por gente.

O motivo? Minha heterocromia^[2]. Resumindo, um olho de cada cor e apesar de algumas pessoas acharem interessante e bonito, é uma anomalia genética que pode causar problemas oculares.

Nunca me achei feia, mas sempre tive consciência de que tinha uma beleza diferente. Nem todo mundo gostava e além dos meus olhos serem bicolores, eram enormes, juntando com a minha boca que também era exageradamente grossa, podemos dizer que era muita informação para pouco rosto.

A minha anomalia foi o motivo de Brady ter se aproximado de mim. Ele era novo no colégio e estava meio perdido – tirando as garotas que colaram nele – não conhecia ninguém. Ele usou a minha *beleza exótica* – palavras dele – para se aproximar de mim e por mais incrível que fosse, contrariando todos os conceitos que eu tinha tecido sobre ele, Brady mostrou-se um cara legal, pelo menos na época.

No fundo o Brady era só um garoto querendo se enturmar — nunca estive tão errada.

Dessa aproximação, no entanto, nasceu uma amizade e dois meses

depois estávamos namorando, até que ele resolveu mostrar quem era de verdade.

Um tempo depois, não lembro exatamente quanto tempo depois de começarmos a namorar, ele quis avançar o sinal. Ele queria transar, mas eu era virgem e não estava preparada. Brady fingiu entender e não propôs mais que a gente transasse, achei que estava respeitando minha vontade, mas na verdade ele estava era passando o *rodo* geral.

Eu só fui descobrir a traição dele, com a Darlene, quase dois anos depois que começamos a namorar.

Eu gostava daquele babaca!

— Tudo bem, não vamos falar sobre o *entojo*, até porque fiquei sabendo que ele está pegando a Deborah — minha amiga continuou.

— Evelyn!

— *Tá* parei. Mas me conta, já conheceu algum vizinho gostoso? Tipo daqueles que a gente lê nos romances?

— A gente não cara pálida, você sabe que não perco meu tempo com isso.

— Ai que chata! Só eu mesma pra te aguentar!

Ela tinha razão, eu não era lá um bom exemplo de cordialidade, acho que já disse isso, mas é sempre bom lembrar. Não tinha paciência para aturar certas coisas. Se eu não gostava, não disfarçava. Nunca consegui fingir, mesmo que eu tivesse que magoar.

Isso é uma qualidade, não é?

— Se te serve de consolo no apartamento em frente ao nosso tem uma república. — eu já podia ver os olhinhos dela brilharem com aquela informação — Mas não vi ninguém, afinal cheguei hoje.

— Tomara que sejam todos gatos e solteiros, é claro.

— Que seja. Eles não dando festas e eu não topando com garotas seminuas no corredor pra mim já está ótimo.

— Tomara que eles deem uma festa quando eu estiver aí — revirei os olhos — Vê se enturma logo pra ser convidada okay? Preciso desligar é dia da pizza, depois me liga, beijo.

— Beijo.

Coloquei meu celular no bolso do meu short e peguei as caixas. Não pareciam tão pesadas quando as coloquei no chão. Carreguei-as com dificuldade até o elevador.

As portas do elevador se abriram e eu peguei as caixas que havia deixado no chão, só que elas ficaram na minha frente dificultando eu enxergar direito e antes que eu pudesse ajeitá-las algo trombou comigo me jogando com caixa e tudo no chão.

— Droga! — vociferei vendo todas as minhas coisas esparramadas no chão.

— Foi mal princesa, eu não te vi — foi então que olhei para ele.

Uau!

Ele era o cara mais lindo que eu já tinha visto na minha vida. Tinha os cabelos da cor de mel, os olhos verdes bem vivos e o rosto lisinho, sem nenhum sinal de barba e era alto, muito alto e olha que eu não era baixa.

Desconcertada demais pela reação que ele me causou, desviei o olhar e o ajudei a colocar as coisas nas caixas. Seu perfume foi entrando nas minhas narinas sem permissão no processo.

Que cara mais cheiroso.

— Foi mal mesmo princesa, eu estava distraído — se desculpou mais uma vez erguendo a mão para me ajudar a levantar — Puta merda! — ele exclamou encarando pela primeira vez o meu rosto.

Seu semblante era ao mesmo tempo admirado e confuso.

— Caralho teu olho é estranho! É um de cada cor mesmo ou você está de lente? — perguntou se aproximando *O quê? Sério que ele disse isso?*

— Você está me chamando de estranha?

— Não, eu falei que seu olho é estranho — respondeu na maior naturalidade com os olhos ainda cravados na minha cara como se eu fosse um objeto de estudo.

— Estranho é você seu idiota! — peguei minhas caixas do chão toda sem jeito.

Só queria sumir da frente daquele cara. Nunca me chamaram de
NACIONAIS-ACHERON

estranha por causa do meu olho. Se o meu olho era estranho, eu também era, né? Babaca!

— Ei, eu te ajudo — o sem noção ofereceu tentando pegar uma das caixas.

— Não preciso da sua ajuda, passar bem — passei por ele pisando duro e praticamente corri para o meu apartamento deixando-o lá parado no corredor com a maior cara de tacho.

Fechei a porta atrás de mim e fui direto para o meu quarto.

Bonito daquele jeito é claro que tinha que ser idiota! Ainda bem que era idiota, eu já estava toda derretida pelo cara. Que sorte que ele abriu a boca logo.

Por um instante não me reconheci. Eu não ficava toda caidinha por alguém só por causa da aparência. Ao contrário da maioria, eu prezava muito o vocabulário, mesmo para uma primeira impressão e o daquele ali dava para ver que era precário. *Aff*.

Tudo bem que eu já estava acostumada a esse tipo de reação das pessoas ao verem que meus olhos eram de cores diferentes, sabia que muitas pessoas podiam achar estranho, mas poxa ninguém nunca tinha tido coragem de falar assim na minha cara.

Idiota!

Capítulo 2 – Oh, Tô Chegando Hein?



Rafa

Fiquei encarando atordado aquele vendaval em forma de garota entrar rapidamente no apartamento de frente para o meu.

Caramba que doida!

Eu não tinha culpa dela ter aqueles olhos estranhos. Desculpe, mas não consegui disfarçar, não é todo dia que a gente dá de cara com uma pessoa que tem um olho de cada cor.

Se não bastasse os olhos serem de cores diferentes, eles ainda eram enormes. A boca dela era enorme também, ou seja, muita informação pra pouca cara.

Sabia que minha atitude tinha soado um pouco estúpida, mas não foi minha intenção e a garota não deu chance de me desculpar. Bom, se acaso eu a encontrasse novamente e tivesse a oportunidade de me desculpar eu o faria.

Entrei no elevador rapidamente, pois já estava atrasado para me encontrar com o Gabriel e o Maycon antes da gente ir para o baile.

Encontrei o casal vinte na portaria cheios de caixas e sacolas nas mãos.

— O que é isso tudo, casal? — perguntei beijando a testa da Angel.

— Chama-se enxoval, meu querido — respondeu sorridente.

— *Tá indo aonde mané?* — Kay me perguntou — Baile funk.

— Credo! — minha amiga fez careta. — Como você consegue gostar disso?

— Gostando ué — respondi o óbvio.

— Deus me livre, não consigo gostar não. Ainda mais com aquelas letras chulas.

— Você está ouvindo as músicas erradas novata, seu noivo aí bem que gostava — aponte para um Kaiary mudo ao lado dela.

— É amor? — Angel perguntou encarando o noivo incrédula.

— Fazer o quê? Também tive uma fase idiota, mas já passou, só o Rafa que ainda não saiu dela.

— E nem o Gabriel. Ele vai comigo.

— Ih já está levando o Gabriel para o mau caminho?

— Eu não Angel, ele vai com as próprias pernas. — ela revirou os olhos.

O Gabriel andava me acompanhando em algumas saídas. É meu irmão estava recuperando o tempo perdido, eu já estava quase perdendo para ele o meu posto de *pegador*.

— O Gabriel está certo amor, ele *tá* solteiro tem mais é que aproveitar. — Kay falou para a noiva que o encarou de cara feia.

— Ah é? Por um acaso você está sentindo falta de aproveitar também?

— Não sabe por quê? — meu primo a puxou e a abraçou.

— Por quê?

— Porque eu tenho você. — eles se beijaram na minha frente como se eu não estivesse ali.

— Vou vomitar — sacaneei. Eles me ignoraram e continuaram sua sessão de amassos na minha frente.

Balancei a cabeça sorrindo. Aqueles dois eram tão melosos, mas ficavam tão bem juntos que eu só podia torcer pela felicidade deles.

— Acho eu já vi o bastante, já podem parar. Oh, tô vendo até a sua língua Kay. — eles não me deram bola e continuaram trocando saliva.

Quando finalmente se deram por satisfeitos, meu primo me intimou a

escolher logo a madrinha que faria par comigo no casamento.

— É sério Rafa. Vou deixar isso aí por tua conta.

— Como assim? O casamento é seu. Não é você que tem que escolher quem você quer como madrinha?

— Eu quero você, quem vai fazer par contigo não me interessa.

— Que gay isso cara! — Kaiary sorriu.

— É sério escolhe logo a garota.

— Falando em garota, vocês já viram a nova vizinha?

— Por que? Não me diga que você está querendo chamar a vizinha pra ser a madrinha contigo?

— Não é isso. Ela tem os olhos bicolores.

— Bicolores? — Angel perguntou confusa.

— É. Um de cada cor.

— Heterocromia — ela esclareceu despreocupadamente, mas eu não entendi nada.

— O quê?

— Chama-se heterocromia e não olhos bicolores.

— Como você sabe disso? Você a viu?

— Não. Eu ainda não vi a nova vizinha, mas é esse o nome que se dá quando os olhos são de cores diferentes. Uma menina que morava lá perto de casa tinha.

— Caramba nunca tinha visto e confesso que fiquei desnorteado.

— Rafael Bastos desnorteado por causa de uma garota? Isso sim é novidade.

— Não foi nesse sentido *mané*, achei estranho e acabei falando merda.

— O que você disse, Rafa? — Angel me encarou séria.

— Que era estranho, ora!

— Rafa! — ganhei um tapa — Você é a pessoa mais sem filtro que eu já conheci.

— Ai doeu, morena!

— Não a chame de morena, só eu posso chamá-la assim.

— *Hahaha* agora que vou chamar mesmo. Ó dá licença que vocês dois estão com a foda garantida. Deixa eu correr atrás da minha.

— Você é podre, Rafa! — ainda ouvi a Angel dizer quando saí pra rua para pegar um táxi.

Se gostar de uma foda básica ou não tão básica assim fazia de mim um cara podre, então eu queria mais era ser um pé inteiro de fruta podre.

Liguei para o Gabriel no caminho pra saber onde eles estavam. Encontrei-me com eles no bar de um amigo nosso na Barra, de lá seguiríamos para Jacarepaguá onde estava rolando o baile funk.

— E aí bonecas? — os cumprimentei sentando na mesa deles e já pegando uma cerveja do balde.

— Que demora Rafa, já é quase meia-noite! — meu irmão queixou-se.

— Relaxa Gabriel, a noite é uma criança — respondi despreocupado.

— Ih galera eu esqueci de avisar. Chamei a Adriele e a Luana para irem com a gente — Maycon informou.

— Caralho maluco! A Luana?

— O que é que tem, Gabriel? A Luana é maneira.

— Eu sei que é. É só que...

— Já *comeu*? — perguntei logo — Gabriel você não aprendeu nada se envolvendo com uma garota do mesmo ambiente que o seu? Já tá *pegando* a gerente?

— Não *comi* — suspirei relaxando — Mas estou querendo.

Fala sério? Esse cara só podia ter sido trocado na maternidade, não podia ser meu irmão!

— Brother *tu* tem um problema sério!

— Estou dizendo que quero e não que vou *comer*, não rola. Você está certo, mas é que... Sei lá, rola um clima sabe, mesmo quando eu estava com a Bia!

— Você traiu a Bia com a Luana? Ah meu garoto! Sendo assim — falei dando um tapinha nas costas dele.

Se a Luana ajudou meu irmão a colocar um chifre na cabeça desmiolada daquela lá, já tinha meu aval.

— Claro que eu não traí — se defendeu ofendido.

— Não vejo nada demais o Gaby pegar a Luana, ela é solteira, gostosa e é a chefe, tem suas vantagens.

Revirei os olhos e meu irmão nem se deu ao trabalho de fazer isso. Depois eu é que era sem noção.

— O papo está bom, mas ainda tem chão até a casa de show, *vamo* logo.

Pagamos a conta e seguimos no carro do Maycon até a casa da Adriele. As duas já nos esperavam do lado de fora do prédio.

A Luana era mesmo muito gata, se meu irmão não estivesse interessado, eu investiria e não, não era por causa da tal regra idiota que eu não ia tentar, era por respeito ao cara mesmo. Agora quanto a Adriele era só estalar os dedos. Desde o dia que dei um trato nela, virava e mexia estava me ligando, mas figurinha repetida nunca completou álbum então, estava fora do meu alvo.

A boate estava lotada. Chegamos ao som de Química do MC Biel, *minha* cara. Dançamos um tempo os cinco juntos até o Maycon me chamar para um canto pra me falar que a Adriele queria ficar comigo.

— Na boa Maycon, não vai rolar. Eu fiquei com ela uma vez e ela já me liga direto. *Tô* fora.

— Então vamos lá fora. Estou com uma mercadoria de primeira aqui comigo.

Mercadoria? De primeira? Não entendi logo de cara, mas fiquei puto pra caralho quando ele *desenh*ou pra mim.

— Vamos ali fora dar um tapinha.

— Tapinha é o caralho! *Tá* com droga aí, maluco? — perguntei cego de raiva.

A gente sabia que o Maycon gostava de queimar os poucos neurônios que tinha, mas ele nunca tinha oferecido, não até estar ali na minha frente me chamando pra fumar *um* na maior cara dura.

— Foi mal cara. Eu não sabia que você era careta. — falou dando os ombros.

Careta? Era só o que me faltava!

Odiava cigarro, fosse de maconha ou de tabaco. Eu ficava puto com Gabriel quando ele inventava de fumar. Se isso fazia de mim um careta, eu seria careta até morrer e ainda ia mandar escrever na minha lápide: *Aqui jaz Rafael Bastos, filho, amigo e irmão amado. Fodão e careta.*

Deixei aquele Zé *ruela* falando sozinho e fui fazer o que estava ali para fazer, aproveitar a noite e é claro garantir a minha foda.

Não demorou muito. Fui até o bar e pedi uma dose de uísque, sempre gostei de destilados, mas não tinha uísque e o carinha do bar me empurrou uma bebida ruim pra caralho. Fazer o que né, Rafael? Era esperar demais para um baile funk.

Ao meu lado uma morena gostosa pra cacete bebia uma batida de fruta toda concentrada no canudinho. Aquilo me deixou bem *animadinho* e já estava visualizando ela fazendo o mesmo com o meu *amiguinho*.

A morena gostosa cujo o nome nem me interessava usava um desses vestidinhos colados no corpo que para mim realçavam a silhueta da mulher, mas que minha amiga Angel dizia ser vestido de *periguete*.

Sentei-me ao seu lado e a encarei. Ela me encarou de volta e arqueou a sobrancelha. Dei o meu melhor sorriso e levantei minha bebida na sua direção. A morena sorriu e levantou a bebida dela também.

— Vamos brindar a que? — insinuou me dando um sorriso cheio de segundas, terceiras e quartas intenções.

— As fudas básicas ou não tão básicas assim. — ela arregalou os olhos antes de sorrir novamente e pronto, a minha foda que pela cara dela não seria tão básica assim, estava garantida.

Capítulo 3 – Pequenos Detalhes.



Maju

Depois de passar praticamente toda a manhã na praia e de perceber que eu já estava mais vermelha do que um camarão, cheguei à conclusão que era hora de ir para a casa.

Ajeitei minhas coisas na minha bolsa, vesti minha canga e segui para o meu apartamento. Eu estava amando viver a apenas poucos metros da praia e claro, viver no Rio de Janeiro. Estava aproveitando ao máximo a cidade antes das minhas aulas começarem.

Já dentro do elevador procurei minha chave dentro da bolsa e não a encontrei.

Droga! Esqueci minha chave.

Quando saí meus pais ainda estavam em casa, mas naquele horário, meu pai já estava na clínica e minha mãe já devia ter ido a Petrópolis resolver suas pendências.

Confirmei minhas suspeitas quando toquei a campainha e ninguém atendeu.

Era só o que me faltava, ficar presa do lado de fora.

O jeito era ligar para o meu pai ou me arriscar indo até o consultório, mas eu estava de canga. Droga!

Sentei-me no chão encostando na porta e peguei meu celular. Uma

garota saiu do elevador cheia de sacolas e parou na porta da frente.

— Ah, oi?! — me cumprimentou sorridente. — *Tá* tudo bem?

— Err... Sim, só esqueci minha chave — falei voltando minha atenção para o celular.

A garota continuou me encarando e eu é claro, continuei a ignorá-la.

— Eu sou a Angelina — disse erguendo a mão na minha direção.

Segurei a sua mão fazendo um grande esforço para não revirar os olhos — Prazer, Maria Júlia, mas pode me chamar Maju.

— Muito prazer Maju. Você está esperando um chaveiro ou algo assim?

— Não — respondi me levantando — Eu vou ligar para o meu pai, não posso ir até ele vestida assim — apontei para a canga.

— Você pode esperar por ele no meu apartamento, não é confortável ficar sentada aí no chão duro e frio.

— Não precisa se incomodar...

— A que isso! — minha vizinha sorridente e falante me interrompeu. Não estava no clima para gentilezas e muito menos para novas amizades — Vem deixa de frescura — e ainda me chamou de fresca!

Suspirei me sentindo frustrada, mas abri um sorriso e em nome da política da boa vizinha, resolvi aceitar e esperar o meu pai na República *Amor&Soca*, aff.

Angelina me passou algumas sacolas e abriu a porta me dando espaço para entrar. Entrei e devolvi as sacolas pra ela.

— Quer um suco, uma água?

— Vou aceitar a água, obrigada — falei tirando meus óculos escuros e os colocando na cabeça.

A garota foi até a geladeira e voltou com um copo de água. Ela sorriu pra mim e pareceu não ficar surpresa com a cor dos meus olhos.

— Obrigada — falei antes de beber toda água. Caramba eu estava com sede.

— Fique à vontade, vou colocar essas coisas lá dentro — ela sorriu olhando para as sacolas — Eu vou me casar em algumas semanas e minha

NACIONAIS-ACHERON

vida está uma correria.

— Parabéns pelo casamento — disse tentando soar amigável, afinal a garota estava sendo bem bacana comigo e não tinha ficado me encarando, o que já era um ponto para ela.

Sentei no sofá e liguei para o meu pai.

— Oi princesa. Seja rápida, estou com paciente. — meu pai disse quando atendeu. Mesmo em atendimento ele nunca deixava de atender minhas ligações.

— Pai esqueci minha chave e estou do lado de fora. O senhor vem almoçar em casa? — ainda tinha que preparar o almoço.

— Eu não ia, mas já que você está do lado de fora eu vou e levo o almoço, tudo bem?

— Tudo ótimo até porque eu não tenho como fazer a comida estando do lado de fora — sorri.

— Ok. Terminando de atender esse paciente já estou liberado. Agora tenho que ir.

— Tchau, pai!

Desliguei e encarei o apartamento, era praticamente igual ao nosso, exceto pela cozinha americana.

Era até bastante organizado para uma república, se bem que tinha uma menina morando nele, talvez ela fosse a responsável por deixar o lugar organizado.

Eu queria sair e esperar meu pai do lado de fora mesmo, mas garota estava demorando pra voltar.

Será que se eu saísse sem me despedir ia soar como falta de educação?

Claro que sim Maju, cadê os bons modos?

Reprimi a mim mesma em pensamento no momento em que a porta se abriu. Não a porta que a garota havia entrado, mas a porta da frente. Senti minhas bochechas queimarem quando avistei o cara sem noção do dia anterior parado na entrada do apartamento.

Ele parecia perdido, olhou para dentro e depois olhou para fora, mas precisamente para a porta do meu apartamento.

— Entrei no apartamento certo? — perguntou um sorriso lindo. Argh!
Era só o que faltava, o cara sem noção era meu vizinho, *da frente!*

— Se você não conhece seu próprio apartamento, não posso fazer nada — respondi com sarcasmo que ele ignorou com sucesso continuando a me encarar com aquele sorriso de propaganda de creme dental.

— Foi mal é que eu *tô* meio bêbado ainda, mas bom dia pra você também vizinha — falou entrando.

O bom humor dele era irritante.

— Você quer dizer boa tarde, não é? — perguntei olhando no relógio. Ele gargalhou.

Não dava para negar que o cara era lindo, ele tinha o queixo quadrado com um leve furinho que era um charme, seus olhos eram pequenos e as sobrancelhas grossas, mas estava parecendo um panda pelas olheiras escuras abaixo dos olhos verdes vivos. Esse fato infelizmente não alterava em nada seu rosto perfeito, sem falar no pomo de Adão que se sobressaltava em seu pescoço.

Enquanto a maioria das garotas gostavam de peitorais, abdômen definido e bumbum durinho, eu sempre gostei de reparar nos pequenos detalhes e aquele cara era cheio deles.

Nesse momento a vizinha legal – até demais – apareceu na sala me despertando daquele efeito hipnótico.

— Rafa, para de encher a garota!

— Nem abri a boca, novata — ele respondeu cheio de sorrisos para ela também.

Será que ele era o noivo? Não deveria ser, chegando bêbado com cara de noitada naquela hora da manhã, não é?

— Maju esse aqui é o Rafa, primo do meu noivo. Ele mora aqui com a gente.

— Prazer Maju — falou mordendo os lábios. Que isso gente!

— Maria Júlia — corrigi e recebi um olhar confuso da Angelina.

Eu tinha dito a ela que podia me chamar de Maju, mas ele não podia.

— Estou com fome — o sem noção disse para a Angelina que revirou

os olhos.

— Não te derem de comer lá aonde você dormiu, não?

— Vou ter que responder? — perguntou com um sorriso sacana nos lábios.

Debochado, era isso que ele era. Um debochado.

A garota revirou os olhos e foi para a cozinha. O sem noção pulou sobre o encosto do sofá e sentou ao meu lado, para não dizer quase em cima de mim. Afastei-me bruscamente, mas ele não se incomodou, se aproximou mais um pouco e eu não tinha mais para onde correr porque já estava encurralada no braço do sofá.

O idiota aproximou o rosto do meu e encarou os meus olhos. Estava tão perto.

Meu Deus será que vai me beijar?

— Se você não tivesse sido tão apressadinha pra nascer, capaz que teria nascido com os dois olhos da mesma cor — disse me olhando minuciosamente — Olha mais um pouco e esse aqui ficava da mesma cor do outro — falou apontando para o meu olho direito.

Bati na mão dele.

— Vai enfiar o dedo no meu olho agora? Já não basta ter me derrubado no chão?

— Eu não vou enfiar o dedo no seu olho — falou perto demais. Senti a respiração quente dele no meu pescoço e levantei num pulo.

— Você não sabe que dois corpos não ocupam o mesmo lugar não, hein? — perguntei me referindo ao fato de ele estar quase em cima de mim.

— Ah, ocupam sim — piscou com malícia.

Meu Deus, que cara mais sem noção!

— Rafa para de perturbar a Maju e peça desculpa pela sua indiscrição do outro dia! — Angelina falou séria com ele.

— A é. Foi mal ter dito que seu olho era estranho, acho que dá pra acostumar.

Acho que dá pra acostumar?

Como se eu quisesse que ele se acostumasse com alguma coisa a meu
NACIONAIS-ACHERON

respeito! Sorri com sarcasmo e peguei minha bolsa.

— Por favor, não se dê ao trabalho — virei as costas e caminhei em direção à porta.

— Obrigada pela hospitalidade Angelina, mas meu pai já deve estar chegando. Até mais — saí sem olhar para o idiota que continuou sentado no sofá gargalhando, que ódio!

Cara, esse idiota me tira do sério.

Ele era idiota, mas eu era patética. Meu Deus, achar que ele me beijaria! Fala sério! Desci a escada correndo pra esperar meu pai lá na portaria, não ia arriscar dar de cara com o sem noção de novo. Duas vezes na semana já era mais que o suficiente, mas quem estava contando, não é?

Joguei-me no sofá da recepção do prédio para esperar meu pai no momento em que outro cara gato entrou cumprimentando o porteiro.

Caramba só tinha homem bonito morando naquele prédio?

Ele também era alto, tinha os olhos verdes e lembrava o idiota. Será que era o noivo da Angelina?

— Olá — o bonitão disse com um sorriso perfeito de dentes brancos e alinhados.

— Oi. — respondi secamente, mas não era porque não queria papo ou algo assim, aquele era o meu jeito de lidar com estranhos, bonitos ou não.

— Você é nova aqui, né?

— Sim, moro no 402.

— Olha que coincidência. Eu moro no 404. Somos vizinhos. Prazer eu sou o Gabriel. — disse estendendo a mão.

— Maria Júlia, prazer.

— Seja bem-vinda a vizinhança Maria Júlia — disse amável.

— Obrigada.

— A gente se vê. — acenou e seguiu em direção aos elevadores.

Eu estava morando em alguma espécie de templo recheado de deuses e não sabia, era isso? A Evelyn com certeza iria adorar vir me visitar.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 4 – Não é Meu.



Rafa

— Rafa eu já disse que você é podre, hoje? — Angel perguntou da cozinha com as mãos na cintura e uma expressão igual a da minha mãe quando queria me dar bronca.

— O que foi que eu fiz agora? — perguntei deitando no sofá.

— Você estava dando em cima da vizinha, a coitada saiu daqui fugida.

— Ei não estava, não! — me defendi. Não estava mesmo, era meu jeito, *pô*.

— *Tá* e eu não te conheço? Quase sentou em cima da garota. E esse papo de que os corpos ocupam sim o mesmo lugar?

— Ocupam mesmo, ué. Bom quase — sorri. — É sério Angel eu não estava dando em cima dela, até porque ela não faz o meu tipo.

Não que eu fosse muito exigente em se tratando de mulher, mas a vizinha por incrível que pareça não tinha conseguido ganhar a minha atenção, não daquele jeito que a *prima* estava pensando.

Tirando os olhos que me deixaram intrigado – não nesse sentido – nada mais o fez. A garota era estranha. Tinha muita boca, muito olho, muito magra e tinha uma cintura tão fina que se eu pegasse de jeito, quebraria ela no meio, era certo. Sem falar que a garota ainda era minha vizinha de frente. Deus me livre, era quase como se a gente morasse juntos!

Eu não ia cair na mesma burrada que o Gaby e o Kay. Não mesmo.

— Eu pensei que o seu tipo era — ela fez uma pausa — Todos os tipos. Gargalhei.

— Você está muito engraçadinha hoje Angel e para de me fazer rir que minha cabeça está explodindo.

— Você pelo menos conseguiu garantir a sua foda, ontem? — fez aspas quando disse a palavra foda.

— Claro — suspirei lembrando da morena fogosa com quem eu tinha passado a noite.

A garota sabia o que estava fazendo. Eu gostava assim, sem frescura, sem pudor. Só prazer, sem precisar se preocupar com o outro dia.

— Pela cara que você está fazendo deve ter sido mesmo muito bom. Vai vê-la de novo?

— Morena aprende uma coisa. O sexo pode ter sido o mais incrível, que ainda será só sexo, valeu? Bom, deixa eu tomar um banho que *tô mortão*.

Quando eu estava me levantando para ir pro meu quarto tomar meu banho e cair na cama, meu irmão entrou no apartamento.

— Angel.

— Oi, Gabriel.

— Você *tá* aí mano? Por que não atende o celular? — perguntou sentando-se no outro sofá.

— Está sem bateria.

— Você sumiu, cara.

— Era desaparecer ou dar uns socos no *manezão* do Maycon. O idiota queria *fazer a cabeça*, que já não tem, e estava me chamando para ir com ele.

— Putz, que babaca!

— O Maycon lá do restaurante? — Angel perguntou boquiaberta.

— Ele mesmo, seu ex-pretendente — minha amiga revirou os olhos. — Bom vocês me deem licença que preciso dormir.

— Não tão rápido, *man* — Gabriel disse me encarando com um ar preocupado.

— O que é? Não vai me dizer que *comeu* a Luana?

— Não é nada disso, não peguei ninguém. Três horas da manhã já estava em casa, você que desapareceu.

— É a noite rendeu, mas então por que esta cara de preocupado?

— Cara melhor você sentar — eu que já estava de pé sentei-me novamente intrigado.

— O que tá pegando?

— A Cris está grávida.

Cris? Tentei buscar na memória quem poderia ser a Cris, mas ao meio-dia, meio bêbado e com sono, não consegui.

— Quem é Cris? — arregalei os olhos — Não me diga que você engravidou alguém, cara...

— Eu não, você!

— Quem é essa Cris, Gabriel?

— A prima das nossas primas, Angel. Uma daquelas que o Rafa gostava de levar pro pasto.

O quê? Cris estava grávida e estava dizendo que o filho era meu?

— Devagar aí com o andor *man*, não é meu. — e não era mesmo.

Se aquela louca estava me colocando na furada, com certeza era para esconder o verdadeiro culpado.

— Você tem certeza, irmão? Porque você vivia pelos cantos com ela, com ela e com a irmã dela também.

— Não é meu Gabriel, não sei porque aquela louca *botou* meu nome na furada. Eu não ia dar esse mole, não é meu.

— A camisinha pode ter furado — Angelina falou.

— Eu teria percebido. Não é meu, tenho certeza.

— É então você trate de provar. A mãe está doida atrás de você, já ligou umas quinhentas vezes no seu celular e o pai da garota, vamos dizer que — meu irmão fez uma pausa como se estivesse pensando — Quer te matar.

Passei as mãos no cabelo inconformado.

O que aquela garota ganhava com isso?

Respirei fundo e apesar de toda a confusão eu era inocente e não ia pagar o pato.

Peguei o telefone de casa e liguei para a minha mãe que já me atendeu soltando os cachorros em cima de mim.

— Não é meu mãe, caralho! — defendi-me quando ela me deixou falar.

— Rafa eu pensei que você fosse mais esperto. Com tanta garota aí no Rio, você tinha que pegar justo a prima das suas primas?

— Melhor do que pegar as primas, mãe — tirei o telefone do ouvido para afastar dos gritos que ela deu.

— Nem pense Rafael Bastos, nem pense!

— Nunca faria uma coisa dessas, dona Suellen.

Jamais ficaria com uma prima e olha que tínhamos muitas, cada uma mais gata do que a outra, mas eu as respeitava pra caralho, a elas e aos tios também.

— Bom, vem pra cá agora e vamos tentar resolver essa confusão toda. O pai da garota está vindo e está uma fera, a Cris vem com ele.

— Ok estou indo pra aí. — ia fazer aquela garota vomitar o nome do filho da mãe que a tinha engravidado ou não me chamava Rafael Bastos Manfrin.

— Vou contigo. Estou de folga hoje — Gabriel avisou.

— Ótimo, você dirige.



— Já conheceu a nova vizinha, *brother*? Gostosa pra caralho! — Gabriel perguntou quando já estávamos na ponte.

— Já vi. É sério que você achou isso? — perguntei surpreso.

— Claro que achei. E aqueles olhos, porra? Você tem um mulher de olhos verdes e azuis em sua só. — achei graça.

— Achei informação demais numa garota só — respondi.

— Ótimo então isso significa que eu posso investir?

— Teoricamente não, porque eu vi primeiro, mas como não tenho interesse...

— Queria falar contigo sobre essa porra de regra. Vamos acabar com essa merda, só deu ruim pro meu lado. Vamos nos preocupar apenas com o respeito um pelo outro, não precisamos de nada mais que isso.

— Você está certo, irmão — concordei.

Essa palhaçada de regra já estava passando da hora de acabar. Éramos homens adultos e teríamos que ser adultos para lidar com mulheres, e a merda toda que sempre vinha acompanhada delas.

— Então vai investir na vizinha? Você não aprendeu nada, Gabriel?

— É brincadeira. Estou fora de qualquer mulher que more a menos de dois quilômetros de distância de mim — gargalhamos.

— Isso inclui a Luana? — perguntei. — Vocês não moram juntos, nem perto, mas trabalham juntos.

— A Luana enquanto eu conseguir resistir, não vou pegar, não quero misturar as coisas e o bom é que ela é bem na dela, não força a barra o que a deixa ainda mais gostosinha, *cara de santa, mas não me engana não*, sacou?

— Saquei, muito gata mesmo — concordei.

— Rafa você tem certeza de que não engravidou a Cris, cara?

— Tô te dizendo que não, *man*. — a Cris tá colocando o *meu* na reta pra tirar o de alguém, mas hoje mesmo eu arranco o nome do infeliz dela.

Chegamos no apartamento dos nossos pais e do lado de fora já dava para ouvir a discussão calorosa.

— Espero que ele não tenha uma arma — meu irmão disse. Engoli em seco.

— Muito obrigado, Gaby — o sacana sorriu e abriu a porta.

Todos se calaram e olharam na nossa direção.

— Até que você é corajoso rapaz — o pai da Cris falou.

Além dele e dos meu pais, estavam a Cris e o meu tio Jeferson, pai das gêmeas. Meu tio me olhou com reprovação e eu odiei aquilo.

Embora eu não tivesse engravidado a Cris, transei com ela e com a irmã dela também, isso aos olhos do meu tio deveria ser decepcionante.

— Roberto deixa a gente falar com ele primeiro — minha mãe disse autoritária. Ela era uma líder nata, tanto que ele baixou a bola e assentiu —

Rafael, no seu quarto agora! — e eu fui, igual ao cachorrinho.

Seguimos eu, ela é o meu pai até o quarto.

— Não é meu já falei! — disse assim que meu pai fechou a porta.

— Eu acredito em você filho, a questão aqui é, cadê o seu respeito? Transar com as duas irmãs? Meu Deus seu tio Jeferson está com medo de você ter ficado com as meninas.

Olhei embasbacado para ela.

— Jamais faria algo desse tipo com minhas primas, mãe!

— Eu sei, mas ele não sabe.

— Eu sei que fiz merda pai, mãe, mas eu não sou o único errado, as garotas praticamente esfregaram na minha cara, não ia comer? — minha mãe revirou os olhos enquanto meu pai deu um risinho.

Pilantra toda vida aquele coroa. Só sossegou o facho depois que conheceu minha mãe, mas antes disso comeu metade das menininhas de Nikiti City^[3]. Eu tinha a quem puxar.

— Você acha isso engraçado, Felipe! — minha mãe ralhou.

— Eu prefiro ele traçando geral, do que sendo enrabado...

— Felipe! — não resisti e caí na risada, seguido por minha mãe que não aguentou vestir sua máscara de mãe rigorosa por muito tempo — Filho nunca te proibimos de nada, nunca nos metemos na sua vida, a única coisa que seu pai e eu sempre pedimos era que você se prevenisse.

— E eu obedeci à dona Suellen. Eu *encapo* bem meu material, toda vez. Se não tiver camisinha, não transo eu juro!

— Acredito em você, mas por que essa menina maluca está te acusando?

— Provavelmente porque ela está acobertando alguém, e eu vou descobrir quem é. Me deem cinco minutos com ela.

— Nunca que o Roberto vai deixar.

— Ele vai. Ninguém sai acusando meu filho assim sem dar a ele a chance de contar a sua versão. — meu pai falou.

Quando voltamos para a sala, o pai da Cris começou com o discurso. Primeiro disse que ia me matar, depois já queria me casar com a filha dele, ô

coroa indeciso.

— Cris vem aqui — fiz um gesto com o dedo indicador.

Ela me olhou desconfiada e o pai dela já segurando o braço dela esbravejou: — Você não vai a lugar algum, Cris.

— Se eu sou o pai — fiz aspas — Nada mais justo do que eu converse em particular com a mãe do meu filho. Vem Cris.

Dei as costas e entrei na cozinha, ela me seguiu mesmo com os protestos do pai.

— Cris — encarei seu rosto por um longo tempo deixando-a intimidada. — Por que você está tentando me ferrar? Ela abaixou a cabeça. — Te proporcionei orgasmos incríveis pra você me foder assim? — falei na maior calma do mundo.

— Até parece que eu não fiz o mesmo por você — respondeu me encarando.

— Fez e foi legal, não foi? — aproximei dela e segurei seu queixo para que olhasse para mim.

— Foi.

— Então por que está tentando me ferrar?

— Não estou tentando te ferrar, Rafa. Só estou ganhando tempo. — confessou.

— Não posso pagar pela merda que outro fez, Cris. Sabemos que tem como eu provar que esse filho não é meu.

— Ei sei Rafa, mas na hora me pareceu mais fácil dizer que é seu, do que dizer de quem realmente é — disse com olhos cheios de lágrimas — Estou tão ferrada!

— Eu sinto muito princesa, de verdade, mas você não pode me ferrar junto.

— Eu só estou ganhando tempo! — suplicou.

— Tá fazendo tudo errado — mudei minha estratégia. Cris me encarou confusa.

— O quê?

— Você está fazendo tudo errado. Está preocupada demais em proteger
NACIONAIS-ACHERON

o pilantra que te engravidou e preocupada demais em arrumar um bode expiatório. Está ocupada demais com medo de enfrentar o seu pai e se esquecendo do principal. Você não está mais sozinha — aponte para a barriga dela.

Ela automaticamente levou a mão no ventre.

— Tem uma vida crescendo aí dentro e vai precisar muito de você. Isso deveria ser a sua prioridade, princesa. Ninguém está realmente se importando com o bebê, mas e você?

— E-eu estou — gaguejou baixinho.

— Então, foda-se o resto, Cris! — ergui os braços em um gesto exagerado.

— É o meu professor de anatomia, é ele. Ele é o pai.

— Cara o que tem de errado com esses professores de hoje? Não podem ver uma aluna gostosinha que já vão dando o bote? — lembrei do babaca do Leoni. — Se algum dia eu tiver uma filha, vai estudar em casa.

— Não estou entendendo.

— Não interessa. Por que você está acobertando esse cretino? — perguntei, mas já fazia uma ideia da resposta.

— Ele é casado — claro que era.

— E você vai se ferrar sozinha por causa dele? Logo você Cris que é uma garota inteligente...

— Não vou me ferrar sozinha — me interrompeu — Você tem toda razão.

A garota já foi saindo da cozinha chamando o pai para ir embora. Pediu desculpas aos meus pais e se mandou. Seu Roberto saiu correndo atrás da filha deixando todo mundo perplexo, menos eu.

Sempre fui bom de lábia, sabia que era só ficar sozinho com ela que eu inverteria a situação. Se eu me comovi com a situação da garota? Não mesmo, ela estava disposta a me foder, mas se o que eu disse de certa forma a ajudou, bom para ela.

— Como você fez isso? — Gabriel perguntou.

— Só fiz ela refletir, nada demais.

— Tudo bem que não é seu, Rafa — tio Jeferson falou — Mas estou decepcionado, a menina é minha sobrinha, com tanta garota por aí!

— Tio, eu não sou mau caráter, eu só gosto de boceta, não posso ser crucificado por isso!

— Rafael Bastos! — minha mãe esbravejou incrédula.

— Dona Suellen não sejamos hipócritas. Tirando a senhora, todo mundo aqui nessa sala gosta da mesma coisa que eu. A garota queria me dar, eu comi. Foi consensual, ela não era mais virgem, e é maior de idade.

— O Rafa tem razão — meu pai veio em meu socorro. — Ele não tem culpa se as meninas de hoje são atiradas desse jeito.

— Vamos esquecer isso cunhado, está bem? Pode ficar tranquilo que se o Rafa chegar perto das meninas eu mesma arranco as bolas dele — minha mãe disse tentando tranquilizá-lo.

Revirei os olhos e encarei o Gabriel que fez um joia para mim, claro, depois de gargalhar as minhas custas. Respondi com o dedo do meio.

Caramba eu precisava relaxar depois daquela merda toda e relaxar significava transar.

Capítulo 5 – A Garota no Espelho.



Maju

Parei o carro no estacionamento da rodoviária Novo Rio e segui em direção a área de desembarque.

Minha amiga Evelyn já me esperava em meio a loucura que estava aquela rodoviária.

— Oieeee! — a doida pulou esbaforida em cima de mim.

— Hei mal chegou e já está fazendo *esquete*?

— Também senti sua falta flor, principalmente desse seu humor contagiante! — arqueei a sobrancelha.

Ela revirou os olhos e pegou sua mala de rodinhas rosa choque.

— O que temos pra hoje? — perguntou animada enquanto tentava me acompanhar empurrando a mala que devia estar pesando toneladas.

Já podia imaginar o que tinha lá dentro, vários pares de sandálias e salto altos, várias rasteirinhas, vários chinelos e uma infinidade de roupas para combinar com cada calçado.

Sem contar o kit de maquiagem importado, uma variedade infinita de biquínis e uma coleção de óculos de sol, tudo para passar, apenas, três dias.

— Anda logo! — falei apressada.

— Calma sua ranzinza, *tá* pesado.

Desacelerei o passo e parei no guichê para pagar o estacionamento.

— Isso é um Mini Cooper? — ela perguntou quando destravei as portas do carro. — Você tem um Mini Cooper? Desde quando você tem um Mini Cooper?

— Desde que meu pai comprou e me deu, entra logo aí mulher!

Minha amiga empurrou a mala e a bolsa dela para dentro do carro e entrou.

— Você vai me deixar dirigir, não vai? — perguntou colocando o cinto de segurança.

— Talvez — pisquei para ela que sorriu animada.

— E então o que temos pra hoje? — repetiu a pergunta.

— Eu não planejei nada.

— Como eu já sabia que você ia dizer isso, eu já planejei todo o nosso feriado. Nós vamos à praia, ao cinema, a alguma boate que tenha *gogo boys* deliciosos e na Lapa, eu adorei a Lapa.

— *Gogo boys*? É sério? — perguntei embasbacada.

— É muito sério.

— Não quer ir à uma boate de swing também, não?

— Até que não seria má ideia — respondeu sorrindo. Acabei sorrindo junto.

Pouco tempo depois entramos no estacionamento do meu prédio. Minha amiga pegou sua mala e me entregou a bolsa dela que também estava pesando uma tonelada.

— Credo o que tem aqui dentro?

— Minha carteira, óculos, um kit de maquiagem de emergência, moedas, absorvente e claro, uma chave inglesa — estreitei o olhar pra ela — Fazer o que? Sou uma mulher prevenida.

Pegamos o elevador e subimos tagarelando coisas sem importância. Minha amiga contava sobre o último meme do momento quando o elevador parou no meu andar.

As portas se abriram e demos de cara com ninguém mais ninguém menos do que o Rafa - vulgo vizinho sem noção - acompanhado de uma garota loira tão peituda que os peitos só faltavam saltarem na nossa cara, mas

minha amiga sequer a enxergou, estava ocupada demais babando no meu vizinho, que usava nada mais nada menos do que um short de malha que mais parecia uma samba canção.

Sério eu não queria ter encarado o tanquinho sarado dele, não mesmo, visto que eu preferia os detalhes, mas em minha defesa ele tinha uma pinta um pouco abaixo do mamilo esquerdo e foi isso o que eu olhei.

— Vizinha! — aquele tom debochado dele me despertou e eu senti raiva de mim por estar encarando seu abdômen. O idiota sem noção estava quase pelado no corredor!

— Bom dia — respondi secamente passando por ele e é claro ignorando a boneca inflável peituda.

Evelyn ainda nocauteada pela imagem do sem noção passou por ele, mas não antes de lhe abrir um sorriso maior que a boca, que foi retribuído a altura. Gente o cara ainda nem tinha despachando a loira e já estava de olho na minha amiga?

Parei de frente para a minha porta e me atrapalhei procurando minha chave.

— Nossa Senhora das Calcinhas Arruinadas! — Evelyn disse quando se aproximou — Aquilo ali é de verdade? Por que você não me disse que esse deus grego morava aqui no prédio?

— Ele não é o único — falei ainda procurando a chave.

— *Tá* de brincadeira? — perguntou olhando disfarçadamente - ou não - para a direção do casal. — Caramba o cara tem pegada! — olhei também na direção deles e ele estava praticamente comendo a garota ali no corredor.

Que horror!

— Onde aquela beldade mora?

— Na porta atrás de você, toma segura sua bolsa que está me atrapalhando achar minha chave.

— Maju o cara é um gato! Meu Deus, ainda não acredito que você não me... Ai disfarça que ele está voltando.

Meu vizinho seminu e sem noção se aproximou da gente com aquele sorriso contagiante que eu já tive o desprazer de presenciar. Revirei os olhos, já minha amiga parecia uma abelha atraída para o mel. Nem disfarçava.

— Lindo dia, não? — falou com aquela voz grossa e baixa dele.

— Ó, muito lindo — a Evelyn respondeu.

Aquilo por um acaso era uma competição pra ver quem era mais descarado?

— Eu sou o Rafael — o descarado número 1 disse pegando na mão da descarada número 2 que praticamente hiperventilava.

— Eu sou a Evelyn.

— Evelyn — ele repetiu vagarosamente. — E aí vizinha? — sorriu para mim.

— E aí? — respondi mirando o pomo de Adão dele que se mexia conforme ele falava, tudo pra não correr o risco de olhar para o abdômen dele mais uma vez.

— O que vocês vão fazer a noite? — meu vizinho perguntou, não pra mim, mas para a Evelyn.

— Nada, por quê? — nada? E a lista que ela havia feito? E os *gogo boys*? E a boate de *swing*?

— Então estão convidadas pra festinha logo mais. Vocês são minhas convidadas de honra. — piscou antes de abrir a porta do apartamento dele — Às nove, hein? Tô esperando vocês.

O vocês foi só pra ser gentil mesmo, estava na cara e no olhar pervertido que ele lançava pra Evelyn que ele estaria esperando por ela.

Entramos no meu apartamento e minha amiga desabou no sofá.

— Meu Deus o que foi aquilo?

— Além dele estar dando em cima de você descaradamente e você dando trela?

— Ele estava, não estava?

— Ele estava e estava se agarrando com uma loira peituda a poucos metros da gente também, esqueceu essa parte?

— Com certeza. No momento que encarei aquele abdômen e aqueles braços. — ela deu um pulo do sofá e pegou a sua mala.

— Onde eu vou ficar? Preciso desfazer a mala pra escolher o que eu vou vestir!

— Nós não iríamos a uma boate qualquer ver *gogo boys* dançando e despejando bebidas nas nossas bocas? — perguntei com sarcasmo.

— Amiga pra quê ver se eu não vou poder nem tirar uma casquinha, nem dar uma apertadinha no bumbum se eu posso dar uns beijos e uns bons pegas no seu vizinho gostoso? — bufei vencida.

— Segunda porta a esquerda — aponte para o corredor. Ela sorriu e foi praticamente saltitando na direção que eu aponte.

A noite depois que acabei de lavar os pratos sujos da pizza que havíamos comido, a Evelyn apareceu na sala toda produzida. Ela tinha sido convidada para a cerimônia do Oscar e eu não tinha sido avisada?

— Aonde você vai assim? Por acaso você tem convites para assistir alguma ópera no teatro Municipal, ou quem sabe pra cerimônia do Oscar? Ah, esqueci que isso já aconteceu e bem longe do Brasil.

— Dã! Eu estou indo na festinha da república *Amor&Soca* e você também.

— Eu não vou. — disse calmamente limpando minhas mãos no pano de prato. — Vou acabar de ajeitar a cozinha e vou ler um livro antes de dormir.

— Ah, não amiga, não faz isso comigo! Aquele gostoso estava me dando mole!

— Ué vai você, oras.

— *Nãooooo!* Não conheço ninguém vou ficar sem graça.

— Você Evelyn? Sem graça? — quem ela estava querendo enganar? Aquela doida desconhecia as palavras timidez e vergonha.

— Poxa Maria Júlia, eu sei que você é reservada, que não gosta dessas festinhas, mas custa aceitar o convite do seu vizinho e de quebra agradar sua “única” amiga?

A bonita estava jogando na minha cara que era minha única amiga.

— É por isso que você é a única. Amigos são interesseiros, quanto menos amigos, menor a chance de ter que fazer sacrifícios por eles.

— Por favor! — mais um pouco ela iria se jogar aos meus pés.

— Se eu for com você nessa festa faremos o que eu quiser pelo resto do feriado? — sim eu sabia barganhar.

— Aí é golpe baixo.

— É pegar ou largar — ela fechou a cara. Já imaginava que se aceitasse não faríamos nada daquela lista dela.

— Tudo bem, vai se arrumar.

Meia hora mais tarde bati na porta do quarto que ela estava. Evelyn me encarou com cenho franzido quando abriu a porta.

— O que foi?

— *T-shirt*, short e *allstar* é sério isso amiga?

— Esse é o jeito que eu sempre me visto. — falei ofendida.

— Ah, não, mas eu estou de vestido! E de salto!

— Evelyn não vou me produzir toda pra ir na porta da frente.

— Mas pelo menos vai colocar outra roupa — falou já abrindo a mala rosa choque e puxando várias peças lá de dentro.

— Aqui — empurrou-me um conjunto de *croppedd* e saia. O *croppedd* era de alça com várias tirinhas sobre o busto e a saia era de cintura alta, justa no quadril e com um babado na barra.

— Eu não vou vestir isso! — joguei na cama. Ela fez bico.

— Isso custou quase seiscentos reais *tá* bom? Mais respeito com os meus bebês — resmungou alisando as peças de roupas.

Como duas pessoas totalmente diferentes poderiam ser melhores amigas?

A resposta era justamente porque éramos diferentes. A Evelyn aturava meu mau humor com maestria, eu mesma não me suportaria se fosse ela.

— Se você não quer me deixar te produzir, não quero mais ir — falou abrindo o zíper do vestido.

— *Tá* bom, vai! — ela sorriu vitoriosa batendo palminhas.

— Você vai ficar linda. Vamos fazer uma *make* pra realçar esses olhos que morro de inveja e vamos abusar do batom vermelho nessa sua boca de Angelina Jolie.

— Vê lá, hein? Não vai me deixar com cara de palhaça. — pedi vestindo a roupa que ela havia escolhido.

Quando ela terminou a maquiagem sorriu satisfeita e eu? Estava até com medo de me olhar no espelho.

— Você está linda amiga! Vai ver.

Levantei-me hesitante, não queria ver, mas ela com certeza queria um elogio pelo “*belo*” trabalho, então caminhei até o espelho do guarda-roupa e encarei a garota no espelho.

Aquela não era eu, mas confesso que gostei do resultado. A maquiagem destacava bem meus olhos e como estava de noite eles pareciam da mesma cor. A roupa favoreceu minhas curvas e a saia não era tão curta, menos mal.

— Até que não está ruim — falei finalmente.

— Está maravilhosa. Hoje você arruma um admirador e quem sabe até um namorado.

— Não quero nem uma coisa, nem outra. Vamos logo, quanto mais cedo formos, mais cedo eu volto.

— Calma falta os sapatos. Você tem um sapato que combina com essa roupa, né? Porque não calçamos o mesmo número.

— Tenho aquele *scarpin* que comprei para a formatura, só usei uma vez.

— Ele tem salto baixo, mas vai servir. Vai lá, pega logo e vamos, estou morrendo de ansiedade.

As dez horas batemos na porta do apartamento do vizinho sem noção. Esperamos, mas ninguém foi atender, encaramos uma a outra. Minha amiga deu os ombros e abriu a porta.

Tinha bastante gente, muito mais mulher do que homem é claro. Um funk dos anos 90 tocava num volume até razoável e algumas *periguetes* rebolavam no meio da sala.

Ai que horror!

— Onde será que anda o vizinho gostoso? — Evelyn perguntou olhando para todos os lados.

— Comendo alguma *periguite* no quarto?

— Nossa obrigada! — resmungou.

O quê? Era possível não era?

Pelo que eu tinha visto mais cedo, para mim era quase certo, mas para queimar a minha língua, meu vizinho surgiu no corredor conversando com o Gabriel, ou outro deus grego. A Evelyn arregalou os olhos quando viu o Gabriel.

— Aí Jesus! Aquele é quem?

— Gabriel, também mora aqui.

— Morri e estou no céu com um tanto de anjo desses.

Para mim era mais como um inferno, cheio de diabinhos em corpos sarados e sorrisos fáceis.

Aproveitei que eles não estavam nos vendo e dei uma boa olhada no vizinho sem noção. Ele usava uma camiseta polo verde apertadinha nos braços destacando os bíceps. Seu cabelo estava molhado e ele o bagunçava mais ainda com a mão.

O danado era lindo. Os dois eram lindos.

Engoli em seco no momento que fui flagrada olhando para ele. Seus olhos verdes e estreitos fizeram uma varredura pelo meu corpo.

Espera aí? Ele estava olhando pra mim e não pra Evelyn?

Não, eu deveria estar enganada. Desviei o rosto para outro lado, mas parecia que um ímã me puxava para olhar para ele. Quando dei por mim, lá estava eu encarando meu vizinho de novo e sendo retribuída com aquele sorriso diabólico e uma piscadinha.

Maju isso não vai prestar.

Capítulo 6 – Como Não Te Notei Antes?



Rafa

Bati pela segunda vez com um pouco mais de força na porta do quarto do meu irmão.

— Qual é Gabriel? Abre a porra da porta!

Ouvi seus passos lentos em direção a porta, mas ele não a abriu.

— Sai fora Rafa! Tenho dois trabalhos pra terminar, cara. Como é que você consegue notas? Você nunca estuda, nunca faz um trabalho. E o que é que te deu pra inventar festa hoje?

— Quem foi que te disse que não faço meus trabalhos, *man*? É claro que eu faço, só que a maioria fazem por mim, vou fazer o que? E desde quando preciso de motivos pra fazer festa?

— Tenho pena dos seus clientes, você vai ser um advogado de merda.

— Vou ser o melhor, agora abre a porra da porta e vem se divertir um pouquinho.

— Me dá um minuto — deu-se por vencido. Sorri e me encostei na parede de frente para a porta.

Na realidade, eu não tinha intenção de dar festa nenhuma até pousar meus olhos na amiga da vizinha. Toda gostosa ela, então, por que não?

Ela também estava me dando mole e como eu sou pau pra toda obra, foi só unir o útil ao agradável. Foi o que eu fiz.

Gabriel saiu do quarto com cara de poucos amigos e *botou* o dedo do meio pra mim.

— Isso! — falei massageando os ombros dele — É essa animação que eu quero.

Ele sorriu e caminhou em direção a sala. Segui atrás dele cumprimentamos algumas pessoas. Fiz uma varredura pelo local e avistei a Bruninha rebolando na sala. Caralho, ela era muito gostosa. Se a amiga da vizinha não aparecesse eu já tinha uma segunda opção.

— Quem é a garota com a vizinha? — Gabriel perguntou.

Olhei na direção que ele indicava e puta que pariu. Aquela era a vizinha? Eu perdi alguns segundos a encarando, quer dizer, encarando as curvas dela que eu sequer sabia que ela tinha.

Nossos olhares se cruzaram e eu sorri e pisquei para ela que fechou a cara e me ignorou.

Sério que ela me ignorou?

Estava toda linda bem no meio da minha sala e achava que ia me ignorar tão fácil assim?

— Evelyn — respondi depois de um tempo para o Gabriel que me encarou confuso — O nome da garota com a vizinha é Evelyn, eu as convidei mais cedo.

— Você não dá ponto sem nó. — sorriu.

— Bom, vamos lá falar com elas — ele já ia saindo quando eu o segurei pelo braço.

— Eu mudei de ideia.

— Sobre o que *mané*?

— Eu vi primeiro.

— Mais a regra não existe mais, esqueceu?

— Eu vi as duas primeiro — continuei — Mas estou falando da vizinha.

Gabriel me encarou surpreso e abriu um sorriso sacana.

— Sério que *tu* quer pegar a vizinha da frente? Logo você? Está se esquecendo das consequências?

NACIONAIS-ACHERON

— No momento estou com amnésia, vem. — o puxei.

Quando estávamos nos aproximando das garotas, a Bruninha e a prima dela que eu esqueci o nome nos pararam.

— Gabriel, Rafa.

— Oi meninas — Gabriel as cumprimentou dando dois beijinhos em cada.

— Oi lindas! — também as cumprimentei.

Enquanto dávamos atenção as duas, dois carinhas que eu não conhecia se aproximaram da vizinha e da amiga dela.

— Quem são aqueles? — perguntei ao Gabriel.

— Eu que sei, a festa é sua.

— Aqueles são o Thiago e o Edu, estão com o Maycon. — a Bruninha esclareceu.

Putá merda, dois drogados.

— Você chamou o Maycon? — Gaby perguntou.

— Não. Dá licença meninas. — caminhei em direção a vizinha e a amiga acompanhado do Gabriel.

— Olá princesas — as cumprimentei já me enfiando no meio delas e as abraçando pelos ombros.

Os carinhas já estavam oferecendo bebidas para elas que por sorte ainda não haviam pegado. Não os conhecia, portanto não confiava. Podia não ser nada, mas eu era muito paranoico com esse negócio de aceitar bebida de estranho.

Os dois me olharam confusos enquanto eu encarava os copos nas mãos deles.

Senti que a minha vizinha tentava se desvencilhar de mim e a abracei pela cintura segurando seu corpo junto ao meu, ela me encarou com os olhos arregalados.

— Dá licença gente — Gabriel falou puxando a Evelyn pela mão.

— Vocês são? — encarei os dois marmanjos. Nessa hora o Maycon apareceu.

— Oi cara, algum problema?

— Não, só estou perguntando quem eles são. — senti Maju relaxar sob o meu braço.

— Pô cara, são meus amigos. O Thiago é meu primo, eu os convidei, achei que não tinha problema.

Tudo bem e eu queria saber quem tinha convidado ele também, mas tudo certo.

— Tranquilo cara. Nos dê licença.

Peguei na mão dela e levei até a cozinha. Quando chegamos lá a vizinha se desvencilhou da minha mão.

— Me desculpe por aqueles dois — falei jogando todo o meu charme pra cima dela.

— Você não tem controle de quem entra e sai das suas festinhas não?

— Eu não...

— E por que você achou que eu e minha amiga precisávamos de proteção? Não somos tão ingênuas assim, sabemos nos cuidar! — disse irritada.

Caralho de onde veio toda aquela raiva? E puta merda, ela ficava ainda mais gata toda *bravinha* daquele jeito.

Como eu não tinha reparado nela antes? Porra aquela *bocona* pintada de vermelho estava me deixando maluco. Senti meu pau pulsar dentro da calça me pedindo arrego.

— Escuta — falei me aproximando — Eu não convidei aqueles dois. Pra falar a verdade, não convidei nem o carinha que os trouxe e você tem razão, com certeza vocês duas devem saber como se defenderem, mas eu não deixaria nada acontecer a você e a sua amiga dentro da minha casa.

— Falando nela, onde seu primo levou a minha amiga?

— Primo? — sorri — Ele não é meu primo, é meu irmão. Meu primo é o Kaiary, o noivo da Angel. Não se preocupa com a sua amiga, ela vai ficar bem.

— Estou confusa — me encarou com ar de superioridade — Por que você está aqui perdendo seu tempo comigo e o seu irmão é quem está com a

Evelyn?

— Como não te notei antes? — perguntei ignorando a pergunta dela e a encurralando na bancada.

Desci o olhar para o seu corpo. Sua cintura fina coberta pela saia deixava apenas um *filetinho* de pele aparecendo, o que me fez ter vontade de deslizar os dedos ali entre a saia e a blusa.

Ela arregalou os olhos e espalmou a mão contra o meu peito. Senti minha pele queimar apenas com aquele toque e olha que nem foi pele com pele.

Afastei-me um pouco atordoado pela reação que o seu toque me causou e claro pelo empurrão que ela me deu.

— Ficou maluco?! Só porque você acha que me fez um favor com aqueles dois imbecis acha que tem direito de... De... — se calou.

— Calma! — pedi — Não fica assim toda *bravinha* que não respondo por mim.

Minha vizinha engoliu em seco e me encarou com aqueles olhões que praticamente saltaram da cara dela. Eram bonitos demais. Porra era foda pra caralho aqueles olhos. Como não enxerguei antes?

— Preciso achar minha amiga — disse desviando o olhar.

Maju saiu da cozinha em direção ao corredor praticamente correndo. Saí para ir atrás dela, mas fui interrompido por alguns colegas da *facul*.

— Cara a Bruninha já *tá* ruim — o Beto disse apontando pra direção dela.

A doida estava rebolando e tirando a roupa em cima da mesinha de centro. A Angel ia me comer vivo se arranhassem o móvel que ela tinha comprado depois que a outra mesinha havia quebrado de tanto a gente colocar os pés em cima.

Corri até lá e a tirei de cima da mesa.

— Pô Rafa!

— Estraga prazer!

Ouvi alguns caras reclamarem.

— O que foi gato? — Bruninha se pendurou em mim.

— Quer ficar pelada princesa? Fica, mas fica pelada no chão. Não queremos quebrar nada, não é?

— Quero ficar pelada, mas no seu quarto, com você — oh, tentação do caralho!

Sorri pra ela.

— Quem sabe mais tarde, mas se quiser ficar pelada pra mim, que seja só pra mim, valeu? — ela assentiu com um sorriso.

— Agora solta o meu pescoço vai!

Vi quando a minha vizinha passou feito um furacão em direção a porta. Afastei a Bruninha me desvencilhando dela, e alcancei a vizinha antes que abrisse a porta.

— Ei — segurei braço dela — Onde vai com tanta pressa?

— Vou embora — puxou o braço — Não achei minha amiga.

— Te ajudo a procurar.

— Não precisa — abriu a porta tão rápido que quase acertou meu nariz. Passou por mim e fechou a porta na minha cara com a mesma rapidez.

Respirei fundo e encarei a porta fechada. Balancei a cabeça recriminando a mim mesmo.

Rafael Bastos não estou te reconhecendo!

Saí e a encontrei abrindo a porta do apartamento dela.

— Espera, vou ligar pro meu irmão.

Ela assentiu e eu peguei meu telefone e disquei para o Gabriel.

— Gabriel? Tá aonde, *man*?... No terraço?... A Evelyn está contigo?... Não, tranquilo... Ok. *brother*, valeu. Eles estão lá no terraço — informei a ela quando desliguei.

— Terraço? Temos um terraço?

— Temos. Com piscina e tudo. Quer ir até lá? — chamei cheio de segundas intenções.

— Você vai deixar seus convidados e a sua garota sozinhos na sua festa?

— Não tenho garota nenhuma e é por uma boa causa. — respondi

tentando não encarar os peitos dela.

— E que causa seria essa? — perguntou arqueando a sobrancelha.

— Além de conferir que sua amiga está mesmo lá em cima?

— Não obrigada — ela me cortou — Prefiro não conferir nada.

Aproximei-me novamente e pousei minha mão na cintura dela que me encarou abismada.

O que tinha de errado com aquela garota?

Abaixei a cabeça na altura do seu ouvido e sussurrei — *Tô maluco pra beijar essa sua boca vermelha.*

— Então vou chamar o hospício pra você! — e assim, sem mais nem menos bateu com a porta na minha cara, de novo.

Fiquei encarando a porta fechada por mais tempo que gostaria.

Eu tinha levado um fora? Eu? Ok. de vez em quando acontecia, mas muito de vez em quando, a última vez tinha sido com a Angel, mas ela já estava caidinha pelo meu primo. Agora por que minha vizinha tinha me dado um fora?

Será que ela tinha um namorado?

Bufei frustrado e caminhei de volta para o meu apartamento. Passei por todos em direção a cozinha e peguei minha garrafa de vodca. Servi uma dose generosa e segui para o meu quarto sem falar com ninguém.

Assim que fechei a porta dei de cara com a Bruninha pelada na minha cama.

Sequei a bebida num único gole e depositei o copo na cômoda. Tranquei a porta e já fui pra cima dela tirando a camisa.

A intenção era ficar um pouco sozinho pra acalmar os nervos, mas já que ela estava ali. Cobri seu corpo com o meu e beijei sua boca com um tesão que até então não tinha percebido que estava sentindo. Um desejo louco me invadiu, fiquei doido. Prendi as mãos da Bruninha acima da cabeça dela e ataquei seus seios durinhos. Lambi, chupei e mordi.

Ela gemia com minha urgência. Fiz o caminho até o meio de suas pernas com beijos e mordidas. Espalmei a mão ali esfregando-a na sua intimidade molhada e fiz movimentos com meu polegar. Bruninha gemia sem

pudor o que me deixou ainda com mais tesão. Adorava ouvir uma mulher gemer sob o meu toque, era um gatilho para me deixar louco.

Acelerei o movimento dos meus dedos e quando ela estava quase lá deslizei a língua em seu clitóris. A garota ficou louca. Não demorou, quando gozou a virei de costas e só abaixei minha calça, claro depois de pegar um preservativo na carteira e o deslizar sobre meu membro louco para se libertar.

Meti com força. Sabia que ela gostava daquele jeito, não era a primeira vez que ficava com ela.

— Gosta assim, não gosta? — perguntei deslizando meus dedos pela coluna dela antes de agarrar seu quadril. — Gosta que eu te pegue de quatro e com força, não gosta?

— Você sabe que eu gosto — respondeu entre os gemidos que soltava.

Sorri, afinal meu lema era agradar.

Depois de algumas investidas, senti sua intimidade me apertar novamente indicando que ela gozava mais uma vez. Gozei logo depois. Quando os últimos espasmos me abandonaram caí sobre ela ofegante.

— Nossa Rafa — tentou dizer alguma coisa, mas não deixei. Puxei-a pra mim e beijei sua boca silenciando-a. Não estava com saco para conversar.

Depois de um tempo levantei e fui até o banheiro jogar a camisinha no lixo. Quando voltei ela terminava de vestir sua roupa. Do jeitinho que eu gostava, sexo sem complicação.

— Não vai voltar pra festa? — perguntou notando que eu vestia uma bermuda e calçava meus chinelos.

— A festa acabou princesa, tô indo lá despachar geral.

Capítulo 7 – Hormônios Aflorados.



Maju

Entrei no meu apartamento e tranquei a porta. Só percebi que havia prendido a respiração quando a soltei pesadamente. Caminhei até o meu banheiro e com uma toalhinha de papel esfreguei meus lábios tirando o meu batom de frente para a minha imagem no espelho.

Sabia que me vestir daquela forma não ia dar certo, aquela não era eu. Eu não despertava a atenção de caras gatos e gostava assim, gostava quando passava despercebida e estava segura enquanto o vizinho sem noção estava flertando com a minha amiga, mas aí ele começa a flertar comigo? Flertar não, ele praticamente se jogou em cima de mim, me tocando, sussurrando no meu ouvido.

Ai que droga!

Caramba o que tinha sido aquilo? E a Evelyn? Desapareceu com o tal do Gabriel. A maluca parecia tão interessada no Rafael - quer dizer no vizinho sem noção, era melhor não chamá-lo pelo nome - e foi se jogar pra cima do irmão, assim.

Tô maluco pra beijar essa boca vermelha. Direto ele, não?

Foi fofa a preocupação dele com relação àqueles dois imbecis, mas o que ele pensou? Que iria ser recompensado? Ah, não mesmo, pelo menos não por mim. Sem contar que tinha uma garota pendurada no pescoço dele quando sai de lá, sem contar que tinha uma loira peituda enfiando a língua na

garganta dele algumas horas antes, sem contar que ele morava no apartamento de frente para o meu, então não, não iria ser a Majuzinha aqui que iria recompensá-lo.

Terminei de tirar minha maquiagem e tomei um banho gelado e demorado. Sozinha e bem *escondidinha* na privacidade do meu banheiro eu pude admitir para mim mesma que o sem *noção* tinha mexido comigo, mas nem em sonho ele iria saber disso.

Devia ter sido porque já fazia algum tempo que eu não beijava um cara e porque eu ainda não tinha transado com um. Estava com dezoito anos e ainda era virgem.

Isso. Devia ser os hormônios aflorados, só isso.

Embora a opção de me manter virgem fosse somente minha, eu não era hipócrita de dizer que homens não me afetavam e que não me faziam sentir aquela *quentura* no meio das pernas.

Portanto, qualquer homem bonito e gostoso me deixaria daquele jeito, sentindo aquelas coisas, até mesmo irmão dele, não tinha nada a ver com ele.

Desliguei o chuveiro e me enxuguei. Vesti meu pijama e fui até a cozinha beber um pouco d'água.

Quando estava voltando para o meu quarto, lembrei que a maluca da Evelyn não tinha a chave. Mandeí uma mensagem para ela avisando que a porta estava trancada e que era para me ligar quando chegasse.

Deus me livre deixar a porta destrancada com o apartamento vizinho cheio de bêbados malucos.

Tentei dormir, mas pelas próximas duas horas eu só revirei na cama. Meus pensamentos eram todos invadidos por um certo vizinho sem noção. Eu conseguia me lembrar até do cheiro dele, do sorriso provocante e da sua respiração quente no meu ombro.

Que merda.

Ele tinha cara que beijava bem, claro que ele devia beijar bem e com certeza também tinha uma quilometragem infinita rodada. Já devia ter passado o *rodo* em metade do Rio de Janeiro com aquele abdômen sarado e aquele sorriso fácil.

Não seria o próximo alvo, não mesmo. Estava na cara que o negócio
NACIONAIS-ACHERON

dele era quantidade, usar e descartar. Aquele cara não tinha escrúpulos. Estava com uma loira mais cedo, estava na cara que tinham dormido juntos, depois deu em cima da Evelyn e de mim no mesmo dia.

Deus me livre, queria distância.

Desisti de rolar na cama e fui até a cozinha fazer um chá de erva cidreira. Meu telefone tocou lá no quarto e deduzi que só poderia ser a maluca da minha amiga.

Fui até a porta e a abri.

— Desculpa? — cruzei os braços e arqueei a sobrancelha.

— Exatamente pelo que você está se desculpendo?

— Por ter deixado você sozinha e por ter deixado você preocupada.

— Tudo bem vai, entra. — dei as costas para ela e fui até a cozinha pegar minha caneca de chá. Sentei no sofá e liguei a TV.

Minha amiga sentou-se ao meu lado tirando as sandálias. Sabia que ela estava doida para contar sobre a noite dela, mas eu de propósito me fiz de desinteressada. Para falar a verdade, eu não estava mesmo interessada.

Zapeei pelos canais de TV atenta a qualquer coisa que não fosse ela. Se eu desse trela, iria raiar o dia ouvindo-a falar do tal Gabriel. Pela carinha dela já dava para ter uma ideia de como a noite tinha sido boa.

— Bom vou dormir — disse colocando a caneca na mesinha de centro.
— Boa noite.

— Boa noite — respondeu *murchinha*.

Ela ia pensar duas vezes antes de me deixar sozinha numa festa estranha com gente esquisita da próxima vez.



Acordei com a porta do meu quarto se abrindo. Olhei e vi minha amiga entrando e trazendo consigo uma bandeja de café da manhã. Ela sentou na beirada da cama com um sorriso sem graça.

— Bom dia! Trouxe seu café.

Olhei para a bandeja e depois para ela.

— E você lá sabe passar um café?

— Isso você é quem vai me dizer. — peguei a caneca e dei um pequeno gole.

— E então? — tinha ficado bom.

— *Tá* bem mais ou menos — respondi pegando alguns biscoitos. Ela rolou os olhos.

— *Tá* bom que eu provei — sorri concordando com a cabeça — Desculpa. Eu não tinha intenção de te deixar sozinha Maju, mas o Gabriel saiu me puxando e ele era tão lindo que quando dei por mim, já estava aos beijos com ele lá no terraço. Por falar nisso, por que não me disse que aqui tem uma piscina?

— Porque eu não sabia. É legal lá? — perguntei com curiosidade.

— É legal. Pena que o tempo amanheceu esquisito. Está nublado senão a gente podia ir curtir a piscina. — ela ficou me encarando aguardando que eu aceitasse suas desculpas — Tudo bem Evelyn — *Tá* desculpada. — suspirei — Eu também ficaria toda abobalhada por causa do Gabriel se eu fosse tão *dada* como você.

— Ei! — ela me tacou uma almofada.

— Mas não faça isso de novo. Da próxima vez me avise. — assentiu beijando minha bochecha — Agora me conta tudo.

Seus olhos brilharam de excitação.

— Ai Maju aquele cara sabe derreter uma garota. Ele é lindo, divertindo, inteligente e beija muito bem. Nossa!

— Nossa mesmo. Evelyn? Não me diz que você e ele...

— Claro que não! Embora eu tivesse *feito* se ele tivesse proposto, mas por mais que os beijos e os amassos tivessem sido quentes não passou disso. Ele me respeitou, uma pena porque eu não queria ser respeitada, mas enfim...

— Vadia — caímos na risada.

— E você?

— Assim que dei pela sua falta vim embora.

— E o Rafa?

— O que tem o Rafa?

— Ele ficou lá contigo, achei que...

— Achou o quê? Até parece que não me conhece. Acha que eu ia ficar com ele? A propósito não era você que estava a fim dele? Vocês estavam flertando a menos de cinco horas antes da festa e você simplesmente fica com o irmão?

— Eu sei, foi estranho, mas os dois eram lindos então pra mim qualquer um dos dois estava de bom tamanho e quem me puxou foi o Gabriel e não o Rafa. Ele preferiu ficar lá com você.

Preferiu ficar comigo? Não, ela disse ficar *lá* comigo, *lá* na sala. Se bem que ele não pareceu ligar, da Evelyn ter saído com o irmão. Para falar a verdade ele superou até muito rápido, minutos depois já estava querendo tirar o meu batom.

— Tudo bem sua doida. Me deixe terminar de tomar esse café delicioso que você fez — dei ênfase ao delicioso.

— Sabia que estava delicioso — sorriu satisfeita.

Mais tarde enquanto estávamos deitadas no sofá assistindo uma maratona de Dexter — porque séries de lobinhos e vampirinhos gatos são para meninas frescas — o telefone da Evelyn tocou.

— Oi, Gabriel — atendeu com uma voz tão doce que quase fiquei diabética. Já tinha dado o número do celular pro cara! — Hoje à noite?... Capitão América?... Espera aí — olhou pra mim. — O Gabriel está nos convidando para assistir ao filme do Capitão América.

— Não.

— Por quê?

— Porque não vou ficar de vela.

— Ai deixa de ser boba — resmungou enfiando o telefone debaixo da almofada. — O que quer que a gente faça depois, prometo que te deixamos aqui antes. Vamos vai ser divertido. Você queria ver esse filme.

É. Sozinha, sem um casal se amassando do meu lado.

— Não sei Evelyn. Acho que não vou, pode ir você. — ela bufou vencida.

— Gabriel? Então, eu não vou poder ir...

— Ai que saco eu vou! — bufei irritada.

Que vaca manipuladora essa minha amiga!

A vadia mudou totalmente o discurso, a menos de um minuto parecia uma cadelinha que tinha acabado de cair da mudança, agora já estava até combinando o horário da sessão.

— Sessão das sete. O Gabriel vai comprar os ingressos online pra garantir nossos lugares — explicou radiante.

— Você é uma vadia. Vê se dá logo pro cara e vê se apaga esse fogo.

— Não precisa mandar duas vezes. Hoje ele não me escapa.

— Só toma cuidado Evelyn, uma hora você caí de amores, aí e vai me dar trabalho.

— Isso já aconteceu alguma vez por acaso?

— Sempre tem a primeira vez.

— Isola — sorriu batendo do móvel de madeira ao lado do sofá.

Capítulo 8 – Só Vou Fazer a Cama.



Rafa

Senti braços me envolverem num abraço gostoso. As mãos habilidosas da minha acompanhante invadiram minha cueca dando bom dia ao meu *parceirinho* já bastante desperto.

Virei-me de frente para ela e envolvi seu pescoço com a mão puxando-a para um beijo. Bruninha sorriu com malícia quando desgrudei nossos lábios e deslizou pelo meu corpo descendo até chegar *lá* embaixo pra fazer o que ela fazia com perfeição.

Minutos depois gozei naquela boca deliciosa dela. A safada engoliu tudo com um olhar de cachorra, que não tive outra saída a não ser retribuir.

Quando despachei todo mundo da festa ontem, minha intenção era realmente ficar sozinho, cair na cama e dormir até não poder mais, no entanto, a Bruninha foi ficando por último e disposta a repetir a dose e eu nunca fui de negar fogo.

Não gostava de repetir mulheres. Não que eu me considerasse foda – *tá* bom, foda talvez sim – mas não um escroto que achava que ninguém era bom o suficiente pra mim. Eu só não queria me envolver com ninguém, muito menos dar esperanças. Tinha receio de que se ficasse com uma garota mais de uma vez, sei lá, ela poderia confundir as coisas. Não queria ninguém apaixonada por mim, muito menos sofrendo por mim por aí se eu não ia corresponder, então eu evitava.

Mas a Bruninha era como eu, não aceitava cabresto, gostava de sexo sem amarras. Era livre. Então era seguro repetir.

Depois do sexo, tomamos um banho demorado juntos e depois de mais alguns amassos saímos do quarto. Estava acompanhando-a até a porta quando o Gabriel entrou chegando da sua corrida matinal.

— Rafa. Bruninha.

— Bom dia, Gabriel — o cumprimentou amistosa — Bom já vou indo — ela me deu dois beijinhos e se despediu do Gabriel com um aceno.

— Estou confuso — falou assim que fechei a porta. — Não rolou nada com a vizinha?

Tinha que me lembrar da bravinha né, Gabriel?

Sentei-me no sofá e liguei a TV enquanto ele foi até a cozinha. Deixei em um canal de esportes qualquer e deitei. Não estava prestando atenção no que estava passando, só não queria falar sobre ela. Até porque não havia nada para falar.

— Ei? — ele chutou minha perna — Por que a Bruninha estava aqui até essa hora?

— Você está me perguntando isso mesmo?

— Estou — respondeu retirando os fones do ouvido.

— Bom deixa eu ver... — sentei fingindo pensar — Ela estava aqui até agora porque estava me chupando... O que mais? Me...

— Eu imagino o que ela fez com você, idiota! Quero saber por que você estava com ela e não com a vizinha? Se me lembro bem você estava querendo pegar a Maria Júlia.

Estava, mas levei um fora e não lido bem com foras então me deixa quieto, porra!

— A gata é arisca. — era a única informação que ele ia ter — E você? Rendeu a noite?

— Sim. A garota é uma figura, divertida, engraçada.

— Ok, vou reformular a pergunta: trepou, fodeu, comeu? — balançou a cabeça me recriminando.

— Não eu não sou...

— Como eu? Fala sério Gabriel, deixa de hipocrisia! Olha na minha cara e fala que não quis transar com a garota?

— Eu até queria, mas não quis forçar a barra.

— Por que? Ela não parecia a fim?

— Não é isso. Ela estava até bem a fim, eu acho, só não quis forçar a barra...

— Você não pode ser meu irmão. Com certeza você foi trocado na maternidade, meu irmão de verdade deve estar por aí fodendo geral, me dando orgulho. — gargalhou.

— Não sai nada que presta dessa sua boca — revirei os olhos. — Bom me deixa tomar um banho que tenho que ir trabalhar, mas se te serve de consolo devo ver a Evelyn mais tarde, combinei de ligar para marcamos algo.

— Você vai levar ela aonde? No cinema, depois no McDonald's e por fim no motel como um caszinho meloso e chato?

— Tá aí, boa ideia. Talvez a chame pra ir ao cinema.

— Desisto de você cara.

— Calma *brother*. Primeiro a gente faz a cama, depois a gente deita.

— Nunca precisei disso.

— É porque você gosta de vadia, e vadia gosta de cama, feita ou não. — disse se levantando.

— Qual é o seu problema com as vadias?

— Já pensou na quilometragem? — perguntou. — Quando você está com uma garota desse tipo lá no bem bom se afundando dentro dela já te passou pela cabeça quantos mais fizeram isso com ela antes de você? Não tenho nada contra, até gosto delas de vez em quando. Mas só ficar com vadia com quilometragem pra mais de 50 mil km rodados? Perde a graça, não?

Ele cuspiu a porra da sabedoria de bom moço pra fora e foi para o quarto.

Nunca tinha parado para pensar sobre aquilo que ele havia dito. Até porque eu também tinha uma boa quilometragem rodada e para falar a verdade continuei não me importando mesmo depois de ele ter falado.

As Mulheres têm os mesmos direitos que os homens sobre o que fazem

ou não com o seu corpo, mas aquilo me levou a pensar que talvez fosse interessante ficar com uma menina mais tranquila, só pra ver qual é, o que me levou a pensar na vizinha. Seria uma experiência e tanto.

Ela tinha cara de menina ingênua, gestos de menina ingênua. Fugiu de mim como uma cachorrinha acuada. Qual será que era a quilometragem dela?

Bufei contrariado. Gabriel com sua filosofia barata tinha conseguido colocar caraminholas na minha cabeça e quando ele voltou do quarto eu já tinha todo o meu plano arquitetado. Talvez a vizinha não fosse igual às meninas que eu estava acostumado, talvez ela precisasse também dessa coisa toda de cinema, lanche pra só depois liberar o que eu estava querendo.

— *Tô indo nessa, brother.*

— Gabriel, espera. Você vai fazer um favor aqui para o seu irmãozinho.

— O que é?

— Já ligou pra Evelyn?

— Ainda não.

— Então liga e convida ela e a Maju pra irem ao cinema, mas não fala que eu vou.

— Vai me empatar?

Não disse? No fundo todos querem sexo no final, até o bom moço do meu irmão.

— Você tem o resto da noite. A gente leva elas no cinema, depois alimenta...

— Alimenta?

— É *mané*. Leva as duas pra comer alguma coisa e depois você vaza com a Evelyn, sacou?

— Cara, elas não são bichos pra serem alimentadas.

— Eu sei, você entendeu o que eu quis dizer.

— Cadê a Angel pra te chamar de podre — gargalhei.

— Vai me ajudar ou não?

— Você vai mesmo a um encontro de casais, só pra ficar com uma

garota?

— Só vou fazer a cama. — repeti as palavras dele. Meu irmão sorriu e sacou o celular. — Não fala que eu vou. — o lembrei.

— Oi princesa, tudo bem? É o Gabriel... Então, topa cineminha mais tarde? Estreou o filme do Capitão América... Pode chamar sua amiga pra ir com a gente, vai ser divertido.

Fiquei encarando a cara de paisagem dele enquanto aguardava a resposta.

— E aí? — perguntei.

— Ela *tá* perguntando pra amiga... Ih, ela não tá a fim não.

Pelo menos não era por minha causa, ela não sabia que eu iria.

— Poxa que pena — voltou a falar com a garota. Quando eu pensei que não rolaria, o ouvi combinando o horário — ... Então, tá ótimo! Vou comprar os ingressos online pra garantir nossos lugares. Sessão das sete, ok? Pego vocês, aí. Beijo.

— Feito — meu irmão disse quando desligou — Entra na net e compra os ingressos.

— Eu tive uma ligeira impressão de que não iria rolar. — falei confuso.

— A amiga não estava a fim, mas de alguma forma a Evelyn a convenceu. Você me deve uma e vê se arruma essa bagunça, cara — apontou para o chão cheio de copos descartáveis.

— Tranquilo patrão!

Ele saiu e eu sorri satisfeito. Eu ia dar uns *pegas* na vizinha ou não me chamava Rafael Bastos.

Capítulo 9 – O Que é Que Tem?



Maju

As seis da tarde eu já estava pronta aguardando a louca da minha amiga se emperiquitar toda para seduzir o Gabriel, como se precisasse.

Eu tinha optado por uma calça jeans, uma blusa de tricô soltinha e um boot já que havia esfriado. Prendi meu cabelo num coque alto e frouxo e coloquei meus óculos de grau. Eu quase não usava, mas para ir ao cinema era preciso, pois minhas vistas doíam de ficar olhando muito tempo para tela sem eles.

As seis e quinze o Gabriel tocou a campainha. Minha amiga saiu apressada do quarto e praticamente correu para atender.

— Olá, boa noite — o deus grego número dois disse todo sorridente para ela.

Deus grego ou diabinho coberto de cinzas?

Tudo bem que ainda tinha minhas dúvidas quanto a ele, já o irmão, aquele lá era o próprio diabo em pessoa que veio ao mundo só para me infernizar.

— Só vou pegar minha bolsa. — Evelyn disse com uma voz melosa.

— Sua amiga não vai? — ouvi ele perguntar.

— Vai sim. Já volto.

O furacão loiro passou por mim em direção ao quarto e eu caminhei até

a porta.

— Boa noite, Gabriel.

— Boa noite, Maria Júlia.

— Podemos ir — Evelyn disse quando voltou. Ela se pendurou no cara e o beijou NA BOCA em pleno corredor do andar.

Aff!

— Se vocês vão ficar com agarrção na minha frente, podem ir sozinhos — olhei de cara feia para os dois.

Gabriel sorriu sem graça enquanto minha amiga apenas revirou os olhos e se afastou um pouco, mas apenas trocou o braço dele pela mão.

— Não liga pra ela — disse baixinho no ouvido dele, mas eu ouvi.

Pelo amor, eu não tinha paciência para agarramento na minha frente e ela sabia. Nem quando eu namorava gostava de ficar com demonstrações de afeto em público, dirá ficar presenciando o agarramento dos outros.

E que atirada essa tal de Evelyn, nem sabia se o cara queria ficar pagando de casal em público estava se pendurando nele.

Caminhamos em silêncio até o elevador e não pude deixar de encarar a porta da frente. Será por onde andava o deus grego número 1, vulgo vizinho sem noção?

O casal do ano – pelo menos durante o feriado – até que se comportou direitinho no trajeto até o shopping que não era muito longe do nosso prédio. Já no shopping seguimos direto para o cinema pois estávamos em cima do horário. Gabriel foi comprar as pipocas enquanto eu e a Evelyn ficamos na fila.

— Maju você assustou o Gabriel! — ela reclamou.

— Você me conhece ô sonsa! Sabe que não gosto que fiquem se agarrando na minha frente, por isso que eu não queria vir.

— Desculpe, foi só um beijinho, eu hein? Ai meu Deus... — ela encarou a entrada do cinema.

— O que foi? — olhei na mesma direção que ela. Não precisei de resposta. Pois a resposta estava bem à nossa frente caminhando na nossa direção cheio de sorrisos.

Droga.

— Evelyn! — praticamente gritei — Me diz que você não sabia que esse cara vinha?!

— Eu juro que não, mas o que é que tem?

— O que é que tem? Tem que ele é um idiota! — ela arregalou os olhos embasbacada.

— Espera aí aconteceu alguma coisa entre vocês, ontem? — não tive tempo de responder, mas não responderia nem se tivesse.

— Oi meninas — ele nos cumprimentou nos entregando os ingressos impressos.

— Oi Rafa — minha amiga retribuiu o beijo dele toda tímida. Eu também ficaria, né? Estava dando em cima dele antes e agora estava com o irmão.

— Maju. — Rafa cumprimentou com aquele sorriso e sem avisar me beijou na bochecha *argh!*

— É Maria Júlia.

— Não sabíamos que você vinha — Evelyn disse.

— Não perderia isso por nada — o sem noção respondeu olhando para mim.

Evelyn me encarou segurando o riso, mal sabia ela que eu queria matá-la por ter me colocado naquela situação. Ela ia ver só.

Não sabia o que ia ser pior, assistir ao filme com um casal se agarrando do meu lado, ou com o sem noção a tiracolo.

Um sem noção lindo de morrer.

Rafa estava ainda mais gato do que da última vez que o vi. Usava uma calça jeans surrada, tênis e uma camiseta cinza de manga longas com gola em V. Gato até dizer chega.

Gabriel retornou com duas pipocas grandes e nos entregou voltando para pegar as bebidas.

Sério que eu ainda ia ter que dividir a pipoca com ele?

Meu vizinho sem noção, mas gato demais para piorar minha situação me passou a pipoca para ir ajudar o Gabriel com os refrigerantes. A fila

começou a andar e ele se colocou ao meu lado quando voltou.

Eu estava em um encontro e tinha sido a última a saber?

Já instalados nas nossas poltronas, meu vizinho me entregou meu refrigerante e pegou a pipoca. Sentamos o Gabriel, a Evelyn, ele e eu, nessa ordem, ou seja, nem se eu quisesse me distrair comentando com a Evelyn sobre o filme eu poderia.

O filme começou e eu não consegui prestar atenção. Não era por ele estar tagarelando ou alguma coisa do tipo. Eu só conseguia sentir sua presença onipotente do meu lado. Ele era tão grande que se alguém quisesse passar por ele para ir ao banheiro, o Rafa teria que jogar as pernas para o lado, no meu colo ou no da Evelyn para isso. Esse era um dos pensamentos que passavam na minha cabeça ao invés de prestar atenção ao filme. Nem consegui babar no *lindão* do Chris Evans ^[4]incomodada demais com o cara ao meu lado.

Vencida forcei a me concentrar no filme, mas foi apenas por alguns minutos, somente até eu sentir sua perna enorme esbarrando na minha. Não parecia estar fazendo de propósito, julgando pelo tamanho da criança, mas aquilo estava me deixando desconcertada.

Ele me passou a pipoca e sorriu, e eu me recriminei por ter sorrido de volta.

Passei o filme inteiro com raiva de mim por ter retribuído o sorriso e esperando o momento que ele iria como quem não quisesse nada se espreguiçar e passar o braço atrás da minha poltrona e colocar suas mãos enormes em mim como os adolescentes faziam nos filmes.

Cada vez que ele se movia eu pensava: *É agora!*

O filme passando e eu mais perdida que tudo. Só esperando o momento de dar uns tapas nele pela eventual gracinha, mas isso não aconteceu.

Eu contava que ele fosse tentar alguma coisa para que eu pudesse odiá-lo ainda mais. Mas ao contrário, meu vizinho parecia estar *curtindo* mesmo o filme.

Só na cena do Homem Aranha eu consegui esquecer o cara ao meu lado e prestar atenção. O resto do filme, no entanto, fiquei aérea pensando em um monte de coisas que nada tinham a ver com a história.

O filme acabou, os créditos subiram e eu fiquei com a sensação de que não tinha visto o filme. O que significava que eu teria que voltar SOZINHA para poder assistir outra vez.

Quando saímos da sala arrastei a Evelyn para o banheiro.

— Você me paga, Evelyn.

— O que foi que eu fiz? — perguntou com ar inocente.

— Me colocou nessa furada. Não me deixa sozinha com o Rafa!

— A não, Maju — fez beicinho — O Gabriel me chamou pra sair com ele. Por favor?

— Tudo bem eu pego um táxi!

— Maju você está com medo do Rafa? Logo você? São os caras que tem medo de você e não o contrário.

— Não estou com medo dele, só não o suporto.

— Então ignora ele como você sempre faz com todo mundo que você não gosta e pronto.

Ela tinha razão. Eu não ficava insegura por causa de um cara, mesmo que ele fosse um deus grego – diabinho coberto de cinzas – e não ia ser aquele tal de Rafa que iria me intimidar. Se ele tentasse alguma coisa ia levar um fora tão grande que perderia até o rumo de casa.

— *Tá* certo. Eu posso fazer isso.

— Agora me conta o que rolou entre vocês pra você estar agindo assim.

— Não rolou nada e chega desse assunto — minha amiga me encarou com aquela cara de “*tá* bom acredito,” mas não disse mais nada.

Saímos do banheiro e encontramos as duas beldades encostadas na parede nos aguardando. Não dava para não reparar nas meninas que passavam. Praticamente todas entortavam os pescoços para admirar aqueles dois.

Gabriel abriu um sorriso lindo para a Evelyn que já se enroscou nele. Poderia até ser que o cara só quisesse levá-la para a cama, mas ele fazia parecer que estava gamado todo atencioso e cheio de carinho daquele jeito. Já o sem noção me encarava como se fosse me morder e arrancar um pedaço.

Que babaca.

Não vai ser tão fácil assim, idiota.

Capítulo 10 – Louca Varrida.



Rafa

Eu precisava acreditar que aquela cara feia que a Maju me olhou quando cheguei no cinema era pura fachada, porque se fosse de verdade, eu não tinha a menor chance.

Não estava acostumado a ser dispensado, a ser ignorado e a atitude dela feriu meu ego, poxa.

Fiquei tão desconcertado com a indiferença dela que nem tentei investir dentro do cinema. Não que eu fosse tentar beijá-la ou agarrá-la lá dentro, eu não era um moleque, mas pelo menos eu ia puxar uma conversa, jogar um charme, mas a atitude dela me intimidou até para isso.

Já recuperado do impacto daquela recepção *calorosa*, eu estava pronto para investir quando ela voltou do banheiro.

Intimidá-la era o que eu precisava fazer e decidi começar com o olhar. Maju engoliu em seco e tentou ignorar a secada que eu dei nela, mas ficou desconcertada, deu para perceber.

Encarei mesmo. Dei uma boa conferida. Pousei os olhos nos seios dela bem mais que o necessário e de propósito. Quase ri quando ela ajeitou a blusa e cruzou os braços.

— E agora? — Evelyn perguntou e pela cara estava doida para despachar a gente.

— Agora vamos alimentar vocês — respondi com um sorriso sacana.

Gabriel revirou os olhos, mas eu sorri com a nossa piada interna.

Fomos em direção à praça de alimentação, o Gaby na frente com a Evelyn e nós dois atrás em silêncio. Ela numa distância *segura* de mim.

Aproximei-me do seu ouvido e disse: — Eu não mordo não, só se deixar. — Maju assustou-se afastou de mim.

— Por que você faz isso?

— Isso o que? — perguntei com ar inocente.

— Ficar se aproximando das pessoas e falando no ouvidos delas. Respeita o meu espaço!

— Tem medo de não resistir se eu ficar muito perto? — perguntei sorrindo, mas recebi uma carranca em troca.

— Você se acha, não é? — falou um pouco alto chamando a atenção do casal à nossa frente.

— *Tá* tudo bem aí? — Gabriel perguntou rindo o babaca.

— Tudo ótimo — ela respondeu apertando o passo e me deixando para trás.

Mas saquei qual era a dela. Estava se armando contra mim, me desprezando, me tratando com indiferença. Mal sabia ela que aquela atitude só me deixava mais empenhado.

Eu e Gabriel optamos por uma pizza e as meninas optaram por comida japonesa. O papo fluía animado entre o Gabriel, a Evelyn e eu, já que a *bravinha* não quis nos prestigiar com suas histórias. Ficou apenas prestando atenção com um ar de tédio.

Chatinha toda vida.

Depois de mais de meia hora entre conversas animadas e garfadas de pizza o Gabriel resolveu agir *Até que enfim!*

— Bom a gente já vai. Você leva a Maju pra casa Rafa?

Eu juro que tentei falar com naturalidade, mas minha cabeça fervilhando de *coisas* para fazer com ela não permitiu.

— Será um prazer — Maju arregalou os olhos e se levantou bruscamente.

— Não é necessário, Vou embora de táxi.

— Que isso, princesa? Estou de carro e vamos para o mesmo lugar. — ela me fuzilou com o olhar e negou com a cabeça.

— Não se preocupe comigo, com certeza você deve ter coisas mais importantes pra fazer. Evelyn já vou indo.

A amiga a encarou sem saber o que fazer, com certeza ponderando levá-la em casa antes.

— Vão tranquilos — interferi — Levo a Maju pra casa, já falei que não mordo.

— Não sei eu...

— Tudo bem, Evelyn — falou com a amiga. — Vou com ele. — fácil assim? algo estava errado — Vamos logo que estou com sono. — praticamente rugiu e saiu bufando na frente.

Dei os ombros e saí correndo atrás da maluca, mas me comportei. Levei-a para casa direitinho. Mal conversamos no caminho. Ela apoiou o cotovelo na porta do carro e encarou a paisagem o tempo todo que durou o caminho de volta.

Subimos em silêncio. Quando o elevador se fechou, ela escorregou para a outra ponta e ficou fuçando no celular como se eu nem estivesse ali. Quando resolveu falar, já estávamos de frente para as nossas portas.

— Seu irmão parece ser gente boa.

— Ele é. Mas é homem — ela arqueou a sobrancelha.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que ele é gente boa, mas tem um pau entre as pernas. — encarou-me embasbacada.

Falei mentira?

— Nossa o seu vocabulário é excelente — respondeu com sarcasmo.

— Estou sendo camarada e te dando a real. Sua amiga parece legal, mas o Gabriel não quer compromisso agora, acabou de sair de um relacionamento. Se sua amiga quer só se divertir o meu irmão é o cara certo, mas só.

— Assim como você suponho — perguntou me enfrentando com o olhar.

— Exatamente. Mas te garanto que vale a pena. Quer comprovar? — fui me aproximando com cautela.

Ela empinou o nariz e quase me fritou com aquele olhar mortal.

— Você se acha mesmo, não é? Você é um desbocado e um descarado, sabia disso?

— Sabia. Agora deixa eu te mostrar o que mais você pode descobrir sobre mim — avancei pra cima dela que se encostou na porta, de novo.

Coloquei ambas as mãos na porta uma de cada lado do seu corpo e a encarei.

— E o que mais eu poderia descobrir que possa me interessar? — perguntou me enfrentando.

Marrenta toda vida.

Travamos uma batalha de olhar. Pensei que ela iria desviar, mas a danada me encarou de volta como se aquilo fosse um jogo do tipo: *Quem desvia o olhar primeiro?*

— Muitas coisas — encarei seus lábios — Como o gosto que tem meu beijo, o tamanho do meu pau — minha vizinha abriu a boca para falar, mas a fechou totalmente sem reação e é claro desviou o olhar.

Ficou vermelha igual um tomate maduro. Ponto pra mim. Aproveitei a guarda baixa e me aproximei ficando com o rosto próximo ao dela. Maju respirou fundo e encarou meus lábios.

Reduzi a distância até que nossos lábios ficaram a centímetros um do outro. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Quando meus lábios tocaram de leve os dela, levei uma joelhada no saco. LEVEI UMA JOELHADA NO SACO! Sim minha gente, ela me acertou.

Dor infeliz do caralho!

— Ficou louca?! — gritei e quase me deitei no chão de tanta dor.

— Ai meu Deus d-desculpa! Eu não quis...

— Quis sim sua maldita! Caralho! — esbravejei segurando minha *mercadoria*.

— Desculpa, desculpa — pediu mais duas vezes até que fugiu feito uma cachorrinha para dentro do apartamento dela.

— Filha da mãe! — ainda gritei antes de entrar no meu apartamento.

Porra, eu nunca mais iria olhar pra cara daquela maluca dos infernos!

Entrei em casa e bati a porta com força.

— Que foi isso,

cara? — nem vi que o Kaiary e a Angel estavam sentados no sofá.

— Foi mal gente — passei por eles tentando disfarçar a dor infeliz que estava sentindo.

Entrei no meu quarto e fechei a porta. Tirei a calça e abaixei minha cueca para dar uma conferida, né? Por sorte parecia estar tudo bem.

— Inferno!

Deitei-me na cama e fechei os olhos. Eu não precisava daquilo, com um tanto de mulher me dando sopa eu é que não ia querer uma que tentou me aleijar. Estava com tanta raiva que se ela aparecesse na minha frente eu ia beijar à força só de raiva e ela não ia ter chance de me espancar.

— Você que não cruze o meu caminho, sua diaba.

Que tentar beijar o que? Quando a visse iria cortar volta. Desgraçada dos infernos. Não queria e ainda ia danificar pra quem quisesse? Que porra!

Ouvi dois toques na porta.

— O que é? — perguntei com impaciência. Tudo o que eu não precisava era do Kay curtindo com a minha cara.

— Sou eu, posso entrar — Angel pediu.

— Entra aí — falei me cobrindo com o edredom.

Minha amiga entrou e sentou-se na cama ao meu lado.

— O que aconteceu? Com quem você estava gritando lá fora?

— Deu pra ouvir? — pronto agora é que eu não teria mais paz.

— Ouvimos, mas não deu pra entender.

— Melhor assim, Angel. Não foi nada demais, me deixa sozinho, por favor.

— Era a voz da Maju não era? — insistiu.

— Era. Fica tranquila, foi bobeira. A gente meio que se desentendeu, aquela garota é o diabo. — ela sorriu.

— Ela parece ser bem *marrentinha*, né?

— *Marrentinha*? Está mais pra louca varrida, chata pra caralho, não quero mais ver na minha frente. — minha amiga arregalou os olhos surpresa. — Angel, depois a gente conversa. Preciso ficar sozinho.

— Tudo bem — disse segurando minha mão. — Sabe que pode falar sobre qualquer coisa comigo, não sabe? — sorri.

— Sei. — puxei a mão dela e beijei.

— Te adoro.

— Também te adoro, agora vai senão capaz do seu macho vir atrás.

Ela sorriu e saiu me deixando sozinho com a minha dor. Literalmente.

Capítulo 11 – Trégua?



Maju

Assim que entrei no meu apartamento, corri para o meu quarto. Caramba o que eu tinha feito?

Acertar a *mercadoria* do cara tinha sido demais até para mim. Cheguei a sentir pena, mas poxa que cara mais sem noção!

Que mania de ficar me encurralando na porta. Será que ele não conseguia enxergar que eu não estava a fim?

Ainda me xingou, o idiota. Tudo bem que eu também me xingaria se tivesse no lugar dele, mas isso só provava o quanto ele era idiota.

Ia pensar duas vezes antes de vir para cima de mim. Eu esperava que ele tivesse entendido o recado e não me perturbasse mais.

Fechei os olhos e lembrei-me mesmo que sem querer, da voz baixa e rouca dele me dizendo o que mais eu poderia descobrir. “O gosto que tem o meu beijo, o tamanho do meu pau.”

Que descarado! Como que fala isso pra um garota assim na cara?

Era desse jeito que ele conseguia levar as meninas para a cama? Deviam ser todas idiotas iguais a ele, isso sim. Ele não sabia conversar sem ser assediando, tocando, ou insinuando, não? Provavelmente já partia logo para o que interessava porque conversas inteligentes não deviam ser o forte dele.

Tem mulher que ainda cai?

— Para de pensar nesse idiota, Maju! — falei em voz alta.

Bufei indignada comigo mesma. Tirei minha roupa, escovei os meus dentes e vesti meu pijama. Joguei-me na cama, mas caramba, meus lábios ainda formigavam por causa dos lábios dele. Que ódio!

Esperava que todo o meu sacrifício de aturar o sem noção, tivesse valido a pena para a Evelyn.

Ai será que machucou?

Ele iria me odiar, era fato. Mas melhor assim, pelo menos não iria mais mexer comigo.

Isso Maju!

Custei a dormir e quando o sono veio já era madrugada. Tive sonhos tumultuados e o Rafa aparecia em todos eles, mas no sonho eu não o agredia, eu o beijava de volta.

Acordei com a Evelyn pulando na minha cama.

— Que susto garota! — dei as costas para ela e puxei meu edredom até cobrir minha cabeça.

A chata arrancou o edredom de mim com um sorriso que faria qualquer face ficar dolorida.

— Ai Maju! O Gabriel é *tudooooo*.

— Bom pra você. — ela revirou os olhos e continuou tagarelando sobre a noite dela sem poupar nenhuma detalhe.

— Nossa Evelyn muito obrigada por me prestigiar dando detalhes do pênis do cara. Toda vez que olhar na cara dele agora vou me lembrar que ele tem uma *pintinha* lá, olha que legal?!

— Ai que azeda! Não ficou com o Rafa?

— Não me conhece mais, não é? O que te fez pensar que eu ficaria com ele? — perguntei embasbacada.

— Sei lá, eu te conheço sim, mas você aceitou tão fácil vir com ele que pensei que...

— Pensou errado, maluca. Não rolou nada entre a gente. Chegando aqui foi cada um para o seu lado. — é claro que eu iria ocultar a parte que eu

o agredi — E Evelyn o Rafa disse que o Gabriel acabou de sair de uma relacionamento e está correndo de compromisso, então, não se ilude viu?

— Eu sei, conversamos muito ontem. Ele me contou sobre a tal Bia. Não fica preocupada amiga, foi muito bom, mas eu também não quero me amarrar, ainda mais se o cara for de outra cidade e lindo de morrer.

— Menos mal. — falei me cobrindo novamente.

— Pena que já vou embora hoje, a gente nem aproveitou — Evelyn reclamou deitando ao meu lado e se cobrindo também.

— Também, né? Você me largou duas vezes pra ficar com o Gabriel. Da próxima vez que você vier, vai ficar lá no apartamento dele. Nem vou te deixar entrar.

— Credo! — ela me abraçou — Não vou te trocar pelo Gabriel, até porque não posso ficar com ele de novo, aí é dar chance para o azar. *Tô fora!*

— *Tá bom, agora me larga sua lésbica!* — minha amiga gargalhou e me agarrou ainda mais.

Ficamos mais um tempo conversando sobre os atributos do Gabriel — os detalhes foram tão minuciosos que era como se eu já o tivesse visto pelado — e depois fomos tomar café. Mais tarde fomos ao shopping almoçar e depois aproveitamos para comprar algumas *bobeirinhas*. No final da tarde, a levei à rodoviária.

Prometi a minha amiga que na próxima oportunidade eu é quem a visitaria em Petrópolis. Fiquei na rodoviária com ela até o ônibus partir e depois voltei pra casa.

Parei no estacionamento subterrâneo e caminhei despreocupada para o elevador. Quando entrei, coloquei os meus fones de ouvido. Estava selecionando minha playlist para tocar quando o elevador parou no térreo.

Encostei-me no canto pra dar espaço para a outra pessoa entrar. Involuntariamente olhei pra ver quem era e meu coração deu um solavanco no meu peito. Rafa.

Meu Deus era muito azar. Eu tinha que dar de cara logo com ele?

Meu vizinho entrou no elevador e apertou o nosso andar novamente ignorando minha presença ali. Tirou os fones de ouvido e encostou-se no outro canto. Ficamos de frente para a porta encarando as luzes indicativas do

andar se acendendo.

Ele devia estar voltando da academia, ou de uma corrida. Estava todo suado. A camiseta sem mangas, bem cavada estava colada no corpo dele. As bochechas coradas pelo esforço que devia ter feito, os cabelos estavam molhados e uma pequena mecha estava colada na sua testa. Fiquei besta comigo por estar o encarando de soslaio.

Não ia falar comigo, estava na cara, mas eu precisava me desculpar. Fui infantil acertando aquela joelhada nele. Passei o dia pensando sobre isso. Eu ia me desculpar, ele que desculpasse se quisesse. Faria a minha parte.

— Rafael?

No momento que ele olhou para mim o elevador deu um arranco e parou.

Olhei para ele e depois para as luzes que se apagaram, todas, nos deixando no escuro.

— O que está acontecendo?

Ele não respondeu, foi até o painel e apertou um botão, depois pegou o telefone e tentou ligar na portaria.

— O que está acontecendo? — perguntei novamente.

— Sei lá. Acho que deu defeito. — respondeu ríspido colocando o telefone de volta.

Defeito? Eu estava presa no elevador com o Rafa? Logo com o Rafa? Será que ele tinha algo a ver com aquilo? Será que planejou ficar preso comigo dentro do elevador?

— Você fez isso? — perguntei sem me importar de quão louca parecia a minha pergunta.

— Isso o que? — perguntou levantando o celular na minha direção para iluminar.

— Isso! — levantei ambos os braços apontando para a caixa no qual estávamos presos.

Ele riu com sarcasmo.

— Ainda não tenho poderes tele cinéticos, princesa.

— Desculpa eu... — nem consegui completar tão constrangimento que

fiquei.

— Você não está com essa bola toda, não — cuspiu as palavras — Já entendi seu recado.

— Olha me desculpa por ontem, ok? Mas você parece que não sabe ouvir um não — disse ligando a lanterna do meu celular e apontando na direção dele também.

— Eu não ouvi nenhum não. Se me lembro bem você estava com os olhos fechados e com a respiração acelerada. — soltou a bomba.

Fiquei sem resposta para o que ele falou, então apenas me desculpei.

— Desculpe ter te machucado.

— Não se preocupe. Você não conseguiu danificar. Ele tá bem — apontou para *ele* assim, como se aponta para um braço.

Tenho certeza de que fiquei roxa de vergonha, ainda bem que não tinha luz.

— Consegue ligar pra alguém? — perguntei mudando de assunto — O meu celular está sem sinal.

— É o meu também não tem sinal aqui dentro.

Rafa suspirou e sentou-se no chão apoiando as costas na parede, pousou as mãos nos joelhos e voltou a me ignorar. Era o que eu queria, não era? Então por que eu fiquei incomodada por ele estar me ignorando?

Imitei o gesto dele e me sentei de frente para ele. Aquela situação chata estava me deixando desconfortável. Eu não queria nada com ele, mas também não queria ser sua inimiga.

Eu tinha que assumir. O cara era divertido. Irritantemente lindo e sem filtro, mas divertido.

Suspirei e coloquei meus fones de volta e a música *Ela só Quer Paz* do Projota tocava. Aumentei um pouquinho o volume e fechei meus olhos e viajei na letra da música me esquecendo por alguns minutos o cara preso no elevador comigo. De repente senti um dos fones ser arrancado do meu ouvido.

— Está muito alto, vai ficar surda — ele já estava sentado ao meu lado. Sorriu todo bonito como sempre fazia. Colocou o fone no ouvido e fez um

joia aprovando a música.

Ele era bipolar?

Quase perguntei, mas o que fiz foi sorrir de volta. Merda eu sorri. Sorri e me encostei de volta na parede de aço compartilhando com ele os meus fones de ouvidos. Fechei meus olhos novamente e num impulso, cantarolei baixinho.

Ficamos assim, em silêncio até a música acabar, mas ele não seria, ou seria meu vizinho sem noção se ficasse calado por muito tempo.

— Será que ainda vai demorar pra consertarem? — perguntei.

— Relaxa e aproveita minha companhia que é de graça. — lá estava o meu vizinho sem noção novamente.

— Você se acha o último biscoito do pacote, não é mesmo?

— Claro que não. Eu sei que existem muitos outros por aí, mas poucos tem esse recheio especial aqui — apontou para si mesmo.

— *Aff* — fingi procurar algo dentro da minha bolsa.

— O que você tanto procura aí? — perguntou curioso.

— Alguma coisa pontuda pra estourar esse seu ego mais inflado do que balão de dirigível — o sem noção gargalhou.

— Você é engraçada. Sabia que isso é uma das coisas que mais admiro em uma garota? Senso de humor.

O Rafa era daqueles que tudo o que você falava para afrontá-lo, ele conseguia distorcer e transformar em uma cantada. Ele era muito sem noção, lindo, sexy, descarado, gostoso, mas ainda sem noção. Não podia dar brecha que lá estava ele jogando charme para cima de mim de novo.

Talvez, esse fosse mesmo o jeito dele, mas eu que não iria querer descobrir. Ignorei a gracinha e ele não insistiu, mudou de assunto estrategicamente. Contou-me que era de uma família de gêmeos, que era de Niterói e que estava terminando a faculdade de Direito. Eu contei a ele que estava iniciando meus estudos, que era de Petrópolis e que estava gostando de morar no Rio.

O descarado mais do que depressa se ofereceu pra me apresentar alguns lugares maneiros que não eram cartões postais — palavras dele. Claro que

rejeitei.

Finalmente depois de quarenta minutos o elevador voltou a funcionar. Ele se levantou do chão e ergueu a mão para me ajudar a me levantar. Aceitei de bom grado. Foi o meu erro. No instante que ele me puxou, prendeu-me na parede e parou o elevador.

— Trégua? — perguntou sério com os olhos cravados em mim. Engoli seco sem saber o que fazer, não podia cometer a loucura de dar outra joelhada nele.

— Me solta. — era para ter sido um pedido firme, mas minha voz saiu falha, contrariando o que eu dizia. Ele não me soltou.

— Não. Me. Acerta — murmurou pausadamente com aquela voz baixa e rouca de fritar cérebro de garotas virgens.

Prendeu meus braços ao lado do meu corpo na parede e assim sem avisar, colou os lábios nos meus, os lábios e o corpo. Apesar de ele ser alto, eu não era baixa, o que permitiu que nossos corpos se encaixassem perfeitamente.

Rafa passou a língua lentamente em meus lábios pedindo passagem. Apenas fechei os olhos e permiti. Eu não tinha a menor chance.

O beijo começou leve, suave. Sua língua buscou a minha que tímida tentou se manter firme, mas que aos poucos foi se enroscando na dele como se fosse um imã. Ele soltou os meus braços e apertou minha cintura me puxando para ele enquanto mordiscava meus lábios para voltar a me beijar novamente. Rafa aprofundou o beijo e nossa! Fiquei mole, molinha nos braços dele. Virei água, praticamente me desmanchei.

Não tive coragem de tocá-lo, embora minha vontade fosse de enroscar os braços em torno do pescoço dele. Ele foi parando o beijo aos poucos, dando beijinhos na minha boca até que se afastou e apertou novamente o botão para o elevador continuar a subir.

Não tive cara de olhar para ele, mas podia jurar que estava sorrindo. Cretino!

Ajeitei minha bolsa desconcertada demais e quando o elevador parou no nosso andar, o filho da mãe ainda se virou para mim antes de sair: — De onde veio este, tem mais, é só pedir. — soltou a bomba e saiu cheio de si me

deixando na lona, completamente sem reação.

As portas do elevador se fecharam, ele voltou a subir e eu continuei lá colada na parede com a respiração acelerada, com as pernas bambas e com a calcinha molhada. Resumindo: Nocauteada.

Capítulo 12 – Em sua Homenagem.



Rafa

Cheguei em casa e graças a Deus não tinha ninguém na sala. Passei para o meu quarto, direto para o banheiro. Precisava de um banho frio, e não era porque eu estava suado da corrida não, era porque eu estava pegando fogo. Num tesão do caralho.

Beije mesmo! Beije e beijo de novo.

Não deveria ter beijado, mas já que beijei, só ia sossegar quando eu a tivesse na minha cama, debaixo de mim molinha do jeito que ela ficou e implorando para eu empurrar mais forte.

Tirei a roupa e entrei no chuveiro. Deixei a água fria cair sobre minhas costas tentando em vão lavar de mim aquela inquietação que o beijo me causou.

Ela gostou. Eu sei que gostou. E eu porra? Não deveria ter gostado tanto. Beije, quero mais.

Boca gostosa da porra!

Que doideira. Um dia antes ela me acertou um joelhada *fodástica* no saco porque tentei beijá-la – ainda não a tinha perdoado por isso – e no dia seguinte, como se já não tivesse sido alertado, fiz de novo.

Não ia beijar não. Deus me livre de ter meus ovinhos amassados de novo, mas quando olhei para ela, toda concentrada balançando do ritmo da música – que estava tão alta – nem pensei. Só pensei em provar daquela boca.

Putá merda, toda vez que eu fechasse os olhos, dali pra frente, eu iria imaginar aquela boca gostosa no meu pau e caramba, fiquei com fetiche naquela cintura fina. Tanto que eu já estava imaginando quando eu a pegasse de jeito. Olhei para baixo e o encarei duro, inchado e dolorido.

Fazia tempo que eu não batia *uma* pensando em mulher. Fiz isso na adolescência, mas em homenagem a minha vizinha marrentinha e gostosa pra caralho, lá estava eu, tocando uma em sua homenagem.

Descabelei o palhaço mesmo e quando terminei, não me senti satisfeito. Não foi como na adolescência, quando uma punheta já me aliviava. Frustrado, lavei meu amiguinho, o resto do corpo e por último o cabelo. Lembrei-me da boca dela cantarolando baixinho a música do Projota.

Não quer cinco minutos no seu banco de trás.

Só quer um jeans rasgado e uns quarenta reais.

Ela é uma letra do Caetano com flow do Racionais Hoje pode até chover porque ela só quer paz...

Cantava de olhos fechados, e eu de olhos mais do que abertos assistia o espetáculo.

Que grande ironia. Como eu pude achar aquela garota sem graça quando a conheci? Se a cada vez que eu colocava os olhos nela a achava mais bonita?

Tudo culpa do Gabriel que foi enfiar caraminholas na minha cabeça.

É por isso que eu prefiro as vadias. Elas não oferecem perigo, merda.

Mas Rafa era Rafa e mesmo sendo diferentes de todas as garotas com que já tinha ficado, o objetivo ainda era o mesmo. Levá-la pra cama e ponto. Nada de namorar, de pagar de *apaixonadinho*, essas porras não eram para mim.

Saí do banheiro e vesti uma cueca e uma bermuda. Já estava saindo do quarto quando alguém bateu na porta.

— Rafa? — Kay me chamou.

— Fala aí, *mané*.

— Reunião.

— Já estou saindo.

Encontrei o Kay, a Angel e o Gabriel na sala sentados ao redor de uma pizza gigante. Sentei-me no chão encostando no sofá e já ataquei um pedaço.

— E aí Gabriel, rendeu? — perguntei de cara.

— Não é da sua conta, *mané*.

— Come quieto do caralho! — brinquei rindo.

Pela cara dele tinha rendido e muito, mas infelizmente eu nunca iria saber os detalhes. O babaca nunca compartilhava.

— Rendeu com quem? — Angel perguntou. Isso Angel!

— O Gabriel saiu com a amiga da vizinha. — entreguei. Não era baú para guardar segredos.

— E aí comeu? — acreditem, foi o Kay que perguntou e claro que ele levou uns tapas — Desculpa, amor.

— Que coisa feia! Eu me recuso a ficar em uma rodinha de macho, escutando eles contarem o que fizeram e o que não fizeram com uma garota.

— Fica tranquila Angel, se depender do come quieto aqui — bati no ombro do Gabriel — Nunca vamos saber.

— Pelo menos um tem que salvar, né? Quer dizer que você ficava compartilhando nossas intimidades, amor? — ela perguntou fuzilando o noivo com o olhar.

— Claro que não Angel, isso é coisa do Rafa — o Gabriel o defendeu — Falando nisso conta pra gente. Rendeu com a Maju? — toma idiota.

— Ok, vamos mudar de assunto — ele gargalhou.

— É Rafa, conta pra gente por que você e a vizinha estavam discutindo no corredor — Kay sugeriu rindo.

— Discutindo? — Gabriel me encarou.

— Não tem nada pra contar. Essa reunião é pra o quê, afinal? — mudei o foco. O casal ficou sério.

— Er... Então, vocês estão cientes de que o casamento é daqui um mês,

não estão? — Angelina disse.

— Estamos, e daí?

— Já arrumou a madrinha, Rafa?

— Ixi Angel, *tá* foda de arrumar uma madrinha. Pode ser a Bruninha?

— Nem vem Rafa! Não quero *periguete* de madrinha não.

— Por que você não chama a vizinha? — Gabriel perguntou com um sorriso sarcástico.

— Digamos que ela não seja muito minha fã.

— O que você fez, Rafa? — minha amiga perguntou.

— Nada! Vamos esquecer a vizinha. Não se preocupa princesa, vou ver com uma das primas.

— Tudo bem. Tem outra coisa. — falou, e dessa vez olhando para o Gabriel. — A Bia confirmou que vem. Ela vai ser minha madrinha também.

Encarei meu irmão que ficou mais branco do que papel. Nem disfarçou o coitado.

— Desculpa Gabriel...

— Que isso Angel. Não precisa pedir desculpa. Está tranquilo. De boa. — tentou nos convencer, mas era nítida a sua aflição.

— E então? Já está quase tudo pronto? — perguntei desviando o assunto.

Minha amiga entendeu o recado e começou a falar dos últimos preparativos para o casamento.

— Semana que vem vocês precisarão ir experimentar os trajes de vocês.

— Angel me diz que você não escolheu aquelas roupas de pinguins pra gente? — ela caiu na risada.

— Não, fica tranquilo.

— E aí? A esposa do Jesse vai fazer mesmo as fotos e a filmagem? Gostosa toda vida ela.

— Ai credo, Rafa — gargalhei.

— Vai — Kay respondeu — E a melhor parte. De graça — minha

amiga revirou os olhos.

— Bom é isso meninos, vou tomar um banho e cair na cama, você vem amor?

— Já estou indo, amor — Kay respondeu todo bobão.

— Vê se geme mais baixo que ouvi da outra vez — falei.

— Rafa você é *podreeeeee* — saiu mais vermelha que um tomate.

— Respeita minha mulher, caralho! — Kay me deu um peteleco.

— Ai porra!

Quando a Angel entrou no quarto, meu primo se aproximou falando baixinho.

— Então gente. Eu estava pensando em fazer uma surpresa pra Angel no dia do casamento.

— Legal. O que você vai fazer?

— Não tenho ideia *man*, e aí que você entra. — sorri.

— Vou começar a cobrar essas consultorias, cara. *Tu* ainda não aprendeu? Vai lá no YouTube e pesquisa.

— Para de se achar e eu não tenho tempo pra isso. Vê se pensa em alguma coisa — meu primo disse se levantando.

— Valeu chefia. — respondi batendo continência.

Quando Kay saiu encarei o Gabriel absorto em seus pensamentos.

— Gabriel você está bem?

— Estou bem, Rafa. Não se preocupe. — falou sem me encarar.

Assenti e o deixei sozinho na sala, não iria conseguir arrancar nada dele mesmo.

Voltei para o meu quarto e peguei um livro. Podia não parecer, mas eu era um aluno aplicado. Passei as próximas horas lendo e anotando já que o sono não vinha.

Depois de ler o restante do livro e rascunhar um resumo, deixei-o de lado e *catei* meu celular. Tinham várias chamadas não atendidas e mensagens das minhas *peguetes*.

Thais? Essa não conhecia. Abri a foto para ver direito.

Cogitei responder a mensagem, afinal era carne nova, né? Mas ao invés disso, coloquei meus fones e apaguei a luz. Procurei a música que ela estava ouvindo mais cedo e a coloquei para tocar.

A cara dela. Todinha ela, naquela música.

Cantei pensando nela:

...Ela vai te enlouquecer pra ver do que é capaz.

Vai fazer você sentir inveja de outros casais e você vai ver que as outras eram todas iguais.

Vai querer comprar um sítio lá em Minas Gerais...

...Ela é a vida, após a vida Despedida pros seus dias mais normais...

Eu só esperava que em num futuro não muito distante eu não fosse o cara da música invejando outros casais. Depois de ouvir a música, sei lá quantas vezes, adormeci com minha vizinha na cabeça e naquela outra *parte* também.

Que merda.

Capítulo 13 – O que é Crush?



Maju

Eu adorava os sábados. Sábados significavam ficar em casa o dia todo sem colocar a cara para fora. Eu poderia passar o dia assistindo Hannibal^[5], ou estudar História da Psicologia, matéria que amava, ou nem tanto. Poderia reler A Ilha do Doutor Moreau^[6] e de quebra não correr o risco de dar de cara com um certo vizinho sem noção no corredor.

Já havia se passado seis dias do incidente no elevador e minhas bochechas ainda esquentavam toda vez que eu lembrava. Não só as minhas bochechas como o resto do meu corpo.

Droga. Não devia ter baixado a guarda. Devia ter dado outra joelhada, pelo menos agora eu não estaria nesta situação. Sentindo-me estranha e boba por causa do sem noção.

De onde veio esse tem mais, é só pedir.

Não estava me reconhecendo. Desde quando eu me sentia intimidada por causa de garotos? Desde quando eu me escondia feito um garotinha medrosa e desde quando eu suspirava por terem me roubado um beijo?

Ele roubou? Talvez só no início, mas ele roubou sim. Ai que droga!

Fui pega desprevenida, mas não deixaria acontecer de novo. Ficaria esperta e se fosse preciso daria outra joelhada, um empurrão, ou um tapa na cara, era só ele tentar de novo.

Idiota. Logo quando eu pensei que poderíamos sei lá... Conviver?
NACIONAIS-ACHERON

Mas foi bom, pelos menos agora eu sabia com quem estava lidando e aquele tipo de pessoa, o tipo *Rafa*, não era o tipo de gente que eu traria para o meu círculo reduzido de amizades.

Olhei no relógio e passava das onze da manhã. Com preguiça de me levantar, apenas me espreguicei e peguei meu celular.

Não gostava muito de redes sociais, mas ainda mantinha o Facebook. Quase nunca entrava, e quando entrava era só para passar o tempo, nunca publicava e nem curtia nada.

Assim que abri o aplicativo vi algo que me intrigou. O Brady, meu ex, tinha postado uma foto com a Evelyn e a marcou.

Estranho? Desde quando eles eram amigos?

A legenda dizia “Em boa companhia.”

Na verdade, era muito estranho ver os dois juntos e eles pareciam... íntimos. Brady tinha o braço sobre o ombro dela e os olhos moles como se estivesse embriagado e a Evelyn digamos que sorria, até demais. Não resisti a curiosidade e liguei para ela que atendeu na minha segunda tentativa.

— Fala *bruaca*.

— Oi Evelyn.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntou notando a diferença no meu tom de voz. Geralmente eu devolvia a “ofensa” era uma brincadeira nossa.

— Me diz você.

— Eu? — ela parecia realmente perdida — Eu não sei o que você quer dizer, acabei de acordar. Menina fui a uma festa ontem e cheguei já de manhã.

— E foi nessa festa que você encontrou o Brady? — seu silêncio me deixou ainda mais *encucada*.

— Como você sabe disso?

— Foi ou não?

— Sim eu... Eu fui à essa festa e por acaso ele estava lá. Por que?

— E foi por acaso nessa festa que vocês por acaso tiraram uma foto juntos?

— Ele postou? — perguntou surpresa — Não foi nada demais Maju, eu juro. Estávamos com amigos em comum. Sentei um pouco lá com eles e o Brady tirou a foto, mas não foi só comigo pode ver lá...

— Eu sei que não foi só com você, mas é só com você que me interessa, Evelyn. O Brady não presta, você sabe.

— Só conversamos, ele é divertido, você sabe eu... Eu juro foi só.

— Tudo bem acredito em você... Ele perguntou por mim?

— Sim... Claro que sim, mas eu não disse nada.

— Entendo.

— Só não tinha contado ainda que o encontrei porque acabei de acordar, mas ia te ligar pra falar da festa.

— Tudo bem e como foi?

— Como foi?

— A festa.

— A sim a festa, foi ótima...

Deixei-a me contar sobre a festa, mas o fato de ela ter ficado constrangida e sem graça me deixou ainda muito intrigada.

Desligamos e me levantei para tomar café. Não tinha nada demais a Evelyn encontrar o Brady, claro que não, eu só tinha ficado surpresa com tanta intimidade. Não sabia que eles se falavam, será que tinha alguma coisa que ela não estava me contando?

Bom ia dar a ela o benefício da dúvida, afinal era só uma foto. Respirei fundo e resolvi deixar para lá. Por enquanto.

Encontrei minha mãe na cozinha terminando de preparar o almoço.

— Bom dia, dorminhoca!

— Bom dia, mãe — sentei-me à mesa e coloquei um pouco de café na caneca — E papai? Não vem hoje?

— Não, ficou enrolado com a reforma lá da clínica. — papai estava aproveitando que não atendia mais todos os dias no consultório de Petrópolis, e estava reformando o lugar. — Depois do almoço vou ao shopping e depois ao mercado para abastecer sua dispensa, quer ir comigo?

— Não, quer dizer, vou aproveitar o sábado pra estudar um pouco. Depois vou colocar algumas séries em dia.

— Na minha época não tinha nada disso, a gente não passava o tempo sozinha em casa vendo TV. Chegava sábado ia todo mundo lá pra praça se divertir e paquerar. — sorri revirando os olhos.

— Quase posso dizer que a sua juventude foi infeliz mãe, imagina?! Como é possível uma pessoa passar pela juventude sem assistir séries e sem ter tido ao menos um *crush* em uma delas? — disse melodramática.

— O que é *crush*? — minha mãe perguntou curiosa.

— É tipo uma paixonite por alguém, platônica ou não.

— Na minha época falava-se *quedinha* mesmo e eu tive vários, mas eles eram reais.

— Não necessariamente tem que ser alguém famoso, ou um personagem. — continuei — A entendi. Bem, pra não falar que não tive nenhum *crush* famoso então, eu morria pelo Willian Baldwin.

— Nem sei quem é — respondi colocando um pedaço de queijo na boca.

— Não é da sua época, ele fez um filme com aquela ex-modelo Cindy Crawford.

— Piorou mãe — sorri.

— A esqueci que a juventude de hoje gosta dessas baboseiras de vampiros e lobisomens e não dos filmes de ação.

— Hei! Eu não gosto de vampiros e lobisomens! — defendi.

— É verdade você gosta de zumbis e serial killers — falou fingindo um arrepio.

— Isso aí. Bom, vou tomar um banho — levantei e beijei sua testa.

Voltei para o meu quarto e tomei meu banho relaxante e demorado, aproveitei para hidratar meus cabelos. Depois de dez minutos com a máscara capilar os enxaguei e os sequei.

Olhei para o meu reflexo no espelho desanimada. Nossa meu cabelo estava precisando de uma hidratação de verdade. Eu poderia aproveitar que a minha mãe iria ao shopping e ir com ela para dar um jeito na cabeleira, mas

isso significava correr o risco de dar de cara com o Rafa.

— Pelo amor de Deus, Maju — falei para a minha imagem no espelho — Não foi tanta coisa assim também, não é? Foi só um beijo garota!

Um beijo muito bom, mas ainda assim foi só isso. Deslizei meu dedos sobre os meus lábios e fechei os olhos. Um beijo muito, muito bom.

Droga. Se eu fosse dessas garotas loucas que ficavam com um e com outro por aí não hesitaria em ficar com ele, mas eu era muito seletiva. Jamais ficaria com um cara que quase comeu uma loira peituda no corredor, e quando ela virou as costas deu em cima da amiga da vizinha descaradamente para logo mais à noite dar em cima da própria vizinha.

O Rafa era aquele tipo de cara que eu odiava na época da escola. Popular e idiota, sim ele era idiota. Só não era mais idiota porque era um só.

— *Caras idiotas não te chamam a atenção ouviu, Maju?*

— *Ouvi* — repeti como se a imagem no espelho respondesse para a Maju verdadeira.

— *Isso garota!* — é eu não estava mesmo no meu juízo perfeito.

Capítulo 14 – Cadê essa Menina que não Aparece?



Rafa

Eu estava parando no estacionamento do prédio quando o Kaiary me ligou.

— Fala aí, *mané*?

— E aí, *man*? Cara fiquei a tarde toda vendo vídeos no YouTube e só tem aquelas danças de padrinhos ou o noivo tocando violino, saxofone. Eu não sei tocar porra nenhuma!

— Dança de padrinho?

— É. Eles fazem a coreografia das músicas.

— Se o seus irmãos e o Gabriel toparem a gente faz *pô*. Tem que tirar a roupa? Se tiver melhor ainda — falei brincando.

— É uma dança de padrinhos Rafa, não um show de striptease.

— Eu sei cara, estou brincando. Mas vê isso aí, a gente faz a dança dos padrinhos e você depois pode cantar alguma música pra ela com essas letras melosas de felicidade e amor eterno.

— Eu? Cantar? Eu não sei cantar, caramba!

— Você cantava no coral da escola quando éramos crianças. É só ensaiar, o Gabriel pode tocar pra você.

— Não sei não, Rafa — disse indeciso.

— Você queria um ideia, estou te dando uma, agora é contigo.

— Ok. E como a gente faz pra ensaiar essa dança? Já está em cima.

— *Tu* contratou profissionais para organizarem o seu casamento pra que, *mané*? Eles que se virem pra ensaiar a gente!

— Certo, vou ver o que eu faço. Valeu cara.

— Valeu.

Sorri. Era engraçado como o Kaiary acatava todas as minhas ideias, nem eram tão boas assim.

Saí do meu carro e avistei a mãe da Maju no outro carro a poucos metros do meu pegando – ou tentando – pegar suas sacolas de compras.

Sabia que era a mãe dela, pois há alguns dias tinha visto as duas saírem juntas e perguntei ao porteiro quem era.

A mãe da Maju estava toda atrapalhada com as bolsas que eu como um vizinho exemplar e prestativo que era, não poderia deixar aquela senhora tão fina e tão distinta subir com aquele peso todo. Saí do carro rapidamente e fui até ela.

— Boa tarde, senhora.

— Olá boa tarde — sorriu gentilmente.

— Eu sou o Rafael, seu vizinho da frente. Deixa que eu te ajudo com essas bolsas. Estou subindo também — falei já pegando as bolsas da mão dela.

— Oh, você é muito gentil! A propósito meu nome é Pauline.

— Prazer em conhecê-la. Agora sei de onde a Maju tirou sua beleza. — ela sorriu visivelmente tímida.

Devagar cara, não vai deixar a coroa pensar que você está dando em cima dela. Seu alvo é a filha.

— Conhece minha filha?

Apertei o botão do elevador que já estava na garagem e dei espaço para ela entrar.

— Sim, já nos conhecemos, ela é muito legal. Já conheceu todo mundo lá de casa.

— Legal? — a mãe dela me encarou surpresa. — Claro, ela é.

Putz, a própria mãe tinha dúvidas.

— Que cheiro é esse? Não me diga que a senhora já se rendeu aos pãezinhos do seu Bené?

— Está falando da padaria da esquina? — assenti — Então sim, são mesmo deliciosos.

— São. Já experimentou os croissants?

— Sim! De comer rezando. — sorrimos.

O elevador parou no nosso andar e seguimos em direção aos nossos apartamentos em uma conversa animada sobre as quitandas do seu Bené.

— Deixa eu colocar lá dentro pra senhora — disse quando ela abriu a porta.

— Claro.

Entramos e acompanhei a dona Pauline até a cozinha. Dei uma olhada rápida no caminho, mas nenhum sinal da marrentinha.

— Pronto.

— Obrigada pela ajuda, filho.

— Que isso não foi nada. Qualquer coisa que vocês precisarem é só bater na porta da frente. Eu moro com meu irmão gêmeo, um primo e a noiva dele, então sempre tem gente por lá.

— Você tem um irmão gêmeo? Ele é idêntico a você?

— Não. Somos bivitelinos^[7], mas somos bem parecidos. O meu primo Kaiary que mora com a gente é que tem dois irmãos gêmeos idênticos.

— Nossa que interessante!

— Sim a família é grande, quase todo mundo gêmeo. Bom, eu já vou indo dona Pauline. Foi um prazer conhecê-la.

— Ah, fica mais um pouco. Vou passar um café que trouxe lá de Minas aí você me conta mais sobre sua família de gêmeos e aproveita e come o pãozinho de seu Bené.

— Não vou atrapalhar?

— Que isso, senta aí — insistiu pegando a jarra da cafeteira.

Touché.



Se a marrentinha não estava em casa, uma hora ela ia ter que chegar. Estava fugindo de mim, eu sabia. Era muita coincidência o sumiço dela. A gente se esbarrava direto no corredor ou na portaria e de uma hora para outra a garota sumiu, mais necessariamente depois do nosso beijo.

Não era toda marrenta e cheia de si? Por que estava fugindo de mim, então?

— Gosta com açúcar ou adoçante no café? — dona Pauline perguntou me tirando dos meus devaneios.

— Açúcar.

Ela colocou uma bandeja com a jarra, duas canecas e o potinho de açúcar na minha frente. Servi um pouco do café e o adocei.

— *Hummm*, muito bom! — ainda bem que era tarado em café.

— Não é? — sorriu satisfeita. — Então Rafael, mora aqui no prédio há muito tempo?

— Desde que iniciei meus estudos, sou de Niterói na verdade. Esse ano me formo e talvez volte pra lá, ainda não me decidi.

— Está cursando o que? — perguntou interessada.

— Direito.

— Direito. Meu pai era advogado, um dos melhores, mas infelizmente um câncer o tirou de nós.

— Eu sinto muito.

— Não sinta, faz bastante tempo — respondeu despreocupada pegando os pãezinhos da sacola.

— Sirva-se.

— Obrigado — peguei a faca e parti o pão.

— O requeijão também é de Minas.

— Gosta de comida mineira? — perguntei passando requeijão no pão.

— Amo. Acho que fui mineira em outra vida. — sorriu. O mesmo sorriso da filha, não que eu já tivesse o visto muito — Não é só dá comida

NACIONAIS-ACHERON

que gosto. Gosto das cidadezinhas históricas, da gente de lá. Mas diga-me, como conheceu Maju?

— Ela ficou presa do lado de fora outro dia.

— Ah, é verdade.

— Então a Angel, noiva do meu primo a convidou pra ficar com a gente até o pai dela voltar. — não era mentira, só não tinha sido tão bonito como eu estava descrevendo.

— Eu agradeço por isso. Às vezes fico insegura da minha filha estar estudando longe de casa, morando sozinha. Ela gosta do silêncio, é muito reservada, mas as vezes faz falta uma companhia, né? Ela nunca irá assumir, mas sei que às vezes se sente só. A única amiga dela é a Evelyn e ela passou pra outra universidade então elas acabaram se distanciando.

— Conheci a Evelyn também. Muito gente boa — palavras do Gabriel.

— A Evelyn é meio doidinha, mas tem bom coração e a Maju... Bom, a Evelyn já está acostumada com o jeito dela, então elas se dão bem.

A única que aturava a Maju, ela devia estar querendo dizer.

— A Maju é reservada sim, mas isso é até bom sabe. Não dá pra confiar em qualquer um hoje em dia, ainda mais ela que está em um lugar diferente.

— É o que eu digo. Mas graças a Deus a Maju não é muito de sair de casa, não bebe, não gosta de festas.

Totalmente oposto de mim.

— Vocês dão muita festa na república de vocês? — *merda.*

— Na verdade, não é bem uma república. Foi uma brincadeira que fiz com meu primo e acabou que a placa ficou na porta. A gente é bem tranquilo. Pra não falar que não fazemos festa, uma vez ou outra. Sua filha mesmo foi com a Evelyn na última.

— A Maju? Numa festa em uma república? — perguntou incrédula. Segurei o riso. Essa ela ia ter que explicar para a mãe.

— Sim, mas elas ficaram pouco e acabou cedo também.

— Minha filha deve ter gostado mesmo de vocês.

— Fico contente — dei meu melhor sorriso de menino bonzinho.

— E eu fico muito feliz de a Maju ter você como vizinho Rafael, você, seu irmão e o casal. Quero conhecê-los.

Ficamos um bom tempo batendo papo. A mãe da Maju era uma ótima pessoa, alto astral, simpática — o oposto da filha. O papo estava tão animado que quase me esqueci do meu real objetivo ali.

Cadê essa menina que não aparece?

Como se lendo os meus pensamentos a Maju surgiu na cozinha. Parecia que tinha acabado de acordar. Usava uma blusa de moletom gasta com a estampa das meninas super poderosas, um shortinho de bolinha e um par de meias listradas. Cabelo despenteado e cara amassada. Linda!

Quando me viu arregalou tanto aqueles dois olhos bicolores que pensei que eles pulariam em cima da mesa.

— Rafa? O que você faz aqui?

Capítulo 15 – Detesto Gente Intrusiva.



Maju

Acordei e olhei no relógio, já eram quase cinco da tarde. Dormi praticamente o dia todo. Meu corpo já estava doendo de tanto ficar deitada. Isso é porque eu ia passar a tarde estudando, lendo e vendo séries.

Peguei meu celular e respondi as mensagens da minha amiga doidinha, ela estava online e ficamos jogando conversa fora até minha barriga roncar de fome. Eu já estava mais tranquila em relação a ela e o Brady depois de uma tarde de sono profundo.

Nos despedimos e saí do quarto em direção cozinha assaltar a geladeira. No caminho escutei vozes vindas de lá.

Ué, minha mãe tinha visita?

O papo estava bem animado pois minha mãe ria sem parar e era voz de homem. Avancei o passo e quando cheguei na cozinha quase caí para trás com a cena que presenciei.

O Rafa estava sentado à mesa no maior papo com minha mãe que sorria sem parar para ele.

— Rafa? O que você faz aqui? — ele me encarou ainda com um sorriso nos lábios, o que foi suficiente para as imagens do beijo virem à tona.

— Isso são modos de falar com seu amigo, Maju? — *amigo?*

— Oi, sumida.

Eu queria que o chão se abrisse e me engolisse ali mesmo ou, que tivéssemos um guarda-roupa para que eu pudesse fugir pra Nárnia^[8], mas como não tínhamos nada daquilo, apenas fechei a cara.

— O Rafael me ajudou com as sacolas de compras, aproveitei e o convidei para tomar um café.

— O seu café de Minas?

O café que ela não oferecia a ninguém? O café que só meu pai o tomava fumando os seus charutos?

— Isso. Senta aí filha que te sirvo.

Obedeci mecanicamente e me sentei de frente para o vizinho mais sem noção do mundo inteiro. Ele sorria divertido enquanto mordida um pedaço de pão, só então me lembrei que estava com fome.

Peguei um pão e o parti para passar o requeijão. Quando eu ia pegar o potinho, Rafa o empurrou na minha direção.

— Muito bom esse requeijão — falou de boca cheia.

— Filha por que não me contou que já se enturmou aqui no prédio? Fico contente de saber que já fez amizades.

— Amizades?

O que aquele maluco tinha falado pra minha mãe?

— Sim querida. Com a Angel, o Kay, o Gabriel e o Rafa. — ela falava como se já os conhecesse há vinte anos.

— É eu...

— Olha Rafa, a Maju tem esse jeito *turrona*, mas é uma amor de menina *Me mata de vergonha mãe!*

Devo ter ficado vermelha pois meu vizinho gargalhou.

— Não esquentar dona Pauline, já me acostumei com o jeito da sua filha. Toda marrentinha por fora, mas por dentro é um doce — olhou pra mim e murmurou um *docinha* antes de passar a língua nos lábios e eu acompanhei todo o movimento com o olhar. Que raiva!

Minha mãe voltou com a jarra de café e sentou-se à mesa levando meu vizinho a se recompor.

— Ela é sim um amor de menina, mas por ter sofrido bullying na

NACIONAIS-ACHERON

infância minha Maju aprendeu a se defender. Por isso tem esse temperamento.

— Mãe para. O Rafa não quer saber dessas coisas.

— Você sofreu bullying? Por quê?

Ele era retardado? Ele próprio havia me chamado de estranha.

— Por ser estranha — aponte para os meus olhos. Vi seu pomo de Adão subir e descer e suas bochechas corarem. Sorri vitoriosa.

— Como alguém pode pensar isso? São os olhos mais lindos que já vi.
— tudo bem que depois dessa quem ficou vermelha fui eu.

— Eu vivia dizendo isso a ela. Até que foi entrando nessa cabecinha dura. Hoje ela lida bem, não é filha?

— Muito bem, vamos mudar de assunto? — perguntei mal-humorada.

Fechei a cara e comi meu pão calada enquanto os dois tagarelavam. Minha mãe ria de tudo que ele falava, que boba! E ele falava tanta bobeira. *Tá* até que ele era engraçado, as histórias dos tempos de criança na fazenda da avó, sei lá onde, eram divertidas, mas eu continuei calada e de cara fechada.

— E você Maju? Não tem nenhuma história engraçada de quando era criança?

— Tenho — sorri com ironia — Teve aquela vez que eu derrubei um gordinho na lama por tentar me beijar. Teve outra que eu puxei os cabelos da vaca da filha da vizinha e teve aquela vez que eu derrubei meu primo da bicicleta porque ele me chamou de *zói* de gato — caí na risada — Essa com certeza foi a melhor. Ele era intrometido sabe, detesto gente intrometida.

— Será que detesta mesmo? — arregalei os olhos e encarei minha mãe que parecia não estar sacando o que estava rolando ali.

— Gente intrometida? Com certeza comigo é na porrada. — o tampo da mesa era de vidro então baixei os olhos para aquela parte específica do corpo dele que já tinha visto do que eu era capaz.

— Filha, vai espantar o Rafa desse jeito! — essa era a ideia.

O celular da minha mãe começou a tocar e ela pediu licença nos deixando sozinhos na sala. Nos encaramos em silêncio na nossa já conhecida

batalha de olhar.

— *Tá* fugindo de mim? — foi direto ao ponto.

— Por que eu estaria fugindo de você? Se acha tão importante assim?

— Está — foi uma afirmativa — Não precisa, já te falei que se quiser mais vai ter que pedir — arqueei a sobrancelha incrédula.

— Então meu querido espera deitado, porque sentado você vai se cansar. — disse colocando mais café na minha caneca, ele aproveitou e estendeu a dele pra eu colocar café para ele também.

— E tem melhor maneira de se esperar algo do que deitado em uma cama? — piscou. *Argh que idiota!* — Fica tranquila Maju — disse encostando-se na cadeira — Não vou beijar você de novo até que me peça. E quando você pedir, tenha em mente de que não vai ser só beijo que eu vou querer.

Arregalei os olhos e ele sorriu.

Babaca!

— Ah, Rafa se você me conhecesse bem não ficaria cantando de galo do meu terreiro. — cruzei os braços e encostando-me na cadeira também.

— Qual é Maju? Não sejamos hipócritas, você quer tanto quanto eu. Pra quê ficar fazendo esse joguinho comigo?

— Ah, é? E o que é que eu quero que não estou sabendo? — arrependime instantaneamente de ter feito a pergunta.

— Simples — se aproximou pousando os cotovelos na mesa. — Eu, você, uma cama, zero de roupas, você debaixo de mim molinha, bem *derretidinha*. Igual no dia do elevador. — abri a boca para falar, mas a fechei novamente sentindo minhas bochechas pegarem fogo. — Diz que sim?

— Desculpa meus queridos, mas vou ter que dar uma saída — minha mãe surgiu na cozinha.

— Tudo bem mãe, o Rafa também já estava se despedindo — o fulminei com o olhar.

— Claro — ele disse se levantando — A gente vê Maju.

— É Maria Júlia.

— Dona Pauline foi um grande prazer conhecê-la — disse dando dois

beijinhos na minha mãe.

Aff mãe!

— Volte sempre Rafa. Eu o acompanho até a porta. — ele fez um *tchauzinho* para mim e acompanhou a minha mãe.

Só relaxei depois que ele saiu. Que sem noção. Ele teve a cara de pau de aparecer na minha casa pagando de amiguinho para minha mãe?

Eu, você, uma cama, zero de roupas, você debaixo de mim molinha, bem derretidinha. Igual no dia do elevador.

Direto ele, né?

— Ele é o seu *crush*, filha? — minha mãe perguntou quando voltou.

— Claro que não! É só o vizinho da frente. — o Rafa meu *crush*? Nem em sonho.

— Por que não me contou sobre ele?

— Porque não tem nada pra contar sobre ele. Já disse, é só o vizinho da frente.

— Você foi em uma festinha no apartamento dele e quer me fazer acreditar que ele é só o vizinho da frente?

Gente que bocudo!

— Só fui por causa da Evelyn. Ela queria dar uns beijinhos no... — na verdade ela queria beijar o Rafa antes, mas minha mãe não precisava saber o quanto minha amiga era volúvel — No Gabriel.

— Ah *tá*. — olhou-me desconfiada. — O Rafael parece legal e nossa que menino bonito, Jesus! Ah, se eu fosse uns vinte anos mais jovem e solteira.

— *Tá* muito *assanhadinha* hein, dona Pauline?

— Ai filha, só não sou cega. Mas você bem que podia namorar com ele, não é?

— Mãe a senhora não ia sair?

— *Tá* bom, já estou indo — jogou beijos e saiu.

Era só o que me faltava, a minha mãe fã do Rafa.

Namorar o sem noção? Deus me livre, o cara era um galinha, safado e

sem vergonha e estava muito na cara que ele só queria me levar pra cama.

Ia morrer tentando. Eu devia estar sendo um desafio e tanto. Não devia ser muito comum ele levar foras, com certeza estava intrigado e com o ego ferido, mas se dependesse de mim, o ego dele continuaria ferido.

Não se pode ter tudo o que quer.

Mas sendo bem sincera comigo mesma, eu teria que manter uma distância segura dele para não cair em tentação. Na verdade, aquele sem noção era a tentação em pessoa e estava me causando sensações tão desconhecidas, mas ao mesmo tempo tão gostosas. Aquele calor no meio das pernas constante que eu estava sentindo era culpa dele. Filho da mãe!

Capítulo 16 – Não estou Dispensando.



Alguns dias depois...

Rafa

Estávamos sentados eu e o Gabriel na lanchonete da faculdade quando o Gustavo colega do meu irmão juntou-se a nós.

— E aí Bastos? — nos cumprimentou da forma que éramos chamamos pelos colegas.

— Fala aí cara.

— Beleza?

— Não tão bem quanto você, Rafa — levantei a sobrancelha.

— Desenvolve.

— A prima da amiga da minha namorada está bem interessada em você.

— E quem seria a prima da amiga da sua namorada? — perguntei interessado.

— A Thaís.

— Thaís? É uma moreninha de cabelo curto? — perguntei me lembrando da garota que me enviou mensagem.

— Essa mesma. Ela te ligou?

— Mandou mensagem.

— Ah, *tá*. Então, vai ter festinha na república dos meninos lá da arquitetura curso que ela faz. Ela pediu pra te chamar.

— Ih, cara não sei se vai dar — respondi rápido. Senti o olhar intrigado do meu irmão na minha direção. — Estou meio enrolado esses dias.

— Cara nem te disse o dia você está dispensando?

— Que dia vai ser?

— No próximo sábado.

— Viu? Não vai dar, vou pra Niterói. Mas fica tranquilo que mando uma mensagem pra ela depois e a gente combina algo.

— Valeu. Deixa eu ir então que a próxima aula é *foda*. Você não vem Gabriel?

— Daqui a pouco.

— Valeu Bastos.

— Valeu — despedi-me dele e voltei minha atenção para o meu celular.

— O que *tu* vai fazer em Niterói, *brother*? — meu irmão perguntou ainda intrigado.

— Não vou pra Niterói — respondi sem olhar pra ele.

— Saquei. Está dispensando a garota então?

— Não estou dispensando só não estou muito afim.

— Você? Não está muito afim? *Tá* doente?

— *Hahaha*.

— Rafa essa sua falta de interesse repentino em mulher não tem nada a ver com a vizinha não, tem? — meu irmão me encarou me forçando a encará-lo de volta.

— Claro que não. Só não estou interessado em ir a essa festa, prefiro encontrar a garota em outro lugar — expliquei.

— Então por que já não combinou com ela, se a garota te mandou mensagem?

— Qual é Gabriel? — perguntei irritado. — Não é nada disso que você

está pensando. Só não quero ir a uma porra de festa! Não respondi a mensagem porque já estava tarde, depois caiu no esquecimento.

— *Tá certo. Não precisa ficar irritado.* — disse erguendo as mãos.

— Então para com essa conversa besta.

— Sabe, não tem nada de errado em gostar de alguém Rafa, não é um bicho de sete cabeças...

— Ah, desisto. — levantei pegando minhas coisas e o deixando sozinho com um sorriso divertido nos lábios.

Era só o que me faltava, o Gabriel ficar me sacaneando por causa da Maju. Eu estava interessado em levá-la pra cama, isso não era segredo, mas era só isso pô!

Aproveitei que o meu último tempo era de orientação e meti o pé dali. Quando alcancei meu carro no estacionamento notei algo se mexendo atrás do pneu traseiro. Pensei logo em pivete, mas para minha surpresa era um gatinho. Um filhote. Estava todo suquinho e cheio de carrapichos de mato.

Espantei-o e abri a porta do meu carro, mas o danadinho veio para perto de mim e se enroscou nas minhas pernas. Miava de fome. Fiquei com pena. Balancei a cabeça não acreditando no que ia fazer. Peguei o bichinho e enfiei dentro do carro. Ele ficou apavorado e eu já estava arrependido mesmo antes de ele começar a arranhar o banco do carona.

— Não bichano! É couro caralho! — fui obrigado a pegar o gatinho e colocar no meu colo.

Putz arrumei pra minha cabeça — pensei enquanto dirigia para a clínica veterinária mais próxima lá de casa. Desci do carro com o bichinho assustado nos meus braços. O mal agradecido ainda me arranhou.

Cheguei à recepção da clínica e aguardei a minha vez já que tinham duas pessoas com seus *pets* na minha frente. O gatinho quase entrou debaixo da minha camiseta de medo dos cachorros.

Depois de quase uma hora, chegou a minha vez.

— É primeira consulta? — a secretária perguntou.

— Na verdade, eu o encontrei na rua.

— Ah, sim. — disse anotando na ficha. — Então não tem nenhuma

informação sobre ele?

— Não.

— Okay, só mais uns instantes e a doutora vai examiná-lo.

Moral da história, saí da clínica R\$ 350,00 mais pobre entre consulta, exame, vacina, ração e uma caminha. Sem falar do banho.

No caminho para casa, já com o bichano todo limpinho e perfumado dormindo na sua caminha no banco do passageiro, minha mente vagava pra minha vizinha de olhos bicolores.

Eu estava muito a fim dela, com certeza, mas era só. Eu queria levá-la para a cama, mostrar a ela o que estava perdendo. Ela era diferente das garotas que eu estava acostumado, por isso ainda não tinha conseguido, mas eu iria, era questão de tempo. Depois eu poderia voltar a ser o Rafa de sempre, o cara que curti as vadias.

Não tinha nada a ver com gostar. Sempre disse que se isso um dia acontecesse eu não iria fugir, mas sempre torci pra não acontecer tão cedo e a Maju era um desafio, só isso.

Cheguei ao apartamento, coloquei o gatinho em um cantinho. Ele saiu da caminha e foi explorar o local. Não iria ficar com ele, eu o levaria para a fazenda ou sei lá procuraria alguma garota que ficaria mais do que feliz em aceitar aquele gatinho de presente meu, só que a única garota na qual pensei morava na porta da frente.

Lembrei que a mãe dela havia dito que ela se sentia só apesar de nunca admitir e a Maju que eu idealizei gostava de animais. Talvez o gatinho fosse uma boa companhia para ela, já que ele não falava e não entendia. Seria fácil pro bichinho aturar a minha vizinha marrenta. Sorri pensando naquilo.

Ela era muito chatinha, cara! Toda autossuficiente. Diferente das outras garotas com quem eu estava acostumado, o que a deixava mais interessante ainda. Cara, aquela boca dela gostosa pra cacete, aquele olhar sexy de cores diferentes estavam me fazendo ter ereções noturnas, já tinha acordado várias vezes na madrugada de pau duro. No entanto, ela podia negar o quanto quisesse, mas estava a fim também. Só que nunca iria admitir, então eu precisava interpretar os sinais, como dizia na música.

E interpretei. O jeito que ela ficou depois do beijo, o fato de ter sumido

e a forma que me olhou quando me viu na casa dela deixavam muito claro para mim. Por isso não iria desistir tão fácil.

Fui até a dispensa e procurei uma caixa que coubesse meu amiguinho felino junto com a sua caminha. Encontrei uma caixa de papelão exatamente do tamanho que queria. Fiz alguns furinhos para entrada de ar e enfiei a caminha dele junto com o saco de ração. Ela teria que arrumar alguns potes para água e comida.

Peguei meu amiguinho e o coloquei dentro da caixa, mas ele não pareceu muito satisfeito.

— Quietinho aí, cara — falei tentando deitá-lo.

Peguei a caixa e saí do meu apartamento. Coloquei-a no chão de frente para a porta dela e toquei a campainha, voltei rápido para dentro do meu apartamento. Fiquei espiando pelo olho mágico até ela aparecer, já estava desistindo pensando que não deveria ter ninguém no apartamento dela quando a porta se abriu.

Maju olhou de um lado para o outro e depois para baixo. Não pegou a caixa de imediato. Ficou olhando-a por algum tempo até que gritou um *ai*. O gatinho deve ter feito algum movimento ou barulho dentro da caixa assustando-a.

Depois de encarar a caixa de novo ela decidiu pegá-la abri-la. Missão *cumprida* pensei satisfeito.

Opa! Espera aí, ela está vindo pra cá?

Capítulo 17 – Ele Já tem até Nome.



Maju

Eu estava na mesa da cozinha rodeada de livros para um trabalho da faculdade, quando a minha campainha tocou. O porteiro não avisou então com certeza era morador.

Rafa. Será que era ele?

Só podia ser ele. Não conhecia mais ninguém ali com a cara de pau suficiente para me importunar. Pensei em não atender, mas quando dei por mim já estava no corredor. Fui até a porta na pontinha dos pés para olhar pelo olho mágico, mas não tinha ninguém.

Será que era criança? daquelas que gostavam de ficar apertando as campainhas alheias e sair correndo?

Já tinha feito muito disso quando criança e me vi rindo da situação. Abri a porta e olhei para os lados procurando o/a pestinha. Ia dar uma bronca daquelas e fazer minha melhor cara de Maju megera, no entanto não vi ninguém. Algo fez um barulho perto dos meus pés me assustando. Soltei um grito e encarei a caixa.

Que é isso?

Não acreditei quando abri a caixa e me deparei com aquela coisinha peluda e preta. Estava tão cheiroso que até revirou meu estômago. Coitado, se para mim estava difícil de aguentar imagina para ele.

Encarei a porta da frente. Tinha certeza que tinha sido *arte* do sem
NACIONAIS-ACHERON

noção. Me dar um gato? Onde já se viu? O que ele esperava com isso?

Respirei fundo e me aproximei da porta da frente. Toquei a campainha e aguardei. Ele demorou alguns minutos e atendeu na maior cara de inocente. Cretino!

Passei por ele e entrei. Coloquei a caixa em cima da mesinha de centro e quando voltei parei na sua frente e o encarei.

— Não quero esse bicho — Rafa me encarou surpreso, mas não disse nada. — Você ouviu? Você não pode me dar um gato, na verdade, não quero que você me dê nada.

Já ia saindo quando ele segurou meu braço. Aquele simples toque incendiou o meu corpo inteiro, puxei-o de volta rapidamente.

— É só um gatinho, Maju. Ele estava abandonado na rua, fiquei com pena. — que fofo.

Fofo nada, Maju!

— É Maria Júlia. Muito bonito, aí você pega o gato da rua e coloca a responsabilidade em cima de mim? É muito fácil fazer boa ação desse jeito.

— Só achei que poderia ser bom pra você. Pra te fazer campainha — respondeu contrariado.

Não amolece Maju.

— É muito nobre a sua atitude Rafa, mas não posso e não quero ficar com ele.

— Você não gosta de animais? — perguntou com uma carinha decepcionada.

Mas que droga!

— Gosto, mas não posso ter um agora, entendeu? E para de insistir, não vai rolar.

— Insistir no que? Só te dei um gato. — cruzei os braços e o encarei.

— Não se faz de inocente — falei irritada — Primeiro fez amizade com a minha mãe, agora me dá um gato, o que vai vir depois?

— Quer mesmo saber? — sorriu com malícia — Posso enumerar pra você.

— Não vai acontecer, Rafa. — bufei frustrada. — Eu imagino que você

NACIONAIS-ACHERON

não esteja acostumado a levar um não, mas, por favor, não faça de mim seu desafio. Não vai rolar.

Ele me encarou em silêncio encostando-se ao batente da porta.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— De verdade? — insistiu.

— De verdade, Rafa.

— Tudo bem. — o encarei surpresa.

— Tudo bem?

— Tudo bem, já entendi. Quando um não quer, dois não brigam, certo?
— piscou.

— Certo. — respondi desconfiada.

— Ok. — concordou ficando ereto — Você podia pelo menos ficar com ele até...

— Tá bom vai! Me dá ele. — o sem noção sorriu aquele sorriso matador e foi até a caixa.

— É só até eu arranjar um lugar pra ele ficar — disse me entregando o gatinho.

— Não precisa, já disse que fico com ele. — meu vizinho arqueou a sobrancelha me medindo dos pés à cabeça e demorando mais do que o necessário na minha boca.

— Fica em definitivo ou...

— Definitivo, aliás, ele já tem até nome. É Rafa. — ele gargalhou.

— Está dando meu nome pro bicho e não quer que eu pense besteira? Vai dormir abraçadinha com ele, vai? — que raiva não era naquela intenção que tinha dado o nome dele para o bichinho.

— Em sua homenagem, pois você está tão azarado comigo quanto um gato preto. Por isso! Não por... Ah, quer saber? Tchau. — saí do apartamento dele rapidamente.

— Eu abro a porta pra você — falou já do meu lado.

— Está aberta, não precisa. — mas ele teimou e abriu a porta.

— Como você sabe que é macho? — perguntou perto demais. Que droga ele conseguia me desconcertar só de falar perto de mim.

— Ué ele está de gravatinha azul, caminha azul... — falei o óbvio.

— Ah, é — sorriu fazendo carinho na cabecinha do gato — *isso não foi fofo, Maju!* — Você tem que comprar aquela caixa de areia pra ele fazer xixi e cocô e potes pra ele comer e beber água.

— Eu não, você que compre! E vou ficar com ele, mas qualquer despesa que eu tenha você é quem vai pagar.

— Acho justo. — sorriu de novo e meu Deus pra que ser tão bonito?

— Ok.

— Ok — repetiu, mas não arredou o pé. — Olha Maju — ignorava de propósito quando eu o corrigia que era Maria Júlia — Acho que começamos com o pé esquerdo. Vou te confessar que eu não sei lidar muito bem com uma rejeição, mas eu respeito a sua decisão. Não vou mais te incomodar com isso. Somos vizinhos e acho que precisamos conviver bem. Qualquer coisa que você precisar pode tocar na porta da frente.

Que papinho besta era aquele? Ele estava falando sério? Desistiu tão fácil assim?

— É sério — reforçou vendo minha cara desconfiada. — Pode confiar.

— Tudo bem, Rafa. Agora eu realmente preciso entrar, tenho dois trabalhos para terminar.

— Ok, vai lá.

Quando já ia entrando a Angel chegou e se aproximou da gente.

— Olá Maju, está sumida — forcei um sorriso.

— Oi Angel, estou na correria — falei tentando ser simpática.

— Eu também. Está faltando um mês para o casamento e acho que fico doida até lá.

— Vai dar tudo certo — falei equilibrando a caixa. O gatinho já estava impaciente querendo sair.

— Tomara. O que é isso, um gato? — ela perguntou já vendo a cabecinha dele saltando para fora da caixa.

— Sim.

— Que gracinha! — a vizinha disse pegando o gatinho.

— É — sorri sem graça. Olhei para o meu vizinho que parecia tão sem graça quanto eu.

— Eu tinha um gatinho pretinho assim quando era criança — disse alheia a mim e ao Rafa que trocávamos olhares. — Toma — o colocou de volta na caixa — Maju antes que me esqueça, hoje à noite vai ser o meu chá de lingerie, você está convidada. Vai ser as oito lá no terraço.

— Obrigada pelo convite, mas estou enrolada com alguns trabalhos. — justifiquei.

— Que porra de chá de lingerie é esse que não fui convidado? — o sem noção perguntou e eu juro que tentei não rir, mas foi inevitável.

— Não foi convidado porque não é pra você ir, *oras*. É só para mulheres!

— E como é que funciona isso? Vocês se vestem com lingerie e desfilam com elas? Porque se for isso eu vou de penetra.

— Ai Rafa você é podre, não é nada disso e você não vai de jeito nenhum. Onde já se viu? — rimos as duas da cara dele. Gente ele não tinha mesmo filtro — Faz um *esforcinho* pra ir Maju, leva a sua mãe se ela estiver por aí. Te garanto que só vai ter mulheres — ela disse olhando de cara feia pra ele.

— Tá bom, mas não prometo. Gente dá licença. Vou colocar o... O gatinho no chão antes que ele pule da caixa.

— Tudo bem, vai lá — a vizinha disse.

— Pensa sobre o que te falei. — meu vizinho sem noção ainda disse antes de eu entrar.

Apenas assenti com a cabeça e fechei a porta. Respirei pausadamente tentando relaxar e soltei o *Rafa* que foi direto para o sofá. Ser folgado por acaso era característica dos Rafas?

Desistiu fácil demais, dava pra confiar nele? Não, não dava. Ele estava armando o bote com certeza, só para me pegar desprevenida igual no dia do elevador. Droga!

Bom se fosse verdade, pelo menos eu poderia relaxar.

Então porque eu estava com aquela sensação incômoda tomando conta do meu peito? É claro que eu queria que ele mantivesse distância. Com certeza!

Queria?

— É Rafa — disse me sentando no sofá e pegando o bichano no colo — Me diz o que o seu xará está tramando? — mas o Rafa felino apenas ronronou satisfeito em meu colo me deixando sem as devidas respostas.

Capítulo 18 – Você Agora é Minha Cúmplice.



Rafa

— Rafa você que deu aquele gatinho pra Maju? — minha amiga perguntou assim que fechei a porta.

Engoli em seco e a encarei sem jeito.

— Não. — ela cruzou os braços e arqueou a sobrancelha com uma expressão tipo me *engana que eu gosto*. — Ok, fui eu, mas não é nada disso que você está pensando. Eu encontrei o gatinho no estacionamento da faculdade e fiquei com pena do bicho. Ele estava todo cheio de carrapicho do mato, suquinho, aí eu peguei. Só dei pra ela porque a mãe dela disse que ela se sente só e...

— Você já conheceu a mãe da Maju? — me interrompeu intrigada.

— Sim eu estive na casa dela outro dia...

— Não Rafa, devagar, vamos do começo. Você esteve na casa da vizinha?

— Ajudei-a com as compras, foi só isso. Depois ela me convidou pra tocar café e aceitei. Você sabe o quanto eu gosto de café.

— Eu pensei que fosse de uísque, de conhaque e sei lá mais o que, mas não de café. — respondeu sem se convencer.

— Café também — pisquei para ela que revirou os olhos.

— Então vocês fizeram as pazes? Você e a Maju?

— Não estávamos brigados, novata.

— Então por que vocês estavam discutindo no corredor? — insistiu.

— *Tá* muito curiosa não tá não? — passei por ela e me deitei no sofá.

Minha amiga me acompanhou e se sentou na mesinha de frente para mim. — O que foi, princesa?

— Quero saber o que está acontecendo entre vocês. Sei que a discussão mexeu contigo, vi o jeito que você ficou. Olha, eu preferia que você quisesse me contar, mas posso te coagir a falar. — sorriu divertida. Respirei fundo e me sentei de frente pra ela.

— Ok, Angel, mas é sério, não está rolando nada, ainda. Ela está fazendo jogo duro, mas é questão de tempo pra eu pegar. Ela só ainda não se deu conta que está na minha.

— Uau — exclamou incrédula. — Não pensei que eu fosse viver para te ver correndo atrás de mulher, Rafael Bastos. Está apaixonado por ela — o que?

— Fumou maconha, princesa?! Só quero comer, não confunde as coisas!

— *Aff!* Rafa...

— Sim, eu sei que sou podre — completei por ela rindo — Mas pelo menos sou sincero.

— Tomara que ela não dê pra você — disse se levantando de cara feia.

— Ei, você é minha amiga ou minha inimiga?

— Sou sua amiga, mas aquela garota não parece ser do tipo das vadias que você está acostumado. Ela pode se apaixonar por você e aí?

— Eu posso viver com isso — disse brincalhão, mas minha amiga fechou ainda mais a cara — Sério Angel, não engano ninguém, se ela topar se divertir comigo, vai ser sabendo que não vai passar disso. Não vou iludir nem enganar ninguém só pra ter sexo. Nunca fiz isso antes e não vou começar a fazer agora.

Minha amiga suspirou assentindo conformada.

— Tudo bem, desculpe. Eu sei que você não é desses.

— Tranquilo — falei pegando a mão dela — Não pensa mal de mim

Angel. Eu me importo muito com o que *tu* pensa de mim. Nunca quero perder o seu respeito.

Ela sorriu e fez carinho no meu cabelo.

— Com uma condição. Nunca deixe de ser você.

— Eu posso fazer isso — respondi com um sorriso.

— Então estamos acertados — minha amiga se aproximou e beijou minha testa — Vai fazer o que agora?

— Nada. — respondi me deitando novamente.

— Ajuda a gente lá no terraço?

— A gente?

— Sim, eu, a Adrielle e a Bianca, a menina nova lá do restaurante.

— *Tá* bom.

— Oba! Vou pegar umas coisinhas e a gente pode ir. — disse animada.

— Essa Bianca é gostosa?

— Rafa!



— Prontinho prima, já coloquei as bebidas no freezer. Muita tequila, hein? O que vocês vão aprontar?

— Nada demais, só vamos nos divertir um pouquinho e você está liberado.

— Está me enxotando? — perguntei fingindo incredulidade.

— Estou. Agora vai.

— Não tão rápido assim — falei me sentando na espreguiçadeira. — Temos negócios a resolver, senta aí.

Minha amiga revirou os olhos e sentou do meu lado.

— Já que você me coagiu a revelar o que está havendo entre a vizinha e *euzinho* aqui. Você agora é minha cúmplice e vai ter que me ajudar.

— Nem vem, Rafa!

— Qual é novata?! Não é nada demais, basta falar bem de mim, fazer uma boa propaganda, sacou?

— Isso se ela vier.

— Isso se ela vier. Estamos acertados? — levantei a mão pra ela.

— Ai tá bom — resmungou apertando a minha mão.

— Agora se ela não vier, joga a Bianca na minha mão. — dei uma piscadinha e me levantei.

— Mas já vai? Bem que você podia deixar o Rafa ficar não é Bianca?
— Adriele falou. Sorri e olhei para a Angel.

— Não, ele não vai ficar.

— Deixa ele ficar Angel. Ele pode fazer parte da decoração — foi a vez da Bianca insistir.

— Vai desapontar suas convidadas?

— Com toda certeza — dei os ombros vencido.

— Eu tentei meninas, mas se quiserem sair desse chá de lingerie sem graça, estou no andar de baixo. Pode vir as duas.

— Rafa, sai logo daqui! — gargalhei e as deixei lá no terraço.

Voltei para o meu apartamento e fui para o meu quarto. Tomei um banho rápido, vesti apenas uma cueca e me joguei na cama.

Peguei meu celular e estava cheio de mensagens. Eu poderia sair com qualquer uma daquelas garotas e deveria, já que desde a Bruninha e eu não tinha transado com mais ninguém e isso já fazia umas... Três semanas?

Era um recorde. Tudo culpa daquela marrentinha.

Eu não podia negar para mim mesmo que era no mínimo estranho. Mesmo quando eu ficava muito a fim de alguma garota, não deixava de me divertir com outras, muito menos fazia abstinência.

Suspirei resignado.

Mas tinha explicação. O que estava acontecendo era que antes dela, eu nunca tinha me importado tanto se iria rolar ou não. O fato de ela estar dificultando, despertava algo em mim. Uma vontade de mostrar a ela o que estava perdendo e uma vontade louca de que ela gostasse e muito quando provasse — isso era novidade.

Bufei. Ela ia ceder, eu só precisava ser um pouco mais persuasivo. Mas enquanto não rolava nada entre a gente, eu precisava extravasar.

Lembrei da tal Thaís. Ela poderia me ajudar com isso, ou até a Bianca. Procurei o contato da Thaís para mandar uma mensagem, mas o sono estava batendo, então decidi tirar uma soneca antes. Quando acordasse, ligaria para ela e a chamaria pra dar um *rolé*.



Acordei com meu celular tocando. Era a Angel.

— Fala aí princesa. — falei acendendo a luz do abajur.

— Rafa tem como você trazer mais bebidas pra gente? — mais bebida?

— Caralho se vocês beberam tudo o que tinha aí, devem estar todas *trêbadas e facinhas*.

— Dá pra trazer ou não?

— A Maju está aí? — perguntei com um sorriso maior que a cara.

— Sim. Vem logo senão ela vai acabar indo embora.

— Me dê dois minutos — deliguei o telefone e corri para o banheiro.

Vesti uma camiseta de malha azul com mangas longas e uma bermuda xadrez. Calcei meus chinelos e corri para cozinha para pegar um engradado de cerveja.

Cheguei ao terraço e fui direto para o freezer, mas no caminho pude ouvir um burburinho de mulheres, com certeza falavam de mim. Não vi a marrentinha, mas em compensação a tal Bianca faltou me comer com os olhos.

Não é que elas tinham bebido mais da metade das tequilas? Como eu falei, estavam *trêbadas e facinhas*. Riam alto e rebolavam dançando funk. Caralho!

Minha amiga se aproximou sorrindo, parecia a única sóbria.

— Cadê ela? — perguntei notando que meu mais novo objeto de desejo não estava em lugar algum.

— No banheiro. Vê lá hein, Rafa.

— Fica tranquila Angel, tá comigo tá com Deus, só vou conversar com ela.

Ela balançou a cabeça assentindo.

— Agora a festa vai ficar boa — uma garota que eu não conhecia gritou — Traz seu amigo aqui, Angel!

— Ignora as vadias — minha amiga falou no meu ouvido — Sua pretendente está vindo aí — fez um gesto na direção do banheiro.

— Nada de vadias — sorri.

Nada de vadias, até porque depois que a vi, não enxerguei mais ninguém. Claro que ela me ignorou, passou por mim e foi se sentar sozinha mais afastada.

Não fui atrás de imediato, fiquei ali por perto do freezer me fazendo de garçom, afinal eu tinha que justificar minha presença ali. Olhei de soslaio para ela enquanto entregava a bebida de uma das garotas e a vi revirando os olhos.

— Nossa Angel, o seu barman bem que podia fazer um showzinho pra animar isso aqui, né? — a menina falou me secando dos pés à cabeça.

Não queima meu filme, caramba.

— Ele não é *gogo boy*, Marisa. Me dá isso aqui Rafa, está liberado. — minha amiga disse tomando a cerveja da minha mão.

Agradei em silêncio e meti o pé dali sobre os protestos da garota e pela primeira vez na minha vida, fiquei incomodado de uma menina se atirar em cima de mim. Droga, mal sinal! Espantei tais pensamentos e caminhei em direção a única garota ali que me interessava.

Capítulo 19 – Não Dispara Coração. É Só o Vizinho Sem Noção.



Maju

— Então o Rafa te deu um gato? — minha mãe perguntou desconfiada enquanto fazia carinho na cabecinha do meu *Rafa*.

— Deu e não vai encher a cabeça de caraminholas porque foi a senhora que foi dizer pra ele que me sinto sozinha.

— Ele gosta de você! — exclamou empolgada.

Não mãe, ele só quer me comer.

— Não é nada disso dona Pauline, não viaja. Mudando de assunto hoje é o chá de lingerie da Angel, ela nos convidou. Deve estar quase começando.

— E você só me diz isso agora? — levantou afobada. Eu nem ia dizer, só disse para desviar o assunto do Rafa.

— E daí? Nós não vamos mesmo. — dei os ombros.

— Vamos sim! Vou descer agora e dar um pulo naquela galeria que tem aqui perto, deve ter alguma loja de lingerie lá. —já foi pegando a bolsa.

— Mãe eu não vou.

— Vai sim, nós vamos. Como ela é? A Angel? É gorda, magra?

— Mãe.

— Responde logo e vai se arrumar que volto rapidinho.

— Magra, baixa, mas é peituda. — respondi, não ia adiantar insistir em ficar, dona Pauline quando colocava uma coisa na cabeça, ninguém tirava.

— Certo. Já volto — e saiu assim, como um furacão.

Eu já tinha sacado qual era a dela, queria fazer amizades por mim. Cismava que eu me sentia sozinha. Tudo bem, era verdade, mas jamais reclamaria. Estava estudando em uma ótima faculdade, fazendo o curso que queria, morando perto da praia.

Era natural, sentir-me só de vez em quando, mas nada que justificasse minha mãe sair à caça de amizades por mim. Como eu não conseguiria sair dessa, me levantei e fui para o meu quarto me arrumar.

Mais tarde lá estávamos eu e minha mãe cada uma com uma bolsa de lingerie de grife entrando no terraço e sendo recepcionada por uma noiva simpática e alegre.

— Que bom que vieram — Angel disse abraçando a minha mãe e depois a mim.

— Mãe essa é a Angel, nossa vizinha de frente — fiz as devidas apresentações.

— Muito prazer em finalmente conhecer você, Angel — dona exagerada – vulgo mãe – respondeu sorridente. — Aproveitando pra te agradecer por ter abrigado a Maju quando ela ficou de fora.

Aff mãe!

— Imagina, vizinhos são para essas coisas — Angel disse amistosa.

Entregamos os presentes a ela que sorriu agradecida.

— Meninas fiquem à vontade, tem bebidas ali no quiosque e tira gostos, sirvam-se.

Agradecemos e seguimos até uma mesa vazia. Tinha poucas garotas, mas eram tão barulhentas que pareciam ser no mínimo umas cem. Minha mãe não fez cerimônia, foi até a mesinha e encheu um pratinho com salgadinhos e mini pizzas.

— Agora vai lá e pega bebidas pra gente. — falou *super* a vontade. Era nessas horas que eu me lembrava que era adotada, éramos totalmente diferentes.

Eu não admitia, mas eu adorava aquele jeito extrovertido da minha mãe, me divertia muito com ela.

Levantei e fui até o quiosque procurar alguma bebida que não fosse cerveja e tequila. Peguei duas cocas e voltei para nossa mesa.

A *noiva* apareceu novamente um tempo depois nos apresentando a algumas meninas. Ficou conversando mais um tempinho com a gente sobre os preparativos para o casamento até ser chamada por uma das convidadas. Era a hora daquelas brincadeiras chatas de chá disso e chá daquilo. Eu detestava. Não tinha paciência para aquilo, minha mãe foi toda empolgada, mas eu continuei onde estava.

Depois que a brincadeira acabou eu já estava pronta para ir embora. Aliás, já tinha passado da minha hora de ir embora.

— Mãe, já deu, né? Vamos pra casa.

— Mas já? Está tão divertido! — revirei os olhos.

O telefone dela começou a tocar. Ela se levantou para atender e eu aproveitei para ir ao banheiro.

Reparei duas garotas me observando quando passei por elas, não as cumprimentei, se quer sorri, sei que falavam de mim. Não me sentia mal, inferior, ou ficava magoada das pessoas ficarem me reparando por causa dos meus olhos. Quando cresci, aprendi a gostar deles e até os achava bonitos, minha mãe sempre dizia que a maioria das garotas que ficavam reparando tinham, na verdade, inveja.

Cresci ouvindo meus pais me dizerem que meus olhos eram incríveis, então eu acreditava e não dava importância. Não me interessava se estavam olhando porque acharam bonito ou feio, não fazia diferença para mim.

Quando voltei do banheiro não acreditei no que vi. Rafa.

Gente aquele cara ultrapassava todos dos limites da inconveniência. Aparecer no chá de lingerie que só tinha mulheres assim na maior cara de pau?

E o pior era que as mulheres ali presentes, olhando rapidamente, pareciam estar muito satisfeitas com uma presença masculina entre elas. Algumas faltavam pular no pescoço dele.

Bando de assanhadas!

É só um cara. — resmunguei em pensamento.

Ignorei o sem noção e voltei para o meu lugar. Ao contrário do que pensei ele não veio atrás de mim. Eu não queria ter sentido aquela pontinha de desapontamento por ele estar de papinho com uma das garotas atiradas ao invés de vir falar comigo, mas infelizmente não consegui evitar.

Aproveitei que ele estava concentrado em pegar a bebida da menina para observá-lo.

Droga, era muito bonito. Os músculos dos braços estavam desenhados nas mangas da camiseta dele. O cabelo arrumadinho estava penteado de lado, sem falar que ele tinha um bumbum avantajado e pernas grossas. Eu achava ridículo homens muito musculosos e de canelas finas e o Rafa não tinha músculos exagerados e suas pernas eram... lindas.

Como qualquer garota eu também gostava de reparar na beleza de um homem, mas como já disse, eu adorava detalhes e o Rafa era cheio deles.

O que você está pensando Maju?

Revirei os olhos e peguei meu celular para desviar minha atenção do vizinho sem noção.

Cadê minha mãe que não volta?

Olhei para meu celular e não ter, nenhuma mensagem da Evelyn me deixou intrigada. Nunca ficávamos um dia sem nos falar, mesmo que fosse apenas por mensagens.

Ouvi a cadeira à minha frente sendo arrastada me despertando daqueles pensamentos.

Rafa.

Não dispara coração. É só o vizinho sem noção.

— Oi vizinha! — me cumprimentou com aquela voz entusiasmada e baixa dele.

— Oi Rafa. — falei voltando a minha atenção para o meu celular.

— Como está o *nosso* filho? — perguntou.

Filho?

— Que filho? — perguntei confusa.

— O gatinho — falou despreocupado.

Era só que faltava ele estava se referindo ao gato como nosso filho?

— Ele NÃO é nosso filho Rafa e ele está bem — respondi olhando rapidamente e desviando o olhar.

Tive que segurar para não rir daquela bobeira. Também não queria olhar para ele, estava bonito demais todo esparramado na cadeira, braços cruzados sobre o peito e sorriso sacana nos lábios.

Continuei digitando uma mensagem para a Evelyn até que ele arrancou o celular da minha mão. Olhei pra ele embasbacada.

— Ei, devolve o meu celular! — pedi erguendo a mão na sua direção.

— Poxa Majuzinha, sua mãe parece ser tão educada. Ela não te ensinou que é feio ignorar as pessoas quando elas estão falando com você?

Majuzinha?! Majuzinha?!

Sacodi a cabeça petrificada. Quem ele pensava que era me chamar de Majuzinha?

E por que ele me irritava tanto?

E por que ele era tão bonito?

— Você me chamou de que? — perguntei agora olhando para a cara de sem noção dele.

Sorriu. O sacana sorriu e não pude fazer nada a não ser engolir em seco. Olhei ao redor e percebi que tínhamos plateia, duas das garotas nos observavam atentas.

— Devolve meu telefone.

Mas ele não devolveu, ao contrário, discou para o dele que tocou em seguida.

— Pronto — falou me devolvendo o aparelho. — Agora tenho o seu número. — sorriu cheio de si.

— Não era mais fácil ter pedido?

— Você teria dado? — estreitou o olhar e se aproximou pousando os braços sobre a mesa.

— Não.

— Então.

— Eu não acredito que você teve a cara de pau de aparecer em uma reunião só de garotas — falei num tom reprovador.

— Isso é por que você não me conhece. Se me conhecesse saberia que quando quero algo, faço qualquer coisa para consegui-lo e só sossego quando consigo. — abri a boca pra falar, mas desisti, era melhor não dar corda. — Mas... Eu só vim mesmo porque a Angel me ligou pedindo pra eu trazer mais bebidas, já estava indo embora, mas aí eu te vi.

Encarou-me com um olhar intimidante e forcei-me a encará-lo de volta.

Aí eu te vi. Aí eu te vi.

Revide Maju.

— E aquele papinho besta de que quando um não quer dois não brigam? — perguntei franzindo a sobrancelha.

Não respondeu. Suspirou e encostou novamente na cadeira e lá estávamos nos dois novamente na nossa batalha de olhar.

— Você é muito bonita — soltou do nada. — Por que você está dificultando?

— Dificultando o que? — eu sabia do que ele estava falando, mas absurdamente eu queria ouvi-lo dizer.

— Dificultando de a gente se entender. — continuava sério me encarando.

— Se entender, Rafa? — sorri com sarcasmo. — Seja sincero comigo, o que é se entender pra você? — perguntei com o coração acelerado lembrando que ele não tinha filtro.

— Entre nós dois? — fiz que sim com a cabeça. — Muito sexo.

Eu tinha certeza que a minha cara tinha ficado vermelha, mas se ele percebeu preferiu não falar, apenas continuou me encarando sério.

— Meu Deus — bufei incrédula — É assim que você consegue mulheres?

— Acredite preciso de bem menos.

— Olha em volta — fiz um gesto com os olhos. — É só escolher, eu tenho certeza que se você quiser, sai daqui acompanhado. Por que está perdendo seu tempo comigo?

— Já *comi* metade — oi?

— Ah, então esse é o motivo? Você me quer por que ainda não me teve?

— Eu quero você porque quero você, simples assim e sabe do que mais? Você também me quer.

— Não quero não! — falei rápido demais.

Ele sorriu.

— Quer sim, Majuzinha.

Eu sabia que ele não ia desistir tão fácil, estava na cara, e que droga ele ia ficar me chamando de Majuzinha? Que brega!

Que loucura o cara estava ali na minha frente dizendo que queria fazer muito sexo comigo. Ele não estava dizendo que queria me conhecer, me beijar ou me namorar, ele estava dizendo que queria apenas sexo, nada mais que isso e eu não estava puta da vida com ele. Mas em minha defesa, eu estava ocupada demais sentindo todas aquelas coisas das quais me eram desconhecidas antes dele aparecer.

Graças a Deus a Angel se juntou a nós dispersando toda aquela tensão que se instalou entre a gente.

— Ué sua mãe já foi? — ela me perguntou.

— Ela foi atender uma ligação — tinha esquecido completamente da minha mãe. Peguei meu telefone para ligar pra ela, foi então que vi sua mensagem dizendo que precisava ir até o hospital ver uma paciente — Recebi uma mensagem dela agora. Ela teve que ir até o hospital ver uma paciente.

— Qual é a especialidade dela? — minha vizinha perguntou.

— Ginecologia e obstetrícia.

— Que legal.

Um garota loira surgiu no terraço roubando a atenção tanto da minha vizinha legal quando do meu vizinho sem noção. Ela se aproximou da nossa mesa e a Angel se levantou e se jogou nos braços da dela.

— Bia! Não acredito, que surpresa boa! — as duas se abraçaram exageradamente e reparei que o Rafa fechou a cara.

Estranho, ela seria mais uma que ele já tinha “comido?”

— Quando você chegou, prima?

— Cheguei há pouco, só foi o tempo de me instalar no apartamento de uma amiga. — então a tal Bia virou-se para nós.

— Olá guria, sou a Bia — disse amistosa.

— Olá, eu sou a Maria Júlia — não sei porque, mas não gostei dela.

— E aí, Rafa. Continua podre?

— E aí, Bia! Continua vadia?

Caramba, o que foi isso?

— Rafa! — Angel o repreendeu.

— Credo Rafa, só estava brincando — a garota falou *super* sem graça.

— Eu também — ele sorriu com sarcasmo. — Dá licença — Rafa se levantou e saiu em direção a parte aberta do terraço.

— Dá licença — repeti o que ele disse e fui cega de raiva atrás dele. Aquilo não era modos de se tratar uma garota.

— Ei! — chamei por ele que parou e me encarou. — Isso é jeito de tratar a menina? É assim que as você trata que consegue o quer?

Ele gargalhou alto.

— Vem aqui — pegou a minha mão. Tentei puxá-la de volta, mas ele já estava me puxando para perto do parapeito do terraço. — Nunca tive nada com aquela ali, graças a Deus.

— Então por que falou com ela daquele jeito grosseiro? — perguntei cruzando os braços.

Rafa se encostou no parapeito e me encarou.

— Ela é a ex do Gabriel. Aquela lá traiu meu irmão e ainda tentou jogá-lo contra o Kay. Mexe comigo, mas não mexe com meu irmão. Viro bicho, valeu?

Ai Rafa. Aqueles momentos de *fofura* dele com certeza seriam os que me levariam a loucura.

Loucuras com ele.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 20 – Me Pede um Beijo?



Rafa

— Aquela é a ex? — minha vizinha marrentinha perguntou sem graça
— Bonita ela.

— Bonitinha, mas ordinária — falei com sarcasmo.

Maju também encostou no parapeito ao meu lado e ficamos os dois observando a Bia de longe.

Por que será que ela tinha voltado? Será que que tinha se dado mal lá na França e agora achava que meu irmão ia aceitá-la de volta?

Não a culpava por pensar que tivesse alguma chance. Eu mesmo tinha dúvidas de que ele não a aceitaria de volta.

— Seu irmão ainda gosta dela? — Maju perguntou chamando a minha atenção.

— Eu não sei. Ele não fala sobre ela, mas eu acho que ele ainda sente algo. — virei-me de frente para ela e a encarei, ela fez o mesmo.

— Você disse que ela o traiu e tentou jogá-lo contra o primo. Por que?

— A maluca meio que teve uma quedinha pelo Kay. Na verdade, ela ficou a fim dele antes de ficar com o Gabriel, mas isso é outra história. Acontece que em algum momento rolou um clima entre eles e aí a doida contou isso pro Gabriel. Os dois se desentenderam e nesse meio tempo ela arrumou um maluco e foi embora pra França.

— E agora ela está de volta.

— Sim, mas espero que seja só para o casamento. Ela é uma das madrinhas da Angel.

— Entendo. Bom, voltando pra ficar ou não, é seu irmão quem decide se quer ou não ela de volta. Não adianta você ficar aí ofendendo a garota.

— E nem você defendendo ela — disse frustrado.

— Não estou defendendo, só estou te dizendo o óbvio. Se ele ainda gostar dela, não há nada que você possa fazer.

— Por que estamos falando deles, afinal? Vamos falar da gente — me aproximei dela que ficou ereta. Sorri. Ficava nervosa sempre que eu me aproximava.

— Não tem essa de a gente, Rafa.

— Vamos combinar assim — aproximei mais um pouco. — Você me pede um beijo, eu te dou, depois a gente desce lá para o meu apartamento e...

— E nada.

— Não tem curiosidade? — perguntei encurralando-a no parapeito.

Ela abriu a boca para falar, mas a fechou novamente encarando minha boca.

— Pede vai. — então ela começou a rir. Na verdade, ela gargalhou bem na minha cara, me deixando totalmente sem reação.

— Você é muito sem noção — falou e me empurrou — Tchau Rafa.

Ela me empurrou? Me empurrou? Foi isso mesmo?

Não vai atrás cara, olha em volta. É só escolher..., Mas que Droga!

Fui atrás dela. Quando a alcancei ela já se despedia da Angel.

— Mas por que você já vai? O Rafa está te aborrecendo? — minha amiga perguntou notando que eu me aproximava. — Não liga pra ele.

E a parte de falar bem de mim? Ela tinha esquecido?

— Eu sei lidar com o Rafa.

E elas falavam como se eu não estivesse presente, então do nada uma ideia louca passou pela minha cabeça.

— Angel acho que já encontrei uma madrinha — *eu estava mesmo*

fazendo aquilo? — A Maju seria perfeita se aceitasse. Minha amiga nos encarou indecisa por um instante, mas sorriu.

— Você aceita Maju? Ser minha madrinha de casamento junto com o Rafa?

Minha vizinha arregalou os olhos incrédula. Estava pagando pra ver como ela iria se livrar.

— Eu é... eu não sei se posso...

— Por favor Maju, está em cima da hora e o Rafa não consegue achar uma madrinha decente sozinho, você é perfeita. — ok, não precisava me esculachar. — Por favor.

— Quando vai ser? — a marrentinha perguntou totalmente encurralada.

— Em três semanas. Você aceita? — a carinha de cachorrinha que caiu da mudança que minha amiga estava fazendo, me deu até pena.

— *Tá bom...* Então, eu...

— Obrigada Maju — Angel disse a abraçando — Obrigada mesmo, amanhã sem falta levo os convites na sua casa, pra você e sua família. — minha amiga me encarou e murmurou um *você me deve essa* antes de soltar a Maju.

— Angel diz para o seu amigo fazer um *showzinho* pra gente! — alguém gritou.

— É Angel, só uma dança!

— Dança! Dança! — algumas das garotas começaram a pedir em coro.

Ferrou.

Maju me encarou com as sobrancelhas arqueadas esperando minha resposta.

— Vai lá, quero ver — ela disse de cara feia.

— Quer ver te mostro entre quatro paredes — falei na frente da Angel e minha vizinha ficou roxa de vergonha, mas continuou de nariz em pé. Toda marrentinha. Caralho, toda linda.

— Vem Rafa! — foi a vez da Adrielle gritar.

Putá que pariu, elas não estavam vendo que estavam atrapalhando minhas investidas com a Vizinha?

Sorri para as garotas que já estavam a maioria sentadas me observando. Podem não acreditar, mas fiquei constrangido.

— Vai rolar grana? Vocês vão colocar dinheiro na minha cueca? — perguntei em tom de brincadeira.

— Vamos! — elas gritaram em coro.

Olhei para Angel que me encarava com ar de reprovação e depois para a Maju, não consegui identificar a expressão no rosto dela, mas poderia jurar que ela não estava curtindo o lance como as outras garotas.

— Quer me ver pelado, princesa? — insisti — Pra me ver pelado vai ter que ficar pelada também e de preferência só nós dois. — ela me encarou de boca aberta e antes que eu pudesse sorrir por tê-la deixado constrangida novamente alguma maluca me puxou para o meio do terraço.

— Vai Rafa dança pra gente! — a garota que me puxou era a tal Bianca. Estava visivelmente bêbada e colocando suas mãos desinibidas sobre mim.

Sorri sem graça segurando as mãos dela. Olhei na direção da saída e vi a Maju indo embora.

— Não vai rolar, princesa, foi mal — disse e saí apressadamente atrás da vizinha.

A alcancei descendo a escada. Desci pulando os degraus e parei na frente dela, segurei nos dois corrimãos impedindo-a de continuar descendo.

— Está indo pra onde nessa pressa toda?

— Dá pra sair da frente? O que você está fazendo aqui afinal? Pensei que a essa hora você já estaria pelado. — falou me fuzilou com o olhar.

— Você não me conhece. Se me conhecesse saberia que eu jamais desrespeitaria meu primo ficando pelado na frente da mulher dele. — ela baixou o olhar, mas o levantou rapidamente me fitando com aquele olhar de superioridade já tão familiar.

— Ou seja, se a Angel não estivesse ali você teria ficado pelado, é isso? — sustentei seu olhar e subi um degrau pra ficar na mesma altura que ela.

— Não ficaria. — mas ela não pareceu acreditar — Juro, não ficaria, até minha cara de pau tem limites. — Maju suavizou a expressão.

— Você não deveria ter me coagido a ser madrinha de casamento da Angel daquele jeito, nem somos íntimas! — reclamou mudando de assunto.
— Amanhã invento uma desculpa, mas não vou aceitar.

— Por favor Maju, minha amiga está uma pilha com os preparativos do casamento. Não vai dar mais essa preocupação a ela — barganhei.

— Não é possível que você não conheça mais ninguém que possa te acompanhar.

— Decente não — expliquei. Ela revirou os olhos vencida.

Aproveitei a guarda baixa e segurei sua cintura. Senti seu corpo estremecer com o toque, mas ela não se esquivou. Bom sinal.

— Me pede um beijo? — pedi no ouvido dela.

— Não.

— Tudo bem eu dou assim mesmo — não esperei para ver sua reação.

A encostei na parede e a beijei. Ia ficar louco se demorasse mais um dia para fazer aquilo. Com uma mão, segurei o queixo dela para impedi-la de se afastar e com a outra segurei a base da sua nuca e aprofundei o beijo.

Ela levou ambas as mãos no meu peito, mas não me empurrou. Ela retribuiu. Eu sabia que no momento que eu a soltasse ela iria sair correndo e então tinha que aproveitar.

Continuei prendendo-a com o meu corpo na parede. Deixei seus lábios e busquei seu pescoço. Distribui beijos molhados sobre ele até chegar a sua orelha. Mordi o lóbulo e o chupei. Ela soltou um gemido rouco que foi abafado por meus lábios.

Caramba nunca pensei que iria curtir tanto apenas beijar uma garota, claro que eu estava mais do que excitado com toda aquela situação, mas a urgência do meu corpo pedindo por sexo, foi sendo substituída por sensações estranhas no meu estômago. Eu estava curtindo demais aquele lance de me enroscar com ela na escada. Tanto que a apertei mais contra o meu corpo, pressionando minha ereção contra o ventre dela. Não era baixa minha marrentinha, a gente se encaixava bem.

Espera aí, eu disse minha marrentinha?

Afastei-me meio atordoado. Encarei seu rosto e lábios vermelhos, seus olhos assustados. Eles pareciam ainda maiores. Não queria soltá-la, não

NACIONAIS-ACHERON

ainda, mas é claro que ela começou a se esquivar de mim.

— Por que você fez isso? — perguntou me empurrando, mas não esperou resposta, foi andando a passos largos na minha frente.

Segui atrás dela um pouco desnortado. Ela parou quando alcançamos o corredor do nosso andar e me encarou cheia de raiva.

— Escuta aqui, Rafa — esbravejou erguendo o dedo da minha direção. — Eu não sou um brinquedinho, muito menos um prêmio. Você não pode ficar me agarrando pelos cantos assim, está me ouvindo?

— Maju, não grita — estava tarde e ela esbravejava a plenos pulmões entre as portas dos vários apartamentos que existiam naquele andar — Vai acordar os vizinhos.

— Está preocupado com os vizinhos agora? — falou um pouco mais baixo. Balançou a cabeça, bufou e deu as costas pra mim indo em direção ao apartamento dela.

Eu me aproximei quando ela tentava colocar a chave na fechadura.

— Ei desculpa!

— Não vou desculpar. Essas suas desculpas não são sinceras! — respondeu sem me encarar.

— Não são mesmo, porra! Precisa desculpar não — Fiquei irritado com aquela situação e acabei gritando com ela. — Desculpa ter gritado. Essas desculpas são sinceras.

Ela acabou dando um sorriso e sorri com ela.

— Não vou te beijar de novo. Só se você me pedir, eu juro. — jurei.

— Você já disse isso antes e olha só, você estava me agarrando a menos de dois minutos sem meu consentimento. — falou com sarcasmo.

— É que eu não calculei que você ia demorar tanto pra pedir, e pôde ter sido sem o seu consentimento no início, mas não depois — sim porque ela estava tão entregue quanto eu.

— Não interessa. Eu não vou pedir pra você me beijar Rafa — lá estava a Majuzinha desafiadora novamente.

Aproximei-me dela e preendi seus braços atrás das suas costas, encostando-a novamente na parede. Aquilo estava se tornando um hábito.

— Me solta — pediu pra eu soltá-la, mas seus olhos e o seu corpo me diziam totalmente o contrário. Por isso não soltei de imediato.

— Por que você resiste? Olha só pra você. Eu vejo desejo em seus olhos, eu sinto o tesão se espalhar pelo seu corpo e não estou dizendo isso para me vangloriar não, digo porque eu sinto o mesmo, então porque a gente não pula logo pra parte que interessa?

— Se você não me soltar agora. Eu. Vou. Gritar — disse pausadamente e com uma calma que me deu medo.

— Ok — disse me agastando. Ela ergueu a sobrancelha e respirou pesadamente — É sério, estou tirando meu time de campo.— eu estava sendo sincero, já estava cansado de correr atrás, além de estar ficando frustrado de tanto tesão.

— Você não tem palavra. Estava discursando esse seu discurso barato hoje mais cedo e na primeira oportunidade você me agarrou. — discurso barato? Doe.

— Mas agora estou falando sério. Como você mesma disse, lá em cima está cheio de garotas que adorariam se divertir comigo, não é mesmo? — fui tomado por uma fúria repentina.

Maju me encarou por alguns instantes antes de voltar a gritar comigo.

— Isso! Vai lá se divertir com a outra metade que sobrou! — ela também parecia bastante irritada.

— Eu exagerei quando disse que já tinha pegado a metade.— ainda tentei justificar.

— Você disse *comido*, não pegado. — ela me interrompeu — Comido, como se aquelas garotas fossem apenas um mísero pedaço de carne. Deve ser isso que eu represento pra você, mais um pedaço de carne!

— Comido porque foi o que aconteceu. É modo de falar, não diminuí ninguém, e não penso isso de você — defendi.

Na verdade, eu pensei sim, mas alguma coisa nela estava me fazendo vê-la como mais do que um... Pedaço de carne?

Que conversa estranha era aquela?

— Não interessa. Vai lá Rafa. Vai se divertir com quem te quer e vê se me deixa em paz!

NACIONAIS-ACHERON

— Vou te deixar em paz marrentinha! — respondi dominado pela raiva. — Aliás, já deixei — fiz um gesto cordial para que ela entrasse em casa.

Dei as costas e segui de volta para o terraço. Antes que eu chegasse a escada, pude ouvir a porta dela batendo. Sentei-me no degrau procurando me acalmar, tentando dissipar meu leve ataque de fúria. O que foi aquilo?

Esperei alguns minutos ali sentado no degrau pela calma que não chegou. Ainda irritado demais, me levantei e segui para o meu apartamento. Com a raiva que eu estava sentindo, não era mulher que ia dar jeito. Eu precisava de algo que me entorpecesse.

Já no meu quarto, abri o meu armário e peguei uma garrafinha de vodca. Bebi quase tudo de uma vez. Sentei-me na beirada da cama e bebi o restante do conteúdo da garrafa. Que merda estava acontecendo comigo?

Por que eu estava correndo atrás de uma garota que ficava se fazendo de difícil? Com tanta mulher disponível, por que eu estava perdendo meu tempo com ela?

Não iria mais correr atrás. Bufei indignado. *Correr atrás*, aquilo soava absurdo. Eu Rafael Bastos correndo atrás de mulher, mendigando beijo. Puta que pariu! Era deprimente.

Mas já bastava, não ia mais perder meu tempo com a marrentinha da porta da frente e foda-se! Foda-se ela e todo o resto. Foda-se que ela me deixava intrigado, me sentindo estranho e fora de mim. Foda-se que ela era linda com aqueles olhos bicolores e boca carnuda com que eu fantasiava diariamente sobre mim, foda-se!

FO.DA-SE!

Capítulo 21 – O Humano, Não o Felino.



Maju

Bati a porta do apartamento com toda a força do mundo e corri para o meu quarto. Tirei meus tênis e me joguei na cama.

Idiota. Idiota sem noção, era isso que ele era.

— Idiota — xinguei em voz alta assustando o Rafa felino que dormia tranquilo na minha cama.

Ainda podia sentir as mãos dele no meu corpo, o gosto dele na minha língua e o cheiro dele invadindo minhas narinas. Ainda podia ouvir sua voz baixa me pedindo um beijo. Eu devia estar ficando louca, só estando louca pra justificar estar sentindo e pensando todas aquelas coisas, o cara só queria me levar pra cama.

— Ele só quer te comer sua idiota.

E porque eu fiquei tão irritada de ele permitir aquela garota de tocar nele? Todo sorridente o sacana, ficou fazendo piadinhas para aquele monte de mulher desocupada e aquela vadia? Já foi logo puxando o cara sem o mínimo de respeito por mim. Poderíamos estarmos juntos, poxa!

Fechei meus olhos e respirei fundo. O que aquele sem noção estava fazendo comigo? Meu coração agora disparava quando eu encontrava com ele, meu corpo ficava tenso, minha pele queimava com um simples toque. E ele me deixava molhada, irritada e molhada na mesma proporção *Eu vejo*

desejo em seus olhos, eu sinto o tesão se espalhar pelo seu corpo...
Presunçoso, era isso o que ele era.

— Ai não Maju, sua idiota! Não vai chorar...

Pronto, eu estava chorando por causa do sem noção. Não tinha como piorar. Deitei-me na cama, peguei o Rafa no colo e o abracei. Toda vez que eu fechava os olhos lá estava o meu vizinho sorrindo para mim com aquele sorriso debochado e falando baixo no pé do meu ouvido. Lá estava ele me tocando com suas mãos experientes, incendiando meu corpo, me deixando inebriada. Eu não podia mais negar que eu o desejava, que estava louca de tesão por ele.

— Eu tenho tesão em você, seu idiota! Está satisfeito?

Será que ele tinha mesmo voltado lá para o terraço? Será que àquela hora já estava se enroscando com outra?

Ai meu Deus, que deprimente!

Ele ficou chateado comigo, irritado até. Com certeza me deixaria em paz. Eu queria isso? Queria que ele me deixasse me paz?

Era o mais sensato, porque do jeito que eu estava me comportando, não demoraria muito para eu me render aquela intensidade toda em forma de homem que vivia na porta da frente.

Chorei por mais algum tempo abraçada ao Rafa que não suportou muito tempo e se desvencilhou de mim correndo para sua caminha no chão.

Já estava me sentindo a própria Felícia^[9] querendo pegá-lo de volta e o abraçar até esbugalhar seus olhos. Resolvi deixá-lo no chão mesmo. Me arrastei até o banheiro, tomei um banho rápido, escovei os dentes e vesti meu pijama.

De volta ao meu quarto dei uma última conferida no meu celular para ver se tinha mensagem da Evelyn e é claro, de um certo vizinho sem noção já que ele tinha pego meu número. Como não tinha mensagem de nenhum dos dois, deitei e apaguei a luz. Dormir, no entanto, seria difícil.



Acordei cedo antes mesmo do meu celular despertar. Para ser sincera, eu mal havia dormido e isso estava nítido na minha cara, pelo menos era o

que a minha imagem no espelho dizia. Fiz minha higiene matinal, troquei de roupa e peguei minha mochila, a vontade de ir para a faculdade era zero.

Minha mãe não estava em casa, mas já havia deixado a mesa do café da manhã pronta. Tomei apenas um copo de leite puro e peguei uma maçã.

Passei o tempo todo que estive em aula, aérea. Não consegui prestar atenção nas aulas, nem nas conversas a minha volta. Só conseguia pensar numa coisa e essa coisa tinha um corpo incrível e beijava muito bem..., Mas era um idiota que só queria me levar para a cama.

Que droga.

A tardezinha quando voltei para casa, minha cabeça doía. Não esbarrei com *alguém* quando saí, nem quando voltei e senti falta daquilo. Entrei desolada no meu apartamento não antes é claro de dar uma última olhada no corredor e na porta da frente.

Deprimente Maju.

Dei de cara com a Angel e minha mãe conversando no sofá. Lembrei-me de que ela havia dito que entregaria os convites no dia seguinte e lembrei-me de que eu tinha aceitado ser madrinha dela junto com o Rafa. Só que não tinha mais clima, já não tinha clima antes da gente discutir, ainda mais depois.

Sorri quando ela me viu e respirei fundo. Tinha que encontrar uma melhor forma de dizer a ela que eu não poderia mais ser sua madrinha.

— Oi Maju! — ela me cumprimentou amistosa como sempre. Difícil não gostar dela.

— Oi Angel — falei sentando-me ao lado dela.

— Olha que lindo o convite — minha mãe disse me entregando o convite. Era realmente muito bonito.

— É muito lindo mesmo — falei criando coragem para abordar o assunto.

— Obrigada mesmo de coração Maju por ter aceitado ser minha madrinha. Já estava ficando preocupada de o Rafa não encontrar alguém, mas ele não poderia ter escolhido pessoa melhor. Sei que a gente se conhece há pouco tempo, mas sinto que podemos ser ótimas amigas — falou empolgada segurando minha mão. Olhei sem graça para minha mãe que sorriu satisfeita.

NACIONAIS-ACHERON

E agora? Como eu me livrava de um compromisso que nem tinha sido eu que tinha tratado?

Maldito seja você, Rafael.

— Será um prazer ser sua madrinha, Angel — disse por fim. Afinal a garota não tinha culpa de ter um amigo inconsequente daquele.

— Na verdade, o Rafa é padrinho do Kay então você também, mas isso não importa.

— Não, claro que não.— concordei.

— Bom, obrigada pelo café dona Pauline, mas eu preciso ir, tenho que resolver umas coisas. — Angel disse se levantando.

Eu e minha mãe a acompanhamos até a porta. Ficamos um tempinho batendo papo com ela no corredor. Eu não queria ter ficado na expectativa de ver o Rafa chegar ou sair do apartamento, mas foi inevitável. Angel agradeceu mais uma vez – coisa que já estava me deixando sem graça – e se despediu. Nos despedimos dela e entramos.

Eu não tinha conseguido dizer não a ela, mas talvez o próprio Rafa fizesse isso. Talvez ele nem quisesse mais que eu fosse seu par.

— Está tudo bem filha? — minha mãe perguntou notando meu desconforto.

— Só a minha cabeça que está doendo o dia todo. Vou me deitar um pouquinho — dei um beijo nela e fui para o meu quarto antes que ela começasse a questionar o fato de eu ter aceitado ser madrinha de casamento da vizinha.

Não vi o Rafa no meu quarto e não o tinha visto na sala. Voltei até lá e o procurei, mas não o encontrei. Fui até a cozinha onde minha mãe estava e nada.

— Mãe você viu o Rafa? — perguntei concentrada em procurá-lo embaixo da mesa.

— Na porta da frente? — respondeu com a sobrancelha levantada. Putz chamei o gato de Rafa na frente dela sem perceber. — Você deu o nome do vizinho para o gato?

— Foi uma brincadeira — respondi sem graça. Ela continuou me encarando com curiosidade, poderia jurar que a cabeça dela já estava

NACIONAIS-ACHERON

explodindo de caraminholas. — Qual é mãe? Já disse. Foi uma brincadeira. Cadê ele?

— No meu quarto. Filha temos que colocar telas de proteção nas janelas, o *seu* Rafa — disse dando ênfase a palavra meu — Estava tentando subir na janela quando cheguei, ainda bem que estava fechada.

Telas de proteção?

— Onde compra isso? — perguntei. Não queria que o *meu* Rafa se esborrachasse no chão lá embaixo.

— Sei lá. Vê com o porteiro onde os moradores daqui colocaram suas telas, vi que alguns apartamentos têm.

— *Tá* vou ver isso.

Fui até o quarto da minha mãe e peguei o gato e o levei comigo para o quarto. Fiz carinho na cabecinha dele que ronronou satisfeito.

— É Rafa pelo menos ainda tenho você. E ter você é mais seguro do que ter o Rafa da porta da frente.

Ai droga. Definitivamente o Rafa humano, não felino era o meu *crush*.

Capítulo 22 – Bônus Angelina



Abri a porta do meu quarto e fui privilegiada com a visão do bumbum durinho e perfeito do meu amor. Ele estava de costas secando os cabelos quando entrei. Sorriu cheio de más intenções quando me viu.

— Como foi?

— Foi muito legal — falei colocando as coisas que havia ganhado sobre a cama. — Nossa nunca vou me acostumar a ver você nu, é muita perfeição numa pessoa só.

— Deixa disso, morena — falou sem graça — Você já está mais do que acostumada a me ver pelado.

— Acostumada a te ver pelado sim, mas nunca vou me cansar de ver.

— Ah, é? — disse sentando-se na sua cadeira giratória — Então vem aqui minha rainha. Vem aqui e senta no seu trono — falou dando umas batidinhas na perna — sorri e fui obediente.

Enganchei uma perna de cada lado e sentei em seu colo.

— Sou sua rainha é? — perguntei toda boba.

— É e meu corpo é seu templo — falou me fitando intensamente nos olhos.

— Uau! — beijei seu lábios com paixão — Ainda não acredito que daqui a pouco mais de três semanas a gente vai *tá* casado — disse quando nos afastamos.

— Eu ainda não acredito que você é minha.

— Pois eu sou, todinha sua! — meu noivo lindo e fofo sorriu e colocou a mão sobre a minha barriga.

— Quero *botar* um moleque aqui dentro. — eu tinha ouvido aquilo direito? — Quando você vai tirar esse troço de você, princesa, pra gente poder fazer nosso filho?

Engoli seco sem acreditar que ele estava mesmo dizendo aquilo. Ele queria ter um filho comigo, assim tão rápido?

— Kay — respirei fundo tentando segurar as lágrimas — Nem nos casamos ainda. Não quer esperar um pouco mais?

— Não quero esperar pra formarmos a nossa família, Morena. Você é tudo o que eu quero e quero encher nossa casa de filhos, quero que eles se pareçam com você, que sejam como você, forte e decidida. Diz pra mim que vai tirar essa porra logo?

Eu já não conseguia e não queria mais segurar as lágrimas. Meu coração parecia que ia explodir dentro do meu peito. Eu amava aquele homem e ele seria o pai dos meus filhos. Agradei a Deus em silêncio como fazia todos os dias desde que o Kay entrou na minha vida.

— Você tem certeza disso?

— Toda certeza do mundo — respondeu sem pestanejar.

— Então eu vou marcar uma consulta — falei animada.

— Pra amanhã.

— Já?

— Já, Morena.

Nos beijamos com fome. Amava quando a gente se *pegava* forte. Kay desceu seus lábios para o meu pescoço chupando e mordendo de leve.

— Você vai vestir uma dessas lingerie pra mim agora? — perguntou piscando com malícia.

— Claro que não. São para a lua de mel. — ele gargalhou.

— Já me fartei desse mel — falou e ganhou uns tapas.

— Ai!

— Pra você aprender. Kay?

— Sim.

— O Rafa já insistiu pra ficar com alguma garota alguma vez?

— Sério que você quer falar do Rafa agora? — perguntou apontando para baixo me mostrando seu amiguinho pronto para entrar em ação.

— Eu só queria saber se ele já se empenhou antes pra ficar com alguém.

— Por que você quer saber isso?

— Não posso falar — ele estreitou o olhar.

— Por que não? Sou o seu noivo.

— Mas ele é meu amigo.

— Sou seu noivo e te como — gargalhei.

— É meu noivo e vai continuar me comendo mesmo se eu não te contar nada — disse o óbvio.

— Ok. Bom Morena, o Rafa nunca se apaixonou, também não me lembro dele tão empenhado pra comer alguém. Se a garota não está a fim ele parte logo pra outra. O que não falta é doida querendo *dar* pra ele.

— Pra vocês três, né? — falei fingindo ficar emburrada.

— Estamos falando do Rafa. Com você mesmo ele levou na boa e ainda ficou teu amigo.

As coisas que o Kay disse me deixaram ainda mais intrigada em relação ao meu amigo estar tão empenhado e ficar com a Maju.

— Ele está empenhado em levar a Maju pra cama, é isso? Ela está dificultando?

— Não vou dizer nada — fingi trancar os lábios com uma chave invisível.

— Cara tenho que conhecer essa garota!

— Kay pelo amor! Não vai falar nada com ele sobre isso, por favor — uni as mãos em prece.

— Tudo bem, amor. Mas olha, não fica animada, conhecendo meu primo como conheço, com certeza foi rejeição da garota que o deixou mais

empenhado. No fundo ele só quer comer, é bom ela não se iludir. Sei do que estou falando.

— Ah — falei decepcionada. O fato de ele ter coagido a Maju a aceitar ser madrinha com ele tinha me dado esperanças, mas não ia contar ao Kay.
— Tem mais uma coisa.

— Puta que pariu, o que é?

— Adivinha quem apareceu de surpresa no meu chá.

— Não faço ideia — meu noivo me encarou com curiosidade — Quem?

— Bia. — ele arregalou os olhos e eu assenti com a cabeça — E mais, está decidida a reconquistar o Gabriel.

— Vadia.

— Kaiary!

— Desculpa Morena, mas essa sua prima, vou te contar, viu?! — meu noivo respirou fundo e me encarou — Tem mais alguma coisa que eu deveria saber?

— Não. — falei fazendo carinho na cabecinha do sexo dele. — ele sorriu mordendo os lábios. — Podemos continuar de onde paramos.

Kay levantou comigo esgarranchada nele e me deitou na cama jogando as bolsas com as lingerie no chão.

— Deixa eu provar você?

Como resistir a um pedido daquele? Apenas sorri e fechei os olhos deixando meu noivo lindo e irritantemente atraente fazer seu trabalho.

Capítulo 23 – Não Esquece da camisinha.



Rafa

Acordei com uma ressaca infeliz. Quando resolvi que já era hora de dormir, já tinha perdido a conta de quantas garrafinhas de vodca eu tinha consumido. Minha cabeça a ponto de expolir me dizia que tinham sido várias. Não ia rolar ir para a *facul* isso era fato, então levantei, tomei um banho, vesti um short e fui para a cozinha.

Café, eu precisava de café.

Por sorte ainda tinha um restinho na garrafa. Peguei o pote de biscoito e fui para a sala. Coloquei a caneca e o pote na mesinha de centro e peguei o controle da TV. Procurei entre os canais qualquer um que fosse de esporte e deixei ali, só mesmo para fazer barulho. Tomei o café, comi alguns biscoitos e me deitei no sofá.

Eu me recusava a pensar nela, no entanto, minha cabeça parecia não entender isso.

Tudo bem era natural eu estar frustrado, afinal já tinha perdido as contas de quanto tempo eu estava sem sexo. Isso deixaria qualquer cara irritado, o motivo não era ela, não era.

Portanto eu ia resolver meu *problema* e não ia ser com a vizinha marrenta. Ela era carta fora do baralho. Ia ser com qualquer outra, mas com ela quem não queria agora era eu.

Deus me livre, só de beijar já senti todas aquelas coisas, era melhor

NACIONAIS-ACHERON

deixar quieto. Vai que ela era uma delícia na cama e sei lá, só sei lá, se eu me apaixonasse?

Tsc. Tsc. Tsc. Queria não.

Então para não correr o risco eu estava desistindo, e para ficar firme na minha decisão, era melhor evitar encontrá-la pelos corredores, elevador ou estacionamento.

Eu não me orgulhava de assumir que ia me esforçar para não a encontrar, mas se tinha alguém a quem eu nunca enganava – não que eu enganasse outras pessoas – era a mim mesmo e se havia algum risco de aquela garota de olhos bicolores me fisgar eu tinha que me proteger.

Passei o dia todo em casa, dormi quase o dia inteiro entre o sofá da sala e minha cama e lá pelas seis da tarde quando eu saia do banho meu celular tocou. Era meu pai.

— Rafa?

— Fala aí pai! Espera que vou te colocar no viva voz — coloquei o celular na cama e apertei botão do viva-voz para poder secar meu cabelo. — Pode falar.

— Lembra daquele meu amigo de colégio? O Andrei?

— O advogado?

— Ele mesmo. Já que você não sabe se vai voltar pra cá quando se formar e já que você precisa fazer estágio e ainda não moveu uma palha — revirei os olhos — Ajeitei um estágio pra você na empresa dele.

Olha o meu pai me pressionando para trabalhar. Não que eu não quisesse trabalhar, não era isso, mas eu queria conseguir por mim mesmo e não por indicação.

— E antes que você negue por ser um orgulhoso do caralho, eles estão precisando. Então não é bem um favor.— meu velho me conhecia bem.

— Vou pensar e te dou uma resposta, tranquilo?

— Você tem dois dias. Sua mãe quer saber quando o filho mais ingrato dela vai aparecer para visitá-la?

— Dona Suellen sempre tão dramática.

— Eu ouvi isso, moleque! — ela gritou ao longe. Meu pai também

estava no viva-voz, era assim que eles sempre falavam com a gente.

— Também te amo, mãe — falei sorrindo.

— Certo meu filho, vou te deixar em paz. Com certeza você tem coisas mais excitantes para fazer do que falar com esse velho aqui.

— Não esquece da camisinha! — dona Suellen gritou.

— Nunca! — gritei de volta.

Desliguei e fui para a sala. Encontrei a Angel e o Gabriel na cozinha fazendo comida. Ela adorava cozinhar com o Gabriel, era raro, mas acontecia. Meu irmão estava ensinando vários pratos para ela cozinhar para o Kay depois de casada.

— O que vocês estão cozinhando hoje? — perguntei abrindo a geladeira.

— Estou ensinando a Angel a fazer nhoque de aipim. — meu irmão respondeu me analisando. Deve ter sido porque bebi quase uns dois litros de água de uma vez só.

— Você estava no deserto? — perguntou divertido.

— Não enche — respondi me sentando a mesa.

— Que bicho te mordeu? — minha amiga perguntou intrigada.

— O bicho da ressaca, só isso.

— Você nem bebeu ontem — disse desconfiada — Saiu depois? — perguntou disfarçando para o Gabriel não perceber.

— Não, bebi em casa mesmo. — respondi sem vontade.

— Em casa? — Gabriel me encarou embasbacado — O que foi que aconteceu pra *tu* beber em casa *man*?

— Ó *vamo* parar com o interrogatório? — bufei irritado. Não queria dividir minhas frustrações com ninguém.

— Rafa entreguei os convites lá na Maju — Angel soltou de repente.

Putá merda tinha me esquecido desse detalhe. Eu tinha convidado — coagido — a vizinha a ser a madrinha junto comigo. E agora?

— Mudei de ideia — levantei-me — Vou arrumar outra madrinha.

Saí da cozinha deixando um Gabriel visivelmente curioso e uma

Angelina visivelmente zangada. Mal alcancei a porta do meu quarto e ela já entrava atrás de mim.

— Você está brincando, não é? — perguntou irritada. Não respondi — Me diz que você não me fez ir até a casa da garota entregar convites pra depois desistir? E por que você desistiu? O que aconteceu depois que vocês saíram do terraço?

Tantas perguntas e eu “afim” de responder nenhuma.

— Não aconteceu nada, só pensei melhor...

— Pensou melhor uma ova Rafael Bastos! Esse não é você! Me diz logo o que está havendo — engoli em seco, ela parecia bem brava e a cara feia dela deixava claro que ela não arredaria o pé enquanto eu não explicasse.

— A gente brigou... Eu acho — Brigaram? Por que?

— Ah, sei lá — respondi sem encará-la.

— Rafa!

— Eu a beijei, ela ficou puta dizendo que não era meu brinquedinho, que eu não podia ficar agarrando ela pelos cantos e eu falei umas merdas, nem sei direito Angel, só sei que aquela garota me tira do sério. — desabafei.

— Você está gostando dela? — Angel perguntou suavizando a expressão.

— Não — respirei fundo — Não mesmo, não tem nada a ver com gostar, é mais um troço físico, sei lá — eu tinha que admitir, estava confuso pra caralho.

— Vocês andam se pegando pelos cantos?

— Não estamos nos pegando. Foi só um beijo, dois com o do elevador — ela abriu um sorriso — Não coloca coisas na cabeça Angel, você sabe o que eu quero com aquela garota.

— Tá bom — mordeu os lábios segurando o sorriso.

— É sério novata, não viaja.

— Ok. Gostando dela ou não, brigado com ela ou não, eu quero ela como minha madrinha. Resolve — estufou o peito e quando ia saindo voltou a me encarar — Se você não resolver Rafael Bastos, arranjo outra pessoa pra entrar com ela, de preferência algum dos seus primos lindos e gêmeos lá de

Niterói. Com certeza qualquer um deles irão ficar mais do que satisfeitos em entrar com a Maju — a danada me ameaçou e bateu a porta.

Sabe aquela Angel? Aquela que até há alguns minutos eu achava a garota mais doce do planeta? Pois é, tinha acabado de se transformar em algo assustador bem na minha frente.



Era sexta-feira, dia de *bebemorar* e namorar, não no sentido exato da palavra, o meu namorar queria dizer apenas o óbvio. Sexo.

Vesti uma camiseta branca com listras escuras e de mangas compridas, uma calça jeans escura, um sapatênis de cano alto e estava pronto. Encarei minha imagem no espelho satisfeito. Eu não era muito vaidoso, mas gostava de estar sempre com a barba feita e bem vestido. Nada de marcas com preços exorbitantes, porém, gostava de vestir roupas legais e de andar cheiroso, claro, pra mulherada cheirar à vontade.

Peguei minha carteira e minha chave de casa. Quando saía sozinho, optava por ir de táxi, assim eu poderia beber sem me importar de como voltaria para casa. Não que eu estivesse pensando em beber além da conta, meu objetivo naquela noite era outro.

O Gabriel estava no restaurante e o Kay e a Angel tinham ido para o apartamento deles em Niterói, o que significava que eu tinha a casa toda só para mim. Se a noite rendesse, poderia levar minha companhia para lá sem problemas.

Ia ter festa na república de uns amigos meus de curso e as festas deles eram famosas pelo número de mulher disponível. Tinha senha para quantidade de homens, mas mulher era liberado.

Só que para minha infeliz sorte assim que saí do meu apartamento, adivinha quem estava saindo do elevador? Sim, Majuzinha.

Ela estava linda. Usava uma camiseta do Racionais^[10], um shortinho jeans surrado e coturno. Seus cabelos estavam presos e eu nunca a tinha visto de cabelos presos antes. Já disse que ela usava uma camiseta dos Racionais? *Pô* curtia pra caramba o som deles.

Fiquei encarando sem disfarçar, tanto que só quando ela se aproximou foi que enxerguei que o *coroa* a acompanhava. Com certeza era o pai dela.

NACIONAIS-ACHERON

O senhor me cumprimentou com um boa noite enquanto ela apenas me encarou. Ele abriu a porta e foi entrando, mas minha vizinha ficou travada no corredor.

Fala comigo, Maju.

Mas ela não falou. Só me desejou boa noite entrando em seguida. Nem me dei ao trabalho de responder e saí antes mesmo dela encostar a porta.

No elevador bufei irritado. Porra não fiquei dois minutos na presença dela e já estava irritado.

— Problema, Rafa — falei comigo mesmo enquanto observava as luzes indicativas se acenderem em cada andar.

Ela era problema e eu tinha acabado de constatar.

Por que?

Porque a porra do meu coração não disparava daquele jeito apenas por eu olhar para uma garota e pela primeira vez em três dias eu fiquei satisfeito por ter me afastado. E, para fechar com chave de ouro aquela constatação, eu iria transar.

Saí do elevador e cumprimentei o porteiro. Já na calçada avistei um táxi e fiz sinal para ele.

— Segue pra onde, meu camarada? — o taxista me perguntou.

— Tijuca.

Algun tempo depois o taxista parou em frente da república dos meninos, uma construção de arquitetura antiga e muito espaçosa. Do murinho baixo e todo pichado da frente da casa já dava para ver a movimentação. Paguei o cara e logo que saí do carro já avistei a Bruninha acenando para mim.

— E aí princesa — cumprimentei-a beijando seu rosto.

— Rafael Bastos. Está sumido — sorriu retribuindo o cumprimento.

Devolvi o sorriso dando uma boa conferida no visual dela. *Pegável*, muito *pegável*. Com aquele vestidinho então, dava para dar uma rapidinha no banheiro *facinho*.

Uma loira chamou por ela que murmurou um já volto. Reparei no corpo dela quando passou por mim e a marrentinha veio sem permissão na minha

cabeça. Ela era totalmente diferente das meninas que eu estava acostumado. Enquanto as garotas com quem eu gostava de transar pelos cantos, se vestiam de forma sensual com seus vestidinhos colados no corpo e salto tão altos que eu não sabia como conseguiam ficar em pé em cima deles, a marrentinha gostava de camisetas dos Racionais.

Putá merda! Porque eu estava pensando nela?

Balancei a cabeça um tanto incrédulo e entrei na casa. Eu nem tinha chegado direito e já estava pensando nela.

Que bruxaria era aquela?

Encontrei com os caras da república e logo parti pra cozinha para me servir de alguma bebida. Estava ali para relaxar, mas estava mais tenso do que quando saí de casa.

Servi uma dose generosa desses conhaques que vendem em qualquer mercado e encostei-me na bancada da cozinha. Depois da terceira dose, já mais relaxado, saí da cozinha e dei de cara com a Bruninha e a loira que a tinha chamado quando cheguei.

— Onde você se enfiou?

— Estava só me abastecendo — falei levantando o copo.

— Entendi. Rafa essa aqui é a Luíza.

— Prazer, princesa — falei dando dois beijinhos na bochecha dela. — Tudo bem com você?

— Com certeza, mas pode melhorar.

Viu? Por isso as vadias.

A Bruninha sorriu e sussurrou no meu ouvido antes de sair: — Ela é de boa. Se você der conta de duas pode me chamar — saiu rebolando, a cachorra e me deixando de pau duro.

Sorri pra Luíza que sorriu de volta pra mim.

Ménage? Era totalmente a favor, desde que eu fosse o único homem na parada.

— Que curso você faz? — perguntei iniciando o assunto.

— Administração e você?

— Direito.

— Hum quer dizer que você faz “direito”, então? — perguntou dando duplo sentido a pergunta.

— Direitinho — ela sorriu jogando charme — Vem dançar comigo Luíza — falei pegando na mão dela e a levando até pista de dança improvisada no quintal.

Dancei muito com a loira gostosa. Dançamos tão colados um no outro que não dava para saber onde começava um e onde terminava o outro. Bebi muito daquele conhaque ruim também.

Lá pelas onze da noite eu já estava meio tonto – tonto e meio – e a garota já estava no meio das minhas pernas enquanto eu estava encostado na parede na casa beijando e passando a mão nela para todos os lados.

— A gente pode incluir a Bruninha na nossa festinha se você quiser — disse no meu ouvido enquanto eu mordida o pescoço dela.

— Quero só você, Majuzinha.

Putz. Troquei o nome da garota pelo da vizinha marrenta, percebi assim que falei.

— Majuzinha? — Luíza ficou ereta e me encarou.

— Eu disse isso? Gostosinha, eu quis dizer gostosinha. Prefiro só você. Vamos deixar a Bruninha fora dessa, certo? O que me diz? — perguntei puxando o corpo dela ao encontro do meu.

— Se você prefere, tudo bem. Eu vou fingir que você não trocou o meu nome ok.? — falou sorrindo a safada.

Mas eu preferia mesmo, já tinha ficado vezes demais com a Bruninha. Quer dizer, eu preferia só a loira antes de chamar a garota de Majuzinha.

Que merda.

Já tinha meio que perdido o tesão quando dei aquele mole, mas as mãos nada inocentes da minha acompanhante entrando na minha calça estavam quase me acendendo novamente.

Só que no momento que o meu celular tocou, no momento que eu o peguei do meu bolso e vi o nome *dela* na tela, foi embora toda e qualquer chance que aquela garota ali na minha frente tinha de me fazer feliz por alguns minutos.

— Dá licença princesa, tenho que atender — ela me olhou com uma cara de *não estou acreditando*, mas assentiu com a cabeça.

Afastei-me a uma distância segura, mas antes que eu pudesse atender, o celular parou de tocar.

O que a marrentinha queria comigo me ligando àquela hora?

Esperei ela ligar novamente, mas isso não aconteceu. Nem olhei para trás para ver onde estava a Luíza, dei a volta na casa e fui em busca de mais bebida. Eu precisava, já que a minha vontade de gozar tinha ido para o ralo.

Vinte minutos mais tarde e ela ainda não tinha ligado de volta, não que eu estivesse esperando, mas como eu estava vinte minutos mais bêbado, o que eu fiz?

Liguei de volta.

Capítulo 24 – Vem Me Buscar?



Maju

Já passava das onze da noite quando finalmente a Evelyn atendeu a minha ligação. Ela estava fugindo de mim e isso já estava óbvio demais. Desde o dia que o Brady havia postado aquela foto deles dois, notei que ela ficou distante. Eu tinha passado a semana inteira me sentindo péssima por causa da discussão com o Rafa e tudo o que eu queria era ter alguém com quem conversar e a Evelyn era minha única amiga. Era muito estranho ela se afastar assim de mim. Alguma coisa estava acontecendo e ela teria que me dizer nem que para isso eu tivesse que ir atrás dela em Petrópolis.

— Oi amiga! A gente vive se desencontrando, né? — ela disse quando atendeu.

— Corta essa. Me diz logo o que está acontecendo, Evelyn. — fui direto ao ponto. Ouvi-a suspirar do outro lado.

— Tudo bem Maju, precisamos mesmo conversar. Eu estava adiando porque não sabia como abordar o assunto, mas não dá mais pra empurrar com a barriga.

— Que bom, agradeço a consideração por mim, afinal quinze dias empurrando seja lá o que for com a barriga é muito tempo — falei com sarcasmo.

— Não fala assim. Quero conversar com você, mas quero conversar pessoalmente. Se não der pra você vir aqui amanhã, eu dou um jeito e vou até

você, mas precisa ser pessoalmente.

— Tem a ver com o Brady não tem? — eu tinha certeza que sim.

— Também, mas tem mais a ver comigo — ela respondeu.

— Ok. Evelyn amanhã é sábado e meus pais vão estar por aí acho mais fácil eu ir.

— *Tá* bom te espero amanhã, amiga.

— Beijo.

— Beijo.

Eu tinha certeza que a Evelyn estava *ficando* com o Brady, eu não me importava, de verdade. Não gostava mais dele há tempos e ela sabia que ele não valia nada, se queria quebrar a cara com ele o problema era dela, mas eu estava *super* chateada de ela estar escondendo de mim e se afastando. Eu precisava desabafar com alguém sobre o Rafa, não estava aguentando mais guardar aquilo só para mim.

Já ia fazer uma semana que a gente tinha se desentendido – se é que eu podia chamar o que houve entre nós de desentendimento – e ele tinha desaparecido. Estava me evitando eu sabia. Não nos esbarramos mais, nem no corredor, nem no elevador ou no estacionamento. O que não era normal porque ele sempre dava um jeitinho da gente se encontrar por acaso e esse fato estava me deixando louca.

Eu precisava vê-lo nem que fosse para ouvir suas pérolas sem noção, ouvir suas investidas diretas e sem filtro, ou ouvir sua voz baixa e rouca no meu ouvido. Eu precisava vê-lo nem que fosse para ver aquele sorriso debochado pregado na cara dele.

— Maju sua louca, assume que você está a fim do Rafa sem noção! — tapei minha boca assim que falei.

Dizer em voz alta fazia tudo parecer ainda pior do que já era.

Vê-lo no corredor saindo todo arrumado e cheiroso me deu uma raiva. O safado com certeza estava indo atrás de mulher. Pensei que ele fosse falar comigo, mas ele só me encarou. Poxa e nem respondeu meu boa noite.

Peguei o meu celular e o encarei por pelo menos uns cinco minutos. Eu não estava cogitando ligar para ele àquela hora estava?

Não liga Maju, vai falar o que para o cara?

Se eu ligasse era provável que eu atrapalhasse alguma coisa se ele estivesse com alguém e a ideia me agradou e muito.

Eu poderia falar sobre o Rafa felino, já que tive despesas com ele. As telas de proteção tinham ficado uma fortuna. Quando eu dei por mim, já estava ligando. Meu coração faltou saltar pela boca.

O que eu estava fazendo? Era exatamente isso que ele queria, que eu corresse atrás!

Bom isso se ele ainda quisesse alguma coisa comigo. A ligação caiu na caixa postal e eu o atirei longe.

Onde eu estava com a cabeça? Ligar àquela hora da noite com desculpa de falar sobre gato?

Ainda bem que ele não atendeu. Eu queria ter um controle remoto igual ao do filme do Adam Sandler^[11] só para eu voltar o tempo, um pouquinho antes de eu ter um ataque de loucura e ligar para ele, mas esse pensamento foi só até ele ligar de volta. Vinte minutos depois.

Meu Deus ele está ligando de volta! Faz alguma coisa Maju!

Peguei o telefone e o encarei sem coragem para atender. A música que tocava sempre que alguém me ligava já estava chegando na parte que eu sabia que ia parar, então respirei fundo e atendi.

— Alô? — fingi uma voz de sono.

— Majuzinha — respondeu seco e com a voz um pouco mais rouca e mais alta que o normal. — O que você quer?

Pela música alta, com certeza ele estava em uma festa. O que eu queria? Nem eu mesma sabia. Apenas ouvir a voz dele?

— Tive despesas com o gato. — foi o que saiu.

Despesas com o gato, fala sério Maju que desculpa mais esfarrapada!

— Você não está me ligando a essa hora pra falar do nosso filho, está? — apesar do tom rude que ele estava usando para falar comigo, estava se referindo ao Rafa como nosso filho, isso devia ser um bom sinal, né?

Respirei fundo.

— Tudo bem, Rafa. Pra ser sincera eu queria conversar com você, mas

pelo barulho vejo que você está numa festa, então deixa pra outro dia. Não quero estragar a sua noite.

— Minha noite já está estragada desde que te vi com a camiseta do Racionais, princesa — não entendi o que ele quis dizer — Quer conversar comigo? Também quero conversar contigo, pessoalmente. Só que eu estou bêbado demais pra ir pra casa. Vem me buscar Majuzinha?

Ele também queria conversar comigo?

Buscar ele àquela hora da noite sabe-se lá onde? E o que tinha de errado com a minha camiseta? E por que todo mundo só queria conversar comigo pessoalmente?

— Onde você está?

— Tijuca, pertinho do shopping — como se eu soubesse onde era e como se eu fosse sair àquela hora da noite para ir buscá-lo.

— Não sei como chegar aí e está tarde, Rafa!

— Vem de táxi, vem de avião, vem do que você quiser princesa... Só...Vem.

Não tinha lógica sair àquela hora da noite para ir até a Tijuca atrás do Rafa. Eu tinha medo de andar sozinha de carro durante o dia, ainda mais na madrugada, mas e se eu pegasse um táxi... Não acreditava que estava considerando ir até ele.

— Vai vir? — perguntou depois de um tempo. — Vem Maju. Vem Majuzinha, estou precisando de você — engoli em seco com as palavras dele.

— Me fala o endereço certinho — *sou louca* pensava enquanto o esperava perguntar sei lá para quem o nome da rua e o número.

— Vem com a camiseta do Racionais, não esquece.

Que cisma era essa com a minha camiseta?

Mudei de roupa rapidamente, mas não vesti a camiseta do Racionais. Peguei a minha chave de casa e a chave do carro do papai. Ele e mamãe tinham ido juntos no carro dela para Petrópolis e ele havia deixado o carro no estacionamento. Era um modelo desses SUV e era blindado o que me dava uma falsa sensação de segurança.

Olhei rapidamente no google onde ficava o tal endereço. Desci a escada

me chamando mentalmente de louca.

Quase uma hora da manhã e eu saindo de casa pra buscar o sem noção.



Quando eu parei um pouco à frente do endereço que ele havia me dado, estava tremendo. Olhei pelo retrovisor do lado direito e o avistei sentado na calçada. Devia estar esperando que eu viesse no meu carro.

Buzinei para chamar a atenção dele, mas ele sequer se moveu.

— Ai Rafa facilita a minha vida! — resmunguei saindo do carro.

Ele me enxergou quando eu estava me aproximando, mas continuou sentado na calçada.

— Majuzinha — resolveu levantar e já foi me agarrando.

— Rafa, para! — mas ele não parou, ficou me abraçando e cheirando meu pescoço. Perdi alguns segundos me deliciando com o contato até que despertei do meu transe — Vamos — falei me desvencilhando dele.

Ele estava mesmo bêbado, estava se apoiando em mim para não cair. O segurei pela cintura, caminhamos até o carro e destravei a porta.

— Entra aí. — ele sorriu aquele sorriso que me desconcertava e se jogou para dentro do carro.

Entrei no carro e ele já estava todo esparramado, com os pés no painel. O folgado já tinha até deitado o banco.

— Está confortável? — perguntei com sarcasmo.

— Ainda não — ele respondeu antes de deitar a cabeça no meu colo e segurar minha cintura com uma das mãos.

Não tinha nada de íntimo naquele contato, mas só o fato de estar sentindo a mão dele na minha cintura já foi o suficiente para me deixar febril. — Agora sim, estou confortável.

— Como que eu vou dirigir com a sua cabeça no meu colo? — perguntei constrangida.

— Essa porra é automática, Majuzinha. Para de inventar desculpa e dirige vai! — engoli em seco e dei partida no carro.

Ele começou a fazer carinho na minha barriga com o polegar e aquilo estava me enlouquecendo. Olhei de relance para ele que parecia estar dormindo. Mas não estava, o sacana estava me tocando e me deixando louca.

— Rafa para com isso, você está me desconcentrando!

— Estou, é? — falou enfiando a mão debaixo da minha blusa.

— Para Rafa é sério. Você vai me fazer bater o carro! — tirei a mão dele de mim. Ele bufou frustrado e voltou a deitar-se no banco do passageiro.

— Você é muito difícil Majuzinha! Por que você é tão difícil? Você é difícil e má, você é pior do que a malévola, pior do que a rainha má. — achei graça. — Você é tão má que não vestiu a camiseta dos Racionais.

— Eu sou má porque estou com medo de bater com o carro e porque não vesti uma camiseta? — perguntei sorrindo — Para de falar bobagens e coloca o cinto.

Rafa virou o corpo todo para o meu lado e ficou me encarando e claro, não colocou o cinto.

— Você é má comigo. Você é muito má, sabia? Por sua culpa eu estou a quase um mês sem sexo. — continuou falando o quanto eu era má, mas eu não consegui prestar mais atenção.

Por sua culpa eu estou a quase um mês sem sexo?

Era só essa frase que se repetia aleatoriamente na minha cabeça.

— Por que você não sai da minha cabeça, hein? — não falava mais comigo, falava consigo mesmo com os olhos fechados.

Eu poderia fazer a mesma pergunta a ele, mas é claro que não faria. Apenas sorri feito uma idiota durante o restante do trajeto.

Você por acaso está gostando de mim vizinho sem noção?!



— Rafa — chamei quando deliguei o carro. — Acorda.

— Me deixa — falou cruzando os braços.

— Você vai dormir no carro? Já chegamos, Rafael. — insisti.

O sem noção levantou depressa olhando para os lados e depois me encarou.

— Fala de novo — o encarei confusa — Fala meu nome de novo.

— Rafa?

— Não princesa, fala direito. Rafael. — era isso.

— Só se fosse me chamar de Maria Júlia, afinal nunca te dei permissão pra me chamar de Maju, muito menos de Majuzinha — brinquei.

— Maria Júlia. — a voz dele era mesmo linda, rouca e baixa e eu estava mesmo ficando louca, louca por ele.

— Rafael.

Ele sorriu e quando eu pensei que ele ia me beijar meu vizinho apenas fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu estou muito bêbado, Majuzinha — e lá se foi todo o encanto do momento.

— Vamos — falei saindo do carro. Ele saiu também meio atrapalhado e me seguiu. Não rolou beijo no elevador, sequer uma piadinha, ele só me encarava.

Seu olhar era tão intenso que fiquei paralisada no lugar o encarando de volta. Gostava daquele lance nosso de se encarar e ele parecia sentir o mesmo. Um meio sorriso surgiu em seus lábios e não resisti e sorri também abaixando a cabeça.

— Ganhei. — falou. Não respondi apenas revirei os olhos. Quando as portas do elevador se abriram, ele continuou parado encostado no canto.

— Rafa? — o chamei segurando a porta para ela não fechar.

— Espera aí princesa que *tá* tudo rodando.

— Vem comigo — me aproximei dele que passou o braço sobre o meu ombro.

Saímos do elevador e paramos de frente para as nossas portas. Rafa encostou na parede enquanto eu tirava a chave de casa do bolso da minha calça. Nem bolsa tinha levado com medo de ser assaltada.

Abri a porta do meu apartamento e me virei para ele que continuava inerte no mesmo lugar.

— Você não vai entrar? — perguntei.

— Não acho a minha chave — falou apalpando os bolsos da calça.

— Está brincando, não é? — perguntei desconfiada.

— Eu juro, perdi minhas chaves. Caralho!

— Eu te ajudo a procurar — falei me aproximando. Fiquei toda sem jeito de tocar nele, mas do jeito que estava bêbado com certeza não estava conseguindo tirar a chave dos bolsos.

Enfiei a mão no bolso da frente e não encontrei, enfiei no outro bolso e só tinha o celular.

— Cuidado pra não pegar outra coisa aí, princesa! — sorriu cheio de malícia e eu é claro fiquei morta de vergonha, mas fingi não importar.

— Vira — ele fez o que eu pedi e enfiei as mãos dos bolsos de trás rapidamente. As chaves não estavam em nenhum dos bolsos dele.

— E agora?

— Não tem ninguém em casa, saiu todo mundo — falou.

— Será que o porteiro tem uma chave reserva? — perguntei. Ele deu os ombros.

— Vou lá ver — bêbado daquele jeito?

Respirei fundo me enchendo de coragem.

— Vem Rafa, você pode ficar no sofá — um sorriso lerdo estampou o rosto dele. — No sofá!

— *Tá* bem, relaxa!

Entramos e ele já foi se jogando no sofá e arrancando a camiseta no processo.

Disfarça Maju, para de babar no corpo do cara!

Fui até o meu quarto e peguei uma colcha e um travesseiro, quando voltei ele já estava deitado e de olhos fechados. Será que já tinha dormido?

Parei na frente dele e aproveitei para admirar um pouquinho.

— Deixa eu dormir contigo Maju, só dormir, de conchinha? — falou assustando-me.

De conchinha? Não, não Maju, nada de dormir de conchinha com ele!

Joguei o travesseiro e a colcha em cima dele.

— O sofá está de bom tamanho pra você — bom mais ou menos, já que

ele era enorme.

Vire-me pra ir para o meu quarto, mas ele me impediu segurando minha mão. Rafa se levantou rapidamente e ficou de pé na minha frente.

Respirei fundo me munindo de coragem porque se ele tentasse algo, era certo de que eu não conseguiria resistir, mas meu vizinho lindo e sem noção apenas acariciou minha bochecha com o polegar e depois a beijou.

— Obrigado, menina má. — sorriu e deitou-se novamente cobrindo-se com a colcha.

— Boa noite, Rafa — falei e corri para o meu quarto.

Quando fechei a porta, respirei fundo tentando controlar minha respiração acelerada e meu coração descompassado. Não dava mais para negar, eu estava louca por ele, louquinha da silva, doida de pedra pelo meu vizinho lindo, sem noção e sem filtro e da barriga mais linda que eu já tinha visto na vida.

Capítulo 25 – Inconfundíveis Olhos



Rafa

Acordei em um lugar totalmente estranho. Esfreguei os olhos e me sentei no sofá olhando tudo ao redor.

Que lugar é esse mesmo?

Flashes da noite anterior vieram à tona me fazendo lembrar da festa na Tijuca, da loira gostosa e da bebida barata.

E também dela, Maju.

Eu estava em sua casa, no sofá para ser mais exato.

O gatinho pulou no meu colo me dando a certeza de que era realmente na casa dela em que eu me encontrava. Minha cabeça doía e eu tentava me lembrar de como tinha ido parar ali e principalmente, se houve algo entre nós no processo.

Eu sei que liguei para ela e que ela me buscou, mas do que conversamos e do que eu fiz eu tinha apenas vagas lembranças, não conseguia lembrar com clareza e com certeza eu tinha feito merda, se estando são eu já falava, ainda mais bêbado de conhaque barato de mercado.

Porra de dor de cabeça dos infernos!

— Cadê a sua mãe, hein? — perguntei ao bichano que se enroscou na colcha que me cobria. Levantei-me e vesti minha camiseta. Dormi de tênis e com o celular no bolso!

Será que rolou algo entre a gente?

Eu puxava as memórias tentando me lembrar, mas nada. Então era porque não tinha acontecido, ainda mais se tratando da marrentinha. Ela era difícil pra caralho, não iria ficar comigo caindo de bêbado.

Merda, só esperava que eu não tivesse *cagado no pau* com ela.

Peguei meu celular e tinha várias mensagens nada educadas da Bruninha, duas chamadas perdidas do Gabriel e um número que eu não conhecia. Ignorei as mensagens e o número desconhecido, com o Gabriel falaria quando chegasse em casa.

Fiquei parado no meio da sala me decidindo se saía à francesa ou se ia até a garota de olhos bicolores.

Ela deveria estar dormindo e... Foda-se.

Abri a primeira porta e não era o quarto dela, abri a outra que também não era. Deduzi então que seria o quarto com varanda. Eu sei que deveria bater antes de entrar, ou melhor, nem entrar, mas esse não seria eu.

Sem noção lembram?

Abri a porta devagar. Ela estava toda *embrulhadinha* em um edredom lilás. Aliás, lilás era o que mais se via naquele quarto.

Quantos anos ela tinha?

Caminhei devagar até ela tomando cuidado para não fazer barulho. Perdi alguns minutos admirando a marrentinha dormindo. Toda linda ela, mesmo de cara amassada, cabelo bagunçado e boca aberta. Tinha quarto de princesa, mas dormia feito uma *ogrinha*.

Sorri feito um bobo.

Era melhor deixá-la dormir, parecia cansada. Eu devia ter lhe dado trabalho. Tinha feito a garota sair de madrugada para me buscar, que idiota!

Quando virei-me para sair o gatinho entrou correndo no quarto e pulou na cama dela assustando-a. Maju sentou-se rapidamente na cama e deu de cara comigo de pé bem no meio do seu quarto.

— Rafa? O que você está fazendo aqui?! — é ela não acordava de bom humor, não.

— Eu estava me fazendo essa mesma pergunta.

— Você não se lembra? — perguntou franzindo a testa.

— Vagamente — falei sem graça.

— Vagamente — Maju repetiu me analisando — Do que se lembra exatamente?

Da loira gostosa, do conhaque barato, de uma proposta de ménage...

— Não muito. Lembro-me da festa, de você aparecendo...

— Eu aparecendo? — olhou embasbacada — Você me pediu pra te buscar.

— Você me ligou primeiro — mudei de assunto. Só não me lembrava do porquê. *Pensa Rafa, pensa!* — Você queria conversar comigo, não era isso? Pois bem aqui estou — apontei para mim e me sentei na cama dela.

Minha vizinha ficou constrangida e puxou o edredom para se cobrir.

— Relaxa Majuzinha. Só quero ver, se você quiser me mostrar. — falei sorrindo. — Vai, conversa comigo.

— É... Eu fiquei me sentindo mal depois de ter falado todas aquelas coisas. Eu só queria me desculpar por ter gritado com você — falou encarando a porta de vidro atrás de mim.

— Só isso? — franzi o cenho.

— Só e claro pra te falar que tive que colocar redes de proteção para o Rafa não cair lá embaixo.

Falar de gato? Aquela hora da noite?

— Você não podia esperar até o outro dia já que era só para pedir desculpa e para falar das despesas? — ainda insisti para que ela me dissesse o real motivo de ter me ligado.

— Você também disse que queria falar comigo — desviou o assunto. — O que você queria?

— Deixa pra lá — levantei irritado — Obrigado pela hospitalidade princesa, tenha um bom dia.

Saí do quarto dela sem olhar para trás. Na sala procurei pelas minhas chaves nos meus bolsos e não as encontrei, olhei no sofá e na mesa ao lado dele e não achei.

— Se for sua chave que você está procurando, você perdeu. — Maju

NACIONAIS-ACHERON

surgiu na sala e parou ao meu lado com os braços cruzados. Tinha vestido uma camiseta que mais parecia uma vestido e estava sexy pra caralho. Aquela camiseta parecia me chamar, me pedindo para arrancá-la do corpo dela.

— Que porra! — virei-me para ela e encarei seus olhos bicolores — Falei muita merda?

— Nada que você não dissesse sóbrio.

— Fiz? — ela apenas negou com a cabeça. Com certeza eu devia ter feito merda, me conhecia, *pô*. — Bem, obrigado mais uma vez e me desculpe ter feito você me buscar. Estava tarde eu... Enfim, desculpa.

— Tudo bem, Rafa. — suspirou.

— Tchau, princesa — falei e virei as costas indo em direção à porta.

— Não vai mesmo me dizer o que queria comigo? — ela ainda insistiu.

— Você sabe o que eu *quero* contigo, só que você não é mulher pra assumir que quer também e eu estou ficando cansado disso.

Não esperei pela resposta e é claro que não a tive. Saí do apartamento dela e parei de frente para o meu.

Mal tinha acordado e já estava irritado. Tudo por culpa da marrentinha!

Pô! por que não fala logo que me ligou porque estava me querendo? E puta merda, como fui perder minha chave?

Liguei para o telefone de casa na esperança de que uma boa alma – se tivesse uma alma ali dentro – abrisse a porta pra mim. Por sorte tinha. Gabriel. Ele abriu a porta e me encarou confuso.

— Cadê sua chave, *mané*?

— Perdi — respondi passando por ele indo em direção a cozinha — Tem café?

— Fiz agora — disse voltando para a cozinha.

Notei uma bandeja com pães e bolo em cima da mesa da cozinha.

Ele tinha companhia?

— Como assim você perdeu sua chave?

— Como assim você está preparando uma bandeja de café da manhã? *Tá com mulher aí?*

— Com homem que não é, né? — revirei os olhos.

— Sabe Gabriel, às vezes, só às vezes você me dá orgulho. Mas diz aí quem é?

— Você não conhece. É do meu curso — ele respondeu terminando de ajeitar a bandeja.

— Pô Gabriel, *tá* comendo colega de sala?

— De curso. Ela é de outra turma e qual é o problema se ela for da mesma turma?

— Pra mim nenhum, mas pra você que é meio *bobinho*.

— Teu *cu*.

— Diz aí quem é a princesa, talvez eu conheça.

— Vamos almoçar lá na mãe, hoje? — perguntou desviando o assunto.

— Caralho Gabriel, sair daqui para ir até Niterói almoçar? Deixa de preguiça e faz comida pra gente poxa!

— Eu não sou seu cozinheiro, porra! — gargalhei.

— *Ó* não desvia o assunto não, seu come quieto do caralho. Diz aí quem é a garota — ele bufou.

— Você não conhece.

— Quem te garante? — insisti.

— Eu. Perguntei a ela se te conhecia. Pra ser sincero eu pergunto isso pra todas. Não quero pegar mulher que você pegou — caí na risada — *Tá* rindo do que palhaço?

— Gabriel você não quer *entrar* no mesmo lugar que seu irmão aqui já entrou, é isso? — ri mais ainda, dá cara que ele fez.

— Porra Rafa, de manhã você consegue ser ainda pior, vou te que dizer. Você é podre!

Ele pegou a bandeja e saiu pisando duro, eu ria de doer a barriga.

— Eu tenho não essas frescuras não, irmão — até porque se eu fosse pensar assim com as vadias que eu pegava, eu estava ferrado.

Ele colocou o dedo do meio pra mim e entrou no quarto. Ainda rindo do *mané* do meu irmão enchi uma caneca com café e fui para o meu quarto.

Deixei a caneca em cima da minha mesa de estudos e tirei a roupa, depois tomei o café e fui para o banho.

Fiquei uns dez minutos só deixando a água cair sobre meu corpo, na esperança que ela lavasse todas as emoções que eu estava sentindo. Frustração me definia bem naquele momento.

A vizinha tinha o dom de frustrar, eu tinha que tirar o chapéu para ela.

Ligou-me àquela hora da noite porque queria o Rafinha aqui, então por que simplesmente não disse porra? Não me conformava com aquilo.

Ela estava me deixando maluco. Detestava esse negócio de joguinho. Se estava a fim de alguma garota jogava limpo, dizia o que eu queria e se ela tivesse interessada também ótimo, se não, bom também, a fila anda.

Não quer passar a vez, simples assim.

Mas ficar naquele jogo de chove não molha, não dava para mim não. Custava dizer “*te liguei porque quero o mesmo que você?*”

Tesão recolhido era uma merda, mas só de raiva eu não ia descabelar o palhaço de novo debaixo do chuveiro pensando nela, não ia.

Mentira. Ia sim, tanto que fiz. Merda!

Saí do banheiro mais frustrado do que entrei. Vesti uma cueca e deitei na cama. Resolvi pegar um livro para estudar, pois na semana seguinte teria prova, não consegui me concentrar no entanto. Já estava cochilando quando o Gabriel bateu na porta.

— Entra aí — falei.

Meu irmão entrou no quarto e sentou-se na cadeira perto da cama. Já estava arrumado para sair.

— Não vai mesmo pra Niterói? A mãe vai ficar brava.

— Não estou com cabeça, *brother*. Diz que fiquei estudando. — ele olhou para os livros em cima da cama. — Já dispensou a garota?

— Já, ela tinha que ir. Bom se você não vai, estou indo nessa. — falou levantando-se — Antes que eu me esqueça, o Kaiary pediu pra te avisar que semana que vem vamos ensaiar a tal da dança. Rafa você inventa cada uma, além de dançar ainda vou ter que tocar?

— Você é o único que *manja* dos *paranauê*, *man*. Quem manda você

ser o melhor de nós três — ele revirou os olhos.

— Não sou melhor do que ninguém.

— É sim, você é o melhor. Você é o cara!

— Ok, então. O *cara* aqui já vai.

— Gabriel? — lembrei-me da Bia. Será que ele sabia que ela estava de volta?

— Ih, se for dinheiro emprestado, estou mais duro do que pau de tarado. — foi a minha vez de revirar os olhos.

— Não é isso. Já ficou sabendo que a Bia está no Brasil? — vi meu irmão trincar o maxilar e suspirar desanimado.

— Ela me ligou.

— E aí?

— E aí, nada. Atendi porque não conhecia o número, mas depois que ela se identificou cortei logo.

— E como você está, cara? — perguntei preocupado.

— Você não é a porra de um terapeuta Rafa, sai fora. Fui! — e foi mesmo o filho do mãe, escorregava mais do que quiabo.

Respirei fundo e coloquei meus fones. Abri o aplicativo de música e fechei os olhos. A música que começou a tocar me fez lembrar da marrentinha instantaneamente. Puta merda!

Amor, verdade Brilho, saudade Me encontrava ali pensando Mano e sem maldade Meu remédio contra o medo Me deixa sem estresse Teu olhar, tudo o que eu preciso

A luz que me aquece Entre becos e vielas Entre a paz e o perigo Você ali sorrindo De mãos dadas comigo A gente se abraça Minha mão no seu cabelo, eu ponho, mas adivinha, eu acordei, era só um sonho... (Aqueles Olhos – Dom M)

Eu estava virando a porra de *manezão*. Já era a segunda vez que eu me pegava ouvindo letras de música e lembrando da marrentinha. Identificando-a nas canções.

E no refrão então, quando o cara cantou:

*... Aqueles olhos, aqueles olhos, inconfundíveis olhos Aqueles olhos
que refletem luz no meu coração...*

Inconfundíveis olhos. Fodeu.

Levantei, vesti uma roupa qualquer e saí do quarto em direção à porta da frente como um cachorrinho adestrado. Eu ia dizer a ela o quanto a queria e ela iria ter que me dizer também, mas para minha surpresa quando abri a minha porta, a marrentinha estava saindo de casa e com uma mala na mão.

Capítulo 26 – Por Enquanto.



Maju

Saí do meu apartamento e dei de cara com o Rafa saindo do dele. Ele me encarou surpreso ao ver a mala que eu segurava. O ignorei e encostei a porta.

Ele nem parecia aquele cara que saiu emburrado e pisando duro do meu apartamento de manhã. Já estava com aquele sorriso debochado pregado na cara.

Ele era mesmo bipolar.

— Oi vizinha!

— Oi. Vizinho. — falei e virei as costas para trancar a porta do meu apartamento.

— *Tá indo pra onde?* — perguntou arqueando a sobancelha.

— Acho que não seja da sua conta, não é? — falei pegando minha mala.

Já estava irritada com ele por ter saído daquele jeito da minha casa mais cedo e a atitude dele só me deixava mais irritada e confusa.

— Eu levo pra você — disse se referindo a minha mala.

— Não precisa Rafa, minha mala tem rodinha. Não tá vendo?

— Levo sua mala com rodinha pra você — disse tomando a mala da minha mão.

— Leva então — falei mal-humorada.

— Você anda muito estressada, Majuzinha. Sabia que isso tem nome? — sorriu despreocupado — Chama-se tesão recolhido. — e soltou assim, como se estivesse falando do tempo. Eu o encarei de boca aberta e claro roxa de vergonha. — Assume que sente tesão por mim, Maju.

— Não viaja — apressei o passo deixando-o para trás.

— Eu tô sofrendo do mesmo mal Majuzinha! — gritou atrás de mim.

Me mata de vergonha seu... Sem noção lindo e gostoso!

Ele me alcançou e seguimos lado a lado em silêncio para o elevador.

Bipolar, era a única palavra que vinha na minha mente enquanto a gente descia. Eu havia passado a manhã inteira chateada por ele jogar na minha cara que eu não era mulher para assumir que também o queria, e ele estava ali fingindo que nada havia acontecido e ainda estava fazendo piadinhas.

— Não vai me dizer pra onde vai?

— Não.

— Qual é? Somos amigos, não somos? — perguntou divertido.

— Não somos.

— Colegas? — insisti. Neguei com a cabeça.

— Somos vizinhos e como vizinhos eu me preocupo com você. — insistiu mais uma vez e eu não pude evitar um sorriso.

Recriminei-me em pensamento quando ele sorriu de volta.

Estou perdida.

— Estou indo para Petrópolis, satisfeito? — respondi quando o elevador alcançou a garagem.

Destravei o alarme do meu carro e abri o porta-malas.

— Não. — Rafa respondeu colocando minha mala no carro. — Ficava me perguntando de quem era esse carro.

— Não o que? — perguntei ignorando o que ele disse sobre o carro.

— Não estou satisfeito. Você vai ficar longe de mim — disparou e acertou em cheio meu peito. Engoli em seco e desviei o olhar. — Ei e o nosso

filho? Você vai deixá-lo sozinho?

Peguei minha chave e a entreguei a ele — Você pode tomar conta dele já que está tão preocupado.

— Claro que vou tomar conta dele sua mãe ingrata!

— Ok.

— Posso te levar se quiser.

— Por que? Acha que não sou boa em dirigir? — perguntei cruzando os braços e me encostando no carro.

— Não disse isso — falou se aproximando — Acredito que você seja muito boa em dirigir e em outras coisas também — e ele já estava me encurralando entre o carro e ele — E além do mais você foi muito bacana indo me buscar ontem, é o mínimo que eu posso fazer.

— Não por isso Rafa, apenas te fiz um favor, já que você estava bêbado demais pra voltar pra casa sozinho.

— Eu insisto — falou segurando uma mecha dos meus cabelos levando-a ao nariz inspirando-a lentamente.

Respirei fundo.

— O que você quer de mim, Rafa? — perguntei olhando fixamente em seus olhos.

— Só quero retribuir o favor e aproveitar pra te conhecer melhor — falou encarando meus lábios.

— Uau o discurso mudou — falei com sarcasmo, afinal, ele sempre deixava claro que queria me levar pra cama, me conhecer era novidade.

— Quero te conhecer intimamente — completou. Aquele era o Rafa que eu conhecia.

— Não vai acontecer. — tentei ser convincente, mas tenho certeza que falhei.

— Você está começando a me enlouquecer sabia? Por que você resiste? Eu sei que você também quer.

Porque eu resisto? Bom deixe-me enumerar: Por que eu sou virgem? Por que eu tenho zero de experiência? Por que no minuto que você me tiver eu estarei perdida? — pensei em dizer, mas é claro que eu nunca diria.

Rafa foi se aproximando e a cada vez que ele investia, menos força para impedi-lo eu tinha.

— Rafa não — supliquei quando nossos rostos já estavam a centímetros um do outro.

— Me pede um beijo, Maju. — pediu com a voz ainda mais baixa e me prendendo com o olhar.

— O q-que? — eu ainda ia ter que pedir?

— Pede — já estava com as mãos no meu pescoço pronto para me puxar para me beijar. Jamais pediria, embora a vontade de beijá-lo só crescia.

— Não. — respondi incerta da minha resposta. Então ele se afastou.

Não! Não se afaste!

Foi então que segurei o seu pescoço e o puxei para perto.

— Me beija logo, Rafa!

Ele não sorriu descarado como pensei, apenas suspirou e tocou meus lábios com os dedos, perdido em seus próprios pensamentos. Senti sua respiração forte e pesada contra minha pele e queimei em expectativa.

Ele tocou meu rosto com a mão livre antes de me dar mais um de seus nocautes. Porque eram assim que seus beijos me deixavam, totalmente vencida, na lona.

A princípio não o toquei, apenas correspondi ao beijo que começou leve quase como uma carícia, mas não resisti por muito tempo. Quando ele aprofundou o beijo, meus braços criaram vida própria e o abraçaram. Rafa sorriu ainda com os lábios nos meus e de repente o beijo já não era mais delicado, era sôfrego e intenso e eu assim como ele gostava de dizer, estava *molinha* em seus braços.

Ele segurou uma das minhas pernas levantando-a e eu automaticamente a enrosquei nele. Senti sua ereção firme contra meu ventre e arfei.

Meu Deus eu estava perdida, perdida!

Eu precisava parar aquilo, mas ao contrário disso, o que eu fazia era me enroscar ainda mais nele.

Sua língua experiente brincava com a minha quase inocente me mostrando como era ser beijada de verdade. Nunca tínhamos chegado

naquele ponto. Nas vezes que ele me beijou pelos cantos do prédio eu logo me esquivava, aquilo era muito mais do que nós já havíamos experimentado e eu queria mais, muito mais.

Num impulso enfiei minhas mãos por dentro da camiseta dele louca pra sentir sua pele, mas ele não avançou. Eu me entregaria a ele naquele momento, no capô do meu carro se ele quisesse, mas graças aos céus uma boa alma adentrou com seu carro no estacionamento obrigando-nos a nos afastar.

Ele me encarou com a respiração acelerada, me despindo com os olhos e eu? Estava num misto de vergonha e desejo e também respirava com dificuldade. Ninguém disse nada por um tempo. Esperamos a boa alma sair do carro, nos cumprimentar e seguir para o elevador.

Quando as portas se fecharam voltamos a nos encarar e o meu vizinho deliciosamente sem noção não investiu contra mim novamente, ele apenas segurou a minha mão.

— Deixa eu te levar pra Petrópolis? — perguntou com um sorriso leve nos lábios.

— Não — respondi rápido demais.

— Quando você volta?

— Amanhã à tarde — falei abrindo a porta. Não conseguiria resistir se ficasse mais um minuto perto dele.

— Pensei que ia ficar uns dez dias quando vi sua mala.

— Sou prevenida. — sorri, minha face já não me obedecia. Só de olhar pra ele eu já tinha vontade de sorrir.

— Vou te esperar — falou dando espaço para eu entrar.

Entrei no carro e ele fechou a porta. Eu me vi abaixando o vidro do carro e ele aproveitou e se debruçou na janela. Nenhuma piadinha, nenhum sorrisinho sarcástico, apenas me encarou com um brilho nos olhos. — Você me ouviu? Vou te esperar e a gente vai terminar isso que a gente começou e não diz que não vai rolar, que não quer porque não acredito mais nisso. — disse com um olhar decidido.

— Eu não vou transar com você, Rafa. — não ainda pensei comigo.

— Me contento com uns beijos... Por enquanto — falou — Rafa eu...

— Vai e me liga quando chegar lá, não quero ficar preocupado contigo.
Por favor não seja fofo!

Com um sorriso de matar, é claro, senão não seria ele, se afastou e acenou. Parti dali completamente sem reação. E agora?

— Tô de pau duro Maju! — gritou quando eu já saía do estacionamento. Levantei o vidro morta de vergonha.

Gente, como conseguia ser fofo e ogro em um piscar de olhos daquele jeito? Eu jamais admitiria, mas eu gostava do fato de ele ter zero de filtro.

Era sua marca registrada. Aquilo fazia do Rafa ser o Rafa. Senti vontade de ligar para Evelyn e adiar nossa conversa. Era tão mais interessante beijar o Rafa, no entanto, precisávamos conversar e eu precisava falar sobre o Rafa com alguém, precisava de conselhos.



Cheguei a Petrópolis um pouco mais de duas da tarde. Almocei com meus pais e aproveitei que só iria me encontrar com a Evelyn a noitinha para estudar um pouquinho para as provas.

Combinei de encontrar a *maluquete* da minha amiga na lanchonete que éramos acostumadas a irmos aos sábados à noite. A lanchonete ficava pertinho da praça da igreja Matriz. Parei meu carro e quando peguei minha bolsa para sair, senti meu celular vibrando dentro dela.

Rafa. Meu coração disparou assim que li seu nome.

— Oi. — atendi toda sem jeito.

— Qual foi a parte de não me deixar preocupado que você não entendeu? — um sorriso besta surgiu na minha cara.

— Meu pai se chama Euclides e não Rafael.

— Seu pai pode se chamar Euclides, mas Rafael é o nome do seu macho. Deixa eu ser o seu macho, Maju? — fiquei totalmente sem fala e com as bochechas em chamas. — Uma noite Maju, é o que eu te peço. Não vou te deixar em paz, não depois do que aconteceu na garagem. — continuei muda incapaz pronunciar qualquer sílaba. — Você está aí?

Sim, mas eu tinha desaprendido a falar, principalmente quando ele soltava essas coisas sem avisar.

— Preciso desligar, vou encontrar com a Evelyn e ela está me esperando.

— Tudo bem princesa, mas pensa sobre o que te falei e quando for dormir, sonha comigo, viu? Que eu vou sonhar com você, como eu venho sonhando ultimamente. Você linda e nua na minha cama.

— Você disse que se contentava com uns beijos por enquanto — não acreditei que falei aquilo.

Não dá corda, Maju.

— Por enquanto... Eu gosto de beijar você.

Eu gosto de beijar você, eu gosto de beijar você. Ai céus! Eu também gosto de beijar você, Rafa.

— É... Eu realmente preciso ir Rafa. Tchau.

Desliguei. Como ele conseguia me desconcertar daquele jeito?

Respirei fundo tentando acalmar meu coração e saí do carro. Entrei na lanchonete e avistei minha amiga tomando seu inseparável suco de laranja. Ela sorriu e acenou quando me viu.

— Oi — a cumprimentei me sentando e colocando minha bolsa na cadeira ao lado.

— O que aconteceu? — ela perguntou notando meu estado agitado.

— Nada. Aqui estou. Pode começar.

— Não sei como começar.

— Que tal começar dizendo por que estava escondendo de mim que você está ficando com o Brady? — ela arregalou os olhos supressa.

— Ficou brava comigo?

— Por você estar ficando com o Brady, não. Por você ter escondido, sim.

— Não sabia como contar. Fiquei me sentindo uma traíra por ter ficado com o seu ex, mas aconteceu amiga, eu juro, foi natural, nenhum de nós dois planejou — explicou angustiada.

— Evelyn eu não me importo, de verdade. Há tempos não sinto mais nada pelo Brady, mas sabemos que ele não presta. Me admira você que sempre soube da má índole dele aceitar ficar com ele.

— Eu estou gostando dele — confessou sem me encarar.

— Evelyn. Que merda! — nunca tinha se apaixonado e foi se apaixonar logo pelo galinha do Brady?

— É. Que merda. Mas ele parece diferente, mas adulto sabe.

— Se você quer se iludir — dei os ombros. Sinceramente eu não acreditava que o Brady fosse capaz de mudar e não ia mentir só para agradar.

— Eu não quero me iludir, mas aconteceu. Estou gostado dele e ao que parece ele também está gostando de mim, mas não estamos juntos... Ainda, queria falar com você primeiro.

— Queria minha bênção? — brinquei e ela sorriu fazendo careta — Tudo bem Evelyn, se você quer ficar com ele fica, mas fique sabendo os riscos. É o Brady.

— Eu sei. Sei que ele pode me decepcionar, mas a gente não manda no coração, a gente não escolhe por quem se apaixonou.

Nisso eu tinha que concordar com ela.

— Vou ter que concordar — falei olhando para fora.

A vontade de estar ali era nenhuma. Eu estava a um passo de sair correndo em direção ao meu carro com destino ao Rio de Janeiro, mais precisamente para o Leme.

— Como assim? — minha amiga perguntou assumindo seu posto de melhor amiga e... Enxerida. — Você está gostando de alguém?

Tapei o rosto com as mãos e balancei a cabeça assentindo.

— Quem é?

— Você não vai acreditar — falei voltando a olhar para ela.

— Ai meu Deus fala logo!

— Rafa. — o queixo da minha amiga caiu.

— Rafa, o vizinho?

— É. O vizinho sem noção.

— Maju quando isso aconteceu? — perguntou segurando minha mão.

Contei a ela das investidas do meu vizinho, dos beijos pelos cantos do prédio e claro, da proposta indecente de me levar para a cama.

— Ele falou assim na cara de pau, que quer transar contigo?

— Sim e aparentemente é a única coisa que ele quer. Não sei o que fazer. — bufei desanimada — Tentei ignorar, mas não consigo mais. Ele se impregnou na minha mente, no meu corpo acho que estou ficando louca, só penso nele Evelyn! O que eu faço? — perguntei desesperada.

— Uau amiga. Que merda.

— Merda ao quadrado. E o pior de tudo é que mesmo sabendo que ele só quer me levar pra cama, eu quero muito beijá-lo e...

— E?

— Ai não sei. O que você me aconselha? — eu estava mesmo desesperada. Pedindo conselho pra *maluquete* da Evelyn.

— Eu é que sei?

— Você não é a entendida sobre o assunto? Me diz o que eu faço.

— Maju eu não sei. Se você não estivesse apaixonada seria mais fácil. Se você quisesse só perder a virgindade ótimo, o Rafa parece ser o tipo do cara que sabe das coisas, com certeza não iria ser tão decepcionante como foi comigo. A minha primeira vez foi horrível, eu te contei lembra? Doeu pra caramba...

— Evelyn?

— ... E o idiota ainda gozou rápido me deixando na mão...

— Evelyn?

— Mas éramos os dois virgens. Já o Rafa não, aquele lá deve entender bem do assunto, deve ter uma boa quilometragem...

— Evelyn?! Você não está ajudando!

— Desculpa.

— O que eu faço?

— Você sonha em casar virgem? Sonha em encontrar o príncipe encantado? — que pergunta era aquela? Até parece que não me conhecia.

— Evelyn até parece que não me conhece.

— Então que tal aproveitar? Já que é pra perder a virgindade que seja com um homem de verdade, lindo e gostoso e não com um adolescente

virgem. Vai por mim e pelo menos o Rafa não vai te iludir só pra transar.

— Não quero transar com ele — minha amiga me encarou confusa — Tá até quero, mas não assim, não estou pronta. Só que eu quero muito beijá-lo, muito mesmo.

— Então beija, ué.

— Estou apaixonada e sei que ele vai me machucar, mas não consigo mais ficar longe. Ainda mais com ele me cercando e me beijando pelos cantos.

— Se você sabe que vai se machucar, então talvez seja melhor não deixar acontecer, Maju — ela tinha razão, mas a razão já não era minha amiga há algum tempo.

— Não consigo e... E não quero. — confessei — Quero ele, Evelyn.

— Então vai atrás dele.

— É isso mesmo o que eu vou fazer — disse apanhando minha bolsa e me levantando. — Vou voltar para o Rio. Boa sorte com o Brady.

E lá se foi o meu medo de dirigir a noite.



Parei em frente do apartamento do meu vizinho lindo e sem noção pronta para tocar a campainha.

Nossa Maju disfarça. Nem chegou em casa e já quer ir direto para o apartamento do cara?

Só que de todo jeito eu teria que ir ao apartamento dele primeiro, já que tinha deixado minha chave com ele.

Levei a mão na campainha e meu coração disparou. Ele havia dito que quando eu voltasse iríamos terminar o que havíamos começado. Eu não estava pronta para terminar nada, mas com certeza eu estava para começar.

Ele também havia dito que se contentava com uns beijos, não é?

E que queria uma noite.

Respirei fundo tentando organizar meus pensamentos que ultimamente só envolviam o meu vizinho lindo e sem noção. Não conseguia parar de pensar nele, nos beijos dele, no sorriso debochado dele. Eu precisava... Dele.

Ele disse queria ser o meu macho e eu absurdamente queria que ele o fosse e queria muito dar uns beijos por enquanto nele, então espirei fundo e toquei a campainha. Rafa demorou para abrir e foi aí que a minha ficha caiu. E se tivesse gente no quarto com ele? E se ele não estivesse em casa com que cara eu ia ficar? E como eu iria entrar no meu apartamento?

Para a minha sorte ele estava. Rafa abriu a porta e me encarou surpreso. Estava com o cabelo bagunçado, usava apenas uma bermuda e estava descalço. Já devia estar dormindo.

— Maju? Você não ia voltar só amanhã? — perguntou intrigado.

— É eu... Resolvi logo o que tinha pra resolver lá. Cadê minha chave? — perguntei.

A minha coragem de me atirar nos braços do vizinho sem noção foi para o espaço no momento que ele abriu a porta.

— Vou pegar — encarou-me desconfiado, mas não se moveu.

Como eu não disse nada ele entrou e voltou rapidamente com a chave na mão.

— Vou levar o gatinho também.

— Deixa ele aqui que ele está dormindo, viu sua mãe desnaturada? — brincou.

— Oh, sinto muito pai do ano. — ele sorriu e sorri para ele. — Bom, boa noite — falei e saí em disparada para o meu apartamento.

Fechei a porta e encostei-me a ela. Meu coração parecia uma bateria de escola de samba. Estava a ponto de ter um ataque cardíaco.

— Maju, você literalmente ficou louca! — exclamei em voz alta.

Louca mesmo porque eu mal havia entrado em casa e já estava saindo de novo.

O encontrei do lado de fora, sua porta ainda estava aberta e ele parecia estar na mesma indecisão que eu.

Quando nossos olhares se encontraram, sorrimos um para o outro e a minha coragem voltou com força total.

— Aquele papo de se contentar com uns beijos... Era sério? — perguntei me aproximando.

— Por enquanto — falou endireitando o corpo. Os olhos focados nos meus.

— Então *tá* — aproximei-me mais um pouquinho dele.

Enchi-me de coragem e coloquei ambas as mãos na sua nuca, Rafa não se moveu só me encarou com aquele olhar de derreter garotas inocentes e virgens.

Respirei fundo e o puxei para um beijo.

Nocaute.

Meu vizinho me segurou pela cintura e sem parar de me beijar me ergueu e me puxou para dentro do apartamento dele. Nem vi como chegamos ao sofá. Só sei que nos deitamos nele sem parar de nos beijar.

Senti seu corpo pesado sobre o meu. Senti sua língua fazendo amor com a minha. Senti sua ereção empurrando minha barriga, mas eu não estava nem aí. Eu só queria que aquele momento nunca acabasse.

Enrosquei minhas pernas nas pernas dele e me perdi nas inúmeras sensações daquele momento. Eu não tinha borboletas no meu estômago, eu tinha beija-flores, uma infinidade deles batendo suas asas freneticamente sem parar.

O melhor beijo da minha vida. Enquanto que com o Brady só rolava língua, com o Rafa era incrivelmente diferente. Ele não beijava só a minha boca, ele beijava meu rosto, meu queixo, ele mordiscava meus lábios e sorria para voltar a me beijar de novo.

Eu poderia me acostumar fácil com isso.

Acho que ficamos uns dez minutos assim, só nos beijando. Nada de mãos bobas, só beijo e carinho mesmo. Muito beijo. Nunca beijei tanto na minha vida.

Só nos afastamos porque senão eu morreria de beijo, mas ele não saiu de cima de mim e nem eu queria que ele fizesse isso, tanto que continuei enroscada nele. Rafa me encarou com aqueles incríveis olhos verdes e por um instante me perdi neles. Eram verdes claros, com uma leve pigmentação dourada. Perfeitos.

— Oi. — ele disse finalmente com um sorriso divertido nos lábios.

— Oi.

— Prazer, Rafael Bastos Manfrin. — o nome mais lindo do mundo.

— Prazer, Maria Júlia Alcântara de Lacerda.

— Uau! Até no nome é marrentinha.— revirei os olhos, mas sorri.

Eu tinha que admitir, adorava ouvir ele soltar suas piadinhas, adorava o quanto ele era sem filtro.

Ele segurou meu queixo e o ergueu para que o meu rosto ficasse a centímetros do rosto dele.

— Quero te beijar até amanhecer Maria Júlia Alcântara de Lacerda.

Capítulo 27 – Só Quero Ficar Abraçadinho.



Rafa

Maju abriu a porta do apartamento dela e me deu espaço para entrar. Achou melhor irmos para a casa dela, não quis ficar na minha e correr o risco de alguém chegar. Também não quis ir para o meu quarto, então apenas vesti uma camiseta, calcei meus chinelos e seguimos para porta da frente.

Assim que ela fechou a porta encostei meu corpo ao dela que estava de costas trancando a porta. Maju ficou imóvel. Afastei seus cabelos para o lado e beijei seu pescoço. Senti que soltou o ar lentamente, segurei seus ombros e eu a virei de frente para mim. Coloquei sua franja atrás da orelha e segurei seu rosto entre as mãos.

Ela me encarou com um sorriso tímido e aquela Maju irritadinha que adorava me esnobar não existia mais. Na minha frente havia uma garota totalmente entregue, totalmente rendida e posso dizer que eu não estava muito diferente. Seus olhos brilhavam enquanto mapeavam meu rosto e os meus faziam o mesmo explorando cada detalhe do rosto dela.

Perfeita eu pensava enquanto admirava seus olhos, um azul e o outro às vezes castanho, às vezes o verde. Aquilo me deixava maluco.

Como eu pude achar seus olhos estranhos se eram os olhos mais lindos que já tinha visto?

Estava doido para tê-la, no entanto não ia insistir para transar, não ainda. Se ela queria apenas me beijar *por enquanto*, eu a beijaria e surpreendentemente eu estava bem com aquilo.

— Vou ter que pedir de novo? — perguntou encarando minha boca.

— Não precisa pedir mais nada, princesa.

Colei meus lábios aos dela que me abraçou pela cintura. Deslizei minhas mãos pelas suas costas e a prendi num abraço apertado.

Não queria sentir todas aquelas emoções tomando conta de mim. Não queria sentir aquele aperto no peito ao beijá-la, nem aquele desejo quase doente ao tê-la tão próxima a mim, mas não consegui. Já fazia um tempinho que eu não controlava as minhas emoções, mais precisamente desde que ela apareceu na minha vida.

Nos afastamos e ela sorriu um sorriso doce, sorriso esse que eu ainda não conhecia, mas posso dizer que aquele sorriso tinha entrado para a lista de qualidades que eu tinha sobre ela.

Sim eu estava fazendo uma lista mental das coisas que eu mais gostava na marrentinha desde o nosso beijo na garagem, como por exemplo: Gostava do olhar desafiador que ela me lançava, gostava do quanto ficava vermelha quando eu falava besteira, gostava daqueles olhões bicolores, *daqueles inconfundíveis olhos*. Da cintura fina dela então, eu tinha fetiche e é claro daquela boca carnuda que me fazia ter pensamentos impuros quase toda noite antes de dormir.

Eu tinha que admitir, nunca tinha desejado tanto uma garota como eu estava desejando a vizinha da porta da frente, mas eu sabia que era porque eu ainda não tinha conseguido, sabia que a culpa era daquele joguinho todo que ela estava fazendo comigo. Só esperava que quando finalmente a levasse para a cama, aquilo passasse.

— Vem comigo até a cozinha, estou com sede. — falou me despertando dos meus devaneios e me puxando com ela.

Majuzinha soltou a minha mão quando chegou a cozinha e foi até a geladeira. Pegou uma jarra com suco e a colocou sobre a mesa.

Foi até o armário e pegou dois copos. Eu fiquei ali igual a um bobão assistindo-a movimentar-se despreocupada pra lá e pra cá.

— Rafa? — chamou meu nome.

— Oi — fiquei perdido em pensamentos que nem a ouvi falar comigo.

— Quer suco? É o que tem.

— Está ótimo, princesa. Não estou muito a fim de beber álcool por um bom tempo. — claro que não era cem por cento verdade, mas pelo menos naquela noite, eu não queria mesmo.

Ela sorriu e me entregou o copo. Tomei um pouco do suco e coloquei o copo em cima da mesa.

— Vem aqui — pedi pegando sua mão e a trazendo para mais perto. — Quero experimentar da sua boca.

— O que? — ela perguntou sem entender.

— O suco. Quero beber da sua boca. — ela arregalou os olhos. — Vai bebe um gole.

— *Tá* falando sério?

— Muito sério — falei pegando o copo e entregando a ela — Bebe um *golinho* pequeno.

Maju me encarou meio indecisa. Levantei a sobrancelha como se a estivesse desafiando. A marrentinha parecia ser do tipo competitiva, tanto que estreitou o olhar aceitando o desafio e bebeu um gole do suco.

Tirei o copo das mãos dela e a puxei de modo que ficasse entre as minhas pernas. Sorri e segurei seu rosto. Pousei meus lábios sobre os dela que os entreabriu devagar.

O movimento da minha língua na boca dela fez o líquido escorrer para a minha boca é claro para fora também.

— Que nojo! — disse sorrindo e limpando o queixo sujo de suco com a mão.

— Quero só ver se você vai achar nojento quando a minha boca estiver no meio das suas pernas — Maju arregalou os olhos e ficou tão vermelha que caí na risada.

— Nossa você não tem mesmo filtro. — falou balançando a cabeça.

— Confessa que você gosta — ela negou com a cabeça. — Confessa agora.

— Não mesmo. — continuou negando. Levantei-me e a ergui do chão colocando-a sobre meus ombros.

— O que você vai fazer seu maluco! — gritou esperneando e

gargalhando ao mesmo tempo.

Deitei-a no sofá e me deitei sobre ela.

— Confessa.

— Não — sorriu me desafiando.

— Confessa ou vou te torturar. — ela arregalou os olhos, mas fez que não com a cabeça.

Prendi os braços dela acima da sua cabeça e beijei seu pescoço. Maju fechou os olhos mordendo os lábios. Seu gesto involuntário me deixou duro.

Segurei ambos os pulsos dela com uma mão e com a livre deslizei os dedos pelas coxas dela, subindo em direção a sua cintura. Toquei de leve numa carícia suave e ao mesmo tempo intensa. Ela soltou um gemido e puta merda. Fiquei doido, mas não iria avançar.

Só se ela pedisse.

— Tudo bem eu confesso — falou com dificuldade.

— Confessa o que?

— Que gosto de como você é sem filtro e sem noção — sorri satisfeito.

— Eu gosto do quanto você é marrentinha. — mordi seu lábio inferior e puxei de leve.

Beijei sua boca gostosa e liberei os seus braços que seguraram minha nuca. Ficamos um bom tempo deitados no sofá alternando nossos beijos com carinhos, coisa bem inocente.

Apesar de eu estar comportado, por dentro eu estava em chamas. Minha vontade era de mapear o corpo inteiro dela com as mãos, tirar a sua roupa e fazê-la minha, no entanto, tínhamos um acordo e por aquela noite ia ser do jeito dela, mas é claro que eu iria fazer de tudo para persuadi-la a mudar de ideia.

Comecei a morder seu queixo, fui descendo beijando seu pescoço, seu ombro provocando-a. Ela soltou um gemido abafado. Deslizei minha mão pelo rosto dela e fui descendo pela lateral do seu corpo, não toquei em nada, apenas apertei sua cintura.

Voltei a beijar a sua boca com possessividade. Ela agarrou os cabelos da minha nuca e quando eu pensei em avançar só um pouquinho, Maju se

esquivou de mim e se sentou bem na hora que a coisa estava ficando boa.

— Já falei que não vou fazer nada que você não queira, fica tranquila.
— tentei tranquilizá-la.

— Eu sei, mas me lembrei agora de que eu cheguei e ainda não tomei um banho.

Ela estava inventando desculpa eu sabia, mas a simples menção da palavra banho fez minha mente processar várias imagens da marrentinha nua no banho. De nós dois nus no banho para falar a verdade.

— Deixa eu tomar banho contigo, Maju? — perguntei na maior com cara de inocente.

— Rafa!

— *Tá* com tesão, não tá? Você está indo tomar banho pra ver se apaga esse fogo que está sentindo, não é?

— Rafa para de fazer essas perguntas indiscretas. Meu Deus!

— Não falei nada demais, princesa. Sei o que estou falando porque estou sentindo o mesmo — falei puxando-a para que sentasse no meu colo. Ela sentou-se de lado jogando as pernas no sofá.

— Rafa eu não sou dessas que sai por aí transando a primeira vez que fica com o cara. Pra falar a verdade... — coloquei o dedo nos lábio dela silenciando-a.

— Eu sei, já deu pra perceber. Te disse que hoje vai ser do seu jeito, não precisa ficar com medo, mas nada nos impede de falar sobre o que a gente está sentindo.

— O que você está sentindo? — perguntou. Olhei para ela com um sorriso sacana — *Aff* nem responde pela sua cara, já dá pra fazer uma ideia.— gargalhei.

— O que você está sentindo? — devolvi a pergunta. Ela respirou fundo antes de responder.

— Não vou negar Rafa, você mexe comigo, você...

— Te faço ficar com tesão? — Maju revirou os olhos.

— Faz. Satisfeito?

— Não mesmo — disse olhando sério para ela.— Você já teve um

namorado, não é? Você...

— Claro que já tive um namorado e você já teve uma namorada? — ela me interrompeu.

— Não. Nunca namorei sério, quer dizer se namorar na quarta série contar, então eu namorei, mas sem beijo, só de escrever cartinha.

— Que gracinha — disse curtindo com a minha cara. — Pois eu namorei, bastante tempo.

— É recente o término? — não sabia dizer o porquê, mas a informação me deixou desconfortável.

— Nem tanto.

— Por que terminou? — perguntei com curiosidade.

— Ele me traiu... Várias vezes. — será que ela ainda gostava do cara?

— Hum. Por isso que eu não namoro. Sou contra estar com uma pessoa e ficar com outra ou outras. As pessoas são livres para ficarem com quem quiserem, não quer mais, passa a vez, melhor do que ficar enganando e ferindo o outro.

— É. — foi o que ela respondeu. Sorriu um sorriso amarelo e disse que ia para o banho.

Fiquei na dúvida se ela tinha ficado magoada pelo o que eu tinha falado ou se tinha ficado triste por ter se lembrado do ex. Qualquer que fosse o motivo, me deixou meio intrigado.

Apesar das investidas sutis que eu estava dando, estava curtindo ficar com ela daquele jeito. Adorava o beijo dela, gostava de como nossos corpos se encaixavam, o papo também fluía bem entre a gente, apesar de eu só falar besteira na maior parte.

Aproveitei que ela estava no banho — do qual eu não faria parte, infelizmente — e fui até a cozinha procurar alguma coisa pra gente comer.

Folgado toda vida.

Achei queijo fresco na geladeira e alguns pães de dieta. Abri os armários na busca por alguma sanduicheira ou grill que eu pudesse derreter o queijo no pão.

Encontrei uma sanduicheira em uma das portas do balcão da pia, liguei-

a para esquentar e cortei as fatias do queijo. Ajeitei o queijo nos pães e os coloquei na chapa. Abri a geladeira e peguei o suco que ela nos serviu, joguei o restante que ficaram nos copos fora e os enchi novamente.

Ela entrou no cozinha no momento em que eu retirava os pães da chapa.

— Sua mãe não te ensinou que é feio mexer nas coisas os outros, não?

Virei-me pra ela para responder, mas minha língua travou.

— Majuzinha, Majuzinha aí fica difícil tentar ser um bom moço. — sorri olhando para a camiseta do Racionais. Ela sorriu de volta toda tímida.

— Você vestiu ela pra mim? — ela deu os ombros.

— Talvez. Qual é a sua com a minha camiseta? — perguntou sentando-se na cadeira próxima a mim.

— Não sei se posso dizer — falei colocando o pão no prato e entregando a ela.

— Você pode dizer e a propósito você lavou esses copos? — apontou para o copo de suco cheio.

— Claro — que não.

Sentei-me ao seu lado, peguei meu pão e o mordi. Ela fez o mesmo.

— Fala. Por que está tão cismado com a minha camiseta? — insistiu.

— Por que já fantasiei contigo não sei quantas vezes usando ela sem nada por baixo — falei despreocupado bebendo um pouco do suco, já a marrentinha ficou roxa de vergonha.

Não era tão marrenta? Por que ficava corada à toa, então?

— Gosto dos Racionais também — tentei amenizar.

— Gosto também. Gosto muito do Projota, Mano Brown, Marcelo D2, dentre outros. — olhei embasbacado para ela. — Que foi? Achou que eu curtia Demi Lovato, Taylor Swift e Rihanna?

— Não é isso, é que se eu acreditasse nessa coisa toda de alma gêmea eu diria que você é a minha Majuzinha. Minha alma gêmea musical — ela sorriu balançando a cabeça.

Comemos conversando sobre nossas músicas preferidas dos artistas que gostávamos em comum. Quase disse a ela que a minha preferida do Projota

era uma que me lembrava dela, mas achei melhor guardar aquela informação só para mim.

Maju bocejou enquanto falava sobre seu curso de psicologia e de como estava gostando da faculdade.

— Acho melhor você ir dormir, parece cansada — segurei a mão dela que estava em cima da mesa. Um gesto despretensioso demais para quem estava ali para convencer uma garota a transar.

— Você está me dispensando na minha própria casa? — perguntou franzindo o cenho.

— Não. Estou te mandando ir para a cama pra eu poder ir junto. Dorme de conchinha comigo, Maju? — ela me encarou de boca aberta. Ri da cara que ela fez — Deixa de ser mente suja garota é só dormir. Olha vai ser uma experiência e tanto pra mim já que nunca *só* dormi com uma garota antes.

— Você nunca dormiu com uma garota? — perguntou desconfiada.

— Só dormir não, já dormi, mas só depois de...

— Já entendi, Rafa — ela me cortou fechando a cara.

— E então? — falei me aproximando — Deixa? *Tá* um friozinho e eu sou um ótimo cobertor de orelha.

Um sorriso lindo brotou nos lábios dela.

— Você vai se contentar em só dormir comigo? — estava considerando.

— Vou, só quero ficar abraçadinho, juro. — beijei meus dedos em juramento.

— Tudo bem.

— Sério? — perguntei com um sorriso bobo na cara.

— Vem logo antes que eu mude de ideia.

No quarto aproveitei que ela foi ao banheiro e tirei minha camiseta, peguei minha chave e meu celular do bolso e os coloquei na mesinha.

— O que você está fazendo? — perguntou me encarando. Olhou para o meu corpo que eu vi.

— Eu durmo pelado. — ela me encarou tão embasbacada que seus olhos pareciam que iam saltar da sua cara. — É brincadeira marrentinha —

disse rindo.

Pulei na cama dela que por sinal era muito macia e bati no colchão a chamando. — Vem logo mulher — minha vizinha revirou os olhos e subiu na cama toda tímida.

Nem parecia a mesma garota marrenta de antes e eu estava gostando demais de conhecer esse outro lado dela.

— Quantos anos você tem? — perguntei. O quarto dela parecia o de uma adolescente que sonha com o príncipe encantado e eu estava mais para lobo mau.— Seu quarto parece de uma adolescente virgem.

— Dezoito — falou toda sem graça sentando-se ao meu lado. Deitei e a puxei para ficar de conchinha. Ela se aconchegou em um dos meus braços e passei o outro sobre ela a puxando para mais perto. — Meu pai ainda não aceita o fato que eu cresci.

Será que o pai dela era daqueles pais super protetores?

— Novinha — falei no ouvido dela. Senti sua pele arrepiar apenas com o calor da minha respiração.

Pouca quilometragem, eu ia adorar avançar alguns quilômetros com ela.

— E você? — perguntou virando o corpo para olhar para mim.

— Acabei de completar 23. Agora vira que eu quero te abraçar.

Ela fez o que eu disse e abracei novamente — Dorme bem, princesa.

— Sem beijo de boa noite? — perguntou tão baixinho que quase não entendi, mas eu entendi. Puta merda eu entendi.

Putá que pariu, aí fica difícil.

Parti pra cima dela. Colei meu corpo sobre o dela e ataquei seus lábios. Nossas línguas se tocaram e todo o resto do meu corpo ficou aceso. Foi a minha vez de recuar, aquela brincadeira toda já estava tirando meu juízo.

— Agora dorme — ela sorriu e se aconchegou nos meus braços.

— Boa noite, Rafa.

— Boa noite... Maria Júlia.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 28 – Molinha. Molinha.



Maju

Acordei com o barulho de um celular vibrando, mas a minha atenção foi totalmente roubada no minuto que me dei conta dos braços do Rafa sobre o meu corpo. Caramba estávamos tão enroscados que eu não sabia como tinha conseguido dormir daquele jeito. Ele tinha uma perna sobre a minha que estava no meio das pernas dele. Um braço dele estava atrás das minhas costas e o outro em cima de mim, mais precisamente na altura dos meus ombros.

Ele dormia um sono pesado. Sua respiração forte caía sobre meu rosto me despertando inúmeras sensações. Eu mal tinha acordado e já estava tendo pensamentos impuros com ele.

Tinha sido uma delícia dormir em seus braços e justamente por ter sido tão bom é que eu estava tão arrependida. Não devia tê-lo deixado dormir comigo, não devia sequer ter batido à sua porta querendo seus beijos, *por enquanto*, porque eu sabia que dali em diante não teria mais volta.

Eu iria querer mais e mais e quando ele conseguisse o que desejava de mim, me deixaria pra lá e eu sofreria feito um burro de carga.

Admirei seu rosto perfeito enquanto ele ainda dormia. Fiz um carinho no seu queixo e no seu maxilar *fodidamente* sexy. Ele era mesmo lindo e tinha um pescoço grosso, tinha ouvido boatos de que homem de pescoço grosso tinha também pênis grosso e eu estava louca para descobrir se aquela

teoria era verdadeira.

Que safada Maju!

Só que entre ter curiosidade, e vontade a realmente comprovar havia um grande caminho a ser percorrido... por mim.

Por que não tive coragem de contar a ele que era virgem?

Porque no fundo eu tinha medo de ele mudar de ideia. Por mais que eu estivesse com medo de avançar o sinal com ele, no fundo era o que eu queria. Rafa tinha conseguido me deixar com tanto tesão nos últimos dias que tinha conseguido fazer eu querer me entregar a ele, coisa que nem com o Brady aconteceu.

Nunca o Brady me deixou tão louca de desejo a ponto de querer transar com ele e olha que ele tentou e muito me levar na lábia com aquele papinho besta e carícias invasivas.

E se eu deixasse o Rafa avançar só um pouquinho? Só para eu ver se era realmente o que eu queria? E se eu deixasse ele apenas...

— Eu sei que eu sou bonito, mas você está me olhando como se eu fosse o último pedaço de filé mignon do planeta depois do apocalipse zumbi, princesa — disse me trazendo de volta a razão. Eu estava tão perdida em pensamentos que nem o vi acordar e espera aí, ele estava citando *ZNation*?^[12]

Sorri para ele que sorriu de volta me agarrando ainda mais, como se isso fosse possível.

— Bom dia — eu disse sem graça por ter sido pega no flagra.

— Bom dia — respondeu e sem cerimônia me tascou um beijo daqueles e já foi subindo em cima de mim.



Sua língua deslizou sobre os meus lábios antes de invadir a minha boca. O beijo foi se intensificando e eu só pensava no “*avançar só um pouquinho*” tanto que me enchi de coragem e o abracei arranhando de leve suas costas, gesto que o motivou.

Rafa atacou meu pescoço com beijos e mordidas e levantou uma de minhas pernas intensificando o contato dos nossos corpos. Senti sua ereção no meu ventre e desejei avançar só mais um pouquinho. Levantei a outra

NACIONAIS-ACHERON

perna e o enlacei pela cintura. Minhas mãos criaram vida e exploraram cada músculo dos braços e das costas dele.

Eu precisava pará-lo. Ele estava entendendo que eu estava lhe dando permissão e eu não estava, não, ainda. Senti sua mão invadir minha camiseta e antes que eu pudesse processar, ele a fechou em um dos meus seios.

Na lona, na lona, na lona!

Aquele simples toque me deixou em chamas. Seu dedo circulou o bico do meu seio me enlouquecendo. Senti meu ventre se contrair e gemi baixinho.

Para ele, Maju.

Mas eu não o parei, estava ocupada demais me derretendo com o seu toque.

Molinha. Molinha.

Meu Deus nunca tinha deixado nem meu namorado chegar a tanto e estava deixando o Rafa me tocar de forma tão íntima. Ele brincava com o meu mamilo enquanto me nocauteava com seus beijos ardentes e molhados.

No momento que ele sem deixar de me beijar começou a subir a minha camiseta o celular dele voltou a tocar me despertando daquele transe delicioso. Ele não se moveu, não iria parar, então com muito custo interrompi o beijo. Meu vizinho deliciosamente excitado abriu os olhos e o desejo que vi neles quase me fez dizer a ele para ignorar a minha interrupção e continuar.

— Seu celular... Está tocando — falei com dificuldade.

— Deixa tocar — encarou-me ofegante. Ele desistiu de levantar a minha camiseta, mas preservou a mão ali na minha pele já exposta.

— Está tocando há um tempo — Rafa continuou me fitando por alguns instantes, como eu não reagi ele tirou a mão e pegou o celular — É o Gabriel. — deixou tocar. Colocou o telefone na cama e voltou a me encarar.

— Não vai atender?

— Seja o que for não é mais importante do que isso aqui — apontou para nós.

Seu olhar caiu para minha cintura exposta e seus dedos deslizaram por ela me alucinando. Seu telefone voltou a tocar fazendo meu vizinho bufar

irritado. Ele ajoelhou na cama e atendeu o celular. Imittei o seu gesto e ajoelhei-me ao seu lado.

— Fala *brother* — falou com irmão, mas com o olhar cravado em mim, me despindo, me comendo — O que? — ele se levantou rapidamente pegando a camiseta — Quando foi? — alguma coisa tinha acontecido. Rafa começou a andar de um lado para o outro passando a mão nervosamente nos cabelos. — Já estou indo pra lá... Como assim está com meu carro? Cadê o seu?... Dou meu jeito *man*. Até daqui a pouco.

Ele desligou o telefone e me encarou angustiado.

— O que foi? — perguntei me levantando e aproximando dele.

— Meus pais sofreram um acidente de carro — respirou fundo tentando se controlar — Sinto muito princesa, eu preciso ir.

— Claro. Mas eles estão bem? — ele vestiu a camiseta e calçou os chinelos.

— Parece que meu pai só sofreu algumas escoriações, mas minha mãe ficou um tempo desacordada então está sendo submetida a exames.

— Eles vão ficar bem — disse o confortando.

— Sim, com fé em Deus. Princesa? Não querendo bancar o folgado, mas já bancando, tem como você me levar na rodoviária? O Gabriel foi no meu carro e o dele está com o Kay.

— Claro que sim, me dê alguns minutos.

— Vou ali no apartamento e volto em seguida.

— Ok.

Rafa foi em direção a porta do meu quarto, mas voltou novamente e me deu um beijo casto.

— Obrigado.

— Não por isso — ele balançou a cabeça e saiu praticamente correndo.

Respirei fundo tentando colocar meus pensamentos em ordem. Os pais deles tinham sofrido um acidente, mas eu só conseguia pensar no que acontecera entre nós minutos antes.

Que egoísta, Maju.

Tive dúvidas de que teria conseguido pará-lo. Meu Deus, que loucura!
NACIONAIS-ACHERON

Era surreal a influência que ele tinha sobre meu corpo.

Espantei esses pensamentos e corri para o banheiro para fazer minha higiene, pois ele logo estaria de volta. Cerca de uns dez minutos depois Rafa voltou trazendo o gatinho nas mãos.

— Vou pegar as coisas dele — colocou o bichano no sofá e saiu novamente.

Abaixei-me o peguei o Rafa felino no colo.

— Oi filho. — falei e revirei os olhos em seguida.

Era o efeito Rafa.

O gatinho aceitou de bom grado o cafuné que ganhou na cabecinha. — Folgado igual ao pai — revirei os olhos de novo.

Rafa entrou trazendo a caixinha de areia e os potinhos do gatinho. Passou direto para a cozinha e encheu o pote com água. Voltou para a sala e colocou os potes ao lado da caminha do gato e eu assistia a tudo encantada. Mesmo com a cabeça cheia de preocupação ele ainda se importou em deixar comida e água para o gato.

Eram gestos como esses que me levariam a perdição. Embora ele me enlouquecesse de desejo com seus toques e beijos devastadores, esses gestos estavam me revelando o verdadeiro Rafa, o homem por trás de toda aquela intensidade, o homem por trás do cara sem noção e ele era lindo.

— Vamos princesa? — assenti com a cabeça e peguei minha chave e minha bolsa.

— Rafa? Se você preferir pode ir no meu carro — coitado, ainda ia para a rodoviária esperar o ônibus. Devia estar agoniado para chegar logo. — Eu não vou precisar.

— É sério? — sorriu se aproximando de mim.

— Sim.

— É que eu não sei se estou legal pra dirigir sabe. Estou sentindo tanta coisa. Estou preocupado, ansioso, nervoso, irritado e frustrado por termos sido interrompidos — deu um sorriso sexy — A gente estava indo tão bem, não estava?

Sorri de volta para ele. Sim a gente estava, mas que bom que tínhamos

sido interrompidos. Eu não estava pronta para transar com ele. Ainda tinha que contar que eu virgem.

— Vem comigo pra Niterói, Maju? — sua pergunta me pegou de surpresa. — Me faz companhia, eu não *tô* legal.

Ai meu Deus pedindo assim.

— *Tá* — foi o que eu disse. Não conseguiria negar nem se eu quisesse.

Capítulo 29 – Se Enrolando na Própria Teia.



Rafa

Maju dirigia concentrada na estrada enquanto eu perdido em pensamentos tentava assimilar tudo o que tinha acontecido entre a gente, o acidente dos meus pais e as tão conhecidas sensações que me invadiam.

Olhei para ela de relance e meu coração deu um solavanco. Merda.

Não consegui cumprir o combinado. Tentei, juro que tentei, mas ao acordar de manhã com uma puta de uma ereção e dar de cara com o meu objeto de desejo me encarando com aqueles inconfundíveis olhos, ficou difícil. Só de lembrar eu já estava duro de novo.

Sentir sua pele se arrepiando ao meu toque, sentir seu seio durinho e sensível com o meu contato me deixou maluco. Tocar sua cintura fina então, foi foda demais.

Caralho, não ia conseguir parar, não por vontade própria. Do jeito que eu estava, era capaz de quebrar aquela cintura fina dela, porque eu iria pegá-la de jeito, no melhor estilo Rafa.

E minha mãe, como será que estava?

Sacudi a cabeça para espantar meus pensamentos impuros com a vizinha e voltei a ligar para o Gabriel, coisa que comecei a fazer assim que saímos de prédio. Ele não me atendia me deixando ainda mais angustiado.

Conhecendo meu pai, sabia que àquela altura o coroa já deveria ter derretido de tanto chorar. Era louco pela dona Suellen.

NACIONAIS-ACHERON

Finalmente meu irmão atendeu.

— Gabriel, onde você se meteu?

— Levei o pai até a lanchonete pra se acalmar um pouco. O coroa *tá* uma pilha — eu sabia.

— Certo. E a mãe? — perguntei cheio de aflição.

— Já foi para o quarto. Está aguardando os resultados dos exames, mas parece que está bem — amém.

— Ok. Já estou pegando a ponte, até já. — desliguei aliviado.

Sorri. Já podia voltar a minha total atenção para marrentinha sem culpa. Estava me sentindo mal por estar pensando mais em nós dois juntinhos na cama dela do que na minha mãe no hospital.

— E então?

— Ela está bem, estão só aguardando o resultado dos exames.

— Que bom — disse com um sorriso lindo *Outro solavanco coração?*

Maju voltou sua atenção para a estrada, mas a minha continuou nela. Encarei seu perfil e a sombra de um sorriso ainda pairava em seus lábios. Desci o olhar para os seios firmes dentro da blusa branca. Lembrei-me da sensação de ter um deles em minha mão. Meu pau pulsou pedindo socorro, coitado eu já estava judiando dele.

Olhei para pernas torneadas expostas pelo shortinho jeans...

— Para — disse de repente.

— O que eu estou fazendo? — perguntei divertido.

— Para de me olhar desse jeito. — ela me encarou por alguns segundos e voltou a atenção para a estrada.

— Que jeito? — perguntei chegando mais perto dela.

— Desse jeito aí — ela sorriu — Com essa cara lerda.

Sorri com malícia.

— Já que eu não posso olhar, me deixa tocar?

— O que? — Maju perguntou incrédula.

— Deixa eu tocar você, Maju?

— Ficou maluco, estou dirigindo! Como você vai fazer isso?

— Assim — soltei o cinto e levei a mão na coxa dela ao mesmo tempo que beijei seu pescoço. Deslizei minha mão para o meio das pernas dela, mas ela a segurou.

— Pelo amor de Deus quer que a gente sofra um acidente? — gargalhei e voltei para o meu lugar e coloquei o cinto.

— Não estou aguentando mais, Majuzinha. — falei respirando fundo. — Minhas bolas estão doendo e a culpa é sua. Isso é tortura demais pra mim.

Ela não disse nada e eu também não. Eu ia enlouquecer se não a tivesse na minha cama ou na dela logo.

Paramos no pedágio da ponte e entreguei o dinheiro a ela para pagar. Continuamos o trajeto em silêncio. Ela atenta ao trânsito e eu perdido em pensamentos.

Caramba a cada vez que a gente *se pegava* a coisa evoluía. Eu ficava me perguntando quando chegaríamos as vias de fato.

— Teria acontecido se o Gabriel não tivesse nos atrapalhado? — perguntei depois de um tempo virando-me para ela. Eu precisava saber.

— Não — foi sua resposta.

Olhei para ela incrédulo. Como não? Sua resposta foi como um coice de cavalo bravo no meu ego.

— Tem certeza porque você parecia tão envolvida quanto eu.

— E estava Rafa, mas... Não ia passar daquilo. Sei que dei a entender que eu estava correspondendo, mas... Bom eu estava correspondendo, mas...

— Por que você está fazendo esse joguinho comigo, Majuzinha? — a interrompi. Já estava ficando meio cansado daquilo.

— Rafa não é joguinho, não sou dessas. Sei o que você quer de mim, só não estou preparada para te dar.

— Mas você quer me dar?

— Aí meu Deus você é muito direto! — disse cheia de vergonha.

Que bonitinha.

— Diz que você quer me dar, porque eu estou doido pra te comer.

— Ai desisto — gargalhei. Deixá-la constrangida estava se tornado meu robe favorito. — Diz qual é o caminho.

— Encosta. — pedi.

— O que?

— Encosta ali — aponte para o acostamento.

Ela fez o que eu disse. Estacionou e me encarou confusa.

— O que foi? — perguntou preocupada.

— Acho que está na hora de termos uma conversa sincera. — franziu o cenho intrigada. — Olha eu gostei muito de passar esse tempo contigo. Gostei de te beijar e tudo mais, mas eu preciso saber ou vou enlouquecer. Eu sempre fui muito sincero contigo e quero que você seja comigo agora. Só me diz sim ou não. Você quer?

Maju desviou o olhar de mim para os carros que passavam com uma expressão indecifrável. Meu coração acelerou diante a ansiedade que senti em ouvir a sua resposta.

— No meu mundo — ela começou — Essas coisas não são planejadas ou marcadas, elas simplesmente acontecem.

Expirei o ar e o soltei lentamente.

— No meu mundo essas coisas são muito bem planejadas e muito bem esclarecidas. Evita confusões futuras, princesa.

Maju me encarou e pude ver um vislumbre de decepção em seus inconfundíveis olhos e eu não gostei nada de ter sido o responsável por aquilo.

— Você não está errado em deixar bem claro as suas intenções Rafa, só se engana contigo quem quer se enganar. Eu admiro isso — calou-se por um instante e ficou perdida em pensamentos. Eu daria um rim para saber em que ela pensava — Você quer saber se eu quero ir para a cama com você, não é? Pois bem eu quero, mas vai ser no meu tempo. Se você não quiser esperar...

— Eu quero — respondi rápido demais.

Ela sorriu e eu sorri de volta um pouco aliviado, mas só um pouco. O que ela poderia estar pensando antes de me dar aquela resposta me deixou muito curioso e intrigado.

Não interessa, cara. Se liga no seu objetivo, levá-la para a cama — tentei me convencer.

— Mas depois disso é cada um para o seu lado. — dessa parte eu estranhamente não gostei, mas concordei com a cabeça — Assim evitamos confusões futuras, não é mesmo?

— Exatamente.

O restante do trajeto até o hospital foi no mais desconfortável silêncio. Eu deveria ter ficado aliviado com o nosso arranjo, com o fato de ela estar de acordo que não seria mais do que sexo, no entanto, aquela inquietação no meu estômago me deixou um tanto confuso.

— Chegamos — minha vizinha disse quando parou o carro na frente do hospital — Eu volto daqui.

— Não vou deixar você voltar sozinha.

— Rafa eu sei o caminho de volta, não se preocupe.

— Eu sei que você sabe o caminho, mas não quero que volte sozinha. Entra comigo, eu vejo como minha mãe está, fico um pouco com ela e voltamos... Juntos.

Maju suspirou e assentiu.

— Vou estacionar — concordei e saí do carro — Te vejo lá dentro.

Cheguei à recepção e me informei em que andar minha mãe estava. Aguardei a Maju para seguirmos juntos até o quarto.

Ela entrou minutos depois e eu sorri. Eu tinha que admitir, gostava da presença dela.

— Vem, é no quarto andar — informei e involuntariamente segurei a mão dela no caminho até o elevador.

Quando entramos, apertei o andar e continuei segurando a mão dela, mas ela a puxou de volta no momento que alcançamos o quarto andar.

Havia uma segunda recepção logo ao lado do elevador onde nos identificamos e pegamos os crachás de visitantes.

— É aqui — falei quando paramos de frente para o quarto 401.

Abri a porta e encontrei meu pai, o Gabriel e a Angel.

— Vem.

Maju engoliu seco visivelmente constrangida, mas entrou comigo.

O Gabriel foi o primeiro a me encarar com o cenho franzido. Meu pai se levantou e me abraçou com os olhos inchados.

— Como ela está? — perguntei notando que minha mãe estava adormecida.

— Vai ficar bem. — respirei aliviado. — Mas vai ter que passar a noite aqui.

Olhei de relance para a Majuzinha que já tinha sua atenção monopolizada pela Angel.

— O que importa é que ela está bem coroa, pode ficar tranquilo — falei abraçando meu velho.

— Se eu a tivesse perdido... — falou com a voz embargada.

— *Shiiii* pai, ela está bem. Relaxa.

Era bonito demais ver o amor dos meus pais. Meu pai praticamente lambia o chão que minha mãe pisava. Fazia tudo que ela queria. Tudo na vida deles era decidido juntos. Crescemos em um ambiente totalmente saudável, cheio de muito amor e apesar de na maioria das vezes eu ser meio desvirtuado, a essência da boa educação que recebi deles caminhava sempre comigo.

Majuzinha me encarou com um sorriso tímido enquanto eu tentava confortar o manteiga derretida do pai.

— Rafa desde quando temos um gato? — Gabriel perguntou.

— Não é nosso. — respondi secamente.

— Onde você estava? — ele insistiu.

— Vai mesmo me interrogar agora? — perguntei irritado.

— Filho quem é a *gostosinha* que veio com você?

Algumas coisas nunca mudam. Já disse que meu pai antes de casar com a minha mãe era tipo... Eu? Pois é eu tinha a quem puxar. Claro que ele havia mudado, dona Suellen tinha *botado* um cabresto dos bons nele, mas velhos hábitos são difíceis de serem esquecidos. E meu pai tinha olhos, né?

— Mais respeito com a garota, coroa!

Meu pai e o Gabriel me encararam como se eu fosse maluco fugido de um sanatório.

— O caso é sério — Gabriel disse gargalhando e eu estava muito tentado a dar uns socos nele.

— Ela só é a vizinha da frente pai. Ela me trouxe por que o Gabriel pegou meu carro, não tem nada de mais.

— Você dormiu na casa dela?

— Porra Gabriel, vou te dar uns socos, caralho!

Dei as costas para o idiota e me juntei a Angel e a Maju no sofá.

— Cadê o Kaiary? — perguntei.

— Desceu com os pais dele. Já deve estar voltando. — assenti e me encostei no sofá.

Um tempo depois o Kay voltou e assim como meu irmão e meu pai, também me encarou com curiosidade. Mais um para pegar no meu pé.

— Muito prazer em finalmente te conhecer Maju. Eu sou o Kaiary. — minha marrentinha não se deixou constranger pelo idiota do meu primo, menos mal.

— Prazer — falou apertando a mão dele. Ele sorriu para ela e sentou-se ao meu lado.

— E aí já comeu? — perguntou discretamente. Suspirei resignado. Eles não me dariam folga.

— Ainda não. — respondi fingindo tédio.

— Cara sou fã dessa garota. Qual é Rafa, está perdendo o jeito, é?

— Kaiary se você não quiser casar de olho roxo sugiro que se afaste e cale essa boca — o babaca gargalhou.

— Cuidado *mané*, você pode acabar se enrolando na sua própria teia.

O encarei sem entender.

— De que merda você está falando?

— Você está empenhado demais em levar essa garota pra cama. Cuidado pra não acabar se apaixonando por ela enquanto tenta.

— Sem chance. — respondi.

Ele sorriu e foi se sentar perto da Angel.

Sem chance. Sem chance. Caralho sem chance.

— Rafa, a mãe acordou — Gabriel informou.

— Vem Maju, vamos até a lanchonete — Angel disse para a marrentinha que voltou sua atenção para mim.

— Já volto — assenti com a cabeça e fui até a minha mãe.

— Só assim pra esse desgarrado vir me ver — minha mãe disse fazendo drama. Era a rainha do drama a dona Suellen.

Sentei-me ao seu lado na cama e a abracei. — Vê se não dá outro susto desse na gente dona Suellen.

— Vou tentar — falou chamando o Gabriel para abraçá-la também. Ela nem precisou chamar o *manteigão* do meu pai, lá estava ele agarrado na gente como se sua vida dependesse daquilo.

— Como aconteceu? — lembrei de perguntar.

— Teve um engavetamento na pista. Tinha muita neblina, era cedo ainda. Estávamos voltando da fazenda.

— Pô coroa, já falei para esperar amanhecer direito pra sair da fazenda. — ralhei com ele.

— Fui eu que quis vir cedo, filho. Não estava me sentindo bem — nessa hora o médico que tinha atendido minha mãe entrou no quarto.

— Dona Suellen como se sente? — ele a perguntou.

— Estou melhor doutor...

— E os resultados dos exames, doutor? — meu pai a interrompeu angustiado.

— Está tudo bem como a dona Suellen e com o bebê — o médico informou.

Bebê?

Olhei do meu pai para a minha mãe incrédulo e eu teria pego o queixo do Gabriel do chão se o meu também não tivesse caído.

— Bebê? — meu pai perguntou embasbacado — Que bebê, doutor?

— Dona Suellen está grávida, vocês não sabiam?

Pela cara que os dois fizeram, não sabiam e nem sonhavam como a possibilidade.

— Doutor você tem certeza disso? Não pode ser verdade. Tenho quarenta e três anos e devo estar entrando na menopausa.

— Tenho certeza absoluta. Muitas mulheres acabam engravidando depois dos quarenta justamente por isso, por acreditarem que estão entrando na menopausa, mas ainda não estão de fato.

— Que merda — minha mãe soltou.

— Vem Gabriel — chamei meu irmão — Vamos deixar o pai e a mãe conversarem com o médico — meu irmão assentiu meio catatônico e me acompanhou.

— *Carácolis!* — Gabriel falou já do lado de fora do quarto.

— É, *carácolis* — repeti.

Descemos em direção a lanchonete em total silêncio. Encontramos o casal e a Maju sentados em uma mesa próxima a entrada e nos juntamos a eles.

— Que caras são essas? — Angel perguntou notando nosso estado semivegetativo.

— A mãe *tá* grávida — Gabriel respondeu.

O casal esbugalhou os olhos na minha direção e eu apenas confirmei com a cabeça.

— Gente que boa notícia! — minha amiga disse empolgada.

— Não sei se isso é uma boa notícia, novata — falei sem emoção.

— Claro que é Rafa. Uma vida que chega é sempre uma boa notícia e sua mãe está bem, isso é o que interessa.

— A Angel tem razão, Rafa — Majuzinha se manifestou.

Ah Majuzinha como eu queria um abraço agora.

— É — concordei. — Caralho Gabriel, a gente vai ter um irmão, ou irmãos. Vai que são gêmeos.

— A mãe vai pirar — ele falou.

Todos começaram a conversar sobre a gravidez da minha mãe, mas eu apenas observava minha marrentinha. Deslizei minha mão por baixo na mesa e segurei a sua que descansava no seu colo. Ela me encarou surpresa, mas suavizou a expressão com aquele sorriso lindo dela.

Não podia negar mais uma coisa, a presença dela me acalmava.

Quando voltamos ao quarto fui informado que eu havia sido escolhido para ficar com a minha mãe no hospital, já que o Gabriel e meu pai trabalhariam no dia seguinte. Eu quis negar, pois tinha combinado de voltar com a vizinha, ainda queria dar mais uns beijos *por enquanto* nela, mas me vi sem desculpas para ir embora com ela. Eu não podia deixar minha mãe passar a noite sozinha abalada pela notícia da gravidez como ela estava.

— Não vou poder voltar contigo, princesa. Desculpe — pedi desanimado.

— Fica tranquilo Rafa, não tem problema. Fica com a sua mãe. — lembrei-me que o casal estava no carro do Gabriel.

— Vocês vão voltar agora para o Rio? — perguntei a eles.

— Sim — Angel respondeu.

— Será que vocês poderiam ir com a Maju?

— Não precisa Rafa — minha vizinha me encarou sem graça.

— Claro que dá. Você se importa em dar uma carona pra gente Maju? — minha amiga perguntou.

— Não, claro que não.

— Então está resolvido. Eles voltam contigo assim *tu* não volta sozinha. — ela assentiu.

— Tudo bem, então.

— Rafa filho, não vai me apresentar sua amiga?

E eu tinha esperanças de que a Maju passasse despercebida pela minha mãe.

Sorri sem graça para a Majuzinha que andou comigo até a minha mãe.

— Mãe essa é a Maju nossa nova vizinha de frente.

— Prazer em conhecê-la — Maju disse cordialmente.

— O prazer é todo meu — minha mãe respondeu encarando minha vizinha intrigada — Você veio com o Rafa?

Putz, agora não dona Suellen!

— É eu pedi esse favor a Maju, mãe. A notícia do acidente me deixou

bem abalado.

— Certo — minha mãe assentiu não muito convencida, mas a notícia da gravidez deve tê-la deixado muito abalada pois ela preferiu deixar para lá. Bom pra mim. — A gente já vai então, Rafa — Angel disse — Você vem agora, Gabriel?

— Vou ficar mais um pouco. Depois eu vou.

Meu primo e minha amiga se despediram dos meus pais seguidos pela Maju. Os acompanhei até a porta do quarto.

Eu me despedi do casal que saíram em direção ao elevador. Quando a marrentinha fez menção de segui-los eu segurei sua mão a impedindo.

— Desculpe ter causado todo esse transtorno no seu domingo. Eu queria mesmo voltar contigo pra gente *se pegar* mais um pouquinho — ela sorriu revirando os olhos — Mas não vai dar mesmo.

— Não esquentar.

Olhei para ela, para o casal e para ela de novo. Sem pensar muito aproveitei que eles estavam de costas e segurei seu rosto entre as mãos e lhe dei um beijo rápido.

— Sonha comigo Majuzinha, que eu vou sonhar contigo... — disse a soltando. Ela sorriu e acenou se afastando. — Peladinha Maju! — gritei só para não perder o hábito. Não deu para ver a cara dela, mas podia jurar que tinha ficado roxa. Minha amiga olhou para mim balançando a cabeça de forma reprovadora antes de entrar no elevador. Bati continência para ela e segui de volta para o quarto.

Capítulo 30 – Aqui Jaz Rafael Bastos.



Maju

Dar carona a Angel e ao Kaiary sem querer fez com que eu me aproximasse mais um pouco da minha vizinha irritantemente legal.

Brincadeira. De irritante aquela garota não tinha nada. Angel era o alto astral em pessoa e a animação dela pelo casamento então, era contagiante. Ela e o noivo eram tão apaixonados que se fosse há algumas semanas eu estaria vomitando de ver suas constantes demonstrações de afeto, mas naquele momento da minha vida - e por causa de um certo vizinho sem noção - eu só conseguia achá-los fofos.

E noivo gente. O que era aquilo?

Devia ser pecado ser tão bonito, os três na verdade. Já podia imaginar o irmãozinho ou irmãzinha do Rafa, com certeza seria lindo como ele.

A Angel foi tagarelando toda a viagem sobre os preparativos do casamento, sobre a grande família Bastos e eu estranhamente estava bem curiosa para saber mais sobre eles. No meio da conversa, do nada o Kaiary me perguntou sobre a minha mãe, onde ela atendia e os dias, eles queriam marcar uma consulta porque o cara estava doido para ser pai. Que lindo.

Lindo nada, Maju! Ai lindo, sim. O que estava acontecendo comigo?

Quando chegamos passei o contato da clínica que minha mãe atendia para eles.

— A Angel antes que eu me esqueça, você tem alguma exigência

NACIONAIS-ACHERON

quanto ao traje de madrinha? — perguntei. Vai que era todo mundo com uma cor só, ou todo mundo de longo e eu aparecer diferente?

— A única exigência que fiz, foi de ser vestido longo, mas as cores cada uma escolhe a que quiser.

— Ok, então. Boa noite, gente.

— Boa noite — eles responderam juntos.

Assim que entrei o Rafa felino veio na minha direção. Peguei-o no colo e fiz carinho na cabecinha dele. Joguei-me no sofá com ele nos braços e só então me dei conta de que estava cansada.

As imagens do Rafa instantaneamente começaram a dançar na minha mente. Os momentos quentes, os divertidos, os momentos carinhosos davam piruetas na minha cabeça e no meu coração. E tínhamos um acordo.

Como você foi concordar com essa loucura, Maju?

O cara só queria me levar para a cama e estranhamente eu estava bem com aquilo. Eu não podia negar que ele era correto do jeito maluco dele. Pelo menos não iria me enganar como o Brady só para me levar para a cama, porque no fundo, era o que o Brady queria. Se eu fosse para a cama com o Rafa — e eu ia, porque já estava decidida — iria sem me enganar. Foi isso o que me fez tomar a decisão de transar com ele, só que não seria quando ele quisesse, seria quando eu estivesse preparada.

Levantei-me do sofá e fui até a cozinha trocar a água do meu Rafa. Coloquei mais ração para ele e segui para o meu quarto. Desesperadamente precisava de um banho.

Já de banho tomado, de barriga cheia liguei para a doida da minha amiga para intimá-la a me ajudar a escolher um vestido para o casamento.

— Poxa você não me conta mais nada — ela reclamou do outro lado quando contei a ela que seria madrinha junto com o Rafa.

— Será por que, né? — alfinetei.

— Caramba Maju até quando você vai ficar brava comigo. Pensei que você tinha me perdoado por *pegar* seu ex.

— Eu não tenho o que te perdoar por isso, já disse, faça bom proveito daquele idiota. Fiquei chateada de você esconder, mas vamos esquecer isso por enquanto. Preciso que você venha me ajudar a escolher o vestido. Nunca

NACIONAIS-ACHERON

fui madrinha, nunca usei essas roupas formais, não vou saber escolher.

— Ok. Pode ser amanhã? Não tenho prova. — ela perguntou.

— Eu tenho, mas façamos assim. Você vem, pega um táxi quando chegar ao Rio e vem pra cá. Vou deixar a chave na portaria. Quando eu chegar, que deve ser lá para umas quatro da tarde a gente vai ao shopping escolher o bendito vestido e depois te levo na rodoviária.

— Tá bom, mas vou de carro. É mais garantido porque na terça-feira tenho duas provas.

— Ok. — concordei. — Até amanhã.

— Não tão rápido, querida. Não vai me contar nada? E você e o Rafa? — curiosa essa tal de Evelyn.

— Te conto amanhã. Cambio, desligo — e desliguei sorrindo. Minha amiga ficava possessa quando fazia isso com ela.

Caí na cama e apaguei.

No dia seguinte acordei atrasada e me arrumei rapidamente. Comi apenas uma maçã e corri para a faculdade. Quando eu me sentei na cadeira e peguei meu celular para desligá-lo antes de começar a prova foi que vi uma mensagem.

Do Rafa.

Meu coração coitadinho, quase parou antes de começar a bater descompassado. Droga ficar ansiosa logo antes da prova. Se eu me saísse mal a culpa ia ser dele.

Rafa: Saudade de dormir de conchinha contigo.

Minha semana vai ser tumultuada, tenho provas, ensaio de dança, estágio que estou começando, mas quero que saiba que você vai estar na minha cabeça. Nas duas, Majuzinha. ;-)

Senti meu rosto esquentar. Como conseguia ser tão descarado? E que história de dança era aquela? Não resisti e respondi rapidinho.

Maju: Você não cansa de ser tão descarado, não?

Não esperei resposta, pois a prova já iria começar, o professor já estava distribuindo. Mas quando estava prestes a desligar o aparelho sua resposta chegou. Sorri. Já disse, minhas expressões faciais já não me obedeciam mais.

Rafa: Rafa pensa, Rafa fala princesa e ah! Rafa acaba de ter uma ereção no seu primeiro dia de trabalho não renumerado. Tá vendo o que você faz comigo?

Senti minha calcinha molhar quando li. Ele é que não sabia o que fazia comigo.

Maju: Eu ia sugerir um banho gelado, mas como você está no seu trabalho não renumerado, então, fica difícil.

Rafa: Sugere punheta então? :D

Tenho certeza que os meus olhos quase saltaram para fora do meu rosto quando li.

— Maria Júlia será que dá pra largar o celular? — meu professor disse do meu lado. Nem o tinha visto se aproximar.

— Claro, desculpa professor — respondi morta de vergonha. Eu que gostava de passar despercebida tinha acabado de ter minha atenção chamada por causa de celular *Aff!*

Mas aproveitei que o professor virou as costas e ainda respondi.

Maju: Me deixa fazer minha prova seu pervertido ou o professor vai

arrancar o telefone das minhas mãos. Bjos

Sério que eu me despedi com beijos? Caramba aquele cara fazia mal a minha sanidade mental e que droga não tinha conseguido perguntar sobre a tal dança. Desliguei o telefone e me concentrei – tentei – na prova.

Quando saí da faculdade liguei para a Evelyn que já estava no meu apartamento me aguardando. Pedi a ela que me esperasse na calçada para não perdermos tempo. No shopping ela me puxou para entrar em todas as lojas de alugueis de roupas – ainda bem que eram poucas – até ela encontrar uma a *nossa* altura, palavras dela.

— Ainda não me conformo de você não querer comprar um vestido e sim alugar — reclamou enquanto ia retirando uma porção de vestidos das araras.

Revirei os olhos e fui os devolvendo.

— Não gostou de nenhum? — perguntou decepcionada.

— Olha isso — mostrei o vestido vermelho piranha com um decote até o umbigo que ela tinha me entregado. — *Tá* louca, é? Nem se me pagar uso um troço desses — falei sem me importar com a moça que nos atendia.

— Ai deixa de ser puritana! — minha amiga revirou os olhos — Pensa na cara do Rafa quando te ver com esse vestido.

O conhecendo como eu o conhecia, primeiro ele provavelmente salivaria em cima do meu decote, mas depois com certeza ele iria estranhar eu estar usando um vestido que não tinha nada a ver comigo.

— Eu não quero que ele caia de cara nos meus peitos. Ainda quero que ele olhe nos meus olhos quando estiver falando comigo.

— E esse? — ela me entregou um vestido *amarelão* de costas peladas.

— Não quero aparecer mais que a noiva — o devolvi para a arara também. — Por favor Evelyn me ajude a escolher algo para mim e não para você. — pedi já impaciente.

— Ok, sua chata — bufou — Vem. Vamos até os tons mais suaves.

Ela pegou um vestido lilás e ficou o encarando por alguns instantes, mas o devolveu — Não, muito sem graça — disse pegando outro. — Também não, muito sério — eu até tinha gostado. Ele era rosa claro e comportado.

NACIONAIS-ACHERON

— Que tal esse? — a vendedora já impaciente nos mostrou um de cor salmão e de renda. Ele tinha dois recortes um de cada lado da cintura. Na verdade, a parte de cima era unida a parte de baixo do vestido apenas por um pedaço estreito de pano, o que deixava a cintura e metade das costas expostas.

— Gostei — minha amiga disse arrancando o vestido da mão da vendedora — Não é decotado, mas tem esses recortes laterais e ele parece moldar o corpo. Vai e veste — Evelyn praticamente ordenou me entregando o vestido.

— O vestido não tem panos dos lados. Não sei se gostei.

— Diz isso depois que ele estiver no seu corpo, *Darling* — darling?

Bufei vencida e fui até o provador. Vesti o vestido e encarei minha imagem no espelho. Até que gostei dele depois de vê-lo no meu corpo. Ele era justo até a altura das coxas, mas se abria suavemente das coxas para baixo. Não era decotado e tinha as alças grossas, mas eu ainda estava em dúvida.

— E então? — a enxerida perguntou enfiando a cabeça no provador — Ai Jesus, você ficou linda!

— Não sei não, Evelyn. Já que é para usar um vestido que mais parece um top com saia, talvez fosse melhor alugar um top e uma saia.

— Deixa de bobagem, ficou perfeito nessa sua cintura de fazer inveja. Amei. Moça traz uma sandália pra ela experimentar com o vestido.

— Que número ela calça?

— Ih, ela tem pesão. Traz 37 — revirei os olhos. Eu não tinha pé grande, meus pés eram compatíveis com a minha altura, só isso.

Quando calcei a sandália, já estava mais acostumada com a falta de pano na minha cintura. As vendedoras pediram para eu sair do provador para verem como tinha ficado. Todas gostaram, até foto de mim com o vestido tiraram. Ainda experimentei mais dois que a Evelyn tinha escolhido, mas confesso que acabei gostando mesmo foi do primeiro. Tinha ficado certinho, só precisava soltar um pouquinho no busto.

— Então? Vai ser esse mesmo? — a vendedora perguntou. Assenti — E as sandálias, vai alugar também?

— Tem outras?

— Não vamos alugar a sandália, só o vestido mesmo — a enxerida falou na minha frente.

— Eu não tenho sandália, Evelyn.

— Por isso mesmo. Caramba Maju pelo menos a sandália você vai comprar. Eu não me desloquei de Petrópolis só para alugar um vestido.

Concordei contrariada.

Depois de acertar os últimos detalhes do aluguel do vestido fomos até uma loja de sapatos. Comprei uma sandália que a Evelyn escolheu só mesmo para agradá-la. Ela comprou uns três pares de sapatos para variar.

Quando saímos da loja, fomos até a praça de alimentação comer alguma coisa.

— Vai desembucha — disse enquanto chupava seu suco de laranja no canudinho.

— O que? — é claro que me fiz de desentendida.

— Fala sério, Maju. Deixa de se fazer de trouxa e conta logo como foi com o Rafa.

— Não foi. A gente apenas se beijou.

— Ai Maju um beijo?

— Não disse um beijo. Nos beijamos até dormirmos — minha amiga me encarou abismada.

— Rolou?

— Não. Eu disse que dormimos, não que transamos — como eu não conseguiria fugir do seu interrogatório, contei tudo nos mínimos detalhes.

— É não podemos negar, o cara é direto mesmo — ela disse me encarando minuciosamente — Tem certeza de que quer mesmo perder sua virgindade com ele? Nada contra, mas, ai amiga tenho medo de você se machucar.

— Ele não vai me machucar. Eu sei que ele só está a fim de me levar pra cama. Não vou me iludir com ele, mas não consigo mais não pensar em nós dois tendo esses momentos íntimos, Evelyn. Esse cara mexeu comigo de uma tal forma, que sinto que vou enlouquecer a qualquer momento, de

desejo, de tesão — pausei para suspirar — Não consigo não querer ficar com ele de forma íntima, sabe?

Minha amiga me encarou perplexa. Eu a entendia, nunca me imaginei sentindo todas aquelas coisas por um cara e muito menos estar expressando tudo em voz alta.

— Nossa Maju que merda! Então dá logo pra esse cara e apaga esse fogo todo aí.

— Ei essa fala é minha! — gargalhamos.

Sem muito entusiasmo a ouvi falar sobre o Brady. Não era ciúmes, eu só não acreditava que ele tivesse mudado. Algo me dizia que ele ainda a faria sofrer, mas não quis jogar um balde água fria na minha amiga falando para ela tomar cuidado e tal, então preferi apenas ouvi-la.

Quando chegamos ao estacionamento do meu prédio, minha amiga se despediu de mim ali mesmo e partiu para Petrópolis. Entrei no elevador e segui para o meu apartamento, minha bolsa de um lado, minha pasta e sacola com as sandálias do outro. Nem sinal do meu vizinho lindo e sem noção. Entrei murcha em casa.

Apesar de saber que seria difícil nos encontrarmos no decorrer da semana eu ainda tinha uma pontinha de esperança, mas isso só aconteceu na sexta-feira, um dia antes do casamento. Claro que trocamos algumas mensagens – picantes da parte dele – mas pessoalmente era a primeira vez desde o dia que o levei a Niterói. Eu estava voltando da loja de aluguel de roupas um pouco depois das sete da noite quando saí do elevador e dei de cara com o Rafa e mais dois rapazes vindo na minha direção.

Dizer ao meu coração para não disparar porque era apenas o vizinho sem noção não tinha mais coerência. Os milhões de beija-flores que estavam dormindo no meu estômago acordaram e junto com meu coração descompassado fizeram uma algazarra dentro de mim.

Quando ele me viu, abriu seu sorriso matador de Maju e pronto, ferrou com todo o resto. Rafa veio caminhando sorrateiro para o meu lado e sem cerimônia pegou na minha mão e a beijou.

— Majuzinha meu amor que saudade! — disse todo espalhafatoso. Os dois garotos que estavam com ele me encaravam com curiosidade. — Deixa

eu te apresentar meus pupilos. Kaíque e Kevin, irmãos do Kaiary.

Dois projetos de beldades. Meu Deus era cada um mais lindo que outro naquela família. Até a mãe do Rafa era linda.

Os garotos me cumprimentaram com dois beijinhos e me encararam de cima em baixo. Podiam até serem irmãos do Kaiary, mas estavam mais para duas cópias do Rafa.

— Olho maneiro — um deles que não fazia ideia se era Kaíque ou Kevin disse. Os dois eram idênticos.

— Obrigada.

— Ela é toda maneira, *manezão* — Rafa disse praticamente me secando — Toma a chave do carro e vão descendo, já me encontro com vocês. — falou despachando os meninos.

Os gêmeos sorriram maliciosamente e se despediram de mim. Quando eles se afastaram Rafa segurou minha cintura e me puxou para perto dele. Sorriu cheio de malícia e beijou meu pescoço.

— Saudade desse seu cheiro, Maju — falou cafungando no meu cangote — Quase me derreti toda apenas com a respiração dele no meu pescoço — Eu queria mesmo era despachar meus primos e ir para o seu apartamento contigo, mas é a despedida de solteiro do Kay então... Não vai dar pra escapar.

— Que medo! — brinquei desviando o assunto — Você levando o cara para a despedida de solteiro dele é muito arriscado.

— Se você me conhecesse bem — disse tirando o vestido das minhas mãos e me encostando na parede — Saberla que eu respeito muito meu primo e minha amiga. Jamais faria algo para prejudicá-lo.

Eu acreditava. Só falei aquilo para tentar dissipar aquela tensão quase palpável entre nós, mas foi em vão pois assim que ele me prendeu na parede com o corpo dele eu automaticamente agarrei sua nuca louca por um beijo.

E ali mesmo no corredor do nosso andar ele me deu mais um dos seus beijos matadores. O meu vestido foi para o chão, minha bolsa foi para o chão e nada mais importava. Eu só conseguia sentir os lábios dele tomando os meus, as mãos dele agarrando a minha cintura e me puxando ao encontro dele. Eu só conseguia sentir o quanto ele estava excitado apenas por me

beijar e aquilo me deixou corajosa demais.

Agarrei o cós da calça dele intensificando o nosso contato enquanto sua boca descia para o meu pescoço e sua língua traçava um caminho de fogo por ele. Rafa segurou os cabelos da minha nuca com uma de suas mãos e o puxou fazendo que eu levantasse minha cabeça dando livre acesso a ele para continuar explorando meu pescoço. Ele mordeu meu queixo, o lóbulo da minha orelha e gemeu no meu ouvido. Eu me derreteria ali mesmo se o barulho das portas do elevador se abrindo não tivessem me despertado daquele transe alucinógeno.

Nos afastamos meios atordoados. Rafa pigarreou pegando minhas coisas do chão e me entregando enquanto eu respirava com dificuldade.

Um casal de vizinhos passou pela a gente nos encarando desconfiados.

— Boa noite, Rafa — o senhorzinho disse simpático. — Boa noite, moça.

— Boa noite.

— Boa noite seu Gusmão, tudo tranquilo?

— Vou levando meu filho — Rafa sorriu para o senhor que acenou enquanto a senhorinha continuou carrancuda nos recriminando com um ar acusatório.

Quando o casal entrou no apartamento, meu vizinho gostoso voltou a me encarar, mas ao contrário das outras vezes, estava sério.

— Ainda vou morrer de tesão Majuzinha e a culpa vai ser toda sua, mas antes de morrer vou pedir para escreverem na minha lápide “Aqui jaz Rafael Bastos, irmão, amigo, amado filho e punheteiro”, porque é o que eu estou me transformando desde que você apareceu — arregalei os olhos morta de vergonha e claro que ele gargalhou.

— Nossa você solta cada uma. Vê se avisa antes por favor, pra eu me preparar.

Ele apenas sorriu. O celular dele começou a tocar e ele só viu quem era e o guardou de novo.

— Meus primos já estão impacientes. Estão eufóricos para saírem na noite carioca. Minha tia fez tanta recomendação que estou com medo até de deixar eles beberem refrigerante. — sorriu divertido. Sorri de volta pra ele,

era instantâneo. — Deixa eu ver seu vestido? — falou colocando as mãos na capa que o protegia.

— Claro que não! — tirei as mãos dele de cima do vestido. Ele não insistiu. Rafa me encarou com aqueles olhos verdes e estreitos me deixando sem graça. Seu olhar era sempre tão penetrante que parecia que ele via além do que eu queria mostrar.

— Caralho! — resmungou pegando o telefone — Meus primos de novo princesa, vou ter que ir nessa. Quer carona para o casamento?

— Não, meu pais vão. Obrigada.

— Ok. — falou e me roubou um beijo rápido. — Deixa eu ir antes que eu desista.

Assenti. Ele não se moveu e nem eu, também não queria que ele fosse. Queria que ele fosse comigo para o meu apartamento e me beijasse de novo daquele jeito dele até eu não aguentar mais.

Rafa sorriu e tocou meu rosto. Uma carícia leve, sem maldade, mas que traziam muitos significados, pelo menos para mim.

— Até amanhã princesa, estou ansioso demais pra dançar contigo.

— Até amanhã, Rafa. — ele beijou minha testa e seguiu para o elevador, mas eu fiquei presa na parede incapaz de andar. Mais uma vez ele tinha me deixado na lona.

Ele queria dançar comigo? Pois eu queria muitas outras coisas com ele.

Capítulo 31 – O Grande Dia (Parte 1)



Rafa

— Pô a Angel me sacaneou falando que não faria eu me vestir feito um pinguim — reclamei para o Gabriel tentando ajeitar a porra da gravata borboleta.

O idiota gargalhou e finalmente decidiu me ajudar.

— Para de reclamar. Até que você ficou bonitinho. Prontinho *mané*.

— Bonitinho é o cacete. Eu sou lindo pra caralho. — ele revirou os olhos. — Você é que até melhorou ficando todo engomadinho desse jeito. — apontei para ele.

A traíra da minha amiga de última hora influenciada por não se sabe quem, resolveu vestir os padrinhos de pinguim. Como eu fui o único a reclamar, perdi feio.

Meu primo Guilherme, os irmãos do Kay e o Gustavo, que trabalhava com meu irmão e com a Angel, também seriam padrinhos. Já estávamos todos a postos do lado de fora da igreja aguardando nossas acompanhantes e a Maju era a única que ainda não tinha chegado e eu não podia negar que estava um poço de ansiedade. Ela deveria estar linda.

— Caralho estou uma pilha. — o noivo disse se aproximando da gente.

— Relaxa cara. Hoje é o seu grande dia — falei dando um tapinha nas costas dele.

— Vou tentar — respondeu dando um sorriso nervoso.

— É, tenta mesmo e vê se faz minha amiga feliz Kaiary ou eu corto as suas bolas — ameacei na brincadeira.

— É tudo o que eu quero fazer *man*. Deixa eu ir para o meu posto. Vejo vocês na festa — falou se afastando.

Uma das cerimonialistas se aproximou para explicar a ordem em que entraríamos. As meninas naquele momento já tinham se juntado a nós. Estávamos aguardando o momento da cerimônia começar e nada da Maju, ainda bem que a Angel também não havia chegado.

— Cadê a madrinha? — a moça perguntou.

— Ela ainda não chegou.

— Ela precisa chegar logo — disse antes de se afastar.

Encostei-me ao lado do Gabriel na grade e percebi seu mal-estar quando a Bia se aproximou timidamente, mas cheia de sorrisos para o lado dele.

— Cara cadê a Maju? — até o Gabriel já estava preocupado com o atraso dela.

— Não sei. Vou ligar pra ela — mas no momento que eu peguei meu celular eu a vi subir apressada as escadarias da igreja acompanhada dos seus pais.

— Puta merda! — soltei sem querer e não só eu como o resto dos machos ali presentes olhamos para ela totalmente boquiabertos.

Majuzinha não estava vestida de forma extravagante como algumas das madrinhas com seus vestidos de cores fortes e decotes ousados, mas sem sombra de dúvida ela era a madrinha mais linda.

Seu vestido era longo como o das outras e o caimento dele estava perfeito nela.

E aquela cintura a mostra?

Puta merda se ela queria me enlouquecer se vestindo daquele jeito, parabéns para ela, tinha acabado de conseguir. Tive que me controlar muito para não ter uma ereção vestido com aquela calça.

Majuzinha não tinha feito um penteado como as outras, estava apenas

com o cabelo escovado e jogado para um lado preso por um arranjo. A maquiagem era leve, mas seus olhos estavam bem marcados. Resumindo, perfeita.

— Oi — ela disse se aproximando timidamente.

— Oi — como eu desconhecia a palavra timidez, a puxei pela cintura e beijei sua bochecha.

Beijei seu rosto, mas a minha vontade mesmo era ter beijado sua boca gostosa. Para evitar um burburinho desnecessário, me contentei com beijar sua bochecha... Por enquanto.

Pude ver alguns olhares invejosos e outros nem tanto das outras madrinhas na direção dela e é claro que também pude ver os olhares cobiçosos dos meus primos, principalmente do Guilherme e porra, não gostei.

— Deixa eu te apresentar o pessoal. A Adrielle, a Bia e os gêmeos você já conhece. Essa é a Luana, esse aqui é o Gustavo e esse aqui é o Guilherme.

Maju cumprimentou a todos com um sorriso lindo e eu não sabia se olhava para o rosto dela, ou para a cintura exposta. Depois das devidas apresentações puxei-a para um cantinho mais afastado.

— Maju você está linda — elogiei olhando tudo, rosto, cabelo, corpo. Ela sorriu divertida, já estava se acostumando com meu jeito.

— Você também está muito bem. Adorei o seu cabelo todo engomadinho. — eu tinha o penteado para trás e usado um pouco de gel para os manterem disciplinados.

— Adorou é? *Tá* confessando que me adora, é isso?

— Não seja convencido — fez careta.

— Diz que me adora, Maju — ela apenas sorriu balançando a cabeça.

As cerimonialistas começaram a organizar a entrada dos pais dos noivos e nós nos juntamos ao restante dos padrinhos para aguardarmos a nossa vez de entrar.

Ficou decidido que o lado esquerdo seria dos padrinhos do noivo e o direito seria dos padrinhos da noiva. Nos posicionamos na ordem que ficou da seguinte forma: Do lado da Angel ficaram o Kevin e a Bia, a Adrielle e meu primo Guilherme, a Luana e Gustavo. Do lado do Kay ficaram eu e Maju, o Gabriel e a Andressa, irmã gêmea do Guilherme e o Kaíque e a

NACIONAIS-ACHERON

Alexia uma das gêmeas lá de Rezende.

Depois que os pais dos noivos entraram, foi a nossa vez. Era incrível como ela chamava a atenção. Também, linda daquele jeito, com aqueles olhões bicolores, àquela altura, aquela boca sexy e aquela cintura fina, não tinha quem não a olhasse. Confesso que fiquei me sentindo um pavão ao lado dela.

Quando todos já estávamos em nossos devidos lugares aguardando a tão esperada entrada da noiva, olhei para meu primo e tive uma leve impressão que ele ia ter um troço no altar. Estava bastante nervoso dava para ver pelo modo que cerrava os punhos.

Um sentimento paternal me invadiu naquele momento, pois, de certa forma eu meio que fui uma espécie de cupido daqueles dois. Meu primo e minha e amiga daqui a pouco oficialmente prima se completavam e me dava um puta orgulho tê-los ajudado a se entenderem. Eu amava aquela baixinha e amava o meu primo e a felicidade deles era a minha.

A música começou a tocar e todo mundo se levantou e virou na direção da entrada da igreja. As portas se abriram os noivinhos surgiram caminhando um pouco apressados. Mateus que tinha uma plaquinha pendurada no pescoço com os dizeres “*Lá vem a Noiva*” e Isabella. Eles eram as nossas *rapinhas do tacho*, os caçulinhas dos primos. Logo atrás vinha a Rubiana, prima que chamávamos carinhosamente de Rubi.

— Que lindos! — Maju exclamou quando viu os pequenos.

— Lindo sou eu. Eles são fofos.

— Ai Rafa, você não perde a oportunidade — sacudiu a cabeça sorrindo.

Apenas sorri com ela, porque minha amiga adentrou a igreja logo atrás das crianças roubando toda as atenções.

Estava linda, um verdadeiro anjo. Olhei de soslaio para o Kaiary que já não escondia suas emoções e chorava ao ver sua amada tão linda caminhando na sua direção. Compreensível, até eu estava emocionado.

Caralho Rafa, que merda é essa? Você está muito sentimental.

A cerimônia foi de fato muito bonita. Meu primo bobão chorão parecia que ia explodir de felicidade e a Angel também não estava atrás. Teve até

aquele lance brega de votos que a gente vê em filme, mas o que eles disseram um ao outro foi tão bonito que tive vontade de chorar.

Que merda homem!

Quando a cerimônia se encerrou, os noivos saíram com as damas de honra e o noivinho. Logo atrás os pais deles e por último nós os padrinhos.

— Achei o casamento tão lindo — falei para minha estonteante acompanhante — Que me deu até vontade de casar. — Maju arregalou os olhos e começou a rir — É sério, casa comigo, Maju?

— Você não existe — disse me encarando ainda sorrindo.

— Existo sim. Estou bem aqui na sua frente em carne osso e pau duro. Maju essa sua cintura exposta está acabando comigo. — ela me encarou enrubescida.

— Rafa você está numa igreja. Saindo de um casamento. Você é um dos padrinhos e mesmo assim não consegue parar de dizer obscenidades. — seguíamos falando um no ouvido do outro para não sermos ouvidos.

— Princesa não eu escolho os lugares em que vou ter uma ereção. — defendi.

— Ai desisto! — gargalhei.

Não deu para continuar falando merdas pois quando saímos da igreja já havia uma boa aglomeração de gente na porta.

— Vamos precisar ficar para as fotos? — Maju perguntou olhando para a gostosa da Evangeline mulher do meu primo Jesse^[13] enquanto ela tirava fotos dos noivos.

— Parece que com a gente é só na recepção.

— Então vou procurar meus pais — ela disse.

— Vem comigo? — perguntei. Não queria me afastar dela.

— Vou com eles. Nos encontramos lá — disse se afastando.

— Vou te esperar, Majuzinha! — gritei.

Fui no meu carro para o salão onde aconteceria a festa do casamento. Dei carona para os irmãos do Kaiary e para a Alexia, já que o Guilherme e a Andressa foram com o Gabriel.

Assim que entramos no salão avistei meus pais sentados em uma mesa

NACIONAIS-ACHERON

próxima à pista de dança. Caminhei até eles cumprimentando alguns parentes.

— Pai, mãe.

Abracei meu pai e me abaixei para dar um beijo na minha mãe que permaneceu sentada. Ela ainda estava de repouso e meu pai devia estar um porre de chato em cima dela para não se esforçar.

A notícia da gravidez os pegou de surpresa, a todos nós. Mas depois de passado o susto — até que porque não ia resolver perder a cabeça — até que eles estavam digerindo bem.

— Como é que vai esse moleque aí? — brinquei sentando-me ao lado dela.

— Vai ser uma menininha — o babão do meu pai falou.

— Deus me livre, pai. Tem que ser menino. Já pensou quando ela ficar mocinha encontrando caras como nós?

— Me incluía fora dessa moleque. Fale por você, eu sempre fui um cara sério — meu pai disse com a maior cara de inocente.

— Só se for dormindo e na foto — minha mãe rebateu — Você era o terror. Me deu foi muito trabalho...

— Mãe se você for começar a falar das *semvergonhices* do pai me avisa que eu tô saindo fora — ela gargalhou e ele fez cara feia.

— Nossa filho. Sua acompanhante era a madrinha mais bonita, até mais do que a Bia.— minha mãe disse olhando na direção da entrada. Segui seu olhar e vi quando a Maju entrou com os pais e se acomodaram numa mesa perto do palco.

Longe de mim?

— Vou ter que concordar, tem certeza que vocês não têm nada? Vocês pareciam tão íntimos lá na igreja.

Olha meu pai tentando arrancar informações de mim.

— Somos amigos — respondi — Te conheço, Rafa! — minha mãe disse erguendo a sobrancelha.

— Tudo bem dona Suellen. Estou doido pra comer, satisfeita? Agora se me dão licença que vou dar uma circulada por aí.

— Circulada, sei — ainda me alfinetou. Não disse nada apenas sorri. Gabriel encontrou comigo no caminho e paramos para conversar.

— Está tudo bem contigo, Gabriel? — perguntei.

— Cara para falar a verdade, não muito. Essa garota é muito sem noção. Acredita que ela pediu para conversar comigo.

— Cola na Luana — falei logo.

— Está sugerindo que eu use a Luana para fugir da Bia?

— Se você ficar solto por aí ou junto com nossos primos ela vai te abordar, cara. Ela conhece geral, mas se a Luana estiver por perto talvez ela não seja tão cara de pau, afinal elas não têm intimidade. Aí você já aproveita que rola uma química legal entre vocês e termina a noite no meio das pernas dela. Viu? Já te dei a solução.

— Suas soluções sempre terminam em sexo, Rafa. Nem tudo se resolve assim — disse suspirando.

— E tem melhor forma de se resolver as coisas do que fazendo sexo?

— Quando você se apaixonar de verdade *man*, vai ver que não. Falando nisso, fica esperto que o Guilherme pode acabar furando seu olho.

— O Guilherme? Furar meu olho? — encarei meu irmão confuso.

— É, ele veio o caminho todo querendo saber da Maju. Queria saber se vocês tinham algo.

— O que você respondeu? — perguntei já elevando meu nível de irritação.

— Que não, óbvio. Que ela é apenas nossa vizinha.

— Que porra Gabriel! Você é meu amigo ou meu inimigo?

— Quer dizer então que tem sim alguma coisa rolando? Você já comeu, Rafa? — ironizou.

— Gabriel a curiosidade matou o gato. Você não me conta nada, também não vou te contar nada e deixa o Gui se engraçar com a Maju. Ele não tem chance. — falei todo seguro de mim, mas por dentro eu cogitando sumir com um certo primo engraçadinho.

Eu ia acabar de achatar aquele nanico no chão se ele se engraçasse para o lado da Maju.

Ok, ele não era nanico. Só era menor de que a gente, por isso eu o chamava assim. Tinha que admitir que o moleque tinha presença, mas mesmo assim não tinha chance. Ela estava na minha e ia ser minha.

Você vai ser minha hoje, Majuzinha.

— Caramba Gabriel quem convidou o Maycon? — perguntei vendo o mala sem alça entrar no salão com a... Bruninha?!

— Rafa o cara trabalha no restaurante. Não dava para Angel convidar todo mundo e deixá-lo de fora — puta merda.

— Mas ele tinha que ter trazido justo a Bruninha?

— Qual é o problema dele ter trazido. Você gosta lembra? — o idiota gargalhou e saiu me deixando sozinho.

De longe encarei aquela garota que já tinha me feito muito feliz algumas vezes. Ela usava um daqueles seus vestidinhos coladinhos que eu me amarrava, mas estranhamente eu não gostei do que vi. Achei vulgar e inapropriado para o evento. O vestido dela era dourado e muito curto deixando a mostra aquelas pernas marombadas dela.

Por onde ela passava, a *machaiada* entortava o pescoço. Meus primos menores com certeza iriam descabelar o palhaço mais tarde pensando nela.

A encarei mais uma vez e percebi procurava por alguém.

Eu.

Era melhor usar o conselho que dei ao Gabriel e rápido, antes que ela viesse até mim. Já estava passando da hora da Majuzinha voltar para o meu lado, já estávamos há tempo demais separados.

Percebi quando a marretinha olhou discretamente ao redor do salão me procurando. Sorri feito um idiota e aquela palpitação tão conhecida tomou conta do meu peito quando nossos olhares se cruzaram. Apontei com a cabeça para a porta do salão, mas ela fez que não e abaixou a cabeça sorrindo.

Ela estava achando que porque estava junto dos pais eu não me aproximaria?

Sorri e caminhei lentamente até ela que arregalou os olhos quando viu que eu me aproximava.

— Boa noite, dona Pauline. Seu Euclides. Maju. — sorri cordialmente para os pais dela e nem tanto para ela.

— Boa noite, Rafa — dona Pauline me cumprimentou amistosa.

— Boa noite, então você que é o famoso Rafa? — o pai dela perguntou sorrindo *Famoso?*

— Sou só o Rafa mesmo, sem a parte do famoso — respondi com falsa modéstia — Prazer em conhecê-lo senhor. — estendi a mão para ele.

— Que isso rapaz! Deixe de formalidades, afinal somos vizinhos — sorri concordando.

— Será que vocês me emprestam a filha de vocês um instantinho? — perguntei na cara dura. Maju arregalou os olhos e suas faces coraram.

— Claro! — a mãe dela respondeu empolgada.

— Vê lá hein, rapaz. Cuida bem na minha princesa — depois dessa, minha vizinha ficou mais roxa do que uma berinjela.

— Menos pai — disse levantando-se.

— Pode deixar — falei colocando a mão nas costas dela e a guiando para fora do salão, mas isso foi só até sairmos.

Quando me vi com ela no jardim, escorreguei minha mão até sua cintura e a puxei em direção a cerca viva.

Segurei-a pela nuca e a ataquei com beijos, louco de saudade. Majuzinha não se esquivou, agarrou minhas costas e retribui com a mesma urgência, com a mesma saudade.

Mordi os lábios grossos dela e puxei o inferir com os dentes. Abandonei-os para explorar seu pescoço. Saudade que eu estava daquele cheiro dela.

— Já ia fazer vinte e quatro horas que eu não te beijava — falei no ouvido dela — Não estava aguentando mais. — minha vizinha respirou fundo e me encarou. Vi desejo em seus olhos. — Deixa eu te fazer minha hoje, Maju? Não estou aguentando mais. — supliquei.

— Meus pais estão em casa — foi a resposta dela.

Espera aí, ela não estava dizendo não?

O pior é que não dava nem para levá-la para minha casa, estava cheia

de parentes lá.

— A gente dá um jeito — chupei o lóbulo da orelha dela que gemeu baixinho em resposta.

— O que você quer dizer com isso? Vai me levar para um motel ou pra dentro de um carro.

— Não. Não quero você por cinco minutos no meu banco de trás. Quero você a noite inteira. Também não quero te levar em motel.

— Eu não sei Rafa. Acho melhor a gente voltar.

— Promete que vai pensar — insisti. Eu era quase um homem desesperado.

— Rafa...

— Maju — segurei seu rosto entre as mãos e encarei seus olhos — Promete?

— Tudo bem — sorri aliviado. Euforia me definiria bem e olha que ela só concordou em pensar.

— Agora preciso ficar com meus pais.

— Não tão rápido. Acha que vou deixar você sair assim sem me dar mais um beijo?

Ela sorriu e corajosa uniu as duas mãos na minha nuca puxando-me para um beijo. Eu gostava demais das reações que eu causava nela. Não era convencimento não, era satisfação. Quando nos conhecemos Maju era toda arisca para o meu lado, toda nariz em pé e cheia de marra. Mas depois que a tomei em meus braços aquela Majuzinha marrentinha deu lugar a uma mulher quente e receptiva, embora ainda meio tímida, mas eu adorava. Adorava saber que era eu o cara que a deixava molinha e cheia de tesão daquele jeito.

— Eu realmente preciso ir — disse ajeitando os cabelos. — *Tá* muito ruim? — perguntou preocupada com a aparência. Dei alguns passos para trás para admirar melhor.

— Caralho Maju, você está linda demais nesse vestido. Está mais linda que a noiva.

— Menos Rafa, não exagera. — peguei sua mão e caminhamos de volta para o salão — Não é exagero, olha só para você. Vou te jogar a real

Majuzinha, você está gostosa demais. Você é gostosa demais.

— Você fala como se a metade das garotas não estivessem bem mais produzidas do que eu. Olha só para aquele decote — apontou para a Adriele que conversava com o Gustavo do lado de fora.

— Não são os seus peitos — falei desinteressado.

— Ai meu Deus, Rafa! — murmurou encabulada colocando a mãos da boca — Você não pensa pra falar?

— Só falo o que eu penso. Falando nisso, já te disse que eu tenho tara nessa sua cintura?

Ela sacudiu a cabeça me recriminando e eu gargalhei.

— Você fica aqui, eu vou procurar um banheiro para retocar o meu batom.

— Isso. Faz isso que já estou louco para tirar ele de novo.

— Vou pensar se você merece — sorriu maliciosa e saiu me deixando babando no chacoalhar dos seus quadris.

Ainda estava perdido nas curvas da minha bela vizinha quando ouvi alguém chamar com uma voz melosa.

— Rafael Bastos?

Puta merda.

Capítulo 32 – O Grande Dia (Parte 2)



Maju

Peguei meu batom na minha bolsa carteira e me encarei no espelho. Um sorriso idiota que ultimamente vinha me fazendo companhia estava estampado na minha cara. Sorriso idiota esse, que aparecia sempre que um certo sem noção estava presente.

Aproximei-me do espelho e deslizei o batom sobre minha boca. Apertei bem os lábios e conferi o resultado. O coloquei de volta na bolsa e ajeitei meu cabelo. Desesperadamente eu queria estar bonita, sem falar que a festa estava infestada de mulheres lindas. Era cada menina mais bonita do que a outra, os primos dele também.

Meu Deus que família para ter homem lindo aquela!

Enquanto olhava a minha imagem no espelho as palavras do Rafa ecoavam em minha mente.

Deixa eu te fazer minha Maju?

Eu queria muito deixar. Só me faltava a coragem para fazê-lo. Mas eu precisava lhe dar uma resposta.

— Diz sim a ele Maju — falei com a minha imagem no espelho.

— Ele só quer te comer. Está preparada para ser abandonada quando isso acontecer?

— Não estou, mas... Ai droga! O que eu faço?

Eu estava parecendo um louca falando comigo mesma. Revirei os olhos e respirei fundo. Bom eu ainda não tinha uma resposta, mas até ao final da noite eu a teria. Ergui a cabeça e saí do banheiro. A cena que vi na minha frente, entretanto, foi no mínimo decepcionante. Uma loira com um microvestido que mais parecia uma blusa estava conversando com o Rafa cheia de dedos.

Ela estava mesmo tocando nele?

Uma raiva repentina se apoderou de mim e eu juro que quis ir até lá e a puxar para fora do salão pelo megahair dela.

Eu me lembrava daquela loira marombada. Era uma das vadias que estavam na festinha no apartamento dele naquele dia que eu e a Evelyn fomos. Bufe enciumada e passei por eles em direção à mesa dos meus pais. Eu é que não iria ficar ali presenciando a biscate que com certeza ele já comeu, se jogar – literalmente – em cima dele.

No entanto, mal dei dois passos e senti alguém agarrar o meu braço.

— Onde está indo assim com tanta pressa Majuzinha? — virei-me e dei de cara com aquele sorriso debochado dele.

— Estou voltando para junto dos meus pais — disse irritada.

— Ia me deixar para trás? — perguntou erguendo uma sobrancelha.

— Bom você parecia estar em ótima companhia — olhei de relance para a vadia que ainda estava no mesmo lugar nos encarando com curiosidade.

Não consegui evitar de me sentir internamente vitoriosa por ele tê-la deixado para ir atrás de mim.

Toma vadia.

— Está com ciúmes, Majuzinha? — Rafa perguntou com a cara lerda.

— De você? —, não mesmo.

Simmm, morrendo!

— Assume que está com ciúmes. — revirei os olhos. — Para o seu governo. Eu estava em boa companhia até você entrar no banheiro. Fica preocupada não, a única companhia que me interessa aqui é a sua.

Não sorri Maju.

— Já transou com ela? — perguntei de repente. Estava na cara, eu só queria ver se ele iria ter coragem de dizer.

— Uma coisa que você precisa saber sobre mim — meu vizinho me encarou com o cenho franzido — Eu não minto, então, só pergunte se você realmente quiser saber a resposta.

— Isso é para não responder?

— Transei. — saber era uma coisa, mas ouvir da boca dele não agradou.

— Quantas vezes? Quer dizer vocês tiveram um rolo, um caso ou coisa assim?

— Eu não tenho rolos ou casos, princesa. Transamos umas três vezes no máximo. — respondeu analisando minha reação.

Fiquei decepcionada de ele reafirmar que não se envolvia, mas disfarcei.

— Aqui nesta festa, Rafa. Com quem mais você transou?

Eu tinha virado masoquista? Estava procurando motivos para não transar com ele, ou estava apenas com ciúmes? Rafa pigarreou e respirou fundo.

— Com a Bruninha.

— A loira? — assentiu com a cabeça.

— Com a moça grávida a sua direita. — arregalei os olhos e ele sorriu — Fica tranquila não é meu. A irmã da grávida que está ao lado dela.

Meu Deus, duas irmãs?

— A Adriele.

— A que foi madrinha?

— Isso.

Nos encaramos em silêncio. Fiquei o esperando continuar, mas ele permaneceu calado avaliando minha reação.

— E suas primas? Já transou com alguma, ou quem sabe com todas elas?

— Assim você me ofende — Rafa ficou sério — Nunca transei com

minhas primas, jamais faria isso, elas são homens para mim. Respeito demais a todas elas e aos meus tios.

O encarei surpresa. É ele tinha alguns princípios. Era bom saber. Preservava as primas, mas em compensação trepava com o resto da cidade.

— Estou caindo no seu conceito, não é? — apenas desviei os olhos. Rafa segurou meu queixo e o ergueu me fazendo olhar para ele. — Não posso mudar quem eu sou. Sei que o que faço não é bonito Maju, mas eu não engano ninguém, não iludo ninguém. Gosto de sexo e não nego isso a mim quando sinto desejo.

Não iludia ninguém, mas eu estava mais do que iludida. Estava seduzida e louca para transar com ele, mesmo sendo virgem e mesmo sabendo que seria apenas sexo para ele.

Dei um sorriso amarelo.

— Preciso voltar para junto dos meus pais.

— Não faz isso — Rafa disse entrelaçando seus dedos nos meus. — Não deixe isso pesar na sua decisão, por favor — pedindo daquele jeito, com aquela carinha de cachorro sem dono e com a voz ainda mais baixa e rouca que o de costume, era difícil de resistir.

— Não vai pesar, Rafa. Como você mesmo disse, você não nega sexo quando sente desejo e eu também não vou negar.

E lá estava o sorriso debochado de volta na cara dele.

— Isso quer dizer que...

— Isso não quer dizer nada — o cortei — Ainda não me decidi.

— Tudo bem então como o cavalheiro que sou vou acompanhar a senhorita de volta a sua mesa — pegou o meu braço e o entrelaçou ao dele.

O caminho até a mesa dos meus pais era curto. Não nos falamos, apenas sorrimos um para o outro no trajeto e ele como não perdia uma oportunidade se aproximou do meu pescoço e deslizou o nariz por ele me cheirando. Um arrepio violento percorreu toda a minha coluna. Ia ser muito difícil resistir a ele.

— Entregue — Rafa disse quando chegamos a mesa dos meus pais. — Estou louco pra dançar contigo, Majuzinha.

— Falando em dançar — lembrei-me de ele ter dito algo sobre ensaio de dança na mensagem — Você disse que estava ensaiando uma dança?

— Sim. Vamos fazer uma dança de padrinhos. É uma surpresa para Angel e o Kay depois vai cantar.

— Legal! — se eu estava ansiosa para vê-lo dançar? Imagina!

Rafa sorriu cheio de charme e se despediu de mim e dos meus pais. Fiquei o observando se afastar e nossa, ele estava simplesmente irresistível naquele smoking.

— Vocês estão namorando filha? — minha mãe perguntou me trazendo de volta a realidade.

— É claro que não mãe. Somos amigos.

— É bom mesmo. Se esse rapaz quiser namorar a minha filha vai ter que me pedir — meu pai disse todo protetor — Ainda não sei se estou pronto pra ver você de namorado de novo Maju.

Fica tranquilo pai, se depender o Rafa desse mal o senhor não morre.

Preferi não responder, até porque a noiva tinha acabado de chegar e era a hora da tão esperada sessão de fotos. Só que não, pelo menos para mim.

Eu não era muito fã de tirar fotos, mas fui educada e sorri em quase todas, principalmente nas que tirei com o Rafa, até porque era meio impossível ficar séria perto dele.

Quando chegou a vez das fotos só com as madrinhas a tal Adriele se aproximou de mim.

— Adorei o seu vestido — disse amistosa.

Como eu sabia que ela já tinha passado nas mãos da Rafa, apenas resmunguei uma resposta. Coitada a garota não tinha culpa, mas não consegui ser simpática com ela sabendo que eles já tinham transado.

É Maju se você for por esse lado, não vai falar com metade da festa — pensei aborrecida.

— Você e o Rafa estão namorando?

— Somos amigos — respondi com indiferença.

— Desculpe a inconveniência, mas o Rafa parece bastante interessado. Ele não tira os olhos de você.

— Desculpe a inconveniência, mas isso incomoda você?

Ai desculpa, mas não resisti. Não era da conta dela e nem de ninguém o que acontecia ou deixava de acontecer entre a gente. Fui grossa, mas apenas uma pessoa ali naquela festa era capaz de me deixar desconcertada e ao mesmo tempo mansa, o restante teria que lidar com a minha acidez.

— Não claro que não, me desculpe, não quis ser intrometida — a garota disse toda sem graça — É que é novidade o Rafa tão interessado em alguém, achei que você gostaria de saber.

— Nós somos apenas amigos. Com licença. — não esperei resposta, a sessão de fotos já havia terminado mesmo.

Sentei-me irritada ao lado da minha mãe que me encarou com o cenho franzido.

— Está tudo bem, filha?

— Sim mãe. — respondi olhando em volta para ver se via o meu vizinho sem noção. O encontrei conversando com o irmão, mas seus olhos estavam em mim e junto com aquele olhar fatal estava aquele sorriso de derreter Maju. Pronto toda a raiva que eu estava sentindo da tal da Adriele, Bruninha e companhia Ltda., se dissipou.

Você está perdidinha da Silva, Maju.

Voltei minha atenção para a minha mãe que me encarava com uma expressão divertida. Revirei os olhos e bebi um pouco da minha água intocada até então.

Um tempo depois o jantar foi servido. O buffet estava maravilhoso, aliás o casamento todo estava sendo maravilhoso. A cerimônia foi linda, os noivos estavam lindos. Foi bonito de ver a emoção da Angel ao entrar na igreja. Ela estava radiante com seu vestido de renda e calda de sereia, com seu cabelo solto com cachos nas pontas enfeitados apenas por um arco dourado.

Se um dia eu me casasse com certeza queria que fosse tudo tão perfeito quando o casamento do Kay e da Angel.

Depois do jantar e da sobremesa, havia chegado o momento da diversão e eu estava mais do que ansiosa para ver a tal dança. Puxei a minha mãe e fomos em direção a pista.

Os noivos adentraram a pista e uma valsa começou a tocar. Os dois deslizavam suavemente pelo salão. Era nítida a felicidade do casal. Trocavam sorrisos e carinhos o tempo todo que permaneceram dançando. Quando a música parou todos os padrinhos entraram na pista de dança e levaram a noiva até uma cadeira que estava posicionada de frente. Angel olhava para eles confusa e surpresa, sinal que não fazia ideia do que estava acontecendo.

Quando ela se sentou, os padrinhos juntamente com o noivo se posicionaram de frente para ela que os encarou de boca aberta. Ela ria sem parar com os olhos arregalados e a mão na boca, mas eu só consegui olhar para o Rafa.

Ele sorria despreocupado e por uma fração de segundos me encarou e piscou para mim daquele jeito lerdo me aquecendo por completo.

Eu já disse que ia ser difícil resistir a ele? E olha que ele ainda nem tinha dançado.

A introdução da música *Thriller do Michael Jackson* começou a tocar e eles começaram a quebrar o pescoço como no clipe e todo mundo começou a gritar, assoviar e bater palmas no ritmo da música.

Incrível.

A mulherada gritava ensandecida a cada passo que eles davam e quando chegou naquele passo épico dos movimentos dos braços a galera delirou e eu literalmente babei no Rafa. Depois do refrão, a música pulou para a *Bang da Anitta*.

Na parte da música que dizia: “*Bang, dei meu tiro certo em você...*” Rafa fez um gesto atirando na minha direção.

Morri!

Quando eu pensava que eu não podia ficar mais apaixonada ele me surpreendia. Era visível o quanto ele estava descontraído e se divertindo.

Meu Deus, e que gingado era aquele? Um homem de quase um e noventa com aquele molejo todo, me fazia pensar o que mais ele poderia fazer com aquele quadril mole. Meu rosto esquentou de vergonha é claro.

Eles faziam a coreografia igualzinha a do clipe e na hora do refrão quando bateram as palmas de lado rebolando a mulherada foi à loucura. Depois disso a música pulou para *I Want It That Way dos Backstreet Boys*.

O noivo se aproximou da Angel no início da música cantando para ela, olhando-a nos olhos com um sorriso lerdo. Foi tão fofo. Ultimamente eu estava achando tudo fofo demais.

Para com isso Maju!

Sacudi a cabeça e me concentrei na apresentação deles. Os padrinhos também se aproximaram ficando um pouco atrás do Kay. Alguns de joelhos como ele e o restante apoiados nos que estavam de joelhos cantando junto com o noivo. Quando a música foi para o refrão eles se afastaram e fizeram a coreografia. Rapidamente a música pulou para *Lepo do grupo Psirico*.

A gritaria foi geral. Eles já começaram pelo refrão fazendo aqueles gestos meio obscenos da coreografia. Rafa sorria olhando para mim, provavelmente rindo da cara embaçada que eu fazia. Todo mundo cantou junto, menos eu é claro, e por último para fechar com chave de ouro eles dançaram a coreografia de *Química do Biel*. Na parte: “*Mexe que mexe comigo, adora o perigo de me provocar, mexe que mexe comigo, mas só de castigo menina vai se apaixonar...*” ele cantava junto olhando diretamente para mim.

Um aviso?

Não precisava avisar, eu já estava mais do que apaixonada ainda mais depois de vê-lo dançar tão sexy e sensual. Já me considerava uma dependente *química* dele. Eu nem gostava daquele tipo de coisa, mas eu não pude evitar babar no Rafa enquanto ele o fazia. Sempre detestei caras lindos e fortes que ficaram exibindo os seus bíceps na escola agora estava ali delirando por cada músculo do corpo dele.

Quem te viu, quem te vê, hein garota!

Quando a coreografia acabou eles foram ovacionados. Palmas e mais palmas ecoaram no salão e eu não fiz diferente. Sorri feito uma boba para ele enquanto aplaudia. Minha mãe do meu lado – sim ela estava o tempo todo do meu lado, mas acabei me esquecendo dela – batia palminhas toda saliente. Ainda bem que meu pai havia ficado sentado, senão ele iria puxar a orelha dela.

— Filha você tem que admitir, esse Rafa é um deus — revirei os olhos sorrindo.

— E o restante dos rapazes não são deuses também?

— Claro! São todos lindos, mas esse Rafa tem uma coisa, não sei explicar — ai mãe se tem — Vamos voltar?

— Parece que o noivo vai cantar agora pra a noiva — olhei para a pista e vi que o Gabriel ajeitava o violão enquanto o Kay testava o microfone.

— Eu vou voltar para ficar com seu pai senão ele emburra.

— *Tá* bom, já estou indo.

Aproximei-me mais um pouco da pista parando ao lado do Guilherme.

— Seus olhos são lindos — disse de repente me assustando. — Desculpe eu não queria te assustar, só não consegui não elogiar. Eles são realmente incríveis.

— Obrigada — sorri sem graça.

— Você é namorada do meu primo?

— Não, somos vizinhos apenas. — ele deu um sorriso de canto de boca e reparei no quanto ele era bonito. Tinha os cabelos pretos compridos, seu nariz era reto e seus olhos pretos e pequenos. Realmente era lindo.

— Bom saber disso — pigarrei sem graça, mas ele abriu um sorriso.

— Bom saber o que Guilherme? — Rafa surgiu do nada com cara de poucos amigos, praticamente fuzilou o primo com o olhar.

— Que ela não é sua namorada, *mané* — dito isso o primo Guilherme me deu mais um sorriso na cara do Rafa e saiu despreocupadamente.

— Eu mal viro as costas e já tem franguinho ciscando no meu terreiro?

— Seu terreiro? — ergui a sobrancelha.

— Sim meu. Tudo meu — Rafa disse apontando para o meu corpo. — Entendeu Majuzinha?

Ele disse aquilo tão sério que não pude fazer outra coisa a não ser concordar com a cabeça.

— Ótimo agora vem cá — meu vizinho esquentadinho não esperou resposta, simplesmente agarrou minha mão e me puxou sei lá para onde. Não importava o lugar, eu iria para qualquer lugar com ele.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 33 – Bônus Kaiary



Quando a Angel entrou na igreja linda e sorridente apesar das lágrimas, eu pensei que ia ter um troço e cair duro ali mesmo no altar. Nunca fiquei tão nervoso em toda a minha vida.

Minha morena vestida de noiva parecia um anjo.

Ela era um anjo. O anjo mais lindo que Deus colocou na minha vida. Com ela aprendi a amar, com ela eu quis ter alguém ao meu lado, com ela eu quis ter uma família e por ela eu faria tudo.

Jurei amá-la e protegê-la e faria o impossível para cumprir, e sei que ela também faria, pois me amava o tanto quanto eu a amava.

E ali estávamos, casados. Eu olhava para aquela garota linda à minha frente, a minha esposa e meu peito se enchia de uma calma esplêndida.

Ela era o meu cais.

A ideia da dança de padrinhos foi legal e embora eu tenha ficado um pouco envergonhado, foi divertido. Ver seu olhar incrédulo e surpreso enquanto fazíamos as coreografias das danças não teve preço, mas o melhor ainda estava por vir.

Depois que a gente terminou nossa apresentação, minha esposa tentou se levantar para vir até mim, mas foi impedida por minhas primas que a seguraram para que permanecesse sentada.

Ela acompanhou o Gabriel com o olhar, entrar novamente na pista com um violão nas mãos e arregalou os olhos quando eu peguei o microfone.

NACIONAIS-ACHERON

Posicionei-me na sua frente um pouco afastado e sorri para ela que limpava suas lágrimas que insistiam em cair. Pigarreei limpando a garganta e respirei fundo nervoso. Fazia tempo que eu não cantava nada em público.

— Amor — comecei a falar — Sei que já trocamos nossos votos lá na igreja, mas também sei eu que posso escrever um livro que não vai ser o suficiente para demonstrar o quanto sou agradecido por ter você junto comigo, oficialmente agora. — ela sorriu assentindo com a cabeça. — Você mudou a minha vida. Trouxe alegria e paz ao meu coração e sou grato por isso — alguém assoviou e algumas palmas ecoaram. — Faz muito tempo que eu não faço isso, mas espero não ter perdido o jeito.

— O que você vai fazer? — perguntou baixinho. Não respondi apenas sorri e joguei um beijo para ela.

— Essa é pra você, Morena!

Meu primo Gabriel começou a dedilhar os primeiros acordes da música que escolhi. Ele fez sinal e comecei a cantar para minha esposa como se houvesse apenas nós dois naquele salão. Eu cantando e ela me assistindo e chorando emocionada. Escolhi a música *Até o Fim do Rosa de Saron*, porque ela dizia muito sobre nós. Sobre o amor que compartilhávamos.

Quem vai me abraçar, me compreender, me consolar?

Quem vai me querer, quem vai saber me perdoar?

E quando tantas tardes gelam, quem vai me esquentar?

Eu sei que é você e a todo instante vai me amar...

Quando eu olho o que a vida vem se tornando.

Eu vejo que tudo se resume a te amar.

Cantei olhando em seus olhos marejados. Deus como eu amava aquela mulher que me encarava como se eu fosse a melhor coisa do mundo. Ela não imaginava que ela era o meu próprio mundo.

...Não até o fim, até o ciclo terminar.

Não até morrer e o pó à terra misturar.

Que seja para sempre e todo sempre Um eterno altar...

Quando a música acabou e os convidados aplaudiam, minha morena correu para os meus braços, me abraçando e me beijando todo.

— Que surpresa linda, amor! Jamais iria imaginar. Que música linda. Eu te amo e estarei sempre aqui pra você. — voltou a me cobrir de beijos.

— Eu te amo, Morena.

O DJ colocou uma música eletrônica e a galera se agitou na pista de dança. Dançamos um pouquinho, mas logo eu a estava puxando pela mão como eu gostava para um canto escuro qualquer.

— Você é louco. — minha esposa disse sorrindo enquanto eu encostado na parede com ela entre as pernas beijava seu pescoço.

— Louco por você. Porra Morena, quero te comer assim, vestida de noiva.

— E nossos convidados? — perguntou, mas estava nítido em seu olhar que ela queria o tanto quanto eu.

— Vamos aproveitar que estão todos dançando — pisquei com malícia.

Minha esposa sorriu, olhou para os lados se certificando de que a barra estava limpa e me puxou em direção a uma porta no final do corredor. Abri a porta e o cômodo parecia uma espécie de dispensa. Olhei para ela que me encarou de volta.

Sorrimos e entramos sorrateiramente e por mais ou menos uns vinte minutos ninguém soube notícias dos noivos

Capítulo 34 – Eu Quero Você.



Rafa

Meus lábios estavam em seu pescoço enquanto minhas mãos ansiosas deslizavam por todo o seu corpo. Ela soltou um gemido baixo quando agarrei sua bunda e tentei erguer sua perna.

— Seu vestido é lindo, princesa — falei antes de morder o lóbulo da orelha dela — Mas está dificultando a minha vida.

— E facilitando a minha, né? — ela disse rindo. Fiz bico.

— Você é má. Já disse que você é muito má comigo? — perguntei invertendo nossa posição e a encaixando no meio das minhas pernas.

Tínhamos nos esgueirado para os fundos do salão e estávamos nos agarrando encostados a uma parede num canto escuro.

— Eu acho que sou até boazinha demais com você, Rafa. Considere-se satisfeito, pois nunca me imaginei me agarrando com você pelos cantos e deixando você me tocar desse jeito.

— Eu já imaginei. Isso e muitas outras coisas com você, Majuzinha. — minha vizinha linda e marrenta revirou os olhos sorrindo. — Já te imaginei nua de todas as formas e posições possíveis e você era linda em todas as minhas fantasias.

— Por que você cismou comigo, Rafa? Aposto que você poderia ter qualquer uma que quisesse aqui mesmo nesse casamento.

Segurei seu rosto entre as mãos e a beijei. Majuzinha entreabriu os lábios dando acesso a minha língua que buscou a dela desesperadamente e eu desesperadamente gostava demais de beijá-la. Finalizei o beijo dando selinho nos lábios molhados dela e a encarei.

— Porque eu quero você — disse olhando-a diretamente nos olhos — Não sei te explicar o porquê, mas posso te dizer que é surreal o desejo que tenho de te fazer minha.

Maju mordeu o lábio inferior e desviou o olhar. Meu celular começou a vibrar no meu bolso e eu não precisava olhar para saber que era mulher.

— Não vai atender? — perguntou estreitando o olhar.

— Não.

— Por que?

— Porque não me interessa quem seja. Quem me interessa está bem aqui na minha frente.

— Você diz essas coisas todas pra me convencer a ir para a cama com você?

— Essas coisas? — perguntei confuso.

— Sim. Essas coisas, “como ser surreal o desejo que sente por mim”. Como já nos imaginou juntos e que eu estou linda em todas as suas fantasias...

— *Shiiii!* Nem continua — coloquei o dedo nos lábios dela. — Já disse a você que só digo o que eu penso. Não é conversinha mole pra conseguir te levar pra cama, porque eu sei que vou e não é convencimento. Eu só sei que uma hora vai rolar, porque você também quer. Nunca precisei *engabelar* mulher pra transar, até porque as mulheres com que me relaciono querem as mesmas coisas que eu.

— Você nunca se apaixonou? — perguntou de repente.

— Não — respondi com sinceridade. — Mas não porque tenho problemas com isso, só nunca aconteceu.

— E se acontecer? Confesso que estou curiosa para saber o que você fará caso se apaixone por alguém um dia.

— Eu não vou fugir se é o que você está pensando. Vou fazer muito

sexo com ela. — minha vizinha gargalhou e eu a puxei e a beijei com voracidade, no entanto, sua pergunta repentina deixou minha mente uma bagunça.

Por que ela estava perguntando aquilo? Será que estava se apaixonando por mim?

Ela não era como as garotas com quem eu me relacionava, que topavam fazer sexo comigo sem compromisso. Ela poderia facilmente se apaixonar.

Droga.

Eu estava correndo um risco enorme de magoá-la futuramente tentando transar com ela. Eu não queria de modo algum magoá-la. Pela primeira vez na vida eu estava me preocupando de verdade com os sentimentos de uma garota em relação a mim. Preocupando também se ela sairia ferida ou não e ao contrário do que eu havia dito para a Angel, eu não sabia se poderia viver com aquilo.

O celular dela começou a tocar na bolsa e ela se afastou para atender.

— Era a minha mãe. Eles já querem ir embora. — ela disse guardando o celular de volta na bolsa.

— Não! Não vou deixar você ir embora. Você vai ficar comigo, depois eu te levo. — disse convicto. Não queria me afastar, não queria ficar longe dela e a constatação desse fato me causou um certo descontentamento. — Vamos lá falar com os seus pais que você vai embora comigo. — segurei a mão dela.

— Rafa, não quero ficar até tarde...

— Na hora que você quiser ir a gente vai, combinado?

— Combinado — disse por fim.

Quando estávamos voltando para o salão demos de cara com a minha prima Juliana.

— Rafa, Rafa você não perde esse hábito, hein? — soltou com sorrisinho cínico que me deu vontade de dar uns tapas na bunda dela, coisa que meu tio nunca fez.

Amava os meus primos, mas a Juliana, as vezes, era difícil de engolir. Ela era amarga, invejosa e vingativa. Agora que o Kay tinha se casado, a doida estava assediando os gêmeos que ainda por cima eram mais novos que

NACIONAIS-ACHERON

ela. Sorte que eles foram educados para respeitar as primas como se fossem irmãs. Senão poderiam não resistir, afinal eram jovens, estavam com os hormônios aflorados e a Ju apesar de tudo era uma menina linda pra caralho.

Ignorei o comentário maldoso – ou nem tão maldoso assim – segui com a Maju para salão.

— O que ela quis dizer com você não perder o hábito? — Maju perguntou assim que entramos.

— Não liga pra ela. É minha prima, mas diferente das demais tem a índole meio torta digamos assim.

— Ela é a ovelha negra da família, então?

— Não chega a tanto. Tenho esperanças que ela aprenda que o mundo não gira em torno do umbigo dela. Vamos lá falar com seus pais.

Ela soltou a minha mão no caminho, aproveitei e peguei uma taça de espumante com um garçom que passou por nós. O fato de ela ter soltado a minha mão me causou um desconforto. Não queria que os pais dela pensassem que estávamos juntos. Isso era bom, né? Então por que me senti mal? Eu deveria ficar aliviado, afinal eu não queria ninguém pensando que estávamos namorando, mas não foi o que aconteceu.

— Filha eu e seu pai estamos cansados. Podemos ir? — dona Pauline perguntou.

— Mãe eu...

— Vocês se importam de deixar a Maju ficar? Eu a levo pra casa mais tarde — falei por ela.

— E você pretende continuar bebendo? — o pai dela perguntou olhando para a taça em minhas mãos. A primeira da noite, ainda não tinha bebido nada.

Aproveitei que estávamos perto de algumas plantas e despejei a bebida no vaso.

— Quem está bebendo? — perguntei na cara dura. O pai dela me encarou por alguns instantes de cenho franzido enquanto Maju me encarou de boca aberta.

— Certo. Se você quiser ficar mais um pouco então fique, filha. Nós realmente precisamos ir. — Seu Euclides finalmente disse.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu vou ficar então. Vou acompanhá-los até lá fora — ela disse para mim.

— Ok. Vou falar com a minha mãe. Até mais dona Pauline, até mais seu Euclides.

Maju foi com seus pais e eu caminhei em direção a mesa dos meus pais e peguei outra taça no processo. Antes de chegar na mesa a Vivi irmã da Cris me abordou.

— Rafa onde você estava? Por que não me atendeu? — perguntou me parando. — Eu estava te procurando pra gente se divertir um pouquinho. Reparei que o que mais tem por aqui e lugar — disse me lançando um sorriso provocante, mas não sei o porquê, sua tentativa foi falha. Não me seduziu, só me deu vontade de rir.

— Foi você? Eu estava meio ocupado, Vivi. — eu pensando que era a Bruninha.

— Vivi? O que aconteceu com o princesa? Você está estranho. Tem a ver com a garota dos olhos diferentes? — perguntou franzindo o cenho, mas eu estava mesmo era preocupado com o pai dela nos olhando de cara feia.

— Heterocromia. — falei.

— O que?

— Chama heterocromia — ela continuou me encarando sem entender — Esquece. É melhor você se afastar, seu pai está bufando igual a um touro bravo olhando pra cá.

— Desde quando você tem medo dele?

— Não tenho — caramba estava difícil fazê-la entender que eu não estava a fim, nem de papo.

— Você estava ocupado com ela por isso me ignorou? — sorri com sarcasmo.

— Viviane eu acho que isso não diz respeito a você, não é mesmo?

— Credo Rafa! Não estou te reconhecendo. Desde quando você me trata assim. Desde quando me chama de Viviane e desde quando fica preocupado com o meu pai?

Tudo bem ela estava pedindo.

— Desde que não tenho mais interesse.

— Grosso! — ela esbravejou, passou por mim e me empurrou.

Grosso? Só falei a verdade pô e porque ela insistiu muito.

Aproximei-me da mesa dos meus pais e minha mãe me encarou de cara feia. Minha avó Henriqueta e o Gabriel também estavam presentes.

— Rafa, Rafa. Já avisei para ficar longe dessas meninas.

— Mãe foi ela quem veio falar comigo. Praticamente me arrastou dali pelo pinto. — Meu pai, minha avó e o Gabriel gargalharam, mas minha mãe continuou de cara feia.

— Estou falando sério, Rafael Bastos Manfrin! Mantenha esse pinto dentro das calças.

— Só com elas né mãe, fala sério! — falei colocando pilha nela. Todo mundo riu.

— Não vai falar com sua avó não seu neto ingrato?

— Ingrato? Confessa que sou o neto preferido — falei beijando a bochecha dela.

— Já falei para não ficar espalhando isso. Olha o Gabriel aí — vovó brincou e o Gabriel fingiu levar uma facada no peito.

— Feriu meu coração agora dona Henriqueta.

— Você sabe que é brincadeira, Gabriel. Você é o meu preferido — minha avó disse jogando beijo para ele.

— Pode enganar o bobão aí vó.

— Cadê a sua garota? — Gabriel perguntou de propósito, só para gerar curiosidade.

— Você está namorando meu neto? Não acredito!

— Não dá ideia para esse *mané* vó. Vem — disse pegando na mão dela. — Vamos animar essa festa porque está muito meia boca isso aqui.

Minha avó gargalhou e seguiu comigo para a pista de dança. Corri lá no DJ e pedi para colocar um forró para dançar com a minha avó. Nem sei que música era aquela que ele colocou só sei que eu dona Henriqueta demos um show.

Vovó gostava de nos contar o quanto dançou na juventude. Ela e o vovô se conheceram nos bailes que a igreja organizava para arrecadar fundos. Dizia que ela e vovô arrasavam na pista de dança e eles dançaram até os últimos dias de vida dele.

Enquanto deslizávamos pela pista de dança dando o nosso show porque eu modestamente – modestamente nada – dançava bem pra caralho e vovó não ficava atrás aproveitava para procurar minha Majuzinha entre os convidados. Estava tudo bem até eu encontrá-la de papo com o Guilherme.

Aquele cara não tinha amor nos dentes, não?

Mal terminamos a dança levei minha avó às pressas de volta a mesa e parti cego em direção a eles. Quando Guilherme me viu ajustou a postura sem graça.

— Te achei — falei ignorando a presença do meu primo. — Desculpe ter sumido. Estava dançando com a minha avó — não sei porque, mas senti necessidade de explicar.

— Eu vi. O Guilherme disse que a senhorinha alegre é a avó de vocês. Cheia de disposição ela — minha vizinha disse sorrindo, mas eu não sorri de volta. Estava puto pra caralho.

Não podia deixá-la sozinha um minuto que o franguinho do Guilherme já estava em cima. Fala sério!

— Bom me dá licença, Maju — o *manezão* disse com ar de falsa inocência e saiu.

Encarei minha vizinha de cara feia que me encarou de volta provavelmente sem entender minha ira repentina.

— O que você tem? — perguntou confusa.

Já disse antes que eu não mentia e nem escondia as minhas emoções?

— Chama-se ciúmes, Majuzinha. — ela me encarou perplexa — Não sai daqui eu já volto — e parti atrás do sonso do meu primo.

O encontrei de papo com o Gabriel. Segurei ele pelo cotovelo e o arrastei para longe do Gabriel.

— Qual é a sua Guilherme? Tá querendo furar meu olho?

— Do que você está falando, cara?

— Você está se engraçando pra cima da Maju e não é a primeira vez.

— Foi mal Rafa. Eu não sabia que vocês estavam juntos. O Gabriel não disse nada.

— O Gabriel não sabe de nada, mas agora que você sabe, fica na sua — caraca eu estava muito irritado, do simples fato do meu primo só ter falado com ela. Aquilo não era normal.

Eu não tinha ciúmes de garotas. Pelo menos não até a minha vizinha marrentinha aparecer. Isso não ia acabar bem.

— Desculpa primo. Fica tranquilo, nem vou me aproximar mais dela — Guilherme disse notando a minha irritação.

— Tudo bem cara, foi mal eu... Foi mal, mas ela está comigo, respeite isso.

— Com certeza. — assenti com a cabeça e me afastei dele atordoado.

Que merda estava acontecendo comigo?

Ela não era minha namorada, não era nada minha e eu estava agindo como dono dela. Fiquei cego de raiva, de ciúmes do Guilherme. Caramba nem disfarcei. Sabia que eu iria ser o assunto na roda de primos por um bom tempo, mas foda-se, o recado estava dado e se ele continuasse dando em cima dela eu quebraria alguns dentes daquela boca esperta dele.

Respirei fundo tentando me acalmar e voltei até ela. Maju me encarou com o cenho franzido. Ignorei e sorri meu melhor sorriso. Entrelacei meus dedos nos dela e a puxei para a pista de dança.

— Aonde você está me levando? — perguntou tentando soltar a mão da minha.

— Nós vamos dançar, princesa — falei segurando a mão dela com força.

— Rafa eu não danço!

— Mas comigo você vai dançar — parei na frente dela e a encarei. — Se você não dançar comigo Majuzinha eu vou dançar com cada mulher que estiver aqui — infantil eu sei, mas eu não estava conseguindo segurar minhas emoções. Maju arregalou os olhos e me encarou como se eu tivesse chifres. — Vai dançar comigo?

— Vou, né? — falou meio emburrada, mas eu sorri feito um idiota.

— E a propósito, princesa, você não sai mais de perto de mim.

No caminho pedi ao Kevin que estava junto do DJ que colocasse uma música depois que a que estava tocando acabasse.

Dançamos afastados até porque a música era de dançar solto. Minha vizinha se balançava timidamente com os olhos fixos em mim. Às vezes ela revirava os olhos insatisfeita, mas eu ignorava. Peguei a mão dela e a rodei mesmo que a música não pedisse nada disso.

— O que você disse para o seu primo, Rafa? — ela perguntou no meu ouvido e se afastou novamente.

— Falei para ele ficar longe de você ou eu iria acabar quebrando alguns dentes da boca dele.

Ela me encarou de boca aberta. Sorri e segurei suas mãos e a rodei cruzando os meus braços na cintura dela que apoiou a cabeça no meu ombro. Soltei suas mãos e segurei a sua cintura que balançava no ritmo da música.

— Viu? Não foi tão ruim assim — disse quando a música acabou.

Nossa música começou a tocar e minha vizinha sorriu mordendo os lábios. Ela se afastou e começou a se mover timidamente na minha frente e cara, pirei nos movimentos da cintura dela. Respirei fundo e fiquei parado na frente dela hipnotizado. Sabia que não estávamos sozinhos, estávamos cercados de gente, mas para mim era como se só existisse ela ali na minha frente mexendo os quadris com os braços levemente levantados. Travamos nossa costureira batalha de olhar e ela começou a cantarolar baixinho acompanhando a música sem desviar o olhar do meu.

Estava me seduzindo e estava fazendo direitinho.

No refrão ela ergueu os braços e fechou os olhos cantarolando como se não houvesse mais ninguém ali e a sombra de um sorriso estampava seus lábios deliciosos enquanto ela dava seu show.

Perfeita!

— *Ela não cansa, não cansa, não cansa jamais. Ela dança, dança, dança demais.*

Ela já acreditou no amor, mas não sabe mais... — na parte: “não quer cinco minutos no seu banco de trás” ela abriu os olhos e apontou para mim

continuando a cantar e me encarando com aqueles olhos bicolores tão cheios de promessas e luxúria.

Sim Maju era pura luxúria se movendo daquele jeito na minha frente. Sem aguentar mais a falta de contato segurei sua cintura com ambas as mãos e cantei o restante com ela. Olhos nos olhos, desejo com desejo.

Levantando os braços, ela prendeu os dedos indicadores um no outro e os desceu enlaçando meu pescoço. Seu olhar nunca deixava o meu. Eu tinha que admitir ela sabia o que estava fazendo. Estava me deixando louco. Estava me aprisionando na sua teia, tanto que sem pensar a puxei para mais perto e ali mesmo no meio da pista de dança infestada de parentes eu a beijei e não foi beijinho tímido não, beijei de língua. Apertei seu corpo contra o meu e a beijei cheio de vontade. Beijei e não queria parar de beijar, foi ela quem interrompeu o beijo só para acabar comigo de vez.

— Eu quero sair daqui, Rafa — disse no meu ouvido.

Fiquei sem reação. Nós já não dançávamos mais, apenas nos encarávamos no meio da pista de dança.

Eu tinha ouvido direito?

— O quê? — eu me vi perguntando.

— Quero sair daqui agora com você, Rafa.

Alguém gritou no microfone que era hora de a noiva jogar o buquê. Minhas primas correram loucamente para perto da Angel levando a Maju com elas e me deixando embasbacado e empacado no mesmo lugar.

Capítulo 35 – Nunca?



Maju

O caminho de volta ao nosso prédio foi no mais absoluto silêncio. Tirando a vez que ele me perguntou para onde eu queria ir, não nos falamos mais, no entanto, era um silêncio bem-vindo.

Eu estava ocupada demais assimilando todos os acontecimentos da noite e o que ainda estava para acontecer e acho que ele também. Não queria me iludir com o fato de ele ter claramente ficado com ciúmes de mim e ainda ter confessado. Muito menos me iludir por ele ter me beijado na frente de todos, mas foi inevitável.

Chame-se ciúmes Majuzinha.

Com todo os defeitos que o Rafa pudesse ter, eu não podia negar o fato que sua maior qualidade era a sua sinceridade. Ele sempre dizia o que pensava o que me dava mais segurança e coragem para continuar com aquela loucura em que eu havia me metido.

Eu iria para a cama com ele e estava decidida. Se eu saísse machucada daquela história, a culpa seria toda minha, pois ele jamais me iluiu ou me enganou. O que era até meio louco a confiança que eu estava depositando naquele cara, mas eu confiava, louca e cegamente eu confiava. Só que bem lá no fundo do meu coração de menina, eu secretamente ansiava que ele se apaixonasse por mim.

— Chegamos — Rafa disse quando desligou o carro na garagem do
NACIONAIS-ACHERON

nosso prédio.

Sorri demonstrando toda a confiança que eu acreditava estar sentindo. Abri a porta do carro e desci. Rafa fez o mesmo. Deu a volta no carro parando na minha frente. Ele me encarou por alguns instantes e segurou a minha mão me levando com ele para o elevador.

Dentro dele o velho Rafa estava de volta, graças a Deus. Subimos aos beijos e quando o elevador parou e as portas se abriram, ele me puxou rapidamente em direção a porta dele.

— Não — eu disse assim que ele levou a chave na fechadura — No seu apartamento não.

— Seus pais foram para Petrópolis? — perguntou erguendo a sobrancelha confuso.

— Não, mas eu não quero ir para o seu apartamento. Alguém pode chegar.

— Não vai chegar ninguém tão cedo.

— Mesmo assim.

— Ok, então a gente pode ir para o terraço — ele sugeriu.

Não minha primeira vez? Não mesmo. Eu precisava de uma cama.

— Meus pais já estão dormindo. Eu entro e quando eu tiver a certeza que a barra está limpa, te envio uma mensagem.

Rafa me encarou segurando o riso.

— Isso vai ser divertido — disse na maior cara lerda. Revirei os olhos. — Tem certeza que quer transar com seus pais no quarto ao lado?

— É pegar ou largar — respondi cheia de coragem — Não vou para o seu apartamento e não vou transar em qualquer canto.

Ele ficou sério e visivelmente constrangido.

— Claro que não. Tem razão, desculpe. Você não merece menos do que uma cama, eu...

— Tudo bem Rafa, você só precisa se lembrar que eu não sou como essas meninas que você está acostumado.

— Não preciso me lembrar, princesa — me encurralou na parede — Porque eu nunca me esqueço disso.

NACIONAIS-ACHERON

Seus lábios cobriram os meus e sua mão segurou firme a base da minha nuca. Abracei sua cintura e retribui o beijo totalmente entregue. Quando nos afastamos ele me encarou com um brilho intenso nos olhos e eu me dei conta de que não dava mais para adiar, precisava contar sobre a minha virgindade.

— Rafa eu preciso te contar uma coisa.

Ele assentiu com a cabeça mais antes que eu pudesse abrir a boca a porta de um dos nossos vizinhos se abriu obrigando-nos a afastarmos.

— É melhor você entrar. Vou esperar sua mensagem.

Assenti e virei as costas para abrir a porta.

— Maju — ele me chamou antes que eu entrasse. Virei-me e o encarei — Diz que vai me mandar uma mensagem.

— Eu vou te mandar uma mensagem. — ele sorriu aliviado.

— Mal posso esperar.

Sorri de volta e entrei encostando-me a porta.

— Nem eu. — disse pra mim mesma.

Respirei fundo e caminhei sorrateiramente dentro de casa. Meu Rafa felino veio ao meu encontro e o peguei no colo. Fui até a cozinha verificar se meus pais realmente já estavam dormindo.

Pelo horário que eles saíram da festa, com certeza já estavam no décimo segundo sono. Sabia que era praticamente impossível meus pais saírem do quarto depois de se recolherem.

Minha mãe sempre levava uma jarra de água com ela antes de ir se deitar e eles tinham o banheiro da suíte, então, a não ser que algum paciente precisasse de cuidados redobrados, eles só saíam do quarto quando raiasse o dia e ainda eram duas da madrugada.

Abri a porta do meu quarto bem devagar e coloquei o Rafa na cama. Fui até o banheiro e retirei meu vestido, os saltos, o arranjo do cabelo e por último a maquiagem.

Tomei um banho demorado. Usei um sabonete líquido com cheirinho de flores e quando me sequei, passei minha loção pós banho. Sorri ao me lembrar do Rafa me dizendo o quanto eu era cheirosa. Senti uma pontada lá embaixo só de imaginar ele deslizando o nariz sobre a minha pele. Minha

depilação estava em dia. Ainda bem. Desde os dezesseis anos eu gostava de fazer depilação com cera e quando me mudei para o Rio tratei logo de descobrir uma boa clínica de estética para isso.

Minha mãe como ginecologista não gostava muito que eu fizesse, mas ali no meu banheiro lembrando-me do que estava prestes a acontecer eu dei graças aos céus por existir depilação íntima. Finalizei minha higiene escovando meus dentes.

No meu closet procurei por uma lingerie bonita para vestir, mas a maioria das minhas peças eram de algodão e lycra.

Suspirei contrariada. Nunca me liguei em lingerie, mas naquele momento me reprimi por isso. Revirei minhas gavetas buscando por aquelas que quase nunca usava, na esperança de achar alguma que tivesse pelo menos rendas.

Encontrei um conjunto de malha azul escuro enfeitado com renda preta. No sutiã e na calcinha tinha um coração de *strass* pendurado. Ia ter que servir.

Fiz uma nota mental de comprar novas lingerie para ocasiões como aquelas.

Vesti o conjunto e me olhei no espelho. Era bonitinho, o sutiã era meia taça e a calcinha era minúscula.

— Vai ter que ser este, Maju — disse para minha imagem no espelho.

Procurei meu pijama de blusinha regata e shortinho de malha e o vesti. Escovei meus cabelos notando a ansiedade me invadir. Fechei os olhos e respirei fundo. Abri-os e encarei uma última vez a minha imagem.

— Ainda dá tempo de desistir.

Por um momento achei que a minha imagem iria sair do espelho e me dar um safanão.

Sorri. Apesar no nervosismo eu estava assustadoramente decidida e nada me faria voltar atrás. Eu queria ser dele e queria que ele fosse meu e ele seria, pelo menos naquela noite e talvez com um pouco de sorte – muita sorte – ele quisesse ser meu por mais tempo.

Decidida fui até o meu aparelho de som e coloquei minha playlist para tocar. Música sempre me ajudava a relaxar. Eu teria colocado *Legião* ou *Racionais*, mas não combinaria muito com o momento, então optei por *Tiago*

Iorc.

Peguei meu celular e sem enrolar mais enviei-lhe uma mensagem:

Maju: A barra está limpa ;-)

A mensagem dele chegou em seguida.

Rafa: Saindo daqui :-)

Meu coração disparou no momento que li a mensagem. Peguei o gatinho e abri a porta do meu quarto devagar. Espiei o corredor só por precaução. Fui na ponta dos pés até a porta de entrada e espiei pelo olho mágico.

Rafa estava encostado na porta dele encarando a minha inquieto.

Ele estava ansioso?

Destranquei a porta com cuidado e a abri. Ele me presenteou com um dos seus sorrisos lindos e quase me derreti ali mesmo. Tinha tomado banho, estava com o cabelo molhado, usava uma camiseta preta e bermuda xadrez. Simplesmente irresistível. Usando um smoking ou apenas uma bermuda xadrez uma camiseta básica e chinelos ele ficava irresistível na mesma proporção.

Fiz sinal de silêncio para ele e o puxei pela mão para dentro de casa. Rafa fez carinho no bichano e em seguida o coloquei no chão. Fomos direto para o meu quarto e assim que fechei a porta nos encaramos. Ele se aproximou e segurou minha cintura com ambas as mãos. Com um impulso me levantou e eu enrolei as pernas em volta do seu corpo. Caminhou até a cama sentando-se na beirada comigo em seu colo.

Meu vizinho afagou meus cabelos e os prendeu em suas mãos como se estivesse fazendo um rabo de cavalo neles. Seus olhos nunca deixavam os meus.

Comecei a respirar com mais força e ele acompanhou com o olhar meu peito subir e descer. Depositou um beijo ali e em seguida deitou a cabeça no mesmo lugar. Descansei meu queixo sobre sua cabeça e fechei meus olhos.

— Pela primeira vez na minha vida, eu não sei o que dizer — o ouvi dizer e abri os olhos.

NACIONAIS-ACHERON

Rafa permaneceu com a cabeça repousada em meu peito e parecia bem confortável naquela posição. Eu deveria ter aproveitado a oportunidade e voltado ao assunto da virgindade, mas não foi o que eu fiz.

— Então não diz, faz — foi o que escapou dos meus lábios e não precisei pedir duas vezes.

Rafa ergueu sua cabeça e me encarou por segundos antes de levar as mãos na minha blusa e tirá-la com uma delicadeza incrível.

Encarou meus seios e deslizou o dedo entre eles. Não foi nada demais, foi apenas uma carícia e eu já fiquei a ponto de explodir. Meu vizinho lindo segurou o pingente de coração nas mãos e sorriu.

— Você é só uma menina. — falou me olhando com tanta intensidade que poderia me perfurar só com aquele olhar. — Uma linda menina!

Sorri um pouco sem graça pela profundidade do seu olhar e pelo fato de ele ter se referido a mim como menina – minha lingerie me denunciou – mas segurei o seu rosto entre as mãos e o beijei.

Toquei seus lábios de leve e rezei para que ele tomasse as rédeas da situação. Eu não saberia o que fazer se ele continuasse apenas me contemplando daquele jeito.

O beijo foi ficando mais urgente e graças a Deus meu vizinho lindo e sem noção assumiu as rédeas. Ainda beijando meus lábios levou as mãos no fecho do meu sutiã e o abriu com habilidade.

Ajudei-o a retirar a peça do meu corpo sem pararmos de nos beijar.

Rafa me abraçou e me deitou gentilmente na cama. Seu olhar caiu para os meus seios e eu tive vergonha, mas foi só até constatar a admiração em seus olhos.

Ele voltou a me beijar na boca e foi descendo para o meu queixo. Beijou meu pescoço e ombros continuando a descer.

Não sugou, sequer beijou meus seios, passou direto por eles e beijou minha cintura. Passou a língua por ela, deu mordidinhas e ergueu a cabeça para me encarar.

— Você é linda Majuzinha. Fantasiei demais fazendo isso.

Seus olhos derramaram seu desejo sobre meu corpo. Sentime realmente linda com toda a admiração que vi no seu olhar. Ergui-me corajosa e puxei

NACIONAIS-ACHERON

sua camiseta. Rafa me ajudou a tirá-la e logo em seguida me cobriu com seu corpo.

Nos beijamos por tanto tempo que senti saudade do ar. Acho que ele também pois se afastou ofegante.

Abri as pernas para acomodá-lo melhor sobre meu corpo. Rafa sorriu para mim e sorri de volta. Aquilo parecia tão certo entre a gente.

A música Linda do *Tiago Iorc* tocava ao fundo deixando o clima mais romântico e me fazendo cada vez mais corajosa no processo. Eu não estava nervosa, estava apenas ansiosa pelo próximo passo dele. Fechei os olhos saboreando o momento, foi quando senti sua língua deslizar sobre o bico no meu seio.

Engoli seco. Um simples toque foi capaz de me encharcar de vez. Desejei que ele abocanhasse meu seio e como se lendo os meus pensamentos ele o fez. Rafa sugou um e depois o outro parando para morder o biquinho de leve e voltando a sugar com delicadeza. Nem preciso comentar que eu já estava nocauteada logo no primeiro round.

Ele pronunciou algo como eu ser linda e gostosa, mas eu só conseguia me concentrar nos movimentos da sua língua no meu seio.

Depois de ele parecer estar satisfeito em dar toda aquela atenção aos meus seios, deslizou a língua até embaixo do meu umbigo. Rafa ergueu o corpo e colocou os dois dedos no cócs do meu short. Com aquele sorriso de derreter Maju escorregou o short pelas minhas pernas. Ergui-as para ajudá-lo a terminar de tirar a peça de roupa.

Sem cerimônia ele deslizou os dedos sobre a minha calcinha.

— O que você esconde aqui atrás, hein? — perguntou com um sorriso lerdo e mordeu os lábios.

Pronto se eu não tinha ficado com vergonha até aquele momento, com certeza eu tinha acabado de ficar. Provavelmente eu estava da cor de um pimentão com que ele acabou de dizer, mas sorri.

Aquele era o Rafa e eu amava o quanto ele era sem noção.

Quando ele tirou a minha calcinha ficou um tempo encarando descaradamente. Quase fechei as pernas de tanto constrangimento.

— Ah, Majuzinha, ela é linda! — arregalei os olhos incrédula e ele é

NACIONAIS-ACHERON

claro, caiu na risada.

Mas isso foi só até ele deslizar os dedos acariciando a linha fina de pelinhos que eu tinha ali. Ele não ria mais, sua expressão era de desejo. Seus olhos verdes aprisionaram os meus e por mais que eu estivesse tímida não consegui desviar os olhos.

Ajoelhado na minha frente, no meio das minhas pernas, Rafa começou a estimular o meu clitóris com o dedo. Seus olhos cravados em mim.

Eu precisava contar sobre a virgindade, mas as sensações que estavam me invadindo não me deixaram raciocinar com clareza.

Eu já estava quase enlouquecendo só com aquelas carícias. Já podia sentir os indícios de um orgasmo se aproximando, foi quando ele se abaixou e deslizou a língua sobre mim.

Na lona. Totalmente na lona!

Rafa levantou uma de minhas pernas colocando-a sobre suas costas. Uma de suas mãos descansou sobre o meu ventre e com a mãos livre ele entrelaçou seus dedos nos meus.

Enquanto sua língua habilidosa deslizava sobre a minha intimidade ele a alternava com leves chupadinhas.

Não demorou.

Logo meu corpo começou a convulsionar e eu explodi lenta e intensamente em sua boca. Um gemido escapou dos meus lábios e agarrei seus cabelos, acho que até os puxei. Rafa continuou com suas carícias até que os espasmos me abandonassem totalmente.

Com os olhos ainda fechados senti quando ele pairou sobre mim. Estava me observando. Abri os olhos e me deparei com um sorriso maroto e não tive opção a não ser sorrir de volta.

Esperei para ouvir alguma piadinha, mas ela não veio.

— Docinha, docinha.

— Rafa... — comecei a falar, mas paralisei quando ele levantou e tirou a bermuda. Ele usava uma cueca boxer branca e sua ereção saltava da mesma. Fiquei de boca aberta. Ele deve ter percebido pois sorriu todo convencido. Foi só quando o vi retirar um preservativo da carteira foi que despertei do

NACIONAIS-ACHERON

meu transe.

Rafa se jogou sobre mim me beijando, pegou minha mão e colocou sobre sua ereção.

— Sente como está duro pro teu lado — brincou.

— Rafa...

Ele não me olhou, rasgou a embalagem da camisinha e quando ia tirar a cueca eu segurei suas mãos. Meu vizinho me encarou confuso.

— Preciso te contar uma coisa.

Vi confusão e curiosidade se apossarem dos seus lindos olhos verdes junto com o vinco que se formou entre as suas sobrancelhas.

Ele se aproximou colocando um braço de cada lado da minha cabeça.

— Estou ficando preocupado. O que é? — perguntou notando meu nervosismo.

Conta pra ele Maju. Não tem nada demais ser virgem, mas ele precisa saber.

— Rafa eu... eu...

— Pelo amor de Deus Maju, você o quê? — perguntou quase desesperado. — Fiz alguma coisa errada?

— Não! — respondi rapidamente. — Você foi incrível, você foi perfeito Rafa. Estou louca para continuarmos de onde paramos, mas preciso te dizer uma coisa antes — respirei fundo — Eu nunca fiz sexo na minha vida. É a minha primeira vez.

Não soube identificar as emoções que tomaram conta do rosto dele, mas eu podia jurar que vi um terror atravessar seus olhos.

— Nunca? — perguntou erguendo o corpo.

Balancei a cabeça assentindo.

— Você é v-virgem, Maju? — Rafa gaguejando era novidade.

— Sou.

Deve ter durado apenas alguns segundos o estado de choque dele, mas para mim pareceu uma eternidade.

— Caralho!

— Relaxa, Rafa — tentei parecer indiferente e amenizar o clima horrível que se instalou sobre nós — Não é como se eu tivesse uma doença contagiosa. Eu só te contei que sou virgem. Só isso.

— Só isso? — repetiu minhas palavras e naquele momento eu soube que não rolaria mais nada entre a gente.

Minhas suspeitas logo se concretizaram como ele praticamente pulou para fora da cama.

Sabe aquela cena do filme Crepúsculo em que o Edward visita o quarto da Bela e eles se beijam e depois ele se afasta bruscamente encostando-se na parede para bem longe dela?

Pois é.

Não que eu gostasse do filme, mas fui obrigada a fazer uma maratona de Crepúsculo com a Evelyn uma vez, e é por isso que conheço a história. Mas voltando ao assunto, foi praticamente o que o Rafa fez. Ao contrário do vampiro ele encostou na porta do meu quarto enquanto vestia a sua bermuda sem ousar me encarar.

— Rafa?

— Isso não está certo, Maju — disse já vestindo a camiseta. — Desculpe não posso fazer isso.

Então ele pegou sua carteira que havia ficado no chão, pegou a camisinha e saiu praticamente correndo do meu quarto me deixando sem acreditar no que tinha acabado de acontecer.

Fiquei olhando para a porta não sei por quanto tempo até que ela ficou embaçada por minhas lágrimas. Puxei a colcha debaixo de mim e me cobri envergonhada. Eu tinha sido rejeitada e largada nua na minha própria cama depois de ter tido o melhor orgasmo da minha vida, o primeiro com um cara.

A dor da rejeição foi como uma faca perfurando meu coração. Eu nunca poderia imaginar aquela reação vinda dele.

— Idiota — resmunguei baixinho — Eu te odeio Rafael Bastos. T-te odeio...

Eu tinha errado em não contar a ele sobre ser virgem, mas jamais iria imaginar que ele reagiria da forma como reagiu. Cheguei a fantasiar de que ele se sentiria lisonjeado, que soltaria uma piadinha sobre ser o primeiro, mas

que sairia correndo? Nem em meus piores pesadelos.

Deitei-me enrolando em posição fetal e fechei os olhos. Deixei minhas lágrimas rolares do meu rosto enquanto eu o excomungava em pensamento.

Não sei por quanto tempo permaneci naquela mesma posição chorando. Podia sentir meus olhos empapuçados de tanto chorar. Podia sentir a vergonha e a humilhação me embalarem e a raiva repentina do vizinho da frente se apoderar de mim.

Aquele idiota estava me atormentando para transar com ele, desde que havia me mudado e quando eu finalmente cedi e ele amarelou.

Filho da mãe!

Relutante levantei-me e fui tomar um banho na esperança de lavar o vestígio dele do meu corpo, do cheiro e da língua dele de mim. No banheiro prometi a mim mesma que assim que a água levasse embora os últimos vestígios do Rafa do meu corpo, ela também levaria todos os meus sentimentos por ele e mais uma vez eu chorei.

Capítulo 36 – O Que Eu Não Quero.



Rafa

Fechei a porta do meu apartamento e me encostei nela desolado. Fechei meus olhos e respirei fundo tentando acalmar meu coração que parecia que explodiria a qualquer momento.

— Rafa?

Abri os olhos e dei de cara com o meu irmão na cozinha. Entrei em casa tão absorto em meus pensamentos que nem me dei conta da presença dele. Devia ter acabado de chegar, pois ainda estava vestido com a roupa do casamento.

— Tá tudo bem? Que cara essa?

— Não está nada bem, cara — desencostei da porta e fui em direção ao meu quarto — Só preciso ficar sozinho para colocar a cabeça em ordem.

— Sozinho? No seu quarto? Esqueceu que tem gente?

— Que porra! — xinguei. — Esse povo não tinha outro lugar pra ficar, não?

— Considerando que a gente mora no Rio, em um apartamento enorme de quatro quartos? Não. Eles não tinham. O que você tem, *brother*?

— Me deixe em paz, Gabriel — dei as costas a ele e saí de casa. Ainda pude ouvi-lo me chamando, mas não dei ideia.

Fui me arrastando até o terraço. Ao chegar lá me joguei na

NACIONAIS-ACHERON

espreguiçadeira e com as duas mãos na cabeça suspirei resignado.

Respirei fundo tentando amenizar aquela fadiga em meu peito, no entanto, parecia impossível.

— Que merda, Maju! Virgem? — resmunguei em voz alta.

Saí do quarto dela convicto que tinha tomado a decisão certa, mas assim que entrei em casa já estava arrependido. A imagem do olhar decepcionado que ele me lançou antes de eu sair praticamente fugido não me deixava nem por um segundo.

Como ela estava disposta a perder a virgindade comigo? Logo comigo? Um cara que só queria transar sem compromisso? Um cara que não era e nem seria seu namorado? Um cara que muito provavelmente iria foder gostoso com ela e só? Não dava para entender.

Justo a única garota no mundo que eu jamais quis magoar provavelmente nunca mais falaria comigo.

— Mas por que ela não me contou, porra? — esbravejei em voz alta.

E se ela tivesse contado antes, qual seria a minha reação? Eu iria desistir? Iria, claro que eu iria, eu não queria a responsabilidade de ser o primeiro de ninguém.

Ela gostava de mim não tinha outra explicação. Garotas virgens não saíam por aí querendo *dar* para qualquer um, saíam? Não, não saíam. Garotas virgens sonhavam com um príncipe encantado. Sonhavam que a primeira vez delas fossem especiais, que o cara fosse especial. Pelo menos era o que as minhas primas adolescentes sempre diziam.

— Você fez o certo cara — confortei a mim mesmo.

Não era justo com ela. Usá-la e depois descartá-la. Pois era isso que eu sempre fazia. Eu usava as garotas que gostavam de serem usadas e a Majuzinha não era como essas garotas. Ela merecia o que eu não poderia dar a ela.

Acho que nem saberia como fazer, nunca comi uma virgem!

Balancei a cabeça recriminando a mim mesmo, não devia ter segredo, não é? Devia ser só empurrar com um pouco mais de cuidado, sei lá.

— O que você está pensando Rafael Bastos?!

Fiquei mais ou menos umas duas horas deitado naquela espreguiçadeira e ainda não tinha conseguido me desligar do que tinha acontecido.

Uma nuvem negra com a certeza que ela me odiaria para sempre pairava sobre a minha cabeça me deixando aflito, e como se não bastasse a minha mente me apunhalar com imagens do rosto decepcionado dela ao me ver sair, eu comecei a me lembrar do seu corpo nu.

Toda linda ela. Da cabeça ao pés, igualzinho na música.

Perfeita. Deliciosa pra caralho!

Foi indescritível a sensação de tocar seu corpo nu, de beijar sua cintura fina. Com ela eu não queria chegar logo aos finalmente. Claro que eu sempre gostei de proporcionar prazer as minhas parceiras, mas com a Maju eu queria desesperadamente fazê-la sentir, dar prazer a ela sem me importar com o meu próprio prazer. Proporcionar prazer a ela me deu um tesão do caralho. Ver seu corpo se contorcendo debaixo na minha língua foi alucinante.

— Que porra! — levantei irritado. — A menina é virgem! Que merda Maju, por que você tinha que ser virgem?

Fui até o apartamento rezando para que o Gabriel já tivesse ido dormir. Abri a porta devagar e já que não dava para ir até o meu quarto infestado de primo, fui procurar alívio na cozinha. Abri as portas do armário e achei o que eu procurava, uma garrafa de vodca. Peguei um copo e quando fechei as portas dei de cara com o Gabriel.

— Porra Gabriel. Parece um fantasma.

— Tenho motivos para me preocupar contigo, *man*? — meu irmão perguntou olhando para a garrafa.

— Não precisa — fui em direção a porta levando comigo a garrafa e o copo.

— *Tá* indo pra onde com essa garrafa, Rafa?

— Que merda, Gabriel! Vai transar com alguém e me deixe em paz!

— Você está assim por causa da Maju? O que aconteceu? Vocês brigaram? Vocês pareciam estar se entendendo bem na festa. Aquele beijão que você deu nela na pista de dança vai render assunto para o resto do ano.

— Foda-se. Me esquece — saí novamente do apartamento sem olhar para atrás.

NACIONAIS-ACHERON

— Rafa? — ouvi meu irmão me chamar da porta. Não olhei para trás, mas como ele deve ter visto que eu subi para o terraço não foi atrás de mim.

Enchi o copo e dei um longo gole na bebida.

Perdi a conta do tempo que fiquei imóvel olhando para a piscina a minha frente. Não queria admitir antes, mas depois da quarta dose de vodca eu não poderia mais negar que se a Majuzinha não quisesse mais falar comigo eu iria pirar.

— Por que você não comeu se estava querendo te dar, seu idiota?

Agora nem se eu quisesse ela ia me dar a chance.

No que eu estava pensando?

Eu tinha feito o certo, agi corretamente. Eu a tinha livrado de um arrependimento que eu sabia que mais tarde ela iria sentir. Quando ela se desse conta de que eu não era o cara certo.

Eu não deveria ter saído da forma que saí do quarto dela, mas porra, fui pego totalmente de surpresa. Como eu poderia imaginar que ela era virgem? Ela já tinha dezoito anos, já teve um namorado. Que menina de dezoito anos era virgem em pleno século 21?

Peguei meu telefone liguei para Alexia minha prima. A gente não tinha aquele tipo de intimidade, mas ela tinha dezoito. Pelo barulho ela ainda estava na festa.

— Rafa?

— Alexia, posso te fazer uma pergunta?

— Claro primo, o que é?

— Você é virgem? — silêncio do outro lado — Só responde sim ou não.

— Que raio de pergunta besta é essa Rafael Bastos?

— Eu só quero saber se ainda existe alguma garota de dezoito anos virgem.

— Você bebeu?

— Talvez.

— Rafa.

— Tá bom, um pouco. Vai responder?

— Se eu não responder você vai desligar?

— Não.

— Ok. Não.

— Não? — perguntei. Fiquei confuso com tanto não.

— Não sou virgem, Rafa. Agora desliga a porra do telefone.

— E a Aline?

— Fala sério, Rafa! O que você tem? Fumou maconha?

— Tá me estranhando? Sabe que eu não mexo com essas porcarias. Diz logo aí, a Aline é virgem?

— Não. Caramba, Rafa que papo besta! E se você contar pra ela que eu te disse, eu te mato.

— Valeu — desliguei.

Respirei fundo inconformado, inconformado e bêbado. Que doideira ligar àquela hora da *matina* pra fazer aquele tipo de pergunta.

— Por que você ainda é virgem, Majuzinha? O banana do seu ex era tão ruim assim que não deu conta de você?

Do nada senti um ódio mortal do ex e nem sei explicar o porquê. Arremessei meu copo com bebida e tudo dentro da piscina e deitei na espreguiçadeira. Eu devia ter me afastado daquela vez que discutimos depois de eu beijá-la na escada, na noite do chá sei lá de que da Angel. Eu me lembro que refleti sobre ela ser problema, lembro que cheguei a pensar na possibilidade de eu me apaixonar por ela e agora estava ali, encurralado por sensações que virava e mexia me assombravam.

Peguei meu celular na intenção de ligar para ela, cheguei a discar, mas desisti. O que eu ia dizer?

Oi Maju, desculpe pela a forma que sai do seu quarto, mas preciso te dizer que eu não quero essa responsabilidade, não quero ser o primeiro de ninguém?

Não. Acho que ela já estava me odiando o suficiente, não precisava de mais um incentivo.

Bufei e ao invés de ligar para ela, pesquisei na internet a música que
NACIONAIS-ACHERON

tocava quando a gente estava junto para ouvir de novo. A letra era incrível. Como todas as músicas que ela gostava essa não seria diferente.

Fechei os olhos e deixei a canção invadir meus ouvidos.

Linda do jeito que é Da cabeça ao pé Do jeitinho que for É, e só de pensar Sei que já vou estar Morrendo de amor De amor...

— Morrendo de amor? Puta que pariu era só o que me faltava!



Rafa? — ouvi alguém me chamar — Rafa, acorda.

Abri os olhos e avistei meu irmão me encarando com preocupação.

— Que horas são? — perguntei me levantando.

— Nove horas. O que foi que aconteceu, cara? — insistiu.

— Nada Gabriel. Preciso de um banho. — saí do terraço seguido pelo meu irmão — Cadê todo mundo? — perguntei quando entramos em casa.

— Praia.

— E você não foi por que?

— Vou trabalhar — respondeu me analisando.

— Está tudo bem Gabriel, não esquentar. — falei segurando no ombro dele. — Vou tomar banho.

Ele assentiu e eu fui para o meu quarto. Sentei-me na cama e as lembranças da Majuzinha nua me deram boas-vindas. Eu me iludi pensando que quando acordasse aquela sensação estranha de perda me abandonasse, mas ao contrário, foi só pensar nela que veio tudo à tona.

Eu precisava conversar com alguém e a única pessoa capaz de me entender estava se preparando para sair em lua de mel.

Liguei assim mesmo.

— Alô? — minha amiga atendeu no segundo toque.

— Angel.

— Oi Rafa, tudo bem?

— Não.

— O que aconteceu?

— Estou precisando conversar. Será que eu posso dar uma passada aí antes de vocês viajarem?

— Claro. Vamos almoçar com os nossos pais. Mamãe e papai voltam amanhã para o Sul e quero aproveitar ao máximo a companhia deles, mas depois das três estaremos de volta. Viajo as oito, então você precisa se apressar.

— Posso te encontrar no quiosque de frente do prédio dos tios? Você desde rapidinho, não vou te atrasar, prometo.

— Devo ficar preocupada?

— Não. Fica tranquila — forcei um sorriso.

— Te espero, então.

— Até daqui a pouco — desliguei e fui para o banho.

Tomei uma chuveirada rápida, vesti a primeira roupa que vi na frente e sai do quarto.

Não encontrei o cão de guarda do meu irmão dessa vez. Aproveitei e tomei uma xícara de café antes de sair. Não demorei mais do que o normal para chegar em Niterói. Estacionei de frente para o prédio dos meus tios e liguei para a Angel para avisá-la que eu já a aguardava.

Desci do carro e fui até o quiosque do Tito. Pedi uma água de coco e me sentei no banco do calçadão mesmo.

Minutos depois avisto a Angel e o Kay atravessando a rua. Eu só esperava que ele não começasse com gracinhas, meu humor não estava propício.

— E aí? — me levantei e dei um abraço na minha amiga.

— Fala aí, cara — meu primo deu um tapinha nas minhas costas — Vou te emprestar a minha esposa por alguns minutos. Não abusa.

Apenas sorri. Meu primo deu um beijo nela e foi em direção a areia para correr. Angel sentou-se ao meu lado e me encarou esperando que eu começasse a falar.

— Então? O que você aprontou? — perguntou já que permaneci calado.

— Por que tem que ter sido eu a aprontar alguma coisa? — fingi ficar ofendido.

— Ok. Reformulando a pergunta, o que aconteceu?

— Ela é virgem — falei logo. Minha amiga me encarou meio confusa, depois arregalou os olhos.

— A Maju? — assenti — Certo e por que estamos falando sobre a virgindade dela?

— Porque eu finalmente consegui levá-la pra cama, mas quando eu descobri que ela nunca tinha transado eu dei pra trás, caí fora.

— Conta essa história direito, Rafa.

— Ela é virgem e só me contou na hora H, tipo eu já estava...

— Não precisa dar detalhes, já entendi — minha amiga me cortou. — E depois?

— Eu disse que não estava certo, que não podia fazer aquilo e saí do quarto dela. Praticamente corri Angel, ela nunca vai me perdoar — suspirei indignado — Por que você não quis depois de descobrir que ela é virgem?

— Não quero essa responsabilidade. Não somos namorados, mas foi pro bem dela, foi pensando nela que eu recuei. Não podia fazer isso, transar com ela e depois largá-la. Ela deveria querer isso com um namorado, não?

— Não.

— Como não? — perguntei confuso.

— Rafa ela quis com você porque gosta de você. Ela está apaixonada por você e não se faça de ingênuo porque você sabe, e mais, ela está tão apaixonada por você quanto você está por ela.

— Não viaja — engoli em seco.

— Se você quer se enganar, meu amigo, se engane, mas olha só pra você — apontou para mim — Está todo desesperado de medo da Maju não te perdoar. Pensou nela e não em você. Desde quando você se importa, Rafa?

— Nunca me importei porque nunca precisei me preocupar, mas a Maju não é como as outras que transam comigo sem se importarem se eu vou

ligar para elas depois. Ela é diferente.

— Diferente ruim, ou diferente bom? — minha amiga perguntou me encarando com cenho franzido.

— O que isso tem a ver?

— Responde.

— Diferente bom, eu acho. — confessei. — Não vou negar que me envolvi nesse joguinho todo dela de se fazer de difícil Puta merda. Ela não estava fazendo joguinho, só era virgem, normal ter dúvidas se deveria ou não se entregar para um cara como eu.

— Rafa? — Angel estalou os dedos na minha frente.

— Não era joguinho. Ela nunca fez joguinho comigo. — respirei fundo e encarei minha amiga — O que eu faço?

— Pode começar se desculpando.

— Certo.

— E termina pedindo-a em namoro — concluiu sorridente.

— Não quero namorar ninguém, Angel.

— Mas vocês se gostam.

— Eu gosto dela, mas não é paixão... Eu acho. É desejo, sei lá. E talvez ela nem goste de mim também.

— Ela deu o seu nome para o gato.

— Quem te disse isso?

— A dona Pauline.

— Deus me livre de sogra fofqueira — minha amiga caiu na risada. — O que foi?

— Rafa você acabou de chamar a dona Pauline de sogra...

— Não, não, não. Eu disse Deus me livre de sogra fofqueira, não que ela é minha sogra.

— Vocês tratam o gato como filhos de vocês. Isso é tão fofa!

— Tá curtindo com a minha cara, novata?

— Ai Rafa. Olha... Eu admiro muito você por sempre dizer o que pensa, por ser sincero e transparente, mas pela primeira vez na sua vida, você

não está sendo sincero, nem comigo e nem com você mesmo.

Pousei os braços nas minhas pernas e suspirei frustrado.

— Ok. Sendo bem sincero... Eu não sei o que estou sentindo por ela. Minha cabeça está numa confusão que só. A única coisa que eu sei é que eu não quero me afastar dela, mesmo ainda achando que não está certo ela querer transar com um cara como eu, que só quer comer.

— Você ainda acredita nisso? Acredita mesmo que iria levá-la pra a cama e depois tchau e *bença*? Não responde não. Só pensa. Você acredita que iria se afastar da Maju e seguir com a sua vida transando pelos cantos do jeito que você vem fazendo há tempos? — não respondi, *ela falou que não precisava, né?* — Mais uma pergunta para você refletir, Rafa. A Maju é virgem, ok, agora você já sabe. Seja bem sincero consigo mesmo e responda. Agora que você sabe que ela é virgem, você não quer mais transar com ela? Você não está louco pra ser o primeiro?

A encarei com cara de paisagem. Eu não tinha aquelas respostas.

— Eu não sei te responder a nenhuma dessas perguntas agora. Eu não sei o que eu quero, eu só sei o que eu não quero, não quero que ela me odeie. Que se afaste magoada comigo. Que me veja no corredor e me ignore.

— Então peça desculpas e explique a ela o seu ponto de vista que não deixa de ser fofo e nobre meu amigo. — Angel sorriu e segurou a minha mão — Estou muito orgulhosa de você, viu? Você pensou na garota antes de pensar em você. Se fosse qualquer outro, poderia simplesmente comer e ponto, mas você a poupou de um arrependimento futuro caso você só comesse mesmo e depois a deixasse de lado.

— Vou te confessar uma coisa. Também fiquei apavorado de não saber como fazer, sabe?

— De não saber fazer o que?

— Desvirginar a garota, pô.

— Ai Rafa, você não existe! — minha amiga gargalhou. — A garota que conquistar o seu coração vai ser uma sortuda por ter do lado dela um cara sensacional.

— Vou ficar convencido — sorri sem graça.

— Pois fique. Você é incrível Rafa e eu te amo e espero de coração que

você encontre logo essa garota. Na verdade, você já a encontrou. Só não se deu conta ainda.

— Obrigado por me ouvir prima. Incrível é você, Angelina Bastos — repeti o novo nome dela — Ficou bem em você.

Levantei-me e a puxei para um abraço apertado.

— Te amo também, viu? — ela sorriu limpando uma lágrima.

— Que porra é essa agarrando a minha mulher, *mané*? — Kay surgiu do nada e nos encarou de braços cruzados.

— Faça essa mulher feliz ou te parto no meio.

— É só o que eu pretendo — meu primo falou puxando a esposa para os seus braços.

Sorri admirando a felicidade dos dois.

Aquele era eu sentindo inveja de outros casais?

— Bom vou nessa. Boa viagem pra vocês, aproveitem e Angel? Não conta nada pra ele — brinquei e me despedi.

— Ela sempre me conta tudo! — ainda ouvi meu primo dizer quando entrei no carro.

Dirigi de volta ao Rio me sentindo um pouco mais leve. Eu precisava me desculpar e era exatamente o que eu faria. No entanto, eu ainda tinha que colocar meus sentimentos em ordem e tentar entender o que a marrentinha estava fazendo com a minha cabeça, mas uma coisa de cada vez.

Capítulo 37 – Conversa Comigo.



Maju

Eu não gostava das segundas-feiras. Acordar cedo depois de passar o domingo inteiro curtindo preguiça, não era de Deus e depois dos últimos acontecimentos, eu estava de fato odiando as segundas-feiras, aquela em especial. O pior era que eu nem podia faltar a faculdade, pois estava no período de provas. Resultado? Eu teria que sair de casa e muito provavelmente eu poderia dar de cara com o sem noção do meu vizinho. Sim ele tinha voltado a ser apenas isso para mim.

Era por isso que eu não queria chamar pelo nome, no fundo eu já sabia.

No fundo eu esperava aquela apunhalada nas costas, mas não do jeito que foi. Eu esperava que depois que a gente transasse, ele apareceria com aquela cara lerda dele dizendo o quanto tinha sido bom, mas que não iria passar daquilo. Mas jamais imaginaria que ele fugiria de mim igual a um vampiro do sol.

Passei o domingo todo trancafiada no meu quarto curtindo minha fossa tranquilamente, até ele começar a me ligar. Ele deve ter ligado umas dez vezes, como eu não atendi, começou a mandar mensagem pedindo para conversar e lá se foi a minha suposta paz em curtir minha fossa sossegada.

Não dormi. Passei a noite inteira revezando entre ter ódio do Rafa e desejá-lo ainda mais, e me amaldiçoei por isso. Lembranças do pouco mais

intenso momento que compartilhamos me assombraram a noite inteira. Se eu fechasse os olhos podia sentir a língua dele deslizando sobre o meu corpo.

Ele tinha sido incrível, foi tão carinhoso, tão cuidadoso que eu tinha certeza que a minha primeira vez não seria traumática como a da Evelyn. Seria perfeita se o idiota não tivesse amarelado. Rafa me proporcionou prazeres em lugares que eu sequer poderia sonhar. Como beijar minha cintura, nunca poderia imaginar que um simples toque na minha barriga pudesse me enlouquecer daquela forma. Ele sabia exatamente o que estava fazendo, claro que sabia, *rodado* do jeito que era.

Se eu pudesse dormiria e só acordaria dez anos depois, mas eu precisava encarar a realidade de que eu era apenas uma universitária que precisava de notas para passar, se eu quisesse um dia ser uma excelente psicóloga.

Sem poder enrolar mais e já atrasada peguei minha bolsa e saí do meu quarto. Antes de abrir a porta de casa, verifiquei se por acaso não havia um certo vizinho sem noção no corredor. Do meu campo de visão não vi ninguém. Suspirei aliviada e saí.

— Bom dia, Majuzinha — cheguei a pular soltando um grito com o susto que levei. Olhei para o lado e o avistei encostado na parede do meu apartamento. Por isso não o vi.

Ele estava lindo, usava uma camiseta polo azul, jeans e tênis, cheiroso toda vida. Rafa abriu um sorriso murcho que eu é claro ignorei. Tranquei a minha porta e passei por ele sem olhá-lo.

— Vai ficar fingindo que não está me vendo? — perguntou me alcançando.

— Não estou fingindo que não estou te vendo, só estou te ignorando mesmo — falei apertando o passo para chegar logo ao elevador.

Antes que eu pudesse alcançar meu destino ele passou na minha frente e impediu minha passagem colocando o braço na parede.

Cruzei meus braços e bufei irritada.

— Conversa comigo — pediu com aquela carinha linda de sem noção dele.

Idiota Maju, ele é idiota! Te largou pelada e fugiu.

— Não tenho nada para conversar com você, me dá licença?

— Mais eu tenho — fiquei calada esperando que falasse alguma coisa, mas ele apenas me encarou — Tenho prova e estou atrasada. Se você não falar nada, sai da minha frente.

— Não me trata assim vai, já passamos dessa fase — disse visivelmente magoado. Só que magoá-lo era a única coisa que eu queria fazer pelos próximos cem anos.

— Sai da minha frente, Rafa.

— Maju eu sinto muito ter saído da sua casa daquele jeito. Sinto muito por não ter ficado e conversado contigo sobre o motivo de eu ter recuado, mas poxa fui pego totalmente de surpresa.

Ele estava dizendo que sentia muito pela forma que havia saído da minha casa e não por TER saído e me deixado naquela situação?

— Eu devia ter explicado para você que eu não queria mais transar porque você é virgem.

— Uma duvidazinha — eu o interrompi. — O que tem de tão errado no fato de eu ser virgem pra você?

— Não tem nada de errado, princesa. Eu só achei que você não deveria ter a sua primeira vez com um cara que só quer comer sem compromisso.

Um cara que só quer comer sem compromisso.

Pela primeira vez eu não achei legal o fato de ele ser sempre tão sincero e de sempre dizer o que pensava. Eu podia dormir sem aquela. Foi como um tapa na cara. Senti meus olhos arderem, mas segurei minhas lágrimas, não iria chorar na frente dele, não mesmo.

— Aí você ficou com medo de terminar o serviço e depois eu grudar no seu pé e não te dar mais sossego, é isso?

— Claro que não — arregalou os olhos surpreso com o que eu disse. — Só achei que você merecia mais e é uma responsabilidade do caralho... Eu...

— E você corre de responsabilidade, não é mesmo? — o cortei novamente.

— Dá pra deixar eu falar?

— Não. Não dá! — quase gritei — Quer saber, Rafa? Você está se

achando importante demais para o meu gosto, mas para o seu governo e ego inflado, não interessa com quem eu vá perder a minha virgindade, eu só não quero ser mais virgem. — Rafa me encarou como se eu tivesse três cabeças e quatro braços. — Eu pensei em você porque você estava tão empenhado em me levar para cama que uni o útil ao agradável, mas já que você não quis, não tem problema. Acho outro para terminar o que você começou. — continuei vomitando sandices.

— Não acredito em você. — nem eu acreditava no que eu tinha acabado de dizer, mas ele tinha conseguido me tirar do sério com aquele papinho besta de que eu merecia mais e não ele que, quando dei por mim, já estava falando asneiras. — Você não é assim. — falou decepcionado.

— Você não me conhece. Do mesmo jeito que eu também não te conheço Rafael Bastos.

— Você está falando isso só pra me magoar.

— Mais uma vez se achando muito importante. — desviei o olhar. — Estou atrasada — empurrei o braço dele e fui em direção ao elevador. Apertei o botão e esperei.

— Melhor assim — meu vizinho finalmente falou. Não olhei para ele fingindo estar concentrada nas luzes indicativas do andar. — Evita confusões futuras, não é mesmo? — continuou com sarcasmo.

Pedi a Deus que me desse paciência, porque se me desse força eu ia quebrar a cara dele. Respirei fundo, virei-me para ele e sorri.

— Isso mesmo. Agora você pode voltar para as suas vadias, sem se preocupar em se sentir responsável depois, já que são todas mais rodadas do que pneus de caminhões.

Finalmente o elevador chegou. Entrei rapidamente e apertei o botão. Rafa ficou me encarando desolado do lado de fora.

— Maju...

— Não fala comigo! — gritei.

— Não faz isso — pediu segurando a porta que já se fechava.

— Me esquece, Rafa — o encarei friamente.

Meu vizinho lindo suspirou vencido e soltou as portas do elevador assentindo.

NACIONAIS-ACHERON

As portas se fecharam e eu desabei a chorar. Chorei de raiva. Raiva dele e raiva de mim também. Sentime tão idiota falando aquele monte de *babaquice*. Ele tinha razão, eu não era assim e nunca seria, mas ele praticamente falou que não queria a responsabilidade de ser o meu primeiro. Fiquei cega de raiva. O Rafa não gostava de mim, isso era um fato. Eu poderia afogar essa minha esperança e voltar para a minha vida.

Se ele gostasse de mim, iria ficar mais do que feliz em saber que nunca estive com o outro. Ficaria mais do que feliz em ser meu primeiro, e não decepcionado e assustado como ficou.

Ele estava tão acostumado com as vadias que ele pegava, que devia estar me achando um ser de outro planeta por ainda ser virgem. Eu era virgem mesmo e até antes de ele aparecer eu me orgulhava e muito de tal fato.

— Volta para as suas vadias, idiota — resmunguei fungando.

Eu tinha que concordar com ele, no fundo tinha sido melhor assim. Correndo atrás dele com certeza eu não estaria, mas sofrendo? Era fato.

Saí do elevador limpando as lágrimas e fui para o meu carro. Quando joguei a minha bolsa no banco do passageiro senti meu celular vibrar. Era uma mensagem dele.

Rafa: Sei que você está puta comigo, com toda razão, mas te conheço sim Majuzinha e você não é assim. A minha Majuzinha é docinha. Marrentinha, mas docinha, não é vadia pra dar pra qualquer um.

Joguei meu telefone longe.

— Minha Majuzinha? Minha Majuzinha? — gritei em voz alta. — Não Rafael Bastos eu não sou sua. Você não quis, esqueceu?!

Peguei meu celular novamente na intenção de responder com uma mensagem bem malcriada, mas desisti. Era melhor não dar trela para ele, ou quando eu percebesse, já estaria caindo na lábia dele de novo.

— Foi ele quem não te quis — lembrei-me.

Achei melhor desligar meu celular e esquecer o Rafa pelo menos por enquanto. Tinha que ir para a *facul* e ficar no carro *lamuriando* não iria resolver nada.

Decidida dei partida no carro e fui para a faculdade. Quando entrei na sala a professora já entregava as provas. Corri e sentei-me rapidamente ajeitando a minha bolsa no encosto da cadeira.

— Pensei que você não viesse, até te liguei. — Breno, meu colega de curso que se sentava ao meu lado disse.

— Eu desliguei meu celular. — respondi respirando fundo. A corridinha do estacionamento até a sala de aula me deixou cansada.

— Então, a Marisa passou um trabalho em dupla pra entregar ainda essa semana. Dei nossos nomes. Tudo bem para você?

— Claro. Obrigada Breno — sorri para ele. — A gente marca para fazer na biblioteca ou lá em casa, depois vemos isso. Ele concordou.

Breno era uma das poucas pessoas com que eu falava na classe, como ele sentava do meu lado acabamos nos aproximando.

Quando a professora entregou nossas provas, nos ajeitamos nas nossas cadeiras e desejamos boa sorte um para o outro. Notei que o Breno mal havia virado a folha e já estava respondendo a prova, eu, no entanto, só consegui ficar encarando aquele monte de letras incoerentes na minha frente. Minha mente estava bem longe dali. Estava nas mãos do Rafa sobre o meu corpo, na língua dele me despertando sensações indescritíveis, no cheiro delicioso de homem que ele tinha.

Eu não queria admitir, mas o que eu queria mesmo, de verdade, era que ele terminasse o que havia começado.

Ai Maju você está perdida.



Quando meu celular tocou a noite, já passava da onze. Eu estava começando a cochilar. Meu coração disparou, mas não foi de susto, foi por saber quem estava ligando. Olhei para o nome dele piscando na tela e tive de me esforçar muito para não atender. Sendo muito sincera, eu já nem estava tão magoada assim com ele. Era incrível como eu não conseguia ficar com

raiva dele por muito tempo. Eu queria mesmo era que ele estivesse comigo, na minha cama.

Meu Deus Maju, o que esse cara fez com você?

O fato de ele não ter ido adiante alegando não querer a responsabilidade tinha lá seu lado positivo, pois muito provavelmente, depois que tivesse conseguido o que queria, iria seguir com a sua vida e eu ficaria toda apaixonada e abandonada. Ele já tinha deixado muito claro e um milhão de vezes o que queria de mim.

Pelo menos foi decente para recuar. Era impressão minha ou eu estava arranjando desculpas para a atitude dele?

Ele te largou pelada. Pelada, garota!

Mas ele tinha me proporcionado tanto prazer.

Ai que droga.

A minha realidade nua e crua não era bonita. Era até um pouco masoquista, pois apesar de saber o que ele queria de mim, apesar de ter sido abandonada nua depois de um orgasmo maravilhoso eu ainda estava querendo que ele terminasse o que havia começado.

Resumindo: Eu desconhecia aquela Maju, a Maju depois do Rafa. Aquela Maju boba e apaixonada que babava no corpo de um cara, que achava fofo o quanto ele era sem noção e que queria loucamente transar com ele, não era eu.

Cansada de rolar na cama, liguei para a Evelyn. Precisava desesperadamente colocar para fora tudo o que eu estava sentindo.

— Maju? Aconteceu alguma coisa? — minha amiga perguntou preocupada, afinal já passava das onze horas da noite.

— Aconteceu. Rafa.

— Vocês transaram? — perguntou empolgada.

—Não — contei tudo a ela.

Contei de como o casamento tinha sido incrível – pela companhia dele – contei da minha decisão de transar com ele e por fim, de como eu tinha terminado a noite abandonada e nua na minha cama.

— Uau, Maju. Estou surpresa. Não esperava essa atitude dele —

Evelyn disse após refletir alguns instantes. — Vocês se falaram depois disso?

— Ele até tentou falar comigo. Explicou que não era certo, que eu não deveria ter a minha primeira vez com um cara que só queria me comer, mas eu não deixei ele terminar e agora ele fica me ligando querendo se explicar e se explicar.

— Maju você vai ter que concordar que isso foi muito fofo da parte dele.

— Não. Não quero concordar com isso, Evelyn! Desde que eu conheci aquele sem noção ele tem me infernizado e me enlouquecido só para me levar para a cama, e quando eu finalmente crio coragem, ele faz isso? Eu quero matá-lo, e depois que eu o matar, quero que ele termine o que começou!

Argh! Não estou me reconhecendo.

— Caramba, nem eu. Bom, pelo menos ele tentou se explicar, né? E ele não deixa de ter razão Maju. Está parecendo que ele se importa com você.

— Ele só se importa com ele mesmo.

— Será Maju? Se ele não se importasse, poderia simplesmente seguir com a vida dele, mas pelo que você está contando ele queria se explicar. Você que não deixou.

— Não acredito que você está defendendo ele, Evelyn — bufei contrariada.

— Não estou defendendo amiga, mas você tem que concordar que...

— Preciso desligar, nos falamos depois, beijo.

— Maju espera...

Desliguei o celular e o coloquei no criado-mudo. Não tinha sido para aquilo que eu havia ligado para ela. Eu só queria poder desabafar e queria que ela concordasse comigo, não que colocasse mais caraminholas na minha cabeça. Eu não queria me iludir de que o Rafa pudesse se importar comigo. Ele só tinha tirado o dele da *reta*, só isso.

Tentei dormir, mas foi em vão, as lembranças tão vivas do momento íntimo que compartilhamos dançavam na minha mente. Lembrei-me também da nossa dança, do seu olhar admirado sobre mim, do beijo que ele me deu na pista de dança, da forma calma e tranquila que ele havia conduzido aquele momento...

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

— Ai Rafa. O que você fez comigo?

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 38 – Briga de Namorados.



Rafa

Parei o carro no estacionamento do prédio e olhei em volta para ver se o carro da marrentinha estava estacionado, mas não estava.

Ela ainda não tinha chegado da faculdade?

Fiquei um tempo dentro do carro esperando para ver se ela chegava, mas nada dela. Desde o dia que eu havia tentado me explicar, ela estava eficientemente me evitando.

Não fui atrás, no entanto, achei melhor deixar a raiva dela passar, mas eu começava a me apavorar pensando que talvez isso não acontecesse.

Desisti de continuar esperando e fui para casa. Encontrei meu irmão sentado no sofá tocando seu violão alheio a tudo à sua volta. Ele nem me ouviu chegar.

— E aí *brother*? — o cumprimentei me sentando no sofá de frente para ele. Tirei os meus tênis e apoiei meus pés da mesinha de centro.

—Fala aí, Rafa. A Angel vai comer o seu fígado se te ver com os pés em cima da mesinha.

— A Angel não apita mais nada aqui. Sou eu quem manda nessa joça agora e você vai ter que dançar conforme a música, Gabriel — falei cruzando as mãos atrás da cabeça.

— Quem foi que te elegeu o novo síndico do apartamento?

— Eu — pisquei para ele.

— Que bom pra você. Agora *tu* vai poder dar suas festas à vontade sem o Kaiary pra te barrar. Não era isso o que você queria?

— É — concordei desanimado. — Ou era, sei lá. Desenterrou o violão? — perguntei mudando de assunto. Meu irmão apenas sorriu mais desanimado do que eu. — Toca alguma coisa pra gente aí — pedi.

Gabriel começou a dedilhar no seu violão a música do *I Won't Give Up* do Jason Mraz e eu fechei os olhos deixando a melodia invadir meus ouvidos na esperança de que ela me trouxesse alguns minutos de paz.

Desde que eu e a marrentinha nos desentendemos, há apenas quatro dias – que mais parecia um século – um sentimento ruim de perda se apoderou de mim. Enquanto meu irmão tocava e cantarolava sem ânimo eu prestava atenção na letra da música pensando no quanto ele poderia estar pior do que eu.

A Bia estava de volta e eu sabia que aquilo estava o enlouquecendo. Estava na sua cara, embora ele estivesse tentando esconder fingindo que estava tranquilo em relação a ela ter voltado.

Meus pensamentos foram dos problemas emocionais do Gabriel para a minha vizinha de olhos bicolores em segundos.

Não podia negar que ela estava me fazendo uma falta absurda. Eu estava sentindo um falta da porra daqueles inconfundíveis olhos me encarando, daquela boca carnuda me beijando, daquele ar de superioridade, e eu já estava ficando cansado de me sentir assim.

A letra da música dizia alguma coisa sobre não desistir, sobre não ser alguém que vai embora e sim ser alguém que fizesse a diferença. Eu me perguntava se eu queria ser esse alguém para ela e se queria que ela fosse esse alguém para mim.

Infelizmente eu não tinha respostas para a milhões de perguntas que pairavam na minha cabeça, mas assim como na música eu não iria desistir, pelo menos não de me explicar e tentar me desculpar.

Sorri ao perceber que eu prestava atenção na letra da música. Estava se tornando mesmo um hábito e o fato de eu procurar a vizinha marrentinha nas canções e concordando com a letra eu precisava tentar, precisava insistir o

quanto fosse possível até ela aceitar me ouvir.

Quando meu irmão terminou de tocar eu abri meus olhos e o encarei perdido em seus próprios pensamentos.

— Gabriel? — chamei por ele que me olhou de volta dando um suspiro cansado. — Conversa comigo.

— Conversar o que, porra?

— Conversar sobre o que está te deixando assim, tão deprimido — aponte para ele.

— Certo — ele assentiu — Eu estou com raiva... Isso não é bom, Rafa. Eu queria estar sentindo nada, estar indiferente ao fato *dela* ter voltado, mas eu só consigo sentir raiva. Eu quero gritar com ela, mandá-la *ir* se foder, dizer a ela o quanto eu a odeio... — ele parou de falar e olhou para o nada.

— Quer extravasar, extravasa, *man*. O que você não pode fazer é ficar guardando tudo isso só pra você. Só faz mal.

— Eu sei, mas ainda não estou pronto para ter uma conversa. Tenho medo, sabe.

— Medo? — perguntei confuso.

— Medo de fraquejar.

— Saquei qual é. Você tem medo de não resistir e acabar na cama dela.

— Exatamente e se isso acontecer, sei que eu não vou conseguir me perdoar.

Coitado do Gabriel, estava pior do que eu. Por isso nunca quis me apaixonar, não ser o centro da sua própria vida era mesmo cruel.

— Brother, não sei o que te dizer, além de que ela é uma vadia — ele sorriu revirando os olhos.

Mas era mesmo, pô.

— Talvez seja verdade, mas talvez você tenha razão, Rafa. Talvez as vadias não sejam tão ruins assim.

— Pra mim *mané*, você não é assim.

— Pra você Rafael Bastos? Tem certeza? Porque já tem um tempinho que você anda gastando o seu tempo com outro tipo de garota. Vai, sua vez. — meu irmão falou mudando o foco da conversa para mim — Você também

anda todo *jururu* aí desde o casamento. É por causa da Maju, não é? — assenti. — O que houve cara? Parecia que ela estava na sua.

— E estava, mas aconteceu um lance e agora ela está meio que me odiando.

— O que você fez? — meu irmão perguntou confuso.

— O que eu não fiz — suspirei.

— E o que você não fez? — ele insistiu.

— Não transei com ela. — Gabriel franziu o cenho ainda mais confuso.

— A Maju é virgem — meu irmão arregalou os olhos espantado. — Pois é.

— E vocês brigaram por que ela é virgem?

— Mais ou menos, a verdade é que eu desisti de transar com ela quando descobri e agora ela me odeia.

— Sério? — assenti. — Por que você não quis, Rafa?

— Cara, sei lá. Não achei certo. Achei também que não merecia. Fiquei confuso pra caralho e ferrei com tudo.

— Bom, eu não acredito que ela te odeie. No máximo está puta contigo, afinal ela tem que admitir que você foi bastante macho pra abrir mão de transar com ela — dei os ombros — Quer dizer que você deixou a garota na mão? — o idiota perguntou com um meio sorriso.

— Falando assim parece ainda pior do que já é.

— Rafa estou surpreso. — coloquei o dedo do meio para ele que caiu na risada. — Você gosta dessa garota. Nem perde seu tempo negando — afirmou e para falar a verdade eu não tive ânimo para negar. — Vai consertar a merda que tu fez, *mané*. A Maju parece ser uma garota incrível, você tem sorte — meu irmão disse se levantando — Se eu fosse você não a deixaria escapar. Agora deixa eu tomar um banho que vou para o restaurante.

Meu irmão saiu e me deixou sozinho com meus pensamentos. *Consertar a merda* era o que eu vinha tentando fazer, desde então, mas a vizinha não facilitava em nada.

Sentei-me no sofá e calcei meus tênis. Facilitando ou não ela iria ter que me ouvir, nem que para isso eu tivesse que sequestrá-la, trancafiá-la ou até amordaçá-la. Depois se ela quisesse continuar me odiando, aí era com ela.

Andei em direção a porta de casa decidido. A intenção era ficar de prontidão no corredor até ela aparecer, mas no instante que abri a porta, ela saiu do elevador com... Um cara? Era sério aquilo? Tive vontade de entrar na mesma hora, ainda mais que ela ignorou a minha presença. O cara ainda me encarou por alguns instantes parado feito um idiota na porta do meu apartamento. Ela dizia algo a ele que eu não consegui entender.

Fui tomado pelo ciúme. Tomado pelo ciúme seria eufemismo, eu estava a ponto de cometer um assassinato. Ainda mais quando me lembrei que ela havia dito que iria arranjar outro cara para terminar o que eu havia começado.

Ela falava sério?

Respirei fundo. Fechei a porta do meu apartamento e me aproximei deles.

— Maju quem é esse cara? — perguntei a ela ignorando totalmente a presença dele e é claro que ela não me respondeu, continuou procurando a chave da porta no seu chaveiro de coração.

— Oi prazer, eu sou Breno — ele se apresentou estendendo a mão.

— Não perguntei pra você. Estou perguntando pra ela — o fuzilei com o olhar — O cara recolheu a mão totalmente sem graça, depois disso ela me encarou.

— Não é da sua conta quem ele é ou deixa de ser. Vem Breno — disse pra ele. O tal Breno não aluiu do lugar.

Vem Breno?

— Vem Breno o cacete! — esbravejei cego de raiva. O rapaz se encolheu ainda mais e minha vizinha me encarou incrédula. — Vaza Breno! — aponte para o elevador.

— Que isso? Você ficou louco? — ela me encarou estupefata.

Pode ficar bravinha marrentinha, bem-vinda ao clube!

— Maju eu acho melhor a gente deixar pra outro dia.

— Isso mesmo, mete o pé! — investi pra cima dele.

— Rafa! — minha vizinha se colocou entre a gente visivelmente chocada com a minha reação.

Era compreensível, até eu não acreditava no que eu estava fazendo.

O tal Breno não quis esperar para saber o que ia acontecer com ele caso ele entrasse na casa dela. Meteu o pé, saiu quase correndo. Foi pela escada mesmo.

Virei-me para ela que me empurrou para o lado para entrar em casa. Fui mais rápido eu a impedi ficando na frente da porta.

— Sai da minha frente, Rafa!

— Não saio, não! Você vai ter que me dizer por que esse cara estava aqui.

— Não é da sua conta, já disse!

— É da minha conta, sim! — gritei alterado — Você é da minha conta! — ela riu com sarcasmo.

— Desde quando? Você não tem nada a ver com a minha vida, agora sai da minha frente!

— É um macho pra te comer que você está procurando? Não precisa mais procurar. Estou bem aqui! — disparei ofensas sem pensar, cheio de ciúmes, cego de raiva.

Minha vizinha tentou me agredir com um tapa na cara, mas fui mais rápido do que ela e segurei o seu pulso. Ela tentou me bater com outra mão que eu também segurei.

— Eu te odeio Rafael Bastos! — gritou tentando se soltar.

— Não odeia não! Você não me odeia! — gritei ainda mais alto que ela. Encarei seu rosto lindo, cheia de raiva e lágrimas e me senti um merda por tê-la feito chorar. — Por favor não me odeie — supliquei baixando o tom de voz. — Me desculpe.

Neste instante, o vizinho que morava no apartamento ao lado do dela saiu no corredor e nos encarou, mais precisamente as minhas mãos que seguravam os pulsos dela.

— Está tudo bem aí, Rafa? — perguntou para mim, mas olhando para ela.

— Está sim, desculpa aí. Briga de namorados — disse a primeira coisa que veio na minha cabeça — A gente vai se entender.

— Está tudo bem mesmo, moça? — perguntou para ela que apenas

concordou com a cabeça.

Ele assentiu e entrou novamente no apartamento dele. Antes que ela pudesse se desvencilhar de mim, soltei só um pulso e a arrastei até o terraço. Maju tentou puxar seu pulso enquanto subíamos as escadas, mas não teve chance.

No terraço, levei-a até as espreguiçadeiras, só então afrouxei minha mão no pulso dela que puxou o braço com força. Maju sentou-se com o olhar fixo na piscina me ignorando totalmente.

Sentei-me de frente para ela e a encarei. Eu estava sentindo tanta coisa naquele momento, raiva, ciúmes, tesão, uma inquietação estranha na boca do estômago e o fato de ela com certeza estar me odiando ainda mais não estava ajudando.

Viajei no rosto dela de perfil. Toda linda *bravinha* daquele jeito.

Putá merda.

Ficamos assim por um bom tempo. Eu a olhando e ela com os olhos na piscina, até que ela resolveu olhar para mim. Maju respirou fundo e me encarou de cara feia. Repousei meus cotovelos nas minhas pernas me aproximando sutilmente dela sem desviar meus olhos dos seus, ela fez o mesmo. Ameacei um sorriso, mas ela fechou ainda mais a cara. Cruzei meus braços e arqueei uma sobrancelha. Majuzinha também cruzou os braços e bufou contrariada.

Pisquei para ela que estreitou o olhar e comprimiu os lábios. Estava cedendo graças a Deus. Descruzei os braços e apoiei um deles na minha perna descansando meu queixo sobre a minha mão. Com a mão livre toquei o joelho dela com a ponta dos dedos. Ela desviou do meu toque e franziu o cenho. Sorri. Minhas vistas começaram a arder por encará-la daquela forma. Pisquei rápido algumas vezes para manter o foco no olhar dela.

Minha vizinha linda tentou evitar um sorriso que ameaçou aparecer sem sucesso. Mordi os lábios e foi neste momento que ela desviou o olhar para a minha boca. Balançou a cabeça derrotada e encarou os próprios pés.

Sorri satisfeito e segurei a sua mão. Ela tentou evitar meu toque, mas segurei a mão dela com força impedindo que a puxasse de volta.

Então ela me olhou e nossa, que garota linda!

Não tinha mais raiva no seu olhar e eu agradei aos céus por isso.

— Briga de namorados?

— Foi o que me veio à cabeça — fiz careta sorrindo e ela revirou os olhos. Aproveitei a guarda baixa e comecei a me desculpar.

— Eu sinto muito, Majuzinha — disse com sinceridade. — Eu fiquei apavorado, não soube o que fazer, por isso fugi. Você estava ali toda entregue, disposta a se entregar pra mim e eu não me senti digno, achei que não merecia. — ela suspirou pesadamente.

— Quem deve decidir isso sou eu Rafa — disse suavizando a expressão.

— Eu sei, eu sei e desculpa também ter escoraçado seu amigo. Não sei o que me deu. Fiquei cego de ciúmes quando te vi com ele.

— Rafa o que você fez foi horrível. O Breno nunca mais vai olhar na minha cara. — ela disse sentida. — A gente só ia fazer um trabalho da faculdade.

Putz.

— Estou me sentindo péssimo, princesa. Mas você disse aquelas coisas sobre arrumar outro cara pra terminar o serviço que...

— Você realmente não me conhece — disse me interrompendo.

— Eu não acreditei, mas aí te vi com ele e não pensei em mais nada, só em colocá-lo para correr.

— Você conseguiu, literalmente. O coitado praticamente correu escada abaixo.

— Vou me desculpar com ele, prometo.

— Isso se ele ousar chegar perto de você ou de mim. — sorri. Não era engraçado, mas mentira, era bem engraçado e ele que ficasse bem longe.

— Porque você não me contou que era virgem? — perguntei. Eu realmente queria saber.

— Eu tentei te contar lá no corredor, mas aí o vizinho saiu e você disse para eu entrar, depois a gente começou e... Não pensei em mais nada.

Sorri todo bobo. Saber que eu a deixava incapaz de raciocinar direito me deixou bastante satisfeito.

— Mas e antes? Você teve outras oportunidades. Por que não me disse?

— Porque até o momento em que eu decidi transar com você, isso não era da sua conta, Rafa. Eu só me decidi no casamento e me desculpa se antes disso eu não cheguei em você e disse: Ah, só pra esclarecer eu sou virgem. Não é uma coisa que a gente saia por aí contando.

— Tem razão — concordei.

— Se eu tivesse contado e você não tivesse sido pego de surpresa, você ainda ia querer? — ela perguntou de repente.

Eu não tinha aquela resposta.

— Não sei princesa, sinceramente não sei.

— E continua não sabendo? — perguntou com aqueles olhões bicolores cravados nos meus. Puta merda.

— Não faz isso — pedi — Não fode com a minha cabeça desse jeito.

— Não é justo sabe — suspirou desanimada — Você me provocou tanto, me fez querer você e agora recua desse jeito.

— Não estou recuando.

— Rafa essa conversa terminou — disse isso e se levantou — Eu te desculpo, mas chega disso tudo. Estou cansada.

Antes que ela pudesse ir embora, segurei suas mãos a impedindo de se afastar.

— Me desculpe Majuzinha. Eu nunca quis te magoar. Você é a primeira garota com a qual eu me importo de verdade. Faço qualquer coisa pra você me desculpar — minha vizinha me encarou por alguns instantes antes de soltar a bomba.

— Qualquer coisa? — insistiu.

— Qualquer coisa.

— Então termina o que você começou.

Eu a encarei meio catatônico incapaz de acreditar no que tinha acabado de ouvir.

Termina o que você começou, termina o que você começou — eu ouvia a vizinha doce e sensual dela em eco no meu ouvido.

Expirei o ar e o soltei lentamente. Sentei-me novamente na espreguiçadeira e a puxei para sentar no meu colo. Descansei minha cabeça no ombro dela e o cheiro dos seus cabelos macios me inebriaram bagunçando meus sentidos e anuviando minha razão.

— Pela primeira vez na minha vida eu estou querendo fazer as coisas do jeito certo aí você vai e não deixa. O que eu faço contigo? — Majuzinha virou-se para mim e segurou meu rosto entre as mãos.

— Me faz sua.

Eu estava muito ferrado.

Como que eu negaria com ela pedindo daquele jeito? Se eu queria ainda mais do que ela?

Eu queria demais, eu precisava demais. Precisava mais do que precisava respirar. Jamais insistiria, no entanto, ela estava ali me pedindo com aqueles olhões que eram a minha ruína.

— Com uma condição princesa — respondi por fim — Nunca mais fique sem falar comigo. Tem duas noites que não durmo direito. Não quero que a gente fique sem se falar. Senti uma falta sua do caralho.

— Tudo bem — ela sorriu e podia jurar que estava empolgada. — Hoje — concluiu pra me matar de vez. — Agora.

Capítulo 39 – Quer Que Eu Vá Embora?



Maju

Quando saímos do terraço, Rafa foi para o seu apartamento e eu para o meu. Combinamos de nos encontrar no apartamento dele. Eu ainda precisava tomar um banho, tinha acabado de chegar da faculdade e estava toda suada.

Eu queria ficar cheirosa para ele, então como da outra vez, me preparei. Tomei um banho relaxante, escolhi uma lingerie, de novo naquela gaveta onde estavam as peças que eu quase nunca usava – eu ainda precisava comprar peças novas – vesti uma blusinha básica branca e uma saia jeans.

Enquanto eu terminava de me vestir pensava no quanto eu poderia parecer louca querendo ficar logo com ele depois de tudo, mas a verdade era que eu queria muito estar na cama do meu vizinho sem noção e foda-se o resto.

Julguem-me.

Meia hora depois, lá estava eu tocando a campainha do meu vizinho ansiosa. Estava com medo de ele desistir, mas para minha alegria ele abriu porta. Rafa tinha acabado de sair do banho, dava para ver. Seus cabelos estavam molhados e o cheiro da loção pós-barba invadia minhas narinas deixando-me inebriada.

Ele deu espaço para que eu pudesse entrar e fechou a porta atrás de mim. Olhou-me com aquele olhar de me comer viva, embora estivesse sério e hesitante. Eu estava nervosa é claro, mas estava decidida, queria muito e

queria com ele.

Rafa sorriu gentilmente e pegou uma das minhas mãos me levando com ele para o seu quarto.

Nunca havia estado ali antes e achei a cara dele. Estava arrumadinho demais, o que me fez questionar mentalmente se ele era realmente organizado, ou se tinha organizado o lugar para me receber. Sorri fantasiando com a cena. Ele arrumando rapidamente suas bagunças para me esperar.

Rafa se sentou na cama e ficou me encarando enquanto eu olhava tudo em volta. Tinha uma foto sua e do Gabriel em cima da mesinha de estudos dele, a única foto ali. Peguei o porta-retratos e sorri para aqueles dois garotos de aproximadamente sete anos sem os dentes da frente sentados em uma porteira e sorrindo para o fotógrafo.

— Vocês pareciam bem levados — falei colocando o porta-retratos de volta no lugar.

— E éramos. — concordou.

— Você ainda é — falei o encarando. Ele negou com a cabeça.

— Sou um santo, princesa — revirei os olhos sorrindo.

— Um desvirtuado.

— Um desvirtuado que você está doida pra experimentar. — minha cara queimou de vergonha. Às vezes me esquecia quanto meu vizinho não tinha filtro. Falava o que vinha a mente, na lata.— Vem aqui — estendeu a mão para mim. Segurei a mão dele e parei entre as suas pernas olhando em seus olhos atenta.

— Princesa — respirou fundo — Tem certeza que quer fazer isso? É um caminho sem volta. — fechei a cara.

— Vai amarelar de novo, Rafael Bastos?

— Não, Maria Júlia. Não mesmo. Não sou louco, mas sinto que tenho a obrigação de te alertar, ainda acho que...

— Acha o que? — eu o interrompi — Acha que eu deveria fazer isso com um namorado, um marido? Quer que eu me case virgem agora?

— Não ia dizer isso — disse rindo.

— Quer que eu vá embora? — perguntei rezando pra ele que ele

disse não.

— Queria querer, mas não quero, não consigo — aquilo foi a coisa mais verdadeira que ela já havia me dito, a coisa mais sem coerência e mais fofa.

— Então para de falar e age — o encarei séria e ele claro que gargalhou.

— Acho que criei um monstro. — não respondi, apenas suspirei.

Meu vizinho lindo e sem noção parou de rir e me encarou de volta exalando desejo. Vi seu maxilar se contrair, seu pomo de Adão subir e descer e sua respiração se alterar.

Ele seria meu pelo menos por aquela noite e eu não iria pensar no amanhã. Iria pensar apenas no momento que compartilharíamos, apenas nas sensações que iria descobrir com ele. Não permitiria ficar me martirizando pensando no depois.

Eu estava louca e obcecada por ele, era fato. Rafael tinha conseguido se impregnar na minha pele, nos meus pensamentos de uma tal forma que nem em milhões de anos eu conseguiria tirá-lo da minha cabeça. Eu sabia que talvez nunca pudesse tê-lo, mesmo assim, estava decidida a me entregar a ele e que Deus me ajudasse.

Fui trazida de volta a razão por suas mãos experientes. Ele tocou os meus lábios de leve, fazendo o contorno deles com o polegar.

— Nervosa? — perguntou colocando a outra mão dentro da minha blusa e acariciando minha barriga.

— Um pouco — respondi com dificuldade — Você está?

— Devo estar mais do que você. Tenho que te confessar uma coisa Majuzinha, eu nunca transei com uma virgem — arregalei os olhos surpresa.

— É sério?

— Sim e esse foi um dos motivos de eu ter dado pra trás também — confessou sem graça me deixando incrédula.

A sinceridade do Rafa era uma de suas maiores qualidades. Ele podia ser tudo, mas era sincero e honesto.

Lembram quando eu disse que preferia os detalhes? Pois eu preferia

todos os detalhes dele. Como ele sorria de derreter meu cérebro, como ele soltava suas pérolas sem filtro, como era sincero do a quem doer, quando me dizia na maior cara de pau que queria me comer.

— Podemos dizer que de certa forma será uma primeira vez para mim também. A primeira vez que eu *como* uma virgem. — disse com um sorriso lerdo e eu revirei os olhos.

Rafa deslizou os dedos sobre meu braço até chegar na barra da minha blusa. Olhou nos meus olhos pedindo permissão. Levantei os braços e ele a tirou. Já tinha feito isso antes, já havia me visto nua da outra vez, mas me olhava como se fosse a primeira. Ele me desejava muito eu sabia, foram meses tentando estar onde estava no momento. No entanto, eu não iria me iludir de que aquele brilho em seus olhos fosse algo além de desejo. Era melhor assim.

Meu vizinho lindo e sem noção sorriu para mim e levou as mãos no meu sutiã de fecho na frente o abrindo. Meus seios pularam para fora e ele mordeu os lábios me admirando.

— Tão linda! — aproximou-se e tocou de leve um mamilo com a língua. Quase me derreti. Que saudade da sua língua brincando com os bicos dos meus seios. Foi uma única vez, mas era como se meu corpo já conhecesse de cor os seus toques. Rafa segurou minha cintura com ambas as mãos e distribuiu beijos e mordidas sobre a minha barriga. A carícia era alucinante. — Te quero molinha e pedindo mais. — soltou me encarando.

Eu não disse nada, até porque não conseguiria. Minha língua estava travada, acho que se tentasse falar algo, minha voz nem sairia.

Depois de beijar toda a minha barriga, o meu ventre e voltar a lamber meus seios, Rafa finalmente tirou a minha saia. Desceu-a lentamente deslizando as mãos pelas minhas pernas no processo. Não enrolou para tirar a minha calcinha, fez logo em seguida, só distribuiu alguns beijinhos por ela antes.

Completamente nua na frente dele, eu não estava com vergonha. Seu olhar me devorando fazia eu me sentir a mulher mais desejada, mais sexy do mundo. Ele me virou um pouquinho de lado e mordeu de leve minha cintura, soprando beijinhos em seguida sobre mordida.

— Vou te deixar bem relaxada, não se preocupe — falou com voz

NACIONAIS-ACHERON

rouca.

Ele realmente estava conseguindo. Eu estava muito relaxada e muito excitada. Dava para sentir minha intimidade ficando molhada e meu vizinho lindo sorriu ao constatar tal fato.

— Acho que estou conseguindo — disse deslizando os dedos pelos grandes lábios e estimulando meu clitóris.

— Está — respondi ofegante.

Rafa tirou suas mãos de mim e se levantou na minha frente para tirar a camiseta e nossa, eu nunca me cansaria de olhar para aquele corpo, para aquelas veias saltando dos seus braços, para aquele V cheio de pelinhos discretos. Ele era perfeito.

Jogou a camiseta no chão e espalmou a mão na minha nuca me puxando para um beijo delicioso, quente e possessivo. Ele não foi delicado ao me beijar, tinha fome, desejo e eu estava mais do que satisfeita em perceber aquilo. Beijou-me com voracidade enquanto sua outra mão explorava minhas costas, minha bunda. Eu já estava enlouquecendo só com as preliminares.

Quando parou de me beijar, me puxou gentilmente deitando-me na cama. Deitou sobre mim alisando meus cabelos e tirando os que ficaram na frente dos meus olhos. Beijou meu rosto, minhas bochechas, sorriu todo lindo encarando meus olhos.

Ele era sempre tão carinhoso para quem só queria transar, mas eu não iria me iludir, não mesmo.

— Nunca vou me cansar de olhar esses olhos — falou com a boca a centímetros da minha. — Nunca mais vou esquecer essa boca e olha que fantasiei com ela me provando você não sabe o quanto — arregalei os olhos. Os pelos da minha nuca chegaram a eriçar. — É isso mesmo que você pensou Majuzinha. Quero demais você me chupando com essa sua boca gostosa, mas hoje não, hoje eu quero que você apenas sinta.

Não me deu tempo de falar nada, colocou os lábios nos meus. Mordeu meu queixo e foi descendo plantando beijos e mordidas no caminho. Sugou um dos meus mamilos enquanto massageava o outro. Abriu os olhos e olhou para mim enquanto mordida o biquinho. Fiquei tímida, mas sustentei seu olhar.

Depois de dar a devida atenção ao outro seio, desceu me lambendo até chegar ao meio das minhas pernas. Eu já estava em chamas só com a expectativa. Rafa beijou a parte interna das minhas coxas e sem avisar deslizou a língua sobre mim. Involuntariamente arqueei o quadril na sua direção. Ele segurou minha cintura em ambos os lados e me levou a loucura.

A língua dele deslizando em mim, a boca dele me chupando, as palavras sem sentido que ele soltava eram demais para uma pobre garota virgem aguentar. Quando apenas fez menção de enfiar o dedo eu já estava gozando. Ele continuou brincando com o dedo ali do lado de fora enquanto meu corpo convulsionava de prazer em um orgasmo intenso.

Rafa foi parando seus movimentos aos poucos voltando a me lamber bem ali, sugando de mim os vestígios do meu prazer. Fez seu caminho de volta pelo meu corpo ficando novamente sobre mim. Sorria divertindo.

Vendo seus lábios e queixo molhados pelo meu prazer, a única coisa que pensei em fazer e fiz foi agarrar seu pescoço e beijá-lo, saciada, agradecida e sedenta pelo que viria a seguir.

O beije com delicadeza. Seus lábios se entreabriram e nossas línguas se tocaram quase se fundindo e eu já estava pronta pra ter mais um pouco dele, para me perder novamente em suas carícias.

Rafa beijou a ponta do meu nariz e me encarou de forma intensa. Cheio de malícia levou a mão até minha intimidade espalhando a umidade por toda aquela região.

— Acho que você está pronta para me receber — disse mordendo os lábios.

Assenti com a cabeça rapidamente. Eu estava mais do que pronta. Meu vizinho se levantou e tirou sua bermuda, depois sua cueca me privilegiando com uma visão magnífica. Meus olhos caíram para sua ereção firme e grossa e soltei um gemido sem querer.

Ele sorriu satisfeito ao constatar o quanto fiquei afetada ao vê-lo nu. Foi até a gaveta da cômoda e como se já não estivesse embasbacada o suficiente com seu nu frontal ainda pude me deliciar com a visão do bumbum durinho dele.

Uau!

Meu vizinho lindo e sem noção voltou para a cama subindo nela de joelhos. Parou no meio das minhas pernas e abriu a embalagem do preservativo. Deslizou-o em seu comprimento sem tirar os olhos de mim e eu? Encarava envergonhada, mas sem conseguir desviar os olhos de tudo aquilo que ele exibia.

Meu Deus, nunca me cansaria de olhar.

Rafa empurrou o preservativo até o final, apertando a pontinha para não ficar ar. Devia ter feito aquilo tantas vezes que poderia fazê-lo de olhos fechados. Notei seu membro quase explodindo dentro daquele plástico transparente e mordi os lábios. Juro que não quis parecer aquelas *meninhas* idiotas dos livros de romance, mas assim como elas eu me perguntei se aquilo tudo caberia dentro de mim.

Não tive tempo de pensar muito, pois ele já estava se posicionando sobre mim. Segurou meu rosto entre as mãos e me encarou.

— Vou devagar *tá* bom? Se ficar desconfortável me avisa que eu paro.

— T-tá bom. — gaguejei. Foi o suficiente para ele hesitar, mas não deixei que se afastasse, enrolei as pernas ao redor dos seus quadris e o prendi — Estou pronta — disse confiante.

Ele deu-se por vencido e sorriu de forma provocante. Me cobriu com seu corpo e começou a me beijar nos ombros, entre os meus seios até que senti sua mão deslizando novamente sobre a minha intimidade. Abri mais as pernas para facilitar o acesso dele.

— Está bem lubrificada, princesa — disse no pé do meu ouvido. — Vou tentar romper com o dedo. Se doer você fala, ok? — repetiu.

— Eu falo — disse antes de atacar os lábios dele beijando, mordendo, deixando claro que queria demais aquilo.

Senti quando ele colocou o dedo e o pressionou na minha entrada. Foi empurrando aos poucos até encontrar o bloqueio, então parou.

— Continua — pedi — Não está doendo — e não estava até ele empurrar mais um pouco. Senti uma leve ardência e me contraí, ele retirou o dedo.

— Não quero te machucar, princesa — falou me encarando. Estava ofegante.

Segurei seu rosto com uma das mãos e o fitei.

— Não vai, por favor, continua — supliquei.

— Pedindo assim, não tem bom senso no mundo que me faça negar. Fica bem *relaxadinha*, tá? — assenti.

Rafa penetrou novamente seu dedo em mim dessa vez com um pouco mais de força. Tirou e colocou novamente fazendo movimentos de vai e vem. Estava tão gostoso apesar da dor que acabaria gozando só daquele jeito. Comecei a movimentar meu corpo ao encontro da sua mão, na ânsia por mais contato. Ele sorriu e foi intensificando a penetração.

— Rafa! — falei soltando um gemido. — Não. Para. — ele sorriu lindamente e acho que o que eu disse o fez criar coragem, pois enfiou o dedo de uma vez.

Doeu. Não vou mentir. Mas não era uma dor insuportável. Ele parou de mover o dedo para que eu me acostumasse com a invasão. Ficamos olhando um nos olhos do outro até que balancei a cabeça o incentivando a continuar. Rafa voltou a estocar com cuidado e bem devagar. Se abaixou e deslizou a língua sobre meu clitóris inchado.

Era torturante e delicioso ao mesmo tempo. Ainda ardia, mas a dor deu lugar aquela sensação que eu já estava me familiarizando. Senti aquela inquietação no ventre crescendo novamente levando-me a um êxtase inebriante. Gemi contida agarrando os lençóis e afundando os pés na cama.

Quando meu corpo se acalmou ele retirou o dedo bem devagar. Fiquei com uma sensação de vazio, mas ele me puxou para si e me abraçou.

Enrosquei-me nele como uma teia, senti seu membro duro empurrando minha barriga e arquejei. Estava tudo perfeito até aquele momento, mas eu ansiava em tê-lo por completo.

— Tudo bem? — perguntou próximo ao meu ouvido — Quer parar?

Nunca!

— Não — beijou-me na ponta do meu nariz e me abraçou mais forte.

— Quase gozei só de ver você chegando lá, Majuzinha — disse com um sorriso lerdo — Você é muito linda, gostosa demais. Não vou mentir, *tô* louco pra te fazer minha direito.

— Então faz, por favor faz — supliquei.

Rafa soltou uma respiração pesada e se posicionou novamente sobre mim.

— Farei — respondeu antes de atacar meus lábios em um beijo voraz.

Ainda me beijando empurrou um dos meus joelhos me abrindo inteira. Senti quando posicionou sua ereção na minha entrada e queimeei em expectativa.

Ele olhou bem dentro dos meus olhos quando investiu contra mim. Senti aquela dor novamente um pouco mais intensa, mas não me movi.

Segurei seu bumbum incentivando-o a ficar bem ali e a prosseguir. Ele empurrou mais um pouco e o senti me invadir. Senti minhas paredes internas o acolhendo. Quis gemer de dor, mas me segurei.

— *Tá* doendo Maju? — perguntou preocupado. Eu devia ter feito careta sem perceber.

— Dá pra aguentar, quero que você continue. — pareceu hesitante — Quero que goze comigo Rafa.

— Isso! Leva embora o restinho do meu autocontrole marrentinha!

Sorri e ele sorriu comigo.

Rafa fechou os olhos e respirou fundo e assim sem avisar empurrou de uma vez. Dessa vez foi uma dor aguda. Ficamos nos encarando ofegantes. Ele não se moveu por um bom tempo me permitindo acostumar com ele dentro de mim.

— Acho que a pior parte já foi. Como se sente?

— Sedenta por mais! — busquei seus lábios e movi meu quadril ao encontro do seu.

Ele me acompanhou e tomou as rédeas da situação. Beijou minha boca, mordeu meu queixo, lambeu meus lábios enquanto investia contra mim.

Eu sentia dor e prazer e aquilo era alucinante.

Desesperada por mais o agarrei com minhas pernas o incentivando a acelerar e ele o fez. Seus movimentos já não eram mais tão delicados, embora continuassem tão prazerosos quanto, ou até mais. Arranhei suas costas e mordi seu ombro enquanto ele empurrava fundo dentro de mim.

— Porra! — me xingou olhando nos olhos — Caralho Majuzinha, tão

apertada! Eu nunca... Nunca — ele não completou a frase, apenas continuou me encarando.

O desejo visível em seu rosto foi o necessário para o orgasmo crescer dentro de mim novamente. Fechei os olhos sentindo as ondas de prazer me invadirem pela terceira vez naquela noite.

— Olha pra mim Maju! — abri os olhos e o encarei.

Ele segurou meu queixo me forçando a continuar com o rosto de frente para o dele. Vi o êxtase tomar conta das suas feições. Rafa gemeu alto se entregando ao prazer sem tirar os olhos dos meus.

Aquilo foi... perfeito. Éramos perfeitos juntos. Ele era perfeito, as mãos experientes dele eram perfeitas, a boca e o que ele tinha no meio das pernas, uau. Aquilo ultrapassava a perfeição. Rafa foi parando de se mover aos poucos, até que pousou a cabeça no meu ombro. O abracei com força.

Ele respirava com dificuldade e eu também. Fechei meus olhos saciada, satisfeita, totalmente bem *comida* diga-se de passagem. Agora eu sabia porque todas aquelas garotas ficavam em cima dele.

Eu também ficaria?

Meu vizinho lindo e gostoso demais, levantou o corpo apenas para me olhar. Não queria que ele saísse de mim, não queria que ele dissesse nada, não precisava. Só queria continuar do jeito que estávamos compartilhando um silêncio bem-vindo, pois eu não sabia como agir quando ele se levantasse.

Eu teria que ir embora? Eu não queria. Eu queria viver os próximos cem anos com ele naquela cama.

Só que para o meu total desespero ele saiu de dentro de mim, mas sorria um sorriso de moleque sapeca que fez arte. Tinha voltado a ser o Rafa de sempre. Ergueu-se e encarou o seu membro ereto ainda. Segui o seu olhar e vi que a camisinha estava suja de sangue.

— Putz! — exclamou olhando para o meio das minhas pernas. — Está tudo bem mesmo, Maju?

— Sim Rafa — sorri sem graça — Já disse.

Ele sorriu e me estendeu ambas as mãos.

— Vem. Toma um banho comigo, deixa eu te lavar e cuidar de você.

Segurei suas mãos e fui ao encontro dos seus braços. Meu vizinho lindo, sem noção e gostoso me beijou gentilmente. Rafa saiu da cama e me pegou nos braços como se eu fosse um bebê.

Apenas encostei a cabeça no seu ombro e me deixei ser levada até o banheiro com um sorriso besta nos lábios e com os milhões de beija-flores tentando escapar do meu estômago.

Capítulo 40 – Temo Não saber Como fazer.



Rafa

Coloquei-a no chão com cuidado e abri o chuveiro. Senti seu olhar perfurando meu corpo tamanha sua intensidade. Puxei seu corpo ao encontro do meu e tasquei um beijão nela que retribuiu me abraçando pela cintura. Aquela com certeza tinha sido a melhor transa da minha vida. Nunca fui tão calmo, tão paciente e nunca havia desejado tanto que acontecesse.

Quase gozei sem ao menos entrar nela, fiquei de cara comigo.

Eu tive medo de que não fosse bom para ambos, devido aquela coisa toda de virgindade, de hímen, e sei lá mais o que, mas porra! Comer uma virgem era foda pra caralho! Se bem que eu tinha minhas dúvidas se era mesmo pela virgindade, ou pela virgem em si.

Desvirginei a menina. E caralho gostei demais!

Peguei o sabonete e comecei a deslizar pelo corpo dela suavemente. Lavei os seios, os braços, as costas e quando fui lavar entre suas pernas ela recuou.

— O que foi princesa? — sorri divertido — *Tá com vergonha?*

— Não é vergonha é... Sei lá...

— Não tem nada demais eu lavar, fiz coisa pior — sorriu revirando os olhos.

Abaixei na sua frente e levantei uma de suas pernas.

— Coloca o pé aqui vai, seja uma menina obediente. — ela sorriu tímida e colocou o pé na minha coxa. — Isso.

Esfreguei o sabonete nas mãos e passei sobre a intimidade dela lavando com cuidado. Tinha sangue, mas não me importei e nem ela deveria. Se ela soubesse o quanto eu estava todo bobo de ter sido seu primeiro, único a tocá-la daquele jeito, não ficaria sem jeito.

Empurrei-a devagar para debaixo do chuveiro para enxaguá-la. Quando terminei o serviço levantei e comecei a me ensaboar.

— Acho que eu deveria retribuir — Maju disse e puta que pariu. Na hora tive a certeza, aquela garota iria me levar à loucura.

Sorri meu melhor sorriso safado e entreguei o sabonete a ela.

Maju pegou o sabonete das minhas mãos e começou a esfregá-lo em meu peito enquanto eu aproveitava pra beijar e morder seu pescoço. Ela foi deslizando as mãos ensaboadas sobre o meu tórax, meu abdômen, mas hesitou em continuar descendo.

Peguei sua mão e o levei até o meu pau já duro de novo feito rocha.

— Pode pegar — olhei-a nos olhos — Sente como já está duro de novo por tua causa — Maju sorriu divertida.

— Eu queria poder retribuir o carinho, mas temo não saber como fazer.

Porra Maju, não fode com a minha mente!

Engoli em seco e sorri.

— Quer aprender? — ela fez que sim com a cabeça e seus olhos bicolores brilharam. Pude ver desejo neles e também pude ver o meu desejo refletido neles.

Peguei sua mão e a fechei no meu comprimento. Com a minha mão por cima da dela iniciei os movimentos de vai e vem. Quando senti que ela estava indo bem sozinha tirei a mão e a deixei continuar.

Seus movimentos a princípio tímidos foram se intensificando e me deixando louco.

— Assim? — perguntou me olhando com aquelas duas flechas coloridas.

— Assim mesmo... — falei manso e ataquei os lábios dela. — Só um

pouquinho mais rápido agora — falei quando a soltei e assim ela fez. Caramba estava uma delícia e para primeira vez dela até que estava indo muito bem, bem demais. Oh, se estava.

— É melhor parar ou eu vou gozar — mas a danadinha não parou, me distraiu com um beijo que quando dei por mim era tarde demais — Vou gozar, Majuzinha — falei com dificuldade. E gozei mesmo. Na mão dela.

Segurei sua mão para cessar seus movimentos, mas não a tirei dali e nem ela. Ficou segurando meu pau e me flechando com aqueles olhões bicolores.

— Fui bem? — perguntou divertida.

— Foi ótima! — dei um selinho nela. Peguei sua mão e a lavei. — Como se sente? — perguntei.

— Um pouco dolorida e sentindo uma ardência, mas estou bem. Muito bem.

— Que bom. Agora chega de distrações, deixa eu te lavar direito — ela balançou a cabeça concordando. Sorriu toda linda para mim.

Ia ser difícil me manter longe dela depois do que aconteceu entre a gente, porque eu não queria ficar longe.

Maju saiu do chuveiro na minha frente me deixando perdido em meus pensamentos. Eu pensava em como iríamos proceder dali pra frente. Não estava pronto e nem saciado o suficiente para deixá-la ir, para encerrar aquele arranjo delicioso que a gente tinha começado. Namorar eu não queria – eu acho que não queria – mas deixá-la também não era uma opção.

Quando saí do banheiro apenas enrolado na toalha, a encontrei já vestida. Aquilo me incomodou, eu não queria que ela fosse embora, mas também não iria forçá-la a ficar. A garota tinha dito que estava dolorida.

— Já vai? — perguntei me aproximando.

— Preciso ir. — sorriu tímida. Maju tímida era a coisa mais linda do mundo.

— Não precisa ir ainda — falei torcendo para que ficasse.

— Sim eu preciso, Rafa. Minha mãe já deve ter chegado. — assenti insatisfeito. — Ok, te acompanho até a sua porta.

— Obrigada.

Tirei a toalha e me vesti na sua frente, Maju sentou-se na cama para esperar por mim me encarando o tempo todo. Senti a força daqueles olhões sobre o meu corpo e senti meu peito apertar.

O que ela estava fazendo comigo?

Terminei de me vestir e a acompanhei até a sua porta. Aquela inquietação no meu peito foi aumentando gradativamente e quando ela colocou a chave na fechadura, quase a pedi para voltar para o meu quarto comigo pra gente se perder um no outro a noite inteira.

— Conseguiu o que queria. Como se sente? — ela perguntou de repente.

— Insatisfeito.

— Oh! — exclamou decepcionada — Eu não...

— Insatisfeito por não ter sido suficiente de você, princesa — segurei seu rosto entre as mãos. — Foi perfeito. Você é linda, muito gostosa, muito mesmo! Oh *tô* de pau duro só de lembrar — ela sorriu. — E você? Gostou?

— Bom eu não tenho com que comparar, mas pra mim foi incrível. Eu não esperava que fosse ser tão bom, por ser virgem e *tals*. A Evelyn me disse que a primeira vez é horrível, que a mulher só sente dor.

— Credo! Fico feliz que não tenha sido assim com a gente — falei beijando sua testa e escorregando para os lábios dela. Beijei-a de leve, me despedindo daquela boca convidativa e doce.

Incrível como eu já estava com saudade.

— Preciso entrar — disse me dando um selinho.

— Certo — ficamos nos encarando por um tempo, mas como ninguém disse nada, ela se virou para entrar.

—Maju? — chamei por ela.

Eu não sabia ainda o que dizer, mas sabia que a gente precisava conversar. Com certeza ela estava pensando que como já havíamos transado, iria cada um para o seu lado. Como ela mesmo havia sugerido antes, mas eu não queria isso, eu queria nós dois juntinhos. Tinha sido tão perfeito entre a gente, que eu só conseguia pensar na gente junto fazendo muito sexo e muitas

outras coisas também, mas eu não queria namorar. Droga, já nem sabia mais o que eu queria.

— Não vamos estragar esse momento tão perfeito com conversa e explicações, Rafa — Maju disse me despertando dos meus devaneios. — Não precisa dizer nada...

— Mas eu quero dizer, princesa — insisti.

— Você não me deve nada. Não quero que você se sinta responsável Rafael Bastos, é sério!

— Não estou me sentindo responsável Maria Júlia, não é isso...

— Ótimo — estava na cara que ela não me deixaria falar — Então deixa como está. Eu preciso entrar. Tchau — e ela entrou, me deixando só e me sentindo vazio naquele corredor.

Voltei para o meu apartamento, fechei a porta e me encostei a ela.

— Ah Majuzinha, o que você fez comigo? — perguntei em voz alta. — Estou muito ferrado.

Caralho! Estou muito na sua, Maju.

Sem conseguir sair do lugar, me sentei ali mesmo, no chão, encostado na porta. Descansei meus cotovelos no meus joelhos e minhas mãos na minha cabeça.

Sim eu tinha conseguido o que eu queria, eu tinha finalmente transando com ela. Vitória!

Só que eu não estava me sentindo vitorioso naquele momento. Eu sentia era o meu coração acelerado no peito. Eu sentia era uma vontade absurda de bater na porta dela pedindo para que voltasse pra minha casa comigo ou que me deixasse ficar ali com ela, no entanto, eu estava sozinho, largado no chão do apartamento com a impressão de ter sido derrotado por nocaute.

Foi tenso. O alívio que eu havia sentido ao gozar com ela, tinha sido substituído por aquela inquietação no meu peito já tão conhecida minha.

Eu queria a vizinha marrentinha, eu não podia e não queria mais negar. Queria, queria e queria. Como eu queria.

Não sabia como seria dali para frente, não estava muito interessado em

um relacionamento sério. Eu só queria algo que tivesse muito beijo na boca e muito sexo envolvido, só não sabia se ela toparia.

Bom, eu só saberia se eu falasse com ela.

Mas é se ela quiser namorar?

Conhecendo a marrentinha como eu já começava a conhecer, provavelmente não aceitaria achando que eu estava a pedindo em namoro por me sentir responsável pelo que aconteceu entre a gente. Devo ter ficado uma meia hora sentado encostado na porta refletindo sobre o nosso futuro.

Nosso futuro? Fala sério Rafael Bastos!

Cansado de criar suposições e pensar por nós dois, me levantei e fui para o meu quarto. A fome que eu estava sentindo quando cheguei do trabalho, tinha dado lugar a ansiedade que me consumia, então apenas escovei os dentes e fui para cama.

Peguei meu celular e não resisti, acabei mandando uma mensagem para ela.

Rafa: Dormir vai ser foda sentindo seu cheiro na minha cama.

Esperei uma resposta que não veio. Então enviei outra desejando boa noite e que ela sonhasse comigo e fui dormir. Claro que não consegui pregar o olho, então coloquei nossa música para tocar e viajei na letra.

Com certeza a Majuzinha seria a despedida *pros* meus dias mais normais. Isso era um fato.

Depois que cansei de ouvir a música, peguei um livro na esperança de terminar de ler. No momento que encontrei a página que eu tinha parado meu celular apitou.

Era uma mensagem dela.

Maju: Então somos dois, ainda sinto você sobre e dentro de mim.

Putá que pariu. Se eu ainda tinha esperanças de conseguir dormir, elas caíram por terra assim que li sua mensagem.

Digitei rapidamente uma resposta.

Rafa: Vamos resolver esse problema, então? Volta aqui que vou te cansar até você não aguentar mais, aí você dorme.

Maju: Hummm fiquei tentada.

Ela estava brincando comigo.

Rafa: E eu de pau duro, vem dar um jeito, vem?

Ela demorou para responder e quando respondeu foi para me jogar um balde de água fria.

Maju: Não posso.

Estava me dispensando?

Rafa: Rafael Bastos está sentindo-se rejeitado – completei com uma carinha triste.

Maju: Hahaha. Não estou rejeitando é que papai acabou de chegar e está com saudade, não posso deixá-lo aqui para ir transar com o vizinho da porta da frente.

Respondeu e em seguida mandou uma carinha colocando língua.

Rafa: Vem aqui, deixa eu morder essa língua?

Maju: Não posso Rafa, não me tenta :-(

Rafa: Tudo bem princesa, vai lá dar atenção ao seu pai. Um beijo na boca

Ela respondeu com várias carinhas jogando beijos.

Sorri relendo a nossa troca de mensagens. Era mesmo a menininha do papai. Putz. A menininha que não era mais virgem, cujo o vizinho da frente – no caso eu – a tinha desvirginado.

E aquela troca de mensagens cheias de carinhas? Não estava me reconhecendo.

— Foda-se! — disse em voz alta — Te quero de novo, Majuzinha!



Quando os primeiros raios do sol entraram pelas frestas da janela eu já estava acordado, se é que eu tinha dormido. Passei a noite revirando de um lado para o outro na cama como se houvessem espinhos nela, então quando o relógio marcou seis e meia, levantei da cama e fui direto para o banheiro.

Depois de um banho rápido, escovei os dentes e parti para a sala. A ideia era ficar de prontidão aguardando qualquer sinal da vizinha marrentinha. Eu já sabia todos os horários dela e sabia que ela saía pouco antes das sete para ir para a faculdade.

Sim eu estava virando a porra de um perseguidor, mas quem estava

ligando?

Eu não.

Precisamente as seis e cinquenta da manhã ouvi quando a porta do apartamento da frente se abriu. Conferi pelo olho mágico e era ela. Mais do que depressa abri a minha porta e decidido agarrei a mão dela.

Majuzinha estava de costas fechando a porta de casa e se assustou. Depois do susto me encarou confusa, mas sequer dei tempo para ela pensar em dizer algo, a puxei pela mão direto para o meu apartamento.

Fechei a porta atrás dela e ali mesmo a encostei na parede e ataquei sua boca. Ela soltou suas coisas e agarrou a minha nuca retribuindo o beijo. Foi um beijo possessivo. Muita língua, muita saliva, mas nenhum dos dois estava se importando. Parecia que entraríamos um dentro do outro a qualquer momento.

Que saudade de beijar você, Majuzinha.

Não dava mais para negar e eu sequer queria. Definitivamente estava gamado na vizinha da porta da frente. Simples assim.

— O que foi isso? — ela perguntou ofegante quando nos afastamos.

Segurei o rosto dela entre as mãos e grudei nossos corpos para que ela sentisse o que fazia comigo.

— Isso chama-se saudades, Majuzinha.

Capítulo 41 – Perfeito Em Suas Imperfeições.



Maju

Acho que o meu coração simplesmente parou de bater por alguns segundos. Rafa estava ali na minha frente admitindo que sentiu saudades. Ficou me esperando sair de casa às seis e cinquenta da manhã para me *sequestrar* para o apartamento dele.

Se eu tinha gostado? Eu tinha simplesmente amado a sua atitude.

Enquanto ele me prensava na parede e me beijava cheio de paixão, minha mente era invadida por lembranças da minha primeira vez. A forma com que ele conduziu a situação, o quanto foi carinhoso e como soube agir e me dar prazer em todos os momentos não saíam da minha cabeça.

Eu mal havia conseguido dormir pensando na gente.

Quando entrei em casa estava totalmente aérea, não consegui dar a devida atenção aos meus pais. Divaguei a maior parte do tempo que passei com eles. Meus pensamentos eram todos preenchidos por imagens de nós dois na cama, imagens do corpo perfeito dele, imagens dos seus lábios molhados pelo meu prazer, imagens daquele sorriso de derreter Maju.

Foi uma tortura rolar nos lençóis a noite toda sentindo aquela inquietação no ventre, aquela leve ardência e aquela sensação de ainda estar sentindo-o dentro de mim. E, no pouco que dormi, meus sonhos foram todos com ele.

Rafa sabia bem o que estava fazendo. Embora tivesse dito que nunca

NACIONAIS-ACHERON

tinha estado com uma virgem, não me decepcionou em nenhum momento. Foi perfeito, perfeito como ele era. Perfeito em suas imperfeições e eu é claro, estava mais do que apaixonada depois da nossa noite. Na verdade, eu estava arrastando o bonde de Santa Tereza lotado de passageiros.

Quando parou de me beijar, segurou meu rosto e me encarou. Vi desejo em seus olhos, mas vi algo além, vi um brilho intenso e aquilo fez meu coração bater descompassado, pois era o mesmo brilho que estampava os meus olhos todas as vezes que eu me olhava no espelho.

— Princesa, eu sei que a gente precisa conversar e acredite eu quero muito conversar com você sobre o que está rolando entre nós, mas agora, neste exato momento, eu só consigo pensar em te jogar na minha cama e te fazer minha de novo e novo.

Se meu coração já estava batendo descompassado só com os atos dele, imagina depois dessas palavras?

Munida de uma coragem que eu não sabia de onde havia surgido, apenas me afastei dele e segui para o seu quarto. Rafa veio atrás de mim e fechou a porta do quarto me encarando muito atento. Parada um pouco a sua frente me virei e comecei a desabotoar os botões da minha camisa. Os olhos do meu lindo vizinho sem noção praticamente saltaram do seu rosto, mas o seu sorriso sacana estava lá, aguardando meu próximo passo.

Que devassa, Maju!

Sorri tímida para ele, mas segui me despindo tentando parecer sexy e parecia que eu estava conseguindo. Pelos olhares que ele me lançava, estava gostando muito do que via.

Era incrível como eu conseguia ficar à vontade com ele, ficava tímida é claro, mas também muito corajosa.

Olhando para o meu vizinho deliciosamente sem noção enquanto me despia decidida, eu nem parecia que há um dia eu ainda era virgem e inexperiente.

Desejo. Era o que justificava os meus atos impensados. Desejo e muita paixão.

Sem deixar de encará-lo tirei minha camisa lentamente e a joguei no chão. Dessa vez eu não vestia nenhuma lingerie meio sexy desencravada do

fundo da minha gaveta, até porque eu não poderia jamais imaginar que ele me abordaria no corredor às sete da manhã.

Meu sutiã de bolinhas roxas apesar de bonitinho, mostrava a menina que eu estava deixando de ser, mas que parecia a mais linda e a mais poderosa aos olhos do homem a minha frente.

Mordi meus lábios segurando um sorriso e desabotoei os botões da minha bermuda jeans. Sem enrolar mais a tirei rapidamente aproveitando para tirar minhas sapatilhas também. Fiquei apenas de calcinha e sutiã na frente dele.

Rafa me encarou admirado encostado na porta com os braços cruzados. O que me deu mais coragem para continuar com o meu striptease para iniciantes. Quando fiz menção de tirar o sutiã, ele veio rapidamente na minha direção e segurou as minhas mãos.

— Eu quero fazer isso — falou antes de me nocautear com seu beijo delicioso.

Como negar um pedido assim, acompanhado de beijos estilo Rafa?

— Tudo bem — concordei, até porque depois daquele beijo eu estava do jeitinho que ele gostava, molinha, molinha.

Virou-me de costas e colocou meu cabelo de um lado dos meus ombros. Distribuiu beijos ali e também nas minhas costas. Beijos e mordidinhas deliciosas.

Lentamente abriu o fecho do meu sutiã que ao contrário do outro da noite anterior ficava nas costas e o atirou longe. Rafa juntou ambas as mãos nos meus seios e os massageou enquanto deslizava a língua por todo o meu pescoço. Abaixou-se atrás de mim e beijou minha cintura, meu quadril e sem avisar me deu uma mordidinha no bumbum. Logo em seguida ele me girou de modo que fiquei de frente para ele. Rafa continuou abaixado na minha frente e beijou meu ventre, lentamente foi descendo a minha calcinha torturando-me com beijos nas minhas coxas no processo.

Levantei uma perna, depois a outra para ajudá-lo. Ele me encarou com aquele sorriso lerdo dele antes de deslizar a língua na minha intimidade. Quase morri.

Nocaute, nocaute, nocaute!

Tive que segurar em seus ombros pois minhas pernas ficaram parecendo gelatinas e não me obedeciam mais. Ele levantou uma de minhas pernas, a colocou sobre sua coxa e literalmente me enlouqueceu.

Sua língua quente e habilidosa junto com seus dedos ágeis deslizaram sobre mim me reivindicando, me invadindo e me levando a um êxtase maravilhosamente intenso. Como ele conseguia?

Na lona. Mil vezes na lona!

Rafa sorriu e deu vários beijos na minha cintura antes de se levantar e num impulso me pegar no colo. Enrosquei as pernas ao redor do seu corpo e o beijei fervorosamente. Ele retribuiu meu beijo com a mesma intensidade. Nossas línguas se enroscaram em uma dança erótica e coreografada, se reconhecendo, se redescobrimdo, tornando-se ainda mais íntimas ainda. Éramos realmente perfeitos juntos.

Comigo enroscada nele, caminhou até a cama deitando-me sobre ela. Rafa se afastou e me encarou com os olhos brilhando de desejo. Fiquei constrangida com a intensidade do seu olhar, mas tentei não demonstrar. Ele saiu da cama e caminhou até a mesinha de estudo, abriu uma gaveta e pegou uma embalagem de preservativo. Quando ele se aproximou novamente, parou ao lado da cama e voltou a me olhar minuciosamente.

Não consegui resistir e fechei as pernas envergonhada.

— Não — disse se aproximando — Não sinta vergonha Majuzinha. Você é linda, é perfeita.

Subiu na cama e ficou de joelhos na minha frente. Ele colocou ambas as mãos sobre os meus joelhos e separou minhas pernas. Devo ter ficado da cor de um tomate, pois ele sorriu sacana e encarou lá embaixo na maior cara de pau.

— Tudo em você é lindo princesa. Ela é linda também — ele disse deslizando o polegar sobre *ela*.

Eu fiquei muito dividida entre morrer de vergonha por ele estar novamente encarando minha vagina ou me derreter com o seu toque, claro que escolhi a segunda opção. Quando estava ficando bom ele parou de me estimular e com um cara safada, tirou a camiseta puxando-a pela gola, daquele jeito sexy que os homens sabem fazer.

Encarei seu abdômen definido incapaz de disfarçar. Como ele era perfeito.

Meu vizinho deu uma piscadinha e saiu da cama para terminar de se despir. Deliciosamente nu voltou deitando-se sobre mim. Ficou me encarando por um longo momento antes de começar a beijar o meu pescoço. Seus beijos foram descendo e ganhando meus ombros, meu colo até chegar aos meus seios.

Sua língua habilidosa circulou um, depois o outro me deixando louca de tesão. Quase fui levada novamente ao êxtase apenas com aquele toque.

Quando se deu por satisfeito por me torturar com seu toque, abocanhou um dos meus seios e o sugou lentamente. Não consegui abafar um gemido, foi quando ele parou e me encarou.

— Não se segura, Majuzinha. Quero ouvir você. Quero saber o quanto te deixo louca.

Sorri mordendo os lábios e assentindo. Rafa libertou meu lábio inferior dos meus dentes o puxando com os dedos e o beijou em seguida.

— Não fique tímida, princesa. Não precisa. Quero você entregue. Sem pudor.

Ele sorriu para mim e voltou a me beijar. Nos beijamos por tanto tempo e era tão bom beijá-lo que quase me esqueci o quanto o que estava por vir era ainda mais excepcional.

Ele só se afastou para colocar o preservativo. Voltou a me cobrir com seu corpo e apoiou o cotovelo na cama me encarando.

— Sabia que mal dormi a noite pensando na gente? — perguntou tocando meu rosto com o polegar.

Ai meu Deus, Rafa sendo fofo era outro nível.

Sorri e toquei o rosto dele também que aproveitou e beijou minha mão.

— O que você fez comigo, Majuzinha?

— Posso te fazer essa mesma pergunta — ele sorriu e sem avisar me invadiu. Senti meu corpo o acolhendo e senti uma leve ardência ao ser preenchida por ele.

— Ainda dói? — perguntou preocupado.

— Só um pouquinho — confessei.

— Quer que eu pare?

— Só quando a gente acabar. Não ouse parar agora! — sorriu e começou a estocar devagar.

Abracei o seu corpo com meus braços e pernas e o beijei. Suas investidas foram aumentando, mas pude perceber que ele se segurava para não avançar muito, provavelmente com medo de machucar. Só que eu queria mais, muito mais, tanto que comecei a investir contra ele o que foi um incentivo para o meu vizinho empurrar com mais força.

Fiquei louca.

Em poucos minutos estávamos chocando nossos corpos um contra o outro e nos beijando como se o mundo fosse acabar.

Foi diferente de como fizemos da outra vez, mas tão bom quanto. Ele dizia no pé do meu ouvido o quanto eu era gostosa e linda e o quanto ele estava louco por mim. Suas palavras invadiram a minha mente me deixando ainda mais apaixonada por ele.

O êxtase me atingiu tão violentamente que gemi sem pudor. Rafa sorriu e beijou a ponta do meu nariz antes de estocar mais algumas vezes e se libertar com os olhos gravados nos meus.

Perfeito! Perfeito! Perfeito!

Ele descansou a cabeça no meu ombro e ficamos por um tempo assim, apenas abraçados em silêncio. Não precisávamos dizer nada, não haviam palavras que pudessem descrever a intensidade do momento que compartilhamos juntos. Só que Rafa era Rafa e meu vizinho sem noção e filtro zero não conseguia ficar sério por muito tempo e eu amava isso nele.

Ele começou a colocar o peso dele sobre mim me esmagando de propósito. Sorria divertido o sacana.

— Hei! Agora que já me usou vai me esmagar é? — perguntei em tom de brincadeira. Ele tirou o peso do seu corpo de cima de mim na mesma hora.

— Jamais. Agora é que quero usar mesmo. — disse antes de morder meu queixo e sair de dentro de mim.

Rafa levantou-se e foi rapidamente ao banheiro jogar o preservativo no lixo, quando voltou deitou-se novamente de lado me puxando para ele,
NACIONAIS-ACHERON

entrelaçou nossos dedos e me encarou profundamente.

— Então? — me perguntou. Não entendi a pergunta então a devolvi.

— Então?

— Como é que a gente fica?

Olhei para ele embasbacada, sua pergunta me pegou totalmente de surpresa. Não soube o que responder até porque eu não tinha pensado sobre o assunto, estava ocupada demais lembrando-me da nossa primeira transa, das sensações maravilhosas que ele me proporcionou para pensar em algo mais, porém a única resposta que vinha a minha mente era *juntos*.

Só que eu não diria isso a ele. Não queria que ele se sentisse na obrigação de ficar comigo só porque transamos, eu era adulta e o tempo de assumir namoro por ter desvirginado alguém já havia passado há tempos.

— O que você tem em mente? — perguntei curiosa.

— Eu pensei que você, sei lá, poderia ser minha parceira sexual — disse sério.

Parceira sexual?

Eu tenho certeza que meus olhos horrorizados quase saltaram do meu rosto porque ele caiu na risada.

— É brincadeira, Majuzinha — esclareceu ainda gargalhando.

Sorri sem graça. Ele parou de sorrir e segurou meu queixo.

— Namora comigo Majuzinha? — perguntou me nocauteando pela milésima vez no dia.

Capítulo 42 – Dois Meses.



Rafa

Pedir a Maju em namoro foi novidade até para mim, pois até o momento em que a abordei no corredor do nosso andar, eu sequer sabia o que iria propor a ela. A única coisa que eu sabia e que tinha certeza era que a queria por perto, junto comigo. De resto eu estava mais perdido que cego em tiroteio.

Pedir para namorar Rafael Bastos? O que está acontecendo contigo, mané?

No entanto, olhando para o seu rosto totalmente tomado pela incredulidade eu começava a achar que não tinha sido uma boa ideia.

Por que ela estava pensando? Por que não dizia sim de uma vez?

— Você está brincando, né? — perguntou depois de insuportáveis minutos.

— Por que eu estaria brincando?

— Você não está falando sério — ergui uma sobrancelha e a encarei de cara feia. Minha vizinha marrentinha finalmente percebeu que eu falava sério — Você está falando sério.

Ela respirou e desviou o olhar para a porta do meu banheiro.

Diz alguma coisa, porra!

Era a primeira vez que eu pedia uma garota em namoro e o que eu

recebia de volta eram olhares incrédulos e silêncio. Não gostei.

— Por que você quer namorar comigo, Rafa? — ela perguntou de repente.

Por que? Pelo óbvio ora. Eu queria ficar com ela. Ter prioridade, exclusividade, coisas desse tipo.

— Por que eu quero mais disso que a gente acabou de fazer e quero com você — respondi deslizando meus dedos sob seu braço.

— A gente não precisa namorar para transar — respondeu decepcionada.

Putz falei merda.

— Não quero te namorar só para transar contigo, princesa. — tentei justificar, mas ela me interrompeu novamente.

— Mas você acabou de dizer que quer mais disso que acabamos de fazer.

— Sim eu disse, mas você não me deixou terminar — falei dando um beijo na cara emburrada dela — Transar contigo foi só a cereja do bolo, Maju. Você é muito mais, eu quero você na minha cama, quero poder te comer a hora que me der vontade, mas também quero te levar pra passear, quero assistir filme agarradinho, quero dançar contigo, quero poder te beijar no topo da Pedra Bonita, essas coisas.

— No topo da Pedra Bonita? — perguntou divertida.

— Na Pedra da Gávea se você preferir — sorri e ela claro, marrentinha toda vida revirou os olhos.

— O que te faz pensar que eu vou fazer trilha contigo?

— Namorada minha tem que gostar de aventura, de esportes radicais. — ela tapou a boca embasbacada antes de cair na risada. — Estou falando sério. Deixa eu te beijar no topo da Pedra Bonita, Maju?

Minha vizinha marrentinha riu alto, não resisti e sorri com ela, antes é claro de lhe tascar um beijão. Subi em cima dela e a beijei com paixão na esperança de que pudesse convencê-la a aceitar meu pedido.

Quem te viu, quem te vê, Rafael Bastos. Mais uma vez e vai querer casar.

— Então? — perguntei quando parei de beijá-la.

— Não — Maju respondeu e eu não consegui evitar minha cara de decepção.

Como assim, não?

Ela sorriu e afagou meus cabelos, mas não sorri de volta emburrado.

— Rafa os seus motivos são fofos eu tenho que admitir, mas pra namorar uma pessoa, pra se ter um compromisso com alguém é preciso mais do que isso e eu percebo o quanto você está confuso sobre a gente...

— Tem razão, princesa — foi a minha vez de interrompê-la — Eu estou confuso pra caralho quanto aos meus sentimentos, mas quero descobrir contigo. Não vou negar que não sei o que estou sentindo por você, mas você despertou algo em mim, Majuzinha. Então? Me ajuda a descobrir? — insisti.

Não ia dizer a ela que estava apaixonado, porque na verdade eu não sabia se estava, nunca tinha me apaixonado antes. Tinha medo até de supor, de dizer em voz alta, mas minha cabecinha confusa ainda não entendia o que meu coração já sabia.

— Vamos deixar acontecer...

— Eu quero exclusividade — a interrompi de novo.

— Quê que é? Você está achando que só porque eu transei com você vou querer fazer isso com outros caras também?

— Eu não quis dizer isso.

— Rafa você está acostumado demais com essas mulheres que transam contigo e com mais um monte sem ver nenhum problema nisso. Eu não sou assim — disse ofendida.

Puxei-a para mim e beijei sua boca. Ela não retribuiu de imediato, mas foi se rendendo aos poucos até que passou os braços pelos ombros. Explorei cada cantinho da sua boca gostosa enroscando a língua na dela que gemeu baixinho já entregue.

Quer me enlouquecer, Majuzinha? É só gemer pra mim.

Nos separamos e segurei seu queixo de modo que olhasse para mim.

— Entenda uma coisa, princesa. Se tem uma coisa da qual tenho certeza, é que você não é e nunca vai ser como as outras. Você é única. De

maneira alguma eu quis te comparar, eu só estou possessivo demais com relação a você e não soube como me expressar. Me desculpe.

Ela assentiu com um sorriso lindo e tocou meu rosto.

— Tudo bem eu acredito. Mas vamos deixar as coisas acontecerem naturalmente. Eu não vou a lugar algum. Estarei bem ali na porta da frente e espero que você esteja sempre por aqui e é claro que não fique com mais ninguém — ela disse a última parte tampando os olhos.

Tirei a mão do seu rosto e a encarei. O coração disparou só de olhar para seu rosto perfeito.

Rafa, Rafa, coração não dispara sem motivo. Assume vai. Você está apaixonado.

— Ei! — Maju disse me dando um peteleco na testa — Eu ainda estou aqui, sabia?

— Eu sei. Estou sentindo — respondi tocando o corpo dela que sorriu toda tímida. Linda toda vida — É isso que você pediu, nem precisava falar. Só quero comer a vizinha da frente.

— Safado!

— Mas tenho que confessar que estou triste, sabia? — falei entrelaçando os dedos nos dela, era incrível como eu gostava daquele contato.

— Por que?

— Porque você não quer namorar comigo. Eu sou um partidão, tá? Só pra você saber.

Minha vizinha marrentinha gargalhou.

— Eu sei que é. Faz o seguinte — pensou por alguns instantes — Daqui dois meses você me faz esse pedido novamente. Isso se você ainda quiser é claro. Dependendo de como estiverem as coisas entre a gente, eu aceito.

— Eu vou querer — falei mais do que depressa. Sou até meio desesperado.

— Então combinado, mas vai ter que pedir o meu pai. — arregalei os olhos. — É sério, você ainda não percebeu que eu sou a menininha do papai? — brincou, estava se divertindo as minhas custas a sacana.

Será que ela ainda não me conhecia? Cara de pau toda vida?

— Tu ainda não me conhece não, marrentinha? — ela parou de sorrir.

— Conheço sim e sem noção e filtro zero como você é, não duvido nada que peça mesmo.

— Sem noção e filtro zero? Logo eu? *Tsc* que injúria. Vou ter que te castigar Majuzinha. Ninguém me chama de sem noção e sai ileso.

— Ai que medo! — ela disse divertida.

— Vai rindo. Vou te chupar até você pedir penico. — seu sorriso morreu na hora e foi substituído por um rubor quase escarlate. — O que é? Gosta que eu faça, mas não gosta de me ouvir dizer? — foi a minha vez de cair na risada.

— Ai Rafa. Depois não quer ser sem noção. E pedir penico? Há séculos não ouço isso!

— Coisas da vó Henriqueta, mas não muda de assunto — aproximei minha boca do seu ouvido. — Deixa eu te chupar, Majuzinha?

— Pedindo assim — mordeu os lábios — *Tá* esperando o quê? Age Rafael Bastos!

Eu realmente tinha criado uma monstrelha, uma monstrelha que estava cheia de tesão. Não esperei resposta, caí de boca. Literalmente.



— Me conta sobre você — Maju pediu encarando nossas mãos unidas. Estávamos deitados de bruços do lado contrário da cabeceira da cama com os pés na parede.

Ela havia vestido minha camiseta sem mangas que tinha ficado bem decotada para ela, deixando parte dos seios à mostra e puta merda, parecia uma deusa, eu ao contrário, continuava pelado, claro. Pronto para o abate.

Brincadeira, Majuzinha não era mulher pra abate, era mulher para... Fazer amor.

Ai caramba, o que estava dizendo?

Já passada das onze da manhã e ainda não havíamos saído da cama. Como estava bom ficar na cama com Maju. Eu queria estender nossas

aventuras para outros cômodos da casa, para o chão, o box do banheiro, para a mesinha de estudos, mas por hora, na cama já estava perfeito.

— Está divagando de novo — ela disse me despertando.

— Você me deixa assim, meio aéreo, meio extasiado.

— No que você estava pensando?

— No quanto estou doido pra te comer no chão, na mesa, no banheiro, de pé, de quatro, essas coisas — minha marrentinha linda revirou os olhos vermelha.

— Por que eu ainda pergunto?

— Porque você gosta de ouvir as bobearas que saem da minha boca — ela assentiu sorrindo — Mas o que você quer saber sobre mim?

— Ah, sei lá. Com quantos anos foi sua primeira vez, com quem foi, se possível me falar o nome dela, RG e CPF.

Caí na risada.

— Majuzinha você fica tão engraçadinha fazendo gracinha. — beijei sua bochecha.

— Nossa tem tanto *inha* numa única frase. É impressão minha ou você está desviando o assunto?

— Já te disse, só pergunte o que quiser realmente saber e não, eu não estou desviando o assunto.

— Então desembucha.

— Ok. Já vi que não vou escapar dessa. Eu tinha treze anos. Foi com um a garota lá do prédio do Kay, ela tinha dezesseis anos. Nós três sempre fomos os mais unidos dos primos, não que não fôssemos próximos dos demais, mas por morarmos no mesmo bairro, perto e termos a mesma idade praticamente, éramos mais chegados. A gente vivia lá no Kay. Então essas duas irmãs se mudaram lá para o prédio dele, eram vizinhas do andar de baixo. Duas góticas, era todo mundo meio gótico lá na casa delas, a mãe, o pai e até o cachorrinho.

— Espera. Estou confusa, foram duas? — perguntou incrédula.

— Não. Foi com uma e depois foi com a outra — ela me encarou perplexa — Calma, foi uma de cada vez e em dias diferentes. — sorri

bagunçando o cabelo dela.

Eu e minha mania de ficar com irmãs.

— Ah tá. Vai, continua — pediu.

— Bom. Os três meninões de tudo ficaram de quatro pelas garotas, mas como eu sempre fui o mais esperto dos três, fui lá e tracei as duas — Majuzinha revirou os olhos. — Na verdade, foram elas que me traçaram, no começo.

— E eles? Seu irmão e o Kaiary?

— O Kay eu sei que pegou a mais nova depois, acho que foi primeira dele também. Agora o come quieto do Gabriel, vamos morrer sem saber se ele pegou alguma. Um tempo depois elas se mudaram e a nossa chance de descobrir se ele tinha transado, foi para o espaço.

— Nossa, trezes anos — ela assoviou.

— Fazer o que, se essas meninas de hoje em dia estão tão modernas. Nada contra, nada mesmo.

— Claro que não. — Maju sacudiu a cabeça em negativa. — Você já fez sexo a três? — perguntou de repente.

Que raio de pergunta era aquela?

— Já.

— Muitas vezes?

— Uma.

— Dois homens e uma mulher?

— Deus me livre! Não compartilho.

— Você gostou? — prosseguiu com suas perguntas indiscretas.

— A teoria é melhor que a prática, pelo menos eu achei. Você se imagina poderoso com duas mulheres e acha que vai ser a melhor transa de todas, mas a realidade é bem diferente, pelo menos foi para mim.

— Não entendi.

— Ah sei lá. Acabei ficando preocupado com meu desempenho, se ia conseguir dar prazer as duas da mesma forma e ao mesmo tempo. Quando acabou foi cada um pro seu lado. Me senti estranho, frustrado. — Maju ficou

em silêncio por um tempo. Uma ansiedade besta começou a me invadir por ter dito aquelas coisas pra ela, mas pô eu não sabia e não queria mentir para ela. Só esperava que o seu conceito sobre mim não caísse. — Por que está me perguntando isso?

— É que você disse que ficou com as irmãs e eu sei que foi com uma de cada vez, mas fiquei curiosa para saber se você já tinha feito com mais de uma pessoa.

— Decepcionada? — não resisti e perguntei.

— Não — ela sorriu — Faz parte de quem você é. Não tem como ficar decepcionada. — sorri todo bobo — Só não faça mais isso!

— Não vou — dei um beijo nela — Não quero — dei outro beijo — Não preciso — dei mais um beijo — Agora sua vez. Me conta sobre você.

— O que quer saber?

— Porque o inútil do seu ex-namorado não foi seu primeiro? Graças a Deus por isso, mas fiquei curioso. Ele não tentou?

— Claro que ele tentou, bastante, mas sei lá, o Brady nunca me fez sentir essa vontade maluca de transar com ele, como você fez.

— Eu preciso dizer que vou ficar muito convencido depois dessa sua confissão — brinquei.

— Bobo. Mas é sério, rolava umas carícias mais íntimas, mas eu sempre me esquivava. Até que chegou o dia em que eu disse que não estava pronta. Ele entendeu e eu achei legal da parte dele e ele nem tentou mais depois disso. Só que depois eu descobri que ele estava pegando quase todas as garotas do colégio nas minhas costas. Enfim, acabou.

— Que otário! Mas bom pra mim. — sorrimos.

— Ele e a Evelyn estão namorando agora. — contou com uma expressão de desdém.

— E você está bem com isso?

— Quanto a ela estar namorando meu ex, sim. Eu só fiquei chateada de ela ter escondido de mim, mas também já passou. Eu só espero que ela não sofra. Pra mim ele ainda é um babaca.

Puxei-a para mim e a abracei. Eu tinha que agradecer ao idiota do ex,

por não ter sido homem o suficiente para levá-la para a cama.

— Rafa preciso ir — ela disse se afastando um pouco — Já passa das onze, eu tenho aula o dia todo hoje.

— Não vou te deixar sair dessa cama. Você vai passar a noite comigo.

— Mas ainda é de manhã! — sorriu e meu Deus cada vez que ela sorria daquele jeito, mas perdido eu ficava.

— Então você vai passar a tarde e a noite comigo.

— Você não tem que estudar ou trabalhar não, é?

— Hoje eu só tinha aula de manhã e não vou para o estágio. A propósito, aquilo não se pode ser chamado de trabalho.

— Não está feliz estagiando sei lá onde? Desculpa acho que você não me disse onde é.

— É em um escritório de um amigo do meu pai, perto ali da Cinelândia. Na verdade, o problema nem é o escritório. Sei lá, eu estou chegando no final do curso e pra te ser bem sincero, ainda não sei se é o que eu quero fazer.

— Você deveria fazer o que gosta, o que te deixa feliz.

O que me deixa feliz neste exato momento é você Majuzinha.

Há tempos que eu estava com dúvidas se queria realmente advogar, mas nunca tinha ousado dizer em voz alta nem para mim, muito menos para outra pessoa e poder dizer isso para ela e ouvir de volta o que ela disse me deixou ainda mais encantado pela vizinha linda e marrentinha de olhos bicolores.

— Eu já te falei que você é linda, hoje? — perguntei deslizando os dedos por entre os seios dela até chegar ao umbigo. Fiz carinho na cintura dela e fui descendo.

— Não. — disse toda mole do jeitinho que eu gostava de deixá-la.

— Pois você é. Perfeita.

— Vou ficar convencida.

— Fique — falei segurando o queixo dela. — Olhos bicolores.

— Olhos bicolores?

— *Uhum*. Minha garota de olhos bicolores.

Maju me puxou e me beijou com carinho.

— *Tô* de pau duro Maju — falei quando deixei os lábios dela e comecei a distribuir beijos pelo seu pescoço.

— Percebi — respondeu com a voz exalando desejo.

Só que naquele exato momento, a barriga dela roncou de fome. Ela sorriu envergonhada e eu me senti culpado. Ataquei a garota as sete da manhã e desde então estava queimando calorias com ela sem me preocupar com mais nada. Sem falar que eu também não tinha comido nada.

— Você está com fome princesa, foi mal. Eu não me liguei em mais nada.

— Está tudo bem, Rafa. Nem tinha me dado conta de que estava com fome.

— Eu nem café da manhã tomei. *Tai*, vamos sair para tomar café — falei me levantando.

— Rafa já vai dar meio-dia. Está na hora é de almoçar.

— A gente almoça depois. Meio-dia sai croissant quentinho na padaria do seu Bené.

— *Hummm*, adoro aqueles croissants! — ela disse lambendo os lábios e eu quase desisti de sair do quarto.

— Faz isso de novo que a única coisa que você vai ganhar é *piroca*.

— Ai Rafa! — ri alto.

— Vem. Se veste logo antes que eu mude de ideia.

Capítulo 43 – Irrevogavelmente.



Maju

Entramos de mãos dadas na padaria e o Rafa foi direto ao balcão para fazer nossos pedidos.

Sentei-me em uma mesa perto da entrada e fiquei o observando conversar animado com o seu Bené. Meu vizinho usava a camiseta branca que eu tinha vestido mais cedo, uma bermuda de tãctel preta e chinelos, simplesmente lindo e não só eu como a atendente da padaria provavelmente também achou. Percebi que ela não conseguia desviar o olhar dele.

A garota viu que eu a observava e sorriu para mim sem graça.

Eu te entendo, moça.

Rafa exalava energia positiva por onde passava e era contagiante. Sorri toda apaixonada quando ele veio na minha direção trazendo uma bandeja cheia de croissants. Ele se sentou de frente para mim e já foi pegando um e levando na minha direção.

— Vai abre a boca — disse animado.

— Eu tenho mão sabia? — falei brincando. Com certeza meu sorriso idiota estava maior do que a minha cara.

— Sabia. Deixa de ser marrentinha e me deixa alimentar você.

Fiz o que ele pediu e dei uma *mordidona* do croissant. Estava realmente delicioso.

— Bom, né? — perguntou mordendo um pedaço do mesmo que me ofereceu.

— U-hum — respondi mastigando.

A garota trouxe nosso café e Rafa agradeceu sorrindo para ela que se retirou toda vermelha.

Balancei a cabeça sorrindo.

— O que foi? — perguntou curioso.

— Acho que você tem uma fã — falei apontando com a cabeça na direção da garota.

— A filha do seu Bené? — se fez de desentendido o sacana. Ergui a sobrancelha. — Não quero virar massa de pão, princesa. Se bem que eu já sou um pão você não concorda? — sorriu e segurou minha mão sobre a mesa.

— Estou impressionada com a sua modéstia.

— E eu com a sua capacidade de me enlouquecer. Impressionada com a minha sinceridade também? — Rafa piscou para mim antes de beijar minha mão.

— Com certeza. É uma das coisas que mais gosto em você.

— Ah é? E o que mais você gosta em mim? — perguntou divertido.

— Deixe-me ver — fingi pensar. — Do quanto você é sem noção e filtro zero. — caí na risada da cara que ele fez.

— Você já viu o que acontece contigo quando me chama dessas coisas aí, não é? — sorri assentindo.

— É por isso que estou dizendo — respondi pegando outro croissant.

— Safadinha! — dei os ombros mastigando.

— Culpa sua que me deixou assim — ele sorriu toda linda e ai caramba, como eu estava encantado com aquele sorriso — Mas e você? O que você mais gosta em mim? — perguntei com curiosidade.

Ele fez uma cara lerda que quase me fez desistir de querer saber.

Lá vem besteira!

— Deixe-me ver — foi a vez dele de fingir estar pensando e quando ele finalmente falou, sua resposta me surpreendeu.

— Gosto dos seus olhos. De como eles mudam de cor. Este aqui — ele apontou para o meu olho direito. — Às vezes ele está mais para um tom de verde e outras vezes está mais para um tom de mel, o que me faz concluir que você não tem os olhos bicolores, na verdade, são tricolores e eu amo isso em você.

Rafa suspirou e me encarou por alguns segundos antes de continuar e suas palavras ficaram martelando em minha mente.

Amo isso em você, amo isso em você.

— Gosto de poder falar sobre qualquer coisa contigo, sem ser julgado ou criticado. Adoro o seu sorriso e como fica toda envergonhada quando falo besteira e amo a sua cintura. Tenho um tesão do caralho nela — sorri. Rafa sendo Rafa. — E adoro quando você fica toda chatinha marrentinha. — fechei a cara e ele gargalhou.

Coloquei língua para ele, mas por dentro meu coração dava piruetas com todas aquelas revelações. Eu imaginava que ele fosse começar dizendo besteiras, algo sexual, mas falar o que ele falou e principalmente sobre as diferentes tonalidades dos meus olhos foi...

Ai Rafa, estou muito apaixonada por você!

— Agora é você quem está divagando — disse alisando meu braço.

— Desculpe eu fiquei surpresa. Pensei que você fosse dizer alguma besteira.

— Gosta de me ouvir falar besteira, né? Tudo bem. — ele piscou e se levantou para sentar do meu lado. Rafa se aproximou e disse bem baixinho no meu ouvido. — Gosto de ouvir você gemendo gostoso quando está chegando lá.

Minha cara queimou de vergonha, mas a minha calcinha ficou molhada. Revirei os olhos sorrindo incapaz de dizer algo a altura. Rafa sorriu satisfeito por ter me deixado envergonhada mais um vez e bebeu um gole do seu café.

Depois que acabamos de comer. Meu vizinho depravado e sem noção foi até o caixa pagar a conta. Quando voltou pegou na minha mão e me levou com ele para fora da padaria.

— E agora? — perguntei louca para saber se voltaríamos para o seu

apartamento para ele poder me ouvir gemer novamente.

— Vamos caminhar um pouco na praia. O que acha? — ele respondeu.

Sorri amarelo tentando esconder minha decepção.

— Ok.

Atravessamos a rua e seguimos em direção ao calçadão. Caminhamos de mãos dadas pela orla e de vez em quando ele puxava minha mão e a beijava despreocupado. Eu ouvia atenta enquanto ele me contava da época em que era criança e passava as férias na fazenda da avó. Sorri maravilhada com suas histórias de moleque sapeca e travesso que a cada passeio pela fazenda ganhava uma nova cicatriz.

— E essa? — perguntei alisando uma cicatriz que ele tinha no pulso quando nos sentamos na areia.

— Essa foi de um tombo na cachoeira. O Guilherme me empurrou e eu cortei em uma pedra.

— Tadinho — falei beijando a cicatriz.

— Levei três pontos.

— E você? Como foi sua infância?

Meio traumática?

— Normal. Deve ser legal crescer em uma família tão grande e com tantos primos. — mudei o foco para ele novamente.

— É — Rafa virou meu rosto para ele e me encarou intrigado por alguns segundos e eu rezei para que não insistisse no assunto.

Não gostava de falar sobre a minha infância, pois falar dela incluía falar que eu tinha sido adotada, que tinha sido abandonada pela minha própria mãe e aquilo era algo que eu tentava esquecer desde então.

Rafa sorriu e me puxou para que eu sentasse no meio de suas pernas. Ele repousou o queixo no meu ombro e me abraçou. Encostei minha cabeça na dele entrelacei nossos dedos.

Ninguém disse nada, mas era um silêncio bem-vindo. Apesar de não ter dito nada sobre minha infância, sabia que ele havia percebido que eu não gostava de falar sobre meu passado e respeitou. Naquele momento eu tive a certeza de que eu não estava apaixonada pelo meu lindo vizinho sem noção.

Eu o amava.

Já era quase noite quando voltamos para o apartamento dele e fomos direto para a cozinha famintos. Passamos o dia todo batendo pernas. Depois da praia fomos ao shopping cheios de areia, lá tomamos sorvete, olhamos as vitrines das lojas e tiramos fotos em um painel de festa junina que tinha lá.

Rafa pediu a um rapaz que passou por nós para tirar a foto. Era daqueles painéis que você coloca a cabeça no lugar do rosto dos bonecos. Eu não queria pagar um mico daquele em pleno shopping, mas era impossível dizer não a ele, palhaço toda vida. E acreditem, ele ainda comprou um sapo gigante de pelúcia para mim, só para me deixar mais constrangida passeando com o bicho enorme pelo shopping. Mas no fundo eu adorei, ainda mais quando ele disse que era pra eu dormir agarradinha com o bicho quando ele não estivesse comigo.

Também fomos no parque dentro do shopping. Jogamos naqueles brinquedos de atirar, fomos na barca e por último, para encerrar, fomos ao boliche. Perdi feio e claro tive que pagar. Ele me fez tirar uma foto agarrada com o sapo. Coisas de Rafa.

Descobri o quanto sua companhia era agradável. Descobri o quanto sua presença era contagiante e descobri também que aquele cara que se divertiu o dia todo comigo fazendo coisas insignificantes, aquele era o verdadeiro Rafa. Então, ele poderia ser sem filtro e sem noção e algumas vezes idiota – claro porque rapazes são idiotas – o quanto quisesse, pois eu o amaria do mesmo jeito pelo que ele realmente era.

IN.CRÍ.VEL.

— *Touché* — Rafa disse tirando uma travessa do que parecia uma lasanha da geladeira — Essa é a vantagem de ter um irmão cozinheiro. Lasanha, gosta?

— Gosto sim. Quer dizer que o Gabriel é cozinheiro? — perguntei.

— Sim. Ele trabalha naquele restaurante chique perto da padaria. A Angel também trabalhava lá, mas agora que ela se casou e vai morar em Niterói não sei se ela vai continuar. O restaurante tem uma filial em Niterói também, então pode ser que ela trabalhe lá.

Rafa colocou a lasanha para esquentar no micro-ondas e pegou uma

garrafa sei lá de que dentro do armário. Fiquei o observando enquanto ele colocava uma quantidade do líquido meio caramelo num copo, guardando em seguida a garrafa no armário. Ele abriu novamente a geladeira e pegou uma caixa de suco e uma garrafa de refrigerante.

— Suco ou refri?

— Porque não posso beber isso que você vai beber? — perguntei curiosa por ele não ter me oferecido.

— Porque você não tem cara de que bebe conhaque, princesa. — ele respondeu erguendo a garrafa de refrigerante e a caixa de suco uma de cada vez.

— Suco — respondi. Ele sorriu e guardou o refrigerante.

Meu vizinho lindo pegou um copo, o encheu de suco e me entregou. Ele sentou-se ao meu lado puxando a sua cadeira para mais perto da minha.

— Saúde — disse batendo o copo dele no meu.

— Quero experimentar. — apontei para o copo dele que ergueu a sobrancelha. — Quero saber que gosto tem.

— Tem certeza? — ele perguntou indeciso. Sorri e peguei o copo da mão dele. Dei um gole pequeno e credo. Era horrível.

Eca! — resmunguei sentindo minha garganta arder. — Como você bebe isso? Ele caiu na risada.

— É um Rémy Martin^[14] Majuzinha. É um pecado você dizer que é eca — o encarei com cara de paisagem. Rafa sorriu e me entregou o copo novamente.

— Você bebeu rápido demais. Experimenta deixar o líquido rolar por alguns segundos na sua boca antes de engolir e tenta não engolir ar junto.

Peguei o copo desconfiada e fiz o que ele disse. Queimou menos na segunda vez, mas ainda assim era ruim.

— Ainda é ruim — sorri devolvendo o copo.

— Vamos fazer uma última tentativa — ele disse e bebeu um gole da bebida. Rafa se aproximou de mim e segurou meu rosto entre as mãos.

Beijou-me com delicadeza deixando uma pequena quantidade do líquido da sua boca escorrer para a minha. Engoli e continuei o beijando até

que ele se afastou, claro que eu tive que me segurar para não tossir por a bebida ser tão forte.

— E então? — perguntou com um sorriso divertido.

— Na sua boca qualquer bebida fica deliciosa — respondi atrevida. Rafa me encarou surpreso e agarrou meu pescoço me puxando para mais um beijo que demorou apenas alguns segundos, mas que pareceu uma eternidade.

Na lona, com gosto de conhaque!

O gosto da bebida misturada ao gosto dele realmente era de outro mundo. Ele era de outro mundo e eu queria desesperadamente viver naquele mundo eternamente.

O micro-ondas apitou nos obrigando a afastar um do outro. Meu vizinho lindo foi até o aparelho e retirou a lasanha que fumegava e exalava um cheiro delicioso por todo o apartamento. Nos servimos de pedaços generosos, afinal estávamos famintos.

— Bom, né? — Pela minha cara estava óbvio que a lasanha do Gabriel estava *mega* aprovada.

— Muito — bebi um pouco do meu suco enquanto o Rafa servia um pouco para ele no mesmo copo que havia bebido o conhaque.

— Por que você não bebe cerveja como qualquer cara normal? — perguntei.

— Porque eu não sou como qualquer cara normal — disse convencido.

— Tenho que concordar. Você é deliciosamente único — meu vizinho estreitou o olhar e me encarou.

— Sou eu quem diz essas coisas pra você. Não toma meu posto vai — gargalhei.

— Tudo bem, mas é sério, você não bebe cerveja?

— Se tiver algum destilado, não. Tem uma história por trás disso, quer ouvir?

— Claro! — respondi empolgada.

— Cresci assistindo meu avô produzir sua própria cachaça. Ele tinha um pequeno alambique lá na fazenda e produzia para consumo próprio, pra presentear parentes e pra colecionar mesmo. Eu era moleque de uns dez anos

quando experimentei pela primeira vez uma de suas cachaças. Ele me deu escondido da minha mãe e depois disso toda vez que eu ia pra lá, gostava de ir para o alambique com ele e sempre antes da gente voltar para a sede, meu avô me dava uma pequena dose, então passei a gostar. Depois, já adolescente fui experimentando outros destilados na companhia dele, uísque, licor, mas ele só me deixava beber uma dose, era o nosso segredinho sujo — ele suspirou — Meu avô morreu quando eu tinha quatorze anos e desde então, bebo em sua homenagem.

Meus olhos se encheram de lágrimas por presenciar a emoção que ele sentiu ao falar do avô. No entanto, dar bebida alcoólica para uma criança de dez anos não era legal. Mas é claro que eu jamais diria isso.

— Aposto que foi uma época feliz — fiz carinho na bochecha dele.

— Com certeza — Rafa assumiu uma expressão de predador me encarando como se eu fosse sua presa e eu era. Definitivamente eu era. Ele me puxou para sentar em seu colo e eu fui obediente.

Suas mãos foram para a minha camisa e ele rapidamente abriu os botões deixando minha pele exposta e meus seios cobertos apenas pelo sutiã.

— Não deveríamos ir para o quarto? — perguntei ofegante quando senti seus lábios ganharem minha pele.

— E perder a chance de realizar minhas fantasias? — falou antes de abaixar o bojo do meu sutiã e abocanhar meu seio.

Rafa circului meu mamilo com a língua daquele jeito que me deixava alucinada. Gemi baixinho e joguei a cabeça para trás. Ele deslizou as mãos pelo meu pescoço e o segurou de leve. O telefone dele começou a tocar, mas nenhum dos dois pareceu “querer” ouvir. A ligação cessou e o Rafa me ergueu sentando-me na mesa. Eu ainda estava com medo de chegar alguém e nos flagrar na cozinha, mas o desejo que estava me consumindo estava também dificultando minha capacidade de raciocinar. O telefone voltou a tocar e estava muito claro que ele iria continuar ignorando, até que alguém o chamou numa espécie de rádio.

— Rafa é o Gustavo — a voz ecoou pela cozinha. — Cara o Gabriel está precisando de ajuda.

Meu vizinho me soltou bruscamente e agarrou o celular.

— O que aconteceu? Ele está bem? — perguntou preocupado.

— Calma. Não aconteceu nada grave. Ele só está muito bêbado e se recusa a nos dar a chave do carro, quer ir embora dirigindo. Rafa teu irmão não está conseguindo ficar de pé, cara.

— Dá um soco e desmaia. Coloca ele em um táxi e manda pra cá. Estou em casa.— meu vizinho disse frustrado.

Arregalei os olhos incrédula.

— Eu não vou socar ninguém, cara. Seu irmão está mal, até chorou aqui no bar, pra quem quisesse ver.

— Puta que pariu. Não me diga que a vadia da Bia esteve por aí?

— Esteve e posso te dizer que a conversa não foi nada amigável. Ela saiu chorando para um lado e ele para o outro.

— Estão do lugar de sempre?

— Sim.

— Segura esse idiota aí Gustavo que eu estou chegando.

— Valeu.

Meu vizinho me encarou e sua expressão era um misto de irritação e preocupação.

— O Gabriel está me saindo um empata foda do caralho — disse bufando. — Desculpa princesa, mas preciso buscá-lo.

— Eu levo você — falei abotoando minha camisa.

— Não se preocupe com isso Majuzinha, bebi duas doses. Nem fez efeito.

— Rafa — falei segurando seu rosto — Eu vou com você — disse firme.

Ele assentiu e beijou minha testa. Desci da mesa e comecei a colocar as louças que sujamos na pia enquanto o Rafa foi até o quarto pegar as chaves do seu carro. Aproveitei para guardar o que havia sobrado da lasanha.

— Vamos? Não é longe daqui — assenti e seguimos para o estacionamento.

Realmente o bar não era tão longe e não demoramos a chegar.

— Vem — ele disse segurando a minha mão.

Eu não queria achar fofo o fato de ele ter entrado de mãos dadas comigo no bar que provavelmente estava cheio de amigos dele, mas não pude evitar.

Avistamos o Gabriel jogado em um desses bancos que pareciam um sofá. Ao lado dele estavam o tal Gustavo que tinha sido padrinho do casamento da Angel e outro rapaz que eu não conhecia. Os dois nos encararam visivelmente surpresos por chegarmos ali juntos e ainda mais de mãos dadas, mas foram ignorados por um Rafa bastante preocupado.

— Gabriel? — ele chamou pelo irmão que sequer abriu os olhos — Acorda, porra! — meu vizinho gritou sacudindo o irmão que apenas resmungou.

— Que merda aconteceu? — Rafa perguntou para os rapazes.

— A Bia começou a ligar para ele insistentemente. Ela insistiu pra que eles se encontrassem pra conversar. A princípio seu irmão ignorou, só que depois disso ele começou a beber, então lá para a décima ligação dela, ele cedeu e disse onde estava. Ela apareceu aqui e foi um arranca rabo que só. Depois eles foram lá pra fora, aí não vimos mais nada. Quando ele voltou acabou de entornar os canecos de vez, chorou igual menino. Deu nisso aí — o Gustavo esclareceu. — Tentamos mandá-lo pra casa, mas ele só sabia mandar a gente ir se ferrar e cuidar das nossas próprias vidas. Até aí tudo bem, mas aí ele inventou de querer ir embora dirigindo, por isso te liguei. Foi mal ter atrapalhado qualquer coisa — essa última parte ele falou com um sorrisinho sarcástico.

— Nada do que a gente não possa recuperar — Rafa respondeu e minha cara é claro rachou de vergonha. — Gabriel acorda!

Como o Gabriel permaneceu inerte, Rafa pediu ao cara *bombadão* para ajudar a levar o Gabriel para o carro. Conseguimos localizar o carro dele na rua de trás do bar. Os meninos o colocaram lá dentro. Enquanto o Rafa conversava com o Gustavo o outro se aproximou de mim sorridente.

— Prazer eu sou o Maycon. Você não se lembra de mim, não é? — disse me estendendo a mão — Eu também estava na festinha na casa dos Bastos outro dia.

— Desculpe não me recordo — falei retribuindo seu aperto de mão.

— Caralho que olhos incríveis que você tem! — foi se aproximando.

— Obrigado também acho. — não fui eu quem respondeu e sim um Rafa muito carrancudo. Tive vontade de rir da cara que o garoto fez, mas não achei apropriado.

— Foi mal. Só estava elogiando — o tal Maycon respondeu sem graça.

— E eu agradecendo, porra! — Rafa virou-se para mim e me entregou a chave do carro dele. Vou logo atrás de você, princesa. Dirige com cuidado. — falou manso ignorando a cara embasbacada do amigo.

— Ok. — fui em direção ao seu carro enquanto ele se despidia dos amigos. Fui o caminho todo sentindo pena do Gabriel. Ele parecia uma cara tão legal. Como aquela tal de Bia pôde sacaneá-lo? O pior era que parecia que ele ainda gostava dela, não teria bebido como bebeu se não houvesse mais sentimentos.

Sorri lembrando-me da *ceninha* de ciúmes do Rafa. Era a segunda vez que ele agia daquela forma e eu confesso que estava adorando.

Ciúmes não é uma coisa saudável, Maju — meu subconsciente me dizia, mas eu não conseguia deixar de achar fofo ver o Rafa com ciúmes de mim. Afinal era o Rafa. O cara que não namorava, que nunca tinha se apaixonado antes. Sorri ainda mais lembrando daquele fato.

Você gosta de mim, Rafael Bastos.

Quando chegamos ao estacionamento do prédio ajudei a levar o Gabriel até o apartamento. Só quando o sentamos no sofá foi que ele deu sinal de vida. Meu vizinho lindo já estava começando a se desesperar pensando que o irmão talvez estivesse entrado em coma alcoólico.

Eu não podia deixar de admirar a forma com que ele se preocupava com o Gabriel, perguntando o tempo todo se ele estava bem, se queria alguma coisa.

Para de babar colorido no vizinho sem noção e foca no problema, Maju!

— Gabriel fala alguma coisa ou vou te levar para a emergência e mandar te encherem de injeção, caralho! — é claro que eu ri.

— Vai se ferrar! Me deixe em paz! — Gabriel finalmente falou

NACIONAIS-ACHERON

deixando meu Rafa – *eu disse meu?* – aliviado — Vai aproveitar seu tempo com a garota. Não era você que estava todo desesperado porque ela não queria mais saber de você? — Gabriel disse com uma voz enrolada.

— *Tá falando merda* — Rafa o advertiu, mas ele ignorou.

— É verdade, *Majuzinha* — Gabriel deu ênfase ao Majuzinha — O Rafa aqui está caidinho por você. Não sei as quantas vocês andam, mas desde que você apareceu, ele só fala em você, só... — ele não conseguiu concluir – infelizmente – pois vomitou em si próprio.

— Que merda, Gabriel! — meu vizinho esbravejou — Princesa eu vou dar um banho gelado nesse idiota, e colocar ele para dormir antes que eu mesmo o soque.

— Tudo bem — aproximei-me e beijei seu rosto — Boa noite.

— Calma! Não tão rápido. Seus pais estão em casa?

— Não — respondi ansiosa.

— Então deixa a porta destrancada. Cuidando do *bebum* aqui, vou pra lá ficar com contigo. Tudo bem?

Tudo bem? Tudo ótimo!

Deixei o apartamento dele extasiada, mais um pouco e era capaz de eu conseguir voar de tão nas nuvens que eu estava e com tudo o que aconteceu, claro menos a parte do porre do coitado do Gabriel.

Tomei um banho demorado e relaxante, as palavras do Gabriel não me deixavam.

Rafa aqui está caidinho por você.

Bom se o próprio irmão estava dizendo eu podia confiar, não é?

Vesti apenas a minha camiseta do Racionais e nada mais. Deitei na cama com o Rafa felino ao meu lado. Não fiquei a vontade sem calcinha. Levantei e vesti uma me deitando novamente. Agarrei o bichano no melhor estilo Felícia.

— Papai já vem pra ficar com a gente — disse para o bichano — Aff Maju! — recriminei a mim mesma pela sandice que eu disse, mas sorri. Acabei cochilando esperando por ele.

Acordei com o Rafa – o humano – deitando-se ao meu lado.

— Desculpa a demora, princesa — disse cheirando meu pescoço. — O idiota do Gabriel deu trabalho. Trouxe seu sapinho, você esqueceu ele no carro.

— Obrigada. E como o Gabriel está? — perguntei acendendo a luz do abajur.

— Desmaiado — sorrimos. — Vem aqui filhão — Rafa disse pegando o gato. — Estava com saudade do papai?

Sorri. Pelo menos eu não era a única maluca.

— Meu irmão ainda gosta daquela maluca — meu vizinho suspirou contrariado.

— Infelizmente a gente não manda no coração, Rafa. — ele me encarou por alguns instantes de um jeito tão intenso que me deixou desconcertada. Tocou o meu rosto carinhosamente e suspirou lentamente.

— Estou começando a perceber isso.

E lá estava mais uma vez uma Majuzinha irrevogavelmente nocauteada, mas de amor.

Capítulo 44 – De Todos os Jeitos e Formas Possíveis.



Rafa

Maju me encarou com ansiedade e com os olhos cobertos de significados. Ela entendia, estava sentindo o mesmo que eu.

Com certeza estava sentindo o coração descompassado no peito. Coloquei a mão sobre o seu coração apenas para constatar o que eu já sabia. Com certeza estava sentindo aquela sensação de borboletas no estômago acompanhado de um frio na barriga. Sua respiração estava acelerada, eu podia ver seu peito subir e descer e com certeza aquele brilho em seu olhar refletia a mesma emoção que os meus transmitiam.

Engoli em seco embasbacado demais com a imagem perfeita da menina mulher a minha frente. Ela ansiava por meus toques e caralho eu ansiava demais por estar dentro dela.

Toquei seus lábios com meu polegar e ela fechou os olhos absorvendo meu toque. Maju segurou minha mão e a levou decidida até a sua intimidade e puta merda, fiquei doido. Ela despertou o mostro que estava a um tempo adormecido dentro de mim. Parti pra cima dela, sem delicadeza. Segurei suas mãos e as preendi acima da sua cabeça. Ataquei sua boca afoito demais e cheio de tesão. Tive medo de que ela se assustasse com minha urgência, então, com muito esforço recuei. Se eu não parasse logo não responderia pelos meus atos.

Encarei seus lábios vermelhos pela voracidade dos meus beijos e aquilo

só me deu mais vontade de beijá-la. Minha Majuzinha respirava rápido e sorria linda para mim.

— Rafa — ela disse ofegante — Não se controle. Me faz sua do jeitinho que você quer porque eu te quero o tanto quanto.

Porra Maju.

— Você vai me levar à loucura garota. Ainda vou parar num sanatório por sua causa. — ela sorriu só para me nocautear de vez.

— Eu estarei lá te esperando.

E foi assim, gostoso e selvagem. Muitos gemidos, muito suor, muita carícia e possessividade, mas não foi como era com as outras. Com as outras era só sexo. Era carnal. Com ela foi puro sentimento.

Éramos dois corpos querendo se fundir, mas também dois corações em sincronia.

Éramos pura luxúria, mas éramos também pura paixão.

Beijei-a com tanta intensidade que pensei ter machucado os lábios dela. Se o fiz, ela não se queixou. Soltei seus braços e levei as mãos direto na sua calcinha. Tirei-a rapidamente, de novo sem delicadeza.

Saí de cima dela e arranquei a minha camiseta. Procurei rapidamente os preservativos que havia levado comigo e apenas abaixei minha bermuda junto com a cueca. Rasguei a embalagem de um e o vesti rapidamente sobre o meu comprimento. De joelhos no meio das pernas dela, puxei-a para mim elevando um pouco seu quadril e a invadi sem aviso.

Comecei a estocar. Usei meu polegar para estimular seu clitóris. No início estava gostoso, mas senti falta de contato. Soltei-a e me deitei sobre ela atacando seus lábios.

Majuzinha arranhou minhas costas gemendo toda linda, do jeitinho que eu gostava. Sorri já percebendo que entre a gente não ia ter frescuras e eu estava mais do que satisfeito com isso.

Entre quatro paredes poderíamos ser e fazer o que bem quiséssemos e faríamos. E eu estava doido para mostrar a Majuzinha os prazeres que podíamos compartilhar juntos.

Inverti a posição colocando-a por cima e notei seu constrangimento quando ficou sobre mim. Caralho. Ela era coisa mais linda desse mundo, toda

tímida então, era minha ruína. Levantei a camiseta dela que me ajudou a tirá-la. Agarrei seu pescoço e a puxei para um beijo. Deslizei a língua sobre seus lábios antes de invadir sua boca em um beijo lento e molhado que logo foi substituído por um beijo sôfrego. Afastei-me novamente e a encarei.

— Te quero de todo os jeitos e formas possíveis Majuzinha e você? Também me quer? — perguntei com nítida ansiedade.

— Quero — ela disse sem hesitar.

— Então não sinta vergonha, princesa. Vai. Me cavalga. Seja minha amazonas.

Ela mordeu os lábios indecisa, mas fez o que eu disse. Tímida, mas decidida, me colocou novamente dentro dela e começou a se mover inibida, mas foi até eu segurar sua cintura e começar a ajudá-la. Ela foi perdendo a timidez e logo ela já estava cavalcando deliciosamente sobre mim.

— Gostosa! — sussurrei no seu ouvido quando a puxei para mim. Beijei-a novamente enquanto ela rebojava já familiarizada com a posição.

Segurei sua cintura com uma mão e sua nuca com a outra para que não se afastasse de mim. Para que não parasse de me beijar. Nos chocamos quase com violência, sedentos de desejo. Éramos puro fogo incendiando tudo ao nosso redor.

Majuzinha não resistiu por muito tempo e gozou gemendo contra os meus lábios.

Esperei os últimos espasmos abandoná-la e a puxei para que descansasse sobre mim. A abracei com carinho desgrudando seus cabelos das suas costas suadas.

— Fui bem? — ela perguntou.

Foi bem? Majuzinha você foi excepcional.

— Foi perfeita — respondi beijando seus cabelos.

Ela ergueu-se de repente e me encarou intrigada.

— Mas então por que você não terminou?

— Porque quero gozar contigo na próxima. — ela suavizou a expressão — Você em primeiro lugar.

— Gostei assim — ela disse tímida e caralho, eu já disse que ela ficava

linda toda envergonhada?

— Gostei também — falei antes de beijar seus lábios com carinho. — Gostei demais. Não te machuquei, né?

— Não. — respondeu me encarando — Você vai ficar assim? Vestido? — perguntou tocando a minha bermuda.

Perguntava sobre a roupa, mas encarava meu pau para fora da bermuda ainda *encapado*.

— Não vou. Tira a minha roupa, Maju? — pedi com um sorriso malicioso que foi correspondido a altura.

Devo confessar que eu adorava a Majuzinha tímida, mas enlouquecia pela Majuzinha consumida pelo desejo. Ela ficava corajosa.

Maju sorriu e mordeu os lábios quando me levantei ficando de pé ao lado da cama. Apontei para a minha bermuda com cara de inocente. Ela também saiu da cama e posicionou-se ao meu lado. Seus dedinhos ágeis se enfiaram no cós da minha bermuda e logo o resto das minhas roupas também estava no chão.

Levantei-a em meus braços e a encostei na parede mais próxima. Ela encaixou a pernas em volta da minha cintura e gemeu quando sentiu minha ereção na sua entrada. Penetrei-a dessa vez com suavidade. Lentamente fui a invadindo. Ela agarrou a minha nuca e me beijou cheia de paixão. Iniciei com movimentos suaves, torturando, mas ela sempre me surpreendia.

— Mais rápido Rafa.

E eu querendo ser delicado.

Levei-a até a cama e a deitei ficando em pé na beirada. A cama dela era alta o que facilitava bastante a posição em que estávamos e de quebra eu ainda tinha uma visão esplendida do seu corpo nu, apesar da falta de contato. Coisa que pra mim que era essencial entre nós dois. No entanto, se eu continuasse seguindo com essa linha de pensamento, só iríamos ficar no papai e mamãe.

Quem te viu, quem te vê Rafael Bastos!

Segurei suas coxas na parte de trás e me afundei dentro dela. Comecei a estocar mais rápido como ela queria.

— Não vou demorar muito princesa, então vem comigo? — sussurrei

com dificuldade.

Não resisti e deitei-me sobre ela que me abraçou com os braços e as pernas.

— Estou quase lá — ofegou no meu ouvido. — Já... Estou lá.

Graças a Deus porque eu não iria aguentar nem mais um segundo.

Gozamos juntinhos e foi uma delícia.

Ficamos abraçados um longo tempo até que ergui a cabeça para olhar para ela. Foi quando reparei que o Rafa – felino – ainda estava com a gente na cama.

— Ele está nos encarando.

— Ele? — ela olhou na mesma direção confusa.

— O nosso filho — Maju caiu na risada — É sério Majuzinha, a gente fez sexo na frente do nosso filho. Somos doentes! — foi aí que ela gargalhou de vez.

Beijei sua testa e saí de dentro dela com cuidado. Peguei o bichano no colo, abri a porta do quarto dela e o soltei. Passei por ela fui até o banheiro jogar a camisinha no lixo, quando voltei para a cama ela ainda sorria enxugando as lágrimas.

Balancei a cabeça sorrindo também.

— Perversa! — brinquei enquanto a puxava para os meus braços.

— Você não parecia muito preocupado com ele minutos atrás.

— Eu tinha esquecido completamente dele. Sua culpa. — sorriu revirando os olhos. — Batizamos a sua cama — falei em tom brincadeira.

— E a parede também — ela respondeu divertida.

— Falta o chão, a mesa, o banheiro...

— Falando em banheiro, estou toda colando. Não me lembrei de ligar o ar.

— Então vamos tomar um banho? — pisquei com malícia.

Majuzinha assentiu balançando a cabeça.

— Você vai me dar banho como da outra vez? — ela perguntou enquanto eu a ajudava a se levantar.

— Vou. De língua.



Depois do banho de gato – literalmente – Majuzinha saiu do banheiro, vestiu um roupão rosa e enrolou uma toalha nos cabelos.

— Vou pegar a toalha para você.

Toda satisfeita e muito bem comida, diga-se de passagem.

Ela voltou rapidamente e me entregou uma toalha. Agradei e ela foi até a pia. Minha vizinha tirou a toalha dos cabelos e começou a penteá-los concentrada em sua imagem no espelho. Eu poderia me acostumar fácil com isso. Sei lá, acordar com ela, dormir com ela, passear, jogar videogame, Majuzinha tinha cara de que gostava de videogame.

— No que você está pensando? — Maju perguntou me trazendo de volta a realidade.

Foi então que me dei conta de que ainda estava dentro do box segurando a toalha.

— Em você — sorri e comecei a me enxugar. — Você gosta de jogar videogame?

Ela franziu a testa e me encarou por alguns instantes antes de balançar a cabeça concordando.

Isso Majuzinha. Me deixa ainda mais enfeitiçado.

Ela voltou sua atenção à tarefa de pentear os cabelos e eu enrolei a toalha na minha cintura. Saí do box e aproximei me colocando atrás dela.

— Deixa eu pentear seus cabelos, Maju? — perguntei olhando para sua imagem no espelho.

Ela me devolveu o olhar e me entregou a escova. Sorri como uma criança que acabou de ganhar um pirulito. Pentei os cabelos dela com cuidado. Aproveitei para enchê-la de carinho dando beijinhos na sua nuca no processo.

— Você vai dormir com eles molhados?

— Vou ter que secá-los agora, a propósito, você não devia ter molhados meus cabelos. — fingiu me recriminar.

— É impossível transar no banheiro e não molhar os cabelos, princesa — falei beijando o topo da sua cabeça.

— Verdade. Está perdoado. — ela piscou para a minha imagem no espelho.

— Nunca tive momentos de intimidade assim com uma garota. — confessei.

Queria que ela entendesse o quanto era especial.

— Você já deve ter transado com umas cem garotas. Quer coisa mais íntima do que isso?

— Não estraga o momento, Maju.

— Desculpe — ela disse tapando a boca — Continua.

Virei-a de frente para mim e segurei seu rosto entre as mãos.

— Sexo não é intimidade, pelo menos não para mim. Intimidade é isso. Nós dois aqui no seu banheiro conversando amenidades. Eu penteando seu cabelo enrolado na sua toalha. Isso é intimidade e eu estou curtindo muito compartilhar isso contigo.

Ela engoliu em seco e seus olhos se encheram de lágrimas.

— O que foi, falei alguma merda? — perguntei preocupado.

— Não — ela sorriu tocando meu rosto. — Foi lindo isso o que você disse, Rafa. Eu também estou muito feliz de estar compartilhando momentos tão perfeitos contigo. Você é... Incrível, é único...

Eu sorri visivelmente constrangido.

— Eu não sou nada disso princesa, você sim... Eu sou só um cara que teve a sorte grande de esbarrar com a garota mais incrível do Rio de Janeiro inteiro.

— Eu sou de Petrópolis — ela disse rindo.

— Tá bom, do estado do Rio de Janeiro inteiro.

— Você não pode me dizer essas coisas e não querer depois que eu fique louca por você.

— Mas eu quero! Te quero louquinha, doida de pedra pelo Rafa aqui. Lembra? Foi você quem disse que a gente vai se encontrar lá no sanatório.

Ela caiu na risada e eu sorri com ela, mas por dentro meu coração acelerado, estava sentindo um frio na barriga e a certeza de que eu estava muito apaixonado pela vizinha da porta da frente.

Beijei-a demoradamente, explorando e memorizando cada canto da sua boca gostosa. Beijei-a lentamente desejando que o tempo parasse, beijei-a com toda a paixão que estava me consumindo.

Fala para ela Rafa — meu subconsciente gritou. Minha razão, no entanto, começava a me aterrorizar.

Apaixonado?

Afastei-me um tanto atordoado quando a realidade finalmente caiu sobre mim.

— Enquanto você seca os cabelos, vou assaltar a geladeira, afinal, já sou de casa — falei brincando.

— Ok. Não come tudo, hein! Deixa pra mim também.

Assenti beijando sua testa e sai em direção à cozinha.

Apaixonado. Apaixonado. Apaixonado. Puta merda!

Pela primeira vez na minha vida não tive coragem de dizer o que eu pensava, contrariando meu lema “Rafa sente, Rafa fala”.

Por que tive medo?

— Calma Rafa — disse a mim mesmo — Não pira, cara. Você só está apaixonado. Pessoas se apaixonam o tempo todo e você tem que concordar que seria praticamente impossível isso não acontecer. E a Majuzinha, pô!

Respirei fundo e abri a geladeira, comer alguma coisa, no entanto era impossível. Então fiz um sanduíche de pão integral com peito de peru, muçarela e alface que achei na geladeira. Enchi um copo de suco e levei para ela.

Quando entrei no quarto ela estava vestindo a camiseta dos Racionais novamente.

Golpe baixo Majuzinha.

— Já secou? — perguntei notando que os cabelos dela ainda estavam meio molhados.

— Só mais ou menos. O que você trouxe aí? — perguntou sentando-se

na cama.

— Sanduíche. — entreguei o prato e o copo de suco para ela e caminhei até o pequeno aparelho de som.

— Cadê o CD dos Racionais?

— O que te faz pensar que eu tenho um?

— Ninguém usa uma camiseta do Racionais se realmente não gostar deles — ela assentiu de boca cheia.

— Na gaveta.

Abri a gaveta e peguei a pilha de CDs dela. Encontrei o que eu queria e guardei o restante. Coloquei o CD e apertei o play.

— Eu deveria colocar uma música melosa no lugar? — perguntei brincando — Sei lá, alguma coisa que nos faça vomitar arco-íris? — Majuzinha caiu na risada.

— Deveria — ela disse sorrindo — Mas não seria a gente, não é mesmo?

Eu definitivamente estou apaixonado pela vizinha marrentinha.

Depois que ela terminou de comer levei o prato e copo para a cozinha e os lavei. Quando voltei ela estava no banheiro terminando de escovar os dentes.

— Me empresta a sua escova? — perguntei agarrando-a por trás.

— Eca, claro que não. — ela fingiu cara de nojo.

— Tá com nojinho, é? Você não sentiu nojinho quando... — não consegui terminar de falar porque ela tapou a minha boca.

— Nem termina porque sei que é besteira e eu estou brincando. Toma — me entregou a escova dela — Fique à vontade. Você pode usar o que quiser, até minhas calcinhas — que engraçadinha.

— Majuzinha, você é tão engraçadinha.

— Eu sei. Te espero na cama, gostoso! — dizendo isso ela saiu me deixando sozinho no banheiro com cara de tacho e com uma puta de uma ereção.

Quando me deitei ao seu lado, na cama dela, ela já estava quase dormindo. Coitadinha, eu tinha judiado da garota. Desisti da ideia de partir
NACIONAIS-ACHERON

para cima dela e apenas a puxei e a abracei com carinho.

— Boa noite, princesa.

— Boa noite, príncipe.

Capítulo 45 – Bônus Gabriel.



— Acorda aí, *mané* — ouvi a voz irritantemente e gritante do meu irmão ao mesmo tempo que o idiota abriu as cortinas me fuzilando com uma claridade que por pouco não me cegou.

— Vai se ferrar, Rafa! — esbravejei jogando o travesseiro no meu rosto.

— Vira o disco Gabriel. Já tá chato.

— O que você quer, cara? — perguntei quando vi que ele sentou na beirada da minha cama.

— Te dar *esporro*, o que mais seria?

— Me poupe de sermão a essa hora da madrugada.

— Madrugada? E não poupo não. Encher a cara e fazer cena por causa da maluca da Bia, Gabriel, pelo amor de Deus!

— Rafa me deixa em paz! — gritei exasperado.

— E muito obrigado por falar merda pra Maju ontem. — gargalhei, mas minha cabeça doeu me obrigando a parar.

— Que merda que eu falei? — fiz de desentendido.

— Vai fingir que não lembra ô babaca?

— Rafa relaxa, falei mentira? Você não está aí todo caidinho pela vizinha? — meu irmão sorriu assentindo e eu me levantei e o encarei de queixo caído.

Ele assumiu assim? Sem tentar negar primeiro?

— Mesmo assim você não devia ter dito. Isso é algo que ela deveria saber por mim, não pelo bêbado idiota do meu irmão — fingi levar uma facada no peito.

— Quer dizer que o negócio está sério? A Majuzinha te físgou mesmo?

— Ainda estou tentando assimilar isso. Estou meio perdido nessa coisa toda de paixão e *tals*.

Eu não queria ter rido da cara dele, afinal era a primeira vez que o coitado se via naquela situação, mas foi inevitável. Rafa colocou o dedo do meio para mim e fez cara feia.

— Cara isso é épico!

— Gabriel estou sacando qual é a sua. Você está tentando desviar o assunto da merda que você fez ontem.

— Eu só não quero falar sobre isso. — suspirei — Só quero esquecer. — Rafa me encarou por alguns segundos e finalmente assentiu.

— Tudo bem Gabriel Bastos, mas é o seguinte: De ressaca ou não, você vai se levantar dessa cama, vai tomar um banho e se arrumar para a faculdade...

— Não tenho cabeça para estudar hoje. Só quero dormir o dia inteiro, o dia inteiro não, quero dormir por alguns anos até essa porra toda passar.

— Cara definitivamente você precisa transar — o encarei incrédulo — É sério Gabriel. Quando foi a última vez? Foi com a sua colega de curso, estou certo?

— Rafa eu já te disse que nem tudo se resolve com sexo, você é podre, cara!

— Algumas coisas sim *man* e fossa é uma delas. Não discuta comigo. — disse se levantando — Hoje a noite nós vamos sair e você vai arranjar uma garota bem *facinha* e bem legal disposta a te alegrar por alguns minutos.

— Uma vadia? — perguntei com sarcasmo.

— Isso. É para isso que elas servem. Só sexo, sem amarras. Vê se aprende Gabriel.

— E a sua Majuzinha? Vai deixá-la para sair comigo atrás de mulher?

— Não. Vou levar comigo — meu irmão babaca caminhou até a porta e virou-se para mim. — Majuzinha é das minhas cara, porque você acha que eu me apaixonei? Quero você pronto às oito e nem adianta discutir.

Rafa saiu do meu quarto me deixando totalmente embasbacado. Ele assumiu não só uma vez, mas com todas as letras.

Fiquei feliz por ele. A Maju parecia ser uma ótima garota e meu irmão não merecia menos do que uma menina que lhe desse o devido valor.

Deitei-me novamente e as lembranças da minha discussão com a Bia vieram à tona.

“Eu nunca deixei de te amar!” — ela esbravejou a plenos pulmões lá no bar e eu não queria que aquela informação me causasse o impacto que causou, no entanto, que tipo de amor era aquele?

Que amor era aquele que não criava raízes, que não se fortalecia a cada sorriso, a cada toque, a cada vez que os corpos se fundiam? Que amor era aquele cheio de falhas (tudo bem ter falhas, o ser humano é completamente falho) que não se permitia crescer e amadurecer com os erros?

A Bia era uma egoísta, era isso o que ela era. Eu precisava me apegar ao fato de que aquela lá era realmente uma vadia e estava na merda, para estar correndo atrás de mim ou, eu enlouqueceria.

Tá mal, corre para o otário aqui, o babaca bonzinho e bobo apaixonado.

A verdade era que eu estava cansado de ser o certinho da turma, de ser o cara decente e centrado. O que eu tinha ganho com isso além de só tomar no cu? Nada.

Tudo bem que eu nunca fui santo, mas pô, eu era um cara solteiro de vinte poucos anos que gostava muito de mulher, até aí tudo normal, e quando eu namorava sempre era fiel as minhas namoradas.

Quando a Bia apareceu eu já estava sozinho há um tempo levando na boa minha *solterice*, mas aí ela veio e ferrou com tudo. Eu nem tive chance.

Quando coloquei os olhos naquela guria que parecia ter saído de uma capa de revista, fiquei doido. Quando ela falou então, me enfeitiçou por completo com aquele sotaque. Minha maior ilusão foi achar que era correspondido, talvez até tivesse sido por um tempo... Sei lá.

Talvez o Rafa tivesse razão. Talvez algumas horas de prazer sem compromisso suprisse o vazio que persistia em me consumir. Eu não podia negar, de uma coisa ele estava certo, com as vadias eu não corria perigo. Tudo o que eu não precisava no momento era de uma nova paixão.

Talvez o correto fosse fechar meu coração para balanço sem previsão de reabertura, ou talvez eu devesse de uma vez encerrar as suas atividades, abrir falência... Sei lá.

Como já dizia Oscar Wilde “O mais terrível não é termos nosso coração partido pois corações foram feitos para serem partidos, mas sim, transformar nossos corações em pedra” e eu tinha uma grande chance de conseguir tal proeza.

— Gabriel Bastos você tem trinta minutos! — o idiota gritou esmurrando a porta.

— Eu já te mandei ir se ferrar hoje? — perguntei me levantando. — Já? Não? Na dúvida, vai se foder Rafael Bastos!

— Eu não, mas de noite te levo pra você fazer isso, babaca!

Tive que rir.

Uma dica infalível para se curar uma *deprê*? Algumas doses de Rafael Bastos, com certeza.

Capítulo 46 – Missão?



Maju

Eu estava saindo do banho quando ouvi meu celular tocar no meu quarto.

Saí correndo de dentro do box toda molhada e com o meu coração disparado pela expectativa de ser o Rafa. A saudade era tanta que nem parecia que havíamos passado a noite e acordados juntinhos naquele mesmo dia.

Que patética Maju — recrimei-me encarando a ligação perdida da minha mãe.

Suspirei decepcionada. Ele não havia entrado em contato comigo durante todo o dia. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem. Meus dedos coçaram o dia todo para mandar uma mensagem para ele, mas me contive por saber que o dia dele estaria tumultuado pelas aulas, e ainda tinha o estágio.

— Deve ser por isso que ele sumiu o dia todo Maju, não pira. — falei comigo mesma. — E se ele se cansou de mim? E se agora que ele já conseguiu o que queria de mim – mas de uma vez – enjoou? Ai Maju por que você é tão idiota?

Revirei os olhos e resolvi voltar ao banheiro para terminar de me secar, no entanto, antes de eu alcançar a porta a campainha tocou.

Quem será?

Vesti a primeira roupa que achei e corri para atender. Meu coração foi

NACIONAIS-ACHERON

parar na minha boca quando espiei pelo olho mágico.

Rafa.

Respirei fundo tentando me acalmar, alisei minha roupa como se o gesto pudesse melhorar minha aparência e abri a porta.

O sorriso de derreter Maju estava pregado na sua carinha linda e aqueceu meu coração instantaneamente. Ele não disse nada, já foi entrando e me agarrando ali mesmo no corredor e eu correspondi com a mesma saudade é claro.

Beijou-me na boca, na bochecha, na ponta da meu nariz ao mesmo tempo que deslizava suas mãos experientes sobre o meu corpo.

— Que saudade, Majuzinha — falou baixinho no meu ouvido me provocando arrepios.

Beijou-me novamente lentamente, percorrendo cada cantinho da minha boca com sua língua esperta. Nos afastamos e nos encaramos em silêncio, mas nosso silêncio era cheio de promessas, dava para sentir a nossa conexão.

— Como foi seu dia? — Rafa perguntou colocando meu cabelo molhado e despenteado atrás da minha orelha.

— Chato.

— *Tamo* junto — sorriu e sorri com ele toda boba.

— Estou toda descabelada — falei sem graça enquanto ele deslizava os dedos pelos meu fios rebeldes.

— Gosto de você descabelada, principalmente quando sou eu que te deixo descabelada — revirei os olhos.

— Mais eu não gosto, principalmente se secar assim. Fica parecendo uma vassoura de piaçava — Rafa gargalhou me acompanhando até meu quarto.

Entrei no banheiro e me ocupei em pentear meus cabelos enquanto ele folgado toda vida já se esparramava na minha cama.

— Como está o Gabriel? — perguntei aparecendo na porta do banheiro.

— Vai ficar bem, e é por isso que eu estou aqui. Claro que pra te ver também e pra te intimar a vir comigo em uma missão. — disse despreocupado.

— Missão? — perguntei com curiosidade me sentando ao lado dele na cama.

— Sim. Estou te intimando para sair comigo e com o Gabriel hoje.

— Tudo bem e qual é a missão?

— Levar meu irmão para transar — arregalei os olhos embasbacada. *O que?* Abri a boca para falar, mas a fechei novamente desnorteada demais para me expressar.

Rafa me encarou com uma expressão divertida esperando minha reação.

— Eu ouvi direito? — por fim perguntei.

— Relaxa princesa, só vamos levá-lo para sair e ele se ocupa do resto — esclareceu como se fosse a coisa mais normal do mundo nós dois sairmos com o Gabriel para que ele pudesse transar.

— E onde ele vai fazer isso? Em uma casa de prostituição ou coisa assim? — perguntei incrédula. Rafa caiu na risada.

— Os Bastos não pagam por sexo, Majuzinha. E relaxa, só vamos sair com ele para um bar ou uma boate, aonde ele quiser ir. O lugar não me interessa desde que ele consiga se distrair e esquecer aquela vadia por algumas horas — esclareceu e me puxou para sentar no meio de suas pernas. — Na verdade, eu disse pra ele que iria levá-lo pra transar só para sacanear. A única coisa que eu quero é passar um tempo com meu irmão, fazer companhia — meu vizinho lindo e preocupado com o irmão suspirou cansado — O Gabriel é muito reservado em relação aos seus sentimentos e eu não sei muito bem como agir, então eu só posso me fazer presente, estar lá por ele, mas se de quebra ele descolar uma foda, melhor pra ele.

Revirei os olhos para a última parte. Ele estava indo bem até mencionar sobre a foda, mas em relação ao resto eu estava mais do que encantada com a preocupação dele com o irmão.

— Então talvez você devesse ir sem mim, só vocês dois. Eu só iria atrapalhar...

— Você nunca atrapalha, princesa — disse beijando meu rosto enquanto eu apoiava minha cabeça em seu ombro — Eu quero estar com meu irmão, mas quero estar com você em primeiro lugar e como não posso me

dividir em dois, saímos os três e ponto final. Vamos lá. Vai ser divertido.

Quero estar com você em primeiro lugar... Nossa falando daquele jeito, como negar?

— Tudo bem, já me convenceu — falei sorrindo. Meu vizinho gritou um *Yes* antes de me jogar na cama e me encher de beijinhos.

— Agora chega. Você precisa deixar eu me arrumar se quiser realmente que eu vá.

— Tudo bem — beijou-me. Só mais um... — beijou-me novamente — Mais um... — e continuou me beijando.

Seu beijo inocente foi se transformando em um beijo quente, me deixando inebriada. Era incrível como ele conseguia me deixar molinha apenas com um beijo, e que beijo!

Senti meu corpo todo corresponder àquela corrente de desejo que emanava dele. Seus toques eram como descarga elétrica na minha pele, inebriando meus sentidos, me fazendo refém do seu contato.

Uma presa. Era isso o que eu era nas mãos dele. Uma presa totalmente encurralada, sem chance. Mas eu era uma presa que não queria escapar. Não queria liberdade, queria ficar ali para sempre presa... Em seus braços.

— Rafa? — chamei seu nome quando ele abandonou meus lábios para beijar meu pescoço.

— *Hummm*.

— O Gabriel — o lembrei.

— Eu sei — ele respondeu descendo seus beijos pelos meus ombros.

— Rafa? — insisti.

Rafa suspirou fundo e me encarou. Beijou a ponta do meu nariz e sorriu. Com certeza pensando besteira.

— O Gabriel é um empata foda, mesmo quando não é.

Não disse?

— Preciso me arrumar — falei, mas sem tirar minhas mãos de cima dele.

— Você está me expulsando? — perguntou fingindo incredulidade.

— *Simmmtttt!* — o apertei ainda mais meus braços.

Rafa mordeu os lábios encarando os meus e suspirou.

— Deixa eu ir de verdade, antes que eu desista de sair. — assenti com a cabeça. — Então até daqui a pouco. Quando estiver pronta é só bater na porta da frente — meu vizinho delicioso disse antes de me dar mais um beijo e sair me deixando *derretidinha* na cama.

Sorrindo igual a uma idiota. Corri até o banheiro e dei um jeito nos meus cabelos molhando-os superficialmente para secá-los com o secador.

Aproveitei que já estava no banheiro e peguei meu estojo de maquiagem.

Nunca liguei muito para esse lance de maquiagem, mas depois do Rafa, eu confesso que sentia uma necessidade quase gritante de ficar bonita, ainda mais para sair com ele. Eu é que não iria toda feia para a mulherada ficar me encarando e pensando, meu Deus o que ele viu nela?

Decidida, realcei o olhar com um delineador um pouquinho puxado nos cantos finalizando com uma máscara de cílios. Passei um pouco de blush e por último um batom nude.

Procurei uma roupa que não fosse jeans e camiseta. Não que eu quisesse mudar meu jeito, ou personalidade por causa dele – até porque ele parecia estar bastante satisfeito comigo do jeitinho que eu era – eu só queria me vestir a altura para estar ao lado de duas beldades.

Escolhi uma saia longa estampada de cintura alta com duas aberturas laterais e um cropped preto de renda, mas com forro, bem comportado.

Optei pela peça só por deixar a cintura a mostra já que um certo vizinho lindo e sem noção havia dito que tinha fetiche na minha cintura.

Quem te viu, quem te vê Maju.

Fui até o espelho e depois de ter aprovado minha produção, calcei minhas sandálias, apanhei meu celular, minha bolsa e segui para porta da frente.

Toquei a companhia e aguardei. O lindo do Gabriel foi quem atendeu a porta.

— Maju — disse me cumprimentando com dois beijinhos.

— Tudo bem? — perguntei amistosa.

— Tirando a ressaca — disse sem graça. — Entra aí, o Rafa está lá no quarto.

— Você não vai sair? — perguntei notando que ele estava de regata, bermuda e chinelos.

— Não estou muito no clima.

— Ah mais vai ficar rapidinho. Pode ir trocar a porra da roupa agora, Gabriel! — Rafa esbravejou vindo do corredor.

— Fala sério Rafa! A garota está aqui toda linda pronta para sair contigo e você quer me levar de vela?

Meu vizinho lindo e sem noção tirou os olhos do Gabriel e os fixou em mim.

— Vai trocar de roupa, *mané* — disse sem desviar o olhos dos meus.

Gabriel deu-se por vencido e bufou reclamando alguma coisa que não entendi enquanto ia para o seu quarto. Sorri sem graça para o Rafa que me fitava com aquele olhar de quem estava pronto para me devorar.

— Uau — disse se aproximando. — *Tá* vestida assim pra deixar o Rafinha na lona, não é?

Ele encarou a minha cintura com uma expressão safada no rosto e eu queria poder ter o dom de ler mentes só para saber o que estava se passando naquela mente pervertida.

Meu vizinho lindo deslizou os dedos na minha pele exposta pelo cropped me deixando arrepiada. Como um predador, partiu para cima de mim me prensando na parede. Atacou meus lábios sem aviso me segurando forte pela cintura.

Embrenhei meus dedos pelos seus cabelos me deliciando com o contato dos nossos corpos. Definitivamente minha calcinha estava arruinada. Na verdade, ultimamente esse era o fim da maioria delas, pelo menos sempre que eu estava com ele.

— Tem certeza de que querem que eu vá com vocês? — ouvimos o Gabriel dizer e nos afastamos de repente.

— Mas já se arrumou? — Rafa perguntou encarando o irmão de cara

feia. — Vai amarrotado assim?

Gabriel apenas levantou o dedo do meio se aproximando da gente.

— Já que eu não vou conseguir escapar, vamos embora de uma vez.

— Assim que se fala *man*. É essa animação que eu quero ver! — Rafa disse dando tapinhas nas costas do irmão.

— O que você viu nesse palhaço? — perguntou para mim.

— Ué. O quanto eu sou gostoso, divertido, sexy... — Rafa ia se gabando e eu ia concordando com ele em pensamentos, mas por fora apenas revirei os olhos — Bom, vamos de uma vez.

Gabriel assentiu e saiu na frente. Rafa segurou minha mão e a beijou antes de me puxar para ir com ele.

Fomos no carro do Gabriel que sugeriu irmos a um bar novo com música ao vivo de um amigo da faculdade.

Chegando lá, os meninos avistaram alguns amigos por isso nos sentamos próximo a eles. Notei que uma das garotas me olhava torto. Olhei disfarçadamente para o Rafa, mas ele parecia alheio a presença dela.

Olhava para mim e sorria sem desgrudar da minha mão.

— O que vão beber pessoal? — o garçom perguntou.

— Água. — Gabriel respondeu secamente.

— Vodca pra mim e pra você princesa?

Encarei meu vizinho lindo sem saber o que responder.

O que eu iria pedir? Refrigerante? Suco?

— O que você sugere para ela. Sem álcool é claro?

— Temos batidas de frutas sem álcool, são deliciosas. Tem de morango, pêssego...

— Pêssego. — respondi.

O rapaz sorriu anotando os pedidos e se retirando em seguida.

— É bem legal aqui — Rafa disse olhando em volta.

— É sim. — Gabriel respondeu encostando-se na cadeira. Ele pegou seu celular e começou a nos ignorar com sucesso. Rafa deu os ombros e aproximou sua cadeira da minha.

— Parece que minha ideia de gênio não está dando muito certo — disse no meu ouvido enquanto brincava com uma mecha do meu cabelo. — Estou pensando seriamente em arrancar o celular das mãos dele e atirar na parede.

Mordi os lábios contendo a vontade de rir.

— Dá um tempo para ele — falei pousando a mão na sua perna.

— Mais pra cima Majuzinha — ele disse na maior cara lerda e eu inocente custei a entender.

— Ai Rafa — abaixei a cabeça morta de vergonha e tirei a mão da perna dele. — Olha o Gabriel ali — o repreendi.

— Princesa o Gabriel só está em corpo aqui com a gente — balancei a cabeça negativamente o repreendendo. Meu vizinho segurou meu queixo e se aproximou com aquele olhar de derreter Maju. — Você está linda. Você é linda — disse alisando meu rosto para quem quisesse ver — Você é a garota mais linda que já vi.

E você é o cara mais maravilhoso que já conheci Rafael Bastos.

— Obrigada. — foi o que consegui dizer e sem aviso prévio, ele me beijou ali mesmo, na frente do Gabriel e do bando de amigos deles e eu é claro que correspondi.

Quando nos afastamos. Rafa sorriu e piscou para mim. Sorri de volta, mais apaixonada impossível. Nossas bebidas chegaram e até que a batida de fruta era gostosa.

— Aquela ali com o violão não é a Mari, Gabriel? — Rafa perguntou apontando para a garota em questão.

— É. Parece que ela está se apresentando aqui. Falando nisso, vou lá falar com ela. Melhor do que ficar de vela.

— É isso mesmo. Mete o pé que eu quero namorar minha Majuzinha em paz.

— Namorar? — perguntei divertida.

— Eu preferia estar, eu e você, entre quatro paredes, com você molinha, molinha em meus braços, mas já que isso não é possível agora, você vai ter que me beijar muito para suprir essa minha carência — falou já me puxando para ele.

Resultado? Majuzinha completamente na lona.

Capítulo 47 – Eu Vejo Você.



Rafa

Sentir todas aquelas coisas que eu estava sentindo pela Maju, as vezes me fazia sentir um pouco patético.

Eu que achava graça de como meus amigos, meus primos e irmão ficavam quando se apaixonavam, estava pior do que eles.

Eu olhava para ela sorrindo daquele jeito de menina mulher e meu coração disparava, uma inquietação no estômago não me deixava. Eu parecia a porra de um adolescente virgem descobrindo o amor. Bom eu não era mais um adolescente e muito menos virgem, mas ainda assim, era a primeira vez que eu me apaixonava e ao mesmo tempo que tal sentimento me apavorava, também me fascinava.

Era incrível como eu ficava louco de saudade, como não queria parar de beijá-la. Mais incrível ainda era como eu queria que todos vissem que ela estava comigo, que todos soubessem que eu era o macho dela, tanto que estávamos ali em uma bar cheios de amigos que nos olhavam abismados, mas foda-se.

Maju tinha me escolhido para ser o seu primeiro e cara eu tinha total satisfação por isso. Eu queria demais levar aquela garota à loucura, mostrar a ela todos os prazeres da carne, todas as loucuras que podíamos fazer entre quatro paredes, mas extraordinariamente, eu queria mais, queria sei lá, só ficar de bobeira, abraçado com ela assistindo o pôr do sol.

Caralho Rafa, você está muito mudado.

— Você está me olhando estranho. Devo ficar com medo? — Majuzinha disse chamando minha atenção para a realidade. Sorri.

— Engraçadinha! — respondi passando o braço sobre o ombro dela. — E esse negócio aí é bom? — aponte para a batida de fruta dela.

— Dá *pro* gasto — assenti e beijei sua testa. — Vai me dizer o que estava se passando nessa cabecinha linda e sem noção?

Gostei do cabecinha linda... Do sem noção também, vai!

— A minha cabecinha é linda, é? — perguntei segurando seu queixo. — Você me acha bonito, então? E gostoso? Acha também? Porque eu te acho muito gostosa, Majuzinha.

Minha princesa sorriu revirando os olhos depois me encarou com suas duas flechas bicolores hipnotizantes.

— Você é tudo isso aí que você disse e você sabe.

— É sei..., mas quero ouvir de você — coloquei uma mecha do cabelo dela atrás da orelha e beijei seu pescoço.

Ela inspirou o ar lentamente.

— Suas amiguinhas não desgrudam os olhos da gente — disse quebrando todo o clima. Bufe e olhei na direção que ela olhava.

As duas garotas – uma eu já tinha dado uns *pegas* e a outra eu não me lembrava – nos encaravam com umas caras de desdém e aquilo me incomodou, não por mim, mas pela Majuzinha. Não queria que ela ficasse insegura comigo por causa daquele tipo de garota.

Infelizmente eu teria que carregar comigo aquela fama de mulherengo galinha, mas ela não tinha que aturar.

— Elas devem estar se perguntando o que você está fazendo comigo — sorriu divertida.

Suas palavras me deixaram aliviado. Por isso que eu dizia que ela era das minhas, apesar de estar visivelmente desconfortável em ser o centro das atenções, não estava se deixando abater.

— E você está preocupada com isso? — perguntei só para confirmar.

— Não. É só que elas nem disfarçam e isso está me deixando um pouco

desconfortável.

— Se elas me perguntassem o que vi em você, eu responderia que foi o que não vi nelas.

— Cuspindo no prato que comeu, é? — brincou e não consegui conter o riso.

— Não. Só sendo sincero mesmo. Já disse, só pergunte se quiser mesmo saber a resposta.

— E o que você não viu nelas, Rafa? Confesso que fiquei curiosa.

— Vai responder minha pergunta primeiro? — ela me encarou confusa — Sobre eu ser bonito, gostoso e *tals*?

Minha vizinha linda arqueou a sobrancelha e balançou a cabeça.

— Você sabe que é — disse sem graça.

— Sou? — insisti para ouvi-la dizer.

— Lindo, gostoso, perfeito e gostoso de novo e mais lindo a cada vez que eu te olho...

Não deixei que terminasse. Calei seus lábios com os meus. Segurei seu rosto e beijei-a. Foi um beijo com tanto sentimento que até me desconcertou.

— Sua vez — ela disse encostando a testa na minha.

— Não é que eu não tenha visto algo nelas, eu simplesmente não as vi. — respirei fundo. — E eu vejo você, Maria Júlia. Eu consigo te enxergar mesmo quando não está comigo.

Ela mordeu os lábios e alisou meu rosto.

— Boa resposta.

— E, claro que eu não poderia me interessar por uma garota que tivesse menos do que olhos bicolores. Ela gargalhou e sua risada gostosa invadiu meus ouvidos inflando meu coração.

Você está muito ferrado Rafael Bastos.

Gabriel juntou-se novamente a nós atrapalhando nosso clima romântico.

— Tão bonitinhos — meu irmão disse nos encarando com uma expressão divertida.

— Eu preferia quando você estava nos ignorando — falei de cara feia.

— Quis me trazer, não quis? Vai ter que me engolir. Falando nisso, quando é que você vai arrumar uma vadia pra mim?

Eu soquei o Gabriel, tipo, muito em pensamento.

— Tem duas candidatas logo atrás de você — Majuzinha disse para ele. Gabriel olhou para trás e depois para a Maju.

— A de vestido vermelho está fora de cogitação. — Gabriel falou despreocupado.

— Por que? — Maju perguntou curiosa. Gabriel olhou para mim, o que fez com que ela olhasse também — Porque você já pegou. — não era uma pergunta.

— O Gabriel não pega garotas que já passaram nas mãos dos primos e consequentemente do irmão. — esclareci.

— Deve ser difícil então, pegar alguém Gabriel. Eu imagino que o Rafa já tenha passado o rodo na cidade inteira.

Gabriel gargalhou e ela sorriu com ele. Eu encarei os dois rindo as minhas custas e fechei a cara.

Isso que dá ter um passado negro.

— Já chega de se divertirem as minhas custas, né? — aproximei do ouvido dela — E você Majuzinha, vou ter que castigá-la pela gracinha.

— Vou esperar ansiosa por isso — ela devolveu, me deixando completamente sem reação.

A Mari começou a tocar no palco dissipando nossa atenção.

Pisquei para Majuzinha antes de me afastar um pouco e murmurei um “mais tarde”.

Depois da terceira música, um carinha subiu ao palco convidado pela Mari que entregou um violão para ele. Eles começaram a tocar e cantar e eu encarei o perfil da minha garota atenta aos dois no palco. Puxei-a para mais perto e ela pousou a cabeça em meu ombro entrelaçando os dedos nos meus.

Como dois namoradinhos — pensei com um meio sorriso.

Encostei minha cabeça na dela e me ocupei em prestar atenção na letra da música.

Ontem te falei que você é tudo que eu mais quero E o meu coração só tem lugar pra você...

Só você Essa mistura louca de desejo Me perco toda vez que eu te vejo...

Quero mergulhar no azul desse olhar Poder navegar Quero te dizer sem medo de amar Eu quero você pra mim...

(Onze:20 — Sem Medo de Amar)

Sem medo de amar eu refleti em pensamento. Embora aquilo soasse muito louco e insano, se eu queria mesmo estar com ela e eu queria muito, eu precisava me conformar que amá-la seria questão de tempo.

Pensar em amor, no entanto, me trazia calafrios. Eu não sabia como faríamos aquilo funcionar, sem falar que eu entrava em pânico só de imaginar que talvez eu não conseguisse ser para aquela garota o que ela realmente precisava. Muito menos sabia como eu conseguiria convencê-la de que eu era o cara certo.

— A Mari disse que vai rolar festinha na república de uns colegas de curso dela. Ela nos convidou — Gabriel disse.

Festinha? República? Com a Majuzinha?

Definitivamente não era uma boa ideia. Eu sabia o que acontecia nessas festinhas depois das duas da manhã.

— Não sei não. Acho melhor deixarmos para outro dia.

— Bom eu quero ir, se vocês não quiserem, me deixem lá pelo menos — o filho da mãe disse mexendo no celular.

É ele estava mesmo levando a sério a missão de afogar o ganso em alguém.

Olhei para a Maju que me encarava desconfiada.

Droga. Não ia ser enfiando minha vizinha em uma república cheia de *passados* – e eu já tinha um passado em quase todas – que eu ia conseguir provar o meu valor.

— Não quero você no meio dessas festinhas. Eu sei o que acontece lá.
— disse a ela na esperança de que entendesse.

Não queria mesmo. Apesar de ela ser muito madura para sua idade, era só uma menina, que até há alguns dias ainda era virgem.

— E o que acontece lá? — ela perguntou me analisando.

— Muita bebida, muita droga, sexo... — e vadias. Vadias bêbadas —
Essas coisas.

— Acho que posso lidar com isso — encostou-se na cadeira e bebeu um pouco da sua bebida.

Encarei o Gabriel irritado pela sua ideia de jerico, mas ele apenas deu os ombros.

— Tudo bem. Se vocês querem ir, nós iremos. — bufei vencido.



Depois que a Mari terminou sua apresentação se juntou a nós.

Porque o Gabriel simplesmente não a pegava de uma vez e me poupava do trabalho de ter que ir à festa?

Simples, porque o idiota não *entrava* onde a gente já tinha entrado. Nesse caso, o Kay, que fique claro. Ele estava exigente demais para quem queria só transar sem compromisso e eu estava mal-humorado demais com a possibilidade de me desentender com a Maju. Nunca se sabe o que esperar quando se está em república rodeado de homens e mulheres bêbadas.

— Então? Vocês vão na festinha? — Mari perguntou ao Gabriel.

— Vamos.

Sabe quando você assiste a um filme em que o personagem imagina acertando a cabeça da outro repetidas vezes na mesa, ou no volante de um carro? Era eu naquele momento.

Bem feito para mim, quem tinha mandado eu inventar? Eu poderia estar de boas na cama da Majuzinha relaxando em seus braços depois de ter feito muito sexo com ela, mas não, fui inventar de levar o idiota para sair e espairer. E o que ele fazia em troca? Ia me jogar na cova dos leões.

— A propósito eu sou a Mari e você? — Mariana se apresentou a Maju.

— Maju — minha princesa disse retribuindo o aperto de mão.

— Prazer Maju. E o Kaiary? Eu soube que o casamento foi lindo — ela perguntou sem jeito.

— Foi bem bacana — respondi seco.

— Soube também que você a Bia terminaram, Gabriel?

Gabriel bufou incomodado com a pergunta. Bem feito.

Será que agora podemos ir para casa e deixar essa festinha de lado?

— Sim terminamos, podemos ir? — ele desviou o assunto. Era mestre em fazer isso.

— Claro. Vamos.

E assim fomos para a festinha na república *Vem Que Tem*. Só pelo nome já dava pra fazer uma ideia do que se podia esperar.

Assim que entramos na casa, o Gabriel e a Mari foram se enfiando no meio das pessoas nos deixando para trás. Cumprimentei algumas pessoas e apresentei a Maju a elas. Não conhecia a maioria das pessoas que estavam ali, menos mal.

— Tudo bem? — perguntei passando o braço no ombro dela.

— Sim. Você que parece tenso.

— Eu estou — não sabia mentir.

— Relaxa Rafa. Eu sei que você tem um passado negro — ela disse em tom de brincadeira tentando amenizar minha preocupação, mas só conseguiu me deixar constrangido e olha que isso era bem difícil — Vamos procurar alguma coisa pra você beber pra ver se você consegue relaxar — disse me puxando.

Como não cair de amores por essa garota? Já disse, era questão de tempo.

Fomos adentrando o local e passamos por um casal se pegando no sofá. Um pouco à frente tinha mais um casal praticamente se comendo no corredor. Ao lado deles duas garotas se beijando ainda que timidamente. Até aí tudo bem, chegamos na cozinha sem grandes problemas.

Ninguém transando, ninguém ficando doidão. Pode relaxar Rafa.

— Tem um pessoal servindo bebidas lá fora — um carinha que eu não

me lembrava o nome falou quando passou por nós.

— Valeu cara — esperei ele sair e abri o freezer. — Nunca beba nada que te servirem em locais que você não conhece as pessoas. — disse.

Peguei uma latinha de coca e entreguei a ela. Peguei a garrafa de vodca e servi uma dose generosa para mim.

— Quem é vivo sempre aparece — virei-me na direção a voz e dei de cara com a Luíza — *Tá sumido gato.*

Porra que merda!

— Sabe como é, trabalhando estudando...

— Você? Que desperdício — a garota disse mordendo os lábios se insinuando.

Ela tinha ficado cega por acaso? Será que não estava vendo que eu estava acompanhado? Ela estava ignorando a Majuzinha e aquilo me deixou puto pra caralho.

— Quem é essa criança? — antes tivesse continuado ignorando.

— Maria Júlia e você quem é além de ser claramente um projeto de *periguite*? — a Maju devolveu e eu não sabia se ficava pasmo ou se gargalhava.

— Como é que é? — Luiza esbravejou se crescendo para cima da Maju que ficou ereta e muito maior do que ela.

Que porra! Por isso que eu não queria ir em festa de república!

— Hei — falei me colocando entre duas. — Quer saber quem é ela? É a futura mãe dos meus filhos, agora nos dê licença que temos muito o que praticar — falei puxando a Maju pela mão para as portas dos fundos. — Acho melhor a gente meter o pé, princesa. — falei para ela que tinha o olhar perdido atrás de mim.

Eu preferia não ter olhado naquela direção. Eu preferia não ter ido aquela festa e eu desejava mais que tudo na vida, poder voltar no tempo, exatamente para o momento em que nós dois estávamos na cama dela e eu estava quase desistindo de sair com o Gabriel. Assim a Majuzinha não seria obrigada a presenciar uma garota de quatro chupando um cara nos fundos da casa para quem quisesse ver.

Maju fechou a cara e saiu pisando duro me deixando para trás. Joguei o copo com bebida e tudo na grama e praticamente corri atrás dela.

Achei o Gabriel no caminho conversando numa rodinha de amigos e apenas gritei.

— Vai embora de táxi, *mané!*

Cheguei na calçada e olhei para ambos os lados e nada dela.

— Que merda, Rafa! — rosnei em voz alta. Peguei meu celular do bolso para ligar pra ela, mas a avistei encostada no carro do Gabriel. O alívio que eu senti foi indescritível.

Aproximei-me um tanto resabiado, mas fui surpreendido por suas palavras.

— Desculpa eu... Eu fui pega totalmente de surpresa. Não soube como lidar com aquela garota e com a cena que eu vi... Eu não queria ter dado *piti* eu... — coloquei o dedo em seus lábios.

— *Shiiii!* Não peça desculpas. Eu é que tenho que pedir, não devia ter trazido você aqui... Você é uma princesa...

— Não sou ingênua, Rafa. Nem de vidro! Sei o que acontece no mundo, sei que o ser humano é capaz de qualquer tipo de loucura. Eu só não estava preparada para ver um casal naquela situação e não estava preparada para lidar com uma vadia que claramente queria você. Fiz barraco e estou mal por isso, mas não é culpa sua.

Encarei-a por alguns minutos embasbacado demais para discordar. Eu levei a garota para aquele tipo de festa estranha, ela foi ignorada e provocada por uma garota que eu já peguei, depois foi obrigada a ver uma garota pagando boquete para um cara e estava me pedindo desculpas?

Questão de tempo, Rafael Bastos.

— Podemos entrar se quiser, prometo me comportar — disse sorrindo e caramba, que linda.

— Maju infelizmente eu tenho um passado negro como você mesmo disse...

— Desculpe por isso...

— Não se desculpe, deixa eu falar — ela assentiu. — Mesmo com um

passado mais sujo do que pau de galinheiro, eu estou com você, e é só você que me importa. Você acredita em mim?

— Eu acredito. A sua sinceridade é clara como água. Sei que eu devo parecer meio louca de confiar em você, mas eu confio, vou fazer o que?

Fingi levar uma facada no peito, mas sorri e a abracei.

— Só me responde uma coisa — ela disse me empurrando. — Você já transou com ela?

— Não. A gente deu uns pegadas, mas aí uma certa vizinha marrentinha me ligou para falar de gato e eu esqueci todo o resto.

Ela sorriu. Toquei o rosto dela e a encarei enfeitiçado. Majuzinha me devolveu o olhar e o fixou os olhos nos meus.

— Tem certa que vai me desafiar agora? — perguntei sem desviar os olhos.

Ela apenas assentiu com a cabeça. Encostou-se no carro e cruzou os braços. Eu me aproximei ficando com o rosto a centímetros do dela.

— Sabe — falei deslizando os dedos pelo braço dela. — Você ficou linda colocando a vadia no lugar dela.

Majuzinha sorriu, mas manteve-se firme me encarando.

— Futura mãe dos seus filhos? — perguntou arqueando a sobrancelha.

— Num futuro *bemmmmm* distante sim. Por que não? — ela sorriu novamente, mas se manteve firme. — Vai Majuzinha entrega os pontos logo que eu *tô* doido pra te fazer minha.

— Entrega você — ergueu o queixo desafiadora.

Não esperei ela falar de novo, fechei os olhos e suspirei. Quando abri já fui partindo para cima. Beijei-a ali encostada na porta do carro deslizando as mãos pela pele exposta dela. Seus dedos buscaram os cabelos da minha nuca me puxando para ela. Minha ereção praticamente a ponto de explodir. Pressionei meu *volume* sobre ela que arqueou o corpo e gemeu.

Nos separamos quase sem ar.

— Vamos pra casa? — ela pediu toda manhosa.

— Só se for agora. Mas você vai ter que passar a noite comigo. Deixa eu dormir contigo Maju?

— Nem precisa pedir.

Questão de tempo.

Capítulo 48 – Oitava Maravilha do Mundo.



Alguns dias Depois...

Maju

Desliguei o carro e peguei meu celular para ver ler a mensagem que havia chegado, cheia de borboletas no estômago.

Será que iria chegar o dia em que eu agiria naturalmente se tratando do Rafa?

A simples menção ao nome dele já interferia nas batidas do meu coração. Quando eu me lembrava do seu sorriso fácil, daquela sua carinha linda e lerda, sentia uma pontada que ia do meu peito até o meio das minhas pernas.

Eu estava me tornando uma maníaca sexual. Não podia vê-lo que já o queria pelado sobre mim e Rafa pelado era a oitava maravilha do mundo. Lindo toda vida.

Respirei fundo sacudindo a cabeça para espantar os pensamentos impuros com o vizinho da porta da frente e me ocupei em ler sua mensagem.

Rafa: Você já chegou?

Maju: Acabei de estacionar

NACIONAIS-ACHERON

Rafa: Tá com saudade?

Sorri toda boba para o celular.

Rafa: Está demorando demais para responder. Diz que está com saudade, Maju

Mandou uma carinha preocupada.

Maju: Morrendo, louca de saudade.

Respondi com várias carinhas mandando beijos. Rafa devolveu com várias carinhas apaixonadas.

Rafa: E eu louco para tirar a sua roupa e te lambar todinha.

Outra mensagem chegou acompanhada de várias carinhas com a língua para fora.

Maju: E eu louca que você tire a minha roupa para me lambar todinha.

Devolvi a provocação acompanhada de carinhas com macaquinhos tapando os olhos.

Rafa: Então vem logo!!!!

Maju: Subindoooo. Me espera pelado.

Rafa: Tarada!

Foi sua resposta.

Respondi dizendo que a culpa era dele e mandei uma carinha colocando língua.

Rafa: Sobe aqui que vou chupar essa língua sua. A língua e outras coisinhas mais...

Rafa sendo Rafa e me enlouquecendo no processo.

Maju: Então pare de mandar mensagens

Rafa: Parei vem logo.

Rafa: Já tá vindo?

Rafa: Já posso abrir a porta?

Rafa: Cadê vc Majuzinha???????

Sorri e guardei o celular na bolsa, se eu continuasse respondendo ele

iria continuar mandando mensagem. Subi pela escada mesmo, já que o elevador estava demorando. Queria deixar minhas coisas em casa primeiro e tomar um banho antes de ir até a porta da frente. No entanto, quando parei de frente para a minha porta ouvi a dele se abrindo e automaticamente um sorriso brincou em meus lábios.

— Psiu! Ô gatinha!

Virei-me na direção da voz e me deparei com ele encostado no batente da porta.

— É desse jeito que você consegue garotas? — perguntei em tom de brincadeira e me aproximei.

— Acredite eu preciso de bem menos — respondeu cheio de si.

— Ah, é? Como por exemplo?

— Ah, como por exemplo dizer que elas tem os olhos estranhos — piscou com uma cara safada.

— Isso realmente funciona — concordei sorrindo.

— Quando eu disse pra você vir logo, eu estava dizendo pra você vir direto para o meu apartamento — Rafa disse me puxando para ele por uma das minhas mãos.

— Eu também disse que era pra você me esperar pelado, no entanto, você ainda está vestido.

— Entra aqui que eu resolvo esse problema rapidinho.

Balancei a cabeça sorrindo enquanto ele me levava para dentro do seu apartamento. Ali mesmo já fui sendo espremida na parede e sendo beijada com fervor. Não pude fazer nada a não ser retribuir.

Como se você não estivesse louca para fazer o mesmo, Maju.

Rafa me ergueu contra a parede, me beijando toda. Enrosquei minhas pernas ao redor do seu corpo e me perdi no calor dos seus braços. Senti sua língua enroscar na minha e era uma sensação eletrizante, senti muito mais do que sua língua, senti sua ereção firme contra mim e arquejei.

Nos separamos ofegantes. Rafa sorriu sorrateiro e seu sorriso era carregado de segundas intenções.

Que cheiro é esse? Pipoca? — perguntei sentindo o cheirinho delicioso

no ambiente.

— É. Pensei que a gente poderia ver um filme agarradinho no sofá, comendo pipoca e debaixo das cobertas.

Bem eu estava mais interessada em me enroscar com ele na cama, sem cobertas mesmo, pele com pele, mas não pude deixar de achar fofo.

— Tudo bem — falei desprendendo-me dele.

— O que foi? — Rafa perguntou notando minha reação.

— Nada é que... Não é nada. Vamos ver o filme então. — falei envergonhada pela minha atitude. O cara estava ali todo fofo querendo compartilhar um momento comigo e seu só pensando nele pelado.

— Não senhora, sinceridade lembra?

Devo ter ficado vermelha igual a um tomate maduro. Rafa levantou meu queixo e me encarou esperando uma resposta.

— O que está pegando? — insistiu.

— Não é nada sério Rafa é só que... Eu pensei que a gente ia para o seu quarto matar a saudade primeiro. É isso, pronto falei — disse essa última parte cobrindo o rosto com as mãos.

Sua risada gostosa invadiu meus ouvidos e só pude sorrir com ele, mesmo que morta de vergonha. O que eu podia fazer se ele me deixava assim cheia de vontade?

— Pela primeira vez na minha vida, eu quero mostrar para uma garota que ela é muito mais do que só uma boceta ambulante e o que ela faz? Só quer o meu *corpicho* nu.

Morre de vergonha, Maju.

— Ai Rafa — dei um soquinho de leve nele que gargalhou novamente.

— Bom, eu tentei ser um bom moço, mas você não facilita Maju!

— Você pode ser um bom moço mais tarde — respondi mordendo os lábios em expectativa.

— Serei — meu vizinho bom moço respirou fundo e me encarou. Sua expressão divertida deu lugar a uma expressão de puro desejo — Vem aqui.

Já foi me puxando em direção ao seu quarto e eu fui mais que satisfeita. Não ficamos juntos a noite passada, pois meus pais estavam em casa e eu

estava morta de saudade, morta de desejo e isso me deixou muito corajosa.

Assim que entramos em seu quarto nos atracamos um no outro de uma tal forma, que não passava nem vento entre a gente. Rafa beijou minha boca e foi descendo com seus beijos habilidosos e molhados pelo meu queixo, meu pescoço até chegar aos meus seios. Ele afastou a minha blusa com urgência e beijou ali por cima do bojo do meu sutiã.

— Saudade do seu cheiro, minha princesa! — confessou entre os beijos que me dava.

Minha princesa. Minha princesa. Suas palavras invadiam meu coração.

— Sua princesa — concordei enquanto ele me deitava na cama. — Sua.

Sorrii todo lindo para mim, murmurando *minha* em um tom baixo e sensual.

Rafa ergueu-se para me despir começando pelas minhas sapatilhas. De joelhos na minha frente ele tirou uma e depois a outra beijando meus pés do processo.

Depois tirou meu shorts e foi plantando beijos na minha cintura. Se ele tinha fetiche por ela, eu tinha fetiche pelo fetiche dele por ela. Enquanto ele não se fartava de me beijar, de me fazer carinho ali, ele não seguia adiante.

Cheia de coragem me levantei ficando de joelhos na sua frente, tirei sua camiseta. Ele sorriu divertido, mas seu sorriso morreu quando levei minhas mãos na sua bermuda conferindo o material. Apertei com vontade sentindo o quanto estava duro.

Meu vizinho lindo me encarou mordendo os lábios e eu corajosa, embora ainda não soubesse o que fazer, saí da cama e o puxei para que ficasse em pé na minha frente. Abri a bermuda dele que caiu sobre seus pés. Ele usava uma cueca preta boxer e meu Deus, praticamente salivei com a visão dele seminu na minha frente.

Abaixei-me na sua frente e fui deslizando a cueca sobre suas pernas. Eu era um misto de vergonha, desejo, ansiedade e curiosidade. Mesmo tímida eu estava muito certa do que queria. Envolvi seu membro com a mão, que era firme, quente e grosso.

E agora Maju?

Não devia ser algo tão difícil, não é? Ousei encará-lo e a visão do seu
NACIONAIS-ACHERON

rosto cheio de expectativa e desejo me encorajou a continuar. Ainda que meio sem jeito comecei com movimentos leves.

— Maju... — ele começou a dizer, mas não continuou.

Respirei fundo e levei a língua na ponta da sua ereção. Fiz movimentos circulares na cabecinha e ele gemeu em resposta. Sinal que eu estava fazendo certo, né? Sem enrolar mais o coloquei de uma vez na minha boca, não tudo, porque acho que não conseguiria.

— Porra Maju! — rosnou levando a mão na minha nuca.

— Estou fazendo direito? — afastei-me e perguntei encarando sua expressão distorcida pelo tesão.

— Direitinho — respondeu com voz embargada — Só não para.

Não parei. Continuei o abocanhando, deslizando a língua sobre ele, mas sem deixar de usar minha mão. Rafa segurou meus cabelos e gemeu me deixando louca e satisfeita por estar conseguindo dar prazer a ele.

Intensifiquei meus movimentos já mais familiarizada e foi nessa hora que ele me parou.

Rafa me ergueu, e me beijou na boca com voracidade. Ele nos jogou na cama e passei as pernas em volta do seu corpo prendendo-o contra mim. Quando parou de me beijar me encarou intensamente.

— Fiz alguma coisa errada? — perguntei pelo fato de ele ter me impedido de continuar.

— Não princesa, estava delicioso, eu é que preciso desesperadamente estar dentro de você, tipo muito mesmo — sorri assentindo.

Ele saiu da cama e pegou um preservativo rapidamente na gaveta vestindo-o sobre o seu membro. Sem aviso, apenas afastou minha calcinha e me invadiu forte.

Foi incrível. A forma como nossos corpos se chocavam, a forma como ele me olhava intensamente, a forma como nossos corpos suavam. Nos beijávamos como se o mundo fosse acabar. Ele beijava e mordida meu queixo e pescoço. Dizia como eu era linda e especial e às vezes dizia palavras inteligíveis também.

Rafa entrelaçou os dedos nos meus e sem nunca deixar de me encarar investiu deliciosamente contra mim. Era torturante e ao mesmo tempo

NACIONAIS-ACHERON

delicioso.

Ele gozou logo depois de mim, com os olhos fixos nos meus. Naquele pequeno instante, mas tão íntimo, éramos um só, totalmente entregues. Meu coração e minha alma eram dele e eu esperava de coração que fosse recíproco.

Eu te amo muito, Rafael Bastos.



— O que foi aquilo? — meu vizinho lindo perguntou me analisando com uma cara lerda.

— Aquilo o que? — fiz de desentendida. Ele sorriu me agarrando ainda mais.

Depois da nossa deliciosa transa estávamos enroscados um no outro na cama tentando recuperar o fôlego. Eu tentando recuperar o fôlego, na verdade, porque meu vizinho parecia que tinha fôlego infinito.

Depois da cama fomos para o banheiro e eu confesso que estava até com as pernas meio bambas.

— Acho que seu objetivo é me enlouquecer, menina!

— Estou conseguindo?

— Totalmente — beijou a ponta do meu nariz. — Queria poder fugir contigo por pelo menos uns três dias. Só eu e você, esquecidos do mundo e de preferência em uma cama — disse olhando profundamente em meus olhos.

— Você só pensa em sexo, é? — brinquei, mas eu não estava muito diferente e ele sabia.

— Se eu já pensava antes, agora com você então — baixei os olhos pensativa.

Era delicioso os momentos íntimos que compartilhávamos. Eu mesma nessas horas não pensava em mais nada, só esperava de coração que ele quisesse mais que isso, porque eu desesperadamente queria mais.

— Hei? — Rafa levantou meu queixo e alisou minha bochecha — Não posso mudar o meu passado, mas já te disse que estou contigo e posso ser diferente se confiar em mim. Você confia em mim, Maju?

NACIONAIS-ACHERON

Seus olhos suplicavam por uma resposta positiva.

— Eu confio. Eu absurdamente confio em você. — ele sorriu seu sorriso de derreter Maju.

— E eu absurdamente gosto muito que você confie em mim. Não quero te decepcionar.

— Não vai.

— Como pode ter tanta certeza?

— Exatamente por você ser quem você é Rafael Bastos.

Ele sorriu lindamente se aconchegando ainda mais no meu abraço.

— Maria Júlia, eu preciso te dizer uma coisa — notei seu constrangimento e o encarei curiosa.

— O que é? — perguntei deslizando o dedo no seu nariz perfeito e depois beijando seu queixo.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e me encarou.

— Eu estou curtindo muito ficar contigo. Quando falei em namoro era sério... Não é só porque eu fui seu primeiro, é o certo, a gente se curte...

— Se curtir não é motivo para namorar, Rafa — o interrompi, mas por dentro pulei de alegria com suas palavras.

— Não me interrompa — ele pediu.

Meu telefone começou a tocar insistentemente na minha bolsa e o que quer que ele fosse me dizer, o barulho da música tocando o fez desistir.

— Parece meu telefone — falei.

— Vou pegar sua bolsa na sala — disse levantando-se.

— Não. Seja o que for pode esperar. — eu estava muito mais interessada no que ele tinha a dizer.

— Eu já volto — Rafa vestiu a cueca e saiu do quarto. Ele voltou instantes depois com a minha bolsa. Meu celular tocava insistentemente.

— Alô?

— Filha cadê você? — era minha mãe e parecia bastante preocupada.

— É... Chegando. — ela não precisava saber que eu estava na porta da frente transando com o vizinho delícia. — Aconteceu alguma coisa? —

perguntei.

— Preciso que venha pra casa — já fui me levantando e procurando minhas roupas.

— Aconteceu alguma coisa com o papai? — meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não é nada com seu pai filha, mas é um assunto delicado. Venha rápido.

— Certo — desliguei e vesti minhas roupas rapidamente.

— Está tudo bem com seu pai? — Rafa perguntou também se vestindo.

— Parece que sim, mas preciso ir agora. — beijei seus lábios de leve e saí do quarto, ele me acompanhou.

— Quer que eu entre com você? — sorri toda boba.

— Por que você entraria comigo?

— Sei lá, vai que eles descobriram que a gente, que eu... Você sabe.

Que fofo!

— Não se preocupe, não acredito que seja isso, mas de qualquer forma, sou adulta, né?

Será que era isso?

— Qualquer coisa corre pra cá — abriu a porta para mim.

Assenti. Ficamos nos encarando, eu no corredor e ele na porta. Até que ele saiu e me agarrou de frente para a minha porta e me beijou.

— Já estou com saudade — falou no meu ouvido.

— Eu também, mas amanhã eles vão embora aí as coisas voltam ao normal.

Quem te viu, quem te vê Maju. Doida para ver os pais pelas costas só para enfiar o vizinho gostoso na sua cama.

— Tá bom assim que eu chegar do estágio vou direto pra aí.

— Combinado. Agora me deixa entrar antes que minha mãe saia aqui fora.

Rafa assentiu beijando minha mão. Ele ficou lá no corredor até que eu entrasse.

Fechei a porta toda feliz. Se me minha mãe olhasse de perto, capaz de ver os coraçõezinhos saindo da minha cabeça.

Segui para a sala e dei de cara com minha mãe e meu pai acompanhados de uma mulher e duas crianças.

— Filha que bom que você apareceu — minha mãe disse segurando minha mão e me puxando para junto dela.

Olhei para a mulher que me encarava com os olhos cheios de lágrimas e entrei em pânico.

Não.

— Filha — meu pai começou se aproximando.

— Não! — esquivei-me dele incapaz de olhar para aquela mulher. Ninguém disse nada, mas eu sabia. Ela era a mulher que havia me abandonado.

Ela era a minha mãe. Balancei a cabeça em negativa e me desvencilhei dos braços do meu pai. Sem olhar para trás corri para o meu quarto e tranquei a porta ainda ouvindo os gritos desesperados na minha mãe.

Aquilo só poderia ser um pesadelo, era um pesadelo e eu iria acordar. As lágrimas embaçaram minha visão me fazendo esfregar os olhos insistentemente.

Eu não estava acreditando que meus pais haviam feito aquilo pelas minhas costas, sem me perguntar primeiro se eu queria rever aquela mulher.

— Não — joguei-me na cama e abracei meu sapão enorme.

Depois dos momentos maravilhosos que eu tinha passado com o Rafa eu era recepcionada com uma apunhalada daquela. Eu queria sumir e nunca mais voltar, para nunca mais ter que olhar para ela novamente.

E aquelas crianças meu Deus, será que eram meus irmãos? Eu tinha irmãos?

Chorei muito. Chorei até não ter mais forças para continuar chorando. Lembro-me vagamente da minha mãe me chamar da porta. Ouvi também meu pai a consolando, mas eu não tinha estrutura o suficiente para consolar ninguém eu só queria sumir e esquecer que aquilo estava acontecendo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 49 – Vou Cuidar.



Rafa

Respirei fundo e olhei para o celular em minhas mãos. Já tinha perdido as contas de quantas vezes eu já tinha ligado e mandado mensagens para ela.

Fazia exatos dois dias que ela havia saído do meu apartamento preocupada com a ligação da mãe e desde então, não tive mais notícias suas.

Eu só conseguia pensar em duas opções para justificar o sumiço dela. A primeira era que algo muito sério havia acontecido na família e a segunda, a que eu me negava a acreditar, era que ela tinha desistido da gente.

Estaria sendo hipócrita se não dissesse que eu esperava que fosse a primeira opção e me sentia um filho da puta por isso. Encostei minha cabeça no sofá e esfreguei meus olhos cansados. Ela sequer visualizou as mensagens e seu celular estava desligado. Peguei o número do telefone fixo da casa dela com o porteiro – o mesmo que me disse que não a via há dois dias – mas ninguém atendeu. Bati na porta dela não sei quantas vezes e se os pais dela estavam em casa, também estavam me ignorando, o que me deixava mais aflito.

E se eles realmente tivessem descoberto que a gente transou e a estavam proibindo de falar comigo?

— Não pira, Rafa — recriminei a mim mesmo. — Que merda! — esbravejei jogando o celular no sofá.

Eu ia dizer que estava apaixonado. Caramba, estava na ponta da língua. Eu ia dizer o quanto ela me fazia bem, o quanto eu gostava da gente junto. Ainda não sabia explicar como aquela garota tinha conseguido me prender, me seduzir daquela forma, a única certeza que eu tinha era que a queria todos os dias, todas as horas do meu dia, para ser mais preciso.

Meu celular tocou no sofá fazendo meu coração disparar. A princípio foi o susto, depois foi ansiedade, no entanto, não era ela e sim minha amiga, Angel.

— Quem é viva sempre aparece! Pensei que tinha me esquecido.

— Te esquecer é meio que impossível. — sorri.

— Como foi no Caribe?

— Maravilhoso. Cheguei ontem, estou ligando para saber como você está.

— Tentando não entrar em pânico — confessei.

— Por que? O que aconteceu?

Contei a minha amiga tudo o que ela precisava saber sobre eu e a vizinha da porta da frente. Ela me ouviu atentamente sem me interromper.

— ... E agora ela desapareceu e eu estou realmente preocupado.

— Uau, Rafa! Quem te viu quem te vê. Eu sei que esse não é o momento, mas cara, você está apaixonado. Vai continuar negando?

— Eu não vou negar, princesa. Estou preocupado demais pra me ligar nisso — bufei.

— Eu fico muito feliz por você. A Maju parece ser uma garota única, decente, não é à toa que te físgou.

— Ela também é uma delícia. Gostosa, sexy...

— Ai Rafa!

— É sério novata. Ela me laçou pelo pau — minha amiga gargalhou do outro lado. Eu teria rido também se não estivesse tão agoniado.

— Rafinha, Rafinha. Te conhecendo como te conheço, você não vai deixar isso ficar assim. Então agiliza! Vai até a porta dela, monta acampamento se for preciso. Uma hora ela tem que sair.

— Era isso mesmo que eu ia fazer. — disse me levantando. — Te

NACIONAIS-ACHERON

mantenho informada.

— Por favor.

— Um beijo na bochecha.

— Outro beijo na bochecha.

Saí do meu apartamento decidido e toquei a campainha da porta da frente. Esperei alguns minutos e toquei novamente. Não contente, ainda dei algumas batidinhas na porta e chamei por ela.

— Droga! — esbravejei em voz alta.

Quando peguei o celular para ligar na portaria para saber se havia alguém no apartamento a mãe dela abriu a porta. Ela tinha um sorriso fraco e o rosto cansado.

— Oi Rafael.

— Olá dona Pauline. Desculpa incomodar, mas eu poderia falar com a Maju? — perguntei esperançoso.

Meu coração batia descompassado. Pela cara da mãe, realmente tinha alguma coisa muito errada.

— A Maju está descansando Rafael, mas eu digo que você esteve aqui.

Que porra é essa?

Encarei minha futura sogra meio perplexo, mas eu não ia arredar o pé assim tão fácil.

— Desculpe dona Pauline, mas está tudo bem? Eu não a vejo há alguns dias, estou preocupado — ela me encarou surpresa e em silêncio por alguns instantes, mas permaneceu irredutível.

— Eu digo a ela que você esteve aqui — foi sua resposta.

Assenti contra a minha vontade. A não ser que eu a empurrasse para o lado e entrasse para ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo, não havia nada mais que eu pudesse fazer.

— Por favor, diga a ela que estou preocupado. — ela sorriu assentindo. Virei-me de costas e quando estava prestes a entrar. Dona Pauline me chamou.

— Rafa? — ela encarou o chão antes de olhar para mim novamente. — Acho que vai fazer bem a minha filha conversar com um amigo. Pode entrar,

é a segunda porta a direita.

Ficou claro como água que alguma merda tinha acontecido.

— Obrigado — passei rapidamente por ela e fui direto para o quarto da Majuzinha.

Abri a porta e me deparei com ela deitada encolhidinha e abraçada ao sapo enorme que eu havia lhe dado. Nosso filho dormia do lado.

— Maju? — chamei por ela.

Ela abriu os olhos vermelhos e inchados e sua aparência era de cortar o coração.

— Rafa! — ela levantou-se rapidamente e literalmente se jogou em meus braços.

Senti alívio instantaneamente e me recriminei por isso. Estava claro que não era nada com a gente, mas algo havia acontecido para deixar minha princesa naquele estado.

— *Shiiii!* Estou aqui — disse me sentando na cama com ela em meus braços que chorava de soluçar — Calma princesa.

— Ai Rafa, que bom você que está aqui. — segurou meu rosto e me beijou para todo lado. Também segurei o rosto dela e forcei-a me encarar.

— Vai ficar tudo bem. — tentei animá-la fazendo carinho nas suas bochechas com meus polegares.

Ela assentiu e enfiou a cabeça no meu ombro, ficou ali quietinha.

— Quer me contar o que aconteceu? — negou com a cabeça. — Tudo bem, mas fica calma, estou aqui.

Ela assentiu me abraçando forte. Ficamos assim por bastante tempo, até que ela me puxou para deitar com ela na cama. Apoiei as costas na cabeceira e ela se enroscou em mim entrelaçando nossos dedos.

Alívio era a palavra que me definia, no entanto, vê-la naquele estado, tão frágil e vulnerável me deixou extremamente preocupado.

O que aconteceu contigo, princesa?

—Rafa? — chamou-me um tempo depois.

— Estou aqui — beijei o topo da sua cabeça. — O que eu posso fazer por você, princesa? É só dizer e eu faço. E faria mesmo, faria qualquer coisa

para arrancar aquela tristeza dos seus olhos bicolores.

— Lembra quando você me disse que queria fugir comigo, por pelo menos uns três dias? — assenti — Você ainda quer? Porque se você quiser, eu fujo contigo. Me leva daqui, por favor?

Suas lágrimas correram livremente por sua face cortando meu coração. Engoli em seco e assenti.

— Eu levo. — seu rosto se iluminou através de um sorriso tímido — Te levo agora mesmo.

— Mas prometa que não vai perguntar nada, não agora. — ela pediu.

— Quando você estiver pronta pra falar, estarei pronto pra ouvir...

Ela não me deixou terminar subiu em cima de mim me agarrando e me beijando ferozmente. Já foi levando minhas mãos nos seios dela e porra!

— Sua mãe, princesa — ainda tentei dar ouvidos a razão, mas com ela enfiando a mão dentro da minha bermuda ficou difícil.

— Eu quero você — disse se esfregando em mim.

E lá se foi o restinho da minha resistência.

Puxei-a pelo pescoço enquanto ela libertava meu pau. Suas mãos já o conheciam bem e eram muito bem-vindas.

Maju tirou a camiseta e se levantou rapidamente para tirar a calcinha. Quando voltou sentou-se novamente sobre mim e me colocou para dentro.

Putá. Que. Pariu.

Nos encaramos por um tempo e meu coração parecia que ia saltar pela minha boca. Ela fechou os olhos e começou a rebolar de levinho. Eu queria pedir para ela parar, mas aquilo era tão novo e tão deliciosamente bom que eu não consegui nem falar. Parecia tão certo.

Caralho Rafa, faz ela parar!

Com muito esforço segurei a cintura dela cessando seus movimentos. Respirávamos com dificuldade. Maju abriu os olhos e se aproximou me dando um selinho.

— Eu só quero sentir você um pouquinho — disse no meu ouvido.

— Se continuarmos não vou querer parar e não quero te engravidar. — não agora.

NACIONAIS-ACHERON

Deus o que eu estava pensando?

Mesmo dizendo isso ainda movimenteí seu quadril puxando-a para mim.

— Maju.

— Rafa.

— Só mais um pouquinho — eu disse totalmente vencido.

Ela concordou e começou novamente com os movimentos. A sensação era indescritível. O calor do corpo dela me envolvendo, me acolhendo sem barreiras, beirava a perfeição.

Fodido. Fodido. Rafael Bastos.

— Você é gostosa pra caralho! — cessei seus movimentos novamente com muito custo. — Mas temos que parar.

Deitei-a na cama e beijei sua cintura, seu ventre até chegar ao meio das suas pernas. Senti o gosto da sua excitação na minha boca e aquilo era alucinante. Fiz minha Majuzinha gozar na minha língua. Não tinha levado camisinhas comigo e já tínhamos corrido risco suficiente.

Quando seu corpo se acalmou, subi beijando-o até chegar ao seu rosto. Beijei sua boca com o gosto dela na minha. Maju enroscou as pernas em mim e me abraçou.

— Desculpa — pediu envergonhada. — Eu praticamente te ataquei, fui inconsequente...

— Psiu — falei colocando o dedo nos lábios dela. — Pode me atacar sempre que quiser.

— Mas eu não devia ter... Ter... Não sei o que me deu.

— Não devia, mas fez e estava gostoso demais então te perdoo. — pisquei para ela que tapou o rosto com as mãos. — E eu sei o que te deu Maju. Tesão e saudade é uma mistura perigosa.

— Ainda vai me levar daqui? Por favor. — suplicou.

— Vou. Com uma condição.

— Que condição.

— Eu não pergunto o que foi que te aconteceu e você não me pergunta pra onde eu vou te levar. Preciso que confie em mim.

NACIONAIS-ACHERON

— Rafa eu acabei de transar ou pelo menos tentar transar com você sem proteção. Quer prova maior da minha confiança em você?

E eu nem pedi por isso.

— Ótimo tem mais uma coisa. Vamos de Mini Cooper.

— Certo — assentiu sorrindo.

— Ok. — disse me levantando — Veste isso — entreguei a camiseta dela. — Arruma suas coisas e me encontra no corredor em quinze minutos. Preciso de um banho gelado primeiro.

— Ai como sou egoísta! — Maju me puxou novamente para cama — Preciso retribuir, você foi tão maravilhoso comigo...

— Vai ter que retribuir mesmo, princesa — falei tirando as mãozinhas espertas dela de cima de mim — Vai ter que me chupar bem gostoso depois dessa sua arte, mas agora não tenho psicológico pra isso. Você fodeu com a minha cabeça garota!

Ela gargalhou. O som mais lindo que já ouvi. Fiquei feliz por tê-la feito sorrir. Quando entrei em seu quarto mais cedo, ela era apenas a sombra da minha garota.

— Até daqui a pouco — dei um beijo na testa dela e fui em direção a porta.

— Posso levar o nosso filho?

Caralho o nosso filho. Ele estava na cama com a gente de novo.

— Não. Mas se quiser pode levar o sapo.

Soprei um beijo para ela e saí. Por sorte não vi a mãe dela. Entrei no meu apartamento e encostei-me na porta.

Que caraleos foi aquilo?!

— Majuzinha você é mais louca que eu — resmunguei em voz alta.

Ainda não estava acreditando que tínhamos chegado tão longe. Cara, nem pensei em sexo quando fui até lá. Estava preocupado demais para isso. Não fui preparado, mas ela sequer quis saber disso, já foi me colocando pra dentro e porra! Que merda! Que delícia!

— Você está fodido Rafael Bastos, agora que experimentou a fruta fresca, vai querer comer até as sementes.

Tomei meu banho gelado, mas sem tempo para *distrações*. Coloquei algumas mudas de roupa na mochila junto com alguns objetos de higiene pessoal. Procurei dentro das minhas gavetas preservativos, muitos deles, era melhor estar prevenido depois da nossa brincadeirinha arriscada.

— Achei — disse pegando uma caixa fechada. Lembrei-me da cena e meu pau acordou na hora. Ela toda linda de olhos fechados concentrada nas sensações que a invadiam.

Putá merda! Aquela garota era *a garota*. Aquela que sempre me disseram que quando aparecesse eu iria saber o que era realmente gostar de alguém.

— Eu gosto demais de você, Majuzinha!

Sorri. Eu sempre pensei que quando eu realmente fosse me envolver com alguém seria com uma mulher adulta, acima da minha idade, com profissão e certa do que queria da vida. De preferência que fosse vivê-la loucamente, mas aí, uma garota linda, tão jovem e virgem caí de paraquedas do meu colo e me deixa doido desse jeito.

É a vida!

Voltei minha atenção ao que realmente interessava e peguei a mochila. Eu só esperava que os pais dela não mandassem a polícia atrás de mim, por levar a filha deles de casa.

Maju saiu do apartamento dela ao mesmo tempo que eu do meu, junto com a dona Pauline que parecia desesperada.

— Filha pelo amor de Deus você não pode sair assim sem rumo, sem me dizer para onde vai.

— Mãe, por favor — minha princesa pediu se aproximando de mim.

Dona Pauline me encarou surpresa, mais precisamente para a mochila em minhas mãos.

— Vem Rafa — fiquei imóvel no lugar olhando com pena para a mãe dela. — Vamos! — pediu saindo apressada na frente.

Engoli em seco sem saber se ia atrás do motivo da minha vida ter virado do avesso ou se dava uma satisfação a mãe dela, mas eu já tinha escolhido meu lado, não é?

Virei-me para ir em direção a Maju, mas fui impedido pela dona
NACIONAIS-ACHERON

Pauline que segurou o meu braço.

— Por favor Rafa, cuida da minha menina — pediu-me com lágrimas nos olhos.

— Vou cuidar — pousei a mão no ombro dela. — Fica tranquila que trarei sua filha de volta em segurança.

Ela assentiu. Dei um sorriso sem graça e parti atrás da maluquinha que já descia pela escada.

Que situação.

Capítulo 50 – Vamos Fugir.



Maju

Rafa me alcançou já descendo a escada. Ele pegou a minha mochila e segurou a minha mão. Olhei para ele de soslaio que tinha um sorriso lerdo pregado na cara, mas eu estava morta de vergonha.

Que louca que eu era.

Atacar o cara daquele jeito. Minha cara queimou de vergonha só de lembrar da minha *pessoa* falando que só queria senti-lo um pouquinho.

De onde eu tinha tirado aquilo?

Eu tinha sido abduzida, só isso para explicar. Logo eu que sempre fui tão centrada, tão pé no chão, tão preocupada com resultados de ações inconsequentes? Se ele não tivesse parado eu teria deixado ele ir até o final. Louca, cega de desejo e paixão.

— *Tá pensando em que princesa?* — perguntou quando chegamos ao estacionamento.

No quanto você me deixa louca e inconsequente.

— Rafa — pigarreei — Eu estou me sentindo péssima por ter agido de forma tão inconsequente mais cedo. Você deve estar pensando no quanto eu sou inocente e desmiolada.

Ele gargalhou.

— *É com isso que está preocupada?* — ele encostou-se no carro

puxando-me para ele — Eu estou mais preocupado é do seu pai chamar a polícia e me acusar de sequestro.

Foi a minha vez de gargalhar.

— Ele não faria isso.

— Eu espero. Agora quanto a você ser inocente, passa longe. Desmiolada... Talvez. — dei um tapa nele. — Ai doeu!

Peguei seu braço e dei vários beijinhos no mesmo lugar que havia batido.

— Aqui também — ele disse passando a mão no pescoço. Sorri e fiquei na ponta dos pés para beijar seu pescoço. Rafa segurou meu rosto e me beijou delicadamente na boca. — Falando sério agora, esquece isso, ok? Quer dizer, não esquece porque eu não vou esquecer, mas... — ele suspirou e beijou a ponta do meu nariz — Você arrumou um problema, vai ter que me *dar* agora sem camisinha.

Arregalei os olhos incrédula. Eu pensando que ele nunca mais ia querer chegar perto de mim com menos de três camisinhas vestidas no pênis, e ele estava querendo repetir.

— Calma princesa, a gente não vai fazer assim. Não sem estar prevenido de outra forma, mas quero que saiba que eu quero muito sentir você de novo, e de novo, e de novo. Seremos prudentes, até porque da próxima vez, não vou parar.

Sorri assentindo, morta de vergonha.

— Partiu rumo ao infinito e além? — Rafa perguntou com seu costumeiro sorriso de derreter Maju.

— Partiu — respondi morta de curiosidade em saber para onde ele me levaria, mas havia prometido não perguntar.

— A chave.

Entreguei a chave do carro para ele, e entrei do lado do passageiro. Rafa entrou em seguida e ajeitou o banco.

— Maju, antes eu queria falar uma coisa contigo.

Ai meu Deus será que ele ia continuar a falar o que havia começado e o telefonema da minha mãe havia interrompido? Por mais que eu estivesse com

a cabeça cheia por causa dos últimos acontecimentos, eu não deixei de pensar nele e no que ele tinha a me dizer nem por um minuto.

— Fala — o incentivei.

— Quando a gente decidiu transar, eu te pedi pra nunca mais ficar sem falar comigo. Foi a minha condição e você não cumpriu. Você ficou de novo sem falar comigo, não me atendeu, não respondeu minhas mensagens. Fiquei dois dias morto de preocupação, pensando um monte de besteiras. Não faz mais isso. Eu não sei pelo que você está passando e prometi não perguntar, mas você não pode simplesmente me excluir. Você entende isso? Entende que me preocupo com a Maria Júlia? A garota linda e inteligente que você é? Entende que me preocupo contigo como pessoa e não só como a mulher que eu como?

Assenti. Meus olhos cheios de lágrimas, emocionada demais pelo o que ele havia acabado de falar. Ele não disse algo como “estou apaixonado por você” ou “você é a mulher da minha vida,” mas eu iria superar, afinal as palavras que ele disse eram quase tão boas tanto.

— Estou aqui contigo, e eu sou mais do que só um rostinho bonito e um pau gostoso. Pode confiar. — é claro que ele tinha que soltar as pérolas sem filtro dele.

— Eu confio em você, Rafa. Você é a pessoa em que eu mais confio no momento — afirmei deslizando para o colo dele — Desculpe ter sido tão egoísta, mas saiba que mesmo sem te ver, e mesmo com todas as minhas preocupações eu não deixei de pensar em você nem por um instante. Sobre as ligações, eu não vi antes porque meu telefone está descarregado desde aquele dia e...

— Tudo bem — ele me interrompeu — Chega de explicações. Só não faz mais isso. Na próxima eu não aguento — Rafa colocou a mão no coração num gesto dramático.

— Combinado.

— Vamos embora que tem chão até aonde vou te levar.

Sáímos do estacionamento do prédio e um tempo depois estávamos pegando a ponte.

Iríamos para Niterói?

Não consegui me conter e perguntei se era para lá que ele ia me levar.

— É um pouco mais adiante, agora coloca uma música aí pra tocar, mulher!

Liguei o som do meu carro e selecionei a pasta de músicas do Skank.

— Tenho a música ideal para essa viagem — falei animada. Selecionei a música *Vamos Fugir*, aumentei o volume e cantamos juntos.

— Gostei dessa parte — o safado disse se referindo a parte que falava do corpo nu. Revirei os olhos sorrindo — A gente vai tirar onda de conversível, né? Deixa eu abrir a capota, Maju?

Abri a capota achando graça dele todo empolgado. Parecia uma criança que tinha acabado de ganhar um brinquedo novo. Ele ergueu uma das mãos sentindo o vento deslizar entre seus dedos.

— Tem cheiro de liberdade — sorri concordando.

Definitivamente Rafa curava qualquer depressão que eu pudesse ter e isso era um fato.

No caminho para sei lá onde eu já nem me lembrava mais que minha mãe havia aparecido sem avisar. Eu só conseguia me concentrar no cara lindo ao meu lado que pegava a minha mão e a colocava em sua perna e fazia carinho nela com o polegar.



Já começava a escurecer quando paramos de frente para a grande porteira que dava acesso a Fazenda Bastos. Sabia o nome porque tinha lido algumas placas pouco antes indicando o caminho.

Rafa saiu do carro que àquela hora já tinha a capota devidamente abaixada e abriu a grande porteira. Passei para o lado do motorista e dei partida no carro entrando na propriedade.

Depois que ele as fechou, entrou do lado do passageiro mesmo e me deu instruções para seguirmos.

— Entra nesse caminho aqui, princesa — ele disse indicando uma estradinha estreita cercada por coqueiros que ficava um pouco antes da entrada principal que levava a sede. Fiz o que ele disse e pouco tempo depois, paramos em frente a uma das casas.

— Vamos passar a noite aqui e amanhã a gente acaba de chegar.

— Ainda não chegamos? — perguntei confusa.

— Não. Quer dizer, chegamos, mas não vamos ficar aqui. — ele riu da minha cara de “não estou entendendo nada.” — Você prometeu não perguntar, lembra?

— Tudo bem.

— Ótimo, então vem.

Saímos do carro e entramos na grande casa de dois andares.

— Apesar de ter a sede e a casa ser bem grande, todos os irmãos tem a sua própria casa. — Rafa disse colocando as mochilas no sofá e me abraçando por trás.

Virei-me para ele e sorri abraçando sua cintura. Rafa me encarou deslizando o polegar na minha bochecha.

— Sente-se melhor?

— Com você não tem como sentir-se mal. Seu sobrenome deveria ser *alto astral*. — ele sorriu constrangido para variar, não ficava a vontade com elogios — Algumas doses de Rafa são suficientes para curar qualquer tristeza. Pelo menos as minhas.

Entrelacei os dedos atrás da sua nuca e o beijei. Rafa deslizou os dedos na minha coluna me deixando arrepiada. Ele ergueu-me sentando-me em um aparador ao lado da porta.

Sua língua envolveu a minha de forma alucinante, mas suas mãos seguravam meu rosto comportadas.

Porque ele não estava avançando?

— Quer subir para tomar um banho enquanto vejo se há alguma coisa para a gente comer?

O que? Não. Quero que você tire a minha roupa aqui mesmo na sala da sua mãe e se enterre em mim.

— Tá — desci do aparador.

Meu Deus estava virando uma louca, Tarada!

Rafa sorriu e segurou na minha mão.

— Não faz essa carinha. Toma um banho pra relaxar enquanto preparo alguma coisa pra gente comer. Depois eu te dou a canseira que você *tá* querendo.

— Quem disse que eu estou querendo alguma coisa? — perguntei dando os ombros.

— Seu olhos bicolores decepcionados — falou com uma cara lerda — *Tá* tão doida pra eu te *comer* que nem disfarça.

Revirei os olhos, mas meu rosto queimou de vergonha.

— Você está se achando demais, não está, não? — perguntei pegando a minha mochila — Onde fica o banheiro?

— Me achando? E aquele papo todo de algumas doses de Rafa?

— É lá em cima? — ignorei a gracinha e fui em direção a escada, mas fui impedida de chegar até ela porque ele me pegou no colo e subiu comigo, a escada entrando em uma das portas do corredor.

Rafa me jogou na cama e prendeu-me nela com seu corpo.

— Vou te dar o que você está querendo. Te deixar molinha, molinha pedindo por mais. Vou te deixar louquinha, Majuzinha — disse tirando a camisa.

Sorri de orelha a orelha.

Você é um caso perdido Maju!



— Acorda Majuzinha. —virei-me e dei de cara com Rafa sentado ao meu lado na cama.

— Que horas são? — perguntei sonolenta.

— Cinco e quinze. Vai, levanta e ajeita tuas coisas. Estou te esperando lá embaixo. — ele beijou meu rosto e saiu do quarto.

Pra onde iremos a essa hora da manhã?

Levantei-me fui até o banheiro. Tomei um banho quentinho e vesti uma calça, uma t-shirt e um casaco de moletom que ele havia pego para mim. Encontrei meu vizinho lindo e prestativo na cozinha ajeitando alguns mantimentos em uma bolsa térmica e outros em uma sacola de compras.

— Bom dia, princesa — ele me cumprimentou sorrindo.

— Bom dia — respondi sentando-me à mesa.

Rafa me serviu uma xícara de café e me entregou um prato com misto quente.

— Obrigada — agradei tomando um generoso gole do café.

Ele sorriu e continuou colocando as coisas na bolsa.

— Quer ajuda?

— Pode terminar de comer primeiro.

— Pra onde vamos? — perguntei mordendo um pedaço do meu misto quente.

— Não muito longe daqui. — respondeu concentrado na sua tarefa.

Ele saiu da cozinha e demorou alguns minutos antes de voltar com algo que parecia uma barraca de camping.

— Nós vamos acampar? — perguntei surpresa.

— É isso aí! — Rafa piscou assentindo.

Acampar? Ai meu Deus!

Terminei de comer e lavei o copo e o pratinho.

— Como posso ajudar?

— No armário atrás de você há algumas garrafas de bebidas, pega pra mim uma de uísque.

Assenti e abri o armário.

— Tem várias.

— Escolhe uma aí, eu bebo qualquer uma mesmo. — revirei os olhos e peguei uma garrafa qualquer.

Coloquei a garrafa em umas das bolsas junto com algumas garrafas de água mineral e copos descartáveis.

— E agora?

— Só vou pegar alguns cobertores, alguns casacos e podemos ir.

Assenti um pouco ansiosa.

— Não fica preocupada. — disse se aproximando e me abraçando. —

Se ficarmos aqui, corremos o risco da dona Henriqueta nos ver e acredite, você não quer isso.

— Ok — assenti.

— Vai ser divertido você vai ver — Rafa beijou-me na boca gentilmente antes de continuar — Pensa só. Nós dois no meio do nada em uma barraquinha minúscula, enroscados um no outro o tempo todo ao lado de um lago sem ninguém por perto.

Sorri. Pensando por aquele lado.

Rafa desceu minutos depois com os cobertores e os casacos. Eu o acompanhei até o carro onde ele colocou tudo dentro da carroceria.

— Ué, cadê meu carro?

— Nos fundos. Não dá pra colocar toda a essa parafernália nele. Vamos?

—Vamos.

Ele abriu a porta para eu entrar. Rafa fechou a porta e encostou-se na janela me encarando lindo toda vida.

— Pronta para se enfiar no meio do mato comigo?

— Com você? Nasci pronta.

Capítulo 51 – Mais Linda Que A Paisagem.



Rafa

Parei o carro próximo a cerca que dava para a cachoeira. Montaríamos acampamento por ali mesmo, já que era um lugar aberto e plano. Descemos do carro e eu me ocupei em tirar a barraca da carroceria enquanto Majuzinha olhava em volta ressabiada.

— Não tem cobras ou animais selvagens nessa mata, tem? — perguntou apontando para a mata que dava acesso a cachoeira.

— Relaxa princesa — falei cheio de maldade — A única cobra que vai te picar é a minha.

Maju revirou os olhos e caiu na risada.

— Eu espero mesmo — disse me devolvendo o mesmo olhar malicioso.

Criei uma monstrix insaciável.

— O que eu faço? — ela perguntou se aproximando.

— Me ajuda aqui a tirar a barraca do saco.

Ela chegou mais perto e quando foi segurar o saco que guardava a barraca agarrei o pulso dela e a puxei para um beijo.

Maju me abraçou deslizando as mãos dentro da minha camiseta e seu toque me fez acender. Caralho era só ela me encostar que uma descarga elétrica me tomava.

Segurei seu rosto e fui parando o beijo aos poucos. Encostei a testa na dela e fechei os olhos. Ela fez o mesmo. Ficamos assim perdidos em nossos próprios pensamentos até que ela se afastou e me encarou.

— Obrigada.

— Não preci...

— Precisa sim! Obrigada por me tirar de lá, por estar comigo, aqui e agora. Por ser esse cara tão...

— Gostoso? — perguntei dando piscadinha.

— Eu ia dizer incrível, mas tudo bem, gostoso também. De verdade Rafa — ela suspirou e pegou a minha mão e a levou aos lábios. — Obrigada.

Tudo bem, aquilo me deixou desconcertado.

— Você é a única garota no mundo, capaz de me deixar sem graça. Sem graça, sem palavras e constrangido. Cara é incrível isso! Como você consegue?

— Você está constrangido por eu dizer que você é incrível? Você deveria saber disso — sorri. Ouvir essas coisas dela só me deixava ainda mais apaixonado.

— Eu já disse que não tenho nada de especial. Só dei a sorte de esbarrar na garota mais incrível do estado do Rio de Janeiro inteiro. — frisei o estado antes que ela me corrigisse.

Ela sorriu negando com a cabeça.

— Estamos com falsa modéstia. Tudo bem. Você tem sorte mesmo — disse empinado o nariz — Não é todo dia que Maria Júlia Alcântara de Lacerda vulgo marrentinha se interessa por alguém.

Gargalhei.

— Concordo e não é todo dia que Rafael Bastos vulgo, sem noção, se interessa por alguém. Você também tem sorte.

Foi a vez de ela gargalhar.

— Isso. Bem melhor, não?

— Bem melhor. Agora me ajuda a montar essa barraca, mulher!

— Eu não sei montar barraca — ela se queixou.

— O quê? Vai me dizer que nunca acampou?

— É óbvio que não. Hei, sou eu, Maju.

— Ah, esqueci. A marrentinha não se mistura.

— Isso aí!

— Não tem importância. Faz o seguinte. Basta tirar a roupa e ficar pelada aí na minha frente que rapidinho eu monto essa barraca só pra te jogar dentro dela.

Ela balançou a cabeça me recriminando, mas um sorriso lindo estampou seus lábios.

— Você é mesmo sem noção.

— Sou e você me adora.



Minha princesa ficou com a tarefa de retirar as coisas do caminhonete enquanto eu montava a barraca. Depois da barraca montada, forrei o chão com os colchonetes que havia levado. Enfiei os cobertores lá dentro e por último a lamparina e o radinho a pilha.

Deixei as bolsas térmicas e a sacola com mantimentos dentro da caminhonete estacionada debaixo das sombras das árvores.

— Você sabe que esse gelo não vai durar para sempre, não é? — disse referindo-se a bolsa térmica que estava com a água. Eu a enchi com gelo para conservar a água fresquinha.

— Eu sei — respondi entregando uma garrafinha de água a ela — Não se preocupe com isso. Está tudo sob controle. — Majuzinha arqueou a sobrancelha, mas resolveu não perguntar nada.

Aproveitei que ela estava no banho ontem à noite e liguei para o Dé, o peão da fazenda e nosso amigo desde a infância avisando da minha visita repentina.

Pedi a ele que nos arranjasse água e comida durante os dias que ficassemos por lá e é claro pedi segredo. Tudo que eu não precisava era da vó Henriqueta aparecendo e puxando literalmente a minha orelha na frente da Maju.

Eu é que não ia ficar no meio do mato sem água e comida, não é mesmo?

Sexo não enche barriga. Bem, para falar a verdade até enche, por aproximadamente nove meses, mas não mata fome. Não esse tipo de fome.

Voltei até a caminhonete e peguei a rede. Acampar sem rede, não era acampar.

— Você trouxe uma rede? O que mais tem nessa caminhonete? — Maju perguntou surpresa.

— Tudo pra fazer da nossa rápida estadia a mais confortável possível.

Ela sorriu e me ajudou a amarrar a rede na árvore. Quando terminamos a puxei para deitar nela comigo.

— Vamos testar. Viu só? Perfeito! — falei aconchegando seu corpo ao meu.

— Perfeito. — ela concordou virando-se para mim. — Me conta mais sobre você Rafael Bastos.

— O que quer saber?

— Tudo — disse empolgada.

— Não há muito pra saber. Cresci em Niterói como já mencionei. Sou muito apegado a minha família, mesmo estando um pouco ausente ultimamente. Adorava vir passar as férias aqui quando era criança. Meu avô me ensinou a beber, tenho uma porrada de primos gêmeos, essas coisas.

— Do que você gosta?

Olhei para ela e não pude deixar de sorrir.

— De você — disse com sinceridade.

— Estamos evoluindo — brincou — Pensei que ia sair besteira.

— Confessa que adora quando eu falo besteira, Majuzinha.

— Adoro — confessou e meu deu um selinho rápido — Vocês são em quantos? Os primos?

— Somos eu e o Gabriel. O Kay e os irmãos Kaíque e Kevin. O Guilherme e a Andressa. A Aline e a Alexia. A Juliana, a Jordana e o João Augusto. O Thiago, o Thomas e a Rubiana e os pequenos, Mateus e Miguel, Clarinha e Isabella. E agora tem o meu irmãozinho ou irmãzinha que vai

nascer.

— Nossa vocês são muitos! — exclamou admirada minha marrentinha.

— Sim, a família é grande. Esses são os primos de primeiro grau, ainda tem mais, mas se eu for contar todos, vamos ficar aqui até amanhã só falando disso.

— Deve ser muito legal crescer numa família grande assim.

— Com certeza, a sua, não é? Você não tem muitos primos? — perguntei interessado, ela nunca falava da família e da outra vez que toquei no assunto ela se esquivou.

— A família da minha mãe é bem grande, mas não temos muito contato. Vez ou outra vamos visitar meus avós. Eles vivem em São Paulo. Já a do meu pai é pequena, os pais dele já morreram e ele é filho único.

— Entendi.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou desviando do assunto - de novo.

— Agora? — levantei-me e a ajudei a se levantar. — Vamos nadar pelados.



— Tem certeza, Rafa?

— Vem sem medo, princesa. *Tá* comigo *tá* com Deus. — falei já do lado de dentro da cerca que levava até a cachoeira.

Ergui a mão para ela que a segurou e sorriu.

— Tudo bem.

Devolvi o sorriso e seguimos pela *trilhazinha* mata adentro. A caminhada não durou nem dez minutos e logo já estávamos de frente para a exuberante cachoeira.

— Uau! — exclamou admirada.

— Viu? Eu disse que valeria a pena — falei no ouvido dela.

— Com certeza vale. — concordou passando por mim.

— Só cuidado com as pedras, são bem escorregadias.

Maju colocou as toalhas em uma das pedras e se aproximou da

NACIONAIS-ACHERON

margem. Fiquei paralisado admirando-a, enquanto ela olhava a natureza.

Seria exagero dizer que ela era ainda mais linda que a paisagem?

— Você não vem? — perguntou notando que eu não a acompanhei.

— Estou admirando a vista.

— Ok — minha princesa me deu as costas e começou a se despir. Tirou os tênis, a camiseta, short e em seguida pulou na água. — Está uma delícia, Rafa! Vem logo! — gritou.

Também tirei meus tênis, camiseta, bermuda e claro a cueca e pulei atrás dela.

— Qual foi a parte do nadar pelados que você não entendeu? — perguntei quando me aproximei dela.

— Não seja por isso — Maju tirou o sutiã e o jogou nas pedras seguido da calcinha. — Melhor?

— Bem melhor — sorriu cheia de malícia. Safadinha.

Segurei suas pernas e a levantei. Maju enroscou-se em volta do meu corpo e me beijou suavemente, no estilo Maju, mas eu estava doido para beijá-la no estilo Rafa e foi o que fiz.

Aprofundei o beijo de forma voraz. Nossas línguas duelaram entre si enquanto minhas mãos apertavam sua bunda e suas unhas arranhavam minhas costas.

— Qual a chance de aparecer alguém aqui e nos flagrar? — ela perguntou quando liberei seus lábios.

Além do Dé?

— Nenhuma. Relaxa.

— Eu estou relaxada — minha princesa disse se afastando nadando de costas.

Ela se virou e nadou até próximo a cachoeira. Hipnotizado fui atrás.

Brincamos por bastante tempo na água. Ela subiu nos meus ombros, tentou enfiar a minha cabeça na água. Apostamos para ver quem nadava mais rápido. Eu a deixei ganhar é claro e quando nos cansamos de ficar na água, nadamos até a borda e nos sentamos nas pedras. Eu a sequei e a enrolei na toalha.

Ficamos abraçados um bom tempo. Ela entre as minhas pernas com a cabeça encostada no meu ombro, até o desejo falar mais alto. Ali mesmo na pedra, entre as toalhas e as nossas roupas, eu a amei. Do jeitinho que ela merecia. Do jeitinho que tinha que ser.

Quando voltamos ao nosso acampamento, nossa comida já nos aguardava quentinha dentro de uma caixa de isopor.

— Você não dá ponto sem nó! — Maju exclamou abrindo a caixa.

O cheiro delicioso de comida da roça invadiu nossas narinas e cara, eu estava com fome.

Forramos o chão e nos sentamos sobre a tolha. Servi a comida dela no prato e a entreguei fazendo meu prato em seguida. Sentei-me ao seu lado e comemos em silêncio. Ela toda linda com os cabelos molhados vestida apenas com a minha camiseta.

Quando terminamos nosso almoço, juntei os pratos e o resto das comidas colocando-as em um saquinho para quando o Dé voltasse pudesse levar. Maju aproveitou e colocou as toalhas para secar, junto com sua roupa íntima.

Servi uma dose de uísque e peguei uma garrafinha de suco pra ela.

— Obrigada — sorriu agradecida.

— Vem vamos para a barraca. — disse erguendo a mão para ela que a segurou e me acompanhou até a barraca.

Liguei o radinho a pilha em uma estação qualquer e me deitei de bruços segurando o peso do meu corpo com os cotovelos. Maju deitou-se ao meu lado imitando meu gesto. Bebi todo o líquido do meu copo e a abracei pelos ombros. Ela sorriu e encostou a cabeça na minha.

— Sou adotada — disse de repente. Eu a encarei surpreso — Naquele dia que minha mãe ligou era porque a minha mãe biológica me aguardava em casa junto com meus dois irmãos pequenos e eu sequer sabia que existiam.

Senti um aperto no peito por ela. Minha princesa encarava a garrafinha de suco em suas mãos e uma lágrima solitária escapou do seu olho. Puta merda. Cortava o coração vê-la assim.

— Oh, princesa! — puxei-a para mim e a aconcheguei em meus braços.

Ela chorou agarrada a mim por mais ou menos uns dez minutos. Eu

NACIONAIS-ACHERON

queria ter o dom de poder tirar toda aquela tristeza dela. Minha Majuzinha irradiava coragem e força. Era muito triste vê-la naquele estado e não poder fazer nada. Me senti impotente.

Quando suas lágrimas cessaram ela continuou: — Fui abandonada por ela quando tinha seis anos. Minha avó foi quem cuidou de mim, mas quando ela morreu eu fui parar em um orfanato. Foram anos horríveis. Não por ter sido maltratada ou coisa do tipo, mas pela solidão que senti e pelo abandono. Quando eu via as crianças menores sendo adotadas e nós, as crianças maiores ficando, minhas esperanças de uma dia ter novamente uma família iam ficando cada vez menores. Até que dois anjos chamados Pauline e Euclides apareceram na minha vida. Sou muito grata a eles, sabe — ela disse fungando. — Tenho uma vida feliz, mas infelizmente não superei o abandono. Sei que estou muito melhor hoje do que se estivesse continuado com ela, mas mesmo assim, ela é a minha mãe. Como teve coragem de me abandonar para ir atrás de um qualquer?

— Poxa, Majuzinha. Eu não consigo nem imaginar pelo que você passou antes, e como está se sentindo agora que ela voltou. Ela te disse alguma coisa? Pelo menos tentou se explicar?

— Eu não deixei, Rafa. Eu mal olhei na cara dela e na das crianças. Corri para o meu quarto e só saí quando você me tirou de lá. Fui covarde, eu sei, mas eu não estava preparada...

— *Shiiii!* Calma. Você tem todo direito de se sentir assim, princesa — a abracei ainda mais forte. — Se sua vontade é mandar todo mundo se foder, faça. É a sua vida, pô. Você está no seu direito. Eu vou estar aqui contigo, te apoiando sempre que precisar. Ouviu? — perguntei segurando seu rosto. — Eu vou estar contigo. Quer mandar todo mundo se ferrar, manda, mas se quiser se aproximar, conhecer seus irmãos, também é um direito seu.

— Não sei se quero isso, Rafa. Quer dizer, fiquei me sentindo mal por tê-los ignorado, mas falar com eles, tentar uma aproximação? Não quero, pelo menos não agora.

— Tudo bem, não pensa nisso agora. Vamos aproveitar cada momento juntos, só curtindo um ao outro, sem pensar em problemas. Te trouxe até aqui para te distrair, pra te ajudar de alguma forma.

— E está. Eu estou amando estar aqui contigo, Rafa. Você é incrível, o

que você está fazendo por mim... Nossa nem sei como agradecer.

— Eu sei — pisquei com malícia, mas só para quebrar aquele clima tenso.

— Eu sei que você sabe seu pervertido! — gargalhei.

— *Tá* esperando o quê?

Ela sorriu e veio para cima de mim, estava nua da cintura para baixo.

— Nada.

Capítulo 52 – Deixa Eu Ser Sua Prioridade?



Maju

Quando saímos da barraca, já estava escurecendo. Barulhos de grilos era a única coisa que se ouvia além da cachoeira. Rafa acendeu uma fogueira e a lamparina para deixar o local um pouco mais iluminado.

Sentei-me no cobertor forrado no chão e joguei outro sobre os meus ombros.

Ele foi até as sacolas e pegou sua garrafa de uísque. Para mim ele pegou uma lata de refrigerante na caixa de isopor.

— Acho que ainda está gelado — Ele disse sentando-se ao meu lado.

— Obrigada.

Ouvimos um barulho de carro se aproximando. Uma caminhonete parou e um cara desceu com uma caixa nas mãos. Ele usava bota e chapéu. Com certeza deveria ser funcionário da fazenda. A pessoa que havia deixado a comida mais cedo.

— Boa noite — nos cumprimentou educadamente.

Rafa se levantou e foi até ele. Os dois se afastaram em direção ao carro em que estávamos e meu vizinho lindo entregou ao visitante as sacolas com as sobras e as vasilhas do almoço. Eles conversaram por alguns minutos e logo depois o rapaz se despediu com um aceno.

— Ele trouxe comida — Rafa disse quando se sentou novamente ao

meu lado.

— Ainda não estou com fome — falei tomando meu refrigerante.

— Eu também não — respondeu bebendo um gole de uísque da própria garrafa.

Rafa me abraçou e ficamos olhando o céu lindo e estrelado acima de nossas cabeças.

— É incrível — exclamei admirada — Na cidade não dá para perceber o quanto o céu é lindo a noite.

— É verdade — meu vizinho lindo me deu um beijo na bochecha e me puxou para deitar — Mas você é ainda mais linda que as estrelas. Do que a cachoeira e tudo ao nosso redor.

— Nossa! — coloquei a lata de refrigerante no chão e me virei de lado para encará-lo — Você está muito romântico hoje.

— Fazer o que se você me deixa assim? — Rafa respondeu virando-se para mim.

— Assim como?

— Assim — ele piscou sorrateiro.

— Assim? — insisti.

— Assim, sem saber o que dizer. Assim sentindo meu coração acelerar — Colocou a minha mão em seu peito — Assim.

— Estou sofrendo do mesmo mal — repeti o que ele me disse uma vez. Era verdade, meu coração batia na mesma sincronia.

— O que a gente faz? — perguntou se aproximando.

— A gente deixa rolar para ver no que vai dar.

— Eu já sei onde isso vai dar, princesa — Rafa suspirou — Eu e você juntos como dois namoradinhos. Grudadinhos igual chiclete. Daqueles que grudam no asfalto quente e não soltam mais. Sorri.

— Você acha mesmo isso?

— Você, não?

— Sim.

— Fiquei preocupado agora. Pensei que não fosse o que você queria.

— Eu quero todas as coisas com você Rafael Bastos, mas tenho medo de que você se canse de brincar de casinha comigo e que sinta falta de ser o que era antes de mim.

— Eu não era ninguém antes de você então... Não quero voltar a ser um ninguém.

Ai meu Deus! Ele disse mesmo isso?

Encarei seu lindo rosto e eu poderia jurar que eu estava de boca aberta. Que declaração foi essa?

Eu não era ninguém antes de você, então... Não quero voltar a ser um ninguém.

Acho que ele se deu conta da força de suas palavras, porque me encarou visivelmente constrangido.

— Acho que isso soou um pouco exagerado — sorriu sem graça.

— Se foi verdadeiro, soou perfeito. — falei segurando a mão dele.

— É verdadeiro, Majuzinha. Tudo com você está sendo verdadeiro. Já disse, estou curtindo muito esse lance entre a gente.

Na lona. Na lona. Na lona. E dessa vez não me levanto mais.

Rafa me beijou delicadamente e me abraçou cheio de carinho. Retribui o abraçando e o apertando com força. Aquele dia com certeza seria o melhor dia da minha vida. Eu o amava mais que tudo, e tudo indicava que estava sendo correspondida.

Embora ele não tivesse dito as palavras mágicas, eu sabia que quando ele se sentisse seguro me diria, pois Rafa sempre dizia o que pensava.

Eu também não havia dito nada, mas a minha vontade era de gritar a plenos pulmões o quanto eu o amava, mas tinha medo de assustá-lo.

— Vamos comer?

Concordei e dessa vez deixei de ser folgada e ajeitei a nossa comida. Ele ainda insistiu para que eu o deixasse pegar as coisas, mas não deixei. Já estava ficando mal acostumada com tanto mimo e cuidado.

Depois que terminamos a refeição. Rafa juntou tudo e colocou de volta na caixa.

— Sua avó sabe que estamos aqui? — perguntei quando ele voltou a

sentar-se ao meu lado.

— Não.

— Entendi. É que esse rapaz está nos trazendo comida então pensei que tinha sido a mando dela. Ele sorriu.

— Fui eu quem pediu a ele que nos trouxesse comida. A mãe dele é cozinheira lá na sede — explicou despreocupado virando a garrafa de uísque nos lábios.

Eu não deveria ter achado sexy a forma como ele bebeu o líquido da garrafa, afinal era álcool, mas foi inevitável.

— Como eu disse. Você não dá ponto sem nó.

— Sabe como é, né? Eu queria que a única preocupação da gente fosse a de namorar o máximo que conseguíssemos e eu não iria me enfiar no meio do mato contigo para te deixar passar fome.

Namorar o máximo que conseguíssemos. Acho que acabei de ter um mini-infarto. Na verdade, eu estava vivendo de mini-infartos ultimamente.

— Está vendo só como você me deixa? Falando pelos cotovelos. Vem aqui, vem. — puxou-me para ficar entre suas pernas.

— Você pretende ficar bêbado essa noite?

— Só se for de você — Rafa segurou meu pescoço e me virou para beijá-lo e beijar Rafael Bastos sob a luz das estrelas não tinha preço.

— Espera! Está faltando algo — ele foi até a barraca e pegou o rádio a pilha. Sentou e ficou procurando uma estação, mas a única coisa que saía do radinho era ruídos.

Rafa desistiu de fazê-lo funcionar e pegou seu celular.

— Não tem sinal de celular, nem internet, mas tem playlist — disse com cara de menino levado.

Aguardei com curiosidade a escolha da música, até que a *nossa música* rompeu o silêncio. Rafa sorriu e me puxou para ficar de pé. Ele enlaçou minha cintura e começou a balançar os quadris, mas eu não o acompanhei.

— Qual é Majuzinha? Dança pra mim, vai? Como no dia da festa.

— Não vou dançar aqui no meio do nada — respondi sem graça.

— Fez coisa pior comigo aqui no meio do nada e agora não quer dançar

para mim? — fez biquinho e eu o agarrei e o beijei.

Como ele era lindo fazendo biquinho!

Com os lábios colados nos dele fui me soltando aos poucos. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas me provocando arrepios. Ele interrompeu o beijo e segurou as minhas mãos me girando e me puxando de volta para ele. Minutos depois eu já estava leve e solta sorrindo e dançando com meu delicioso vizinho da porta da frente.

— Dança pra mim — pediu baixinho no meu ouvido.

O encarei indecisa, mas o brilho intenso em seus olhos me fez afastar um pouco dele e começar a me balançar lentamente em sua frente. Fechei os olhos e deixei a música me invadir.

... Ela não cansa, não cansa. Não cansa jamais. Ela dança, dança. Dança demais...

Levantei meus braços e me movimentei no ritmo da música. Passei minhas mãos pelo meu pescoço e fui descendo pelo meu corpo lentamente. Abri os olhos e o encarei paralisado na minha frente. Sua expressão era um misto de admiração e desejo. Flashes da nossa dança no casamento da Angel vieram a minha mente me fazendo aproximar dele e enlaçar seu pescoço.

Nos olhamos nos olhos, já não dançávamos. Eu já não ouvia mais a música, nem os grilos cantando, nem a cachoeira ao longe. Meu sentidos eram todos *visão*. Eu só o via lindo ali na minha frente com a expressão de quem estava assistindo um espetáculo e eu era o esse espetáculo.

Não existia no mundo olhar mais penetrante do que o olhar de Rafael Bastos.

Ele me devorava com aquele olhar de derreter Maju, com aquela intensidade de me deixar nocauteada.

— Chega de dança — Rafa me carregou no colo levando-me para a barraca. As poucas roupas que estávamos vestindo logo foram esparramadas pelo capim.

— Sobre me *dar* sem camisinha. Falei sério, Majuzinha — disse enquanto rolava o preservativo em seu comprimento. Sorri assentindo.

— Quero sentir você de novo sem barreira — sussurrou quando entrou em mim.

Nossos corpos se conectaram carregados de desejo e paixão. Rafa investiu contra mim com seus lindos olhos verdes cravados nos meus. Seus olhos só me deixavam quando me beijava. Ele beijou meu pescoço, minha orelha, meu queixo enquanto me levava a um êxtase intenso e carregado de sentimentos.

Ele sentia, eu sabia.

Quando os últimos espasmos deixaram meu corpo, Rafa acelerou suas investidas e se libertou com um grunhido rouco.

Depois de um tempo agarrados, ele saiu de dentro de mim e retirou o preservativo. Depois buscou os cobertores e nossas roupas lá fora. Vesti sua camiseta novamente, um casaco de moletom e um calça de pijama, enquanto ele apagava a fogueira. Rafa também se vestiu e deitou-se ao meu lado me abraçando de conchinha.

Ficou brincando com um mecha do meu cabelo e cheirando minha nuca. O carinho estava delicioso, mas eu precisava olhá-lo nos olhos e beijá-lo.

Foi o que eu fiz. Beije-o até que não me restasse mais ar para respirar, beije-o até meus lábios ficarem dormentes.

Demoramos para dormir. Passamos a madrugada conversando. Eu nunca me cansaria de ouvi-lo falar. Ele contava da família com tanto entusiasmo. Da faculdade nem tanto. Contou-me sobre estar pensando em fazer outro curso quando terminasse o curso de Direito. Contou-me também sobre não ter ideia do que fazer da vida.

— E você, princesa? O que quer fazer da sua vida?

— Não tenho planos também. Meu único objetivo é ser uma excelente psicóloga.

— Você será. E a mais gostosa também. Vai curar muito maluco só de eles olharem para você. Gargalhei.

— Bobo.

— É sério, Majuzinha. Pensa só. O cara vai entrar doido no seu consultório e sair apaixonado. E de pau duro pra completar.

— Que horror!

— Se bem que comigo foi o contrário. Eu estava são, aí te conheci

NACIONAIS-ACHERON

fiquei é doido. Doido por você. E de pau duro!

— Eu vou levar para o lado positivo isso aí que você disse — brinquei, mas por dentro os milhões de beija-flores voavam loucamente no meu estômago.

Ele apenas sorriu.

— Falando sério agora. Você disse que quer ser uma excelente psicóloga, mas e como mulher? O que você quer?

— Você quer saber se sonho em me casar e ter filhos?

— Sim. Afinal toda mulher sonha com isso — disse convicto.

— Eu não. Quer dizer, se acontecer é porque tinha que acontecer, não porque eu estava procurando. Minha prioridade é minha faculdade. Depois montar o meu consultório. Casar? Não está nos meus planos.

— Deixa eu ser uma das suas prioridades, Maju?

N.O.C.A.U.T.E.

Abri a boca, mas não consegui pronunciar nada. Ele havia tirado o dia para me deixar sem reação. Cada vez que abria a boca, meu pobre coração fraquejava.

Como eu disse, mini-infartos.

— Não vai responder? — insistiu com olhar preocupado.

— Só se eu puder ser sua prioridade também — seu sorriso se iluminou.

— Então estamos combinados.

Ele beijou a ponta do meu nariz e me abraçou.

— Ah, marrentinha. Você virou meu mundo do avesso, mas para ser sincero, nunca gostei tanto dele como agora.

— Eu posso dizer o mesmo do meu mundo. Ele está bem mais interessante depois que um certo vizinho sem noção apareceu.

— Eu te entendo. Sou irresistível. Causo esse efeito nas mulheres.

— Não me lembre disso! — Fiz bico. Ele caiu na risada. Acabei sorrindo com ele.

Ficamos namorando esperando o sono chegar, mas sinceramente, eu

acho que ele nunca chegaria naquela barraca. Estava impossível de dormir ali.

— Princesa?

— Hum?

— Partiu caminhonete? Não consigo dormir nessa porra!

Concordei na hora. Só depois que fomos para a caminhonete foi que conseguimos pegar no sono, mas se dormimos duas horas foi muito.

Acordei assustada com alguém batendo no vidro do carro. Rafa também acordou e encarou o lado de fora.

— Rafael Bastos Manfrin!

— Puta que pariu! — sussurrou — Vó Henriqueta na área.

Capítulo 53 – Amar É...



Rafa

— Ô de casa! — vó Henriqueta gritou do lado de fora da caminhonete. Olhei para Majuzinha que me encarava assustada.

— Relaxa, princesa. Vou falar com ela.

Maju assentiu se enrolando no cobertor. Abri a porta e saí. Dei de cara com a minha avó montada no Ventania, o cavalo dela. Junto com ela estavam o Dé, que me olhava com uma cara de *sinto muito* e o pai dele. Cada um em seus cavalos.

— Vó a senhora veio galopando até aqui? — perguntei preocupado.

— Estou velha menino, mas não estou entrevada — assenti com um sorriso — Me ajude a descer.

Fiz o que ela pediu e a ajudei descer do cavalo. Vó Henriqueta encarou a caminhonete tentando enxergar lá dentro, mas os vidros eram escuros e não dava para ver direito.

— Achou mesmo que viria para cá com a garota e eu não iria ficar sabendo? — perguntou com cara de poucos amigos.

— Na verdade, achei — respondi. Lerdo toda a vida.

— Pois você já deveria saber que o que acontece dentro das minhas cercas não passa despercebido por mim. Ia embora sem ao menos falar com a sua avó?

— Vó, chega aqui um instantinho — puxei-a para longe da caminhonete. — Eu estou em uma missão — cochichei.

— Está? E você sabe que está todo mundo maluco por causa dessa sua missão?

Todo mundo maluco?

— Explica isso, vó.

— Seu pai está querendo torcer seu pescoço porque você simplesmente largou faculdade e estágio para fugir com a vizinha sabe Deus pra onde. Os pais da garota estão à beira de um ataque de nervos sem notícias dela. Sua mãe está grávida e não pode se estressar, mas não consegue porque o filho desmiolado sumiu no mundo com a filha dos vizinhos. Isso está bastante explicado para você agora?

Eu não queria ter sorrido, não era engraçado, mas... Tudo bem, era um pouco engraçado sim.

Como as pessoas faziam tempestade em copo d'água!

— Você ri menino! — levei um tapa.

— Ai vó! — dona Henriqueta fez pose de durona, mas como a dona Suellen, minha mãe, não resistiu por muito tempo e começou a sorrir.

— Você é igualzinho ao seu pai. Aquele lá deu um trabalho danado ao seu avô quando começou a andar atrás da Suellen. Fez cada loucura para ficar com sua mãe e você está indo pelo mesmo caminho.

— O que quer dizer?

— Já estou sabendo o que aconteceu. Sei pelo que a menina está passando e sei que você só quer ajudar, o que me deixa bastante curiosa. Desde quando você se importa com uma garota que não seja em qual canto escuro você vai...

— Já entendi, vó — interrompi.

Fiquei envergonhado ao reconhecer que ela dizia a verdade. Nunca liguei mesmo. Antes eu só queria *comer*, sem me importar com nada. Sem me importar com os sentimentos das mulheres que como minha avó mesmo disse, eu levava para os cantos escuros.

Quantos corações eu devo ter destroçado? Quantas meninas já

choraram por mim?

A resposta poderia ser nenhuma já que eu não prestava e elas sabiam, mas e se teve uma que mesmo avisada, fantasiou ter algo mais e que eu pudesse corresponder? Sentime mal por todas as garotas que fodi sem compromisso, só para saciar meus desejos.

— Eu me importo com ela — olhei para a caminhonete.

Minha avó me deu um sorriso cúmplice.

— Eu sei. E estou orgulhosa de você meu neto. Pela primeira vez na sua vida, você não está pensando em si próprio. Você abriu mão dos seus deveres só para vê-la bem, para ajudá-la, embora eu ainda ache um absurdo vocês não terem sequer pensado em ligar para tranquilizar os pais de vocês.

— Avisa que estamos aqui, vó. Que estamos bem. Vou levá-la de volta em segurança. Garanti isso a mãe dela.

— E é só por isso que ainda não apareceu a polícia aqui, filho. Só por isso. Eu já tranquilizei a todos, mas seu pai pediu, pediu não, ele exigiu que você passe lá na casa dele antes de voltar para o Rio.

— Tudo bem eu passo lá.

— Naquele dia do casamento do Kay, quando vi você e essa menina juntos ficou nítido para mim e agora, depois de você fugir com ela só porque ela pediu, está claro como a água daquela cachoeira — Minha avó apontou da direção da cachoeira.

— O que está claro?

— Você ama essa garota.

Amo? A Maju? Não, não. Amar não, estou apaixonado confesso, mas amar?

— Vó, a senhora está exagerando... Eu gosto dela. Estou apaixonado assumo, mas amar?

— Olha onde você veio parar Rafa! Você é Rafael Bastos. Se fosse o Gabriel aqui, o Gui, ou até mesmo o Kay eu compreenderia que o gesto tinha sido apenas de solidariedade, mas você?

— Poxa vó, assim a senhora me ofende. Também sou solidário!

— Não estou dizendo que você não é, mas Rafa eu te conheço. Você

não faria isso se não estivesse amando essa garota. Amar é colocar o bem estar do outro acima do nosso. É exatamente o que você está fazendo enfiado aqui, no meio do mato, com essa menina.

Engoli em seco.

— Bom, eu já vou indo, mas antes tenho que cumprir meu papel de avó.

— O que a senhora quer dizer com... *Aiiii!* — sim ela puxou a minha orelha.

— Prontinho — disse ajeitando a roupa. — Agora vá chamar a mocinha.

— Não tem necessidade...

— Vá chamá-la Rafael.

— Vê lá, hein, vó! — fui até a caminhonete e abri a porta do passageiro. Majuzinha me encarou com os olhos arregalados.

— Vem, princesa.

— Não sei não, Rafa. Ela puxou a sua orelha.

— E talvez puxe a sua, vem. — estendi a mão para ela.

— Agora é que não vou mesmo! — disse cruzando os braços.

Gargalhei.

— É brincadeira, Majuzinha. Vem dar um oi para a minha avó. Ela é gente boa.

Maju suspirou vencida e agarrou a minha mão. Caminhamos de mãos dadas até a vó Henriqueta que nos encarou com um sorriso largo nos lábios.

— Acho que não fomos devidamente apresentadas. Eu sou Henriqueta, avó desse descabeçado aqui. — abracei minha vizinha pelos os ombros e beijei na bochecha.

— Prazer, Maju.

— Eu espero de coração que você tenha aproveitado a sua estadia aqui, querida. Mas você precisa voltar pra casa e enfrentar seus problemas e de cabeça erguida. Infelizmente eles continuarão exatamente onde estão, e te esperando, você estando aqui ou em qualquer outro lugar.

Maju ficou da cor de uma pimenta madura. Nem respondeu, apenas assentiu com a cabeça.

— Mas não precisam se apressar — vovó suavizou a expressão — No entanto, quero os dois lá na sede para jantarem comigo hoje. O jantar é servido às seis horas, como o Rafa bem sabe. Não se atrasem.

Vó Henriqueta puxou a Maju para um abraço. Minha princesa retribuiu toda sem graça. E eu nada folgado, abracei as duas logo de uma vez.

— Até mais tarde — vovó se despediu indo em direção ao Ventania. Eu a acompanhei para ajudá-la a montar no cavalo.

Ela soprou um beijinho e se afastou trotando em seu cavalo. O pai do Dé a seguiu.

— Foi mal Rafa. Mas não dá para esconder nada da sua avó. Na primeira prensa que ela me deu, já despejei tudo — Dé se explicou me entregando um cesta de café de manhã.

— Fica tranquilo, cara. Eu sabia que ela ia descobrir, era questão de tempo. Essa é a dona Henriqueta.

— Valeu meu camarada. — ele se despediu e saiu cavalgando atrás dos demais.

Virei-me para minha princesa e ela limpava suas lágrimas antes de caírem dos olhos.

— Ei! O que foi?

Corri e a abracei. Maju repousou a cabeça em meu peito e permitiu que suas lágrimas rolassem pelo seu lindo rosto.

— Não liga para a dona Henriqueta. Ela não tem papas na língua — afaguei seus cabelos com a mão livre.

— Parece até alguém que eu conheço. — sorriu tristonha — Mas ela tem razão. Preciso enfrentar.

— Concordo, mas não pense nisso agora. Ainda estamos aqui no meio do nada. Deixa para se preocupar quando chegarmos ao Rio.

Ela assentiu limpando o rosto molhado.

— Vamos aproveitar o nosso dia. Depois vamos lá e jantamos com ela. Aí se você quiser. Partimos pela manhã, mas só se você quiser.

— Eu acho melhor mesmo. Não quero lhe causar problemas.

— Não se preocupe com isso, princesa. Não está me causando problema algum — a abracei.

Claro que o fato de o meu pai estar querendo falar comigo, era bem capaz de eu levar uns puxões de orelha lá também, mas ela não precisava saber.

— É sério Rafa, já causei demais com esse meu ataque de menina mimada. É hora de encarar os problemas de frente.

— Concordo que seja hora de encarar seus problemas, mas não que você esteja sendo mimada. Deve ser barra passar pelo que você está passando.

— Então, está decidido. Passamos mais esse dia aqui, grudadinhos — disse se aconchegando a mim — Mas amanhã vamos embora.

— Só tenho que passar na casa dos meus pais antes, tudo bem?— Majuzinha assentiu — Vem. Vamos tomar café e depois namorar até cansar.

— Adorei a nossa programação!

Se ela adorou imagina eu com a minha mente fervilhando de coisas para fazer com ela.



Chegamos a casa da vovó pontualmente às seis horas. Ela já nos aguardava na sala de jantar.

— Bem-vinda, Maju — vovó a cumprimentou sorridente, até demais.

— Vó vai devagar com o licor — falei beijando sua testa.

— Olá para você também meu neto. Fiquem à vontade. Vou ver se a comida está pronta.

Vovó se retirou e eu fui direto ao barzinho de canto me servir de alguma bebida.

— Viu? Estava preocupada à toa — disse para a minha princesa que sorriu aliviada.

— Ela parece ser tão legal.

— Ela é. Você tinha que ter conhecido meu avô... — sentei-me na

poltrona e a puxei para sentar no meu colo.

Contei as várias aventuras que vivi com meu avô enquanto esperávamos minha avó voltar.

— Por que você bebe tanto?

— Não bebo tanto assim...

— Bebe porque o avô o ensinou — minha avó respondeu por mim. — O jantar vai ser servido.

Eu e minha princesa acompanhamos minha avó até a mesa.

— Como a senhora sabe disso, vó? — perguntei com curiosidade.

— Já disse. Não tem nada que aconteça dentro das minhas cercas que eu não fique sabendo menino!

Sorrimos os três. Vovó era mesmo muito divertida. Passamos o jantar inteiro rindo das histórias dela. Isso me fez sentir falta da época de criança. Das férias na fazenda. A *primaiada* toda misturada correndo pelos pastos em seus cavalos, ou nadando na cachoeira.

Olhei para a Maju que sorria lindamente para minha avó enquanto contava sobre a família que a adotou.

Eu estava apaixonado. Não negava mais, tinha aceitado e estava até curtindo estar sentindo aquilo por ela. Pela minha garota de olhos bicolores.

Mas paixão não era amor, no entanto, lembrei-me das palavras da minha avó.

Amar é colocar o bem estar do outro acima dos nossos.

Caralho.

Maju olhou para mim e meu coração disparou. A única garota capaz de me deixar daquele jeito. Bobo, perdido e sem jeito. Sorri de volta para ela e um aperto tomou conta do meu peito.

Amor ou paixão. Que *caralhos* fosse aquilo que eu estava sentindo, era forte. Era verdadeiro.

Depois do jantar nos despedimos da minha avó que nos acompanhou até a caminhonete aconselhando a Maju sobre dar aos pais uma chance de se explicarem.

— Vou pensar com carinho em tudo o que a senhora me disse — minha

NACIONAIS-ACHERON

princesa sorriu depositando um beijo na bochecha da minha avó.

Elas já pareciam amigas íntimas. Mulheres!

Abri a porta da caminhonete para Majuzinha que agradeceu e entrou. Fui até a minha avó e a abracei.

— Obrigado, vó. Acho que seus conselhos foram bem aceitos.

— Estou orgulhosa de você, Rafa. O que você está fazendo por essa garota é nobre meu neto, mas ajude-a a passar pelos problemas apenas com o seu apoio. Não a influencie.

— Com certeza.

— Ah, Rafa — ela segurou meus ombros e me puxou para beijar minha testa. — Queria que seu avô estivesse vivo para ver o homem incrível que você se tornou.

— E gostoso, vó. Não esquece: — Gostoso. — dona Henriqueta meneou a cabeça sorrindo.

Dei mais um abraço nela e fui em direção a caminhonete. Quando entrei virei-me para Majuzinha. Segurei a mão dela e a levei aos meus lábios.

— Princesa?

— Hum?

— Está divertido acampar e tudo mais... Mas que tal dormir na casa dos meus pais hoje? Minhas costas agradecerão — ela gargalhou.

— Ufa! Pensei que você não fosse sugerir. Quer dizer, eu gostei de acampar. Na verdade, eu amei acampar com você. Quem não amaria ficar enfiada no meio do mato com Rafael Bastos? — piscou com malícia me deixando sem jeito. Não disse? — Mas também preciso de uma cama.

— Então fechou. Partiu cama — sorri aliviado — Mas você sabe que eu não vou te deixar dormir tão cedo, não sabe?

— Estou contando com isso, Rafael Bastos.

— Sabia que eu estou adorando você assim toda decidida, Maria Júlia?

— Fazer o que se você me deixa assim.

— Assim como? — ergui a sobrancelha.

— Assim... Safada — gargalhei.

— Gostei. Quero você bem safada. *Taradinha* no Rafinha aqui.
Molinha, molinha — Foi a vez de ela gargalhar.

— Então liga logo esse carro!

Ela não precisou mandar de novo.

Capítulo 54 – Para As Colinas Mais Distantes.



Rafa

Acordei mais cedo do que minha princesa e tomei um banho rápido. Vesti uma camiseta, uma calça, calcei meus tênis e corri até a sede para *filar* o café da manhã e é claro levar para ela.

— Bom dia. Bom dia. Bom dia — Cumprimentei animado a Cândida e o Dé.

— Bom dia. Pensei que não ia aparecer para me dar um oi, menino!

— Não iria embora sem te dar um beijo Cândida! — dei um beijo no topo da cabeça dela.

Ela sorriu e me entregou uma caneca com café. Agradei e me sentei junto ao Dé na grande mesa de madeira maciça.

— *Tá* com uma cara boa, moleque — sorriu cheio das insinuações. Sim eu devia estar mesmo, duas noites seguidas com a Maju — Você está com cara de quem passou a noite inteira trepando.

Trepando? Não, com Majuzinha eu não trepava! Trepava?

— Trepando não meu amigo — consegui dizer.

— Logo você, Rafa? Vai me dizer que não está *comendo*? — Dé perguntou visivelmente confuso.

— Não é desse jeito que você está pensando... Eu... Nós...

— Cara, você está pior do que eu pensava. Até entendo, a garota é linda, mas é só mais uma que passa na sua mão, não é?

— Não, não é.

Suspirei frustrado. Majuzinha nunca seria só mais uma. Ela era mais, era única.

Enquanto o Dé ria da minha cara, eu só pensava numa coisa: *Se eu não fodia, não trepava ou, não comia a Maju, o que eu fazia com ela? Amor?*

Caralho.

— Bom, deixa eu ir cuidar da vida — Dé anunciou.

Acenei para ele e voltei minha atenção a minha xícara de café.

Que merda. Logo cedo já estavam enchendo a minha cabeça de caraminholas.

— Você fugiu mesmo com a menina, Rafa? — Cândida perguntou me tirando dos meus devaneios.

— Quase isso — respondi sorrindo. Lerdo toda vida — A mãe dela sabe que ela está comigo, só não sabia para onde eu a tinha levado, mas vovó já me entregou.

— Você está apaixonado por ela? Ou ela é apenas mais uma como o Dé disse?

Apaixonado, sim.

— Eu gosto dela — disse convicto. — Gosto demais. Estou confuso pra caralho com tudo isso que ela está me causando.

Encarei Cândida por alguns instantes. A mulher a minha frente já tinha limpado minha bunda mais vezes do que eu poderia contar, eu a considerava da família. Aliás, todos nós.

— Vó Henriqueta disse que estou amando, mas não sei se é isso.

— Imagina sua vida sem ela?

— Como?

— Imagina sua vida sem essa garota?

O quê? Não! Quer dizer... Não.

— Eu acho que não.

— Então talvez você a ame — Cândida sorriu e segurou a minha mão — Não faça essa cara assustada, meu menino. Assim como o sol nasce para todos. O amor também. Você está crescendo, Rafael Bastos.

Pura merda. Esse lance de amor estava dando um nó na minha cabeça.

Cândida sorriu e voltou a seus afazeres e eu divaguei pelo resto do tempo que permaneci ali.

Voltei para a casa dos meus pais um pouco desnorteado. Encontrei Majuzinha sentada na cama penteando os seus cabelos.

— Bom dia, princesa — cumprimentei-a animado. Ela não precisava saber que confusão que estava causando na minha cabeça.

— Bom dia. Pensei que tivesse indo embora sem mim — sorri.

— Só fui lá na sede pegar nosso café da manhã.

Aproximei-me e sentei ao seu lado a puxando para o meu colo. Cheirei seus cabelos e fechei os olhos. Adorava seu cheiro e a maciez da sua pele.

Coloquei seu cabelo de lado e beijei seu pescoço. Aquela inquietação costumeira já se instalava no meu estômago. A vontade de dizer a ela o que eu estava sentindo martelava minha mente.

Diz para ela, Rafa!

Mas o que eu iria dizer sem nem ao menos eu conseguia compreender?

— Está tudo bem? — Maju perguntou notando meu silêncio.

— Sim. Eu estava aqui pensando no quanto adoro seu cheiro e maciez da sua pele — e nesse lance todo de amor.

Cheirei novamente seus cabelos e deslizei os dedos sobre sua pele. Maju pousou os braços em meu pescoço não muito convencida.

— Tem certeza?

— Tenho uma única certeza — falei mais para mim do que para ela — Estou curtindo muito esse lance entre a gente.

Minha princesa sorriu e me beijou docemente, mas eu precisava beijá-la do meu jeito, então a joguei na cama e já fui me deitando sobre ela. Beije-a fervorosamente. Foi muita língua, muito estalinho, muita mordida no lábio do jeitinho que gostávamos.

Infelizmente precisávamos ir embora. Eu precisava encarar meu pai.

NACIONAIS-ACHERON

Ok, eu não estava muito preocupado com isso, mas ela precisava resolver seus problemas familiares.

Levantei-me sem a mínima vontade.

— Precisamos ir. — ela assentiu tristemente.

— Eu sei que precisamos, mas se eu pudesse escolher, eu não iria embora daqui tão cedo. Esses dias contigo foram os melhores em anos. Não estou sendo egoísta dizendo isso. Minha vida sempre foi ótima, graças a Deus, mas com você... Eu posso ser eu mesma. Você parece ver através de mim, me decifra de uma forma que nem eu mesma me compreendo e isso é... Incrível.

— Você não pode me dizer essas coisas, princesa. Eu vou acreditar e me sentir importante. — sorri encabulado. Ela sorriu toda linda e eu tive a impressão que meu coração fosse parar de bater quando ela se aproximou e me encarou com aqueles faróis bicolores.

— Você é. Pra mim, você é.

— Eu estou numa dúvida muito cruel agora.

— Dúvida?

— Sim. Estou em dúvida se joga tudo para o alto e te joga nessa cama e faço amor contigo até virem atrás da gente, ou se vou desmontar o nosso acampamento.

As palavras escaparam da minha boca sem que houvesse chance de eu recuar. Eu tinha acabado de dizer a ela que queria fazer amor. Eu não disse que eu queria foder, ou trepar ou comer. Eu disse com todas as letras para aquela menina de dezoito anos e que era virgem até pouco tempo, e que antes de eu entrar em sua vida era pura inocência, que eu queria fazer amor com ela.

— Eu não quero te influenciar, mas... Eu voto na primeira opção — disse amenizando a tensão que instalou entre nós. Percebeu que falei sem pensar. Era por isso que eu gostava daquela garota. Ela sabia sair como ninguém de uma situação constrangedora.

Quem eu estava querendo enganar? Eu estava fissurado até no jeito dela respirar.

Sorri me aproximando. Abracei minha princesa no mesmo instante que

NACIONAIS-ACHERON

meu celular começou a tocar no meu bolso. Poderia apostar que era meu pai. Eu havia ligado o aparelho antes de entrar na casa e só na subida da escada, pude constatar milhares de ligações, *trocentas* mensagens de *WhatsApp* e caixa postal. Sem falar nas mensagens das vadias e não tão vadias assim.

— Estão loucos atrás da gente, princesa — suspirei.

Ela assentiu com a mesma animação que eu. Mesmo querendo demais continuar ali com ela, na nossa bolha, eu tinha que encarar a realidade. Não estávamos vivendo dentro de um livro de contos de fada. Aquilo era vida real e tínhamos problema para resolver.

— Vá desmontar o acampamento. Quando você voltar estarei pronta para partimos.

Fiz o que ela disse.

Desarme a barraca, retirei a rede e catei o lixo que ainda havia ficado, mas não parti de imediato. Sentei-me sobre a cerca de madeira e encarei a pastagem a minha frente.

Amor, paixão, fazer amor... As palavras martelavam na minha mente. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo?

De repente um medo insano de fazer merda e estragar tudo aquilo que eu tinha conquistado com ela começou a me invadir. Um medo de que a Maju se desencantasse de mim junto com um medo de estar enganado quanto aos meus sentimentos e acabar a magoando. Eu estava meio que enlouquecendo ali naquele instante sentado na cerca que separava a clareira da mata.

Tudo o que eu tinha passado a vida adulta evitando se manifestava diante dos meus olhos. Na verdade, bastava fechá-los. Como eu já havia dito antes, eu podia vê-la mesmo quando ela não estava por perto.

Eu não namorava ou não me envolvia por traumas do passado, ou por amores mal resolvidos. Eu só queria ter paz e liberdade, tudo o que a porra da paixão sempre tira da gente.

Mas amor é diferente.

— Que merda, Rafa! — esbravejei em voz alta.

Só haviam duas coisas que eu poderia fazer. Fugir para as colinas mais distantes desse tal de amor ou correr para os braços dele... Dela. Maju, minha princesa de olhos bicolores.

NACIONAIS-ACHERON

A simples menção de ficar longe já fazia meu estômago embrulhar, então vocês já sabem qual foi a opção que escolhi.

Quando voltei para a casa dos meus pais na fazenda, ela já me aguardava pronta. Peguei suas coisas e coloquei no carro dela para seguirmos viagem. O caminho foi tranquilo, porém silencioso. Ambos estavam perdidos demais em seus próprios conflitos. Eu tinha deixado meu celular no porta-copos do carro e o danado não quietava. Vibrou a viagem inteira.

— Tem certeza que não precisa atender? — Maju perguntou depois de um tempo.

— Tenho. A maioria é ligação e mensagem de mulher.

— Ah! — minha vizinha exclamou incrédula.

Era verdade pô, pra que mentir?

— Eu já deveria ter apagado a maioria dos números salvos aí — falei despreocupado — Acabei me esquecendo.

— Você não tem que fazer isso — disse, mas sua cara mostrava que não era bem o que ela queria dizer. Sorri.

— Se tiver número de telefone de macho no seu celular eu vou ficar puto pra caralho.

— O quê?

— O único número que você vai ter de homem é o meu e o do seu pai. — ela caiu na risada, mas eu estava falando muito sério. Se tivesse o número do tal Breno então. Fodeu.

— Você está brincando, não é?

— Sabe uma coisa que descobri contigo? — fez que não com a cabeça — Sou ciumento. Tipo muito, tipo possessivo.

— Eu também sou e aí? Vai me deixar apagar os números das vadias?

— Pode começar.

E foi o que ela fez. Passou o restante da viagem até Niterói apagando números de mulheres da minha agenda e eram muitos.



— Não fica preocupada, princesa — a tranquilizei quando paramos de
NACIONAIS-ACHERON

frente para o apartamento dos meus pais. — Ó vou te jogar a real. Eles se fazem de pais rígidos e responsáveis, mas são tão malucos quanto o filho. Eu no caso, porque o Gabriel foi trocado na maternidade. Relaxa.

Abri a porta de casa com a minha chave e já dei de cara com a dona Suellen. Sua primeira reação foi um sorriso, que foi logo substituído por uma carranca quando olhou para a Maju.

— Hora do show, princesa — falei no ouvido dela.

— Rafael Bastos, que honra você por aqui! — alonguei os braços, entrelacei os dedos atrás da minha nuca e me aproximei dela.

— Oi para a senhora também dona Suellen. Eu também vou bem, obrigado por perguntar. E que modos são esses, hein? Não cumprimenta visita, não? Não repara princesa, fica à vontade que eu já volto.

Tive vontade de rir. Maju ficou roxa de vergonha e eu abusado toda vida passei pela dona Suellen — também roxa de vergonha por ter ignorado a Maju — e beijei sua cabeça indo em direção a escada.

Sabia que minha mãe jamais a trataria mal, ainda mais sabendo dos problemas que ela estava enfrentando. Subi a escada de dois em dois degraus e bati na porta do escritório do meu velho.

— Entre.

Abri a porta e coloquei a cabeça para dentro do cômodo.

— Vai puxar minha orelha? Porque se for isso, já te adianto que a vó Henriqueta já fez.

— Merecido não é, Rafa? Que merda você pensa que está fazendo, porra?

— Merda nenhuma, pai. Só tirei uns dias de folga, também sou filho de Deus.

— Filho de Deus que cata a filha dos outros e leva para o meio do mato? Que falta a faculdade e ao estágio deixando o pai com a cara no chão de vergonha? Deus não deve estar muito orgulhoso de você não.

Sentei-me no sofá de frente para ele.

— Foi mal, pai.

— Desculpas não vão resolver filho e sim atitudes.

— Fica tranquilo. Amanhã volta tudo ao normal.

— Cadê a garota?

— Lá embaixo com a mãe.

— O que deu em você para fugir com essa garota, Rafa? Ficou maluco?

— Eu não fugi com ela. A mãe dela me deu consentimento.

— *Tá* comendo a novinha, não é? Por isso a levou.

— Não foi por isso — defendi — Só quis ajudar.

— *Tá* comendo não é seu filho da mãe? — meu pai repetiu a pergunta com um sorrisinho malicioso. Olhei para a cara de pai orgulhoso dele e acabei rindo.

— Velho safado.

— Velho é o caralho! Dou de *dez* em muito moleque por aí. Sua mãe que o diga.

— Ih pode parar, não quero ter pesadelos a noite.

— Quer que eu te ensine como é que se enlouquece uma mulher? Se quiser posso te dar umas dicas.

— Eu me viro bem sozinho, por favor me poupe — ele gargalhou.

Ficamos conversando mais um tempo até a mãe nos chamar para tomar café.

Encontrei a Majuzinha sentada a mesa. Ela parecia mais à vontade com o furacão loiro chamado Suellen.

— Tudo bem? — perguntei antes dos meus pais se juntarem a nós.

— Sim. Sua mãe é legal. E você como foi com seu pai?

Ah ele ficou muito orgulhoso de saber que eu estou transando contigo princesa.

— Tranquilo.

— Como vai esse meninão, aí? — perguntei a minha mãe que se aproximou me abraçando.

— Vai ser menina — respondeu convicta.

— Puta que pariu, mãe! Menina, não — sorri alisando a barriga dela — Mato qualquer um que se aproximar demais dela.

— Você está com medo de ela encontrar uns *tipinhos* como você e seu pai pelo caminho?

— Tipinho, mulher?! — meu pai se queixou.

— Olha Maju cuidado, viu? Cara de pau aqui é de família — dona Suellen apontou para mim e para meu pai.

— Só porque está grávida acha que pode ficar denegrindo minha imagem, é? — peguei-a no colo.

— Me solta moleque!

Dei uns beijões na minha mãe antes de soltá-la. Fui até a Majuzinha e me sentei ao seu lado. Fiquei encarando seu rosto lindo com cara de babaca pouco me importando dos olhares nada discretos da dona Suellen sobre nós.

Tomamos o café conversando sobre a fazenda. Contei a minha mãe que vó Henriqueta estava se aventurando nos galopes da *vida*. Alguém tinha que puxar a rédea daquela senhorinha pra frente.

— Meus Deus, alguém tem que esconder aquele cavalo dela — minha mãe resmungou preocupada. Assenti sorrindo — Vou falar com o Ariovaldo. Já que é ele quem sela os animais.

— Deixa sua mãe viver, Suellen! Dona Henriqueta tem mais saúde do que todos os Bastos juntos. — meu pai disse e ele estava certo.

— O pai tem razão — admiti. Minha mãe deu os ombros vencida.

— Rafa falei com o responsável pelo seu estágio. Você pode voltar na segunda-feira normalmente.

Putá merda. Tinha me esquecido desse assunto importante a tratar com meu velho. Maju pareceu ter percebido minha cara de desapontamento, pois segurou minha mão por baixo da mesa.

— Você precisa dizer o que quer a ele — cochichou no meu ouvido.

— Mas eu não sei o que eu quero fazer, princesa.

— Mas sabe o que não quer. — assenti e me levantei. — Já venho, aí podemos ir.

Minha mãe me encarou confusa por ter levantado de repente. Apenas dei os ombros.

— Pai? — o chamei antes que voltasse ao escritório.

— Sim?

— Sobre o estágio eu... não sei se quero continuar.

— O quê? Por que?

— Porque não sei se quero advogar — falei na lata.

— Como é que é? — perguntou incrédulo.

— É isso pai. Não sei o que eu quero, mas não é ser um advogado. Sinto muito.

— Como assim não sabe, Rafa? Você descobriu isso quando? Você está no último período, cara! Agora que você vem dizer isso?

— Eu sei pai, mas como o Gabriel desde pequeno manifestou interesse pela gastronomia eu... Eu sobrei, sei lá... Na época parecia o certo seguir os seus passos..., mas não me vejo fazendo isso.

— Nunca pedi a você que seguisse meus passos, filho. Vocês sempre tiveram liberdade para fazer o que quiseram das vidas de vocês, desde que fosse honestamente. Não é justo que o peso de uma profissão mal escolhida caia sobre meus ombros.

— Não é isso pai! — falei me aproximando dele — Tenho um orgulho do caralho do senhor. E se eu pudesse ser metade do profissional que você é, eu já me daria por satisfeito, mas sei que não conseguirei ser nem a metade da metade.

Meu pai suspirou assentindo, mesmo que ainda meio atordoado.

— O que você quer da sua vida, então?

— Neste momento? — suspirei olhando para a direção da Majuzinha — A única coisa que eu quero é... Namorar.

— *Xiiii!* Conheço esse olhar. É o mesmo olhar que eu olhava para a sua mãe. Você está fodido meu filho.

Maju olhou para mim e sorriu enquanto minha mãe mostrava a ela as roupinhas do bebê e naquele momento eu soube.

É amor, Rafa.

— Bom, não importa se você vai ser bombeiro, stripper ou engraxate. Até você terminar a porra do curso, vai fazer a porra do estágio. Eu é que não vou ficar mal com meu amigo por causa de filho desmiolado. Estamos

conversados?

Caralho eu tinha acabado de assumir meus sentimentos para mim mesmo e meu pai estraga o meu momento.

— Estamos pai — respondi sem ânimo.

— Muito bem. Agora limpa a baba, está escorrendo.

Ela olhou para mim de novo e eu sorri, lerdo toda vida.

— Partiu, Majuzinha.

— Tomara que o pai dela arranque suas bolas! — meu pai gritou.

— Tomara que ele te obrigue a casar — minha mãe continuou.

Se fosse qualquer outro cara ficaria constrangido, mas não Rafael Bastos.

— Eu caso. Vamos princesa.

Deixei tanto dona Suellen quanto Seu Felipe – vulgo coroa gostoso – e claro minha princesa, de queixos caídos.

Capítulo 55 – Não Vou Ter Pena De Você.



Maju

Rafa parou o carro no estacionamento do nosso prédio e segurou a minha mão.

— Então é isso. — assenti. — Está preparada?

— Não, mas acho que nunca estarei, então... Só me resta enfrentar.

— Você consegue. É uma menina forte, esperta.

Sorri fraco. Eu não tinha a mesma certeza que ele. No momento eu estava me sentindo fraca e perdida.

— Vamos.

Saímos do carro e pegamos nossas mochilas. Seguimos de mãos dadas até o elevador e até chegar de frente para as nossas portas. Rafa jogou sua mochila no chão e segurou meu rosto entre as mãos.

— Seja legal com eles.

— Serei.

— E qualquer coisa, corre para a porta da frente.

— Correrei — respondi já quase chorando — Rafa muito obrigada eu...

Ele não me deixou terminar e silenciou meus lábios com um beijo. Agarrei sua nuca e retribuí invadindo sua boca com a minha língua. Bastava isso para meu corpo queimar de desejo por ele. Eu estava totalmente inebriada por seu contato, por seu olhos e sorriso fácil. Meu Deus, eu iria

NACIONAIS-ACHERON

explodir se não confessasse logo o quanto o amava.

— Não quero mais que me agradeça, princesa. Não te fiz favor. Fui contigo porque quis e adorei cada minuto. Então para com isso — disse essa última parte fingindo ficar sério.

— Ok.

Rafa abriu a boca para falar alguma coisa, mas decidiu fechá-la. Ficou encarando meus olhos por um longo tempo e dava para ver as engrenagens do seu cérebro funcionando.

— Você não tem ideia do quanto é especial...

Não chora, Maju.

—Você é a garota mais incrível que eu já conheci. Você vai passar por isso tudo fácil — concordei mordendo os lábios para reprimir o choro — Vou estar ao seu lado. Sabe o porquê? — Neguei com a cabeça — Porque você me faz tão bem, você...

Diz, Rafa!

— Filha! — minha mãe exclamou abrindo a porta.

Que droga mãe! Logo agora?

— Mãe.

— Que bom que você voltou — ela disse segurando o choro. — Obrigada por trazê-la de volta, Rafael.

— De nada — ele respondeu educadamente e virou-se para mim — Você precisa entrar agora. A gente se vê depois.

— Ok. — Rafa sorriu e beijou a minha testa.

Eu não queria entrar. Eu queria que ele terminasse de dizer o que tinha começado. Tinha quase certeza que ele iria se declarar. Eu poderia estar delirando pensando aquilo, mas eu queria demais que fosse verdade, que não fosse apenas loucura da minha cabeça apaixonada.

Meu vizinho lindo e sem noção sorriu, mas seu sorriso não alcançou seus olhos. Ele pegou a sua mochila no chão e olhou mais uma vez para a minha mãe que não arredou o pé do lugar nos encarando com os olhos quase esbugalhados.

— Até mais dona Pauline — ele entrou, não me dando outra opção a

não ser entrar também.

Recebi o abraço caloroso da minha mãe e me permiti aconchegar em seus braços. Meu pai veio e se juntou a nós em um abraço coletivo. As lágrimas que antes segurei transbordaram dos meus olhos juntos com um soluço compulsivo.

— Calma meu amor — meu pai disse acariciando minhas costas — Está tudo bem.

— Desculpe por ter saído de casa assim. Eu não queria deixá-los preocupados. Eu só precisava de um tempo.

— Não se preocupe com isso. O importante é que você está em casa. Tudo vai se resolver minha filha — mamãe me consolou.

Meu pai segurou a minha mão e me levou até o sofá. Nos sentamos e ele ainda segurando minha mão começou a se desculpar.

— Nos desculpe por ter aceitado receber a sua mãe sem te consultar. Nós não tínhamos ideia de que você não tinha superado o abandono, meu amor. Você nunca se manifestou sobre isso antes. Pensamos que...

— Pai — eu o interrompi — Eu jamais iria ficar remoendo meus traumas sobre o abandono, com vocês. Vocês me acolheram — funguei segurando a mão da mamãe também — Me deram amor, carinho, um teto e sou muito grata...

— Maju estamos felizes em saber da sua gratidão, mas não é gratidão que queremos. Somos uma família. Você é nossa filha, com traumas ou não. Se soubéssemos jamais teríamos aceitado receber aquela senhora. O que nos convenceu foi saber que você tem irmãos. Achamos que você gostaria de conhecê-los, mas erramos em não a comunicar primeiro e estamos arrependidos.

Foi aí que caí no choro de vez. As pessoas mais importantes da minha vida estavam ali na minha frente cheios de culpa por quererem o melhor para mim e eu, como uma garota mimada só os fiz sofrer de agonia com meu sumiço. Claro que eu não me arrependia nenhum pouco de ter feito aquilo, eu estava com o Rafa, mas minha atitude o havia ferido.

— Me desculpem. Por favor me desculpem!

— Chega de pedir desculpas — dona Pauline disse se levantando —

Todos nós erramos, mas são com os erros que aprendemos. Eu e seu pai decidimos que não tocaremos mais no assunto. Se você quiser falar sobre isso, pode dizer abertamente filha, mas se não quiser, iremos respeitar.

Assenti.

— Só me deem um tempo para assimilar tudo.

— Tem o tempo que precisar.

— Ok. Agora eu só preciso de um banho e de descansar um pouco — e de muitos beijos de um certo vizinho sem noção.

— Filha? — meu pai me chamou quando peguei a mochila que havia deixado sobre o sofá — Você e esse Rafa...

— Euclides agora não — mamãe o cortou. Graças a Deus.

Papai assentiu meio a contragosto e mamãe me seguiu até o quarto.

Tudo bem ela havia me livrado de ter que dar explicações sobre o Rafa ao meu pai, mas ninguém iria me livrar de dar explicações a ela.

Entrei no meu quarto e a primeira coisa que fiz foi agarrar o Rafa felino na minha cama e abraçá-lo com toda força. Tanto que o coitado logo quis se desvencilhar de mim. Comecei a tirar a minha roupa para tomar meu banho enquanto minha mãe me encarava sem graça.

— Tudo bem mãe, você quer me perguntar sobre o Rafa, não é? Pois pergunte.

Ela bufou e sentou-se na minha cama.

— Tudo bem, eu vou ser direta e primeiro vou falar como mãe. Você perdeu sua virgindade nessa fuga, filha?

— Não, mãe — ela sorriu aliviada, mas foi por pouco tempo — Eu não perdi a virgindade na fuga porque já a tinha perdido antes.

Ela arregalou os olhos.

— Com o Brady?

— O que? Não, Deus me livre! Com o Rafa.

— Ah. Entendo — ela encarou as cortinas por algum tempo e o meu constrangimento só crescia — Bom, acredito que vocês tenham se prevenido, já que ele é um homem feito.

— Sim — respondi morta de vergonha.

— Ok. Agora vou falar como médica. Quero que você vá ao consultório para uma consulta e para fazer exames. Preventivo, transvaginal — fiz careta — Infelizmente é isso que acontece quando não se é mais virgem, tem que se cuidar agora.

— Tudo bem mãe, faço o que a senhora quiser.

— Quero que ele faça exames também — O que?

— Mãe!

— Você acha que seu pai vai deixar isso quieto, filha? A primeira coisa que ele vai pedir ao Rafa é um exame de HIV.

Eu quero morrer!

— Transamos com camisinha.

— Eu sei, mas até quando?

Se dependesse do fogo da gente, por pouco tempo.

— Eu não sou mais criança. Não quero o papai me constrangendo na frente do Rafa.

— Vocês estão namorando pelo menos?

— Não.

— Ele não quer compromisso?

— Não é isso. Ele até queria, eu que não aceitei o pedido de namoro dele.

— Por que? Não gosta dele?

— Eu o amo mãe!

As palavras saíram livremente.

— Uau. Nesse caso filha, exames para os dois e não se fala mais nisso. Vou te receitar um anticoncepcional também, mas só depois dos resultados dos exames dele.

Assenti bufando. Nem adiantava discutir aquilo ainda mais que a minha moral estava lá embaixo com eles.

Com que cara eu ia contar aquilo ao Rafa?

Minha mãe se retirou depois de um tempo e eu fui para o banho. Meus
NACIONAIS-ACHERON

pensamentos eram todos para meu vizinho da porta da frente. Enquanto me banhava, me lembrava dos sorrisos dele, dos gestos de carinho, das pérolas sem noção e do contato. Um arrepio percorreu a minha espinha ao lembrar dos nossos momentos mais íntimos.

Deixei a água cair sobre meu corpo e fechei os olhos. Um sorriso brotou em meus lábios. Parecia que eu o escutava. Sua voz rouca e baixa invadia a minha mente.

... Estou em dúvida se jogo tudo para o alto e te jogo nessa cama e faço amor contigo até virem atrás da gente, ou se vou desmontar o nosso acampamento...

Ele havia dito com todas as letras que queria fazer amor comigo e eu? Se dependesse de mim eu não sairia mais da cama com ele. Foi então que decidida, fechei o chuveiro, me sequei e vesti a primeira roupa que encontrei e corri para a porta da frente.

Passei pelo meu pai como um vendaval, ainda bem que ele não me perguntou nada e não me impediu de sair.

De frente para a porta do apartamento dele, respirei fundo e bati.

— Oi Maju — fui recebida pelo Gabriel, vulgo cunhado gostoso.

— Oi Gabriel — pigarreei — Eu quero falar com o Rafa.

— Claro, entra aí. Ele está no quarto. Sabe qual é, né? — assenti sem graça.

— Obrigada.

Passei por ele rapidamente e segui para o corredor. Dei duas batidinhas da porta, mas fui ignorada. Resolvi entrar.

O quarto estava vazio, mas eu podia ouvir o chuveiro ligado. Ele estava no banho. Aproximei-me sorrateiramente e o espiei. Lavava os cabelos cantarolando baixinho.

Aproveitei que não tinha sido vista e admirei seu corpo nu. Nunca me cansaria de olhar para ele. Os músculos das suas costas tencionavam enquanto ele enxaguava os cabelos e sem pensar muito, tirei minha roupa e entrei no box.

Rafa se virou e me encarou surpreso.

— Princesa?

Eu literalmente me joguei nos braços dele. Rafa se desequilibrou e por pouco não caímos os dois no chão, mas ele recuperou o controle rapidinho. Me agarrou pelas costas e me prensou na parede. Entrelacei as pernas em volta do seu corpo e arfei ao sentir sua ereção já dura contra minha barriga. Ele segurou meu queixo com força e me beijou, no melhor estilo Rafa.

Quando seus lábios deixaram o meus, o encarei decidida.

— Faz amor comigo, Rafa?

Ele não respondeu com palavras. Abriu o box e saiu comigo presa ao seu corpo. Jogou-me na cama e partiu para cima de mim, me beijando me mordendo sem se importar de estarmos molhando toda a cama.

Deslizou seus lábios deliciosos lentamente pelo meu pescoço e desceu encontrando meus seios. Os sugou bem devagarinho em uma carícia eletrizante.

— Tão linda — disse me encarando com os olhos cheios de paixão. Sorriu antes de começar a beijar minha cintura, deslizando a língua sobre minha pele sem pressa. Quando fez menção de continuar descendo sua trilha de beijos eu o impedi.

— Não. Eu quero você dentro de mim. Agora.

Meu vizinho deliciosamente lindo me encarou com os olhos cheios de malícia. Mordeu os lábios de forma provocante me encarando exposta em sua cama. Eu ainda ficava um pouco tímida quando ele me olhava daquele jeito, com aquele olhar faminto de desejo, mas já estava ficando acostumada, tanto que abri ainda mais as pernas o provocando. Seu olhar se fixou bem ali na minha intimidade e ele abriu um sorriso lindo. O sorriso fácil que eu tanto amava.

— Majuzinha, Majuzinha. Não vou ter pena de você hoje.

Eu estava contando com aquilo.

Se afastou para pegar o preservativo dentro da gaveta. Lembrei-me sobre o que minha mãe havia dito. Ela tinha razão, não ia demorar até começarmos a transar sem aquilo. Eu já estava desejando que esse momento chegasse logo, queria senti-lo novamente, sem nenhum obstáculo entre nós.

Rafa subiu na cama e se posicionou sobre mim, já devidamente

NACIONAIS-ACHERON

protegido. Beijou meus lábios, invadindo minha boca com sua língua *fodidamente* experiente. Explorou cada cantinho terminando o beijo com uma mordidinha nos meus lábios. Apoiou o peso do corpo em um dos cotovelos e envolveu um dos meus seios com a mão. Abaixou-se lentamente passando a língua de leve no bico dolorido de tesão. Seus olhos não deixavam os meus e quando fazia, era para encarar intensamente meu corpo. Sentia-me linda e sexy com a força do seu olhar.

Deixando a delicadeza de lado, chupou meu seio com força me deixando louca. O puxei para cima de mim não conseguindo aguentar mais aquela agonia.

— Está com pressa? — Piscou sorrateiro o sacana. Estava adorando me ver naquele estado, louca de desejo. Estava a ponto de implorar que ele me possuísse logo. Felizmente não foi preciso.

Ele investiu contra mim de uma vez só. Um gemido escapou dos meus lábios quando o senti me preencher. Rafa entrelaçou os dedos nos meus e começou a se mover bem devagar. Mas sua delicadeza não durou muito. Como ele mesmo havia dito, não teria pena de mim e como eu também disse, estava contando com aquilo.

Suas estocadas eram rápidas e profundas tanto que já estava sentindo meu ventre se contrair. No entanto, quando comecei a sentir os primeiros espasmos ele parou.

Por que ele parou?

Com os olhos grudados nos meus, segurou meu rosto com uma das mãos.

— Preciso te dizer uma coisa que está me consumindo, Majuzinha. Preciso dizer ou vou enlouquecer.

Dizer uma coisa?

— Diz — o encorajei.

Pelo amor de Deus diz...

— Eu te amo... — ai. Meu. Coração — Cara eu te amo demais! — meus olhos se encheram de lágrimas embaçando minha visão. Eu queria demais ouvir aquilo, mas ouvir... Era...

Nocauteada. Na lona. Infartada.

— E se você também me ama, por favor me diz e me tira dessa agonia. Eu quero demais ouvir você dizer. Diz que também me ama, princesa.

— Eu também te amo, Rafael Bastos. Nossa! Você não tem noção do quanto. — ele sorriu aliviado.

— Eu acho que faço uma ideia — Investiu forte contra mim — Na verdade, acho que sei bem. — outra investida — Sinto a mesma coisa.

Agarrei seu pescoço e o beijei possessivamente. Todas as sensações e sentimentos misturados a nós dois. Paixão, desejo, tesão... Amor... Felicidade. Eu era a garota mais feliz no mundo inteiro. Eu tinha alguém que me amava e esse alguém era ninguém menos do que Rafael Bastos. Naquele momento, percebi que tudo o que eu precisava estava bem ali, dentro daquele quarto, se movendo dentro de mim e o resto: Problemas, preocupações, frustrações, eram coisas tão pequenas comparadas ao amor que compartilhávamos.

Sentime amada e forte. Forte para enfrentar qualquer parada, qualquer obstáculo, porque ele estaria ao meu lado.

Atingi o ápice do prazer dizendo que o amava repetidas vezes, como um mantra. Rafa foi parando de se mover devagar me dando vários beijinhos por todo meu rosto. Fez um carinho no meu rosto e sorriu.

— Te amo, princesa. Te amo Majuzinha. Te amo marretinha. Te amo Maria Júlia Alcântara de Lacerda. Te amo pra caralho! — sorri revirando os olhos. Rafa sendo, Rafa — Ufa, que alívio poder ouvir isso.

— Que alívio poder ouvir isso — também confidenciei.

— Te falei que não iria ter pena de você hoje, não falei? — assenti empolgada. Safada toda vida — Então pra fechar com chave de ouro todas essas nossas declarações... Fica de quatro pro seu macho, Maju?

Fiquei sem reação. Se eu queria ficar de quatro para ele? Claro que eu queria, mas a forma como ele perguntou, tão escancaradamente me pegou de surpresa.

Ok. Maju. Fica logo de quatro pro seu macho. Você consegue.

Assenti com a cabeça morta de vergonha e foi como se ele tivesse ganho um prêmio. Virou-me na posição com uma rapidez invejável.

— Vou fechar os olhos e gravar essa imagem na minha cabeça. Você

fica gostosa demais assim toda receptiva, princesa — disse já se posicionando na minha entrada.

Sim, ele estava parado atrás de mim, encarando a minha bunda e outra coisa também que eu sabia. Minha vergonha foi substituída por prazer na medida que ele começou a estocar dentro de mim novamente. A posição permitia senti-lo por inteiro. Rafa segurou meus quadris com ambas as mãos intensificando a penetração. Nossos corpos se chocaram com força, o que me fazia sentir uma dorzinha leve quando ele ia até o final, mesmo assim estava deliciosamente bom e eu não era louca para pedi-lo para parar ou ir mais devagar.

Soltou uma das mãos e a levou ao meio das minhas pernas estimulando meu clitóris e me deixando fora de mim outra vez. Comecei a acompanhá-lo me empurrando ao encontro dele. Meu vizinho lindo gemeu satisfeito com minha ousadia.

— Me enlouquece logo de vez, mulher! — exclamou com a voz entrecortada.

Eu o enlouquecendo? Ele era quem estava me deixando a beira da loucura. Sairia dali direto para o manicômio, em uma camisa de força.

Quando ele segurou meus cabelos e os puxou levemente, eu não tive chance. Foi rápido. O orgasmo veio forte, intenso e alucinante.

Cada vez que a gente fazia, em cada posição, eu me descobria. Rafa estava me proporcionando prazeres incriveis dos quais eu jamais sonhei sentir. Tudo com ele era perfeito. Desde um simples café da manhã no meio do mato, ao sexo incrível que fazia.

Com mais algumas estocadas, foi a vez do meu lindo vizinho se libertar chamando meu nome e dizendo “eu te amo”. Caímos na cama exaustos, porém saciados. Rafa deitou e me puxou para os seus braços. Me aninei a ele aspirando seu cheiro de homem, meu homem, meu macho.

Beijei seu pescoço e ele a minha testa. Ergui a cabeça para encará-lo e encontrei seu sorriso lindo estampando sua carinha de menino levado.

— Eu já disse que eu te amo?

Disse Rafael Bastos, mas você pode repetir quantas vezes quiser, pois nunca me cansarei de ouvir.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 56 – É Isso O Que Eu Quero Fazer.



Rafa

Vivemos nossas vidas o tempo todo em função das nossas escolhas. Escolhemos estudar, escolhemos casar, ter filhos. Escolhemos viajar para fora do país, escolhemos trabalhar, escolhemos até não fazer nada da vida. Eu escolhi, Maju. Eu a escolhi no exato momento em que meu coração inflamou no meu peito e as palavras “eu te amo” saíram desenfreadas da minha boca.

Talvez eu já a tivesse escolhido bem antes disso. Talvez no dia em que esbarrei nela do corredor e acabei a derrubando, ou quando a beijei, ou até mesmo quando ela me deu aquela joelhada no saco. O fato é que minha escolha foi feita. Feita e selada com as declarações que fizemos.

Eu me apavorei, no entanto, por perceber que eu não tinha mais o controle da situação. Apavorei por saber que já não ditava mais as regras, eu apenas as seguia. Mas me apavorei ainda mais ao pensar em ficarmos longe e separados. Então deixei ela ditar, deixei ela me guiar e me conduzir.

— Rafa? — olhei para ela e encarei seus olhos preocupados. Havíamos desabado na cama cheios de sono e exaustos. Deixei-a dormir e acabei dormindo também — Onde você estava?

— Bem aqui — falei deslizando os dedos pelo seu corpo — Você não saiu da minha cabeça um segundo sequer.

— E isso é ruim? — perguntou apreensiva.

— Não princesa. Isso é perfeito.

Puxei-a para mais perto e envolvi meus braços em volta do seu corpo.

Ela apoiou a cabeça no meu peito e beijei sua testa.

— Fiquei curiosa. O que você estava pensando sobre mim?

— Quer mesmo saber? — ela assente balançando a cabeça.

— Eu estava pensando que as pessoas vivem em função das escolhas que fazem e eu, escolhi você — Maju olha para mim e um sorriso lindo estampa seu rosto.

— Por que eu sinto que você não está de todo feliz com isso?

— Eu estou! — a beijei para que acreditasse em mim.

Maju segurou a lateral do meu rosto e retribuiu meu beijo. Fiquei duro, mas precisava explicar a ela meu raciocínio, então me afastei.

— Sendo muito sincero contigo agora, preciso te dizer que estou apavorado com a ideia de não ter mais o controle. Você tem o controle. Estou sem saída, estou em suas mãos. Você dita as regras, princesa. Eu te entreguei o meu coração, cuida dele direitinho, *tá*?

Maju assentiu enxugando as lágrimas que teimaram em escapar dos seus olhos.

— Eu te amo tanto, Rafa. E também estou assustada. Tenho medo de que algo venha a nos separar e não sei se vou conseguir aguentar.

— Nada, nem ninguém vai conseguir separar a gente, Majuzinha. É uma promessa que eu te faço.

Já não estávamos mais deitados. Eu havia me sentado com as costas apoiadas na cabeceira e ela havia se sentado sobre mim com os joelhos apoiados na cama nas laterais do meu corpo. Suas mãos deslizaram sobre meu rosto e nos encaramos por alguns instantes antes de sorrirmos um para o outro. Também fiz um carinho na bochecha dela e envolvi seu pescoço com uma das mãos puxando-a para mim. Beijei-a novamente sentindo toda aquela inquietação no meu peito, sentindo todas as reviravoltas que meu estômago dava.

— Confia em mim quando eu digo que nada nem ninguém vai ficar entre a gente?

— Confio.

— Confia porque eu não vou deixar. Eu te amo. Te amo inteira e sei

que esse lance entre a gente é a coisa mais certa que já me aconteceu. Entre todas as garotas, você foi a que eu escolhi amar. Tinha que ser você. É você, então, embora o medo me assombre, o que eu estou sentindo aqui — aponte para o meu peito — Supera todo o resto. Você entende isso? Você acredita em mim, Maju?

— Eu acredito, príncipe. Eu acredito e eu confio em você e sei que você não vai me decepcionar.

Sorri com o príncipe. Eu absurdamente gostei do apelido. Mas o que mais me apavorava era o medo de decepcioná-la.

— Ok, agora que estamos conversados, me conta como foi com seus pais.

Ela suspirou antes de me contar como tinha sido sua conversa com os pais. Pelo que ela contou, no final eles haviam se entendido.

Apesar de eu não ter mencionado e muito menos dado palpite - até porque não era da minha conta - eu não tinha conseguido deixar de pensar nas crianças. Ela havia descoberto que tinha dois irmãos e se mostrou irredutível em não querer conhecê-los. Eu esperava de coração que com o tempo ela mudasse de ideia. Cultivar mágoa só faria mal a ela.

— As coisas vão se ajustar — segurei a mão dela e levando-a aos meus lábios.

— Não quero mais falar sobre isso.

— Tudo bem.

— Er... Rafa? Tem outra coisa que queria conversar contigo, mas nem sei por onde começar — Maju disse e percebi seu rosto ficando vermelho.

— Que tal do começo? — perguntei já cheio de curiosidade.

— Vou direto ao ponto. Minha mãe sabe que a gente está transando. Não consegui esconder isso dela — sorri.

— O que é bastante óbvio, princesa. Ficamos dois dias sumidos.

— Mas ela sabia que eu era virgem antes de você. O que significa que ela sabe que foi com você.

— Tudo bem — falei ainda sem saber o que pensar a respeito — E o quanto eu estou encrencado? Seu pai por acaso guarda armas em casa? —

brinquei para aliviar a tensão. Ela sorriu.

Isso era bom, né?

— Algumas, mas não se preocupe. Estou tranquila já que você disse aos seus pais que casava, então...

Arregalei os olhos caindo na pilha dela.

— Acha que dá tempo de eu fazer minha mala e sair correndo? — levei um tapa.

— Se você quiser — falou fechando a cara.

— Eu quero você, Marrentinha. Estou brincando. Mas me conta, o que ela disse?

Maju abaixou os olhos e olhou para as mãos em seu colo.

Putá merda! Já isso, não era bom.

— Preciso ficar preocupado? Sua mãe por acaso te proibiu de me ver? — Não acreditava naquela hipótese já que ela mal havia chegado em casa e já estava na minha cama, mas sua atitude estava realmente me preocupando.

— Não. Ela quer que eu faça exames e quer que você faça exames também — disparou de uma vez tão rápido que quase não entendi — Eu falei que isso é ridículo, mas ela disse que vai ser a primeira coisa que meu pai vai exigir. Ele perguntou de você. Minha mãe me livrou de responder embora por pouco tempo, mas não estou preocupada com isso. Eles não podem te obrigar a fazer exames. Eu já disse o quanto isso soa ridículo?

Ela me encarou esperando alguma reação minha, mas a única coisa que eu fiz foi sorrir. Eu estava mesmo lidando com uma garota de família.

— Não se preocupe quanto ao fato de ter tirado a minha virgindade. Eles não são caretas assim e estamos em pleno século 21, mas... Se realmente vamos ficar juntos...

— É só marcar — interrompi seu falatório. Maju me encarou surpresa — É só marcar o dia e o horário. Eu vou.

— Não precisa precisar ser...

— Faça onde ele quiser — nos encaramos novamente até que caímos na risada — Caralho nunca me imaginei em uma situação dessas.

— Ainda está em tempo de desistir se quiser — ela deu os ombros.

— Sim, se eu fosse burro. Posso ser meio maluco, mas não sou burro de ficar longe da minha princesa. Se os seus pais querem exames, eles terão. E você vai aproveitar e pedir para a sua mãe te receitar alguma pílula também, assim nós poderemos transar sem camisinha depois disso, então concluindo: Vale o sacrifício. Claro, se eu ainda tiver um pau depois de me consultar com seu pai.

— Bobo! Minha mãe mencionou isso. Assim que fizermos os exames já começo a tomar.

— Ótimo. Agora vamos até a cozinha comer alguma coisa?

— O Gabriel está aí. Fico sem graça.

— Princesa, o Gabriel sabe bem o que a gente estava fazendo aqui. Se brincar, aposto que ele até ouviu, você gemeu alto pra caralho.

— Eu não! — ela respondeu e tapou a boca — Não sou barulhenta.

— Tem certeza? Porque para falar a verdade, acho que até os vizinhos do andar de baixo ouviram.

— Para, Rafa. A partir de hoje eu serei muda. Não vou emitir um ruído sequer.

— Ah vai sim. Quero que você grite muito meu nome gemendo no meu ouvido. *Ai Rafa! Assim... Assim gostoso... Mais forte... Com força...*

— Para com isso, seu maluco — ela sorri tapando a minha boca. Linda toda vida.

— Vai gemer gostoso no meu ouvido? — perguntei quando consegui tirar as mãos dela da minha boca — Vai?

— Você sabe que eu vou. Como se eu conseguisse me controlar com você — sorri satisfeito.

— Bom. Muito bom. Vou lá ver o que tem para comer, então. *Tu* fica aí santinha do pau oco. — gargalhei da careta que ela fez. Vesti minha bermuda e saí do quarto.

Encontrei o Gabriel na cozinha preparando uma limonada suíça.

Por isso que eu te amo come quieto.

Peguei dois copos dentro do armário estranhando o silêncio dele.

— Tudo bem Gabriel, pode curtir com a minha cara vai.

— Quem falou que eu quero curtir com a sua cara?

— Ótimo. Então enche aí os copos — ele obedeceu— Não vai me sacanear? Está doente? — insisti.

— Estou feliz por você, meu irmão. Então só por hoje eu não vou te sacanear — bom pra mim.

— O que você está fazendo aí? — perguntei enquanto me sentava no banquinho da ilha e o observava mexer uma frigideira no fogão.

— Vou fazer tapioca.

— Hum. Já que você está tão feliz por mim, será que rola de você preparar uma dessas para mim e para a Maju?

— Claro. Vou preparar uma tapioca de comer rezando para minha cunhada. Falando nisso cadê ela?

— Não quis sair do quarto. Está com vergonha de você.

Ele gargalhou. Gabriel continuou dominando o fogão e eu o encarei. Ele estava de costas, entretido com os ingredientes da tapioca. Foi neste momento que uma ideia louca surgiu na minha cabeça assistindo-o fazendo que sempre quis, o que sempre gostou e o que sempre lhe deu prazer.

— Gabriel? O que você quer pra sua vida? — meu irmão desligou o fogão e me encarou com o cenho franzido. Colocou a tapioca na bandeja e se aproximou.

— Que raio de pergunta é essa?

— É assim que você quer viver a sua vida? Cozinhando? — insisti — Acha que cozinhar vai pagar as suas contas?

— Rafa nós dois sabemos que eu posso fazer o que eu quiser e você também. Não precisamos pensar em um emprego que irá nos sustentar. Graças a Deus e as terras do vô, estamos com o burro na sombra.

— O que significa que a resposta é sim. Você quer passar a vida cozinhando.

— Sim eu quero. Por que?

— Porque ao contrário de você, eu não tinha a menor ideia do que fazer da minha vida. Até ver você fazendo essa tapioca.

— De que merda você está falando? Como assim você não sabe o que

vai fazer? Você se forma esse ano, *mané!*

— Mas eu descobri que não é o que eu quero. Até já falei com o pai — Gabriel me encarou estupefato, mas eu estava muito ciente das minhas decisões.

— Tudo bem. E o que me ver fazendo a tapioca, fez você descobrir o quer para a sua vida?

— Você vai ficar cozinhando para os outros ou pretende abrir o seu próprio restaurante?

— Ainda não pensei sobre isso.

— Sabe, desde criança o que quer fazer da vida, e não sabe se quer cozinhar para os outros, ou abrir seu próprio restaurante?

— Onde você quer chegar, *brother?*

— Quero ser seu sócio. No seu restaurante.

— O quê?

— Quero ser seu sócio. Você cuida da comida e eu cuido do resto. É isso o que eu quero fazer — levantei-me do banquinho e peguei a bandeja com os copos e as tapiocas — Nós temos os três elementos fundamentais para fazer isso dar certo. Dinheiro, o seu talento e a minha determinação.

Ele ainda continuou me encarando como se não estivesse acreditando no que eu havia acabado de dizer.

— Vou deixar você assimilar a ideia. Pensa direitinho. Você quer cozinhar, eu quero mandar. Vai dar certo, Gabriel.

Não respondeu e eu não esperei pela sua resposta. Segui para o quarto e pela segunda vez em um só dia, tomei as duas decisões mais importantes da minha vida.

Capítulo 57 – Impossível Não Cair De Amores.

Maju

Rafa entrou no quarto trazendo uma bandeja com dois copos de sucos e tapiocas. Sorri satisfeita. Amava tapioca. Ele colocou a bandeja ao meu lado na cama e sentou-se. Encarou sua camiseta cobrindo meu corpo com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Foi você quem fez? — perguntei pegando uma tapioca.

— Não. Foi o Gabriel.

— Hum. Então acho que escolhi o irmão errado — falei em tom de brincadeira mordendo um pedaço. Estava mesmo deliciosa.

Rafa franziu o cenho e fechou a cara antes de se levantar bruscamente.

— Não brinca com isso, Maju.

Ops! O que foi isso? Eu perdi alguma coisa, ou ele estava com ciúmes do irmão?

— Vou ao banheiro — saiu pisando duro e entrou no banheiro fechando a porta.

Encarei a porta do banheiro admirada com sua atitude. Eu gostava que ele sentisse ciúmes de mim. Um homem daqueles desejado e cobiçado pelas mulheres com ciúmes de você, não é para qualquer uma, mas estava preocupada que o ciúme bonitinho que ele sentia por mim se transformasse em algo não saudável.

Um tempo depois Rafa saiu do banheiro, mas a cara feia persistiu.

Olhei para ele que olhava para todos os lugares, menos para mim e murchei. Não era aquela atitude que eu esperava depois de termos passado as últimas três horas nos amando e nos declarando. Para ser bem sincera, a atitude que eu esperava era ele já dentro de mim novamente, me reivindicando, me marcando como sua.

Suspirei e tomei um gole do meu suco já sem a menor vontade de continuar comendo a tapioca. Ele se virou de costas mexendo no aparelho de som e me levantei para ir embora. Não por ele estar emburrado comigo, mas porque já era hora. Eu já tinha abusado demais da minha sorte e não duvidaria que meus pais me colocassem de castigo pelas últimas rebeldias.

Quando estava abaixando para pegar minha calcinha senti seus braços envolverem minha cintura.

— Não vai embora — pediu beijando minha bochecha e descansando o queixo em meu ombro — Eu sou um idiota, Majuzinha.

Virei-me de frente para ele e enlacei seu pescoço.

— Sim você é — atrevi a dizer, mas sorri em seguida e ele sorriu também — Mas não é por isso que estou indo, já está na hora.

Rafa me levantou em seus braços e me colocou atravessada na cama deitando-se sobre mim.

— Nunca será a hora da gente ficar longe um do outro, princesa.

Ele levantou a minha camiseta até a altura dos meus seios e beijou a minha barriga. Depois deu duas mordidinhas, uma em cada lado da minha cintura me incendiando inteira. Subiu com seus beijos pelos meus seios foi enfiando a mão por dentro da camiseta até chegar no meu pescoço. Ele inclinou minha cabeça suavemente para o lado e lambeu ericando todos os pelos do meu corpo, então parou e me encarou.

Não para. Continua me levando a loucura, por favor!

— Desculpe — pediu. Assenti desenhando suas sobrancelhas com meus polegares — Eu tenho ciúme de você, confesso, e não estou sabendo lidar com isso. Acabei de me irritar contigo por causa de uma brincadeira que envolveu meu irmão. É o meu irmão, porra!

— Eu também não devia ter dito aquilo, foi estúpido. Eu só queria te

NACIONAIS-ACHERON

provocar.

— E conseguiu. — sorrimos juntos mais descontraídos — Escolhi quem eu deveria escolher. Você. Mas confesso que fiquei *me sentindo* por você estar com ciúmes de mim, Rafa. Você fica irresistível com ciúmes.

Ele sorriu constrangido e, Rafa constrangido definitivamente me dava tesão.

Como você ficou pervertida Maju.

—Você me acha irresistível quando sinto ciúmes, não é? Pois bem, eu tenho que te dizer que você fica irresistível de quatro, toda arreganhada *pro* meu lado. Queria ter tirado uma foto — o encarei de queixo caído. Ele não só disse isso, como fez um gesto com as mãos. Senti as maçãs do meu rosto inflamarem quando pensei na posição e no que mais poderia estar arreganhado.

Eu já devia estar acostumada com o fato de o Rafa não ter filtro, já disse isso, mas ainda assim ele conseguia me deixar sem graça e eu tinha uma leve desconfiança que dessa vez tinha sido de propósito.

— Voltando a questão do ciúme. Não quero ninguém olhando para você, te admirando. Não quero ninguém contemplando seus olhos bicolores. Eu que nunca me liguei nessas coisas... estou admirado comigo mesmo. Eu devia querer esfregar você na cara de todos. Deixar que vejam o quanto a minha garota é linda e gostosa, mas porra! Definitivamente eu não quero. Morro de ciúmes e mato também.

O encarei incrédula e ele caiu na risada.

— A parte do matar é brincadeira, princesa.

Revirei os olhos e o empurrei para o lado, mas o meu sorriso estava lá, estampado na minha cara.

— Vem aqui — enlaçou minha cintura não me dando a chance de sair da cama. Hesitei um pouco porque eu realmente precisava ir, mas quando suas mãos me puxaram e fizeram com que eu me sentasse de pernas abertas no colo dele, eu esqueci rapidinho da bronca que com certeza eu levaria dos meus pais quando voltasse para casa.

Sua ereção dura feita rocha roçou na minha entrada enquanto ele retirava de mim sua camiseta. Desesperada por contato abri a bermuda dele e

o puxei para fora. Olhei em seus olhos quando comecei a estimulá-lo.

Rafa fechou os olhos e arfou. Quando os abriu novamente, estavam escuros, transbordando de desejo. Ele segurou minha mão e me ajudou com os movimentos de vai e vem.

Pousou sua cabeça em meu ombro e sussurrou bem baixinho.

— Eu quero estar dentro de você. Sem barreira. Não devíamos, mas estou enlouquecendo.

Fiz as contas mentalmente na minha cabeça, dos dias que faltavam para minha menstruação descer para ter certeza se estava no período fértil.

— É só não irmos até o final.

O que você está dizendo Maju? Louca! Louca! Louca!

— Esse é o problema, eu quero ir até o final. Eu quero tanto que até dói.

Se o Gabriel não tivesse interrompido o momento para nos avisar que a Evelyn me esperava na sala. Eu muito provavelmente, provavelmente não, certamente teria o colocado dentro de mim e ainda o teria deixado gozar. Por que se ele estava enlouquecendo querendo isso, eu já estava mais do que louca.

Saí do quarto seguida pelo Rafa – que ainda estava frustrado por termos sido interrompidos – tentando parecer natural. O que era impossível porque estava escrito na minha cara e nas minhas bochechas coradas que eu tinha feito muito, muito sexo.

— Evelyn — aproximei-me a abracei. Só então percebi o quanto senti sua falta.

— Como você está, hum? — perguntou com visível preocupação.

— Muito bem — respondi e olhei de soslaio para o Rafa que sorriu. Lerdo toda vida.

— Como vai Evelyn? — ele se aproximou e a cumprimentou com dois beijinhos.

— Eu estou bem — minha amiga olhou para mim e para ele com satisfação, claro depois de ter demorado uns belos segundos encarando o abdômen do Gabriel. Ainda bem que o Rafa tinha vestido uma camiseta.

— Sua mãe me pediu pra chamar você.

— Tudo bem. Eu já estava mesmo voltando para casa — Voltei-me para o Rafa que segurou a minha mão.

— A gente se vê depois?

— É. A gente podia sair de novo os quatro. O que acham? — Gabriel perguntou, mas encarando a Evelyn que... espera, estava vermelha?

Ele não sabia que a desmiolada estava namorando o Brady – vulgo ex banana.

— Eu não acredito que eu vá conseguir sair tão cedo novamente daquela casa quando eu passar por aquela porta.

— Não fala isso nem brincando. — meu vizinho lindo e sem noção falou quando me puxou para si e me beijou na frente dos dois. Beijou mesmo, de língua.

— Então vamos, né? — quando dei por mim estava sendo arrastada porta afora pela doida da minha amiga.

— Ai meu *core*! Ele estava me querendo não estava? Caramba. Não, não, eu estou com o Brady e ele é legal — Evelyn respirou fundo.

Arqueei a sobrancelha e ela sorriu.

— Tem certeza que ele é legal? Você não estaria toda balançada assim com o Gabriel se ele fosse mesmo legal.

— Ele é sim. Eu só não sofro de amnésia, meu bem. Eu sei do que aquele homem — apontou para a porta dos meninos — ... É capaz, mas não desvia o foco da conversa pra mim não queridinha. Você tem muito o que me contar.

— Então vamos entrar.

Entramos no meu apartamento e fomos direto para a cozinha. O cheirinho do café já impregnava o ambiente.

— Achei a fujona, tia — Evelyn falou para a minha mãe e eu quis torcer o pescoço dela.

— Eu tinha certeza que você iria encontrá-la. Eu fico me perguntando com que frequência isso acontece.

Sorrio. Menos do que eu gostaria, com certeza.

— Cadê o papai?

— Foi descansar um pouquinho — suspirei aliviada. Quanto mais a nossa conversa demorasse para acontecer, melhor para mim — Bom, vou deixar as duas fofocarem e vou descansar um pouquinho também.

Minha mãe se retirou e a Evelyn bufou.

— Sair só para comer alguma coisa, ou ir a um cinema nós quatro, não tem nada demais, não é? Digo, não estarei traindo o Brady.

— Evelyn.

— O que?

— Está tudo bem mesmo entre você e o Brady? Porque eu não estaria toda tentada a sair com outro cara que não fosse o meu namorado se estivesse tudo lindo entre nós.

— Está tudo lindo, sim. É que poxa, é o Gabriel e...

— E você tem namorado.

— Você está desviando foco da conversa novamente mocinha, não pense que não estou vendo — era ela quem estava desviando a conversa, mas preferi não comentar isso — Vamos falar desse seu sumiço com o gostoso do Rafa que deve ser tão gostoso quanto o irmão e sobre toda a merda que aconteceu contigo. Amiga, fiquei preocupada.

Sentime culpada por tê-la preocupado, a ela e aos meus pais, mas não arrependida. Teria feito tudo de novo só para me enfiar no meio do mato com o Rafa.

— Nós transamos.

— Isso está muito óbvio pra mim. É só olhar pra essa sua cara de “fui muito bem comida, obrigada” — achei graça — Me conta tudo e não esconda nada. Quero saber até as posições que vocês fizeram.

Caí na risada, mas óbvio que não contei essa parte. Contei tudo a ela desde a nossa mágica primeira vez – sem detalhes é claro – até os eu te amo que trocamos a pouco mais de três horas.

— Uau amiga. Ele também confessou que te ama? Isso é incrível! Um deus grego daquele caidinho por você, se declarando e tudo. É para matar de inveja as recalcadas.

— Estou feliz. Eu não esperava me apaixonar muito menos amar o vizinho da porta da frente, mas é impossível Evelyn. É impossível não cair de amores por Rafael Bastos.

— E ao que tudo indica, ele também caiu de amores por você, não é? Ele parecia ser tão sem noção, tão galinha. Ficava dizendo na sua cara que queria te comer e você foi lá e domou o cafajeste. Como você conseguiu?

— Ele era mesmo tudo isso que você disse, mas o que as pessoas não sabem é que ele é o sem noção mais íntegro que eu já conheci. O Rafa é correto, divertido...

— Gostoso — revirei os olhos, mas concordei.

— Tudo bem, gostoso, inteligente e eu não tenho ideia do que ele viu em mim, do porquê me escolheu, mas isso não me importa. Ele me escolheu.

— Estou feliz por você amiga. Vamos lá para o seu quarto que te trouxe presentes.

— Sério?

Evelyn assentiu e fomos para o meu quarto. Ela pulou na minha cama animada pegando as sacolas que estavam esparramadas, por ela.

— Acho que vai ser muito útil — falou com um sorrisinho.

Peguei a sacola e me sentei ao seu lado. Com certeza seria muito útil. Minha amiga me presenteou com várias peças íntimas. Todas lindas e sensuais.

Peguei um conjunto vermelho de sutiã meia taça rendado com uma calcinha fio dental. O sutiã tinha bojo e um pingente de lacinho pendurado entre eles, a calcinha não tinha forro e o mesmo pingente a enfeitava. Ainda tinha mais três conjuntos, um preto, um cor de rosa e um branco. Todos mais ou menos do mesmo modelo.

— Eu adorei — a abracei agradecida.

As peças em nada se pareciam comigo, mas agora eu era uma mulher e não mais uma garota virgem. Eu era uma mulher que desejava arduamente enlouquecer seu homem de todos os jeitos e formas possíveis e se uma lingerie me permitiria conseguir tal proeza, então, eu as usaria. Todas, sem exceção.

— Que bom que gostou, agora use e enlouqueça seu homem —
NACIONAIS-ACHERON

gargalhamos juntas.

— Usarei.

— E como é que ele é? A teoria do pescoço grosso é verdadeira?

— Eu não sei se a teoria é verdadeira, mas vale para o Rafa — mordi os lábios segurando um sorriso pois, foi impossível não pensar no que ele tinha entre as pernas quando ela mencionou aquilo.

— E como vocês já fizeram?

— Evelyn não vou te contar essas coisas!

— O que é que tem? — bufou contrariada. — Doeu? Poxa Maju pelo menos como foi a primeira vez você tem que me contar.

— Eu contei.

— Não senhora. Você só passou por cima.

— Não doeu. Quer dizer, até doeu, mas o que ele me fez sentir, compensou todo o resto. Foi incrível, ele é incrível. Estou nas nuvens — falei me deitando na cama e puxando o Rafa sapo. Sim eu havia dado o nome dele para o sapo também.

Minha amiga suspirou satisfeita e deitou-se ao meu lado.

— Maju?

Droga. Eu sabia que ela iria acabar tocando no assunto. Eu não queria que ela tocasse no assunto. Não queria me entristecer. Eu só queria me lembrar do Rafa, falar no Rafa e estar com o Rafa.

Como se ouvindo meus pensamentos, meu celular apitou. Alcancei o aparelho que estava no criado-mudo e deslizei o dedo na tela o desbloqueando. Mensagem do Rafa.

Sabem os beija-flores? Pois é.

Rafa: Volta aqui para a minha cama.

Mordi os lábios tentando segurar meu sorriso de satisfação.

Rafa: Volta aqui para eu poder realizar minha fantasia.

Maju: Você tem uma fantasia?

Esperei a resposta.

Rafa: Eu tenho uma fantasia.

Respondeu com várias carinhas. Esperei sua resposta explicando qual seria sua fantasia, mas ele não respondeu.

Maju: E qual seria?

Rafa: Deslizar dentro de você, pele com pele. Preciso te sentir inteira. Enterrar bem fundo e jorrar dentro de você.

Oh. Meu. Deus!

Senti meu rosto corar e minha calcinha encharcar. Quase tive um orgasmo só em ler aquilo. Fechei os olhos e o visualizei me dizendo aquelas palavras, com o seu sorriso fácil estampado na cara.

Rafa: Preciso sentir você.

Será que seria falta de educação deixar a Evelyn aqui e ir atrás dele de

novo?

Maju: Também quero sentir você, Rafa. Como eu quero! Eu teria deixado.

Respondi com alguns macaquinhos tapando a boca.

Rafa: Eu sei Majuzinha e eu teria feito. E me sinto péssimo porque eu deveria ser o cara responsável já que sou o experiente de nós dois, mas você me deixa doido. É surreal. Vê logo para marcar a porra dos exames. Quanto mais cedo fizermos, mais cedo você começa a tomar pílula e mais cedo eu te como sem camisinha.

— Poxa será que dá para dar uma atenção aqui para a sua amiga? Eu viajei preocupada com você. Fiquei dois dias sem notícias suas, ligando sem parar nesse celular — Evelyn reclamou e só então eu me lembrei dela.

— Desculpe. Já vou me despedir dele.

Maju: Vou providenciar, príncipe. Pra já.

Rafa: Adoro quando você me chama assim. Sou seu, seu príncipe, seu macho.

Maju: Meu macho.

Confirmei o que ele disse.

Rafa: Vou te deixar curtir sua amiga, princesa. Te ligo amanhã. Te amo. Doido de pedra!

Maju: Beijos. Te amo.

Coloquei o telefone de volta no criado-mudo sem nenhuma vontade.

— Me desculpe por ter deixado você preocupada. Estou me sentindo mal por isso, Evelyn. Eu precisava me afastar de toda essa merda, mas também não quero falar sobre isso. Não agora. Por favor, respeite.

— Tudo bem, Maju — concordou segurando a minha mão. — Eu só quero que saiba que estarei aqui se precisar.

— Eu sei e te agradeço.

Evelyn deu o assunto por encerrado e passou as próximas horas me contando da sua festa de aniversário da qual eu estava intimada a comparecer.

Capítulo 58 – Não Sou Ciumenta.



Rafa

— Preciso de um café. — disse me levantando.

Eu precisava dar um tempo de toda aquela papelada. Definitivamente, defender bandidos de colarinho branco, não era para mim. Entrei na copa e busquei a máquina de café.

— Graças a Deus — exclamei quando verifiquei de que ainda havia café na máquina.

Eu esperava de coração que o Gabriel aceitasse a minha proposta maluca, senão, eu voltaria à estaca zero sem ter a mínima noção do que fazer da vida e uma única certeza, não seria advogar.

Que merda.

— Está tudo bem? — uma voz rouca e baixa perguntou.

Virei-me na direção da voz e encarei a Lavínia, filha do patrão. Ela estava no escritório há apenas algumas semanas, mas dava para notar o quanto ela pertencia aquele lugar.

— Sim eu só...

— Não engole o fato de saber que o cliente tem culpa?

Sorri. Ela era esperta. Esperta e muito bonita com seu terninho feito sob medida, seus cabelos loiros presos em um coque perfeito e batom vermelho. Era uma mulher de 27 anos e bem-sucedida. Havia retornado há pouco de

uma temporada se especializando na Europa.

Lavínia sorriu de volta se aproximando decidida. Dei espaço a ela para alcançar a máquina de café. Era bem mais baixa que eu. Mesmo com aquele salto enorme. Sentei-me à mesa e ela me acompanhou.

Neste momento meu celular vibrou no meu bolso. Era mensagem do Gabriel.

Gabriel: Reunião dos Bastos hj, já é?

Eu não estava nem um pouco a fim de sair com meu irmão e meu primo, ainda mais sabendo que o Kaiary não iria me dar folga.

Rafa: Tenho escolha?

Gabriel: Qual é cara? Prometo não pegar muito no seu pé, mas já não posso dizer o mesmo do Kay.

Rafa: Estou trabalhando Gabriel. Vai cozinhar vai.

Coloquei uma carinha brava no final da mensagem.

Gabriel: Antes que eu me esqueça, O Guilherme chega hoje. Valeu?

Rafa: Valeu, manezão.

O Guilherme nosso primo estava se mudando para o apartamento. Ele havia sido aceito na UERJ, mas só começaria no próximo semestre. Eu não entendia o porquê que ele já estava de mudança para o Rio antes das aulas iniciarem, mas aquele lá nunca foi muito certo mesmo.

Deslizei o celular de volta para o bolso da minha camisa e percebi que Lavínia me encarava, a encarei de volta, mas ela não se intimidou.

— Más notícias?

— Não. — dei um sorriso.

Lavínia apoiou os cotovelos na mesa e se aproximou. Meu olhar não queria ter escorregado do seu rosto, mas foi inevitável, ainda mais com aquele decote.

Não me julguem. Eu amava a minha garota, mas eu não era cego. Pigarreei desviando o olhar e ela sorriu cordialmente. No entanto, eu sabia que o seu sorriso era de triunfo, pois ela tinha conseguido minha atenção, mesmo que por milésimos de segundos. Não gostei da sensação que veio depois, não gostei da mulher a minha frente. Não gostei do fato de ela estar claramente se insinuando para mim.

— Olha, se me permite um conselho, — disse ficando ereta novamente na cadeira — Se não é isso o que você quer, ainda está em tempo. Você é jovem, tem muito pela frente.

— Você fala como se fosse uma velhinha. — sorriu jogando seu charme.

— Posso não ser uma velhinha, mas já passei da idade de ter dúvida com relação a minha profissão. Você não.

— Conselho anotado.

— Às ordens — disse antes de beber um gole do seu café. Imittei seu gesto.

Já ia me levantando quando meu celular vibrou novamente. Um sorriso besta estampou minha face assim que li o nome dela na tela — o nome dela não, já que eu tinha salvado seu número como, “Minha Princesa.” Dei uma olhada rápida para Lavínia a tempo de vê-la perder todo o rebolado. Se tem uma coisa que eu sei sobre as mulheres é que elas são astutas. Só pela minha expressão ao ver quem era, ela com certeza sabia que se tratava de mulher, só

não sabia que se travava da mulher que eu amava.

— Desculpe, é minha namorada. Preciso atender — falei e me levantei sem esperar resposta.

Caminhei até o banheiro masculino e fechei a porta a tempo de atender antes que a chamada cessasse.

— Oi minha linda.

— Oi.

— Como vai a minha princesa?

— Com saudades — foi direto ao ponto.

— Somos dois.

Fazia alguns dias que havíamos retornado da nossa louca e excitante aventura e desde então, sua mãe estava em casa com ela, o que dificultou de a gente dormir juntos. Claro, tirando a noite que eu entrei sorrateiramente no apartamento dela tarde da noite. Ela havia deixado a porta da frente destrancada e quando deu o sinal, não hesitei parti *feroz* para o seu quarto. Mas nos comportamos. Conversamos e decidimos – embora a vontade quase nos matasse – esperar a hora certa para transarmos sem camisinha.

— Minha mãe vai para casa hoje — aquilo sou como música para os meus ouvidos. Eu poderia sair do escritório direto para a casa dela.

— Saio daqui direto para sua casa. Estou doido para te comer.

Ih caralho! Tinha esquecida da reunião com os meninos.

— Então, eu também, mas...

— Mas? — meu alerta soou. Eu não gostava nem um pouco quando uma frase terminava com “mas”.

— Estou naqueles dias.

Claro que estava, ela era mulher, uma hora tinha que vir, não é?

— Ah. Então você vai ter que me beijar muito, mas muito mesmo Majuzinha para suprir a falta que estou de você.

— Eu posso fazer isso — disse animada.

— É claro que você também pode me chupar...

— Ai Rafa — eu poderia vê-la revirando os olhos e sorrindo. Fechei os

meus olhos e visualizei a cena. Toda linda ela.

— Não?

— Tudo bem, eu posso fazer isso também.

— Ah, bom.

— Só que me lembrei de uma parada. A Angel e o Kay estão no Rio e vamos nos reunir mais tarde.

— Ah, tudo bem então. — respondeu visivelmente decepcionada.

— Você pode ir comigo — eu sabia que aparecer com Maju ia ser um prato cheio para os idiotas dos meus primos e do meu irmão me sacanearem, mas que se foda, se ela quisesse ir, ela iria.

— Acho que não, Rafa. Eu não fico muito legal nesses dias, estou cheia de cólicas. Prefiro ficar em casa. A gente se vê amanhã.

— A gente se vê hoje, mocinha. Eu vou com eles, faço uma social e corro para ficar contigo. Estamos combinados?

— Não quero atrapalhar sua noite em família. — eles, é que estavam atrapalhando minha noite com ela, mas eu iria mesmo contrariado, mas só porque eu estava com saudades da minha amiga.

— Vou para sua casa e ponto, princesa. Deixa a porta destrancada.

— Tudo bem! — e a animação estava de volta.

— Combinado então. Preciso desligar agora.

— Ah sim, claro. Até mais tarde. Beijo.

— Só beijo? — perguntei louco para ouvir.

— Eu te amo, príncipe.

— Eu também te amo, princesa.

Desligamos e eu voltei à sala de reuniões. Sentei-me ao lado de Lavínia que me entregou a lista de testemunhas que seriam ouvidas no caso do pilantra que o escritório estava defendendo.

Peguei a lista e enquanto eu estava conferindo os nomes, ela me passou uma folha branca dobrada. Olhei para ela que continuou encarando os papéis a sua frente como não tivesse acabado de me entregar o papel. Olhei para os outros dois estagiários que estavam alheios em suas próprias papeladas e abri

a folha. Nela estava escrito.

“Não se preocupe, não sou ciumenta.”

Putá. Que. Pariu.



Quando cheguei ao apartamento, passava das sete da noite. O mala do Guilherme já estava lá espalhado no sofá.

— E aí, Guilherme? — o cumprimentei indo direto para a cozinha.

— E aí, Rafa. Beleza?

— Vai ficar — respondi me servindo de uma dose generosa de conhaque.

— Já vai começar aqui mesmo? — perguntou referindo-se ao fato de eu já estar bebendo antes de sairmos.

— Estou precisando.

Sentei-me no outro sofá retirando meus tênis. Suspirei. Era só o que me faltava, a filho do patrão cismar com a minha cara. Se fosse há uns meses, eu ficaria bem feliz em fazê-la feliz ali mesmo na copa ou no banheiro feminino. Rapidinha era uma das minhas especialidades. Bastava subir a saia até a altura da cintura, a virar de bundinha para mim, afastar a calcinha e pronto, mandar ver. Mas eu não era mais aquele cara que usava e abusava das mulheres e eu tinha alguém, minha princesa, minha garota.

Irritou-me o fato de mesmo após saber que eu tinha namorada, ela continuou me querendo. Já havia notado os olhares sutis que ela me lançava, mas eu pensei que não passaria daquilo, até aquele bilhete.

Você tem a Majuzinha agora, Rafa. É novidade para você dispensar mulher, mas você vai ter que aprender, mesmo que tenha que usar de grosseria — disse a mim mesmo em pensamento.

— Rafa você vai ficar de cara amarrada para o meu lado até quando? Eu já te pedi desculpas por dar em cima da sua vizinha.

Ele estava se achando muito importante não estava, não?

Arqueei a sobrancelha e o encarei de cara feia. Eu nem estava mais grilado com isso, mas era bom ele pensar que sim, assim ficaria esperto e

longe da minha Majuzinha.

— Namorada. — o corrigi.

— Namorada? — meu primo me encarou incrédulo.

Bebi meu conhaque em um gole só e me levantei.

— Tudo bem Guilherme, é só manter os olhos bem longe dela. Vou tomar um banho pra gente sair e você dirige.

Ele assentiu e eu saí.

Uma hora mais tarde meu primo e eu entramos no estacionamento próximo ao bar que costumávamos ir, o Gabriel o Kaiary e eu. Meu irmão sairia do trabalho direto para o bar. O Kay e a Angel estavam vindo de Niterói e iriam dormir no *apê* porque minha amiga iria a uma consulta com a mãe da Majuzinha no dia seguinte.

Entramos no bar e procuramos uma mesa próxima a entrada. Eu pedi uma dose de vodca enquanto meu primo pediu cerveja e uns aperitivos. Um tempo depois o Gabriel chegou e juntou-se a nós. O papo seguia animado quando o casal vinte entrou no bar. Gabriel acenou e logo os dois se juntaram a nós.

— O que vocês vão beber? — Guilherme perguntou.

— Me dá uma cerveja aí — Kay falou e Guilherme o entregou uma garrafa.

— E você, Morena? Vai beber o que?

— Eu quero um suco de abacaxi com hortelã — Angel respondeu olhando o cardápio.

— E então, Rafa — bufei. *E lá vamos nós* — Porque você não quis trazer sua Majuzinha?

Sorri me encostando na cadeira.

— Eu chamei, mas ela não estava se sentindo muito bem hoje.

— Cara — ele me encarava sorrindo o idiota — Se eu não tivesse ficado sabendo por pessoas da nossa confiança eu não teria acreditado. — Você fugiu com uma garota.

— O negócio está sério — Foi o Gabriel que falou, mas não para mim. Para o Kay. — Eu mesmo presenciei os dois *apaixonadinhos* trocando

beijinhos de despedida. Como se não tivessem transado a tarde inteira.

Kaiary gargalhou.

— Como é que ele costumava falar? — Kaiary perguntou, para o Gabriel, não para mim — Lembrei. *Por isso que eu não namoro* — imitou meu jeito de falar.

— Desse jeitinho — Gabriel vulgo – irmão traíra e morto mais tarde – confirmou.

— Espera. Espera. E ele também disse uma vez “*Com tanta mulher nesse mundo vocês ficam aí apaixonadinhos por uma só*”.

— Eu estou aqui. Vocês podem falar diretamente pra mim.

Eles caíram na risada. Até o idiota do Guilherme – que definitivamente não tinha amor nos dentes – e a minha amiga, outra traíra.

— Eu disse que eu iria assistir de camarote a sua ruína, *mané*. Falei que seu tombo seria grande, mas cara, superou minhas expectativas.

— Eu também te disse que quando isso acontecesse, eu não iria fugir. Aqui estou.

— Rafa você pode dizer o que quiser, mas isso não vai apagar o fato de que você pagou língua. Você que ficava sentado lá no seu *troninho* de *comedor* apontando o dedo pra mim e pro Gabriel, nos recriminando apenas por estarmos apaixonados. Hoje você está no mesmo barco e isso não tem preço. Bem-vindo ao clube.

Olhei para a cara deles e sorri. A verdade é que eu estava pouco me importando para aqueles idiotas – menos a Angel, minha amiga não era idiota – rindo da minha cara. Eu estava feliz pra caralho com a minha princesa e doido para sair dali e correr para a casa dela.

Dei o meu melhor sorriso sarcástico.

— Ruí, paguei língua, perdi o meu *troninho*, estou no mesmo barco e o que *caralhos* mais vocês me zoarem. Mas sabe o que vocês não sabem? — eles balançaram a cabeça em negativa — Estou pouco me fodendo para o que vocês estão dizendo. Gosto dela sim, admito. Gosto não, eu a amo. Estamos juntos e num futuro ainda que distante, nós vamos ter bebês lindos de olhos bicolores.

Quatro queixos caíram em cima da mesa ao mesmo tempo que quatro

NACIONAIS-ACHERON

pares de olhos esbugalhados me encaram. Sorri satisfeito.

— Missão cumprida. Posso tirar uma foto das caras de tachos de vocês agora? — perguntei pegando meu celular.

Minha amiga foi a primeira a sorrir se esgueirando para o meu lado e segurando a minha mão.

— É. Definitivamente, bem-vindo ao barco, *mané*. — Kaiary disse.

Eles se deram por vencidos e graças a Deus resolveram me deixar em paz. Os três idiotas foram jogar sinuca enquanto eu havia ficado com minha amiga na mesa colocando o papo em dia.

— Então? Quer dizer que vai se consultar amanhã? — perguntei.

— Sim. Kay quer que eu tire o DIU.

— Mas e você princesa? Você quer? Porque se ele está querendo que você tire, significa que ele quer te engravidar.

— Eu quero, Rafa. Quero dar um filho a ele. — Minha amiga disse encarando o marido por alguns instantes. — Eu quero tudo com ele. Já fico imaginando ele correndo com nosso filho na praia, cuidando, educando, dando amor e carinho. Ele é a minha vida.

Segurei as mãos dela e sorri.

— Vocês vão ser ótimos pais. Porque vocês se amam e o filho de vocês irá crescer em um lar repleto de amor e respeito.

— O que essa garota fez contigo, hein? — brincou.

— Eu ainda não sei direito, mas acho que ela está me transformando em um cara melhor.

— Não, Rafa. Ela só aflorou o melhor em você, porque eu sei que você sempre foi esse cara incrível. Eu sei.

— Talvez.

— Certeza! — ela me corrigiu convicta.

— Falando nela. — beijei sua mão e me levantei — Avisa aos três babacas que eu fui namorar.

— Vai lá.

E eu fui. Saí do restaurante e quando ia parar um táxi notei que o

shopping ainda estava aberto. Atravessei a rua correndo e entrei. Conhecia o lugar, então fui direto até a loja de chocolates. Eu tinha muitas primas e a maioria delas menstruavam e quando isso acontecia, ficavam sensíveis e muitas das vezes insuportáveis. Uma vez ouvi uma conversa sobre esses períodos e uma delas, acho que a Andressa se não me engano, disse que a única coisa que resolvia eram filmes românticos e chocolates.

Bom eu tinha os chocolates, mas conhecendo a Majuzinha, acho que romances não eram bem a praia dela.

Saí do shopping e peguei um táxi. O bar ficava perto e não demorei a chegar ao nosso prédio. Fui direto para o apartamento dela, não liguei antes, não mandei mensagem. A porta estava destrancada e eu passei rapidamente para o lado de dentro e a tranquei.

Atravessei a sala e fui em direção para ao seu quarto. Abri a porta e lá estava o motivo da minha aflição. O motivo das borboletas no meu estômago, da inquietação do meu coração e do meu pau duro. Minha Majuzinha. Minha princesa. Minha mulher.

Seu sorriso se iluminou e ela soltou o Rafa felino e correu para mim. Levantei-a em meus braços para que ficasse da minha altura e a beijei. Nossas línguas se enroscaram uma na outra totalmente dependentes, matando a saudade, assim como nossos corpos que se encaixavam com perfeição. Eu amava o fato de ela ser alta. Seu corpo parecia que tinha sido feito para moldar o meu.

Beijei seu pescoço e deslizei a língua sobre ele e quando fiz menção de descer a minha mão livre sobre seu corpo a fim de encontrar seu ponto mais sensível eu me lembrei.

Caralho.

Nunca tinha me visto em situações como aquelas. Ter que ver um filme ou apenas beijar na boca porque a garota estava *naqueles* dias. Era fato que eu era um completo leigo nesse assunto, mas eu estava adorando cada detalhe, cada descoberta, cada troca.

Quando liberei seus lábios, ela levou a mão no meu braço atrás das minhas costas e o puxou para frente. Majuzinha sorriu olhando para a caixa de chocolate. Ela era literalmente uma criança que tinha acabado de ganhar um doce.

NACIONAIS-ACHERON

— Isso é pra mim?

— Sim — falei entregando a caixa a ela.

— Você comprou chocolates pra mim?

— Por que a surpresa? Você está naqueles dias, não é isso o que vocês gostam de comer naqueles dias? — minha princesa caiu na risada — Estou aprendendo.

— Você é um fofo — disse me puxando para a cama.

— Não sei se gostei desse elogio não, princesa. Não quero ser fofo. Eu quero ser foda.

Ela sorriu toda linda revirando os olhos do jeitinho que eu tinha imaginado mais cedo. Tirei meus tênis e pulei na cama ao lado dela.

— Diz que eu sou foda, Maju — tomei a caixa de bombons das mãos dela.

— Você sabe que é.

— Quero ouvir você dizer — insisti escondendo a caixa atrás das minhas costas.

— Você é foda — disse subindo em cima de mim. — Você é gostoso. Uma delícia, um tesão, você é lindo e é carinhoso e incrível e fofo e eu amo cada pedacinho de você. Cada gesto, cada palavra sem noção, cada sorriso, cada beijo...

Calei sua boca com um beijo. Se ela continuasse me dizendo aquelas coisas capaz de eu ter um treco com a força que meu coração batia. Ninguém nunca havia me dito aquelas palavras e eu me senti o cara mais sortudo do planeta. Beije-a atordoado demais, apaixonado demais, feliz da vida.

Quando nos separamos ela sorriu e pegou a caixa de volta. Puxei-a para mim e enquanto ela abria concentrada a caixa de bombons, eu pensava em uma palavra para definir o meu sentimento naquele momento.

Plenitude.

Plenitude me definia.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 59 – Em Um Relacionamento Sério.



Maju

Eu estava comendo o último bombom que o Rafa havia me trazido, quando ele saiu do banheiro enrolado na minha toalha. Havia me pedido para tomar um banho, alegando estar todo suado, não que eu me importasse.

Por alguns segundos eu senti inveja do tecido abraçando seu corpo, principalmente aquela parte específica da qual eu teria que ficar longe por uns dias – bem, mais ou menos longe.

Encarei seu abdômen definido e me perdi nos gominhos da sua barriga, nos seus braços musculosos e nas veias grossas que se destacavam neles. Os detalhes do Rafa eram sem dúvida os detalhes mais deliciosos que eu já tive o prazer de observar.

Meu vizinho lindo e sem noção era definitivamente, perfeito.

Percebendo que eu praticamente o secava, o sacana tirou a toalha e a jogou em mim despertando-me do transe.

— Gosta do que vê? — perguntou com tom de divertimento.

— Sim, com certeza.

Rafa sorriu e foi se aproximando da cama onde eu automaticamente me levantei ao encontro dele. O celular dele começou a tocar. Rafa bufou e apontou para o celular em cima do criado-mudo.

— Pega pra mim?

Peguei o celular e o entreguei. Ele encarou a tela, mas não atendeu. Jogou o celular na cama e subiu nela vindo até mim.

— Não vai atender? — perguntei intrigada.

— Não sei quem é — respondeu me deitando e se posicionando sobre mim.

Eu sabia que deveria ser mulher e ele também, por não ter atendido.

E eu não deveria me importar, afinal era o Rafa, o cara que tinha *comido* metade do Rio de Janeiro, mas de qualquer forma eu me sentia um pouquinho desconfortável em situações como aquelas. Mas era apenas desconforto. Eu absurdamente confiava nele.

— Ainda vai levar um tempo até saberem que não estou mais disponível. — Rafa disse notando meu silêncio. — Posso mudar de número se isso te deixar mais confortável.

Eu definitivamente te amo, Rafael Bastos.

— Não é pra tanto — falei desenhando a sobrancelha dele com as pontas dos dedos.

— Você confia em mim, não é? — perguntou preocupado.

— É claro que sim.

Ele ainda me encarou incerto e eu o puxei e beijei seus lábios tentando mostrar através do meu beijo que era verdade. Eu confiava.

Quando nos afastamos, me presenteou com seu sorriso lerdo que eu tanto amava. Rafa se levantou e pegou seu celular. Ele deitou novamente de bruços e apoiou o peso do seu corpo sobre os cotovelos.

Imitei seu gesto curiosa enquanto ele abria o aplicativo do Facebook.

— Vamos facilitar um pouco as coisas? Qual é o seu perfil?

— Maju.

Ele digitou no campo de pesquisa e apareceram um monte de *Majus*.

— Tem Maju pra caralho.

Peguei o celular das mãos dele e depois que encontrei o meu perfil, o entreguei novamente a ele.

Rafa sorriu e me mandou um convite.

— Aceita lá.

Saí da cama e fui atrás do meu celular. Quando o encontrei, respondi sua solicitação de amizade e me deitei novamente ao seu lado.

— Prontinho.

— Certo.

Ele sorriu de um jeito malicioso aguçando ainda mais a minha curiosidade e então simplesmente alterou seu status de relacionamento de solteiro, para um relacionamento sério.

Arqueei a sobrancelha, mas ele foi além. Sorrindo, me marcou. “Em um relacionamento sério com Maju.”

Se eu gostei? Quase soltei fogos de artifícios.

— Dá pra espantar uma meia dúzia — sorriu presunçoso toda vida — Calma aí que ainda falta uma coisa.

Rafa abriu a câmera do celular e me puxou para cima dele.

— O que você vai fazer?

— Postar uma foto, ora. — respondeu como se fosse óbvio.

— Não Rafa. Estamos no meu quarto, na minha cama, eu estou toda descabelada e você ainda está pelado. Meu pai não vai gostar nada quando ver isso.

— Majuzinha seu pai sabe muito bem o que acontece por aqui nas costas dele. Relaxa vou tirar só do nosso rosto. Vem cá. Mal tive tempo de me ajeitar e olhar para o celular e ele já estava tirando a foto.

— Deixa eu ver.

Ele não deixou. Tentei tomar o celular da mão dele, mas ele era muito mais forte que eu.

— Agora pode ver — disse me entregando o celular.

Fiz cara feia reclamei, horrores de que estava toda descabelada e de que estava nítido que a gente estava deitado na minha cama, mas no fundo eu tinha adorado.

Principalmente por causa da legenda. ***“De boas com a minha princesa.”***

A legenda estava acompanhada de uma hastag.

— Raju? Você shippou a gente? — perguntei toda boba.— É claro que eu shippei a gente. — sorri lhe devolvendo o celular.

— Estou com cara de quem acabou de transar e nem fiz isso! — Meu vizinho lindo caiu na risada.

Nem preciso dizer que foram instantâneas as notificações. Choveram curtidas e comentários no post dele e como ele me marcou, também haviam alguns comentários dos meus amigos. Teve até um de uma colega do ensino médio lá de Petrópolis com vários *emojis* perguntando onde achava outro igual a ele.

— Nossa primeira foto juntos e eu estou toda feia — reclamei.

— *Tá* feia nada. *Tá* linda. Você é linda.

Ah e antes que eu me esqueça. Tenho uma parada pra te contar. — disse enquanto se levantava e pegava sua cueca.

Olhei com tristeza enquanto ele se cobria, mas disfarcei.

— O que? — sentei-me na cama quando ele se juntou a mim novamente.

— Acho que descobri o que eu quero fazer da vida.

— Que ótimo Rafa! E o que é?

— Te namorar — piscou sorrateiramente.

E lá estavam os beija-flores fazendo algazarras no meu estômago.

— Me namorar não enche barriga.

— Ah, enche sim. — balancei a cabeça sorrindo.

— Tudo bem, até enche barriga. A minha, mas não enche o bolso.

— Tudo bem princesa, sem encher a sua barriga, por enquanto.

— Combinado.

— Falando sério agora. Quero administrar.

— Você quer fazer administração é isso? — perguntei confusa.

— Não — sorriu me puxando para deitar com ele.

— Quero ter meu próprio negócio. Chamei o Gabriel para ser meu sócio. Quero abrir um restaurante com ele.

— Eu acho isso um máximo! — exclamei empolgada. — E ele?

— Ficou me encarando como se eu fosse maluco, o que é compreensível. Ele sequer desconfiava que eu não estava satisfeito com o Direito.

— Dá um tempo pra ele assimilar a ideia.

— Estou fazendo isso, mas estou confiante. Tem tudo pra dar certo.

Sorri satisfeita e orgulhosa do homem ao meu lado. Do meu homem.

— Estou orgulhosa de você.

— E eu estou agradecido — Rafa me puxou e beijou meu rosto carinhosamente — Você foi minha maior incentivadora. Você é meu motivo de querer melhorar a cada dia, Maju. Quero que você sinta orgulho do seu macho.

— Eu já sinto, Rafa. Eu sei o quanto você é incrível, já te disse isso.

— E eu te amo.

Sorri sentindo meu coração transbordar.

Ouvir que você é o motivo do homem da sua vida querer melhorar a cada dia, e na sequência ouvir um eu te amo, definitivamente, não é pra qualquer uma.

— Eu também te amo. Muito.

Nos abraçamos e ficamos assim por tanto tempo que achei até que ele estivesse dormido.

— Sabe o que eu estou pensando aqui?

— Besteira?

— Hahaha engraçadinha.

— O que é? — virou-se de lado e fiz o mesmo. Ficamos um de frente para o outro.

— Eu estava pensando. Se fui o seu primeiro. Eu meio que sou uma espécie de professor para você, não acha?

Revirei os olhos. Lá vinha besteira!

— E?

— E eu estou doido para te mostrar umas coisinhas.

— Ah, é? E você vai me mostrar isso agora? — perguntei animada.

— Não, né. Você está... Você sabe.

— Menstruada, Rafa. Pode falar sem medo.

— Até o nome é sinistro, Majuzinha. Se bem que dependendo da vontade, te pego assim também. — arregalei os olhos e ele caiu na risada.

— Ai dispenso.

— Você diz isso agora, quero ver depois de um tempo.

— Você já ficou com uma garota neste estado?

— Não. Nunca tive intimidade antes pra tal coisa. Mas tenho contigo e quero tudo que você quiser.

— Eu também quero tudo o que você quiser.

Ele sorriu com seu sorriso lerdo e fácil.

— *Tá* ligada que você acabou de me dar carta branca, não é?

Balancei a cabeça concordando porque era verdade. Eu queria tudo com ele. Tudo o que ele quisesse fazer e me mostrar, mas tinha colocado na minha cabeça que precisávamos ir devagar.

O Rafa por si só já era a intensidade em pessoa. Ele estava me consumindo. De um jeito bom, mas ainda assim, me consumindo.

— Só precisamos ir devagar. Sem pressa.

— Vou tentar princesa, mas não garanto nada. — ele me beijou e nessa hora o Rafa felino pulou na cama e se aconchegou em nós.

Deixei o Rafa – o humano – fazendo chamego no nosso filho e fui ao banheiro.

Quando eu voltei ele estava apertando o gato em um abraço.

— Ô Felícia?! — brinquei — Olha a cara de assustado dele.

— Fica com ciúmes não, Majuzinha. Tem Rafa pra vocês dois.

Sorri e me aproximei dele que soltou o pobre do gato que até pulou da cama.

— Quero te dar uma coisa. — e lá estava o sorriso lerdo estampando na cara dele novamente. — Meu Deus, mas só pensa besteira.

Ele gargalhou e deitou-se colocando as mãos atrás da cabeça. Eu cairia

NACIONAIS-ACHERON

de boca naquela gominhos se eu pudesse ir além.

Foco Maju.

Rafa estava certo, ia ser muito difícil ficar longe dele naqueles dias.

Fui até a gaveta da cômoda e peguei a cópia chave do meu apartamento que tinha mandado fazer há alguns dias. Para eu não ter que ficar deixando a porta destrancada e para ele aparecer sempre que quisesse é claro.

Sentei-me ao seu lado sem graça. Eu estava com vergonha e com medo de que ele pudesse achar que eu estava lhe propondo morar junto, ou sei lá...

Peguei uma de suas mãos e coloquei a chave nela fechando-a. Ele abriu a mão e arqueou a sobrancelha.

— É a chave daqui de casa. Pra eu não ter que ficar deixando a porta destrancada.

— Tá ligada que agora que não vou te dar sossego, não é? — sorri aliviada.

— Estou contando com isso.

— Também vou fazer uma cópia lá de casa pra você.

Assenti satisfeita. Era um passo que estávamos dando e eu queria caminhar rumo ao infinito e além, de mãos dadas com Rafael Bastos.

— Quero te levar pra sair.

— Ah, é?

— É. A gente pode aproveitar o próximo sábado e passear pelo Rio. Almoçar lá no restaurante que o Gabriel trabalha e a noite a gente pode sair para beber.

Ergui a sobrancelha.

— Como se eu bebesse.

— Eu bebo por nós dois. E aí? Está comigo?

— Eu estaria se não fosse aniversário da Evelyn.

— Se você quiser te levo para vê-la, aí a gente passeia por lá. Você me leva pra conhecer a sua cidade.

— É que ela vai fazer uma *mega* festa. Ela está planejando isso há dois anos e eu infelizmente, estou intimada — o sorriso dele morreu — Mas eu

quero que você vá comigo.

— Festa? — Rafa me encarou sério e foi nítida a sua mudança de humor.

— Isso. Festa. Algum problema? — perguntei intrigada.

Ele suspirou e me encarou.

— Isso significa que o namorado dela que é o banana do seu ex vai estar lá, não é?

Ah era isso.

— Bom, se eles são namorados é óbvio que ele vai estar.

— Então nós não vamos.

O encarei de queixo caído.

Nós não vamos?

Ele sustentou meu olhar e pela cara dele estava convicto do que tinha acabado de dizer. Ficamos nos encarando por sei lá, mais de um minuto, até que eu desisti e desviei o olhar.

— Não quero ver esse cara.

— Então eu sinto muito Rafa, mas a Evelyn é minha amiga. Ela está comigo desde sempre...

— E catou o seu ex.

Que merda era aquela? Agora ele iria colocar em dúvida a amizade da Evelyn? Tudo por ciúmes.

Respirei fundo desolada. Sabia que era novidade para ele esse lance de relacionamento, de ciúmes, mas ele tinha que confiar pelo menos em mim poxa! Eu confiava nele apesar de todo o seu histórico.

— Eu pensei que você confiasse em mim, Rafa. Poxa, eu confio em você...

— Eu confio em você, princesa. Não confio nele...

— Você nem o conhece!

— Sei o suficiente sobre ele para saber que não vale nada e não quero ele perto de você.

— Isso é uma pena, príncipe — olha eu apelando para o apelido que ele

tanto gostava e o usando para chantageá-lo — Eu queria muito a sua companhia, mas se você não vai comigo, infelizmente eu irei e sozinha. A Evelyn é minha amiga e eu não farei essa desfeita com ela por causa de ciúmes sem sentido.

Levantei da cama e fui até o banheiro. Sentei-me no assento do vaso e encostei na parede.

Que droga. Eu nem estava a fim de ir naquela festa. A presença dele iria ser o que me manteria confortável lá. Para falar a verdade eu estava pouco a vontade de ir. Nossos amigos iriam estar em peso lá e a situação ia ser meio constrangedora. Meu ex e minha amigas juntos e eu a tiracolo.

Senti quando o Rafa encostou-se no batente da porta, mas não olhei para ele.

— Eu vou contigo, princesa — ele finalmente disse.

— Não precisa. Não quero que se sinta desconfortável.

Rafa se aproximou e se abaixou na minha frente. Ele tocou meu rosto e colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Desculpa. Sei que já te disse isso antes, mas eu sou um idiota.

— Sim, você é — dei um sorriso murcho.

— Eu vou contigo. A porra do ciúme me impediu de pensar direito. Sei que deve ser chato para você ter que ir a essa festa. Eu vou contigo, te faço companhia.

— Obrigada. — me rendi.

— Eu vou ao fim do mundo por você Majuzinha. Ir a essa festa vai ser moleza — aí meu coração! — Mas se esse cara ao menos olhar para você, eu vou quebrar alguns dentes dele.

— Rafa!

— Estou falando sério. Agora vem, vamos voltar para a cama.

Dizendo isso ele me pegou em seus braços e me levou até a cama me deitando e deitando-se em seguida. Nos aconchegamos um ao outro e nos cobrimos.

— Maju? — ele me chamou depois de um tempo.

— O quê?

— Você ainda vai me chupar?

Gargalhei. Aquele era o Rafa sendo... O Rafa.

Sorri para ele e me abaixei a tempo de vê-lo sorrir de volta satisfeito...

Capítulo 60 – As Melhores Possíveis.



Rafa

Dei uma última ajeitada no meu cabelo com um pouco de gel e dei uma conferida no visual antes de sair do meu quarto. Encontrei o Guilherme no corredor.

— Já vai namorar? — o idiota me sacaneou.

— Vou e você? Vai para onde todo engomadinho assim?

— Vou sair com o Gabriel.

— Vai aprender com ele a comer quieto? — brinquei — Se bem que você Guilherme, com essa cara de sonso, não me engana.

Meu primo gargalhou. Ignorei o idiota e fui até a cozinha beber um pouco de água.

— *Tá indo pra onde Rafa? Não espera aí, deixa eu adivinhar* — o Gabriel perguntou quando me viu. Eles tinham tirado o dia para pegar no meu pé — Para a porta da frente.

Tão engraçadinho.

— Na verdade, estou indo pra Petrópolis para o aniversário da Evelyn.

— Poxa e eu não fui convidado, não? — ele fingiu uma cara de magoado.

— Quem é Evelyn? Leva a gente, Rafa.

— Amiga da Maju que o Gabriel deu uns pegadas e não, eu não vou levar

NACIONAIS-ACHERON

vocês e Gabriel, você se esqueceu de que ela está namorando?

— Não tenho ciúmes.

Ergui a sobrancelha e ele gargalhou.

— Quem é você? Cadê o meu irmão certinho e cheio de princípios? — colocou o dedo do meio para mim.

— Falando sério agora, *brother*. Você não parece muito animado.

A desvantagem de se ter um irmão gêmeo, é que ele te conhece bem demais, até melhor do que você mesmo.

— Sabe quando você está com a sensação de que vai dar merda?

— Que merda poderia dar no aniversário da garota? — perguntou confuso.

— Não sei se te contei que o namorado da Evelyn é o ex da Maju.

— Não contou — ele já me olhou preocupado — Acontece, né?

— Pode até acontecer cara, mas esse bosta não me desce.

Meu irmão sorriu balançando a cabeça.

— Isso é porque ele já foi namorado da Maju e você *manezão*, está com ciúmes. Bem-vindo ao mundo dos pobres mortais que se apaixonam e que se sentem inseguros.

— Não estou inseguro, porra! Só não gosto dele. O cara traia ela. O pouco que sei dele, já é o suficiente para eu saber que o banana não presta.

— Prestando ou não, agradeça ao otário por ter sido um filho da puta com ela. Afinal se ele não tivesse feito merda, você não teria pegado a sua Majuzinha zero quilômetro.

— Agora está explicado. — o Guilherme se manifestou. — Ganhou uma chave de *xota* virgem, por isso está aí de quatro.

Aí depois perde todos os dentes e não sabe o porquê.

— Guilherme você está chegando agora nessa porra, fica na sua e obrigado Gabriel por ficar espalhando a minha intimidade por aí.

O idiota caiu na risada antes de virar para o Guilherme que ria da minha cara também.

— Perdemos o Rafa, Gui.

— Perdemos.

— Vão se ferrar os dois. Fui.

Mas antes que eu alcançasse a porta, meu irmão me alcançou.

— Vê lá, hein, Rafa. Não vai perder a cabeça.

— *Tá* tranquilo, Gabriel. É só o cara ficar longe.

— Se o cara for mesmo esse filho da puta que você está imaginando ele pode tentar te provocar e eu te conheço *brother*, você bate primeiro e pergunta depois.

— Qual é Gabriel, isso foi lá atrás. Fiz muitas artes marciais para achar meu equilíbrio — brinquei.

— Fica frio — ele insistiu.

— Fica frio você. Sou o cara mais zen desse mundo.

Acenei e saí. A preocupação do meu irmão não tinha fundamento, não mais. Quando eu era mais novo sim, brigava mesmo por qualquer coisinha. Briguei muito na escola, briguei com os moleques do condomínio, até com meus primos, mas nada tão grave. Exceto pela vez que bati em um moleque na praia por causa de bola, eu tinha dezesseis anos e estava no auge na minha rebeldia adolescente, mas superei.

Dona Suellen me colocou em tudo quanto foi esporte, para eu canalizar – palavras dela – minha raiva. Exagerada toda vida, mas preciso confessar que o judô ajudou muito, apesar de eu não praticar mais, ganhei disciplina.

Peguei a chave da casa da Maju no meu bolso e abri a porta. Eu só não contava dar de cara com o pai dela na sala.

Merda.

— Ora, ora. O que temos aqui? — ele disse se levantando — Não me lembro de ter deixado a porta aberta.

Engoli em seco, mas não podia perder o rebolado. Precisava ganhar respeito.

— Boa noite. O senhor não deixou. — mostrei a chave para ele que levantou a sobancelha.

Majuzinha saiu do quarto e veio em meu socorro.

— Rafa?! — ela me cumprimentou visivelmente perturbada.

— Oi princesa — se aproximou de mim e já foi me puxando para o...
Quarto?

Estou morto.

— Só vou terminar de secar meu cabelo.

— Ei vocês dois. Não tão rápido assim. — o pai dela nos interceptou.

— Pai!

— Vai secar o seu cabelo. — falei.

Ela arregalou os olhos e sorri tentando não parecer apavorado. Acho que a convenci, pois ela concordou e saiu.

— Acho que nós precisamos conversar — falei me aproximando dele que fez sinal para eu me sentar. Ele sentou-se na poltrona de frente para mim e cruzou as pernas apoiando os braços nela.

— Eu tenho certeza. — assenti com a cabeça.

Por fora eu sequer demonstrava sinais que estava me *cagando* por dentro. Nunca tinha me imaginado em situações como aquela e a Majuzinha estava fazendo com que eu quebrasse todas as regras. Mesmo assim, não me arrependia de nada e se eu tivesse que convencer o pai dela de que eu era o “cara” eu o faria.

— Você está transando com a minha filha? — puta merda. Começamos bem.

Ele sabia a resposta, queria ouvir da minha boca.

— O senhor sabe que sim. — fui direto.

Ele me encarou surpreso. Será que estava esperando que eu fosse mentir? Nem se eu quisesse. Ficamos dias fora e eu ainda tinha a chave da casa dele.

— Então eu vou fazer aquela pergunta clichê que os pais fazem. Quais são as suas intenções com ela?

Nem preciso dizer que Rafael Bastos não tem filtro, né?

— Então eu vou ter que responder também de forma bem clichê. As melhores possíveis.

Seu Euclides arregalou os olhos e pude vê-lo travar o maxilar. Quando eu pensei que ele se levantaria para chutar a minha bunda para a fora do
NACIONAIS-ACHERON

apartamento ele sorriu.

— Vou ter que admitir que você é corajoso. Petulante, mas corajoso.

É agora, Rafa. Aproveita a guarda baixa.

— Seu Euclides, eu amo a sua filha. Quero namorar com ela. Quero levá-la a sério e tratá-la bem como ela merece. Sua filha é uma garota incrível, estou encantado e gostaria que o senhor concordasse com o nosso namoro, eu... Ficaria muito satisfeito. — eu queria dizer que não ia adiantar nada se ele se opusesse, mas me contive.

— Rafa minha filha acabou de sair da adolescência. É muito jovem, é inexperiente e as vezes imprudente, como você mesmo pôde constatar. Você é um homem adulto, é boa pinta e imagino que conhece bem as mulheres. Tem certeza que quer se amarrar a ela? Tem certeza que não vai se cansar com o tempo? Minha filha ainda é só uma menina, é imatura, é inconstante.

Esse cara não conhecia sua própria filha, não?

— Sinto muito seu Euclides, mas vou ter que discordar. A Maju é uma mulher incrível. É adulta, centrada, correta e linda, tanto por fora quanto por dentro. Quanto a ser inexperiente e inconstante. Isso aí a vida ensina — eu ensinaria com prazer também é claro — Tenho aprendido muito com a sua “menina” e amo cada experiência.

Seu Euclides ficou em silêncio, mas eu sabia que estava refletindo sobre minhas palavras. Não o crucificaria por ter aquela visão dela, afinal ele a enxergava como filha, mas eu a enxergava como mulher e ela era incrível.

Ele suspirou e descruzou as pernas aproximando seu corpo.

— Estão se prevenindo?

— Sim.

— Mas vão chegar o momento em que não vão. Eu sei, já tive a idade de vocês.

— Já disse a Maju que é só marcar os exames. Estou limpo, mas faço o que o senhor quiser.

— É, mas ela não marcou. — a danadinha estava me enrolando? — Vou providenciar isso, rapaz.

Assenti concordando.

— Bom, vou deixar vocês irem — ele se levantou e eu fiz o mesmo. Seu Euclides ergueu a mão para mim e eu a apertei. — Se fizer minha filha sofrer, eu corto as suas bolas.

Putz.

— Isso não vai ser necessário.

— Ok. E obrigado por estar com ela quando precisou. — apenas concordei com a cabeça.

— Vou ver se ela está pronta.

— Tudo bem, eu vou até o hospital.

Ele foi em direção a saída e eu fui até o quarto da Maju. A encontrei espiando atrás da porta.

— Que coisa feia. Espiando a conversa alheia. — mordeu os lábios, segurando o sorriso.

— Está tudo bem, príncipe?

— Quando vi o seu pai na sala, pensei que eu ia cair duro no chão, mas antes de morrer eu ia te gritar e pedir para você mandar escrever na minha lápide: “Aqui jaz Rafael Bastos. Amado filho, querido irmão, foda pra caralho, mas... Que morreu de cagaço”.

— Ai credo — minha garota gargalhou.

— É sério, Majuzinha.

— Bobo. Me desculpe pelo meu pai, Rafa. Que vergonha!

— Não se desculpe — a abracei.

— Não deu para ouvir muita coisa.

— Então você não ouviu ele te entregando, não é? Você não marcou os exames. — ela fez que não envergonhada.

— Eu queria evitar essa situação, mas não adiantou. Esqueci de te falar que ele estava aqui.

— Tudo bem princesa, pelo menos resolvemos tudo. Ele vai marcar os exames e eu já tenho a permissão dele pra te namorar, falta você aceitar.

— Rafa.

— Qual é, Majuzinha? Acho que já te dei provas suficientes de que

minhas intenções são as melhores. A gente já quase mora junto, porque você não aceita?

— Eu sei é que...

— Tudo bem — a cortei, não queria ouvir aquela ladainha novamente — Quando terminar o prazo de dois meses, te pergunto novamente. Agora deixa eu olhar para você.

Afastei-me dela e a rodei. Estava linda. Usava um vestido longo estampado que tinha duas aberturas laterais e calçava sandálias rasteirinhas. Seus cabelos escovados pareciam mais longos e sua maquiagem era bem leve, deixando-a com ar de menina.

— Minha menina-mulher — puxei-a para mim e beijei seus lábios adocicados pelo brilho labial — Você está linda, Majuzinha.

— Eu não gosto muito de vestidos, mas...

— Mas? — eu já disse que eu não gostava quando uma frase terminava com, *mas*. No entanto, algo me dizia que naquela frase em questão, eu gostaria do *mas*.

— Estou vestindo algo novo por baixo. Quero te mostrar mais tarde.

— Mais tarde o caralho. Quero ver agora! — respondi tentando levantar o vestido dela.

— Não. Agora não. — empurrou minhas mãos.

— Maju eu vou passar a festa toda de pau duro, só pensando no que você tem aí embaixo.

— Mas a intenção e essa — disse rindo.

— Você é má, sabia?

— Sou boazinha. Partiu? — perguntou.

— Partiu, né?



Segurei a mão da minha princesa e seguimos pelo caminho de paralelepípedos cercados por gramas em direção a área de lazer do grande casarão em que a Evelyn morava.

Assim que nos aproximamos da enorme tenda que era a pista de dança,
NACIONAIS-ACHERON

algumas pessoas vieram falar com ela, enquanto outras a encaravam de longe. Não deu para não reparar nas meninas que mesmo estando falando com ela, estavam com os olhos cravados em mim. Felizmente minha princesa pareceu não ligar.

Apertei sua cintura e a puxei para mais perto e ela sorriu com cumplicidade.

— *Migaaaaaa!* — Evelyn surgiu não sei de onde junto com um cara que não precisava ser esperto para saber que se tratava do tal Brady. Ele me deu uma secada rápida e voltou sua atenção para a Maju sem me cumprimentar.

As duas amigas se abraçaram e minha princesa entregou o pacote com o presente a ela. Eu que fui de mão abanando apenas dei um abraço na aniversariante e lhe desejei os parabéns.

— Fiquem à vontade. Vou colocar o presente junto com os outros. Ah, só pra vocês saberem, vocês são o assunto do momento. A mulherada está eufórica por causa do seu namorado, Maju. Não tire os olhos dele.

Maju revirou os olhos para a amiga e encarou o Brady, que ao invés de ir atrás da namorada, continuou parado na nossa frente.

— Você parece bem — disse para ela.

— Eu estou bem — Minha princesa respondeu de forma seca.

Eu comecei a ter pensamentos assassinos só de ver como ele a encarava, sem o menor respeito por mim ao seu lado. Sem falar que ele estava me ignorando.

— É bom ver você, Maju — o babaca disse antes de se afastar.

— Me desculpe por isso, ele é um idiota. — Minha princesa pediu sem graça.

— Ele pode me ignorar o quanto quiser — disse e a puxei abraçando-a pela cintura — Desde que ele fique bem longe de você.

Nos beijamos de forma comportada. Quando nos separamos segurei sua mão e perguntei no seu ouvido.

— Será que tem bebida nessa festa?

— Vamos descobrir.

Meia hora depois estávamos sentados em uma das mesas e eu já estava na minha terceira dose de conhaque. Já estava bem mais relaxado e já não estava me importando muito pelo banana do ex estar o tempo todo nos encarando. Minha princesa bebia uma batida de fruta e já estava bastante alegrinha. Sim, tinha álcool. Eu não sei porque ela quis beber algo alcoólico, mas acreditei que tivesse sido para relaxar. Ela também, apesar de não ter falado, tinha notado o babaca nos observando.

— Não é tão ruim. — disse secando o copo. — Quero outra.

— Não mesmo. É primeira vez que você sai comigo com o consentimento do seu pai, não quero dar chance ao azar.

— Só mais uma! Não vou ficar bêbada.

— Deixo você beber mais uma se você me deixar ver o que você esconde aí. — aponte para a roupa dela.

— Feito! — concordou animada. Até demais.

Depois que ela bebeu sua segunda batida, a puxei para a pista de dança.

— Rafa eu não gosto de dançar em público, você sabe.

— Você vai dançar comigo — seguiu protestando.

Não era a nossa música, mas dava para o gasto. Segurei suas mãos e comecei a balançá-las sutilmente. Maju começou a se soltar e enlaçou meu pescoço. Estava levemente alterada com as duas batidas que tomou. Seus olhos brilhantes e bochechas coradas a denunciavam. Virei-a costas e encostei meu corpo ao dela. Deslizei meus dedos por seus braços e encaixei minhas mãos na sua cintura.

— Linda — falei no seu ouvido.

Ela virou-se novamente para mim e me acertou com aquelas flechas bicolores. A música acabou e ela se aproximou do meu ouvido.

— Acho que quero te mostrar agora o que tem debaixo do meu vestido.

Fode com o meu juízo, mulher!

Nem preciso comentar que o meu sorriso mal cabia em meu rosto, não é? Quando estávamos saindo da pista o Brady, vulgo – homem morto – nos parou.

— Já vai? Logo agora que eu ia te tirar para dançar.

— Perdeu a noção do perigo, playboy? — o encarei cego de raiva.

Fechei meu punho pronto para socá-lo quando a Majuzinha segurou minha mão.

— Que isso, *mermão!* — levantou as mãos em rendição — Não vou roubar a sua garota, só íamos dançar. Esquentadinho seu namorado hein, Maju?

— Você deveria chamar a sua namorada para dançar, Brady. Nos dê licença.

Minha princesa saiu me puxando. Fomos em direção aos fundos da casa e posso dizer que se ela não me tira de lá a pancadaria ia ser feia.

Quando alcançamos o jardim ela soltou a minha mão. Levei ambas as mãos no meu cabelo e respirei fundo tentando me acalmar.

— Eu te falei, princesa. Esse cara não vale nada. Pior, ele é dissimulado, um cretino.

— Coitada da Evelyn — disse tristemente — Eu tentei alertá-la.

— Mas ela não quis ouvir. Vai ter que se estrepar para aprender agora.

— Credo, Rafa!

— Credo nada, e pelo jeito que ele é, não vai demorar até a sua amiga te ligar chorando por causa desse imbecil.

— Vamos esquecer esse idiota. Vem aqui — puxou-me e colou os lábios nos meus.

Já esqueci.

— Vai me mostrar agora? — perguntei lerdo toda vida.

Minha princesa sorriu e me puxou para o que parecia uma casa que ficava atrás do jardim. Nos engrenhamos para os fundos e nos encostamos na parede.

— Pode ver.

Sorri com malícia e levei as mãos nas aberturas da saia dela. Quando a levantei me deparei com uma calcinha vermelha minúscula e transparente.

— Puta que pariu — exclamei sem desviar os olhos.

— A Evelyn me deu umas coisinhas.

— Então ela acaba de ganhar uns pontinhos comigo. Nem quero mais que ela se estrepe.

— Interesseiro!

Sorri. Toquei a renda e afastei a calcinha para o lado. Senti tudo lisinho.

Endireitei o corpo e a encarei.

— Lisinha? — ela assentiu. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Maju praticamente me atacou. Sua língua invadiu minha boca um tanto desesperada enquanto suas mãos buscavam o cinto da minha calça.

O que ela estava fazendo?

Não que eu não estivesse gostando e não estivesse louco para tê-la, mas era a Maju, minha princesa. Eu não podia transar com ela ali nos cantos escuros da *vida* como eu fazia com as outras. Ela era especial, jamais a sujeitaria.

Com muito custo segurei as mãos dela que me encarou com cenho franzido.

— Qual é o problema, Rafa?

— Problema nenhum é que... A gente está meio exposto aqui.

— E desde quando você se preocupa com isso?

— Desde quando é com você que eu estou. Não quero fazer contigo o que fazia com as outras garotas... Você não é como elas.

— Eu estou pouco me importando como você fazia com as outras garotas, Rafa! — cruzou os braços emburrada — Na verdade, eu quero que você faça igual comigo.

— O que? — perguntei para ver se eu tinha ouvido direito.

— É isso mesmo que você ouviu. Eu quero que você faça comigo como fazia com elas. Quero que me use.

— Majuzinha, Majuzinha — esfreguei meu rosto com as mãos — Já te falei que vou parar no manicômio por sua causa.

— E eu já te falei que te encontro lá, não é?

Deus era testemunha de como eu tentava ser diferente para ela. De como eu queria que ela se sentisse única e especial para mim, mas ficava

NACIONAIS-ACHERON

difícil quando ela soltava essas bombas e me nocauteava daquele jeito.

Minha marrentinha me encarou levantando a sobrancelha e bufei rendido. Ela quem havia pedido. Encarei-a com intensidade a tempo de vê-la engolir em seco antes de eu virá-la bruscamente de costas para mim e empurrá-la contra a parede. Ela encostou o rosto na parede e espalmou as mãos sobre ela. Levantei sua saia e sem enrolação, tirei sua calcinha. Perdi alguns segundos encarando a peça minúscula em minhas mãos. A coloquei no bolso e peguei uma camisinha na minha carteira. Com a camisinha na mão, alisei a bunda dela agora exposta. Coloquei seu cabelo de lado e mordi seu ombro, cheirei seu pescoço e falei no seu ouvido ao mesmo tempo e enterrei dois dedos dentro dela.

— Vou te deixar louca, mas você não pode gritar. Vai gemer baixinho, contida para ninguém nos ouvir. — balançou a cabeça concordando. Tirei os dedos e massageei seu clitóris *inchadinho*. Estava tudo tão lisinho, que delícia!

Enfiei a mão dentro do vestido e acariciei um dos seios. Abri minha calça que caiu até os meus joelhos e rasguei a embalagem da camisinha protegendo meu amiguinho rapidamente. Coloquei a embalagem no bolso e fiz uma *sacanagenzinha* passando meu pau na bunda dela, só para provocar.

— Pronta? — perguntei abrindo mais as pernas dela.

— Mais que pronta! — puta merda.

Enterrei dentro dela de uma vez só. Meti com força, sem delicadeza, bruto do jeitinho que ela queria. Ouvi seus gemidos contidos e ao contrário do que eu disse, já estava doido que ela gritasse meu nome. Acelerei as investidas segurando os quadris dela. Os ruídos dela começaram a ficar mais altos. Me aproximei do seu ouvido e murmurei baixinho para que se comportasse. Mas ela não me obedeceu, o que me levou a tapar a boca dela com uma das mãos. Maju gozou rápido e eu continuei estocando forte até alcançar minha libertação também.

Parei de me mover, mas não saí de dentro dela. Colei nossos corpos e abracei sua cintura. Seu vestido era de alças finas e de costas peladas e eu aproveitei e distribui beijos pelos seus ombros e pescoço.

— Eu te amo, princesa — disse antes de sair de dentro dela.

Ela virou-se de frente para mim ajustando o vestido enquanto eu retirava a camisinha. Olhei para os lados procurando um lugar para jogar aquilo e caralho, tive que jogar no vaso de planta que estava do nosso lado.

Voltei o olhar para ela que me encarava com um sorriso lindo. Toda satisfeita e muito bem comida diga-se de passagem. Tirei a calcinha dela do bolso e a ajudei a vestir.

Levantei e a encarei.

— Eu adorei — murmurou colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— E eu amo saber que sou eu o cara que te deixa com esse sorriso de satisfação no rosto.

— Ah, sim, estou muito satisfeita! A propósito também te amo — se jogou em meus braços. Eu a abracei feliz pra caralho. Deus como eu amava aquela garota!

— Vamos embora dessa porra?

— A Evelyn não me perdoaria.

— Ok. Então vamos voltar para lá. — dei mais um beijo nela e seguimos de mãos dadas. Eu só esperava que o banana do ex nos deixasse em paz. Eu estava saciado, mas ainda doido para quebrar alguns dentes.

Capítulo 61 – Definitivamente... Manicômio.



Maju

Voltamos para a área da festa e surpreendentemente conseguimos nos divertir. Eu havia tomado minha terceira batida de fruta mesmo sob todos os protestos do Rafa e estava me sentindo mais leve que o ar. Já não me importava se estávamos sendo o centro das atenções na pista de dança.

Eu só queria dançar com meu “macho.”

Ele ria divertido enquanto dançávamos agarradinhos até as músicas de dançar solto. De vez em quando roçava sua ereção em mim me provocando, safado toda vida.

O Rafa era mesmo... Eu já disse incrível?

Incrível e Irresistível e, não só porque ele era um espetáculo de homem, lindo da unha do pé até o último fio de cabelo, mas lindo por ser exatamente do jeito que era, cativante e ao mesmo tempo destemido. Um predador e ao mesmo tempo um príncipe. Cada dia que passava eu me prendia mais a ele, ficava mais apaixonada, mais louca.

Dançamos tanto que quando nos sentamos senti meus pés doerem. Rafa me puxou para eu sentar no colo dele e não estávamos sequer nos preocupando de estarmos em público.

Ele beijava meu pescoço e alisava a minha perna de forma tão provocante que nossa...

— Acho melhor a gente ir embora, princesa. As coisas que quero fazer
NACIONAIS-ACHERON

contigo não podem ser feitas em público, a não ser que você não se importe de ser presa por atentado violento ao pudor.

Gargalhei.

— Acho que não estou me importando muito não — falei baixinho no seu ouvido e mordi o lóbulo da sua orelha.

— Não falei? Manicômio. É certo. — e lá estava eu gargalhando de novo parecendo uma hiena — Vamos?

— Rafa eu perco minha amiga se eu for embora antes dos parabéns.

— Ah, mais o macho você não liga de perder?

— Você teria coragem de me deixar? — perguntei fazendo um bico exagerado que logo foi coberto por seus lábios.

— Não sou louco.

Sorri toda boba. Mais uma vez.

— Então aguenta só mais um pouquinho, príncipe?

— Pedindo assim é sacanagem. Mas acho melhor você se sentar na outra cadeira.

Fiz bico de novo.

Realmente a bebida deixa as pessoas patéticas.

No meu caso a bebida misturada a paixão que me consumia um pouquinho a cada dia.

— Preciso ir ao banheiro.

— Vem. Vou te levar. Aproveito para beber um pouco de água.

Levantamos e fomos e direção aos banheiros da área da piscina. Ele foi na frente me segurando pela mão e por onde passávamos as meninas esticavam disfarçadamente ou, nem tanto, seus pescoços para o lado dele.

Rafa usava uma camiseta branca de mangas longas com dois botõezinhos na gola propositalmente desabotoados, uma calça bege e coturno preto. A perfeição em pessoa.

Exagero? Não para mim e pelo visto não para as outras garotas que babavam nele também.

— Não sai daqui — pediu, mas de forma autoritária. O que me deixaria

bastante chateada se fosse qualquer outra pessoa, menos ele.

Assenti obediente. Rafa entrou no banheiro e eu o aguardei do lado de fora. Foi quando vi o Brady vindo na minha direção.

Maju isso não vai prestar.

Eu não vi outra opção a não ser sair de onde eu estava para tentar despistá-lo. Rafa ia reclamar por eu ter saído dali, mas era melhor do que ele sair do banheiro e dar de cara com o Brady falando comigo.

Fui em direção ao bar passando por entre os convidados e peguei uma garrafinha de água. Olhei para os lados e como não o vi mais fui novamente em direção aos banheiros.

— Fugindo? — engoli seco. Brady surgiu do nada e segurou o meu braço.

— O que?

— Está fugindo de mim?

— Por que eu estaria fugindo de você? — perguntei arqueando a sobrancelha.

— Não sei. Por medo do seu namorado troglodita, talvez.

— Brady, sinceramente não sou eu quem deveria ter medo dele, agora se me der licença...

Virei-me de costas querendo escapar logo dali e evitar uma catástrofe, mas fui impedida por ele que segurou o meu braço novamente.

— Eu vi vocês.

Nos viu?

— Não estou entendendo.

— Vi vocês saírem dos fundos da casa. Vi você ajeitando seu vestido — seu olhar deslizou pelo meu vestido demorando mais que o necessário sobre os meus seios. — Senti inveja dele.

— O que? — exclamei puxando meu braço do seu aperto — Escuta aqui seu projeto de cafajeste! Respeite a Evelyn você está com ela agora...

— É, mas... Não é com ela que quero estar depois de ver a mulher em que você se transformou. Eu deveria ter tido só um pouquinho mais de paciência e então seria eu no lugar dele.

NACIONAIS-ACHERON

Senti a bile subir até a minha garganta. Senti nojo do cara desprezível a minha frente. Eu sabia que ele não prestava, mas não pensava que fosse tanto e quando eu pensei que não poderia ficar pior ele segurou uma mecha do meu cabelo no momento em que o Rafa saiu do banheiro.

Fez de propósito. Estava procurando encrenca e tinha acabado de encontrar.

Vai dar merda.

— Não tem medo de morrer não, palhaço? — Rafa já perguntou investindo contra ele.

Segurei seu braço e implorei para que ele recuasse.

— Rafa, por favor.

— Ei! Só estávamos conversando — o idiota disse com um sorriso sarcástico.

— Quero ver você continuar com esse sorrisinho quando eu quebrar os seus dentes babaca! — vociferou empurrando o Brady.

— O que está acontecendo aqui? — Evelyn perguntou se colocando entre eles.

Meu vizinho lindo e extremamente irritado demorou algum tempo para recuar.

— Já deu, Maju. Se eu ficar mais um minuto nesta festa quebro ele no meio. — Rafa disse e saiu andando e me deixando para trás.

Como a confusão tinha sido perto dos banheiros, poucas pessoas presenciaram, ainda bem.

Encarei a Evelyn que olhava para o Rafa se afastando incrédula.

— Sinto muito, Evelyn — não esperei sua resposta e saí atrás do Rafa.

Precisei correr para alcançá-lo. Ele já estava perto do carro.

— Ele tocou em você. — não era uma pergunta — Eu deveria ter quebrado os dedos dele primeiro e depois os dentes. O que ele te disse?

Não me pergunte isso, Rafa.

— N-nada.

— Está mentindo.

Seu tom foi rude. Era a primeira vez que ele falava comigo daquela forma. Tive vontade de chorar.

— Rafa.

— Maju — ele passou as mãos nos cabelos os bagunçando e os deixando ainda mais sexy — Sinceridade, lembra?

Eu não deveria ter achando incrivelmente excitante a forma como ele estava fora de si de ciúmes, mas não consegui. Mordi meus lábios indecisa se dizia ou não a verdade. Ele prezava pela sinceridade. Era sincero ao extremo e estava exigindo que eu também o fosse.

Mas como dizer a ele que o meu ex estava desejando estar em seu lugar?

— Me conta, ou volto lá e o espanco mesmo sem saber — a forma como ele cuspiu as palavras me assustou.

— Promete não fazer nada se eu disser?

— Não prometo nada.

— Por favor, príncipe.

Ele respirou fundo e virou de costas, caminhou um pouco mais a frente e voltou ficando de frente para mim.

— Tudo bem, me conta.

— Ele nos viu saindo dos fundos da casa — os olhos dele se arregalaram.

— Será que ele viu a gente...

— Acho que não, mas deduziu. Disse que me viu ajeitando a roupa.

— Eu quero matá-lo, Maju — falou com uma calma que me assustou.

— Deixa pra lá. Vamos embora, por favor.

— O que mais ele disse? — respirei fundo. Ele não ia deixar para lá.

— Que se tivesse tido um pouco mais de paciência seria ele ao invés de você. — a cor fugiu do rosto dele — Agora por favor, vamos embora — aproximei-me segurando a mão dele.

Eu o puxei, mas ele permaneceu imóvel onde estava.

— Maju, o que houve?

Olhamos na direção a voz e demos de cara com a Evelyn andando rápido na frente e o Brady vindo um pouco atrás. Rafa soltou minha mão e eu apenas fechei os olhos. O Brady ia ganhar exatamente o que estava querendo.

Quando abri meus olhos, Rafa já estava em cima do Brady que havia caído no chão, o esmurrando sem dó nem piedade.

— Gosta de espiar as pessoas, não é? Vou te deixar cego babaca!

O Brady ainda tentou acertar alguns socos nele, mas não obteve sucesso. Ele não tinha chance.

— Gosta de tocar no que não te pertence, não é? — Rafa continuava esbravejando enquanto desferia seus golpes no idiota.

Corri até eles e tentei puxar o Rafa de cima do Brady já que a Evelyn só sabia gritar.

Àquela altura já tínhamos plateia. Com muito custo consegui arrancar o Rafa de cima do namorado cretino da minha amiga que ficou gritando um monte de blasfêmias lá no chão.

— Eu vou te processar seu troglodita!

— Processa! Quero ver se você é homem! Esse seu namorado não presta Evelyn — cuspiu as palavras para minha amiga que tinha se abaixado para confortar o cafajeste — Partiu Maju.

Ele não precisou dizer duas vezes. Murmurei um sinto muito para a minha amiga e corri e entrei no carro. Rafa deu partida e saiu praticamente voando de lá. Sequer olhou na minha direção enquanto dirigia. Meu coração parecia que ia saltar da boca a qualquer momento.

Meu Deus, que noite.

Começou tão bem com a gente dançando, depois transando pra depois dançarmos novamente pra terminar em pancadaria. Se bem que o Brady tinha merecido, embora eu jamais fosse admitir.

Que idiota me abordar daquele jeito, idiota e sem escrúpulos. Na própria festa da namorada dando em cima dos outros. Do que eu me livreí.

Só percebi que havíamos parado no acostamento quando o Rafa desligou o carro. O encarei, mas ele ainda olhava para frente segurando fortemente o volante com ambas as mãos.

— Perdi a cabeça. — fiquei em silêncio esperando que continuasse, mas ele não disse mais nada.

Segurei a mão direita dele e percebi que estava vermelha e com uma leve escoriação. Segurei seu rosto fazendo com que olhasse para mim.

— Ele provocou — tentei amenizar.

Rafa respirou fundo e encarou nossas mãos dadas.

— Fiquei cego, Maju. Fiquei louco. Eu teria o espancado até ele perder os sentidos e estou me sentindo um merda por isso, mas ele tocou em você e... Disse aqueles absurdos... Estou me sentindo mal também por termos feito sexo na festa. Se alguém filma e joga na internet, isso mancharia sua imagem e eu não me perdoaria.

Ele estava preocupado com a minha imagem?

— Rafa não estou preocupada com isso.

— É porque você é muito doidinha — ele brincou apertando minha bochecha. Revirei os olhos — Isso é sério, princesa.

— Sou doida, mas é por você. — meu vizinho lindo sorriu para mim embora ainda estivesse triste.

— Não devia ter contado, Rafa.

— Devia sim. Se eu te pergunto algo, você precisa me responder, e sempre com a verdade. Eu da mesma forma. Não quero segredos, não quero omissões. Quero que nossa relação seja transparente como água.

Assenti beijando seu punho machucado.

— Não estou sabendo lidar com esse ciúme, Majuzinha. Só de lembrar que ele tocou nos fios do seu cabelo eu tenho vontade de voltar lá e quebrar a cara dele de novo.

Respirei fundo. Ele precisava entender de uma vez por todas que não havia motivos para sentir ciúmes. Eu era dele, inteirinha dele.

— Rafa você precisa entender que ciúme é uma coisa natural e é saudável até certo ponto. Agredir alguém fisicamente já passou deste ponto, mesmo que o agredido tenha merecido. Eu preciso que você coloque na sua cabeça que eu sou inteiramente sua assim como você é meu... Você é meu Rafa?

— Que pergunta? É claro que eu sou.

— E eu sou sua, então isso basta. Sempre vai haver ciúmes, é natural, já disse. Eu morro de ciúmes de você, mas eu confio tanto, que... Me basta. A confiança que você me transmite me basta.

— Você tem ciúme de mim? — perguntou todo bobo.

Ele tinha alguma dúvida?

— Claro que sim. Olha só pra você. Eu sei que as garotas na faculdade devem ficar loucas e eu sei que você deve trombar direto com alguma que você já comeu, mas se eu fosse me preocupar com isso, já estaria louca.

— Tem razão. Você tem toda razão como sempre Majuzinha e você também sabe que não tem motivos para grilar quando estou na faculdade, não é?

— Eu sei, Rafa.

Sorrimos um para o outro e aquela ruguinha de preocupação finalmente sumiu do seu rosto.

— Eu te amo, garota!

— Eu te amo mais — falei me escorregando para o colo dele.

Segurei seu rosto com ambas as mãos e o beijei. Rafa retribuiu e seu beijo era deliciosamente lento. Era como se nossas línguas estivessem fazendo amor se acariciando daquela forma. Suas mãos desceram por minhas costas nuas até alcançarem meu quadril. Eu estava sentada em seu colo de lado, mas podia sentir o quanto seu corpo implorava pelo meu.

Nos separamos e meu vizinho lindo encostou a testa na minha e fechou os olhos.

— Você é minha — respirou pesadamente e abriu os olhos me encarando com intensidade. Seus olhos verdes derramavam sentimentos — Diz que você é minha, Maju.

— Eu sou, Rafa. Apenas sua.

Ele fechou os olhos sorrindo absorvendo minhas palavras. Ficamos assim até um carro em alta velocidade passar pela gente.

A rua que dava acesso ao condomínio em que a Evelyn morava era uma ladeira e tinha várias curvas. Era um pouco perigosa a noite. Embora fosse

um bairro tranquilo e residencial, os jovens adoravam apostar corrida nessa ladeira nas madrugadas.

— Acho melhor sairmos daqui.

Concordei e voltei para o meu assento colocando o cinto.

— Vamos para a minha casa. Está tarde para voltarmos ao Rio e bebemos.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta.

— Vou adorar conhecer onde minha princesa passou grande parte da sua vida.

— Se você acha meu quarto lá no Rio de adolescente, espera ver o de Petrópolis.

Ele gargalhou e meu coração transbordou. Definitivamente... Manicômio.

Capítulo 62 – Pode Fazer O Que Quiser.



Rafa

— Uau, eu literalmente, estou comendo uma princesa — Murmurei embasbacado encarando seu quarto.

Majuzinha revirou os olhos, mas o que eu estava dizendo não era de todo mentira. A cama dela tinha um dossel e estava cercada por mosquiteiros, mas não aqueles mosquiteiros comuns que a gente vê por aí, era coisa chique. Eles estavam perfeitamente presos nas barras de ferro amarrados com fitas. Haviam detalhes rosas neles e na roupa de cama também.

Andei até o centro do quarto e reparei nos papéis de parede. Notei também que os móveis tinham um design antigo e eram laqueados na cor branca.

No chão, na frente da cama, estava um tapete marrom tão felpudo que eu poderia dormir à noite inteira nele e não acordaria com dor nas costas.

— Não exagera — sorriu constrangida percebendo meu olhar embasbacado.

Pisquei para ela com uma cara lerda, tirei meus tênis e me atirei na cama — Macia!

Peguei o travesseiro e o abracei e cheirei. Tinha um cheiro incrível, o cheiro dela.

Minha princesa aproximou e sentou-se na cama.

Assim que entramos na casa, ela foi até a cozinha pegar gelo para colocar na minha mão.

— Me dá a sua mão.

— Já falei que não precisa.

— Me dê logo essa mão Rafael Bastos! — obedeci.

Ela colocou o gelo sobre o ferimento e me encarou.

— Não faz mais isso, ok? — assenti. — Eu sei que ele te provocou, disse coisas horríveis a meu respeito...

— Eu posso ter exagerado reconheço, mas ninguém diz coisas estúpidas pra minha princesa e sai ileso.

— Isso foi fofo! — sorriu sem me encarar.

— Fofo? Já disse que não sou fofo...

— Você é foda, acredite eu sei.

Já estava mais calmo, então comecei a considerar o fato de ter exagerado. Arrependido não, mas reconheci que não precisava ter socado tanto o cara. Covarde como era, bastava soprar na direção dele para ele cair.

— Eu só fico chateado de talvez ter estragado a noite da sua amiga. É o dia dela, mas na hora nem pensei.

— Não se preocupe com isso, Rafa. Ela parece ter escolhido um lado, não é? — minha princesa suspirou tristemente.

— Não fica assim, — levantei seu rosto para que me encarasse. — Mais cedo ou mais tarde, ela vai cair na real e reconhecer o quanto o namorado é um idiota.

— Tem razão. — Maju jogou o saquinho com gelo no chão e encarou a minha mão — Você vai ficar bem. Quer comer alguma coisa?

Que pergunta era aquela? É claro que eu queria. Ela!

— Claro que quero. Você — já a deitei na cama e subi em cima — Quero te comer nesta sua cama de princesa. Ela sorriu e me empurrou para eu deitar e foi sua vez de subir em cima de mim.

— Minha cama. Minhas regras.

Caralho. Mordi os lábios e apontei para mim mesmo.

— Pode fazer o que quiser. Sou todo seu. Seu e de mais ninguém.

Suas mãos suaves deslizaram sobre o meu peito, até a barra da minha camiseta. Ela a ergueu e eu a ajudei a tirá-la. Coloquei as mãos atrás da cabeça e a encarei esperando o que viria a seguir.

Maju abriu o botão da minha calça e desceu o zíper. Me encarou com aqueles olhos bicolores antes de se inclinar e distribuir beijos pelo meu peito e abdômen. Sorriu cheia de malícia quando começou a abaixar a minha calça. A ajudei a tirá-la e nos divertimos com a confusão que foi. Era pesado e estava dificultando de sacanagem. Depois de me livrar da calça, ela retirou minhas meias lentamente, em seguida se engatinhou sobre mim sentando-se sobre a minha ereção.

— Não vai tirar a cueca?

— Não estou com pressa — respondeu a sacana me beijando o queixo, o pescoço.

Segurei seu rosto entre as mãos e a forcei a olhar para mim.

— Eu já te disse que eu te amo hoje?

— Hoje, não.

— Pois, eu te amo. Devo dizer isso a você todos dias. Você precisa saber. Você merece ouvir o quanto é amada, desejada e querida por mim.

— Depois não quer que eu te diga que você é um fofo — sorriu disfarçando os olhos marejados.

— Garota você é a melhor coisa que já me aconteceu. Você sabe disso, não é? Você acredita em mim?

— Acredito. E você já me convenceu. Vou tirar a sua cueca — caí na risada.

— Foi mais fácil do que pensei. — brinquei, mas ambos sabíamos que o que eu dissera era a mais pura verdade.

Aquela menina tinha tomado conta da minha vida e dado um novo sentido a ela. Eu era um homem melhor ao seu lado e me orgulhava disso.

Seus dedos ágeis deslizaram para o cóis da minha cueca me trazendo de volta a realidade. Levantei o corpo para ajudá-la e minha ereção pulou dura para fora. Logo eu estava nu debaixo dela.

Voltei minhas mãos para atrás da minha cabeça a observando e ela sem desviar os olhos dos meus o agarrou. Seu aperto foi forte, mas na medida certa. Ergui a sobrancelha a desafiando a continuar.

Minha princesa começou a movimentar sua mão sobre meu membro bem devagar. A sensação de ter as mãos dela me masturbando era incrível e quando eu achei que não tinha como melhorar, ela se abaixou e deslizou a língua de leve na ponta. Fechou os olhos e concentrada na sua tarefa abocanhou apenas a cabeça a umedecendo com a língua. Ficou brincando assim por alguns instantes até me engolir.

Put. Que. Pariu.

Automaticamente minha mão foi parar na sua cabeça. Auxiliei seus movimentos me controlando para não forçá-la a engolir tudo. Suas mãos acariciaram minhas bolas e porra eu estava chegando perto. Ela voltou a usar as mãos e intensificou seus movimentos enquanto continuava me chupando.

— Maju... É melhor parar... — comecei a falar, mas fui interrompido por um grunhido que escapou dos meus lábios. Isso a incentivou, pois ela novamente me abocanhou. — Eu vou gozar na sua boca princesa...

Eu tentei afastá-la, mas ela agarrou meu quadril e não teve jeito, o gozo veio violento e despejei tudo na boca dela.

Ela desacelerou os movimentos até que parou e se levantou. Encarou-me com os olhos arregalados. Vi quando sua garganta fez o movimento. A imagem mais sexy do mundo.

Ela engoliu.

Puxei-a para cima de mim e beijei sua boca. Meu gosto se misturou ao sabor dos seus doces lábios. Deslizei a língua sobre a dela provando mais daquela mistura de gostos. Quando nos separamos inverti as posições e por cima dela a encarei: — Minha vez.

Levantei o vestido dela e o tirei tão rapidamente que até me admirei. Beijei rapidamente sua boca e fui descendo plantando beijos pelo seu pescoço e ombros. Abocanhei um seio, enquanto acariciava o outro. Deslizei a minha língua, do seio até a sua barriga. Contornei seu umbigo e continuei descendo. Mordi seu ventre de leve antes de enfiar os dedos nas laterais da sua calcinha.

Deslizei-a lentamente por suas pernas até que ela também estivesse

completamente nua. Ergui o corpo para admirar a bela mulher tão entregue e tão desejosa a minha frente. Ajoelhado entre suas pernas toquei seu clitóris com movimentos circulares. Ela fechou os olhos e mordeu os lábios absorvendo minha carícia. Vê-la se desmanchar na minha frente sem pudor quase me fez gozar novamente, só de olhar o prazer a invadir.

Ela era realmente perfeita. Seu rosto de menina e seu corpo de mulher era o contraste perfeito. Eu poderia nascer de novo que a encontraria. Estávamos destinados.

Balancei a cabeça espantando esse pensamento intenso. Quem diria que eu, Rafael Bastos estaria tão louco por uma garota a ponto de cogitar querer estar junto dela em outra vida?

Deixei os pensamentos de lado e me concentrei em lhe dar prazer assim como ela havia feito por mim. Desci o dedo e toquei a fenda aberta e úmida.

Tão molhada para mim.

Abaixei-me e suguei seu ponto inchado enquanto enfiava dois dedos dentro dela. Minha princesa agarrou os lençóis e arqueou os quadris na minha direção. Seus gemidos roucos me incentivavam mais e mais. Acelerei os movimentos dos meus dedos e me ergui um pouco para vê-la tão linda se contorcendo de desejo.

Minha. Só minha. Eu deveria ter abraçado o idiota do ex e ter agradecido, ao invés de esmurrá-lo.

Quando senti que sua libertação estava próxima. Usei minha língua para levá-la ao êxtase. Eu também queria sentir o seu gosto em meus lábios. Minha princesa agarrou meus cabelos com força e só afrouxou o gesto quando seu corpo se acalmou.

Ainda dei alguns beijos sobre os lábios encharcados antes de subir e beijar sua boca. Meu coração parecia que iria sair pela boca tamanha a emoção do momento. Eu me sentia o homem mais foda do mundo por ser eu a proporcionar prazer a ela.

— Eu te amo — se declarou me abraçando com força.

Absorvi suas palavras e elas era o remédio da minha alma.

Só que Rafa era Rafa e sem avisar a virei de bruços.

— A gente só está começando.

Ergui seu traseiro e alisei suas costas. Corri meu dedo indicador sobre toda a extensão da sua coluna e a abracei pela cintura puxando-a para se levantar. De costas para mim, cheirei seus cabelos e mordi seu ombro com força. Com certeza ficaria uma marca, mas ela não se queixou. Arqueou o corpo e levantou um dos braços para segurar minha nuca. Eu queria fazer tanta coisa com ela que não sabia por onde começar. Queria me colocar para dentro sem barreira, mas eu havia acabado de gozar, não podia arriscar.

— Que dia é a consulta, Majuzinha?

— Na próxima semana.

— Vou morrer até lá. — bufei e com muito custo a deitei novamente de bruços. Fui até a minha calça e peguei minha carteira retirando um preservativo de dentro dela. Rasguei a embalagem e o deslizei em meu comprimento. Voltei para a cama me aproximei do seu ouvido — Lembra quando eu te disse que eu era uma espécie de professor pra você?

— Sim.

— Ótimo. Vamos explorar algumas posições. Quero te comer de quatro, de lado de frente, de costas de cabeça para baixo...

Ela gargalhou e foi a reposta que eu esperava. Virei-a de frente.

— Estou me sentindo uma marionete — brincou.

— Você vai ser a marionete mais bem comida dessa cidade.

Peguei suas pernas e as coloquei sobre os meus ombros a penetrando lentamente. Apoiei as mãos na cama ao lado do seu corpo e ela segurou em meus braços. Aos poucos fui intensificando as estocadas. Tirei suas pernas dos meus ombros e cobri o corpo dela com o meu. Ela me agarrou pelas pernas e nos encaramos em silêncio. Não era preciso dizer nada. Todas as emoções, todos os nossos sentimentos dançavam no nosso olhar. Minha princesa quebrou a magia do momento investindo contra mim com um sorriso sacana nos lábios.

— Safada — empurrei de volta contra ela.

Em um único movimento cai de lado a puxando para mim. Majuzinha apoiou as mãos em meu peito e eu me encaixei novamente dentro dela. Minhas mãos foram diretamente para a cintura que eu tanto amava. Ela começou a se mover sensualmente mordendo os lábios. Sexy pra caralho.

Apertei sua cintura e investi forte de modo que fiquei todo dentro dela. Mais algumas investidas e segurei sua cintura para que ficasse quietinha ou eu gozaria.

Puxei seu corpo para mim e nos virei para ficamos de lado, um de frente para o outro.

— Você vai me enlouquecer parando toda vez que eu estou quase — fez beicinho chorosa.

— *Tá* muito apressada. Relaxa e curte.

Beijei a ponta do seu nariz e segurei a perna dela passando-a sobre meu corpo. Ela arqueou o corpo e o apoiou no cotovelo para me beijar. Nos beijamos nos movendo lentamente.

— Não. Para. Agora — soprou as palavras. Sorri e parei — Rafa!

— A última, prometo. Vai valer a pena.

— Estou contando com isso! — e a animação estava de volta.

Saí de dentro dela e a coloquei de quatro. Agarrei seus cabelos e investi dentro dela com força. Ela gemeu e começou a se movimentar junto comigo. Agarrei um lado do quadril com uma mão e com a outra toquei sua entrada.

Eu sentia o prazer esparramar sobre ela através dos seus gemidos. Fiquei doido.

— Vou fazer algo, se não gostar é só me dizer ok?

— U-Hum — respondeu ofegante.

Acaricieei o bumbum dela e passei o dedo de leve. Senti seu corpo ficar tenso. Eu queria demais me enterrar ali, tomá-la de todas as formas possíveis, mas eu iria com calma. Começaria aos poucos até ela se sentir segura.

Parei de me mover e deitei-me sobre as suas costas.

— Você confia em mim? — perguntei. Já sabia a resposta, mas precisava ouvi-la.

— Sim.

— Então relaxa.

Ela balançou a cabeça e senti seu corpo relaxar. Ainda sem me mover, apenas inteiro dentro dela, coloquei meu dedo novamente ali e fiz pressão. Maju começou a mover o corpo timidamente, mas entendi que estava

gostando aumentei um pouco a pressão, só com a ponta do meu dedo. Ela começou a gemer novamente e a intensificar seus movimentos, demonstrando claramente que estava curtindo. Fui ao encontro dela de leve afundando meu dedo devagarinho. Não passei disso. Apenas continuei penetrando-a suavemente na frente e atrás até que ela gozou. Toda linda ela gemendo meu nome enquanto o orgasmo a tomava.

Quando ela relaxou apertei com força a sua cintura e dei mais algumas estocadas até que alcancei a minha libertação também. Deixei meu corpo cair sobre o dela extasiado. Tinha sido perfeito. Eu amava mais e mais a cada vez que fazíamos. Deitei-me e a puxei para mim. Minha princesa se aconchegou no meu peito e me beijou ali.

— Eu amei, príncipe — disse depois de um tempo. — Você é incrível.

Não mais do que eu. Pensei feliz, enquanto beijava seus cabelos. Sim eu era incrível, mas só porque eu era o único que a teria daquela e de todas as outras formas. Porque ela havia me escolhido.

Porra ela havia me escolhido.

Capítulo 63 – Me Desculpe.



Maju.

Despertei do meu sono pós noite inteira de amor, com o barulho de uma porta se abrindo.

— Bom dia, minha fil... Oh meu Deus! — e a porta se fechou bruscamente. Parecia ser a minha mãe.

Ainda sonolenta ergui o corpo e olhei para a porta, só então vi o bumbum maravilhoso do Rafa exposto. Ele estava totalmente descoberto. A minha ficha caiu. Minha mãe entrou no quarto e deu de cara com o Rafa pelado ao meu lado. Eu também não vestia roupa alguma, mas estava coberta pelo edredom.

Ai que merda!

Rafa se mexeu na cama e abriu os olhos lentamente. — Bom dia! — ele me cumprimentou com o seu costumeiro sorriso de derreter Maju e com sua voz rouca e baixa.

— Bom dia, príncipe — forcei um sorriso.

— Está tudo bem? — ele se sentou e me encarou com o cenho franzido.

— Tirando o fato de que a minha mãe entrou aqui e deu de cara com a sua bunda linda? Sim, está tudo bem.

— O que? — perguntou assustado e foi inevitável não sorrir do seu constrangimento. Ele ficou vermelho, o que era muito raro — Você está dizendo que a sua mãe me viu pelado?

— Hum-rum.

— Puta merda.

— Relaxa. Eu vou lá falar com ela. — sorri e o beijei de leve nos lábios.

Rafa demorou a retribuir atordoado pelo que tinha acontecido. Mas cedeu e me beijou de volta puxando-me para os seus braços.

Deixei-o na cama e vesti meu pijama. Ele também se levantou e vestiu suas roupas.

— Vou com você.

— Prefiro ir sozinha — eu disse. Não que eu estivesse preocupada de como a minha mãe poderia tratá-lo. Eu temia que ela me deixasse constrangida na frente dele.

— Tem certeza? Não quero que sua mãe pense coisas...

— Ela não vai pensar nada além do que o óbvio, Rafa. Já venho.

Dei um selinho em seus lábios e saí do quarto. Encontrei minha mãe na cozinha colocando o café na mesa. Meu coração disparou em expectativa quando ela me viu entrar.

— Bom dia, mãe — fui até ela e a abracei.

— Bom dia, filha.

Sorri sem graça e me sentei à mesa. Minha mãe me serviu uma xícara de café e sentou-se de frente para mim. Peguei um pãozinho caseiro e me ocupei em passar o requeijão sobre ele, esperando ela tocar no assunto.

— O seu namorado não vai vir tomar café?

Namorado?

— Sim, ele já vem.

— Ok. — foi só o que ela disse.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Bufei e por fim falei: — Mãe, me desculpe por mais cedo, eu... devia ter trancado a porta, devia ter

avisado que ele viria comigo...

— Ou colocado ele para dormir no quarto de hóspedes, não é Maju? — engoli em seco sem uma resposta para dar. Isso sequer passou pela minha cabeça. Minha mãe suspirou e me encarou — Tudo bem, filha. Só fui pega de surpresa. Eu deveria ter batido antes e além do mais, o quarto que ele dormisse não faria muita diferença, não é? Não sou ingênua de achar que ele dormindo em outra cama, vocês não iriam transar antes como tem feito todo esse tempo.

— Desculpe, mãe.

— Está tudo bem — minha mãe disse segurando uma de minhas mãos — Eu também já tive a sua idade, sei como é estar loucamente apaixonada. Você não é mais uma garotinha, é uma linda mulher. Está se descobrindo e o mais importante, não está fazendo nada nas nossas costas. Fico feliz pela sua confiança em nós. Mas você precisa se cuidar, sempre.

— Em quem mais eu poderia confiar dona Pauline? — dei a volta na mesa e dei um abraço de urso nela — Você é a melhor mãe do mundo! E sim, eu me cuido... de verdade.

Dei um beijo no topo da sua cabeça e voltei ao meu lugar.

— Vamos ter que concordar, é uma bela bunda, não é?

— Mãe! — exclamei morta de vergonha.

— Ué, estou mentindo?

Caímos na risada.

— Não mesmo — concordei — A senhora tem toda razão.

— E por que ele ainda não desceu?

— Eu não deixei. Queria falar com a senhora antes. Ele queria vir, mas pedi que esperasse.

— Entendi. E como foi a festa? A Evelyn estava feliz? — suspirei contrariada — O que foi? O que aconteceu?

— O Brady. Foi isso que aconteceu mãe. Aquele idiota ficou o tempo todo provocando o Rafa.

— Como assim provocando o Rafa?

— O maluco resolveu cismar comigo. Ficou me cercando pelos cantos,

até aí tudo bem. Mas ele me disse coisas...

— Coisas? Que coisas?

— Disse que se tivesse tido mais um pouquinho de paciência, poderia ser ele comigo ao invés do Rafa — claro que eu omiti a parte do porquê de ele ter dito aquilo.

— Que garoto idiota!

— É, e depois que ele fez isso, o Rafa o agrediu.

— Meu Deus! Eles se atracaram na festa? E a Evelyn no meio disso tudo?

— Ficou lá consolando o Brady no chão. Não esperei para saber. Viemos embora.

— Filha eu sinto muito pela confusão, mas nada justifica o Rafa partir para a agressão. Isso não está certo — Eu sei mãe, e ele também sabe, está arrependido. Mas o Brady provocou, ficou me tocando. O Rafa é um cara muito pacífico. Não é da natureza dele ser agressivo. Não quero que a senhora se preocupe com isso e faça mal juízo dele. O Brady estava pedindo, aquele idiota.

— Está tudo bem, afinal, já foi, não é? Agora vá chamá-lo — fui até o meu quarto e o encontrei sentado na cama.

— Eu já ia descer.

— Desculpe — falei me posicionando entre suas pernas — Acabamos falando sobre a festa.

— Então você contou para a sua mãe que eu agredi o banana do seu ex?

— Tive que contar, mas fica tranquilo, mesmo ela não concordando, entendeu que o Brady te provocou.

— Ela vai pensar que eu sou um troglodita de pavio curto.

— Não vai porque você não é. Agora vem, vamos descer para tomar café.

— Quero um beijo primeiro.

Sorri e o beijei com carinho.

— Hum bom — disse quando nos afastamos — Minha vez de te dar um beijo.

NACIONAIS-ACHERON

Ele me jogou na cama e me beijou no melhor estilo Rafa. Língua e mãos. Enquanto sua língua deslizava de forma erótica sobre a minha, suas mãos exploraram meus seios, minha cintura. Ele segurou uma de minhas pernas erguendo-a e friccionou sua ereção em mim. Enfiei os dedos em seus cabelos aprofundando ainda mais o beijo que se tornava cada vez mais frenético.

Quando o Rafa me soltou eu estava molinha, molinha, e molhada, só para constar. Descemos e entramos na cozinha de mãos dadas.

— Bom dia, dona Pauline — meu vizinho delicioso sorriu cordialmente para a minha mãe. O safado ainda pegou a mão dela e a beijou, galanteador. Lerdo toda vida.

— Bom dia meu filho. Sente e tome seu café.

— Obrigado. — ele sorriu e sentou-se ao meu lado. Servi o café na xícara e o entreguei.

— É o café de Minas?

— Sim — minha mãe respondeu *toda* sorrisos e tive que segurar o riso.

Tomamos o café da manhã conversando alegremente sobre coisas cotidianas. Minha mãe só faltou perguntar a cor da cueca do Rafa, porque de resto, ela perguntou tudo. Sobre a faculdade, sobre a família, sobre projetos futuros e ele respondeu a todas as perguntas, inclusive contou a ela seu projeto de tornar-se sócio do irmão. Eu pensei que ela iria parar por aí, mas não seria a dona Pauline se ela não tocasse no assunto da briga com o Brady.

— ... Eu não queria ter partido pra a agressão — ele tentou se explicar — Mas foi mais forte que eu. O cara estava assediando a Maju. Sei que eu não devia, mas não pude evitar.

— Sim eu entendo, mas partir para pancadaria só piora a situação. Ele pode tentar te processar.

— Ele ameaçou — Rafa entregou.

— Viu? Agora você pode receber um processo mesmo que seus motivos tenham sido nobres.

— Eu não acredito que aquele idiota venha a cumprir a ameaça, mãe.

— Vamos esperar para ver.

A campainha tocou e minha mãe pediu licença e foi até a porta ver quem era.

— Não precisava ter contado essa última parte. Deixou ela preocupada.

— Comigo não tem meias verdades princesa, você já deveria saber.

— Eu sei, mas...

— Filha? — minha mãe me chamou interrompendo o que eu falava.

Olhei na sua direção e dei de cara com a Evelyn. Nos encaramos um tempo até que me levantei e fui até ela. Minha amiga tinha o semblante triste e os olhos inchados como se tivesse passado a noite chorando. Evelyn deu um passo à frente e me abraçou. A abracei de volta e suspirei aliviada.

— Vem, Rafa. Vamos deixar as garotas conversarem — ouvi minha mãe dizer.

Os dois saíram e nós ainda continuamos abraçadas.

— Me desculpe — ela foi a primeira a falar. — Ele é um idiota.

— Eu é que te peço desculpas, não quis estragar o seu dia Evelyn.

Nos afastamos e ela segurou meu rosto limpando as minhas lágrimas.

— Você não teve culpa de nada, Maju. A culpa foi minha de ter trazido aquele idiota de volta para as nossas vidas. Eu fiquei um pouco confusa na hora, sem saber o que fazer, mas assim que você foi embora a minha ficha caiu. Para o Rafa ter batido nele só havia uma explicação. Ele estava faltando com respeito a você e me desrespeitando também. Nem quis ouvir as desculpas dele. Praticamente o expulsei de lá.

— Ainda assim, me sinto culpada.

— As coisas só chegaram a esse ponto porque eu quis me iludir, amiga. Você disse que ele não prestava, mas eu, cega pela minha paixonite não quis enxergar. Depois que eu o mandei embora, lá na festa mesmo eu soube que ele havia saído algumas vezes com a Livia, lembra dela? Aquela cachorra estava na festa!

— Poxa que chato — não ia esfregar na cara dela dizendo que eu a tinha avisado, então só a abracei novamente.

— Sim, foi chato. Nem teve muito clima depois, mas me acabei na pista de dança, afinal era a minha festa e eu não podia deixá-lo estragá-la

assim.

Concordei.

— Eu preciso que você me diga o que ele fez. Preciso exorcizar aquele cretino de vez da minha vida.

— Não é melhor apenas esquecer? — perguntei puxando-a para a sala.

— Sou masoquista. Preciso saber.

Ela insistiu tanto que não vi outra alternativa a não ser contar. contei que ele havia visto eu e o Rafa saindo dos fundos da casa e o que ele disse depois.

— *Aff!* Que nojo desse idiota. E vocês dois hein, amiga. Que fogo é esse de vocês? — caímos na risada.

— Eu não sei o que acontece, Evelyn — disse suspirando — Eu só sei que estou louca por ele.

— E ele por você, não é?

— Eu acho que sim.

— Amiga, o cara está em algum canto dessa casa batendo papo com a sua mãe. Te defendeu ontem como um bom namorado deve fazer.

— Você ainda vai encontrar um cara bacana, Evelyn. É só parar de procurar nos lugares errados.

— Tem razão. Acho que vou começar a procurar lá no Rio, de preferência na porta de frente para a sua. Seu cunhadinho ainda está solteiro?

— Solteiríssimo, e mais tem um primo novo morando com eles. É tão gato quanto.

— Meu Deus, eu preciso mesmo te fazer uma visita!

Depois de um tempo minha amiga foi embora e fui a procura da minha mãe e do meu... Namorado?

Os encontrei no escritório do papai cercados por álbuns de fotografias. Rafa gargalhava com uma foto nas mãos e minha cara já queimou de vergonha. Com certeza era foto minha de quando eu era criança. Eu era toda *rechonchudinha* e desengonçada.

Minha mãe tinha muitas fotos minhas. Ela adorava me fotografar. A maioria das minhas fotos de infância são de quando fui morar com eles. Eu

tinha apenas duas de antes de eu me tornar a Maria Júlia Alcântara de Lacerda. Uma em que eu era apenas um bebê e outra na faixa dos dois anos.

— Não acredito que você está mostrando essas fotos a ele, mãe — reclamei sem graça e me sentei ao lado do Rafa.

— O que é que tem?

— É, o que é quem tem, Majuzinha? — minha mãe deu um sorriso de canto de boca ao ouvi-lo me chamar pelo apelido carinhoso.

— Tem isso — falei tomando a foto das mão dele.

Na foto eu estava usando uma roupa de balé. Me faltavam os dois dentes da frente e eu sorria satisfeita e radiante por estar tendo aulas de balé.

— Você era uma bailarina muito fofinha — disse sorrindo o sacana.

— *Bota* fofinha nisso, não é? — ele riu mais ainda e quando dei por mim, estávamos os três rindo da minha desgraça.

— Me deem licença, crianças. Vou cuidar do almoço. Fica à vontade, Rafa. — mais?

— Você ouviu — ele disse me puxando para cima dele no sofá. — Sua mãe quer que eu fique à vontade.

— E você ainda não está à vontade o suficiente? — perguntei brincando.

— Posso ficar ainda mais se você me servir uma dose daquele uísque do seu pai — apontou com a cabeça para o pequeno bar ao lado da escrivaninha de papai.

Beijei sua bochecha e fui até o bar. Coloquei uma generosa quantidade do líquido no copo e peguei o pequeno balde de gelo que ficava dentro do frigobar.

— Quantas? — perguntei me referindo as pedras de gelo.

— Duas.

Coloquei as pedras de gelo no copo e fui até ele. Em pé na sua frente entreguei-lhe o copo. Rafa deu um gole generoso em sua bebida sem desviar os olhos de mim, segurou minha cintura com uma das mãos e me puxou para mais perto. Sentei-me em seu colo de frente para ele com uma perna de cada lado do seu corpo.

— Como você consegue beber isso? — meu sem noção preferido revirou os olhos.

— Isso... É um Rémy Martins, Princesa. — lembrei-me que ele já havia me dito aquilo antes — Quer que eu te mostre uma boa forma de beber *isso*?

Eu fiz que sim com a cabeça. Ele me deitou no sofá e levantou a minha blusa.

— Fica quietinha — disse e derramou uma pequena quantidade de bebida no meu umbigo lambendo em seguida e me acendendo dos pés à cabeça.

Rafa deslizou seus lábios sobre a minha pele até absorver todo o líquido. Em seguida, pegou o gelo de dentro do copo, o colocou nos lábios e começou a deslizá-lo sobre a minha barriga.

— Gelado! — dei um gritinho me contorcendo.

Ele o passou no meu pescoço e foi descendo até o vale entre os meus seios sem tirar os olhos dos meus.

— Viu? Bem melhor, não é?

— Só vi vantagem para você — queixei-me de mentirinha. Meu vizinho lindo sorriu e colocou o gelo novamente no copo.

Ele tomou mais um gole da bebida de cor âmbar e com o líquido na boca me beijou, derramou uma quantidade quase inexistente na minha boca que adormeceu instantaneamente. Senti meus olhos se enxerem de água quando engoli a bebida, mas embora ainda achasse o gosto ruim, tinha que admitir que beber daquele jeito era muito melhor.

Rafa repetiu o processo mais duas vezes e posso dizer que eu ficaria bêbada rapidinho com mais um gole, mas ele terminou sozinho de beber o restante do uísque.

Ficamos por um bom tempo no escritório do papai trocando carícias, conversando e revendo minhas fotos, até mamãe nos chamar para almoçar.

Capítulo 64 – Em Uma Sinuca De Bico.



Rafa

— Rafael? — ouvi a voz da secretária do consultório médico e me aproximei.

— Eu.

— Por favor, preencha seus dados e assine.

— Ok. — peguei a prancheta da mão dela e comecei a preencher.

Quando terminei me levantei e devolvi a ela. Meu celular apitou avisando que tinha mensagem e sorri quando vi que era da minha princesa.

Maju: E aí?

Rafa: E aí? É oi meu príncipe, como vc está?

Maju: Desculpe. Oi meu príncipe, como vc está?

Rafa: Melhor agora que estou falando contigo.

Mandei um punhado de flores e ela devolveu com vários coraçõezinhos.

Maju: Já foi atendido?

Rafa: Ainda não, tem dois caras na minha frente.

Maju: Meu pai já deu as caras?

Rafa: Não.

Maju: Ele vai dar, pode apostar.

Rafa: Relaxa, sou eu que está na linha de fogo.

Maju: Vc não parece mto preocupado.

Rafa: E não estou.

Bom, talvez eu estivesse um pouquinho, mas se o coroa já tinha me autorizado a namorar a filha dele, então para mim estava tudo certo.

Ficamos trocando mensagens até eu ser chamado para o atendimento.

Rafa: Me chamaram, princesa. Daqui a pouco falo contigo de novo.

Maju: Ok, te amo.

Rafa: Te amo mais.

Coloquei o celular no bolso e acompanhei a secretária até a sala do médico.

A consulta foi muito tranquila, o Dr. Emerson, era um senhor muito simpático. Fez aquelas perguntas básicas sobre históricos de doenças na família, sobre alguma doença que eu já pudesse ter tido. Tirou a minha pressão, me pesou e depois, e claro, examinou a minha *mercadoria*.

Depois de todo o procedimento padrão, me empurrou uma dúzia de exames dos quais eu poderia fazer ali mesmo na parte laboratorial da clínica. Como eu estava marcado para o primeiro horário, fui em jejum para poder fazer logo os exames de sangue.

Quando saí do laboratório, já estava com o celular na mão para avisar a Majuzinha quando vi seu Euclides vindo na minha direção.

— Rafael. — ele me cumprimentou com um aperto de mão.

— Seu Euclides — sorri retribuindo.

— Já está liberado?

— Sim, senhor.

— Será que você poderia ir comigo até o meu consultório?

— Claro — guardei meu celular e o acompanhei até o consultório de neurocirurgia. Só então me dei conta da especialidade do meu sogro.

Confesso que eu estava nervoso. Bom, eu poderia descartar ser alguma coisa sobre os exames, pois eu tinha acabado de fazer. Ele já tinha nos dado a sua permissão, então... o que poderia ser?

— Sente-se — pediu me distraído dos meus pensamentos.

Sentei-me de frente para ele que respirou fundo antes de começar a falar me deixando ainda mais ansioso.

— Então, conseguiu fazer os exames hoje?

— Sim. Já fiz os de sangue.

— Ótimo. Quero lhe informar que quando os resultados ficarem prontos, eu irei pegá-los e abri-los. — como?

— E isso não seria antiético visto que o senhor não é o meu médico? — quando dei por mim, já tinha perguntado. Seu Euclides levantou uma sobrancelha e encostou na cadeira cruzando os braços.

— Seria, se você não estivesse transando com a minha filha — engoli seco.

Pai protetor. Gosto disso.

— Eu estou tranquilo quanto ao resultado dos exames. Eu me cuido, o senhor pode ficar tranquilo também, mas se isso o faz sentir-se melhor, só me ligue depois para me dar o resultado. Assim nem preciso voltar.

Ele arregalou os olhos surpreso. Alguma coisa me dizia que o coroa estava me testando.

Pode me testar e me encurralar a vontade, sogrão. Sua filha é minha.

— Eu não o conheço bem Rafael, mas pelo pouco que pude ver de você, acho que realmente gosta da minha filha. Estou correto?

— Eu amo a sua filha, seu Euclides. Já lhe disse isso.

— Ok. Eu acredito e é por isso que vou lhe contar algo muito importante.

Não estou gostando.

— O senhor não me chamou aqui para falar sobre os exames?

— Falaremos mais sobre eles quando ficarem prontos. Te chamei aqui por outro motivo. Quero falar sobre a mãe biológica da Maju.

Putá merda.

Minha cabeça começou a imaginar várias coisas quando ele disse isso, e todas as coisas que imaginei não eram nada boas.

— Bom, quando a mãe da Maju nos procurou, hesitamos em aceitar falar com ela. Não queríamos fazer isso sem o consentimento da nossa filha, mas ela insistiu e nos rendemos. Enfim, ela nos procurou porque está morrendo. Tem alguns meses de vida e veio até nós porque gostaria de pedir perdão a nossa filha antes e seu último desejo é que os filhos possam conhecer a irmã.

Absorvi a informação e suspirei sem saber o que dizer.

Caramba, não era justo com a minha princesa. Ela já havia sofrido tanto quando fora abandonada, não tinha aceitado a reaproximação da mãe e dos irmãos e agora isso?

— Por que está me contando isso?

— Porque quando eu precisar contar a ela, você precisará estar ao seu lado se realmente a ama como diz.

— Eu estarei, como já estou seu Euclides, mas se permite dar minha opinião, vocês já deveriam ter contado isso a ela há muito tempo.

— Você viu como ela reagiu, Rafa! Ela sumiu por três dias... Com você. Só porque a mãe reapareceu. Tenho pavor só em pensar como ela reagirá a isso.

— Mas se a mãe morrer antes, mesmo não a aceitando, a Maju não vai perdoá-los por ter escondido essa informação dela.

— Eu sei.

— Então vocês irão contar?

— Sim, mas não agora e você também não vai dizer nada a ela sobre isso, por enquanto. Te chamei aqui para pedir que fique ao lado dela, quando a hora chegar.

— A hora que vocês contarem, ou a hora que a mãe morrer, seu Euclides? — perguntei visivelmente chateado.

Ele estava me pedindo para esconder coisas dela, que porra! Por que me contou então?

— Nós vamos contar! — ele respondeu se levantando — Posso contar com você quando isso acontecer?

— Pode — levantei-me também — Mas só se isso acontecer rápido.

Não vou esconder isso dela. Se vocês não contarem, conto eu.

Ele me encarou surpreso, mas assentiu.

— Eu admiro você, rapaz. Diz o que pensa, não faz rodeios. Tem opinião formada. Gosto disso. Por isso sei que posso contar com você.

Concordei com a cabeça.

Saí do escritório do meu sogro desnorteado. Ele havia me pedido para esconder um fato tão importante sobre a vida da minha princesa e eu estava me sentindo péssimo por ter concordado.

Logo eu que sempre prezei pela sinceridade doa a quem doer? Claro que não era da minha conta, quer dizer, era, pois ela era da minha conta, mas eu não podia simplesmente passar por cima do pai dela, sem dar a chance de ele conversar com ela primeiro.

Que merda. Como eu iria olhar para ela sabendo de tudo aquilo?

Não fui direto para a casa como havíamos combinado. Quando saí do consultório, ao invés de responder suas quatro mensagens, parei em um *fast food* e liguei para Angel para pedir conselhos.

— Oi, Rafa! — disse animada quando atendeu — Espera só um pouquinho — pediu. Ouvi um barulho de algo, parecia um aspirador.

— O que você está fazendo, novata? — perguntei quando ela retornou.

— Dando um jeitinho no apartamento.

— Virou dona de casa mesmo, é? — sacaneei.

— Sim e estou amando só para você saber. Amo cuidar da minha casa e do meu marido.

— ... E transar loucamente.

— Rafa!

— Vai negar? — ouvi sua gargalhada do outro lado.

— Não, mas não foi para falar sobre a minha vida sexual que você ligou, foi?

— Ué, se você quiser contar a gente ouve.

— Rafa!

— Tá bom. Não foi para isso que eu liguei. Estou numa sinuca de bico,

princesa.

— O que você fez dessa vez?

— Porra Angel, por que eu sempre tenho que ter feito algo?

— Porque Rafa é Rafa — bufei — Estou brincando! Como eu posso te ajudar?

— Tive uma conversa com o pai da Maju hoje e ele jogou uma bomba no meu colo.

— Rafa a Maju está grávida?

— O que? Não! Não é nada disso — acabei rindo.

— Ufa.

— Mas é bem ruim... — contei a minha amiga toda a conversa que tive com o pai da minha princesa.

— Ai Rafa... Que merda.

— O que eu faço, Angel? Não quero esconder isso dela.

— Eu te entendo perfeitamente, mas você não pode passar por cima do pai dela e contar. Respeite o tempo que ele pediu.

— Eu sei, mas... Como eu vou olhar pra ela?

— Com a mesma carinha apaixonada que você olha todo dia. Rafa você não está fazendo nada de errado. Não é você que tem que contar nada. É um problema de família, deixa eles se resolverem. A única coisa que você pode fazer é ficar ao lado dela quando a bomba estourar. Dar apoio e muito amor.

— Isso eu posso fazer — respondi um pouco mais aliviado.

— Eu sei que pode. Eu já te falei que você é incrível, hoje?

— Não — sorri todo bobo. Se tinha uma pessoa capaz de me colocar para cima. Essa pessoa se chamava Angelina Bastos.

— Então estou dizendo. Você é incrível e sei que você vai dar todo o apoio que a sua princesa de olhos bicolores precisar.

— Obrigado, Angel.

— Não me agradeça. Sou eu quem tem que agradecer por ter um amigo tão lindo e tão sincero como você.

— Só faltou falar tão gay. Sou macho porra! — brinquei.

— Deixa de ser bobo.

— Ah, fiz os exames hoje. Agora é contagem regressiva para inaugurar o play.

— Preciso dizer, *necessitooooo!* Rafa você é *podreeeeee!*

Gargalhei.

Conversamos mais um tempo e quando desliguei me senti mais confortável. Respondi as mensagens da Maju e segui para casa.

Quando cheguei ao nosso prédio, já passava das onze da manhã. Corri em casa e tomei um banho rápido, vesti uma roupa qualquer, peguei meu celular e a chave do apartamento dela e corri para lá.

A encontrei na cozinha mexendo em algo no forno.

— Está cozinhando *pro* o seu macho, é? — perguntei abraçando-a por trás.

— Não conte com isso — ela respondeu virando-se para mim. — Só estou esquentando a lasanha.

— Mas é pra mim, não é?

— Sim.

— Então está valendo — ela concordou sorrindo lindamente.

Puxei-a e a sentei sobre a mesa. Segurei a base do seu pescoço e a beijei com uma vontade e uma saudade louca. Invadi sua boca buscando sua língua deliciosa que encontrou a minha esperta e sorrateira. Minha princesa beijava maravilhosamente bem, aliás tudo o que ela fazia era pura perfeição. Até o jeito que ela piscava os olhos.

Beijei-a até me faltar o ar. Separei nossos lábios e abracei fortemente.

— Está tudo bem? — perguntou presa em meu abraço.

— Sim. É que tudo fica melhor quando estou ao seu lado, princesa.

— Aconteceu alguma coisa? — ela insistiu intrigada.

— Aconteceu. Aconteceu que eu te amo mais a cada dia que passa.

— Uau! Isso foi...

— Foda — ela assentiu sorrindo.

— Muito foda.

Segurei seu rosto entre as mãos e a encarei. Chegaria o dia em que eu a olharia sem ficar obcecado?

— Como foi com o papai? Ele te aterrorizou muito?

Só por me fazer esconder coisas de você.

— Ele me disse que quando os resultados dos exames ficassem prontos ele os abriria primeiro.

— Ele não pode fazer isso! Onde já se viu? Vou falar com ele.

— Não vai falar nada. Está tudo bem, estou tranquilo. Ele não me mete medo, Maju. A única coisa que me interessa é que esse exame fique pronto logo para gente se amar sem barreiras.

— Uau, de novo.

— Eu quero muito isso — falei com sinceridade.

— Eu também, já comecei a tomar pílula.

— Ótimo! E seus exames? Quando ficam prontos?

Minha princesa também havia se consultado com a mãe dela. Feito alguns exames, inclusive o preventivo.

— Acho que em duas semanas.

O temporizador do forno apitou e ela foi até ele retirar a lasanha. Peguei os copos, os pratos e talheres que ela me pediu. Almoçamos, lavamos a louça e depois passamos a tarde toda no quarto dela assistindo séries, grudadinhos.

Infelizmente aquela sensação de estar escondendo algo dela, me deixava desconfortável, mas acho que consegui disfarçar bem, pois ela não me pareceu mais intrigada. Eu só esperava que os pais dela revelassem logo o motivo de sua mãe biológica ter voltado, ou eu iria enlouquecer guardando aquilo para mim.

Abraçado a ela, já adormecida em meus braços me decidi. Eu iria dar um curto prazo a eles para que falassem com ela, passado esse prazo, eu mesmo iria contar e foda-se o resto.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 65 – Oficialmente.



Um mês depois.

Maju

Senti uma mão me agarrando pela cintura e tentando me puxar ainda para mais perto como se isso fosse possível.

Dormimos tão agarrados que parecíamos um só. Rafa passou a perna por cima da minha e sussurrou no meu ouvido: — Bom dia minha, princesa.

— Bom dia, príncipe.

Virei-me de frente para ele e o puxei para um beijo. Ele agarrou a minha nuca e intensificou nosso contato. Seus lábios tomaram os meus de forma possessiva.

Era incrível como eu ainda ficava toda mole com seu toque. Já estávamos completando dois meses juntos e ainda era como se fosse a primeira vez que ele me beijava, ou que ele me amava. As sensações indescritíveis eram as mesmas. Intensas.

— Sabe que dia é hoje? — perguntou cheio de malícia.

— Que dia é hoje? — devolvi a pergunta, mas imaginava que ele estava se referindo ao fato de estarmos completando os dois meses.

— Dia de inaugurar o play — revirei os olhos. Sem noção toda vida —

É sério Majuzinha é hoje que a gente vai se unir de vez, para sempre.

Para. Sempre.

Apenas duas simples palavras, mas que fizeram meu coração dar mil cambalhotas.

— Para sempre, é?

— Você ainda não sacou né, garota? Não te largo mais e hoje à noite a gente vai fazer um pacto.

— Um pacto? — sorri.

— Sim um pacto. Depois que eu te fizer minha, sem barreiras é claro. Um pacto daqueles com sangue. — meu lindo vizinho gargalhou com a cara que eu fiz.

Sorri com malícia.

— Só que hoje não vai rolar. — ele arregalou os olhos. — Estou naqueles dias esqueceu? — eu disse brincando.

— Claro que não. — puxou-me para perto e sem cerimônia espalmou a mão do meio das minhas pernas. — Não tem nada aqui e não tem nada no cesto de lixo também, o que me faz concluir que acabou ontem.

— Você fiscalizou o seu lixo? Eca! — murmurei embasbacada.

— *Humrum* e o seu também. contei todos os dias princesa, agoniado. Agora você está livre e hoje à noite nós vamos sim firmar um pacto.

Sorri e me joguei em cima dele.

— Eu quero muito firmar esse pacto com você.

— Quer mesmo? — Rafa perguntou erguendo minha mão e beijando meus dedos um por um.

— É o que eu mais quero.

Até mais que o pedido de namoro.

Será que ele ainda me pediria em namoro?

— Então está combinado, mas para isso eu quero que você esteja livre após o almoço. Quero te levar em um lugar primeiro.

— Que lugar?

— É surpresa, ô curiosa! — disse sorrindo — Mas é melhor que você

coloque uma roupa bem confortável, calce tênis e passe bastante protetor.

— Vamos fazer caminhada? — perguntei confusa.

— Também — o encarei carrancuda. Não era bem o que esperava para o dia — Desamarra essa cara.

Meu vizinho lindo e gostoso me jogou na cama e me fez cócegas até que a minha carranca fosse substituída pelas gargalhadas.

— Para, Rafa!

Ele parou e segurou minhas mãos acima da minha cabeça me imobilizando.

— Você confia em mim? — perguntou com os olhos esperançosos.

— Você sabe que sim.

— Então vai comigo a este lugar? Sem perguntas?

Sorri e ergui a cabeça para conseguir alcançar seus lábios e beijá-lo, mas ele se esquivou.

— Tudo bem, irei com você.

— Boa menina — Rafa me deu apenas um selinho nos lábios e liberou os meus braços. Ele se levantou e começou a se vestir. Fiquei o encarando sem entender.

— Você precisa ir para a faculdade e eu vou aproveitar para resolver algumas coisas.

E foi assim que eu fui praticamente escorraçada do apartamento dele.

Fui me arrastando para a faculdade. Eu estava muito ansiosa para saber onde ele me levaria e muito, muito ansiosa mesmo para que chegasse logo a noite.

Por volta das onze da manhã não aguentei mais ficar na faculdade e corri para casa. Mal consegui almoçar. Tomei um banho e aproveitei para escolher minha roupa. Optei por uma camiseta branca, um short jeans bem surrado e tênis. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo e destaquei meus olhos com rímel e delineador.

Às treze horas em ponto meu lindo vizinho sem noção entrou no meu apartamento trajando uma camiseta sem mangas, bermuda e botas trekking. Usava um boné e óculos modelo aviador, trazia consigo uma mochila e

passou direto para a cozinha.

Preciso dizer que ele estava perfeito?

O segui e o observei abrir a geladeira e retirar algumas maçãs e garrafinhas de água.

— Nossa geladeira está zerada — justificou com aquele sorriso de derreter Maju — É a minha vez de fazer compras e estou enrolando. Acho que vou passar mais essa tarefa pro *badeco*.

— Que *badeco*?

— O Guilherme. Estou adorando explorar o moleque — ele gargalhou e eu revirei os olhos — Está pronta?

— Sim.

— Então, partiu!



— Você está me levando para fazer trilha debaixo desse sol de rachar? Rafa eu já detesto caminhar em solo plano, dirá íngreme — reclamei enquanto subíamos a estradinha de paralelepípedos.

— Deixa de ser sedentária! Ainda estou sendo camarada contigo. Vamos subir de carro até a pista de voo livre. Para de reclamar e aproveita a vista.

Fiz o que ele disse. A estrada que levava até a rampa era exuberante, cercada por vegetação. Quando Rafa parou o carro no estacionamento, pegou a mochila no banco de trás e me encarou.

— Pronta?

— Pronta — confirmei pouco entusiasmada.

— Quando estivermos voltando você me diz se valeu ou não a pena vir até aqui, combinado?

— Combinado — respondi agora intrigada.

O que você está aprontando, Rafael Bastos?

Começamos a subir e por incrível que pareça eu curti a caminhada. A trilha era considerada leve, sem falar na vegetação era muito bonita. Na maioria do trajeto, subimos de mãos dadas parando o tempo todo para tirar

fotos. Quando chegamos ao topo, eu estava cansada, mas satisfeita.

— Uau! — exclamei olhando em volta admirando principalmente a Pedra da Gávea. — Incrível!

— Eu não disse?

Tiramos uma porção de fotos em todos os cantos, fizemos alguns vídeos da vista e ficamos um tempo assistindo as pessoas saltarem de asadelta lá embaixo.

Eu ainda estava comendo minha maçã quando Rafa se levantou e me chamou. Levantei-me também e segurei sua mão que estava estendida para mim deixando a maçã em cima da toalha que tínhamos colocado no chão para sentarmos. — Deixa eu te beijar no topo da Pedra Bonita, Maju?

Lembrei-me da vez que ele havia feito tal pedido e sorri.

— Claro que sim — falei me inclinando e ficando na ponta dos pés para poder beijá-lo.

— Aqui não — disse e me puxou para o centro. — Aqui. Eu quero te beijar aqui.

Olhei rapidamente ao redor, havia poucas pessoas no local por ser meio de semana. Sorri para o belo e irresistível homem a minha frente e assenti. Até porque eu o beijaria até dentro de um cemitério se ele me pedisse.

— Sabe princesa, desde que você apareceu na minha vida, eu só tenho a agradecer. Eu sou uma cara que tem uma puta de uma sorte. Por isso que aqui, cercado por essas maravilhas de Deus — ele se aproximou e falou no meu ouvido — De todas essas maravilhas você é a mais magnífica — piscou cheio de charme e então endireitou o corpo voltando a falar em seu tom normal — Como eu estava dizendo, cercado aqui por todas essas maravilhas eu quero agradecer a Deus por ter colocado você no meu caminho, mesmo que eu não merecesse. Eu te amo, Majuzinha! — gritou.

— Oh meu Deus! — exclamei emocionada. Minhas lágrimas já querendo escapar dos meus olhos — Eu também te amo, Rafael Bastos.

Rafa sorriu de volta e me agarrou pela cintura. Uma de suas mãos pousou suavemente na minha nuca me levando ao encontro dos seus lábios. Quando nossas bocas se tocaram, houve uma explosão do mais puro e sincero sentimento. A explosão de um amor tão grande que nem o tempo, nem as

circunstâncias, nem as dificuldades o romperiam. Eu senti ali, no topo da Pedra Bonita que Deus estava abençoando o nosso amor.

Rafa me abraçou forte antes de me soltar e segurar a minha mão novamente. Ele olhou rapidamente para o lado, parecia nervoso, o que me fez olhar na mesma direção.

Foi neste momento que avistei uma garota segurando um cartaz. Ela se aproximou um pouco mais e consegui ler o que estava escrito, a hastag “#Raju.” Encarei Rafa que sorria como alguém que estava aprontando.

Raju?

Não tive tempo de processar o que estava acontecendo porque percebi que tinha outra garota com um cartaz nas mãos. Nele estava escrito “*Minha princesa de olhos bicolores.*” Se eu estava em dúvidas agora tinha certeza que aquilo era coisa dele.

Mais pessoas foram se virando aos poucos na minha direção também com cartazes e eu pude ler: “*A Felicidade está Na Porta da Frente*” “*A Marrentinha mais Linda do Mundo.*” “*Sou foda por ter você comigo*” “*Te amo, Majuzinha*” e “*Diz que aceita, Maju.*”

Diz que aceita, Maju?

— Rafa, quem são essas pessoas? — perguntei boquiaberta olhando para elas, mas ele não respondeu, apenas apontou para o céu.

Meu coração quase parou de bater quando avistei um pequeno avião trazendo uma faixa enorme com os dizeres “DEIXA EU SER SEU NAMORADO, MAJU?”

Nocautê. Na lona. Milhões, bilhões, trilhões de vezes.

O avião sobrevoou ali por perto, enquanto eu lutava para conseguir enxergá-lo através das lágrimas teimosas que saltavam dos meus olhos.

Um misto de constrangimento e felicidade tomou conta de mim, juntamente com meu coração que batia descompassado. Eu não conseguia acreditar que ele havia planejado tudo aquilo apenas para me pedir em namoro. Até pensei que ele houvesse esquecido, mas Rafa era Rafa, ele sempre me surpreendia.

Observei o avião se afastar com pesar. Eu queria que ele sobrevoasse sob nossas cabeças para sempre, me mostrando o quanto aquele cara me

NACIONAIS-ACHERON

amava. Eu queria gravar aquela imagem na minha mente, tatuar aquele momento na minha alma.

Rafa se postou na minha frente e segurou minhas duas mãos dessa vez.

— Não acredito que você fez isso — respirei fundo tentando acalmar meu coração. Sorte a minha que ele era forte, ou eu poderia ter morrido ali mesmo no topo da Pedra Bonita.

Ele sorriu e levantou meu queixo para que eu olhasse em seus olhos. Vi as mesmas emoções que se apoderavam de mim, tomando conta do rosto dele.

— Deixa eu ser seu namorado, Maju?

— Eu... Nossa Rafa... — eu estava tremendo.

— Diz que aceita, Maju! — o pessoal dos cartazes gritou em coro.

— Eu te amo, Rafa. Nada me faria mais feliz neste mundo do que ser sua namorada. É claro que eu aceito...

Meu lindo namorado mal me deixou terminar de responder e cobriu meus lábios com os seus. Ele me girou no ar e àquela altura eu já pouco me importava por termos plateia. Eu queria mais eram que todos vissem mesmo. Vissem o quanto aquele homem lindo e romântico era incrível e meu, ele era só meu.

— Ela aceitou galera — ele disse para o pessoal que aplaudiu e assoviou. Rafa voltou sua atenção para mim e retirou uma caixinha do bolso.

Encarei a caixa em suas mãos sem reação, mas antes que eu pudesse entrar em pânico ele esclareceu: — Calma, princesa. É de compromisso. — disse pegando uma das alianças. — Eu preciso te dizer uma coisa antes — pigarreou — Nós somos jovens, temos a vida toda pela frente. Eu estou me formando agora e você acabou de começar na faculdade. Você tem apenas dezoito aninhos. É uma menina, e eu, até você aparecer sequer sabia o que ia fazer da vida. Sendo bem sincero contigo, eu nos imagino lá na frente, daqui uns dez anos, como dois namorados. Independentemente de estarmos casados ou não. Só que nem por isso eu quero que você se prenda a mim. Eu quero e desejo Maju, que você viva sua vida intensamente, que se descubra, se for comigo ao seu lado, maravilha, mas se não for, estarei na arquibancada da vida torcendo por suas conquistas. Não quero te privar de nada e não vou,

estarei do seu lado, sempre. Quero que saiba também que talvez eu nunca esteja pronto para me casar. Eu não acredito que para o casal ficar junto de verdade eles precisem de um papel e sim de muito amor, mas saiba também que nunca estarei pronto para me afastar de você. Quero que isso, que a gente tem, dure para sempre, independente de papel assinado. Quero que você seja minha eterna namorada. Embarca comigo nessa louca aventura?

— É tudo o que eu mais quero.

Rafa sorriu satisfeito e se ajoelhou na minha frente, houve mais aplausos e mais assovios. As pessoas que estavam por lá, que não eram as pessoas com os cartazes se aproximaram e tiraram fotos da gente.

Eu já podia nos ver sendo compartilhados no facebook, mas eu estava pouco ligando.

— Não precisa se ajoelhar se não é um pedido de casamento — brinquei.

— Deixa eu fazer a parada direito, Maju.

— Tudo bem, faça.

Ele assentiu e colocou a aliança de prata com desenhos de dois corações entrelaçados no meu dedo.

— Nem vou perguntar como você sabia o tamanho do meu dedo.

— Simples. Fucei nas suas coisas, peguei um anel seu e levei na joalheria.

— E nem fica vermelho.

— Eu sou sem vergonha e você sabe bem disso. Agora coloca a minha no meu dedo, mulher!

Gargalhei e coloquei a aliança em seu dedo. A dele não tinha corações, mas ficou linda nele. Rafa se levantou e me encarou com um olhar de admiração. Olhar de quem enxergava o seu mundo na sua frente.

— Mais cedo quando eu disse pra sempre, era sério Maju. Te quero comigo pra sempre, preciso.

Eu não respondi, apenas pulei em cima dele que me agarrou a tempo. Enlacei as pernas ao redor do seu corpo e o beijei. Beije até que minha boca ficasse dormente. Beije meu lindo namorado.

Quando ele me colocou no chão enlaçou o dedo nos meus e sorriu cheio de malícia.

— Agora vamos embora que estou doido pra colocar a segunda parte do plano em ação.

— Do que você está falando?

— Segredo. Vem vamos cumprimentar o pessoal antes.

— Quem são essas pessoas? — lembrei de perguntar.

— Estudam comigo.

— E onde você arrumou aquele avião? — eu estava curiosa com tudo.

— São muitas perguntas, depois te conto tudo. Agora vem namorada.

— Tudo bem, namorado.

— Repete — ele pediu.

— Tudo bem.

— O restante princesa.

Sorri.

— Namorado, meu namorado — ele fechou os olhos como se estivesse absorvendo as palavras.

— Eu gostei disso.

Se ele tinha gostado, eu estava completamente nas nuvens.

Rafael Bastos, o cara mais incrível do mundo era oficialmente meu namorado.

Capítulo 66 – Pacto De Sangue.



Rafa

Quando estávamos nos aproximando do prédio em que morávamos minhas mãos começaram a suar.

É eu estava nervoso. Quem diria.

Nervoso, ansioso e elétrico pelo que tinha acabado de acontecer e pelo que ainda aconteceria.

Graças a Deus tinha dado tudo certo com o pedido de namoro. Até uns três dias atrás eu ainda estava em dúvida de como a pediria em namoro. Parecia que nada seria bom o suficiente. Pensei em fazer um vídeo, pensei em comprar milhares de flores, pensei em levá-la para viajar, mas todas as ideias não estavam à altura da minha princesa. Até que conversando com um colega da faculdade, ele me contou que o tio era piloto de avião e que trabalhava com propaganda aérea.

Na hora pensei na faixa, na Pedra Bonita, nos cartazes e em todo o resto. Meu colega me deu o contato do tio e depois de muita conversa – na verdade, eu quase implorei porque já estava em cima – ele aceitou o trabalho.

Valeu a pena cada centavo. Faria tudo de novo para ver seus olhinhos brilhando encarando a faixa, a surpresa dela quando viu as alianças.

Quando parei o carro no estacionamento, nos encaramos alguns instantes e a eletricidade, o desejo que emanava de nós era gritante. Eu a teria e seria perfeito, como sempre fora entre a gente.

— Nervosa? — perguntei em tom de brincadeira.

— Acho que a palavra correta é ansiosa — ela piscou sorrateiramente.

— Safadinha! — puxei-a para mim.

Segurei sua mão e encarei a aliança em seu dedo. Ela também encarou a aliança e sorriu.

— É linda — disse — Mas ainda não acredito que estou usando uma aliança de compromisso.

— Acostume-se, porque você não vai tirá-la pra nada. Nem pra tomar banho, nem pra dormir, nem para fazer radiografia.

Ela gargalhou.

Beijei seu dedo com a aliança e depois sua bochecha — Vamos logo, porque agora vem a melhor parte.

Saímos do carro e seguimos para o elevador. Trocamos beijos apaixonados enquanto o elevador subia e continuamos trocando carinhos até chegarmos em frente aos nossos apartamentos.

Abri a porta e segurei sua mão. Caminhamos lado a lado em direção ao seu quarto. Quando Maju abriu a porta ficou de boca aberta. soltou a minha mão e entrou no quarto parando de frente para sua cama que estava repleta de pétalas de rosas e almofadas de coração. Ela olhou para cima e avistou os balões vermelhos decorados com fitas no teto. Minha princesa virou-se na minha direção e já pude ver seus olhinhos cheios de lágrimas.

Eu teria que agradecer a minha amiga Angel pelo belo trabalho. Eu tinha dado a ideia, mas o mérito era todo dela. Havia pétalas de rosas por todo o chão, alguns arranjos de flores espalhados, velas — que é claro eu teria que acendê-las —, e para completar a decoração, um balde com champanhe nos aguardava estrategicamente no criado-mudo.

Minha amiga topou me ajudar na hora. Ela soube que tinha sido eu o responsável pelo pedido de namoro do Kay. Não só fez questão de me ajudar como fez meu primo ajudar também.

— Como você fez isso?

— Angel — respondi me aproximando sem jeito — Quero ser bem romântico contigo — pisquei com malícia — Sem deixar de ser bem safado é claro.

NACIONAIS-ACHERON

Maju revirou os olhos sorrindo. Aproximei-me dela e a abracei por trás que ainda tinha a atenção fixa na decoração do quarto.

— Me ajuda a acender as velas?

— É claro.

Entreguei um isqueiro para ela que acendeu uma das velas. Peguei a vela acesa e acendi algumas, enquanto minha princesa acendia as demais com o isqueiro.

— A Angel parece ser uma boa amiga — ela disse admirando o ambiente iluminado.

— É a melhor — falei.

Fui até a garrafa de champanhe e a estourei colocando um pouco da bebida nas taças. Entreguei a dela e ergui a minha.

— A nós princesa.

— A nós. — Maju repetiu.

Minha princesa tomou um gole do champanhe enquanto eu esvaziei a minha taça.

— Você é a melhor namorada do mundo — eu disse segurando a sua mão — A mais linda, a mais gostosa e eu estou muito feliz de ser *eu* o seu namorado. Vou te fazer muito feliz, é uma promessa.

— Depois não quer ser fofo! — brincou fazendo carinho na minha bochecha — Mas Rafa, sou eu quem tenho o melhor namorado do mundo. Você é incrivelmente sincero, determinado, correto, além de intenso, lindo e...

— Gostoso?

— Sim, gostoso, seu convencido! — sorriu me dando um empurrão de leve. — Mas agora falando sério, por mais que tudo isso — minha Majuzinha apontou para o quarto — O lance do avião, das alianças tenham sido mágicos. Eu tendo isso aqui — colocou a mão sobre o meu coração — Não preciso de mais nada.

— Então você não precisa de mais nada, minha princesa. Pois isso já é seu há muito tempo.

Peguei a taça da sua mão e a minha e as coloquei de volta no balde.

Beijei-a com todo o meu amor, com toda a intensidade do meu ser, com toda a voracidade do meu desejo.

Peguei-a nos braços e a coloquei sobre a cama repleta de pétalas de rosas. Tirei seus tênis e suas meias, aproveitei e tirei os meus também. Voltei a beijá-la nos lábios, nas bochechas, no pescoço. Levantei sua camiseta e beijei sua cintura que tanto amava. Enfiei a mãos por baixo dela e agarrei um dos seus seios. Voltei a ficar sobre ela cara a cara. Encarei aqueles olhos tão expressivos, tão hipnotizantes e eles estavam repletos de sentimentos. Eu vi ali os mesmos sentimentos que me invadiam.

— Não deveríamos tomar um banho primeiro? — ela perguntou.

— Só deixo você levantar dessa cama para se lavar de mim, princesa.

Ela assentiu e me puxou para mais um beijo. Nossas línguas se enroscaram harmoniosamente em uma explosão de desejo. Afastei-me um pouco e tirei a sua camiseta. Plantei beijos sobre seus ombros e abri o fecho do seu sutiã, ela me ajudou a retirá-lo e segui na minha tarefa de despi-la. Tirei seus shorts lentamente e beijei suas coxas, seus joelhos. Parei para admirá-la. Linda!

Tirei minha camiseta e minha bermuda e cueca e me posicionei entre suas pernas. Beijei seu ventre e acariciei a renda da sua calcinha. Enfiei os dedos na sua lateral e a escorreguei para baixo lentamente até jogá-la no chão junto com o restante das peças. Peguei algumas pétalas de rosas e as joguei sobre ela que sorriu linda e receptiva.

Lambi e suguei seus seios sentindo-a estremecer debaixo de mim. Meu coração parecia que sairia pela boca de tão descompassado, coitado.

Meu Deus como eu amava aquela marrentinha!

Plantei beijos nas suas costelas enquanto deslizava os dedos por sua intimidade quente e molhada. Introduzi um dedo e ouvi seu gemido rouco. Majuzinha se contorceu na cama agarrando os lençóis. Fui me abaixando para beijá-la, lá embaixo, mas ela me impediu. Minha princesa me puxou e a encarei confuso.

— Quero que hoje, meu primeiro orgasmo seja com você dentro de mim.

Como resistir?

Apenas concordei e me posicionei na sua entrada. E foi assim com os olhos cravados um no outro que me enterrei dentro dela, livre e sem barreiras. Sentir seu corpo quente me acolhendo foi espetacular.

Deite-me cuidadosamente sobre ela e apoiei um dos cotovelos na cama para não perder o contato visual. Eu queria vê-la se desmanchar quando chegasse lá. Queria me deliciar com a imagem.

Começamos a nos mover devagar. Ela agarrou minhas costas arranhando-as de leve ao mesmo tempo que me abraçava com as pernas. Nos beijamos com paixão para depois nos encararmos novamente. Eu me aproximei do seu ouvido e balbuciei baixinho, mas para mim do que para ela.

— Perfeita. É perfeito.

Caralho eu não ia conseguir resistir muito tempo. Estava maravilhosamente gostoso, mas eu sabia que estava sendo perfeito porque compartilhávamos dos mesmos sentimentos. Aquela era uma experiência única para mim e estava acontecendo com quem tinha que ser, com a minha princesa de olhos bicolores.

Maju começou a gemer mais alto nos meus ouvidos e aquilo foi o que faltava para eu acelerar os movimentos.

— Estou quase... — ela disse baixinho. Levantei a cabeça e a encarei.

— Eu quero ver. Se entrega pra mim, Maju.

E ela se entregou, jogando a cabeça para trás e cravando as unhas nas minhas costas.

— Eu te amo, Rafa... — balbuciou levando embora o restinho do meu autocontrole me levando com ela ao êxtase mais perfeito, mais intenso que já senti na vida.

Fui parando de me mover aos poucos e descansei a cabeça em seu ombro.

— Quero ficar aqui para sempre. Nunca mais quero sair de dentro de você.

— Você pode ficar para sempre, eu deixo — ela respondeu divertida.

— Maju isso foi... caralho! Foi foda.

— Concordo com você — ela riu me abraçando forte — Foi perfeito.

— Isso. Eu quis dizer perfeito — sorri beijando sua testa.

Tirei um pétala de rosas que estava presa no seu braço pelos suor do seu corpo. Suor do nosso amor. Quem diria que a Rafael Bastos iria se tornar um bobão apaixonado, hein?

Foda-se.

— Está pensando em que? — Maju perguntou notando meu silêncio.

— No quanto eu sou louco por você — rolei para o lado e a puxei me enroscando nela.

— Também estou louca por você. Nossa, minha vida está perfeita.

Senti uma pontada de culpa quando a ouvi dizer aquilo. Minha princesa ainda não sabia da situação da mãe e eu não podia contar ainda, tinha dado ao pai dela um prazo.

Sorri sem jeito e a abracei. Assim que eu tivesse oportunidade falaria com seu Euclides.

— Ih! Estou esquecendo no nosso pacto de sangue. Você tem uma agulha?

— Você está brincando, não é? — Maju perguntou de olhos arregalados.

Gargalhei.

— Estou. Vamos fazer assim, vamos firmar esse pacto apenas nos amando de novo e de novo. Nos declarando pra depois nos amarmos mais uma vez.

— Isso soa perfeito para mim — assenti.

— Eu te amo — falei no seu ouvido.

— Eu te amo mais — ela devolveu.

— Ah, é? — Subi em cima dela e sorri com malícia. — Então, fica de quatro, mulher!

Minha princesa obediente mordeu os lábios e fez o que eu pedi.

Capítulo 67 – Eu Te Amo Pra Vida Toda.



Duas semanas depois

Maju

— Não faz essa cara — meu namorado disse quando desligou o carro — Sei que você vai tirar de letra.

Tínhamos acabado de chegar a fazenda de sua avó Henriqueta para um almoço de família. Rafa tinha passado a última semana insistindo para que eu aceitasse o convite dela.

— Um pedido de Dona Henriqueta, não é um pedido princesa — ele havia dito em um dos seus muitos argumentos, então lá estava eu, pronta para conhecer toda a família Bastos.

Sorri por causa de sua empolgação e concordei com a cabeça. Saímos do carro e de mãos dadas seguimos para dentro da casa. No caminho já fomos parando e cumprimentando algumas pessoas. Atravessamos a casa até entrarmos no quintal dos fundos. Estava repleto de gente, de crianças a adultos.

Um cheirinho de churrasco impregnava o ambiente juntamente com a música que tocava. Tinha gente na piscina, crianças correndo num gramado, pessoas bebendo e conversando quase tão alto quanto a música, mas estranhamente me senti à vontade ali no meio de todos eles.

Os gêmeos Kaíque e Kevin foram os primeiros a virem falar conosco.

— Rafa! — disseram juntos.

Rafa os cumprimentou e logo em seguida seus olhares caíram sobre mim.

— Oi, Maju.

— E aí, Maju.

Sorri e devolvi o cumprimento deles. Um, que eu não sabia qual deles era, se aproximou do meu ouvido e disse baixinho: — *Tá* todo mundo que não se aguenta de curiosidade para te conhecer, princesa.

— Ou, mantenha distância aí, Kevin — Rafa disse brincando se colocando entre a gente. Kevin levantou os braços em rendição e saiu sorrindo seguido de seu irmão.

— Então você é a famosa, Maju? — uma garota, por sinal muito bonita, mas não tão simpática se aproximou de nós.

Olhei para o meu namorado que apenas suspirou revirando os olhos. Ele me deu um olhar como se me dissesse em pensamento: “Vai lá garota e mostra para ela.”

— Maju, sim — respondi com um meio sorriso, mas sem perder a pose — Famosa? Nem tanto — falei erguendo o queixo.

A garota pigarreou e depois sorriu.

— Está explicado. Prazer sou a Juliana. Gostei de você. — dizendo isso ela se afastou.

Olhei para o Rafa que observava a garota se afastar perplexo.

— Isso sim é uma novidade — eu quis perguntar o porquê, mas não tive a chance pois a Angelina e o marido vieram falar com a gente.

— Oi Maju — ela já foi me puxando para um abraço.

— Oi Angelina, como você está?

— Estou bem e você? — Angel deu uma piscadinha apontando para o Rafa — Meu amigo está te tratando bem?

— Claro que estou, novata. Com leitinho de qualidade, todo dia — a garota ficou roxa de vergonha, enquanto o sem noção e o primo caíram na risada. Eu quis rir também, afinal era o Rafa, mas me contive para não deixá-la ainda mais sem graça.

— Eu já te disse que você é podre hoje?

— Hoje não — ele a puxou para um abraço.

— Como vai, Maju? — Kay se aproximou de mim.

— Estou bem, obrigada.

— Até que enfim chegaram — nos viramos e nos deparamos com a Dona Henriqueta e os pais do Rafa. A mãe dele estava exuberante e já exibia uma barriguinha protuberante. — Oi minha querida, que bom que aceitou meu humilde convite — a avó disse toda inocente.

Retribui o abraço e logo em seguida fui abraçada por minha... Sogra e sogro.

— Como vai o bebê? — perguntei sem graça.

— Nossa menininha vai bem — Seu Felipe respondeu por ela.

— Que menininha pai, é macho! *Tá doido?!*

— Sua mãe diz que sente que é uma menina então eu acredito.

— Eu não disse isso — dona Suellen revirou os olhos me puxando pelo braço — Eu só disse que me sinto diferente dessa vez. Dos meninos foi um porre! Enjoei, me senti mal a gravidez inteira. Dessa vez não, está tudo bem.

— Credo, mãe — Rafa resmungou e foi ignorado com sucesso por ela.

— Que bom — eu disse sorrindo. Olhei para trás para meu namorado enquanto continuava sendo puxada e ele apenas me deu um tchau.

Dona Henriqueta e dona Suellen me apresentaram para todo mundo e pela próxima meia hora falei com tanta gente que não me lembro o nome nem da metade. Já conhecia algumas do casamento, mas não tinha falado com todos.

Um tempo depois, meu namorado e a Angelina juntaram-se a nós. Ele ficou o tempo todo grudado em mim, mesmo com os primos dele o sacaneando a todo momento. Rafa apenas sorria e de vez em quando levantava o dedo do meio para eles.

— Desgruda da garota, Rafa. Credo parece um sanguessuga. Deixa a menina respirar — a mãe dele ralhou.

— Ela gosta, mãe — respondeu me grudando ainda mais — Não gosta Majuzinha? Diz pra ela o quanto você gosta... — nem deixei terminar, tapei a boca dele.

— Ela já te conhece — a mãe dele disse sorrindo — Sabe que só sai besteira dessa boca suja.

— Também te amo, mãe.

Dona Suellen jogou beijos para o filho, se levantou e foi em direção ao marido.

— Bom é a minha deixa — Angelina disse se levantando também — Deixa eu ir salvar o meu marido — ela apontou para o Kay e uma das primas que conversavam um pouco mais distantes.

— O que ela quis dizer com isso?

— A Juliana não se manca. Fica dando em cima do Kay descaradamente.

— Eu pensei que vocês não se envolvessem com as primas — falei com sarcasmo.

— E não nos envolvemos. Com exceção da maluca da Ju, todo mundo se respeita.

— Entendi. Nossa que chato.

— A Angelina tira de letra e a Juliana nunca teve e nunca terá chance — foi a vez do meu lindo namorado se levantar e me puxar junto com ele. — Ainda temos um tempinho antes do almoço. Vem cá que quero te namorar. Já foi me levando para dentro da casa, mas precisamente escada acima.

— Rafa, onde você está me levando?

— Aguarde e confie — piscou cheio de más intenções.

No segundo andar, abriu a porta do que parecia uma sala de jogos. Havia mesa de sinuca, de tênis de mesa, além de *ping-pong*. Uma televisão enorme com um videogame estampava uma das paredes, resumindo: O paraíso na Terra para a molecada.

Rafa foi me puxando para dentro e foi quando ouvimos vozes. Quem quer que fossem, pareciam exaltados.

— Gui? Alexia? — Rafa os chamou quando os avistou. Os dois se afastaram rapidamente totalmente atordoados — Que porra está acontecendo aqui?

— Não é da sua conta! — a prima respondeu com rispidez passando

por nós feito um furacão. Eu podia jurar que estava chorando.

O Guilherme nos encarou, e constrangimento certamente era a palavra certa para defini-lo.

— Estou esperando — Rafa disse em tom de ameaça cruzando os braços e se aproximando do primo.

— Não estava acontecendo nada, Rafa. Só estávamos conversando amenidades. Coisa de primo.

— Isso o que vi aqui pode ser qualquer coisa Guilherme, menos coisa de primo.

— Não viaja, cara. Dá licença — disse e passou por nós de cabeça baixa.

— Não parecia coisa de primo. Eles estavam discutindo, não estavam? Por que?

— Rafa, como sua prima mesmo disse, seja o que for não é da sua conta — falei tentando encerrar a conversa.

— Da minha conta pode até não ser, mas do tio Jefferson...

Bufei. Ele realmente tinha ficado intrigado e irritado por ter surpreendido os primos naquela situação. Aproximei-me e joguei meus braços sobre seus ombros enlaçando seu pescoço.

— Você vai me beijar, ou vai ficar aí se intrometendo na vida dos seus primos?

— Desculpe, princesa — Rafa finalmente sorriu e tocou meus lábios com os seus.

— *Tsc tsc tsc* Nada de fornicação antes do almoço crianças. Desçam que a comida já está sendo servida — nos viramos — eu assustada —, e demos de cara com a dona Henriqueta na porta.

Rafa caiu na risada enquanto eu quis que um buraco se abrisse e me engolisse. Eu tinha acabado de constatar que era de família ser tão sem noção. Sorri sem graça para vovó Henriqueta que sorriu de volta com um ar inocente. Ela ficou plantada na porta até que decidimos descer com ela.

O almoço foi muito agradável. A família toda era divertida, divertida e linda. Jesus não tinha ninguém feio não. A comida estava uma delícia, soube

que dona Henriqueta adorava ir para o fogão cozinhar para os filhos. Para acompanhar o churrasco ela havia feito uma deliciosa farofa portuguesa, maionese com uma boa variedade de legumes e arroz branco.

O Gabriel chegou quando já estávamos terminando nossa refeição.

— Até que enfim — a mãe deles exclamou dando um beijo em sua bochecha — Onde você estava que não atendia o celular? *Pelo amor*, não me diz que agora eu vou ter que me preocupar com você, já tenho preocupação de sobra — ela disse alisando a barriga.

— Sou eu mãe, Gabriel. O Rafa é aquele ali — ele apontou para o irmão.

— Vai tomar no seu...

— Rafa! — um coro de vozes o impediu de continuar.

— Na mesa não menino! — a avó ralhava sorrindo.

Ele gargalhou e piscou com cumplicidade para a avó. Eu acho que se até àquela altura eu já não morresse de amores por ele, seria ali, naquele exato momento que eu iria me apaixonar. Vendo-o olhar com tanta admiração aquela senhorinha tão distinta e danadinha também, é claro.

Naquele momento, cercada por toda aquela gente que transbordava afeto uma pelas outras eu agradeci aos céus por poder fazer parte daquela simples confraternização de família, e agradeci principalmente pelo ser maravilhoso sentado ao meu lado com a mão esquerda sorradeira na minha perna.

Eu te amo pra vida toda, Rafael Bastos.

Depois do almoço e depois de nos empanturrarmos de doces, sorvetes e tudo mais que engordasse, Rafa me puxou novamente para dentro da casa.

— Não acredito que você vai arriscar subir de novo.

— Ah, vou sim! E dessa vez vou trancar a porta. Quero te comer em cima daquela mesa de sinuca.

Quero te comer em cima daquela mesa de sinuca.

Essa simples frase foi o suficiente para enviar ondas de eletricidade para o meio das minhas pernas.

Estávamos na casa da avó dele? Sim. Cercado pela família dele? Sim,

mas como resistir? Eu já estava me imaginando deitada na mesa de sinuca enquanto subíamos a escada. Só que quando estávamos nos aproximando da porta o celular dele tocou.

Rafa atendeu e pareceu bastante surpreso quando reconheceu a pessoa do outro lado.

Eu ainda não sabia, mas naquele momento, meu mundo estava deslizando ladeira abaixo.

Capítulo 68 – A Pior Pessoa Do Mundo.



Maju

— Quem era? — perguntei quando ele guardou o celular no bolso. Rafa engoliu seco e pigarreou antes de responder.

— Seu pai, princesa. Precisamos voltar — senti minhas pernas fraquejarem.

— O que aconteceu, Rafa? — meu namorado se aproximou e me amparou. Deve ter percebido que eu cairia dura a qualquer momento.

Teria acontecido algo com a minha mãe? Com meu pai? E porque ele havia ligado para o Rafa e não para mim? E desde quando meu pai tinha o número de celular do Rafa?

— Vamos Majuzinha, eu te adianto no caminho.

— Eu não vou arredar o pé daqui até você me dizer o que aconteceu — falei em tom firme.

— É sobre a sua mãe.

— Meu Deus! — peguei meu celular do meu bolso para ligar para casa, mas ele me impediu.

— Sua mãe biológica, Maju. A dona Pauline está bem, agora vamos — ele já saiu me puxando.

Sua mãe biológica, Maju.

Rafa se despediu de algumas pessoas, foi até a sua avó e explicou o

NACIONAIS-ACHERON

porquê de estar tendo que ir embora, enquanto eu permaneci anestesiada ao seu lado. Despedi-me das pessoas em modo automático totalmente aérea.

O que teria acontecido a ela? Fosse o que fosse deveria ser sério, para termos que voltar às pressas para o Rio.

O que era tão importante assim que me envolvia?

Voltei a razão quando o Rafa já abria a porta do carro para mim.

— Espera aí, Rafa. O que aconteceu para a gente ter que sair às pressas assim atrás daquela mulher?

Meu namorado me olhou com compaixão me deixando ainda mais nervosa.

— Amor, seu pai vai explicar tudo em casa. Entra no carro por favor.

Amor? Agora eu tinha certeza que o negócio era coisa séria.

Não arredei o pé e o encarei com a sobrancelha erguida. Meu lindo e preocupadíssimo namorado bufou e me encarou por alguns segundos antes de responder.

— Parece que sua mãe biológica foi hospitalizada. Agora vamos que seu pai vai te explicar tudinho com detalhes.

Dei-me por vencida e entrei no carro. Ele sorriu agradecido, enfiou a cabeça pela janela e beijou meu rosto com carinho.

O caminho de volta foi no mais assustador silêncio. Rafa dirigia com uma expressão fechada, perdido em seus pensamentos. Parecia preocupado, mas desisti de ficar insistindo com perguntas, e permaneci também absorta em meus próprios pensamentos.

Quando chegamos ao prédio, seguimos direto para o meu apartamento sem trocarmos uma palavra. Parecia que eu ia ter um troço a qualquer momento de tanta ansiedade. Abri a porta e minha mãe já correu para me receber, ela tinha uma expressão desolada e abatida.

Ruim, muito ruim, Maju.

— Que bom que você veio logo minha filha — ela disse me dando um beijo na testa — Obrigada por trazê-la, filho.

— Que isso Dona Pauline — Rafa respondeu sem graça.

Minha mãe segurou a minha mão e me levou até o sofá onde meu pai

falava ao telefone. Rafa sentou-se ao meu lado e lá estava seu ar preocupado novamente.

Meu pai falava sobre dar toda a assistência a alguém e tive certeza que se tratava da minha mãe biológica. Ele deveria estar bancando toda a internação.

Sentime péssima por isso. Ele não tinha obrigação, não tínhamos obrigação de cuidar dela. Eu estava sendo uma megera pensando daquela forma, mas não conseguia evitar, não conseguia me solidarizar.

Quando meu pai desligou seu celular, voltou sua atenção para nós.

— Filha — cumprimentou me dando um abraço.

Aquilo tudo estava estranho demais. Eu já não estava aguentando tanto suspense. Levantei-me e já sem a mínima paciência disparei: — Seja lá o que esteja acontecendo, não merece tanta atenção assim, merece? Aquela mulher foi hospitalizada, é isso? Por que esse alarde todo? Ela está morrendo por acaso?

Meu pai abaixou a cabeça e o profundo silêncio que se instalou na sala me fez arrepender imediatamente do que eu havia dito.

Ela estava mesmo morrendo?

— Pai? Me diz o que está acontecendo?

— Filha eu sinto muito — minha mãe falou indo até mim e afagando meus ombros.

— Não! — afastei-me bruscamente — Meu Deus. Não sei o que dizer. Como isso aconteceu? Ela sofreu um acidente?

Meu pai se aproximou e segurou minhas mãos.

— Querida, sua mãe já estava doente há algum tempo. Quando ela apareceu aqui da primeira vez, já tinha sido diagnosticada com câncer, seu estágio é terminal. Seu último desejo em vida era o de te rever e te pedir perdão, além aproximar você dos seus irmãos. Eles só tem uma tia, o pai os abandonou...

Não, eu não estava ouvindo aquilo.

— Quer dizer que ela me abandona por causa de macho. Vai viver a vida dela sem nunca se interessar em saber sobre mim e agora que está

morrendo, que foi abandonada pelo traste, quer transmitir a responsabilidade de cuidar dos filhos dela para mim?! — gritei cega de ódio.

Puxei minhas mãos bruscamente e as levei aos meus cabelos indignada.

— Não filha, não é isso — minha mãe se posicionou — Ela... Ela só quer que os filhos fiquem bem e só quer o seu perdão.

— Vocês não conseguem ver o que está acontecendo aqui? Essa mulher só nos procurou porque sabe que vocês têm dinheiro, que a ajudariam. Ela sabia que vocês se solidarizariam com a situação dela e não deixariam nem ela e nem as crianças desamparadas. Meu Deus, isso não tem nada a ver com querer meu perdão!

— Maju não seja tão insensível!

— Insensível? Só Deus sabe como essa história já me machucou. Só Deus sabe quantas vezes eu sonhei que ela aparecesse e voltasse a cuidar de mim e agora ela surge no fim da vida dela só para me encurralar com responsabilidades? Agora eu tenho que perdoar, é isso? Senão ela vai morrer sem o meu perdão e eu vou ser a megera da situação? A sem coração, que não liga para a mãe e irmãos?

— Maju — Rafa que estava calado e me encarando com olhos estatelados até o momento se manifestou — Eu sei que você foi pega de surpresa e eu sinto muito por isso. Devíamos ter contado logo, mas agora não é hora para questionar os reais motivos dela, você precisa...

— Sente muito? Deviam ter me contado logo? — o interrompi — Você sabia disso, Rafa? Desde quando você sabe disso?

— Filha seu namorado não tem culpa. Foi eu que o obriguei a ficar calado...

O que? Que merda é essa? Respira Maju, respira!

— Pai — virei-me para ele e ergui o dedo pedindo um tempo. Voltei minha atenção para meu muito encrencado namorado e o puxei em direção à porta. Do lado de fora, no corredor o encarei com lágrimas nos olhos.

Ele sabia, sabia o tempo todo e escondeu de mim.

— Você sabia.

— Majuzinha eu...

— Você sabia e escondeu de mim. Há quanto tempo você sabe?

— Maju...

— A quanto tempo, Rafa? — gritei.

— Desde a consulta. Seu pai me procurou logo depois que fiz os exames e me contou sobre sua mãe estar doente. Ele me pediu sigilo até estar pronto para te contar. Eu juro que fui contra Maju, eu disse a ele que não esconderia nada de você, mas ele foi categórico, então dei um prazo para que ele contasse senão eu mesmo o faria. Eu tive que dar esse prazo a ele, princesa — ele deu um passo à frente, mas recuei — Era assunto de família, não era da minha conta.

— E eu?

— Você? — Rafa me encarou confuso.

— Eu não sou da sua conta?

— É claro que é. Você é minha princesa, é minha vida — ele respondeu exasperado.

— Então isso também era da sua conta, Rafa. Meu Deus, não acredito que logo você que preza tanto pela sinceridade foi esconder uma coisa dessa de mim.

— Eu sinto muito. Mas eu simplesmente não podia passar por cima da autoridade do seu pai. É um assunto tão delicado. Você já tinha ficado tão mal só pelo fato de ela ter reaparecido.

— Isso é sobre confiança, Rafa. Essa conversa aqui é sobre confiança, esquece o resto. Isso é sobre nunca escondermos nada um do outro, mesmo que doa. Foda-se se meu mundo iria desabar, pelo menos ele desabaria uma vez só. Agora ele está duplamente desabado.

— Não diz isso, princesa — tentou me abraçar, mas eu estava cega de raiva e decepção. Não conseguia acreditar que ele havia escondido aquilo de mim — Você está certo, é um assunto delicado e eu quero esquecer. Preciso entrar.

— Não, Maju! — Rafa me abraçou com força, mas permaneci imóvel. — Me desculpe, mas jamais imaginei que a situação chegasse a esse ponto.

— Me deixa entrar — falei com uma frieza que até me assustou. Rafa ergueu o corpo e me encarou com os olhos molhados. Enxuguei suas

NACIONAIS-ACHERON

lágrimas e me afastei.

— Só não me esquece também no processo, eu não vou aguentar. Vou estar na porta da frente. Sempre estarei aqui pra você.

Senti como se meu coração estivesse levando infinitas facadas. Eu quase desisti de ficar magoada com ele e o abracei novamente, mas só quase.

Virei-me e bati a porta com força. Desabei no chão e comecei a chorar compulsivamente. Minha mãe correu e me abraçou.

— Eu sinto muito, meu amor. Não queríamos que nada disso acontecesse, não queríamos que você ficasse sabendo assim...

— Vocês não deveriam ter envolvido o Rafa nisso. Por sua causa pai, ele mentiu pra mim! – esbravejei exasperada.

— Ele não mentiu filha, ele apenas omitiu. É só com isso que você está preocupada? Há uma mulher deitada em um cama de hospital morrendo e você só consegue pensar no fato do seu namorado ter te omitido coisas?

— Não venha me transformar na vilã da história, pai! — levantei-me bruscamente — Vocês despejam essa bomba no meu colo e querem que eu aja com uma maturidade que no momento eu não tenho e não sou obrigada a ter. Me deixem em paz!

Saí novamente do apartamento e subi a escada que dava para o terraço. Sentada em uma das espreguiçadeiras eu chorei por mais de uma hora. Já estava escuro quando eu me levantei e me aproximei da piscina. Sentei-me na borda e enfiei meus pés na água. A temperatura fria da água fez meu corpo estremecer e junto com o arrepio que me percorreu, novas lágrimas surgiram embaçando minha visão..

Eu estava me sentindo a pior pessoa do mundo, por não estar comovida por minha mãe biológica estar naquele estado. Eu só conseguia sentir raiva dela, raiva do homem que a tirou de mim, raiva dos meus irmãos que até a pouco tempo eu nem sabia que existiam, raiva dos meus pais por terem permitido que aquela mulher voltasse para a minha vida e raiva do Rafa por ter me omitido que sabia de tudo, e principalmente raiva de mim mesma por estar sentindo tanta raiva.

Que droga, Maju.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 69 – Fica Frio, Primo.



Rafa

Derramei o restinho de vodca da garrafa e encarei o líquido já com a vista meio turva. Respirei fundo e mandei para dentro. Joguei o copo na mesinha de centro e desabei no sofá.

Merda, merda!

Por que o pai dela tinha que me envolver naquilo? Por que não me deixou de fora? Eu não precisava saber antes, eu a apoiaria do mesmo jeito e ficaria ao seu lado, mesmo tendo acabado de saber, que porra!

Peguei meu celular e abri o aplicativo de mensagens. Já havia mandado um milhão de mensagens, sem nenhuma resposta.

Ela sequer visualizou. Eu estava preocupado. Muito na verdade, pois sabia o quanto aquela história mexia com ela. Já tinha presenciado sua reação da outra vez.

Fiquei puto da vida com os pais dela. Eles não deviam ter agido pelas suas costas, sabendo o quanto o assunto era delicado.

E essa mãe? Às vezes eu me questionava sobre o real motivo de ela ter resolvido aparecer só no final da vida. Será que minha princesa estava certa? As intenções da mulher, não eram nobres? Eu jamais iria tirar as razões dela. Só ela sabia o quanto tudo aquilo a machucava.

Merda, merda! De novo merda!

Mandei outra mensagem, seguida de outra e mais outra. Nada. Implorei para que ela me respondesse. Já estava cogitando ir bater na porta dela quando o Gabriel e o Guilherme chegaram.

Meu irmão encarou a garrafa vazia na mesinha e ergueu a sobrancelha.

— Dia ruim? — perguntou sentando-se no outro sofá.

— Deixa eu adivinhar — foi a vez do Guilherme falar — Brigou com a Maju?

Ele sorriu ironicamente e se eu estivesse só um pouquinho menos bêbado teria partido pra cima dele e quebrado aquela carinha de sonso que ele tinha.

— Dá um tempo Gui. Mano, o que aconteceu? Por que vocês vieram embora tão rápido?

— A mãe da Maju está hospitalizada.

— A Dona Pauline?

— Não. A mãe biológica.

— Tudo bem e o que isso tem a ver? — meu irmão apontou para a garrafa de vodca.

Contei tudo a eles. Meu irmão e meu primo ouviram pacientemente minhas embriagadas lamúrias. É incrível como um bêbado consegue dramatizar ainda mais uma situação.

— Rafa. Você não tem culpa de nada cara, a Maju foi pega de surpresa só isso. Dá um tempo a ela.

— Não Gabriel, eu não quero dar um tempo a ela. Eu quero estar ao lado dela e ajudá-la a enfrentar — falei gesticulando exageradamente.

— Mas ela não quer, pelo menos não agora. Respeite e dê espaço. *Brother* ela vai entender que você não fez por mal. Você não podia simplesmente confrontar o pai dela e sair contando. É um assunto delicado. Relaxa, vai passar.

— Você não está entendendo Gabriel. Eu não devia ter escondido isso dela, logo eu que bato no peito para falar sobre sinceridade. Eu devia ter contado e foda-se!

— Você só ficaria mal com o sogro e a Maju ainda estaria na pior —

Gui se manifestou.

Suspirei resignado. Ele não deixava de ter razão. Ela ainda estaria sofrendo pela situação.

— Vou até lá — falei tentando me levantar, mas de repente parecia que eu pesava uns duzentos quilos.

— Rafa, você devia ir é para o seu quarto e tomar um banho. Bêbado desse jeito não vai conseguir nada com a Maju.

— Eu preciso tentar Gabriel, que merda! Sai da minha frente!

Empurrei meu irmão para o lado e quase caí. Puta merda, eu estava realmente bêbado.

— A única coisa que você vai conseguir é deixar a garota ainda mais irritada aparecendo na porta dela a essa hora e bêbado desse jeito.

— Quando foi que você ficou inteligente assim Guilherme? Foi antes ou depois de estar comendo a Alexia?

— Que porra é essa? — meu irmão perguntou me soltando e encarando o Gui.

— Fala sério, Rafa! Não tem nada a ver isso aí que você está falando — Gui levou as mãos nos cabelos visivelmente desconfortável — A gente só estava discutindo por termos opiniões diferentes sobre um assunto aí.

— Que assunto, Guilherme? De onde esse idiota tirou que você está comendo a prima?

— Gabriel não é nada disso. O Rafa está viajando.

— Depois você vai ter que me explicar isso direitinho *mané*, e você — Gabriel veio na minha direção e me ajudou a ficar de pé — Vai tomar um banho e dormir, me ajuda aqui Guilherme.

E eles me levaram para o meu quarto e me enfiaram no chuveiro mesmo com todos os meus protestos. Já de banho tomado, vesti apenas uma cueca e me joguei na cama.

— Cadê meu celular? — perguntei vasculhando a cama — Cadê a porra do meu celular?

— Deve ter ficado lá na sala. Vai lá pegar, Guilherme — Gabriel pediu.

Meu primo foi e até a sala e voltou com meu celular e minha carteira.

Ele colocou a carteira na cômoda e me entregou o celular.

Encarei o aparelho e de verdade, deu vontade de chorar. Não havia uma mensagem sequer da minha princesa, nem mesmo para me xingar. Joguei o aparelho na cama e enfiei o travesseiro na minha cara. Ouvi a porta se abrindo e se fechando em seguida, mas foi o prazo de suspirar aliviado por eles terem finalmente me deixado em paz, para eu ouvir a porta se abrir novamente.

— Rafa?

— Sai fora, Gabriel. Chega de conselhos e muito menos de lição de moral. Eu quero ficar sozinho.

— Tudo bem, mas vai ter que beber esses comprimidos primeiro, *brother*.

Bufei e me levantei. Peguei os comprimidos da sua mão e o copo com água.

Tomei os comprimidos e devolvi o copo a ele.

— Satisfeito, pai? — ironizei. Meu irmão revirou os olhos e sentou-se na cama.

— Vê se dorme um pouco. Amanhã você tenta falar com a Maju.

— Não garanto nada, mas vou tentar.

Ele assentiu e levantou em direção a porta — Ah e antes que eu me esqueça, eu aceito.

Encarei meu irmão visivelmente confuso.

— Aceita?

— Aceito a sociedade.

Sorri e antes de ele fechar a porta gritei: — Vamos arrebentar nessa porra, *brother*!

Ouvi sua gargalhada ecoar no corredor e suspirei satisfeito. Finalmente uma boa notícia.

Apaguei a luz do meu quarto deixando apenas a do abajur. Coloquei ambas as mãos atrás da minha cabeça, que por sinal estava quase estourando de dor e encarei o teto.

Meus pensamentos eram todos para a minha princesa. Lembrei-me do
NACIONAIS-ACHERON

primeiro beijo no elevador, do beijo no estacionamento, da nossa primeira vez, da primeira vez sem camisinha e todos esses pensamentos faziam meu peito arfar.

Caralho, que sentimento mais intenso era aquele? Eu jamais poderia imaginar que eu iria amar tanto, me importar tanto com alguém daquele jeito. Eu amava tanto aquela marrentinha que era impossível descrever em palavras.

Senti uma lágrima rolar pelo meus olhos e bufei.

— Que merda, cara! Você agora virou a porra de um babaca chorão!

Enxuguei meus olhos e peguei novamente meu celular e enviei outra mensagem.

Rafa: Estou preocupado contigo princesa.

Nada de resposta.

Rafa: Responde apenas para me dizer que está segura.

Insisti acrescentando emojis com as mãos em prece.

Rafa: Você já sabe disso, mas só para reafirmar, estou aqui pra você, não hesite em me procurar, por favor me deixa te ajudar.

Desisti de continuar com as mensagens já que ela não estava visualizando e mandei um áudio, mesmo sabendo que ela iria ignorar.

“Amor, eu sei que está chateada, decepcionada e se sentindo traída. Eu entendo você estar me ignorando, mas saiba princesa, que se omiti isso

de você foi por respeitar a decisão do seu pai. Eu realmente acho que não devia ser eu a te contar, mas infelizmente ele não o fez no tempo certo. Também tive medo da sua reação. Vi como você ficou da outra vez. Majuzinha se eu pudesse eu arrancaria toda a dor do seu coração. Se eu tivesse o dom de transformar sua tristeza em alegria, eu não hesitaria em fazer, mas infelizmente, a única coisa que posso fazer é estar ao seu lado e eu ficarei para sempre se você me permitir. Eu devia ter contado a você, mesmo contrariando o seu pai, eu devia, mas errei, e ainda vou errar muito nessa vida, princesa, mas eu aprendo. Se tiver paciência e disposição para me ajudar, eu aprendo, eu juro, nunca mais vou te decepcionar, amor. Nunca mais. Mas por favor, não me deixa de fora da sua dor, partilha ela comigo, transfere um pouco do seu fardo pra mim que carrego sem vacilar. Por você Maju, eu vou até inferno, por favor, não duvide.

Te amo Majuzinha. Deixa eu cuidar de você?"

Enviei o áudio e larguei o celular. Respirei fundo e ao contrário do que eu imaginei, o sono veio rápido.

Tive vários sonhos estranhos com a minha princesa e eu me dava mal em todos eles. Acordei com uma luz mortífera na minha cara. Parecia que o sol estava dentro do meu quarto. De certa forma ele estava, alguém abriu as cortinas e escancarou a janela.

— Mas que por... — calei-me quando avistei a Angel de pé ao lado da minha cama.

— Hora de acordar belo adormecido.

— Desculpa novata, mas hoje eu estou a fim de hibernar neste quarto. Não me leve a mal, mas será que eu posso voltar a dormir?

— Não. Nem dormir e nem ficar aí curtindo fossa, vai levanta!

Ignorei e ela começou a puxar a minha coberta.

— Eu estou pelado, princesa.

— *Aff!* — resmungou soltando a coberta e sentando-se na cama. Sorri achando graça da cara vermelha dela.

— O Gabriel já me contou o que aconteceu.

— Fofoqueiro toda vida — bufei.

— Fofoqueiro nada, eu insisti e muito pra ele falar. Fiquei preocupada ontem por vocês terem saído daquele jeito, às pressas. Só que não deu pra ligar antes e hoje de manhã te liguei várias vezes e você não me atendeu. Liguei pra cá e nada, aí liguei para o Gabriel...

— E ele foi e fofocou.

— Para de desviar o assunto. Estou muito chateada com a Maju.

— Por que? — perguntei confuso.

— Por ela estar te crucificando, *oras!* Ninguém destrata meu amigo. Aquela garota comeu cocô, é louca por acaso?

— Angel, estou ficando com medo de você. Você nunca falou assim.

Ela sorriu.

— Só acho que ela está sendo injusta. Essa menina devia levantar as mãos para o céu de ter você do lado dela, isso não é para qualquer uma, não poxa.

Sorri e foi a minha vez de ficar sem graça, mas só para deixar registrado, elogios vindos daquela garota significavam muito para mim.

Sentei-me ao lado dela com cuidado para não mostrar demais. Peguei a coberta e tentei cobrir o que deu. Ela olhou para a minha cueca e revirou os olhos.

— Acho que o Kay me socaria se me visse assim perto de você. — brinquei e ela concordou sorrindo. Segurei a mão dela e a encarei — Prima, eu agradeço de coração por você ter vindo aqui e enchido a minha bola, mas eu tive minha parcela de culpa...

— Não vim encher sua bola — ela me interrompeu. — Tudo o que eu disse é a mais pura verdade e você não teve parcela nenhuma de culpa, nenhuma. Na verdade, ninguém tem culpa e está na hora de a Maju crescer e enfrentar os demônios dela. Ela ainda tem a opção de enfrentá-los com você, então, ainda está no lucro. — minha amiga se levantou de repente e me encarou. — Na verdade, está na hora de alguém dizer isso a ela.

— O que você vai fazer?

— Vou falar com ela.

— Angel...

— Fica frio, primo — piscou e saiu sem me dar a chance de impedi-la.

Caralho. Nada é tão ruim que não possa piorar.

Peguei meu celular e nem acreditei quando vi uma mensagem de voz da minha princesa. Respirei fundo, já com o coração acelerado e cliquei para ouvir.

Rafa, eu estou segura, arrasada, porém. Estou com mil coisas na cabeça — dava para ouvir as fungadas — por favor, me dê um tempo para colocar minha cabeça em ordem. É só o que te peço, príncipe. Eu sei exatamente para onde correr caso as coisas fiquem feias, mas agora eu prefiro passar por isso sozinha, por favor respeite.

Foi só, nem um eu te amo, nem um fica bem. A mensagem deveria ter me deixado um pouco aliviado, pelo menos ela havia respondido, mas não foi o que aconteceu.

Capítulo 70 – Ela Me Abandonou!



Maju

O sol já estava se pondo quando me levantei e sacudi a areia da praia que havia ficado na minha roupa. Tinha passado o dia perambulando pelos cantos para não ter que ficar em casa.

Minha mente estava uma bagunça. Meu coração então coitadinho, estava arriado e no meio daquela confusão toda que estava acontecendo na minha vida, haviam duas crianças.

Eu não queria pensar nelas, não queria mesmo, mas eu começava a me solidarizar com uma dor que elas ainda não conheciam, mas que conheceriam e a sentiriam em breve. A dor da ausência da mãe. Embora os motivos fossem outros, a dor da perda é sempre a mesma.

— Não é da sua conta, Maju! — ralhei comigo mesma em voz alta.

Observei o sol se pôr gloriosamente e segui a passos lentos para casa. Apesar de os meus pais estarem respeitando meu tempo, ia chegar o momento de conversarmos e ainda tinha o Rafa.

Não sei quantas vezes ouvi sua mensagem. Toda vez que eu pensava que iria fraquejar, sua voz mansa, rouca e baixa me dizendo todas aquelas palavras de conforto me acalmava.

Eu tinha sido muito severa com ele, mas ele havia perfurado nossa bolha perfeita me escondendo uma coisa tão importante. Logo ele? O cara mais sincero, mais verdadeiro que já conheci?

Um carro que estava saindo do estacionamento do nosso prédio buzinou chamando a minha atenção. Estava tão absorta em pensamentos que não o vi.

— Quer ser atropelada, é? — o idiota ainda gritou.

— E se eu quiser? Não é da sua conta! — gritei de volta.

Passei pelo porteiro que me olhou de soslaio provavelmente me achando louca e segui para o elevador. Meu coração disparou quando me vi encarando o canto da parede de ferro em que o Rafa havia me encurralado. Tudo naquele lugar me lembrava da gente.

Sacudi a cabeça desolada. Eu precisava falar com ele, mas a falta de coragem não me deixava. Ainda estava muito brava e muito confusa com toda a merda que estava acontecendo na minha vida. Não queria ninguém me dizendo o que fazer, nem mesmo ele.

Entrei em casa e dei de cara com a Angel.

Era só o que me faltava.

— Filha, onde você estava? Te liguei várias vezes pra falar que você tinha visita. — se eu soubesse teria atendido, assim teria evitado o encontro.

— Eu estava na praia. Oi Angel — cumprimentei-a.

— Como vai, Maju?

— Bem — respondi secamente.

— Bom eu vou precisar sair, Angel fique à vontade — minha mãe piscou para ela e se retirou.

— Olha se for sobre o Rafa...

— Também é sobre ele e eu só saio daqui depois que te falar tudo o que você precisa ouvir.

Ergui a sobrancelha surpresa. Não gostei do tom de voz, mas eu não a mandaria embora, mesmo que a vontade fosse grande então, apenas apontei para o sofá para que ela se sentasse e me sentei também.

— Maju, eu não vou te dizer que imagino pelo que você esteja passando, por que eu realmente não sei. Não sei o que é ser abandonada pequena pela mãe. Também não sei como deve ser difícil saber que sua mãe voltou só agora no fim da vida, e de quebra com duas crianças. Não vim te

dar conselho de como você deve prosseguir, porque isso só diz respeito a você, mas preciso te dizer que afastar aquele cara num momento tão difícil pra você como este — ela apontou para o apartamento da frente — É a maior burrada da sua vida.

— Olha, Angel...

— Me deixa terminar, por favor. Depois você pode me xingar de intrometida e me expulsar da sua casa — suspirei e assenti — Não vou encher a bola do Rafa dizendo o quanto ele é incrível e o quanto você tem sorte por tê-lo ao seu lado, porque você melhor do que ninguém sabe disso. Eu vou te dizer o quanto você fez bem a ele. O quanto ter te conhecido fez diferença na vida dele. Existe o Rafa de antes e existe o Rafa de depois de você Maju, e ele se orgulha demais desse último. Esse Rafa que descobriu que amar uma garota não é o bicho de sete cabeças que ele pensava. Esse Rafa que descobriu que se comprometer e ser fiel a quem amamos não supera as várias fodas aleatórias que ele poderia ter na vida. Isso tudo é graças a você. Você o transformou no homem maravilhoso que ele sempre foi, mas não se dava conta e agora ele está do outro lado dessas paredes sofrendo por não poder fazer por você, o que você já fez por ele...

— Isso não é verdade — murmurei já em prantos. Suas palavras me atingiram em cheio — Ele já fez mais por mim do que pode imaginar ele... Ele é tudo pra mim...

— Então por que ele está do outro lado e não aqui com você? — ela perguntou se aproximando e segurando minhas mãos.

— Porque... porque ele me escondeu essa merda toda! — levantei-me e comecei a caminhar de um lado para o outro — Ele poderia ter me preparado para o que estava vindo Angel, mas ele preferiu deixar isso tudo virar uma bola de neve.

— Você está agindo como se ele fosse o culpado. Ele não tem culpa. Não desconte nele sua revolta, Maju! Desconte sua raiva nas pessoas que realmente tem a ver com isso se isso for te fazer bem, mas afastar o Rafa não vai melhorar as coisas, acredite. Escuta — Angel se aproximou cautelosamente — Você tem todo o direito de estar com raiva do mundo, mas não vai adiantar nada ficar aí se enchendo de mágoa no peito.

— Ela me abandonou! Me abandonou! Eu era apenas uma criança!

Uma... criança... — gritei tão alto que com certeza o andar inteiro ouviu. Senti os braços da Angelina me envolverem e não tive forças para impedi-la, ao contrário, me agarrei a ela como se minha vida dependesse daquilo.

— Poe pra fora querida. Chora. Você não tem que ser forte o tempo todo. — disse afagando os meus cabelos e a cada palavra que saía da sua boca, mas eu chorava compulsivamente.

Chorei tudo o que eu não mais havia chorado, depois de prometer para mim mesma, em uma noite fria de inverno, sentada na minha cama no orfanato, que não choraria nunca mais. Lembrei-me dos momentos sofridos após o abandono, eu estava brincando de bonecas no quintal da casa da vovó quando vi minha mãe sair apressada com uma mala nas mãos e entrar em um carro, mesmo com todos os protestos da minha avó.

Quando ela me acordou naquele dia dizendo que iríamos visitar a vovó, eu jamais poderia adivinhar que ela estava me levando até lá para me abandonar. E quando eu já estava me acostumando a morar com vovó ela faleceu, meses depois. Eu estava em casa, mas era apenas uma criança e não me dei conta de que ela estava enfartando.

Lembrei-me do velório, do enterro, de não estar entendendo muito bem o que estava acontecendo, mas com a certeza de que estaria sozinha daquele momento em diante.

— Não sei se consigo perdoá-la — disse depois de quase dez minutos chorando copiosamente e molhando toda a blusa da garota. Afastei-me sem graça e nos sentamos novamente.

— Você não tem que perdoar se o seu coração não está pedindo isso, ou perdoar só porque outras pessoas esperam isso de você. Se for perdoar Maju, que seja por você — concordei satisfeita por ser compreendida e não julgada — Sabe, meu pai também me abandonou quando eu era bem mais nova. Ele nos deixou para ir viver com uma outra mulher. Foi difícil. Mamãe quase se definhou diante dos meus olhos e eu ao invés de ser forte por ela, fiquei rebelde e cheguei a me envolver com drogas. Fui presa e tudo. Me arrependendo amargamente disso, eu devia ter sido mais forte pela minha mãe. Depois de um tempo, papai voltou, mamãe o perdoou e voltou a ser a mulher e a mãe maravilhosa que sempre foi e mesmo com toda a mágoa que eu carregava comigo por termos sido abandonadas, ao vê-la feliz novamente

também o perdoei.

— Nossa! — foi o que consegui dizer.

— Pois é, mas perdoei porque embora ele tenha nos abandonado, não dava para negar que tudo melhorou quando ele voltou. Não foi porque mamãe queria que eu o perdoasse, foi porque meu coração me permitiu perdoar, e acredite foi a melhor coisa que eu fiz. Eles estão juntos até hoje. Você os viu no casamento, não viu? — assenti — Maju o Rafa ainda tem muito o que aprender, vocês dois tem e só com a convivência vocês vão conseguir moldar um ao outro. O mais importante vocês dois já tem, o amor. O resto só com muita paciência e perseverança.

— Eu o amo muito — disse fungando.

— Eu sei e ele também te ama. É louco por você, então pelo amor de Deus eu te imploro, para de fazer meu amigo sofrer. Ele está um caco, parece uma garrafa de vodka ambulante.

Sorrimos juntas, mas meu coração se apertou ao imaginar meu lindo sem noção todo desolado e bêbado por minha causa.

— Eu sou uma idiota.

— Não é não. O Rafa não teria se apaixonado por você se você não fosse menos que incrível.

— Obrigada por tudo Angel — agradei um pouco constrangida — Obrigada por ter vindo até aqui e me dito umas boas verdades, eu realmente estava precisando.

— Precisando só chamar. Antes que eu me esqueça. Ontem lá na fazenda eu e o Kay queríamos fazer uma surpresa e revelar a todos a novidade, mas por vocês terem saído de repente e sem o Rafa junto eu não ia contar, então adiamos, mas estou grávida — ela disse com os olhos cheios de lágrimas.

— Nossa parabéns — foi rápido, ela havia se consultado com a minha mãe a pouco tempo. Fiquei feliz por eles — Me desculpe ter atrapalhado um momento tão especial...

— Não se desculpe por isso, querida. Apenas peça ao meu amigo para me ligar quando estiver com ele que eu dou a notícia com a mesma empolgação de que se fosse na fazenda com todos reunidos — balancei a

cabeça concordando — Mas só faça isso quando vocês tiverem se acertado definitivamente. Quero que ele esteja cem por cento feliz para ficar cem por cento feliz por mim.

— Pode deixar.

— Bom eu já vou indo — Angel disse se levantando.

A acompanhei até a porta e ela me abraçou novamente, aceitei de bom grado o gesto e retribui.

— Obrigada de verdade — disse com sinceridade.

— Não por isso Maju. Fique firme. Está ruim agora, mas as coisas sempre melhoram se tivermos fé e principalmente se tivermos com quem contar. Você pode contar comigo, mesmo tendo o cara mais incrível do mundo ao seu lado.

— Agora eu sei porque o Rafa te ama. Saiba que você acaba de ganhar uma amiga. Pra toda vida.

— Eu sei.

Quando fechei a porta cogitei a possibilidade de abri-la novamente e bater na porta da frente, mas desisti. Eu ainda precisava colocar meus pensamentos em ordem antes de falar com ele.

Uma coisa era certa, eu não sabia se conseguiria e se queria perdoar minha mãe biológica, mas eu começava a cogitar a ideia de pelo menos dar a ela a chance de se explicar.

A visita da Angel tinha me ajudado a ponderar as coisas. Que garota incrível, forte e determinada. Ela também tinha passado pelo abandono e estava ali, forte e destemida e eu a invejei naquele momento.

Quando meus pais chegaram fui até eles e finalmente me abri. Coloquei todos os meus sentimentos e emoções para fora. Chorei e eles choraram comigo e enquanto chorávamos ali abraçados, fui presenteada por um sentimento maravilhoso, o de gratidão. Agradei a Deus por ter me concedido aquela segunda chance, aos pais maravilhosos que Ele me deu. Pensei nas inúmeras crianças que não tiveram e que nunca teriam a oportunidade de ser feliz em um novo lar novamente como eu tive e orei por elas.

Já com meu coração mais leve, pedi licença aos meus pais e sai em direção à porta da frente. Toquei a campainha e esperei, mas ninguém veio

me atender. Insisti algumas vezes sem sucesso. Voltei para o meu apartamento desolada. Ele teria saído? Estava bêbado demais para abrir a porta? Não queria mais falar comigo? E se ele estivesse magoado e agora ele é quem estava me ignorando?

Senti o desespero tomar conta de mim. Peguei meu celular na intenção de ligar para ele, mas o medo de ele não me atender me acovardou. Decidi que o procuraria no dia seguinte. Eu ficaria plantada na porta do seu apartamento se fosse preciso, mas só sairia de lá quando nos acertássemos.



O dia amanheceu e eu fiquei com a sensação de que ainda era ontem por não ter conseguido pregar o olho. Minha cabeça estava a mil, meus pensamentos divididos entre minha mãe biológica e o Rafa, sem mencionar as crianças. E eu ainda precisava ir para a faculdade, portanto, tive que adiar o plano de ficar plantada na porta da frente.

— Vá para a faculdade, não vai adiantar nada você ficar plantada na porta dele, filha — minha mãe disse — Ele já deve ter saído.

— Tudo bem — concordei — Eu vou tentar estudar, hoje tem matéria de prova. As provas do último semestre já estavam se aproximando e eu prezava muito por tirar boas notas.

Fui para a faculdade e quando voltei para casa passava das seis. Antes se eu tivesse ficado em casa. Não consegui prestar atenção em uma frase sequer, que saiu das bocas dos professores, muito menos prestar atenção na matéria.

Preferi subir de escada já que o elevador estava demorando. Parei em frente ao apartamento do Rafa antes mesmo de ir para casa. Toquei a campainha e depois de alguns segundos o Gui atendeu.

— Oi Maju.

— Oi. O Rafa está?

— Ele ainda não chegou do estágio.

— Ah! — exclamei decepcionada.

Era estranho ele ainda não ter chegado. Agradei ao Gui e fui para casa. No meu quarto joguei minha bolsa e minha pasta na cama e decidida liguei

para ele. Chamou até cair na caixa postal. Respirei fundo e tentei novamente, nada.

Que você não esteja me ignorando, apenas que não esteja vendo!

Onde ele estava? Voltei ao apartamento dele e toquei a campainha novamente.

— Desculpe Gui, mas por acaso o Gabriel sabe onde eu posso encontrar o Rafa?

— Já tentou ligar para ele?

— Sim, mas ele não atende.

— Tá. Eu vou perguntar ao Gabriel, entra aí.

— Eu vou esperar aqui mesmo.

Ele assentiu e entrou voltando minutos depois com o celular na mão.

— O Rafa também não me atendeu. Liguei para o Gabriel, ele mencionou algo sobre ele ter ido a uma comemoração de aniversário de uma colega da empresa — Guilherme disse me encarando sem jeito — Ele deve ter ido mesmo só pra espairer, ele estava mal ontem...

— Eu sei. Eu o conheço. Será que o Gabriel sabe onde fica o lugar?

— Vou perguntar.

Depois que peguei o endereço corri para casa. Tomei um banho, me arrumei e uma hora depois, já estava parada no estacionamento de onde acontecia a tal comemoração de aniversário. Ao entrar no bar, percorri as mesas com o olhar e não o encontrei. Fui avistá-lo no bar, mas não estava sozinho. Uma loira que não tinha amor à vida estava com as mãos e a boca no meu namorado.

— Rafa!

— Majuzinha?!

Capítulo 71 – Eu Vou Sempre Estar Ao Seu Lado.



Rafa

— Cara, você não vai fazer uma desfeita dessa para a garota. A galera toda vai — meu colega de trabalho Rodolfo exclamou — A propósito você é lerdo assim mesmo ou é só disfarce? A Lavínia está a fim de você, não percebeu não?

Claro que percebi, afinal ela fez questão de não esconder.

— Mas eu não estou a fim e estou numa ressaca da porra. Tudo o que eu quero é chegar em casa e cair na cama.

Mentira, tudo o que eu mais queria era abraçar e beijar a minha marrentinha, mas ela não facilitava.

Depois da mensagem que ela me mandou, da conversa com a Angel eu só saí do quarto a noite para comer alguma coisa pois não dava mais para enganar a fome. Eu precisava me alimentar de algo que não fosse vodka ou uísque.

Depois do Guilherme insistir irritantemente – cara chato – aceitei ir com ele até o restaurante que meu irmão trabalhava. Só que assim que cheguei lá a única coisa que fiz foi beber novamente. Mesmo morrendo de vontade de ir atrás da minha Majuzinha e fazê-la me ouvir e convencê-la a me perdoar, me contive. Precisava respeitar o seu espaço como ela havia pedido. Nem quis saber o que ela e a Angel conversaram, ou poderia não resistir e bater na porta dela.

— Tudo bem, não precisa ficar estressado. Então vai pelo menos pra relaxar e curar essa sua dor de corno...

— Corno é o caralho! — esbravejei.

— Foi mal, Rafa — o idiota disse rindo — É que o pessoal está dizendo que você está nessa *deprê* toda por causa de mulher.

Fala sério, já estava rolando fofoca com meu nome?

Ignorei o babaca e voltei para a minha mesa. Meu telefone tocou e meu coração disparou, mas não era minha princesa, era o Gabriel.

— Fala aí *pinguço* — pelo visto todo mundo havia tirado o dia para tirar onda com a minha cara.

— *Tá* todo engraçadinho assim porque *tá* longe, não é *mané*? Fala isso perto de mim — ouvi sua gargalhada.

— Relaxa. Estou ligando mesmo pra saber como você está?

— Mal. De Ressaca — resmunguei.

— Também não é, Rafa? Você precisa parar de beber desse jeito.

— Ok pai.

— É sério, Rafa...

— Gabriel você não serve de exemplo pra ninguém, valeu?

— Desisto *man*. E aí, notícias da Maju? — só em ouvir o nome dela meu coração já dava um solavanco. Merda.

— Não.

— Não vai procurá-la?

— Cara eu não sei, quer dizer... Vou, mas... Eu estou tentando respeitar o tempo dela.

— Faz isso, *brother*. Enquanto vocês não se acertam, que tal sair com seu irmão aqui? Vai rolar festinha lá no *apê* do Gustavo.

— Não sei Gabriel, tem *happy hour* da empresa também. É aniversário da filha do chefe, não estou a fim de ir, mas...

— Faz uma social lá e parte depois pra casa do Guga.

— *Tá* maluco?! É muito contramão. A menina vai comemorar o aniversário naquele bar que a Mari canta.

— Bom, vê aí. Se você não for nesse aniversário, aparece lá no Guga.

— Valeu meu camarada.

Na *deprê* que eu estava, era fato que eu não iria a nenhum daqueles lugares. Pra que eu iria? Só se fosse para beber mais um pouco.

Bem isso era o que eu achava até meu chefe e pai da aniversariante — como quem não queria nada — vir falar comigo e digamos assim, “impor” minha presença na tal comemoração.

Moral da história? Fui intimado.



Deixei o pessoal na mesa e fui ao bar pedir algo mais forte. Definitivamente, cerveja não ia surtir o efeito que eu estava desejando.

— Me vê uma dose de uísque aí amigo — falei com o cara atrás do balcão.

Ele colocou o copo na minha frente e sorvi um gole generoso. Já estava arrependido de ter ido ao bar com o pessoal, mas eu precisava me distrair um pouco ou iria enlouquecer. Infelizmente, estava provado que eu enlouqueceria de qualquer modo.

Saquei meu celular do bolso e não acreditei quando vi duas chamadas perdidas da Maju. Meu coração disparou de tal forma que se eu abrisse a boca era capaz dele saltar para fora e cair em cima do balcão do bar.

Minha princesa me ligou e eu não vi. Caralho.

Respirei fundo antes de retornar, porém antes de discar eu desisti. Não ia ligar de dentro do bar, não ia pegar bem. Já estava me levantando para ir lá para fora quando a Lavínia sentou-se ao meu lado cruzando as pernas e dificultando a minha passagem. Olhei para suas pernas, mas não com a intenção que ela estava pensando. Pela sua cara de satisfação, com certeza estava pensando que eu estava admirando.

Putá merda.

— É impressão minha ou você estava saindo às escondidas?

— Preciso fazer uma ligação — expliquei, mas ela não se moveu.

— Senta aí e brinda comigo, depois você pode ir.

— É que é urgente — insisti.

— Poxa é meu aniversário, só um brinde, vai!

Porra de chantagem barata!

Sentei-me novamente e peguei meu corpo enquanto ela fazia o pedido dela.

— Quero o mesmo que ele — disse, e sorriu com malícia jogando todo seu charme.

Até que eu pegaria fácil a filha do patrão, se fosse há uns meses atrás. Pegaria e não hesitaria em dar o que ela estava querendo, mas isso foi antes daquela marrentinha entrar na minha vida. Depois dela, eu só queria ela e cara eu estava com uma saudade imensa da minha princesa, só de pensar doía.

Lavínia pegou seu copo e o ergueu na minha direção.

— Um brinde a você — falei.

Fizemos um brinde e eu sequei o copo enquanto ela me encarava descaradamente. Estava levemente embriagada. Embora ela já tivesse deixado claro seu interesse por mim outras vezes, nunca tinha investido forte, apenas sutilmente. Olhares, flertes, nunca passou disso e eu é claro, sempre ignorei me fazendo de desentendido.

— Não é uma vela... — ela disse olhando para o copo — Mas posso fazer um pedido?

Putá que Pariu.

— Depende do pedido, princesa — ela ignorou e se levantou parando entre as minhas pernas.

— Eu sei que você tem namorada, e você parece ser fiel, mas... — encarou meus lábios mordendo os dela.

— Não vai rolar — tirei gentilmente a mão dela do meu braços — Você tem razão, sou fiel.

Quem te viu, quem te vê Rafael Bastos. Espantando mulher?!

— Olha pra mim Rafa, vai dizer que não mexo contigo? Que não sente tesão por mim?

Seria muita grosseria dizer que no momento a única coisa que eu

sentia era impaciência?

— Escuta — segurei mãos espertas dela — Não é pessoal. Você é uma mulher linda, sexy, mas eu tenho namorada e eu a amo e a respeito. Se fosse alguns meses atrás eu não hesitaria — ainda enchi a bola dela — Mas acontece que sou fiel.

Ela fez bico e quando pensei que finalmente tinha entendido, a maluca enlaçou meu pescoço e simplesmente me beijou.

Aí fica difícil, não é? O cara quer ser direito, mas a mulherada não facilita!

Tive de empurrá-la e foi neste momento que a voz que eu havia ansiado por ouvir nos últimos dias ecoou nos meus ouvidos.

— Rafa?

Pronto, agora sim eu estava muito encrencado.

— Majuzinha?! — levantei-me tão depressa que quase derrubei a beijoqueira maluca.

Maju desviou o olhar do meu e praticamente metralhou a garota com aquele olhar de dar medo até em um viking. Vi a menina engolir em seco e se afastar um pouco preocupada se seria ou não agredida.

Minha princesa segurou minha mão e se dirigiu a ela — E você. Vai ciscar em outro terreiro porque esse aqui, já tem dona. Vem, Rafa.

— É por causa dessa maluca que você está me dispensando? — Lavínia disse com deboche.

— É — Maju respondeu por mim — E você tem toda razão, eu sou maluquinha, maluquinha. — não acreditei quando minha namorada pegou uma garrafinha de água que estava no balcão e despejou no cabelo escovado da garota.

— Sua maluca! — Lavínia gritou toda encharcada.

— Cadela! Vem Rafa.

Nem precisava insistir, me deixei ser puxado para fora do ambiente por uma namorada irada que muito provavelmente arrancaria meu fígado lá fora, mas ainda assim eu estava feliz pra caralho porque ela estava ali.

Assim que entramos no estacionamento do bar ela soltou na minha mão

e virou-se para mim.

— Maju eu...

— Não Rafa... — ela me interrompeu — Não precisa se explicar.

— Mas o que você viu lá dentro...

— Não é o que eu estou pensando?

— Bom, eu não sei o que você está pensando, mas...

— Eu não estou pensando nada porque eu vi tudo o que aconteceu. Vi aquela vadia loira se atirar em cima de você — suspirou e abaixou a cabeça. Quando levantou o olhar novamente seus olhos estavam marejados.

— Me perdoa, Maju.

— Não Rafa, para! — esbravejou assustando a mim e a quem passava por nós. — Para de me pedir perdão. Sou eu quem tem que pedir pra que me perdoe.

Eu estava ouvindo direito?

— Maju...

— Por favor, Rafa fica calado e me deixa falar.

Engoli em seco e assenti. Minha princesa se aproximou e me encarou tristonha.

— Fui uma idiota. Sou uma idiota. Não devia ter descontado em você que só estava querendo me poupar. Fui egoísta, burra, mimada...

— Agora para você — respirei fundo e me aproximei com cautela — Jamais deveria ter ocultado a história, é a sua vida. Amor, você tem todo o direito de estar puta da vida comigo, com seus pais, com essa mãe biológica, com a porra toda...

— Não com você que só tem me feito bem desde que entrou na minha vida. Não com você que me socorreu quando mais precisei. Não consigo me perdoar por ter sido tão megera com você, Rafa e-eu... — ela começou a chorar — Seria bem feito para mim se você tivesse ficado com aquela mulher, era... Era o que eu merecia por ter o afastado de mim. Por favor, me perdoa.

Aproximei-me e ergui seu queixo para que me encarasse.

— Eu te amo, garota. Coloca isso na sua cabeça de uma vez por todas.

Jamais ficaria com ela, ou com qualquer outra se é você quem mora aqui — peguei a mão dela e a coloquei sobre meu coração — Independente de estarmos bem ou não. — agora ela soluçava — Nem sempre vamos ser *só flores*, princesa. Vamos brigar, vamos discordar, mas em todos esses desafios que ainda vão surgir, vamos estar juntos, resolver juntos e nos acertarmos, porque nos amamos e nos respeitamos. Nós vamos envelhecer juntinhos em um sítio lá nas Minas Gerais, você entende isso?

— S-sim — sorri colocando uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha.

— Eu vou sempre estar ao seu lado, princesa. Do seu lado, debaixo, em cima de você, onde você me quiser, combinado?

— Combinado.

— Ótimo! Agora pelo amor de Deus, me deixa te beijar que estou morto de saudade.

Ela assentiu e jogou os braços sobre os meus ombros colando seus lábios aos meus.

A sensação de alívio que senti ao tê-la em meus braços novamente vai ficar para sempre gravada na minha mente, na minha alma. Como eu amava aquela marrentinha.

Era sinistra a dependência que eu tinha dela.

Nós separamos ofegantes e a abracei cheio de saudade. Beijei-a novamente e me certifiquei de que nenhuma parte do seu lindo rosto ficasse sem ser beijado. Ela sorria enquanto eu beijava seu nariz, suas bochechas, sua testa. Disse o quanto me amava e o quanto era louca por mim.

— Não faz mais isso, Maju. Da próxima vez eu morro mesmo e aí você vai ficar sem o Rafinha aqui — ela caiu na risada.

— Eu morro junto.

— Promete pra mim que de hoje em diante você não vai mais me afastar mesmo que sua vontade seja de enfiar a minha cabeça na privada. Acredite se for para ficarmos de bem você pode fazer isso.

— Eu prometo. Nunca enfiaria essa cabeça linda na privada — bagunçou meus cabelos.

— Ótimo. Ouviu minha mensagem não ouviu?

NACIONAIS-ACHERON

— Umas mil vezes.

— Então você sabe. Menina eu vou ao inferno por você, não duvide disso mais, por favor.

— Não vou duvidar, eu prometo.

A puxei novamente e a beijei possessivamente. Eu precisava urgente tirá-la dali e me enterrar dentro dela pelo restante da noite e do dia seguinte ou eu enlouqueceria.

— Você está com seu carro?

— Não. Vim de carona com o pessoal do trabalho.

— Meu carro está logo ali — ela apontou para o Mini Cooper estacionado na última vaga — Está bem para dirigir?

— Sim — minha princesa destravou a portas e me entregou a chave.

Entramos no carro e antes de ligá-lo me virei na sua direção — Como sabia que eu estava aqui?

— Pedi ajuda ao Guilherme para te achar.

— Vou ter que agradecer o primo traíra. Ah e me desculpe pela Angel, sei que ela falou contigo. Olha eu não pedi e não consegui impedi-la.

— Tudo bem, ela me ajudou a perceber algumas coisas. Sou muito grata a sua amiga e ela te ama então isso pra mim basta. Aliás, acho que seremos grandes amigas.

Angelina Bastos e seu dom de encantar todo mundo que se aproxima dela.

— Eu fui até o seu apartamento ontem à noite, mas não tinha ninguém.

— O Guilherme conseguiu me arrastar a noite para o restaurante em que o Gabriel trabalha. Falando nisso, ele aceitou firmar sociedade comigo.

— Sabia que ele aceitaria.

— Obrigado — falei pegando uma de suas mãos e a beijando.

— Por que está me agradecendo?

— Por ser a melhor parte do meu dia.

— Ai Rafa, você não existe! — minha princesa pulou no meu colo. — Antes que eu me esqueça, está feliz o suficiente neste momento?

Não entendi a pergunta, mas respondi.

— Felicidade é meu nome do meio, mulher! — sorriu revirando os olhos. Caralho até disso eu senti falta.

— Então liga pra a sua amiga. Ela pediu para eu te avisar que queria falar contigo, mas que só falaria se você estivesse cem por cento feliz — fiquei confuso, mas obedeci e liguei para a Angelina.

— Fala novata.

— Rafa como você está? Já se entendeu com a Maju, certo?

— Você sabe que sim sua alcoviteira — brinquei.

— Alcoviteira não. Cupido, meu bem.

— Ok, meu cupido preferido, o que você manda?

— Tenho uma novidade. Já estou sabendo há alguns dias, mas queria que você soubesse quando estivesse bem, não se transformando em uma garrafa de vodca ambulante.

— *Ha ha ha* que engraçado. Desembucha logo.

— Estou grávida — caramba.

— *Caraleos!* Que maravilha! — enchi os olhos de lágrimas. *Pamonha* toda vida — Estou muito feliz por vocês. Que boa notícia. E o *manezão* do Kaiary? Está cuidando direitinho de você?

— Eu ouvi isso, idiota — ouvi a voz dele no fundo.

— Cuida bem do meu afilhado hein, *mano*?

— Quem te falou que você vai ser padrinho do meu filho?

— Eu sei que vou. Diz pra ele Angel.

— É ele vai.

— Coitada da criança com um padrinho maluco desse — Kay resmungou e eu caí na risada, sabia que era brincadeira.

— Bom, era isso amigo. Pode aproveitar sua Majuzinha agora.

— Agora. Partiu tirar o atraso.

— Ai Rafa — Angel disse ao mesmo tempo em que eu levei um tapa da Maju.

— Ué, não vai dizer não?

— Você quem pediu. Você é *podreeeeee*! — sorri.

— Beijo prima. — desliguei e encarei minha princesa — É sério Majuzinha. É muita saudade e muita porra acumulada.

— Meu Deus, Rafa.

— Estou dizendo, deve ter meio litro de porra. Está até pesado.

Ela arregalou os olhos perplexa e eu caí na risada, não tinha acostumado comigo ainda não?

— Falando sério agora. Como você está sobre o resto? — eu me referi a história da mãe. Não sabia se era uma boa hora para abordar o assunto, mas eu tinha que saber para poder ajudá-la.

— Decidi ir ao hospital.

Essa é minha garota.

— Decidiu perdoá-la?

— Decidi dar a ela a chance de se explicar.

— É mais que suficiente e mais do que podem exigir de você, amor — falei fazendo carinho na bochecha dela cheio de orgulho.

No fundo eu sabia que ela só precisava de um tempo para digerir tudo. A mulher da minha vida tinha um enorme coração. Não teria me ganho tão fácil se não tivesse.

— Quero que você vá até lá comigo.

— A hora que você quiser.

— Pode ser agora? — perguntou hesitante.

— Com certeza.

Mas ela não saiu do meu colo. Desabotoou os dois primeiros botões da minha camisa e me encarou com um olhar sexy pra caralho.

— Mas primeiro acho que posso resolver seu probleminha — disse apertando meu pau por cima da calça.

— Sabe, eu tenho uma fantasia.

— Ah é? Que fantasia? — perguntou animada.

— Te comer dentro desse seu carrinho de Patricinha — respondi levantando sua saia jeans.

— Acho que posso resolver isso também.

— Estou contando com isso.

Afastei o banco do carro e minha princesa sentou-se sobre, e de frente para mim. Abri o zíper da minha calça e com a sua ajuda consegui abaixá-la. Majuzinha me tirou para fora, só afastou a calcinha e me guiou para dentro dela.

Ela fez menção de se mover, mas segurei seus quadris por alguns instantes. Queria senti-la quente e receptiva.

— O melhor lugar do mundo — falei antes de começar estocar dentro dela.

Foram algumas investidas, alguns beijos ardentes e logo nós dois estávamos gozando juntinhos. Até porque era um local público, né?

— Eu te amo tanto, garota — declarei encarando aqueles olhos bicolores que me enfeitiçaram para sempre.

— Também te amo, seu sem noção mais lindo desse mundo!

Uma palavra para definir o momento?

Extraordinário.

Capítulo 72 (Final) – Você É Minha Prioridade ***Rafael Bastos.***



Maju

— Preparada? — Rafa perguntou assim que entramos na recepção do hospital.

Eu não tinha certeza se estava preparada. Provavelmente nunca estaria preparada para um momento como aquele, mas estava decidida, então apenas concordei com a cabeça.

— Você sabe qual é o quarto que ela está?

— Eu não sei.

— Vou ligar para o seu pai.

— Não acho uma boa ideia — meu lindo namorado me encarou com os olhos cheios de ternura e segurou minhas mãos. — Não esconda isso deles amor, permita que eles estejam ao seu lado neste momento. — sorri assentindo, pois eu faria o que ele me pedisse, principalmente me encarando daquele jeito.

— Tudo bem — beijei seus lábios de leve e me afastei. Sentei-me no enorme sofá da recepção e encarei ao redor.

Havia muitos rostos cansados e preocupados. Tive pena daquelas pessoas e me senti estranha. Eu deveria estar como elas, mas não saberia descrever o que eu estava sentindo, além de ansiedade e medo. Entretanto,

desejava que meu coração se enchesse de brandura no momento que eu a olhasse, e assim, que o peso da mágoa me deixasse.

— Vem princesa. Seus pais me deram o número do quarto e estão vindo pra cá — Rafa disse me tirando dos meus devaneios.

Seguimos por um amplo corredor até chegarmos aos elevadores. Subimos em silêncio, mas eu jurava que dava para ouvir as batidas do meu coração. Meu lindo namorado apertou minha mão e sorriu e embora eu estivesse com a cabeça a mil, só pude sorrir de volta agradecida por ele estar ali comigo.

A cada passo que eu dava, o medo me assombrava. Quase soltei a mão do Rafa e saí correndo no momento que paramos de frente o quarto.

— Você não tem que fazer isso — ele disse segurando meu rosto — A menos que você queira.

E foi então que eu chorei – pela primeira vez na frente dele – por causa da minha mãe. Rafa me acolheu em seus braços e ficou murmurando palavras carinhosas em meu ouvido ao mesmo tempo que fazia carinho nos meus cabelos. O abracei de volta com tanta força que eu sabia que poderia sufocá-lo daquele jeito, mas ele não reclamou. As pessoas passavam por nós reparando a cena, mas eu não me importava, eu o tinha ao meu lado e foi o que me deu forças para continuar. Quando o libertei dos meus braços, sacudi a cabeça positivamente — Estou pronta. — Rafa assentiu e abriu a porta.

— Eu vou estar bem aqui, princesa.

— Não. Você vai estar lá dentro ao meu lado, onde é o seu lugar.

Ele pegou a minha mão e me levou quarto adentro. Paramos de frente a cama da minha mãe. Uma enfermeira conferia sua pressão.

— Como ela está? — Rafa perguntou.

— Está muito debilitada e sentindo muita dor. São parentes da dona Regina? — ele me encarou e vendo que eu não responderia, falou por mim.

— Ela é a filha dela.

— Maria Júlia? — a enfermeira perguntou.

— Sim.

— Que bom que você veio, querida — a enfermeira disse com ternura

— Mas ela não pode se esforçar muito, tudo bem? Qualquer coisa é só chamar.

Quando ficamos sozinhos no quarto me enchi de uma coragem que até então me era desconhecida e me aproximei da cama. A imagem era de cortar o coração. Ela estava tão magrinha, tão envelhecida. Tinha apenas trinta e nove anos, mas aparentava ser uma idosa. A vida dura e a doença levaram toda a sua beleza. Minha mãe me encarou e apesar de não manifestar nenhuma emoção pude ver as lágrimas descenderem silenciosas por sua face. Então, como se em um passe de mágica, toda a mágoa, ressentimento que eu tinha daquela mulher - minha mãe - foram arrancadas do meu coração e no lugar desses sentimentos ruins, ficou só compaixão.

— Oi Regina — eu disse segurando sua mão tão frágil — Esse é o Rafa, meu namorado.

Rafa se aproximou e segurou também a mão dela.

— Me per.. me... — minha mãe começou a dizer. Aproximei-me dela e toquei sua testa.

— *Shiii*. Não fala nada. A senhora não pode se esforçar — foi quando me vi abaixando próxima ao seu ouvido e dizendo: — Eu te perdoo.

Minha mãe sorriu apertando minha mão e uma paz absurda tomou conta de mim. Ela apontou para uma bolsa em cima do armário.

— Por... favor, pegue para mim.

— Eu pego — Rafa foi até o armário e pegou a bolsa.

— Abra...

Ele abriu a bolsa e retirou de lá um ursinho de pelúcia gasto que eu reconheci na hora. Era meu, o meu brinquedo preferido. Peguei o ursinho e o abracei o encharcando com minhas lágrimas.

— Não teve um dia Maria Júlia que eu... Eu deixei de pensar em você... — disse com dificuldade.

— Não diga nada, não precisa. Durante muito tempo guardei mágoa por você ter me abandonado, mas mãe, cheguei à conclusão de que não faz diferença. Você, embora de um jeito torto, me permitiu ter pais maravilhosos e uma vida plena e feliz. Hoje eu acredito que as coisas aconteceram exatamente como tinham que acontecer — disse essa última parte olhando

para o grande amor da minha vida que me encarava de volta cheio de orgulho.

Maju você está exatamente onde deveria.

— Você me chamou de m-mãe eu... Eu nem mereço, mas agora posso morrer em paz.

— Não diga isso.

— Encontrei isso também — Rafa disse me entregando uma fotografia amassada.

Na foto estavam eu, minha mãe e minha avó sentadas em um banquinho debaixo de uma mangueira. Aquele era meu lugar preferido na casa da vovó. Lembranças felizes me invadiram instante que olhei para aquela imagem. Lágrimas encharcaram minha visão. Senti os braços do meu lindo namorado sobre meus ombros e respirei em paz comigo mesma.

— Você era uma garotinha linda — ele disse beijando meu rosto.

— Sim — minha mãe respondeu — Era a minha menininha de olhos bicolor... — ela não conseguiu completar a frase pois começou a tossir ao mesmo tempo que um aparelho começou a apitar.

— O que está acontecendo, Rafa? — perguntei desesperada.

— Eu não sei — ele se aproximou da minha mãe — Dona Regina?

Duas enfermeiras entraram rapidamente e enquanto uma conferia o estado da minha mãe a outra nos tirou do quarto.

— Vocês precisam sair agora.

— Ela estava bem, ela estava bem! — eu repetia enquanto era levada pelo Rafa.

— Vai ficar tudo bem, amor. Deixa os médicos fazerem o trabalho deles — ele tentava me confortar, mas nós dois sabíamos que aquilo não era verdade — Vem vamos procurar água pra você beber.

Deixei-me mais uma vez ser levada por ele e, olhando uma última vez para a porta do quarto soube que não estava e que não ficaria nada bem.

Meus pais chegaram um tempo depois e nos encontraram sentados na recepção. Meu pai me deu um abraço rápido e foi a procura de informações. Minha mãe se sentou ao meu lado e me abraçou. Não fez perguntas, o que era

bom.

Rafa sentou do outro lado e me entregou o ursinho no qual eu o agarrei como se dependesse dele para viver.

— O que é isso? — mamãe perguntou apontando para a foto amassada em minha mão.

— Uma lembrança da minha infância — ela pegou a foto e sorriu.

— Como você era lindinha! — disse beijando o topo da minha cabeça.

Um tempo depois, quando eu já começava a cochilar nos braços da dona Pauline meu pai retornou com a notícia um tanto óbvia para mim. Minha mãe biológica havia morrido.

Recebi os pêsames e os abraços do meu pai, da minha mãe e do Rafa e os retribui de forma mecânica.

Minha mãe estava morta.

Ela havia resistido todo aquele tempo esperando por mim e *quase* que por um egoísmo besta, ela se vai sem o meu perdão. Doía saber da sua morte, mas eu senti uma espécie de alívio, por ter dado tempo de perdoá-la, então chorei minha perda, mas de coração leve.

Eu não fui ao enterro e meus pais entenderam. Aleguei não querer ter a última lembrança dela dentro de um caixão e era verdade. Eu queria me lembrar dela com aquele sorriso de alívio ao ouvir que eu a perdoava, e queria me lembrar dela linda e cheia de vida como, quando eu era criança.



Rafa

— É aqui — falei quando parei o carro na entradinha da comunidade em Guaratiba na zona oeste do Rio — Vamos ter que acabar de chegar a pé.

Minha princesa olhou para fora com receio.

— É seguro?

— Sim. Fica tranquila. Vamos?

Descemos do carro e subimos uma escadinha estreita. Maju apertou a minha mão cismada com o local, mas eu já havia me certificado de que era

um lugar tranquilo e pacífico. Apesar de ser uma comunidade, ali viviam muitas pessoas de bem.

— É aqui — informei quando paramos de frente para uma cerquinha baixa de madeira meio apodrecida.

Bati palmas e uma mulher de aparentemente uns cinquenta anos veio nos receber.

— Dona Conceição? — perguntei.

— Sim, sou eu.

— Eu sou o Rafa e essa aqui é a Maju.

— Ah sim! Que bom que vocês vieram, entrem por favor, não reparem a bagunça.

Bagunça seria eufemismo, eu diria estado de calamidade. Aquela pobre mulher vivia muito mal em uma casa de um quarto, cozinha e banheiro junto com duas crianças que não eram suas. Pelo pouco que conversamos ao telefone, ela me contou que estava cuidando das crianças desde que a mãe da Maju foi internada.

Podem sentar aqui — dona Conceição disse tirando uma pilha de roupas de cima do único sofá que tinha na sala — Eu trabalho como passadeira para sobreviver.

Maju afrouxou o aperto das nossas mãos e sentou-se ao meu lado. Ela me encarou e sorri tranquilizando-a. Estávamos ali, duas semanas após a morte da sua mãe para conhecer seus irmãos e eu, com fé em Deus e na minha princesa, leva-los dali.

— Onde eles estão? — Maju já foi logo perguntando.

— Ah sim, eu vou chamá-los.

A senhora saiu da casa e um silêncio absurdo a invadiu. Maju olhava tudo, provavelmente chocada com a situação em que seus irmãos se encontravam.

— Eles não podem continuar aqui, Rafa. — eu como o *pamonha* que estava me tornando — no bom sentido é claro — não pude deixar de me emocionar.

Lembram da fé que mencionei que eu tinha nela?

— Vamos tirá-los daqui — a tranquilizei.

Pouco minutos depois, dona Conceição voltou com as crianças que nos encararam com receio e curiosidade.

— Tia quem são essas pessoas? — o garotinho de aproximadamente cinco anos perguntou.

— Conheço ela — a garota que aparentava ter uns dez anos apontou para a Maju.

Maju assentiu e se levantou. Caminhou até a garota e se abaixou ficando de joelhos na frente dela. Minha princesa segurou a mão da irmã e com os olhos marejados tocou a bochecha dela.

— Sou sua irmã, princesa.

Aquela sem sombra de dúvidas foi a cena mais linda que eu já vi na minha vida. As duas se abraçaram e choraram selando um novo começo, virando uma página, escrevendo uma nova história. O garotinho mesmo sem entender direito o que estava acontecendo juntou-se as irmãs no abraço. Não teve um que não chorou naquela sala. Estava bem ali estampado na minha cara, o motivo de eu ter caído de amores por ela. Seu imenso coração.

— Eles vão com a gente — Maju falou para a mulher depois de um tempo sentada no chão conversando com os irmãos.

— Eu fico muito feliz minha filha. Eu adoro essas crianças, mas não tenho condições de ficar com elas e acho que nem poderia. Não tenho parentesco com elas. Meu marido faleceu e desde então eu luto sozinha pra sobreviver. Sua mãe às vezes me ajudava quando podia, mas as coisas pra ela também não eram fáceis.

— Ela também morava aqui?

— Sim, no barraco aqui de frente. A Regina sempre teve uma vida muito sofrida. Foi abandonada pelo pai das crianças quando Benício tinha apenas meses e mesmo antes daquele desgraçado ir embora, a pobre sofria. Vivia cheia de hematomas, ou com um braço quebrado, mas ela não reclamava, dizia que merecia tudo aquilo, por ter sido tão fraca e abandonado você. Olha minha filha — a senhora segurou na mão da minha princesa — Eu sei que nada justifica sua mãe ter abandonado a própria filha por causa de um homem, mas saiba que mesmo depois de arrependida o que foi logo depois,

ela não se sentia digna de procurá-la. E pra que também? Pra levá-la para aquele inferno em que ela vivia?

— Eu já superei isso.

— Que bom. Mostra que você tem um bom coração. Se serve de consolo, sua mãe nunca desistiu de encontrá-la e depois que ela te achou, depois de saber que você estava sendo bem cuidada por uma família rica, de certa forma diminuiu um pouco a culpa e ela conseguiu ter um pouco de paz. Só que quando ela ficou doente, sabendo o fim que a esperava, decidiu depois que eu e uma outra amiga daqui da rua a convencemos a procurar você, pelas crianças. Olha só para este lugar. Aqui não é lugar para uma criança sonhar seus sonhos.

— Quer dizer que quando ela apareceu lá em casa, já sabia onde eu estava bem antes?

— Sim, minha filha. Ela só a procurou por eles, não por ela. Dizia que não merecia. Mesmo pelas crianças ela ainda tinha muito receio de ir até você. Não achava certo jogar no seu colo a responsabilidade, mas a convencemos. Não a jogar a responsabilidade em cima de você, pois essa responsabilidade não é sua, mas a convencemos a contar a você sobre as crianças porque qualquer ajuda seria bem-vinda. Meu coração me dizia que os meninos não ficariam desamparados.

— Não vão ficar — Maju disse indo até as crianças.

— Bom então, acho que vamos levá-las. — falei me aproximando da senhora.

— Fico muito feliz, essas crianças merecem. A vida já lhes foi sofrida demais.

— Obrigado por ter cuidado delas — disse pegando algumas notas na carteira — Eu gostaria de ajudá-la, por favor não se ofenda.

— É muita bondade meu rapaz, mas não quero dinheiro algum. Apenas que eles fiquem bem.

— Mas cuidar delas gerou despesas — peguei o dinheiro e coloquei na mão dela — Por favor, aceite.

— Aceite dona Conceição, é o mínimo que posso fazer — Maju disse juntando-se a nós. — Conversei com eles e expliquei que ficar comigo é a

melhor opção, pois somos uma família, não é crianças?

As crianças responderam em uníssono abraçando a cintura da irmã.

E foi assim que saímos da casa da dona Conceição com duas crianças carregando meia dúzia de roupas na mochila e seus documentos, afinal precisávamos comprovar judicialmente que a Maju era a única parente viva delas. As acomodamos no banco de trás do carro devidamente presas ao cinto. Liguei o carro e as encarei pelo retrovisor.

— Prontas crianças?

— Prontas!

— Prontas!

— A propósito, eu sou o Rafa — virei-me para trás e apertei a mão de ambos.

— Eu sou a Malu.

— Prazer Malu.

— Eu sou o Benício — garotinho respondeu todo tímido. Fiz um cumprimento de macho com ele para quebrar o clima.

Liguei o carro e antes de partimos senti a mão da minha princesa na minha.

— Obrigada — disse enxugando uma lágrima.

— Eu é que tenho que te agradecer, princesa.

— Você? Por que? — perguntou confusa.

— Por você ser a melhor parte do meu dia — Maju sorriu e beijou nossas mãos unidas — Você é foda!

— Rafa! — Maju me recriminou tapando meus lábios — Você agora vai ter que controlar essa sua boca suja.

— É sério? — pisquei com a cara lerda para ela que se aproximou do meu ouvido e sussurrou.

— Não, só na frente delas — sorri assentindo.

— Partiu?

— Partiu — os três responderam animados.



Quando chegamos ao apartamento da Maju com as crianças naquela tarde, seus pais nos encararam surpresos demais para demonstrarem qualquer outra reação.

— Eu sei — Maju disse encarando a mãe — Mas eu não pensei em mais nada, só em trazê-los comigo.

Dona Paulina sacudiu a cabeça ainda perplexa, mas sorriu.

— Tudo bem, minha filha, a gente vai dar um jeito.

Maju abraçou a mãe e depois o pai, em seguida se aproximou das crianças: — Prometo a vocês que as coisas vão ser melhores daqui pra frente, sabe por que? Porque nós três estaremos juntos.

— Mamãe sempre dizia que um anjo de olhos bicolores ainda iria nos ajudar — a garotinha disse se agarrando a Maju — Ela estava certa.

Maju beijou o rosto da irmã e pediu a dona Pauline para mostrar-lhes o quarto. Peguei-a pela mão e a puxei para o corredor.

— Me diz que tudo vai se ajeitar, Rafa.

— Tudo vai se ajeitar, princesa — respondi colando-a na parede e atacando seus lábios.

— Estou com um puta orgulho de você. Se eu morresse agora eu morreria feliz, mas antes eu mandaria escrever na minha lápide. *“Aqui jaz Rafael Bastos. Amado filho, irmão querido, fiel amigo, foda pra caralho e namorado da garota mais incrível do mundo inteiro.”*

— Seria uma linda homenagem — ela disse revirando aqueles olhos que eu tanto amava — Mas eu prefiro você bem *vivo* e de pé. — minha princesa me deu uma boa secada e entendi o que ela quis dizer com “de pé”. Beijei seu pescoço e seu ombro.

— Eu sei que você acabou de trazer seus irmãos para casa, mas... Deixa eu ser sua prioridade, Maju?

— Você é minha prioridade, Rafael Bastos. Me leva logo para a sua cama.

PERIGOSAS

Fim.

NACIONAIS-ACHERON

Epílogo.



Meses Depois.

Maju

Finalmente tinha chegado o dia da formatura do meu lindo namorado e é claro do meu cunhado gato. Estávamos todos presentes na colação de grau. Meus pais e meus irmãos, os pais deles, os primos, a vó Henriqueta.

— Você está tão sexy nessa beca — falei baixinho no ouvido dele.

— Eu sei — revirei os olhos e ganhei um beijo estalado na bochecha — E você está muito gostosa nesse vestidinho curto.

— O que eu não faço por você — disse apontando para o vestido.

Eu tinha escolhido um modelo que em nada parecia comigo, mas eu queria agradar meu homem. Sabia o quanto ele gostava da minha cintura e optei por algo que a realçasse.

— Faz é me deixar maluco. Tô de pau duro na minha formatura!

— Fala baixo — murmurei morta de vergonha olhando para os lados para ver se alguém tinha ouvido. Por sorte todo mundo era acostumado com a língua solta dele que, se ouviram não ligaram.

— Mas é verdade, pô!

— Só que não precisa espalhar.

— Você bem que podia resolver meu problema, não é Majuzinha? —

ele piscou daquele jeito debochado só dele, e foi inevitável não sentir um calor no meio das pernas.

Rafa sendo Rafa e me deixando doida no processo.

— Quem sabe — pisquei de volta com malícia. E lá estava a outra parte de mim, aquela que aflorou desde que aquela intensidade toda em forma de homem havia entrado na minha vida.

— Sabia que você não ia me decepcionar — Rafa agarrou uma das minhas mãos e me puxou sei lá para onde.

Ouvimos os pais dele o chamarem de volta, pois a turma dele já ia entrar, mas ele nem ligou.

— Você é maluco! — exclamei quando entramos no banheiro masculino.

— Sou, por você! Eu te amo demais marrentinha. Você me deixa assim, safado — caí na risada — *Tá rindo por quê?*

— Eu te deixo safado, Rafa? Você já era bem safado antes de me conhecer.

— Tudo bem, concordo, mas você tem que concordar que elevou a minha safadeza a um nível extremo.

Gargalhei e fui silenciada com um beijo daqueles que me deixavam molinha, molinha. Acho que nunca irei me acostumar com esses beijos de derreter Maju, tomara que não.

— Não podemos fazer isso aqui, pode entrar alguém.

— Vem — Rafa abriu a portinha de um dos banheiros e me puxou para dentro. Era tão apertado que mal cabia nós dois.

— Eu acho que não vai dar muito certo, Rafa.

— Onde existir nós dois tudo vai dar certo, princesa — apoiou meu pé na tampa do vaso.

Na lona com essa declaração.

Seus lábios já estavam atacando os meus, suas mãos já estavam explorando minhas costas e seu corpo rijo já estava prensando o meu.

— Que beca quente do caralho! Se eu morrer aqui, não sei se vai ser de tesão ou de calor.

— E se você morrer agora o que vai mandar escrever na sua lápide?

— Você gosta, não é? Mas... nem pensar em morrer agora mulher. Levanta logo esse vestido aí — antes que eu pudesse fazer o que ele me pediu ouvimos alguém chamar o nome dele.

— Que porra! Fica caladinha amor.

— Eu sei que você está aí, Rafa. Estou vendo um pedaço da sua beca e ah... O sapato da Maju.

Racha a cara de vergonha, Maju.

— Se vocês não vierem comigo, quem vai vir aqui buscá-los será a tia Suellen e você não vai querer isso não é, Rafa?

— É melhor sairmos. Não queremos irritar a dona Suellen — Rafa disse com um sorriso divertido, mas eu estava morta de vergonha.

Sáímos do banheiro e o coitado do Guilherme quase foi morto pelo olhar mortal do meu lindo e frustrado namorado.

Quando chegamos ao local da cerimônia o último colega de curso do Rafa terminava de passar pelo tapete vermelho.

— Já chamaram seu nome, maluco! — sua mãe ralhou com cara de poucos amigos.

— Foda-se dona Suellen, sem o Rafa aqui essa porra não começa.

— Vai logo menino! — minha sogra disse com dificuldade. Ela não parecia bem.

— Está tudo bem, mãe? — Rafa perguntou preocupado.

— Estou bem, vai logo vai — ela o empurrou e ele simplesmente seguiu pelo tapete vermelho distribuindo sorrisos fáceis e acenando com o capelo.

Rafa literalmente sendo, Rafa.

Depois que ele se sentou ao lado dos colegas de curso e a cerimônia deu início, voltei minha atenção a dona Suellen que tentava ao máximo disfarçar seu desconforto.

— A senhora está bem mesmo?

— Pelo amor de Deus Maju, me chame de você, Suellen, mas senhora não. Me faz parecer ainda mais velha.

— A senhora, quer dizer, você não é velha. Queria eu chegar aos quarenta toda bonitona assim — elogiei-a com sinceridade.

Era verdade, a mãe do meu namorado era realmente uma bela mulher. Eles tinham a quem puxar.

— Oh, obrigada.

— Está bem mesmo? Quer que eu chame a minha mãe?

— Estou bem Maju, não se preocupe. Só um pouco cansada. Essa menina está pesada demais — ela disse alisando carinhosamente a barriga imensa dela — Fica tranquila, ainda falta algumas semanas. — assenti com a cabeça. Minha sogra me deu um beijo no rosto e foi se sentar ao lado de seu Felipe.

Fui até onde meus pais e irmãos estavam e me sentei ao lado deles.

Depois de mais de duas horas os meninos receberam seus diplomas. Estava colando grau alunos de vários cursos e a chamada dos mesmos eram por ordem alfabética. Ainda bem que Direito e Gastronomia estavam mais ou menos juntos.

Quando terminou a sessão de fotos com a parentada toda, estávamos livres para irmos embora. Eu estava louca para arrancar aqueles saltos. Ainda bem que os meninos tinham optado por não participarem da festa de formatura de suas turmas, no entanto, comemorariam entre os familiares, lá no terraço do prédio mesmo. Quando todos estavam caminhando em direção ao estacionamento, Rafa puxou o Gabriel em um canto.

— Você vem comigo, *mané*. Dá a chave do seu carro *pro* Gui — meu cunhado o encarou com cenho franzido.

— *Tá* tramando o que, Rafa? É formatura, não é despedida de solteiro não, pode dispensar as prostitutas.

— *Ha ha ha* babaca. Cala a boca e vem logo. Vem Majuzinha.

— Foi mal, Majuzinha — Gabriel disse sorrindo. Sorri de volta. — Esqueci que esse cara aqui agora é homem de família.

Rafa revirou os olhos. Homem de família era o novo apelido que o Guilherme e o Gabriel colocaram nele. Viviam cantando a música só para encher o saco. Eles ficavam zoando dizendo ao meu lindo namorado que agora ele tinha mulher e filhos. Isso porque o Rafa vivia para baixo e para

NACIONAIS-ACHERON

cima com meus irmãos fazendo todas as vontades daqueles dois pestinhas.

Falando nos meus irmãos. Depois de muito analisarem, meus pais decidiram adotá-los também e eles agora estavam morando em Petrópolis, mas viviam lá em casa comigo e com o Rafa.

Jamais poderia agradecer a Dona Pauline e seu Euclides por aquele grande ato de amor, TRÊS vezes. Não havia nada nesse mundo que eu pudesse fazer para recompensá-los, portanto eu seguia tentando ser a filha que eles se orgulhariam para o resto de suas vidas e retribuindo-os com todo amor que tinha por eles, e claro, os ajudando a criar e educar meus irmãos.

Eles passavam os finais de semana comigo e com o Rafa, nem preciso dizer que eles amavam aquele sem noção, não é? Como não amar, mas o que mais encantava era a reciprocidade do meu príncipe com relação as crianças.

Para mim, ele não era nada menos do que extraordinário.



Rafa

Dirigi por cerca de vinte minutos e estacionei em uma rua bem movimentada no bairro da Urca. Já era noite, mas deveria estar fazendo uns 40 graus no Rio de Janeiro de tão quente que estava.

Descemos do carro e conduzi minha princesa e meu irmão até o imóvel que se ele aprovasse, seria o nosso primeiro restaurante, primeiro porque Rafael Bastos sonhava grande. Minha Majuzinha já havia estado ali comigo e assim como eu, ficou encantada com o imóvel, ainda mais por ser bem localizado. Perto da praia e da universidade, em uma das principais ruas do bairro.

Abri a porta do estabelecimento e dei espaço para os dois entrarem, Maju correu até ao interruptor e acendeu as luzes.

Gabriel caminhou lentamente pelo amplo salão e foi diretamente para a cozinha.

É claro que esse seria o primeiro lugar que meu irmão cozinheiro iria olhar.

Eu e Majuzinha ficamos na porta em silêncio enquanto ele

NACIONAIS-ACHERON

inspecionava tudo. A cozinha estava praticamente montada, mas com certeza ele daria o toque dele ao local, se não substituísse tudo que ali estava.

Depois de quase cinco minutos calado inspecionando minuciosamente cada canto não aguentei.

— Diz alguma coisa, cara!

— Quanto é o aluguel?

— É acessível. É tudo que você precisa saber.

Ele assentiu e caminhou entre os balcões pensativo.

— Você tem certeza que quer mesmo fazer isso, *brother*? — perguntou parando de frente para mim.

— Só tive certeza de duas coisas na minha vida até hoje, *mané*. Uma está bem aqui — falei puxando minha princesa pela cintura — A outra é ser sócio do melhor cara desse mundo.

Ele sorriu e enxugou os olhos disfarçando as lágrimas, o babaca. Brincadeira, a emoção também estava quase saltando dos meus.

— Então pode mandar ver nessa porra, *brother*!

— É *nóis* — juntei os dois em um abraço triplo.

O primeiro passo havia sido dado. Já tínhamos o local para abrir o nosso negócio e eu posso dizer que eu estava feliz pra caralho por ver a satisfação estampada do rosto dele.

— Pega o champanhe para a gente, amor — falei para minha princesa.

— Claro.

— Champanhe? Você nem sabia se eu ia aceitar.

Gargalhei.

— É claro que eu sabia. É por isso que você só vai cozinhar, Gabriel — eu disse todo convencido, mas na verdade, eu estava era bem ansioso com medo de ele não aprovar. Felizmente, deu tudo certo graças a Deus. Agora era meter a mão na massa e dar vida ao nosso restaurante.

Estourei o champanhe e brindamos a realização de um sonho, de um projeto e de uma parceria, mas eu em silêncio brindei a vida e ao privilégio de ter pessoas tão sensacionais ao meu lado.

Rafa tu é mesmo um sortudo da porra.

Quando deixamos o imóvel, seguimos direto para o prédio em que morávamos. O Gabriel foi direto para o terraço, alegando pular de roupa e tudo na piscina de tanto calor que estava sentindo. Minha princesa pediu para ir até o apartamento trocar de roupa e aproveitei para ir ao banheiro. Antes que eu pudesse alcançar a porta do meu quarto a campainha tocou. Fui até a porta e olhei pelo olho mágico, não havia ninguém do lado de fora, abri a porta e me deparei com uma caixa no chão do corredor.

Abaixei-me e a peguei. Sorri ao constatar o que havia dentro. Um cãozinho *rechonchudinho*. Não acreditei quando eu vi, a bolinha de pelos tinha olhos bicolores.

Fui até a porta da frente e toquei a campainha. Ela demorou um pouco para atender, mas valeu a pena. Estava linda naquele shortinho florido mostrando a cintura e naquela blusinha decotada. Por um minuto me esqueci da caixa em minhas mãos.

Foco Rafael Bastos.

— Não veio me devolver, não é? — perguntou fazendo carinha de ofendida.

— Jamais. Você é a *devolvedora* de presentes aqui.

— Que bom porque foi muito difícil escolher um presente de formatura pra você. A ideia foi das crianças. — minha princesa explicou fazendo carinho no cãozinho.

— Eu amei princesa, mas só tenho uma pergunta. O quanto ele vai crescer? Ele já parece bem grande pra ser filhote.

— Ela — me corrigiu — Isso nós vamos descobrir. Ela não tem raça definida então, pode ficar de médio ou grande porte. Nós a adotamos e agora ela é sua.

— Eu acho isso lindo, mas só pra saber, preciso ficar preocupado? Você não vai sair por aí adotando Deus e o mundo, não é? — é claro que ganhei um soco.

— Não seu bobo. Chega de adoções por enquanto.

— Fechado — coloquei a caixa no chão e segurei a cadelinha nos braços e a ergui de frente para mim.

NACIONAIS-ACHERON

— Pronta para sua primeira festa, Majuzinha?

— Ah, não Rafa, Majuzinha não.

— Majuzinha sim, não é Majuzinha? — perguntei para a cadela. Segui pelo corredor em direção ao terraço sobre os protestos da minha princesa.

Entrei no terraço e a cadelinha foi a sensação do momento. Todo mundo queria pegar, fazer um carinho e é claro saber o nome. Eu adorei dizer o nome dela a todos. A Majuzinha, a humana não gostou nada, nada, ficou de bico para o meu lado um maior tempão.

Aproximei-me dos meus cunhadinhos para agradecer o presente. Eu realmente adorei, principalmente por eles terem se dado ao trabalho de ajudar a irmã a encontrar um presente para mim.

— Então você gostou, Rafa? — *Maluzinha* perguntou.

— O que? Gostar é pouco princesinha, eu amei. — respondi dando um abraço nela.

— Já escolheu o nome dela? — meu cunhadinho perguntou.

— Mas é claro que já. Majuzinha — ele sorriu e pegou a cadelinha do meu colo.

Maju se aproximou da gente com cara de poucos amigos, mas a ignoramos.

— Viu Maju, o Rafa deu o seu nome para a cachorrinha. Quando eu crescer, quero ter um namorado igual a você — Malu me deu um beijo na bochecha e saiu correndo envergonhada.

— Viu Majuzinha? — falei a prendendo em um abraço — Sinta-se lisonjeada e desamarra essa cara.

— Então dê outro nome a cadela.

— Você deu o meu nome para o gato e eu nem liguei. Vai para com isso! — cheirei seu pescoço e senti sua pele se arrepiar.

— Golpe baixo, Rafael Bastos — Majuzinha disse passando os braços sobre meus ombros. Sorri satisfeito.

— Você ouviu o que ela disse? Quando crescer ela quer um namorado igual a mim. Ai do cara tipo eu que se aproximar dela.

— Tipo você agora, príncipe — sorri todo bobo, adorava o apelido.

— Amo quando você me chama assim. Amo que você tenha aparecido na minha vida. Amo você — beijei minha princesa com todo o amor que eu sentia por ela, ali no meio do salão improvisado, na frente de toda parentada, sem me importar em estar dando um show. Já havia passado dessa fase. Só me separei dela quando ouvimos um *u-hum* do meu lado.

— Rafa meu neto, você vai deixar a menina sem ar — soltei a Maju e agarrei vó Henriqueta.

— Essa é a ideia, vó — ela sorriu.

— Oh, então acho que atrapalhei.

— Imagina dona Henriqueta, a senhora nunca atrapalha. Me deem licença, vou ali falar com meus pais — Majuzinha saiu e puxei minha avó para o balcão.

— Kevin, pega aí aquela cachaça e dois copos — aponte para cachaça em cima do balcão.

— Vai dar cachaça pra vó, Rafa? — perguntou colocando a garrafa e o copo do meu lado.

— Não se mete não, pupilo — Kevin deu os ombros sorrindo e saiu. Enchi os dois copinhos e entreguei um a vó Henriqueta.

— Até parece que esse povo não sabe que a senhora é das minhas, não é vó?

— Não precisa espalhar — concordei.

— A melhor avó desse mundão de meu Deus — falei erguendo meu copo.

— Ao seu crescimento meu neto. Você me enche de orgulho. Seu avô deve estar feliz lá em cima acompanhando toda sua evolução.

Brindamos e bebemos de uma vez só. Conversamos mais um pouquinho e depois nos juntamos ao restante do pessoal.

Fui até a minha amiga Angel e a abracei. A barriguinha dela já estava visível e ela estava ainda mais linda grávida. O Kay era um filho da puta sortudo. Era meu primo, mas ele que a fizesse sofrer para ver.

Sorri para a cara de babão dele admirando a esposa. Era o mesmo brilho nos olhos, a mesma expressão apaixonada com que eu olhava para

minha Majuzinha. Concluí que não tinha risco de ele pisar na bola com ela. Meu primo sempre foi um cara correto, um homem de verdade e olhando de fora, dava para perceber que eles nasceram um para o outro. Assim como eu e minha princesa.

Olhei para o meu irmão, o filho da puta realmente tinha ido para a piscina e brincava com nossos primos menores. Eu desejava do fundo do meu coração que ele superasse a vaca da Bia e encontrasse uma garota legal. Se fosse antes da Majuzinha, eu desejaria apenas que ele superasse a vaca da Bia e passando o rodo geral, mas como todo mundo já estava cansado de saber, eu era um novo homem.

— A bolsa estourou! — alguém gritou desesperado.

Bolsa? Que bolsa?

Fiquei meio confuso, mas fui em direção ao tumulto que se instalou mais à frente. Quando me aproximei, caiu a ficha.

A bolsa da minha mãe estourou. Minha irmãzinha iria nascer.

— Porque não me disse que não estava se sentindo bem, minha querida?! — meu pai perguntou desesperado ao lado da minha mãe.

— Para com isso, Felipe! Só vai deixar sua esposa mais nervosa — minha avó chamou-lhe a atenção.

— Eu estou bem — minha mãe disse tentando acalmar os ânimos.

Ainda bem que minha sogra era obstetra e logo dominou a situação.

— Temos de correr para o hospital Suellen, ou sua filha vai acabar nascendo aqui.

Meu pai pegou minha mãe nos braços e a galera toda foi atrás. Eu fiquei lá parado igual a um idiota.

— Está tudo bem, Rafa? — minha namorada perguntou.

— Caramba, minha irmãzinha vai nascer.

— Sim, você vai ao hospital, ou vai ficar parado aí feito uma estátua?

Agarrei minha princesa e a girei no ar.

— Minha irmãzinha vai nascer!

Deixamos os irmãos da Maju e a cadelinha com o Kay e a Angel e partimos para o hospital. Minha mãe deu à luz a uma linda garotinha. Linda e

saudável, graças a Deus e a danadinha já mostrava que a que vinha, nascendo duas semanas antes do previsto.

— Ela vai nos dar trabalho — meu pai disse abraçando a mim e ao meu irmão enquanto babávamos na bebê do outro lado do vidro do berçário.

O Gabriel do jeito que ele saiu da piscina só vestiu a roupa e partiu para o hospital.

— Ai do *manezão* que fizer nossa princesinha sofrer — meu *brother* disse emocionado.

— Eu quebro todos os ossos dele — falei.

— E eu arranco toda a pele antes disso — meu pai completou.

Gargalhamos juntos os três babacas babões.

— Seja bem-vinda, Muriel Bastos — murmurei baixinho encostando a testa no vidro. Felicidade me definia naquele momento.

— Muriel Bastos Manfrin — meu pai nos corrigiu. Sorrímos concordando.

Logo chegou toda a parentada e a barulheira no corredor do berçário foi tanta que tivemos nossa atenção chamada pelas enfermeiras. Todo mundo queria ver a mais nova integrante da família Bastos e estávamos atrapalhando as outras pessoas verem os outros bebês.

Quando minha mãe e a bebê foram para o quarto, nos revezamos para vê-las. Entrei no quarto com meu irmão e a Maju.

— Ela é linda, Suellen — Maju disse segurando a mãozinha de Muriel que dormia tranquilamente no bercinho.

— Obrigada, querida — minha mãe respondeu cansada, porém feliz, dava para ver no seu semblante.

— Ela é linda porque puxou o irmão gato aqui — estufei o peito todo orgulhoso.

— Porque puxou o irmão gato aqui — Gabriel apontou para si.

— *Tu é feio pra caralho, mané.*

— Porque puxou o papai gato aqui — meu pai disse entrando no quarto com um vaso de flores — Pra você, amor.

— Que lindas Felipe, mas trouxe o meu chocolate?

— Aqui — ele disse tirando a sacolinha de trás das flores.

— A senhora pode comer isso? — Gabriel perguntou intrigado.

— Estou com desejo, então posso.

— Mãe a bebê já nasceu. Essa história de desejo não cola mais — falei rindo.

— Meu organismo ainda não entendeu isso, Rafa!

— Dona Suellen malandra toda vida — todos nós sorrimos.

Ficamos mais um tempinho com meus pais e minha irmãzinha e depois saímos para que os outros pudessem conhecer de perto a Muriel.

Já passava da meia-noite quando minha princesa, o Gabriel e eu retornamos ao terraço do prédio para nossa festa de formatura. Do restante do pessoal que estava no hospital, alguns resolveram ir embora e os que ficaram foram direto para o nosso apartamento.

No terraço estavam apenas o Kaiary, a Angel e o Guilherme sentados na borda da piscina com os pés na água. Tiramos nossos calçados e nos juntamos a eles.

— E então? — Angel perguntou quando me sentei ao seu lado.

— Ela é linda — respondi mostrando a foto que tirei da minha irmãzinha no celular.

— Linda mesmo, Rafa! Amanhã bem cedo vamos até lá para conhecê-la. Maju seu pai passou aqui e pegou seus irmãos.

— Obrigada por terem ficado com eles.

— Já estávamos treinando — Kay disse.

— Vamos fazer um brinde — meu irmão se levantou rapidamente e foi até o bar. Pegou uma garrafa de vodca e os copos.

— Vou pegar um copo de suco para você, Angel — Maju disse indo até o balcão. Ela voltou e entregou o suco a Angel sentando-se ao meu lado.

Gabriel encheu nossos copos, inclusive o da Majuzinha e sentou ao lado do Guilherme.

— À Muriel — meu irmão disse levantando o copo dele.

— A um novo começo — Guilherme disse levantando o copo dele

também.

— A família — Kay ergueu seu copo e abraçou a esposa.

— A essa nova vida que está por vir e que já nos faz tão feliz — Angel acariciou sua barriga e beijou o marido na face.

E eu, no meu terceiro brinde da noite, me virei para minha princesa.

— Ao amor — ela sorriu e me encarou.

— A você, Rafael Bastos.

Brindamos e bebemos todos de uma só vez agradecidos pelo momento. Pela amizade, pelo amor e pelo respeito que ali existiam e que sempre existiriam entre nós. Afinal éramos os Bastos. Mesmo que minha princesa não tivesse Bastos em seu sobrenome ela já era uma Bastos de coração.

— Estou cansada, amor — Angel disse ao meu primo.

— Vou levá-la pra descansar — os dois se despediram e se retiraram.

— Guilherme, já sabe que vai ter que trabalhar lá no restaurante, não é?

— Está me oferecendo um emprego, Rafa?

— Estou te intimando — ele achou graça.

— Então eu aceito o trabalho, patrão.

— Cara, já estou até vendo o Rafa de patrão — Gabriel comentou — Ele vai te escravizar Guilherme, te prepara.

— Vou mesmo, ainda não engoli aquela sua história com a Alexia.

— Já disse que não tem nada demais, Rafa. Não enche. Quer saber? Estou *cansadão*. Boa noite pra quem fica. — disse se levantando — Fui!

— Para de pegar no pé do seu primo, Rafa.

— A Maju tem razão, Rafa. Esquece isso.

— Tudo bem. Vou esquecer... Por enquanto.

— Também já vou indo. Parabéns pela formatura, *brother*.

— Parabéns pra você também, irmão.

Gabriel se retirou deixando eu e minha princesa finalmente sozinhos.

— Ufa, que noite! — suspirei.

— É — Maju também suspirou deitando a cabeça no meu ombro.

— Ouvi dizer que há uma estratégia infalível para relaxar depois de um dia muito cansativo.

— Ah, é? — perguntou com malícia — E o que seria?

— Sexo na água.

— Hum, parece ser mesmo muito eficaz — pisquei para ela e me levantei arrancando as minhas roupas.

Mergulhei na piscina e quando voltei a superfície tive a visão esplêndida da minha princesa se despindo também. Realmente tínhamos sido feitos um para o outro. Combinávamos em tudo, mesmo sendo tão opostos.

Ela mergulhou e nadou nua até mim. Nos beijamos sob o céu quase sem estrelas do Rio de Janeiro cheios de paixão e desejo. Maju entrelaçou as pernas ao redor do meu corpo e encarei seus olhos bicolores profundamente.

— No que está pensando? — ela perguntou.

— No futuro.

— Ah é? E o que você viu?

— Eu vi você.

Minha princesa sorriu e me beijou novamente. Ali naquela piscina eu realmente vi o futuro. Vi nós dois lá na frente. Vi uma menininha linda em seus braços. Vi nossa família. Eu, ela, nossos filhos, seus irmãos e nossos bichos e a paz que reinou em meu coração me fez ter a certeza que estávamos no caminho certo.

Aqui vive Rafael Bastos.

Amado filho, irmão querido, foda pra caralho.

Perfeito namorado e eternizado em nossos corações.

Capítulo Extra – Bônus Bia.



Observei o entra e sai de gente com pilhas e mais pilhas de caixas por um bom tempo. Vi quando o Rafa e a namorada chegaram e saíram, mas não vi sinal do Gabriel. Ele só poderia estar lá dentro. Respirei fundo e atravessei a rua em direção ao restaurante.

Sorri orgulhosa. Era seu sonho cozinhar e a realização deste sonho estava ali, bem diante dos meus olhos.

Hesitei em entrar, já fazia bastante tempo que havíamos nos vistos. A mágoa, o rancor que ele nutriu por mim acabou por me acovardar, então recuei. Voltei para minha cidade e fiquei um tempo com meus pais. Tentei esquecê-lo, mas Gabriel Bastos não é alguém que se esqueça tão facilmente. Para falar a verdade Gabriel Bastos não é alguém que se deixe para viver uma ilusão. Infelizmente descobri da pior forma.

O arrependimento me consumiu por meses, até que não aguentei mais e resolvi fazer algo a respeito. Por isso eu estava parada ali do outro lado da rua há quatro horas sem sequer ir ao banheiro.

De frente para a porta de entrada do restaurante, quase enfiei meu rabinho entre as pernas e saí correndo, mas já era tarde para isso, o Gabriel se encontrava de pé bem na minha frente.

Seu maxilar se contraiu e seus olhos incrivelmente verdes me fitaram. Não sei dizer o que vi neles, não sei ao certo se foi raiva, medo, paixão ou simplesmente, desdém.

NACIONAIS-ACHERON

Engoli em seco e sorri sem graça, ele claro, não retribuiu.

— O que faz aqui, Bia? — perguntou com indiferença.

— Preciso falar com você.

— Não temos nada pra falar. Já dissemos tudo da última vez.

— *Tu* talvez não *tenhas* mais nada a dizer, mas eu preciso. Por favor Gabriel, pelo que já vivemos, me escute — eu estava quase implorando.

Gabriel bufou e fez um gesto para eu entrar.

— Está ficando ótimo! — falei reparando o local. Havia alguns rapazes pintando as paredes e um senhor que parecia ser um marceneiro, lixando um pedaço de madeira.

— Sim. O Rafa sabe o que faz.

— *Tu* também — disse com sinceridade.

— Eu só sei cozinhar, Bia — respondeu indo até um amontoado de garrafas de bebidas.

Gabriel serviu de um copo de bebida e me entregou. Agradei e me sentei no banquinho que ele apontou, mas não bebi, coloquei o copo em cima da pilha de caixas. Ele serviu-se da bebida e se sentou no banco ao lado do meu.

— Diga o que você quer.

— Eu quero você de volta — fui direto ao ponto. Já que ele estava sendo direto, decidi fazer o mesmo.

Gabriel gargalhou e bebeu o líquido de uma única vez. Encolhi-me pelo sarcasmo da sua risada.

Nada bom.

— Fala sério, Bia. Já tivemos essa conversa. Não quero ouvir mais nada — ele levantou, mas o segurei pelo braço.

— Nunca vou me perdoar por ter te abandonado Gabriel, mas se me der uma chance posso te provar que aprendi minha lição... Tentei te esquecer, juro! Sei que não sou digna do teu perdão, mas se me deixar provar...

— Solta o meu braço — o encarei assustada por toda a frieza que emanou das suas palavras, mas não soltei o seu braço — Já disse para soltar o meu braço! — gritou puxando o braço a acabou chamando a atenção do

pessoal.

— Não é possível que não haja nem um restinho do sentimento que *tu nutrias* por mim aí dentro! — gritei batendo o dedo no peito dele.

Gabriel agarrou meu pulso e bateu com a minha mão várias vezes no mesmo lugar que eu havia colocado o dedo.

— Você tirou tudo o que havia aqui dentro! Você!

Ele agarrou meu rosto com ambas as mãos e por um momento pensei que me beijaria, mas o que ele fez foi me destruir um pouquinho mais.

— Faça um favor a nós dois. Vá atrás de algum espertinho que te prometa qualquer coisa em troca de sexo e me deixe em paz! — gritou essa última parte — Me esquece Bia.

— Gabriel, calma cara! — um dos rapazes se aproximou e se colocou entre nós.

— Fica tranquilo, Humberto. Ela não conseguiu me corromper ao ponto de virar um covarde e bater em mulher.

Com um último olhar de desprezo em minha direção, Gabriel se despediu dos trabalhadores e foi embora sem olhar para trás.

— Está tudo bem, moça?

— Não — respondi entre lágrimas — Não está nada bem.

Saí do restaurante a tempo de vê-lo entrar no seu jipe e partir.

— Tem muito sentimento dentro desse seu coração ainda Gabriel, e eu vou lutar por nós — resmunguei baixinho tentando buscar esperança dentro de mim.

Voltei para meu apartamento recém-alugado com a certeza de que ainda havia jeito para nós, eu só precisava me empenhar mais.

Próxima Publicação

DIANTE DOS MEUS OLHOS

LIVRO 3 – GABRIEL

Gabriel sempre foi o mais centrado dos primos. Totalmente apaixonado por sua namorada Bia, vê sua vida desmoronar quando eles se separam.

Fechado para novos relacionamentos, tudo o que Gabriel quer agora é poder desfrutar de paixões de uma noite, viver a vida intensamente e abrir seu restaurante ao lado do seu irmão e sócio, Rafa.

Entre a responsabilidade de cuidar do próprio negócio, aproveitar a vida, lutar contra os sentimentos que ainda nutre pela ex e uma amizade colorida, Gabriel vai descobrir o verdadeiro significado do amor e vai ter que decidir entre perdoar e ficar ou perdoar e seguir em frente.

Em breve!!

^[1] Pessoa natural da cidade de Vitória

^[2] Anomalia genética na qual o indivíduo possui um olho de cada cor

^[3] Apelido dado a cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro.

^[4] Ator que interpreta o Capitão América

- [5] série de televisão americana do gênero terror psicológico, thriller criminal e drama policial
- [6] obra clássica de H. G. Wells
- [7] Irmãos gêmeos, não idênticos.
- [8] mundo fantástico criado pelo escritor Irlandês Clive Staples Lewis como local narrativo para As Crônicas de Nárnia, uma série de sete livros.
- [9] Personagem do desenho animado *As aventuras dos Tiny Toons (Boomerang)* (PT)
Tiny Toon (BR)
- [10] um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988
- [11] Click, filme estadunidense de 2006 produzido pelo ator Adam Sandler
- [12] série de televisão americana dos gêneros ação e comédia zumbi exibida pelo Syfy
- [13] personagens do livro Uma Surpresa do Destino da mesma autora da série
- [14] empresa francesa que produz e vende principalmente conhaque.